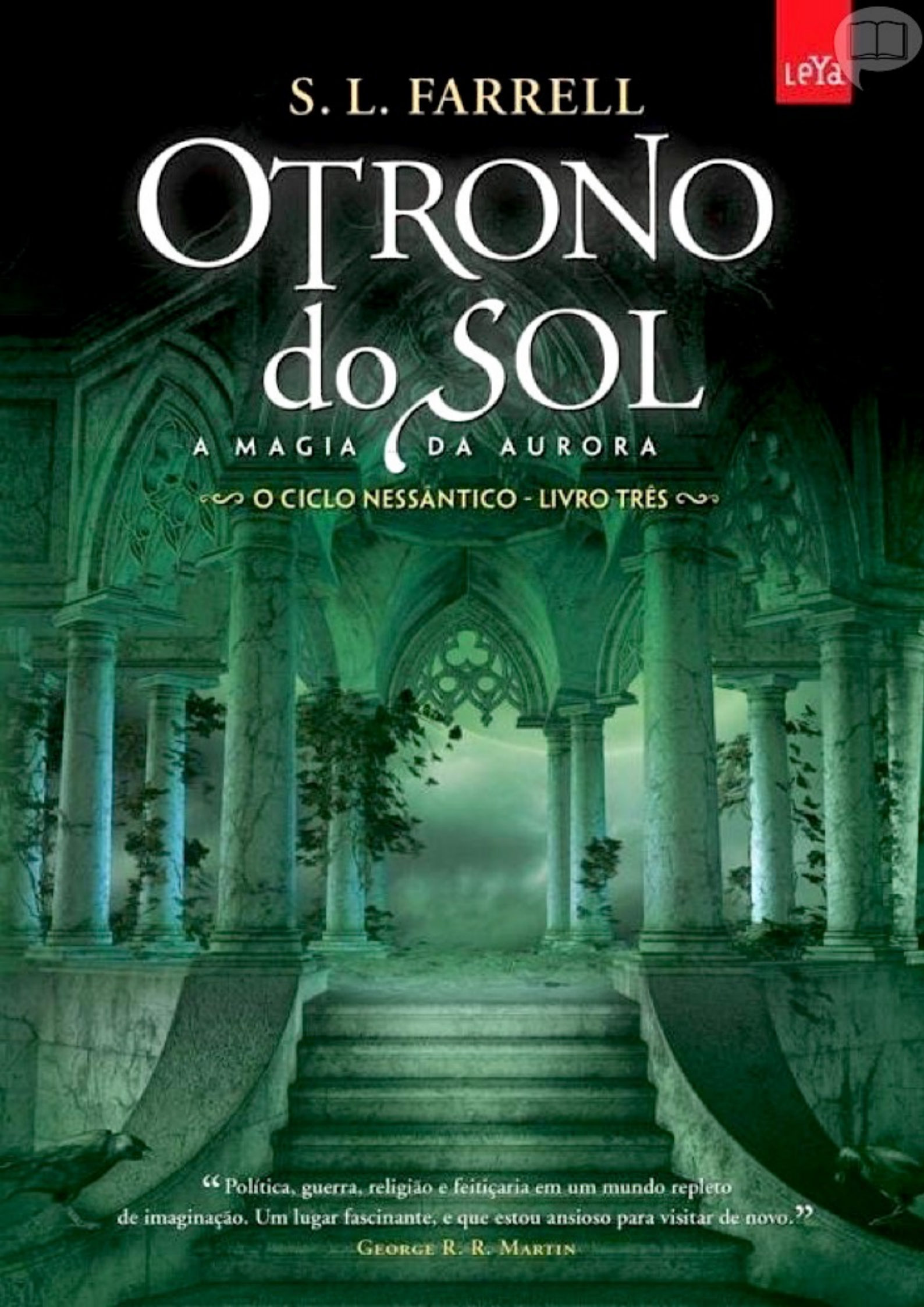

LeYa
S. L. FARRELL
O TRONO do SOL
A MAGIA DA AURORA
O CICLO NESSÂNTICO - LIVRO TRÊS
"Política, guerra, religião e feitiçaria em um mundo repleto de imaginação. Um lugar fascinante, e que estou ansioso para visitar de novo."
GEORGE R. R. MARTIN

Quinze anos após os acontecimentos de A magia do anoitecer, Nessântico está prestes a viver seu momento mais sombrio. A atual ocupante do Trono do Sol, a kraljica Allesandra se vê obrigada a engolir o orgulho e ceder o poder para o filho expatriado Jan – o hïrzg de Firenzcia e seu rival político – agora que a cidade está outra vez sob a ameaça dos tehuantinos, o mesmo inimigo que deixou um rastro de destruição sem precedentes pelo reino, há mais de uma década. Allesandra precisa das tropas de Jan, mas talvez a salvação da cidade também dependa da revolucionária experimentação científica realizada por Varina, agora líder dos numetodos, os hereges que provocaram um cisma na Fé de Concénzia.

No encerramento de O Ciclo Nessântico, S. L. Farrell amarra as tramas iniciadas em A magia da alvorada e dá destino aos vários personagens que elaborou tão bem em três volumes marcados por uma rica construção de mundo, grandes batalhas mágicas e intrigas palacianas maquiavélicas, que arrebataram os fãs de literatura de fantástica.

PRELÚDIO: NESSÂNTICO

SE UMA CIDADE TIVESSE SEXO, Nessântico seria mulher...

Ela testemunhou o florescer de toda a sua prosperidade e beleza durante o longo reinado da kraljica Marguerite. Nesse magnífico meio século, a longa infância de Nessântico, e sua ainda mais longa adolescência, culminaram em uma mistura de elegância e poder inigualável em qualquer lugar do mundo conhecido. Por cinquenta anos, ela não teve outra igual. Por cinquenta anos, ela acreditou que esse presente glorioso seria eterno, que sua ascensão iria — não, *deveria* — continuar.

Sua superioridade era consagrada. Era predestinada. Duraria para sempre.

Não durou.

A kraljica Marguerite, assim como todos aqueles que governaram dentro das fronteiras de Nessântico, era humana e mortal; Justi, seu filho, e depois Audric, filho de Justi, herdaram o Trono do Sol, mas não os talentos de Marguerite. Sem o pulso firme da matriarca, sem sua lábia e sabedoria, o florescer de Nessântico teve, lamentavelmente, vida curta. O desabrochar do futuro promissor de Marguerite murchou e morreu em muito menos tempo que levou para florescer.

Ainda pior, rivais se ergueram contra Nessântico. Firenzcia a traiu; Firenzcia, a cidade-irmã que sempre a invejou; Firenzcia, que sempre fora sua companheira, sua força, seu escudo e sua espada. Firenzcia a abandonou para formar seu próprio império.

E do desconhecido oeste impôs-se um novo, e mais cruel, desafio: um império estrangeiro, desconhecido, tão forte quanto a própria Nessântico. Mais forte, talvez; porque os tehuantinos — como eram chamados — não só arrancaram o controle de Nessântico sobre seu litoral, como mandaram um exército pelo mar para saquear, estuprar e destruir as cidades dos Domínios e despedaçar as muralhas da própria Nessântico.

O ataque deixou Nessântico abalada e amedrontada. Ela ficou manchada com a fuligem do fogo mágico e foi duas vezes pisoteada pelas botas de soldados estrangeiros: primeiro as dos tehuantinos, depois as dos firenzcianos. A beleza arquitetônica de seus prédios transformou-se em colunas em ruínas, domos quebrados e carcaças sem teto. O A'Sele ficou apinhado de cadáveres e lixo.

Nessântico... uma mulher esgotada por suas lutas, envelhecida pelas preocupações, e vestida com os farrapos rasgados da sua antiga supremacia. Seu senso de segurança e inevitabilidade foi perdido, talvez — temia ela — para sempre. O cheiro ainda permanecia em suas ruas: um fedor nauseabundo de carne podre, sangue e cinzas.

Uma entidade menor teria entrado em colapso. Uma entidade menor teria olhado para seu pobre reflexo nas águas imundas do rio A'Sele e visto a máscara esquelética da morte devolver o olhar. Uma entidade menor teria desistido e cedido sua supremacia a Firenzcia ou às incomparáveis cidades tehuantinas.

Mas ela não.

Não Nessântico.

Ela recolheu os farrapos em volta de si. Empertigou-se e limpou-se o melhor que pôde. Envolveu-se no orgulho, nas memórias, na convicção e na promessa de que um dia, um dia, todo o mundo se curvaria novamente diante dela.

Um dia...

Mas hoje ainda não.

LAMENTAÇÕES

Allesandra ca'Vörl

Varina ca'Pallo

Sergei ca'Rudka

Allesandra ca'Vörl

Nico Morel

Brie ca'Ostheim

Allesandra ca'Vörl

Rochelle Botelli

Sergei ca'Rudka

Jan ca'Ostheim

Varina ca'Pallo

Niente

Allesandra ca'Vörl

O Gschnas — o Baile do Falso Mundo — agitava-se sob Allesandra no Grande Salão do Palácio da Kraljica. O salão ainda se encontrava parcialmente sob construção, mas isso só intensificava o ambiente.

Afinal, o Baile do Falso Mundo era o lugar onde a realidade virava do avesso. Fantasias — quanto mais estranhas e criativas, melhor — eram exigidas de todos os participantes. As rachaduras nas paredes foram preenchidas por esculturas de demônios ou cenários pastoris em miniatura, como se os alicerces da própria realidade tivessem se quebrado e as rachaduras permitissem vislumbrar novos mundos dispostos em seus próprios e excêntricos ângulos. Um bando de aves não voadoras foi trazido da distante Namarro: tão altas quanto um homem, traziam tufos de plumagem esplendidamente colorida nos traseiros; caminhavam entre os foliões. Vários ténis do Templo A'téni foram destacados para manter um rio de água cristalina fluindo em uma curva, e com enormes peixes dourados nadando placidamente nas correntes mágicas, sobre a cabeça dos dançarinos. Os músicos estavam sentados em cadeiras empoleiradas dentro de uma enorme armação dourada, pendurada em uma das paredes do salão com uma linda paisagem ao fundo para dar a impressão de uma pintura de músicos magicamente materializada.

Gschnas: uma fantasia criada para entretenimento dos ca' e co' — as pessoas ricas e importantes da cidade e dos grandes Domínios. Eles vinham com os convites de luxo da kraljica em mãos; lotavam o piso abaixo do de Allesandra, enfeitados em seus trajes reluzentes: a'téni ca'Paim, a téni de maior patente da cidade; o comandante Telo co'Ingres, da Garde Kralji; o comandante Eleric ca'Talin, da Garde Civile; Sergei ca'Rudka, antigo regente e agora embaixador dos Domínios em Firenzcia; todos os integrantes do Conselho dos Ca', exceto a numetoda Varina ca'Pallo, que estava em casa com o marido gravemente doente...

— Kraljica, a senhora está deslumbrante!

Talbot ci'Noel, o assistente de Allesandra, surgiu ao seu lado enquanto ela olhava sobre o balcão para a multidão. Ele estava vestido de macaco,

uma fantasia irônica para um homem que sempre foi exageradamente educado e elegante, e que comandava os funcionários do palácio com punho de ferro e voz de fogo. Por trás do focinho peludo da máscara, ele sorria.

— Pronta para a sua entrada?

Cerca de uma dezena de ténis já haviam começado a entoar cânticos. Talbot testou — pelo que parecia ser a centésima vez — as cordas presas à armação escondida sob o vestido de Allesandra: uma fantasia esvoaçante de *chiffon* e fitas de renda, de forma que, quando a kraljica se movia, trilhas de cores cintilantes ondulavam em vã perseguição.

— Estou pronta — respondeu ela para Talbot.

Dois criados aproximaram-se, cada um com uma bola de vidro encantada com feitiços numetodos — o próprio Talbot era um numetodo, e a própria Varina, a a'morce dos numetodos, havia colocado os feitiços nas bolas de vidro. Allesandra pegou uma em cada mão. Talbot gesticulou para outro criado no piso de baixo, que por sua vez sinalizou para os músicos. A gavota que estava sendo tocada foi abruptamente interrompida e seguida de um lento e sinistro ribombar de tambores. O cântico dos ténis aumentou, e o teto do palácio foi subitamente obscurecido por nuvens negras e agitadas, de onde raios estalavam e arqueavam. Allesandra pronunciou a palavra mágica dada por Varina, e os globos em suas mãos brilharam com luz branca pura — tão intensa que Allesandra, que usava óculos escuros como proteção, mal conseguiu enxergar por causa do brilho coruscante. Quem quer que olhasse para os inesperados sóis gêmeos ficaria momentaneamente cego. Allesandra sentiu as cordas puxarem e erguerem-na: ela pairou sobre o peitoril do balcão e desceu lentamente na direção do chão. A magia numetoda mantinha os globos de vidro nas mãos de Allesandra frios, e agora deixavam um rastro brilhante de fagulhas, como se dois lentos meteoros descessem dos céus para a terra, e uma figura humana estivesse presa em seu intenso esplendor. Allesandra ouviu os aplausos e vivas aumentarem para saudá-la. Seus pés tocaram o piso de mármore (ela estava certa de ter ouvido o suspiro de alívio de Talbot), e a luz no interior dos globos floresceu em um azul iridescente, quase angustiante, seguido de um dourado puro e inflamado: as cores dos Domínios. Simultaneamente, criados correram das laterais do salão para tirar as cordas das presilhas na armação e pegar os globos. As cordas foram rapidamente puxadas para o alto enquanto os globos mantinham seu esplendor até finalmente se apagarem.

E lá, conforme a visão dos espectadores retornava lentamente, estava a kraljica, com sua coroa na cabeça. A ovação foi agradavelmente ensurdecedora.

— Obrigada a todos — disse ela enquanto o público se curvava e aplaudia. — Obrigada. Agora, por favor, aproveitem o baile!

Ela gesticulou e a música recomeçou. Os casais fizeram mesuras uns para os outros e retomaram a dança. Fantasiados, os ca' e co' aglomeraram-se em volta da kraljica, fazendo mesuras e murmurando sua aprovação enquanto Allesandra sorria em resposta e passava pelos convidados.

A kraljica viu Sergei e gesticulou para que ele se juntasse a ela. Ele fez uma mesura desajeitada, seu corpo artrítico já não era tão elástico e flexível como quando Allesandra o conheceu, e veio até ela, apoiando-se pesadamente sobre a bengala. Ele sorriu para ela, e a reluzente tinta prateada em seu rosto craquelou levemente ao fazê-lo. O nariz de prata de Sergei — o falso, que ele sempre usava para substituir o de carne que ele perdera na juventude — quase parecia fazer parte dele nesta noite. Um retalho de pequenos espelhos cobria a bashta que ele usava. Reflexos fendidos e partidos da kraljica, dos dançarinos e da multidão atrás dela moviam-se desordenadamente em volta dele. As luzes do salão flamejavam e reluziam nos pequeninos espelhos dançando na parede próxima.

— Essa foi uma entrada e tanto — disse Sergei.

Allesandra diminuiu o passo conforme eles se moviam entre a multidão.

— Obrigada por sugerir o método, embora o pobre Talbot tenha ficado com medo de que algo desse errado. Mas devo dizer que terei que me ausentar um momento para que meus criados tirem a armação, que está arrancando minha pobre pele.

Ele sorriu.

— A entrada da kraljica deve ser sempre dramática — falou Sergei sorrindo. — Um pequeno desconforto é um preço justo a pagar pela esplêndida apresentação. A senhora já devia saber disso.

— Isso é fácil de dizer, Sergei, quando não é você que tem que passar por isso.

— Eu sempre adorei o Gschnas. Estou feliz que a senhora tenha trazido de volta a tradição, kraljica. Nessântico *precisa* de suas tradições, especialmente depois dos últimos anos.

Especialmente depois dos últimos anos. O comentário fez Allesandra

apertar os lábios e estreitar os olhos.

— Desnecessário trazer *esse assunto* à tona agora, embaixador.

A história nunca saíra da memória de ninguém em Nessântico: o terrível custo da recuperação após os ocidentais destruírem a cidade quase por completo, a persistente separação das nações dos Domínios e da Coalizão e, mais recentemente, o desastre político e militar na Magyaria Ocidental.

— Não trarei, portanto — respondeu ele. — Embora eu precise falar com a senhora a respeito do espião firenzciano que Talbot acredita ter descoberto...

Enquanto Sergei falava, Allesandra afastava o olhar de seu próprio reflexo na roupa do embaixador para olhar para multidão aglomerada em volta deles. Ela percebeu um homem a encarando. Era bonito, a pele um pouco mais escura que a da maioria dos presentes no salão, e tinha a cabeça completamente raspada, embora a barba fosse espessa e muito escura. Usava uma roupa solta e multicolorida com plumas nos ombros, como se ele fosse uma ave exótica. Seus olhos — por trás de uma meia-máscara bicuda — eram estranhamente azuis e brilhantes, e seu olhar penetrante e atento. Ele notou a atenção de Allesandra e acenou com a cabeça levemente na sua direção.

Sergei continuava falando.

— ... o criado traidor já está na Bastida e, portanto, ele não será mais um problema. Mas ainda há os morellis... — Ele parou quando a kraljica ergueu a mão.

— Quem é aquele homem? — ela sussurrou para Sergei, com o olhar novamente no sujeito. — Ele parece magyariano.

Sergei acompanhou o olhar.

— De fato, kraljica. Aquele é Erik ca'Vikej. Ele chegou em Nessântico ontem. Há, sem dúvida, uma mensagem em sua mesa em que ele solicita uma audiência. Ainda não tive a oportunidade de falar com ele pessoalmente.

— O filho de Stor ca'Vikej?

O homem realmente tinha olhos lindos. E continuava a encarar Allesandra, embora não fizesse menção de se aproximar.

— O próprio.

— Eu o verei — disse ela para Sergei. — Na alcova sul, daqui a uma marca da ampulheta. Diga a ele.

Sergei talvez tivesse franzido a testa, mas abaixou a cabeça.

— Como queira, kraljica.

Sua bengala estalava no piso de mármore conforme ele se afastava de Allesandra, e sua fantasia lançava partículas de luz tremeluzentes. Allesandra se virou e passou a caminhar lentamente pelo salão acenando e conversando com as pessoas. Talbot veio a seu encontro, após ter pago para se livrar dos ténis que a ajudaram a descer, e Allesandra mandou que ele liberasse a alcova sul. Ela continuou a procissão ao redor do salão. A a'téni ca'Paim, a líder da fé concénziana em Nessântico, vestida nesta noite como um dos moitidi vermelhos, estava se aproximando.

— Ah, a'téni ca'Paim, que bom que a senhora veio, seus ténis fizeram um serviço maravilhoso hoje...

Uma marca da ampulheta depois, Allesandra completou o circuito do salão e passou pela fileira de criados que Talbot tinha postado em torno da alcova para afastar a multidão. Ela sentou-se ali, ouvindo a música. Alguns momentos depois, Sergei aproximou-se, com ca'Vikej bem atrás dele.

— Kraljica, deixe-me apresentar Erik ca'Vikej...

O homem deu um passo à frente e fez uma longa e elaborada mesura. Ela se lembrou do gesto: um cumprimento magyariano. Os ca' e co' da Magyaria Ocidental curvavam-se da mesma forma para seu falecido marido, Pauli, que se tornara o gyula da Magyaria Ocidental após sua rancorosa separação, para ser assassinado por seu próprio povo oito anos depois. Há dois anos, o vatarh de Erik, Stor, tentou preencher o espaço deixado pela morte de Pauli.

Allesandra tomara a decisão de apoiá-lo. Escolha essa que se revelou péssima, e sua verdadeira dimensão ainda estava por ser determinada. Ela decidiu mandar apenas uma pequena parte do exército dos Domínios para apoiar as tropas do próprio Stor ca'Vikej. Isso foi sua ruína, e a tentativa culminou em uma derrota militar para os Domínios, sob o comando de seu filho, o hïrzg Jan.

"Especialmente depois dos últimos anos..." O comentário de Sergei ainda incomodava.

— Kraljica Allesandra, é um prazer conhecê-la finalmente.

A voz dele era tão impressionante quanto os olhos: baixa e melíflua, embora ele não parecesse notar seu poder. Erik manteve a cabeça baixa.

— Eu queria lhe agradecer por apoiar o meu vatarh. Ele sempre foi grato por defender a nossa causa e sempre falou bem da senhora.

Allesandra procurou por um sinal de sarcasmo ou ironia em sua voz; não havia nenhum. Ele parecia totalmente sincero. Sergei estava voltado cuidadosamente para o lado, escondendo o que quer que estivesse

pensando. De perto, a kraljica pôde notar os tons grisalhos na barba de ca'Vikej e as rugas em volta dos olhos e da boca; ele não era muito mais jovem do que ela — o que não era de se admirar, visto que Stor ca'Vikej tinha tentado tomar o trono do gyula em idade já avançada.

— Eu gostaria que os acontecimentos tivessem se dado de outra forma — disse Allesandra —, mas não foi a vontade de Cénzi.

O homem fez o sinal de Cénzi ao ouvir a declaração — ele seguia a fé concénziana, então.

— Talvez tenha sido menos culpa de Cénzi do que das circunstâncias, kraljica — respondeu Erik. — Meu vatarh era... impaciente. Eu o aconselhei a esperar por um momento em que a kraljica e os Domínios pudessem nos apoiar mais abertamente. E disse que os dois batalhões que a senhora enviou eram o máximo que ele poderia contar a não ser que esperasse, mas... — Ele deu de ombros; o gesto foi tão gracioso quanto seus modos. — Eu alertei a ele que o hïrzg Jan viria com toda a fúria do exército firenzciano.

Sim, e Sergei disse o mesmo, e eu não acreditei nele. Allesandra meneou a cabeça, mas não disse nada. Bonito, modesto, educado, mas também havia ambição em Erik ca'Vikej. Ela podia vê-la. E havia uma raiva voltada para a Coalizão devido à morte de seu vatarh.

— Talvez você seja mais paciente do que seu vatarh, vajiki ca'Vikej, mas ainda quer o mesmo. E vai me dizer que ainda há muitos magyarianos que o apoiam.

Ele sorriu: sim, gracioso.

— Evidentemente, minha mente é transparente para a kraljica. — Erik passou a mão sobre seu crânio careca. Ele conseguiu parecer quase comicamente confuso. — Da próxima vez, talvez eu deva usar um chapéu.

Allesandra riu suavemente; e percebeu o olhar estranho de Sergei.

— Apoiar seu vatarh do modo como o fiz quase me levou à guerra com meu próprio filho — falou a kraljica.

— Relações familiares muitas vezes se assemelham àquelas entre países — respondeu Erik, ainda sorrindo. — Há algumas fronteiras que não devem ser cruzadas. — Ele inclinou a cabeça levemente ao ouvir os músicos começarem uma nova canção no salão e ergueu a mão na direção de Allesandra. — A kraljica gostaria de dançar comigo, em nome do que ela representou para o meu vatarh?

Allesandra notou que Sergei fazia uma sutil negativa com a cabeça. E também sabia o que ele estava pensando: *A senhora não quer que Brezno*

receba relatórios dizendo que está entretendo o filho de Stor ca'Vikej... Mas havia algo nele, algo que a atraía.

— Eu pensei que você fosse um homem paciente.

— Meu vatarh também me ensinou que uma oportunidade desperdiçada é uma oportunidade perdida.

Ele sorriu com os olhos, cercados de belas e delicadas rugas.

Allesandra ergueu-se de sua cadeira e pegou a mão de Erik.

— Então, em nome do seu vatarh, nós devemos dançar — ela respondeu e o conduziu para fora da alcova.

Varina ca'Pallo

Era difícil ser estoica, embora Varina soubesse que isso era o que Karl teria esperado dela.

Karl tinha piorado no último mês. Ao olhar para ele agora, Varina às vezes achava difícil encontrar, no rosto emaciado e cadavérico, os traços do homem que ela amava, com quem estava casada há quase 14 anos agora, que tinha tomado seu sobrenome e seu coração.

Por ele ser bem mais velho do que ela, Varina temia que seu tempo juntos terminaria assim, com ele morrendo antes dela.

Parecia que este seria o caso.

— Você está com dor, meu amor? — perguntou ela, acariciando sua cabeça calva, onde alguns fios grisalhos teimavam em permanecer.

Ele balançou a cabeça sem falar — falar parecia esgotá-lo. Sua respiração era demasiada leve e acelerada, quase ofegante, como se agarrar-se à vida exigisse todo o esforço possível.

— Não? Que bom. Eu tenho a poção da curandeira bem aqui, caso você sinta dor. Ela disse que alguns goles acabariam com qualquer dor e fariam com que você dormisse. Diga-me se precisar, e não ouse bancar o corajoso e ignorar a dor.

Varina sorriu para Karl, acariciando sua bochecha chupada e barbada. Ela virou o rosto, pois as lágrimas ameaçavam cair novamente. Ela fungou, respirou fundo, e sua respiração estremeceu com o fantasma dos soluços que a acometiam quando estava longe dele, quando ela se permitia ser tomada pelo sofrimento e pelas emoções. Ela esfregou os olhos com a manga da tashta e voltou-se para ele, com o sorriso fixo novamente em seu rosto.

— A kraljica mandou uma carta dizendo que sentiu a nossa falta no Gschnas a noite passada. E disse que sua entrada foi melhor do que o esperado e que os globos que eu encantei funcionaram perfeitamente. E, ah, esqueci de contar... também chegou hoje uma carta do seu filho, Colin. Ele diz que sua neta Katerina vai se casar no mês que vem e que quer... quer que você... — Ela parou; Karl não iria ao casamento. — De qualquer forma, eu escrevi a ele dizendo que você não está... não está bem o suficiente para viajar para Paeti no momento.

Karl encarou Varina. Era tudo o que podia fazer agora. Encarar. Sua pele estava repuxada sobre os ossos da face; os olhos, afundados em covas profundas e escuras. Varina perguntava-se se Karl sequer a enxergava, se notava que ela também tinha envelhecido, que os estudos da magia tehuantina tinham cobrado um preço terrível sobre sua aparência. Ele não comia quase nada — o máximo que Varina podia fazer era empurrar canja quente goela abaixo. Karl tinha dificuldade de engolir até mesmo isso. Em suas visitas diárias, a curandeira apenas balançava a cabeça.

— Sinto muito, conselheira ca'Pallo — dizia ela para Varina —, mas as minhas habilidades estão aquém da condição do embaixador. Ele viveu uma boa vida, sim, e foi mais longa do que a da maioria. A senhora tem de estar pronta para deixá-lo partir.

Mas ela não estava pronta. E não sabia se algum dia estaria, se *conseguiria* estar pronta. Depois de todos os anos em que quis estar com ele, depois de todos os anos em que o amor de Karl por Ana ca'Seranta o impediu de notá-la, Varina ficaria com ele por tão pouco tempo? Menos de duas décadas? Quando Karl morresse, ela não ficaria com nada dele. Eles não tiveram filhos; apesar de ser 12 anos mais nova do que Karl, Varina não conseguiu conceber com ele. Houve um aborto no primeiro ano, depois nada, e seu próprio sangramento mensal tinha acabado cinco anos atrás. Havia ocasiões, nas últimas semanas, em que ela invejava aqueles que rezavam para Cénzi pedindo por uma benção, uma dádiva, um milagre. Como numetoda, como ateia, Varina não tinha esse consolo; seu mundo era desprovido de deuses a quem pedir favores. Tudo o que ela podia fazer era segurar a mão de Karl, olhar para ele e ter esperança.

A senhora tem de estar pronta para deixá-lo partir.

Varina pegou a mão dele e a apertou com os dedos. Era como segurar a mão de um esqueleto; não havia pressão como resposta, sua carne estava fria, e sua pele parecia tão seca quanto um pergaminho.

— Eu te amo — ela disse. — Eu sempre te amei; eu sempre vou te

amar.

Karl não respondeu, embora ela tenha pensado que viu os lábios secos e rachados abrirem ligeiramente e fecharem novamente. Ele talvez tenha pensado que estivesse respondendo. Ela pegou o pano na bacia ao lado da cama, molhou na água e limpou os lábios de Karl.

— Eu tenho trabalhado em um dispositivo para usar a areia negra de novo. Veja... — Ela mostrou um longo corte em seu braço esquerdo, ainda com crostas de sangue seco. — Eu não fui tão cuidadosa quanto deveria ter sido, mas acho que dessa vez eu talvez tenha descoberto alguma coisa. Fiz mudanças no projeto e mandei Pierre fazer as modificações pra mim, baseadas em meus desenhos...

Varina podia imaginar como Karl teria respondido. *"Há um preço a pagar pelo conhecimento, ele dizia, com muita frequência, mas não se pode deter o conhecimento: ele deseja nascer, e ele vai forçar sua entrada no mundo independentemente da nossa vontade. Não se pode conter o conhecimento, não importa o que os fiéis concénzianos possam dizer..."*

No andar de baixo, ela podia ouvir os funcionários da cozinha preparando o jantar: uma risada, um ruído de panelas, o leve som de conversa, mas ali na enfermaria o ambiente era quente e imóvel. Varina conversava com Karl principalmente porque o silêncio parecia deprimente. Ela falava principalmente porque tinha medo do silêncio.

— Eu também falei com Sergei esta manhã. Ele disse que vai passar aqui amanhã à noite, antes de ir a Brezno — disse com um tom de voz falsamente animado. — Ele insistiu que, se você não se juntar a ele na mesa de jantar, ele mesmo vai subir até aqui e levá-lo para baixo. "De que serve a magia dos numetodos se não pode se livrar de uma doençazinha?", ele disse. E também sugeriu que a brisa do mar em Karnmor pode lhe fazer bem. Eu posso ver se conseguimos uma vila lá no mês que vem. Sergei disse que o Gschnas nunca foi tão bom, embora tenha mencionado que o filho de Stor ca'Vikej chegou na cidade e que não gostou da maneira como a kraljica Allesandra deu atenção a ele...

Ela notou que o quarto tinha ficado quieto *demais*, que já não ouvia Karl respirar há algum tempo. Ele ainda a estava encarando, mas seu olhar ficara vazio e opaco. Varina sentiu seu estômago contrair. Tomou um fôlego que era quase um soluço.

— Karl...?

Ela olhou para o peito dele, desejando que se mexesse, ouvindo o som do ar passando por suas narinas. Sua mão estava mais fria? Varina sentiu seu pulso, procurando sentir alguma agitação sob a ponta dos dedos e

imaginando tê-la sentido.

— Karl...?

O quarto ficou em silêncio exceto pelo distante alarido dos criados, pelo pio dos pássaros na árvore lá fora e pelos sons fracos da cidade do outro lado dos muros da vila. Varina sentiu a pressão crescente em seu peito, uma onda que se libertou dela e virou um lamento que soava como se tivesse sido arrancado da garganta de outra pessoa.

Varina ouviu os criados subirem as escadas e pararem à porta. O som da sua dor ainda ecoava em seus ouvidos. Ela ainda segurava a mão de Karl. Que, agora, deixou cair sem vida nos lençóis. Ela estendeu a mão e fechou delicadamente as pálpebras de Karl com os dedos trêmulos.

— Ele se foi — ela disse, para os criados, para o mundo, para si mesma.

As palavras pareciam impossíveis. Inacreditáveis. Ela queria voltar atrás, pegar as palavras e esmagá-las para que jamais pudessem ser ditas novamente.

Mas Varina as dissera, e elas não podiam ser revogadas.

Sergei ca'Rudka

A Bastida a'Drago fedia a bolor e a mofo antigos, a urina e a material fecal, e a medo, dor e terror. Sergei adorava esse cheiro. Os odores o acalmavam, o acariciavam, e ele os inalava profundamente através das narinas de seu frio nariz de prata.

— Bom dia, embaixador ca'Rudka.

Ari ce'Denis, capitão da Bastida, cumprimentou Sergei da porta aberta de seu gabinete enquanto Sergei passava pelos portões arrastando os pés. Ele se movia devagar, como sempre fazia agora, e seus joelhos doíam a cada passo. Sergei desejou não ter decidido deixar a bengala na carruagem. Ele ergueu um pedaço de papel em sua mão direita na direção de ce'Denis. Sob seu braço esquerdo, estava enfiado um longo rolo de couro.

— Bom? — indagou Sergei. — Nem tanto, eu receio.

Ele podia ouvir a idade na sua voz: uma tremedeira incontrolável.

— Ah, sim — respondeu o capitão. — O embaixador ca'Pallo está morto. Sinto muito; sei que ele era um bom amigo do senhor.

Sergei fez uma careta. Sua cabeça doía com as preocupações que o

atormentavam: a deterioração da relação entre os Domínios e a Coalizão Firenzciana ao longo dos últimos anos; a recepção fria por parte da kraljica à sua sugestão de reparar esse rompimento definitiva e completamente; a presença crescente de Nico Morel e seus seguidores na cidade; e até mesmo a forma como Erik ca'Vikej dominou a atenção da kraljica durante o Gschnas...

A morte do pobre Karl tinha sido apenas a última gota. Um lembrete da sua própria mortalidade, de que em breve Sergei teria que encarar os juízes das almas e o resultado a que a sua própria vida o conduzira. Ele tinha medo desse dia. Tinha medo por saber o peso que seus pecados emprestavam a sua alma.

— É a morte do embaixador ca'Pallo, sim — respondeu Sergei, erguendo novamente o papel enquanto se aproximava do capitão. — Com certeza, mas também é isto aqui. Você viu isso?

Ce'Denis encarou o papel com os olhos apertados.

— Eu vi alguns desses papéis colados pela Avi no meu caminho para cá esta manhã, sim. Mas eu receio que sou um simples guerreiro, embaixador. Eu não tenho as habilidades das letras, como o senhor deve se lembrar.

— Ah.

Sergei franziu a testa. Ele *não* lembrara — o analfabetismo de ce'Denis era uma das razões para ele ser apenas o capitão da Bastida e não um a'offizier da Garde Kralji ou da Garde Civile; também era a razão dele não ser um chevaritt e ter apenas status de ce'. O punho de Sergei amassou o pergaminho com um som de fogo estalando e o atirou ao chão. E pisou deliberadamente nele.

— É um lixo repulsivo, capitão. Vil. Uma proclamação daquele maldito Nico Morel, repudiando os numetodos e insultando a memória do embaixador ca'Pallo. Ele tripudia sobre a morte do meu bom amigo...

Sergei fez uma careta. Involuntariamente, as memórias de Nico Morel surgiram em sua mente enquanto ele esbravejava. O garoto que ele conhecera há uma década e meia durante a grande batalha de Nessântico tinha pouca semelhança com o carismático e delirante agitador que surgira recentemente. Mesmo assim, aquele tinha sido um período terrível, e Nico tinha se perdido nele — quem sabe pelo que o menino passou? Quem sabe no que a vida o transformou?

A vida o transformou, não foi? A dor de cabeça de Sergei martelava em suas têmporas.

— Nico Morel acredita ser a reencarnação de Cénzi em pessoa — ele

disse, esfregando a testa com a mão. — Eu juro, capitão, um dia eu trarei Morel aqui para a Bastida, e sentirei grande prazer em interrogá-lo.

Ce'Denis apertou seus lábios finos e olhou para a cabeça do dragão suspensa na muralha e voltada para o pátio onde os dois se encontravam.

— Tenho certeza de que o trará, embaixador ca'Rudka.

Sergei se voltou bruscamente para o homem. Ele não sabia se tinha gostado do tom de ce'Denis.

— Quero que o senhor mande todos os gardai que não estiverem de serviço percorrer a Avi — disse para o capitão e empurrou o papel no chão com o pé. — Mande que arranquem todos os manifestos que encontrarem. Este será um pedido do comandante co'Ingres quando eu retornar ao palácio, mas se o senhor puder começar antes de a ordem chegar, eu agradeceria. Quanto menos gente vir esta porcaria, melhor.

— Certamente, embaixador — respondeu ce'Denis, prestando continência. — O senhor ficará muito tempo conosco esta manhã?

Ele olhou para o que Sergei carregava sob o braço esquerdo.

— Não muito — respondeu o embaixador. — Meu dia está cheio, infelizmente. E ci'Bella?

— Está dois pisos abaixo da torre, embaixador, como o senhor pediu.

Ce'Denis inclinou a cabeça para Sergei, voltou para seu gabinete e chamou seu assistente. Sergei arrastou os pés em direção à torre principal da Bastida e cumprimentou os gardai que abriram a porta para ele. Ele desceu lentamente a escada em espiral em direção às câmaras inferiores, apoiando-se com uma mão na parede de pedra e gemendo com a dor nos joelhos, desejando mais uma vez ter trazido a bengala. No patamar, ele enfiou a mão no bolso do sobretudo para retirar um pequeno molho de chaves, que tilintaram sombriamente em sua mão.

Dois níveis abaixo, ele parou e esperou que a dor na cabeça e nos joelhos diminuísse. Quando a dor arrefeceu, ele enfiou a chave em uma fechadura — havia manchas de ferrugem em volta do buraco; ele fez uma nota mental para lembrar mencionar o fato ao capitão ce'Denis antes de ir embora — não havia desculpa para esse tipo de desleixo aqui. Ao virar a chave, ele ouviu correntes farfalharem e rasparem o chão da cela. Ele podia ver a imagem em sua mente: o prisioneiro se afastando da porta, encolhido, pressionando sua coluna contra as antigas paredes de pedra úmida como se elas pudessem se abrir e engoli-lo magicamente.

Sufocar no abraço de uma pedra talvez fosse um destino mais agradável do que o que aguardava o homem, Sergei tinha que admitir.

Ele olhou ao redor antes de abrir a porta da cela. Um garda estava se

aproximando, vindo dos níveis inferiores. O homem meneou a cabeça para Sergei sem dizer nada. O capitão e os gardai da Bastida sabiam que Sergei
frequentemente precisava de um "assistente" quando visitava a prisão; e aqueles que tinham suas mesmas predileções muitas vezes o ajudavam. Eles compreendiam, e, portanto, não falavam e fingiam não ver nada; faziam simplesmente o que quer que Sergei pedisse.

O embaixador abriu a porta da cela.

— Bom dia, vajiki ci'Bella — dirigiu-se Sergei ao homem em tom agradável enquanto o garda entrava na cela, atrás dele.

O prisioneiro olhou para os dois: Aaros ci'Bella, um dos muitos assistentes juniores do Palácio da Kraljica. O homem ainda usava o uniforme do palácio, agora sujo e rasgado. Sergei colocou o molho de chaves no gancho da porta da cela, que foi deixada aberta. Ci'Bella estava apoiado contra a parede dos fundos, as correntes que prendiam suas mãos e pés estavam frouxas — presas em argolas grossas na parede dos fundos, as correntes tinham folga suficiente apenas para que ele ficasse a um passo da porta, não mais. Se o homem atacasse Sergei, tudo que o embaixador precisaria fazer era dar um passo para trás para não ser alcançado — embora o garda, sem dúvida, detivesse o sujeito se ele ousasse um gesto tão insensato. Eram raros os prisioneiro que faziam isso. O "Velho Nariz de Prata", como Sergei era chamado pejorativamente, tinha sua reputação entre os inimigos de Nessântico e aqueles do estrato mais baixo da sociedade dos Domínios. Ele já conseguia sentir o cheiro da apreensão crescente do homem.

— Posso chamá-lo de Aaros?

O homem sequer assentiu. Seu olhar ia do nariz de Sergei para o rolo grosso de couro negro sob seu braço e ao garda calado. O embaixador pousou o rolo perto da porta da cela, desamarrou o nó que o mantinha fechado e o desenrolou com um gesto, grunhindo com o movimento. Dentro do rolo, presos por laçadas, havia instrumentos de aço e madeira, sua pátina de cetim dava sinais de muito uso.

Ao ver os instrumentos, ci'Bella gemeu. Sergei notou uma umidade escurecer a bainha de sua calça e descer pela perna, seguida do cheiro adstringente de urina. O embaixador balançou a cabeça e estalou a língua baixinho, em sinal de reprovação. O garda deu um risinho.

— Embaixador —ci'Bella lamentou. — Por favor. Eu tenho família. Uma esposa e três filhos. Não fiz nada para o senhor. Nada.

— Não?

Sergei inclinou a cabeça. Ele tirou o sobretudo dos ombros, alisou o tecido macio e o pendurou cuidadosamente no gancho com as chaves. Fez careta de novo ao se ajoelhar, seus joelhos estalaram audivelmente e os músculos da perna reclamaram. *Antigamente, isso não teria exigido esforço algum*... Seus dedos — nodosos e contorcidos pela idade, e com a pele solta e enrugada sobre os ossos e ligamentos — acariciaram os instrumentos. Ele podia sentir a frieza sedosa do metal na ponta dos dedos, e isso fez com que ele respirasse fundo, sensualmente.

— Diga-me, Aaros. O que você faria se um homem machucasse a sua esposa, se a estuprasse ou a desfigurasse? Você não gostaria de machucá-lo em troca? Não se sentiria no direito de se vingar desse homem?

Ci'Bella parecia confuso.

— Embaixador, o senhor não é casado, e eu não fiz nada contra a sua esposa ou outra pessoa...

Sergei ergueu uma sobrancelha branca e espessa.

— Não? — repetiu ele, permitindo-se abrir um sorriso desdentado. — Mas, perceba, eu *sou* casado, Aaros. Sou casado com Nessântico. *Ela* é minha esposa, minha amante, minha própria razão de ser. E você, Aaros, você a atacou e traiu. Talbot me contou o que ele descobriu. Você falou com um agente da Coalizão Firenzciana. Você certamente se lembra dele. Garos ci'Merin? Eu tive o... prazer de falar com ele ontem, aqui na Bastida.

Sergei sorriu para ci'Bella; o garda resfolegou de diversão.

— Ele me disse como você foi *amável* com ele. Prestativo.

— Mas eu não sabia que o homem era um firenzciano, embaixador — protestou ci'Bella. — Eu juro por Cénzi. Ele parecia perdido, eu apenas o acompanhei pelo palácio...

— Você o conduziu pelos corredores dos funcionários do palácio, corredores aos quais somente o pessoal autorizado tem acesso.

— Era o caminho mais rápido...

— Era também o caminho que alguém que quisesse prejudicar a kraljica ou perambular pelo palácio gostaria de conhecer.

— Mas eu não *sabia*...

Sergei sorriu. Ele esfregou as narinas entalhadas de seu nariz falso, onde a cola que o segurava ao rosto coçava.

— Eu acredito em você, Aaros — Sergei respondeu gentilmente, sorrindo. — Mas não *sei* se esta é a verdade. Você pode ser um mentiroso habilidoso. Você pode ter guiado outras pessoas pelos corredores do palácio. Você pode até mesmo ser um agente de Firenzcia. Eu não sei.

Ele arrancou uma torquês de seu laço e se ergueu com esforço, seus joelhos estalaram mais uma vez. O garda se afastou da parede e se dirigiu até Aaros.

— Mas eu *vou* saber — disse Sergei para o homem. — Muito em breve...

Allesandra ca'Vörl

Allesandra sabia que haveria uma reação à sua decisão de fazer um funeral com honras de Estado para o embaixador Karl ca'Pallo. Só não esperava que fosse tão mordaz ou tão rápida.

Talbot, seu assistente, entrou em seus aposentos após uma rápida batida na porta.

— Perdoe-me por interromper seu café da manhã, kraljica — ele disse, fazendo uma meia mesura elegante enquanto as camareiras saíam diplomaticamente do aposento. — A a'téni ca'Paim está aqui para vê-la. Ela insiste em dizer que é "vital" que seja atendida imediatamente. — Talbot franziu a testa. — Eu juro, a mulher não sabe falar de outra forma a não ser por hipérboles. Se o café da manhã está atrasado, é uma crise.

Allesandra suspirou e pousou o garfo.

— É a respeito do pedido de usar o Velho Templo para o funeral de Karl?

— Eu enviei seu pedido para o gabinete da a'téni ca'Paim há menos de uma virada da ampulheta. Então, sim, suspeito que é por isso que ela veio. A a'téni ca'Paim parece... bem, um tanto quanto nervosa e irritada.

Os olhos claros de Talbot reluziram com uma pitada de divertimento, erguendo um canto de sua boca fina. Por outro lado, Talbot era um numetodo, o que significava que ele podia acreditar em outros deuses que não Cénzi, ou não acreditar em deus algum. Ser um numetodo em vez de um seguidor de Cénzi tornou-se quase um modismo em Nessântico nos últimos anos — o fato de ca'Paim ser a líder da fé concénziana em Nessântico não significava nada para ele.

Allesandra afastou a bandeja de prata. Os talheres retiniram e o chá estremeceu na xícara.

— Já que a a'téni veio em pessoa em vez de mandar um dos ténis de baixo escalão, eu suponho que ela considera que o assunto não pode esperar.

— A a’téni ca’Paim disse que estava, nas palavras da própria mulher, “preparada para ficar aqui até que a kraljica encontre um tempo para me ver”. No entanto, se a kraljica desejar fazê-la esperar até a noite de hoje ou mesmo até amanhã, terei prazer em entregar a mensagem para a a’téni ca’Paim.

— Não tenho dúvidas de que teria — falou Allesandra; Talbot sorriu ironicamente. — E que também teria prazer em levar cobertores e um travesseiro para ela. Mas suponho que seja melhor acabar logo com isso. Espere meia virada para que eu termine meu café da manhã, depois traga a a’téni ca’Paim. Empanturre-a com aquelas balas de Il Trebbio, Talbot; isso talvez adoce seu humor.

Talbot fez uma mesura e saiu do aposento. Allesandra ergueu o olhar para o quadro da kraljica Marguerite, uma obra-prima do pintor ci’Recroix. A pintura, assim como a maior parte da cidade, passou por extensa restauração após os danos sofridos há uma década e meia, quando os tehuantinos saquearam Nessântico. Os rasgos na tela foram meticulosamente colados, as manchas de fumo cuidadosamente limpas, e as seções queimadas foram repintadas, embora o trabalho de restauração fosse visível caso se olhasse com atenção para o quadro: mesmo os melhores pintores não conseguiam igualar a sutileza de ci’Recroix (ou a magia em si, caso se acreditasse na lenda) com o pincel. A archigos Ana, Allesandra sabia, insistia em dizer que o quadro tinha sido enfeitiçado e era responsável pela morte súbita da kraljica Marguerite. Sem dúvida o kraljiki Audric demonstrou uma relação doentia com o quadro de sua vavatarh, tratando-o como se fosse a kraljica em pessoa. Ocasionalmente, Allesandra via-se olhando desconfortavelmente para o quadro instalado sobre a lareira na sala de recepção de seus aposentos do palácio reconstruído. Marguerite sempre parecia devolver o olhar de Allesandra, os realces de luz pintados brilhavam nos olhos e na expressão inescrutável, meio de desgosto, em seus lábios, como se a visão de uma ca’Vörl usando sua coroa e o anel dos kralji lhe doesse.

E talvez doesse mesmo, onde quer que a mulher estivesse. A verdade sobre a história do quadro não importava, Allesandra considerava que a obra servia como um lembrete do que Nessântico tinha sido sobre o reinado de Marguerite e talvez do que poderia se tornar novamente.

— Isso a incomoda, Marguerite? — perguntou ela para o quadro.

Não houve resposta.

A kraljica terminou sua refeição, chamou as camareiras para levarem a bandeja e mandou que trouxessem uma nova, com chá e bolinhos para a

a’téni. Talbot bateu na porta externa assim que as criadas trouxeram o chá.

— Entre — respondeu Allesandra, e Talbot entrou.

— A’téni ca’Paim — ele anunciou, fazendo uma mesura mais formal dessa vez.

Talbot se afastou para permitir que ca’Paim entrasse na sala, mas ela o contornou. Somente Allesandra viu Talbot revirando os olhos.

Soleil ca’Paim era uma mulher corpulenta com seus 40 anos, cabelo pintado de preto com raízes brancas aparentes e uma tez que o robe verde-esmeralda tornava pastosa. Ela tinha a aparência atormentada de uma matrona com filhos demais — e, de fato, ela tinha dado à luz dez crianças em seu tempo —, mas Allesandra sabia que seria um erro considerá-la fraca, ineficaz ou desprovida de inteligência; um erro que muitos cometeram durante a sua carreira. Soleil ascendeu rapidamente nos escalões dos ténis, desde o início, como uma humilde e’téni em Brezno, até sua atual posição, como a representante da fé concénziana em Nessântico. Dizia-se que, se o archigos Karrol morresse devido à sua saúde débil, o Colégio A’téni a elegeria como archigos. O archigos Karrol mostrou sua preferência indubitável por Soleil ao lhe passar o comando de Nessântico.

— Kraljica — falou ca’Paim inclinando a cabeça.

A mulher estava um pouco ofegante, e Allesandra apontou para a cadeira a sua frente.

— A’Téni, que bom revê-la. Gostaria de um chá? Estes bolinhos saíram agora do forno, o nosso novo confeiteiro, devo dizer, é excelente...

Allesandra gesticulou para as criadas em pé contra a parede e elas apressaram-se em servir o chá e oferecer um prato para a a’téni cheio de bolinhos diversos, cobertos com mel. A a’téni ca’Paim não era de recusar comida: ela comeu um bolinho, depois outro, enquanto as duas falavam de amenidades, dando voltas no assunto que ambas sabiam que deveria ser abordado.

Finalmente, ca’Paim pousou o prato cheio de migalhas.

— Eu recebi seu pedido esta manhã, kraljica — disse com voz suave, um tanto quanto anasalada. — Embora nós, fiéis concénzianos, reconheçamos sem hesitação os serviços prestados pelo embaixador ca’Pallo a Nessântico e aos Domínios, isto não altera o fato de que nem o embaixador, nem qualquer um dos numetodos acreditam em Cénzi como nós acreditamos, e o uso das instalações da fé concénziana seria uma aceitação *de fato* de suas crenças hereges.

Allesandra pousou o prato e colocou suas mãos uma de cada lado da louça.

— Eu devo lembrá-la, a'téni, que o Velho Templo foi reconstruído parcialmente com fundos concedidos à Fé pelos Domínios.

Ca'Paim reconheceu o argumento com uma inclinação de cabeça.

— E a Fé é extremamente grata por isso, kraljica. Nós tentamos devolver aos Domínios o que podemos. Eu gostaria de lembrar à kraljica que nossos ténis-luminosos doaram seus serviços aos Domínios por cinco anos, em agradecimento. O archigos Karrol, especialmente, tem sido muito generoso na atenção que dá aos Domínios, certificando-se de que a fé concénziana seja tão bem servida aqui quanto na Coalizão. Mas *isso*...

A a'téni franziu os lábios, e Allesandra pôde notar que a mulher escondia uma indignação genuína, e não encenação imposta a ela.

— Isso é uma questão de *fé*, kraljica, como a senhora deve entender. O Grande Salão aqui no palácio certamente pode acomodar as multidões que queiram prestar homenagem ao embaixador.

Allesandra ignorou o comentário.

— A'téni, o embaixador e os numetodos também se dedicaram à fé concénziana. Seus ténis-guerreiros agora usam técnicas desenvolvidas pelos numetodos, em especial aquelas criadas pelo embaixador *e* pela conselheira ca'Pallo. A archigos Ana certamente enxergava o valor do trabalho deles.

Os lábios de ca'Paim apertaram-se ainda mais com a menção ao nome de Ana, em seguida, ela sorriu, embora com algum esforço.

— Alguém poderia pensar que a senhora está tentando me alfinetar deliberadamente, kraljica.

— Esse alguém estaria correto — falou Allesandra. — E você tem que admitir que funcionou, Soleil. Sempre funciona.

— E você sempre enfia a faca o mais fundo possível, Allesandra — respondeu a mulher, e as duas riram.

Allesandra viu a mulher relaxar visivelmente, recostar nas almofadas da cadeira e pegar outro bolinho.

— Estão muito bons — ela disse para Allesandra. — Diga ao seu confeiteiro que ele tem que mandar a receita para o meu padeiro.

Ela deu uma mordida e engoliu.

— O archigos Karrol lhe diria o mesmo que eu disse.

— Sem dúvida. Mas eu não pedi a *ele*, pedi? Não que houvesse tempo para fazê-lo, de qualquer forma. Estou pedindo a você.

— Eu realmente não gosto disso, Allesandra, por várias razões.

Gostaria que você não insistisse no assunto. Isso coloca a Fé e a mim em uma posição desconfortável.

É com a sua reputação que você está preocupada, não com a Fé. Allesandra sorriu novamente para a senhora.

— O Velho Templo é mais adequado para receber multidões que o Grande Salão aqui do palácio. Você tem que admitir; você viu o salão no Gschnas.

— Sim, mas o Velho Templo é dedicado ao culto de Cénzi e, como um numetodo, o embaixador falava abertamente da sua descrença com relação aos nossos dogmas. Ele acreditava que os deuses não existem.

— No entanto, novamente, ele *ajudou* a sua Fé e também foi grande amigo da archigos Ana. Seja lá o que você pensa sobre Ana, não pode dizer que ela não era comprometida com os princípios da fé concénziana. Não estou pedindo que você realize o ritual funerário da Fé para Karl – e Varina se queixaria justamente em protesto se eu o fizesse. Estou pedindo para usar o melhor local da cidade para a ocasião. Só isso. Cubra os murais se quiser. Tire todos os paramentos da fé concénziana sob o Grande Domo. O Grande Salão do palácio é grande o suficiente, sim, mas ainda está em construção; funcionou para o Gschnas, mas não para a dignidade exigida por esse funeral. Os fundos que nós conseguimos poupar foram destinados primeiro para a reconstrução do Velho Templo e do Domo de co'Brunelli, não para o Palácio da Kraljica.

Uma careta.

— Eu não posso oferecer-lhe a ajuda da minha equipe. Não abertamente.

Allesandra sabia que tinha vencido. Ela perguntou-se se ca'Paim podia ouvir a satisfação em sua voz.

— Talbot pode entrar em contato com seu assistente para acertar os detalhes do procedimento e decidir quantas pessoas da minha própria equipe nós designaremos para garantir que tudo corra bem. Usaremos funcionários do palácio e a Garde Kralji para controlar a multidão. E você pode dizer ao archigos Karrol que eu a forcei aceitar a situação retendo o último pagamento dos fundos da construção.

— Você faria isso?

Allesandra deu de ombros.

— É necessário?

Um dos dedos de ca'Paim tocou o topo dourado de outro bolinho. E ela suspirou.

— Não, creio que não, embora eu ainda não goste da situação.

— Ótimo — respondeu Allesandra. — E você estará lá, Soleil? Sentada ao meu lado?

Outro suspiro.

— Você ficou descarada com a idade, Allesandra. Absolutamente descarada. Eu estarei presente, já que você insiste, mas não vou me pronunciar. Não posso.

— É compreensível. — Allesandra inclinou-se para a frente e deu um tapinha na mão de ca'Paim. — Obrigada, Soleil. Contarei a Varina o que você fez; ela agradecerá o gesto.

— E quanto aos seguidores de Nico Morel? — perguntou ca'Paim. — É com eles que você deveria se preocupar. Você sabe o ódio profundo que esse homem nutre pelos numetodos. Eles certamente protestarão, e as manifestações dos morellis já se tornaram violentas antes. Você leu os manifestos que ele e seus seguidores colaram por toda a cidade ontem, sobre a morte do embaixador? Eles protestarão contra qualquer demonstração de apoio ao embaixador, e pode muito bem haver mais problemas com eles.

Dessa vez foi Allesandra quem franziu a testa.

— O embaixador ca'Rudka me mostrou o manifesto, e era vil e repugnante. Você provavelmente está certa. O comandante co'Ingres talvez deva oferecer ao vajiki Morel e seus arruaceiros locais alojamento gratuito na Bastida nos próximos dias, supondo que consigamos encontrá-los antes da cerimônia. De qualquer forma, mandarei o comandante destacar gardai suficientes caso haja algum problema. E se você mandar que seus ténis adaptem suas Admoestações hoje e amanhã contra os morellis...

— Está bem — respondeu ca'Paim. — Isso eu terei prazer em fazer. Mas eu devo dizer, kraljica... — Ela franziu a testa seriamente. — Que há ténis aqui, especialmente os mais jovens, e até mesmo entre alguns dos altos escalões da Fé, que nutrem uma simpatia pouco saudável por Nico Morel e sua filosofia. Muito mais do que eu gostaria.

— Eu sei — disse Allesandra. — Essa infecção está afetando a população também, infelizmente. A influência desse homem está se tornando cada vez mais perigosa. Soleil, eu agradeço sua cooperação nessa questão. Eu sei que não é o que você quer, e sei que isso lhe causará aborrecimento com Brezno, e quanto a isso eu realmente sinto muito.

Ca'Paim concordou e tirou outro bolinho do prato.

— Com o archigos Karrol e Brezno eu posso lidar. Eu só espero que seja isso o que *você* quer, Allesandra.

Nico Morel

Nico olhou fixamente para o jovem que trouxera a notícia.

— Você tem certeza disso? — perguntou ele. — Absoluta?

O homem — um e'téni da fé concénziana, ainda vestido com seu robe verde — fez uma reverência.

— Sim, Absoluto Nico. A a'téni ca'Paim anunciou à equipe nesta tarde.

O e'téni não parava de desviar o olhar, como se tivesse medo de que o humor de Nico explodisse e o transformasse em cinzas. Nico respirou fundo — a notícia *realmente* ardeu em suas entranhas. Era um ultraje, um insulto a Cénzi que o funeral do embaixador ca'Pallo se desse no Velho Templo. Um numetodo, descansando nesse lugar sagrado, sendo louvado ali... Mas ele conseguiu sorrir sombriamente para o e'téni.

— Obrigado por vir nos contar — falou Nico. — E que a bênção de Cénzi recaia sobre você pelos seus esforços.

Ele fez o sinal de Cénzi para o homem. O e'téni sorriu brevemente diante do gesto, afastou-se com mesuras e fechou a porta de madeira empenada ao sair. Nico virou-se para a janela: entre os vãos da persiana retorcida, ele olhou para um beco do Velho Distrito, cuja sarjeta central estava entupida com dejetos e lixo. A casa em que eles estavam ficava em uma rua com dois açougues vizinhos, e as vísceras e o fedor das carcaças de carne eram às vezes avassaladores.

Estava quase anoitecendo; os ténis-luminosos em breve acenderiam os famosos postes da Avi A'Parete, a larga avenida que formava um anel em volta dos antigos limites de Nessântico. Nico viu um lampejo verde quando o e'téni saiu da casa para voltar apressadamente para suas obrigações no Velho Templo, disparando entre duas putas que andavam na direção das tavernas da próxima rua. Nico podia sentir o cheiro de mijo e merda nas ruas abaixo: o odor da corrupção.

Esse odor definia Nessântico para ele.

Estranhamente, esses não eram os cheiros que ele se lembrava de sua vida em Nessântico antes dos tehuantinos. Em suas memórias de infância, o Velho Distrito era quente e agradável, tinha cheiro de temperos, do perfume da matarh e de seu suor doce quando ele a abraçava nos dias quentes de verão. E o cheiro das ervas que seu vatarh ocidental usava na tigela de latão que sempre levava consigo. Essa Nessântico era brilhante e colorida, cheia de vida e com esperanças e potencial.

Essa Nessântico estava completamente perdida. Essa Nessântico

morreu quando ele fora arrancado de sua matarh.

— Absoluto?

O chamado veio de Ancel ce'Breton, um dos poucos morellis em quem ele confiava cegamente, e uma das duas pessoas no aposento com Nico. Ancel era macilento, tinha um rosto encovado, envolto em uma barba negra desalinhada. Seus dedos compridos coçavam a bashta de linho barato com unhas escuras e lascadas — mais do que Nico, ele tinha a aparência de um asceta.

— Quais são seus pensamentos?

— Eu acho, Ancel, que isso é um tapa na cara de Cénzi — respondeu Nico sem desviar o olhar da janela. — Acho que a alma da a'téni ca'Paim será rasgada e julgada pelos retalhadores de almas e considerada culpada quando ela morrer. E espero que este dia ocorra em breve. Acho que mais uma vez a fé concénziana mostrou sua fraqueza e degeneração.

Ele sentiu uma mão gentil tocar levemente seu ombro: Liana. Ela apertou Nico por trás, e ele sentiu a barriga inchada contra sua espinha.

— O que você quer que façamos? — perguntou ela. — Você pregará contra isso? Nós agiremos?

— Ainda não sei — disse Nico para os dois. — Tenho que pensar, e tenho que rezar.

Ele se afastou da janela. A raiva ainda queimava a boca de seu estômago, como brasas abafadas que jamais se apagariam, mas Nico sorriu para Ancel e ergueu a mão para afastar o cabelo do lindo rosto de Liana.

— Passarei a noite em meditação, e espero que Cénzi venha até mim com Sua resposta até amanhã.

Ancel meneou a cabeça.

— Eu avisarei os demais, especialmente os ténis que estão do nosso lado. Eles estarão prontos para fazer o que quer que o senhor peça, Absoluto.

— Obrigado, Ancel. Sem você, eu não saberia o que fazer.

Nico percebeu que o elogio corou momentaneamente o rosto pálido do homem. Seus olhos se arregalaram ligeiramente enquanto ele se inclinava para fazer o sinal de Cénzi para Nico.

— Eu sou seu servo, assim como o senhor é servo de Cénzi — disse Ancel. — Eu mandarei um de nós trazer a ceia em uma virada da ampulheta.

Nico inclinou a cabeça assim que o homem fechou a porta atrás de si e ouviu Ancel chamar:

— Erin, traga as refeições do Absoluto e de Liana, por favor...

Agora que estavam a sós, Liana acariciou sua barriga redonda e finalmente se aproximou, apertando seu corpo contra o de Nico; ele a abraçou e beijou sua testa e seus cachos castanho-escuros brilhantes. *Não tão escuros quanto os cabelos de Rochelle, que eram tão negros quanto a meia-noite, mas os mesmos cachinhos...*

Nico afastou a memória. Ele não gostava de pensar na irmã, Rochelle. Ela estava perdida, assim como todo o seu passado. Ele abraçou Liana com mais força e sentiu o puxão irritante das costelas, que ainda estavam se recuperando dos chutes que ele levou da Garde Kralji há dois dias: ele estava pregando para uma multidão perto da Praça do Templo. Os gardai o empurraram na direção do pavimento sujo e o cercaram, suas botas o atacavam enquanto ele cobria a cabeça e os seguidores gritavam invectivas e tentavam afastar os gardai.

— Não! — berrou Nico para os seguidores. — Não se preocupem! Cénzi me protegerá!

Ele quis usar o Ilmodo na ocasião. Quis invocar uma tempestade de raios sobre os gardai, atear fogo neles ou varrê-los com um vento uivante. Nico poderia ter feito qualquer uma dessas coisas facilmente, mas não ousaria — não em público, não com os ténis observando. Se eles tivessem visto Nico usar o Ilmodo, a magia dos ténis, invocariam as leis da Divolonté, o código que regia a fé concénziana. De acordo com esse código, como um téni excomungado, Nico estava sujeito às mais duras penalidades se usasse o Dom de Cénzi novamente: ele teria suas mãos cortadas e sua língua arrancada de sua boca, para que jamais pudesse usar o Ilmodo. Apenas os ténis tinham permissão para invocar a magia do Segundo Mundo.

E porque Nico realmente acreditava na Divolonté, porque *era* um téni fiel, ele obedecia. Nico já não usava o Ilmodo há três anos, embora tenha sido o melhor entre os ténis: o mais talentoso, o mais poderoso. Até mesmo o archigos Karrol o teria admitido. Mas Nico não tinha orgulho de seu talento: foi Cénzi que o fez daquela forma, Cénzi que o fez Absoluto. Não o próprio Nico.

A Fé o tinha expulsado injustamente. E o fizeram porque tinham inveja dele. Expulsaram-no porque tinham medo. Expulsaram-no porque ele dizia a verdade, a pura palavra de Cénzi, e eles sabiam disso, ainda que negassem. Expulsaram-no porque ouviram o poder em sua voz e viram quão facilmente ele arregimentava seguidores.

Todos os a'ténis, até mesmo o archigos Karrol, em Brezno, agora

permitiam que os numetodos inoculassem seu veneno. Eles não eram como o archigos Semini, que havia pendurado corpos de hereges numetodos em forcas na Praça de Brezno. Não, o atual archigos e seus a'ténis podiam reclamar do ateísmo e das falsas crenças dos numetodos, mas permitiam que eles ridicularizassem Cénzi com suas próprias magias. Os ténis adulteravam sua própria magia da fé concénziana usando as técnicas dos numetodos. Toleravam que numetodos integrassem o Conselho dos Ca' e sussurrassem nos ouvidos da kraljica. Ouviam os absurdos que os numetodos cuspiam, sobre como todas as coisas no mundo podiam ser explicadas sem recorrer à Vucta ou a Cénzi ou mesmo aos moitidi. Os numetodos alegavam que a lógica sempre vencia a fé, e...

A

Fé

Não

Dizia

Nada.

Os numetodos enfureciam Nico. Nem eles, nem o povo da própria Nessântico percebiam que o saque da cidade pelos tehuantinos — eles próprios pagãos e hereges que veneravam falsos deuses — foi um grande castigo de Cénzi, um terrível aviso sobre o que acontecia aos que se viraram contra Ele.

Nico mostraria para eles. Nico os guiaria pelo caminho certo. Eles ouviriam sua voz e seguiriam sua orientação.

Era o que Cénzi exigia de Nico. Era o que ele faria.

— Nico, onde está você?

Liana estava olhando para ele com seus olhos da cor de chá forte — também não eram como os de Rochelle, que tinham íris de um azul muito claro. Nico despertou de seu devaneio.

— Ele está falando com você? — perguntou Liana.

Nico negou com a cabeça olhando para ela.

— Ainda não, mas eu sei que Ele está próximo. Posso sentir sua força.

Nico abraçou Liana e se inclinou para beijar sua boca, que cedeu suavemente à pressão. Ele sentiu a agitação da língua dela contra a sua e uma contração embaixo da bashta.

— Então deixe-me confortá-lo agora — sussurrou Liana quando os dois se afastaram. — Por uma virada da ampulheta apenas...

Nico tocou sua barriga.

— Será que devemos...?

Ela riu.

— Eu estou grávida, meu amor, mas não sou de vidro. Eu não vou quebrar.

Liana pegou a mão dele, e Nico deixou-se levar para a cama.

Nesse momento, durante algum tempo, ele perdeu-se em paixão e calor terrenos.

Brie ca'Ostheim

Brie ergueu a sobrancelha para Rance ci'Lawli, o assistente de seu marido e, portanto, a pessoa responsável pelo bom funcionamento do Palácio de Brezno.

— É aquela ali, então? — ela perguntou apontando o queixo na direção do outro aposento.

Era a sala de estar nos níveis mais baixos e de acesso público do Palácio de Brezno. Várias das damas da corte estavam lá, mas uma delas estava sentada no chão com Elissa, a filha mais velha de Brie, ambas trabalhando em um bordado.

Rance meneou a cabeça. Ele era mais alto do que Brie, assim como era mais alto que a maioria das pessoas: era comprido e magro, como se Cénzi tivesse esticado uma pessoa normal. Também era extraordinariamente feio, tinha a pele acneica, olhos encovados e a palidez de trapos fervidos. Seus dentes pareciam maiores que a boca. Mas Rance possuía uma mente aguçada, parecia se lembrar de tudo e de todos, e Brie teria confiado sua vida a ele, da mesma forma que confiava agora.

— Aquela é Mavel co'Kella — ele sussurrou, com um som que mais pareceu o rufar de uma tempestade vindoura.

— Como eu suspeitava; notei Jan prestando muita atenção a ela no baile do mês passado. E você está certo do... estado dela?

Ele meneou a cabeça.

— Sim, hïrzgin. Eu tenho minhas fontes e confio nelas. Já existem alguns rumores entre os funcionários, e quando se começar a notar claramente... bem, não podemos permitir isso.

— Jan sabe?

Rance balançou a cabeça alongada.

— Não, hïrzgin. Eu vim ter com a senhora primeiro. Afinal...

— Sim. — Brie suspirou. — Não é a primeira vez.

Ela encarou Mavel através do tecido fino da cortina entre aposentos. A mulher era mais jovem que Brie uns bons dez anos, tinha cabelo escuro como a maioria das amantes de Jan, e Brie invejou sua boa forma, embora pensasse ter visto o leve inchaço da barriga sob a faixa da tashta. Após quatro filhos, Brie se esforçou para manter sua silhueta. Seus seios caíram com os anos de alimentação de bebês famintos, seus quadris ficaram largos e seu estômago coberto de estrias. Ainda não tinha perdido todo o peso que ganhou com Eria, a filha mais nova, há quase três anos. Mavel possuía a agilidade que a própria Brie tinha tido.

Ela não aguentaria isso por muito tempo. Não agora.

— A família co'Kella possui algumas propriedades de terra em Miscoli. Ela poderia ficar com alguns parentes por lá durante o confinamento — sugeriu Rance. — Eu já fiz negócios com o vatarh dela; ele deveria estar na lista para ser nomeado chevaritt, mas agora... — ele balançou a cabeça. — Isso terá que esperar. Vamos ver se uma das famílias de menor importância de Miscoli tem um filho mais novo que esteja disposto a casar e chamar o filho de seu. Farei a proposta de sempre pelo silêncio da garota e prepararei os contratos para o vatarh assinar.

Brie concordou.

— Obrigada, Rance, como sempre.

Ele se curvou ligeira e desajeitadamente.

— É um prazer servi-la, hïrzgin. Mande a vajica co'Kella ao meu gabinete, e eu falarei com ela. Ela terá ido embora ainda essa noite. Darei aos funcionários uma razão conveniente sobre sua ausência para conter as fofocas.

Ele curvou-se mais uma vez e se retirou. Brie respirou fundo diante da cortina e entrou na sala de visitas. As mulheres se levantaram simultaneamente, fazendo reverências conforme a hïrzgin se aproximava. Elissa, por sua vez, sorriu largamente e correu em sua direção. Mavel levantou-se lentamente, Brie pensou ter visto uma hesitação em sua reverência e uma inveja cautelosa em seus olhos. A mão da jovem permaneceu em seu estômago.

Brie se agachou para abraçar Elissa e pegá-la nos braços para lhe dar um beijo.

— Está se divertindo, minha querida? — ela perguntou a Elissa penteando para trás os fios castanhos-dourados que escaparam de suas tranças.

— Sim, matarh — respondeu Elissa. — Mavel e eu estávamos bordando uma paisagem da Encosta do Cervo. A senhora quer ver?

— Com certeza.

Brie beijou a testa de Elissa e pousou a menina no chão. Ela olhou para Mavel, que baixou o olhar para o tapete de padrões geométricos em preto e prata.

— Mas eu acabei de falar com Rance, e ele pediu que a vajica co'Kella compareça em seu gabinete. Notícias de família.

Isso fez a garota erguer novamente cabeça, e agora seus olhos estavam arregalados e apreensivos.

— Estou certa de que você irá desculpá-la — disse Brie para Elissa.

Houve um momento de silêncio. Brie pôde notar que as outras damas da corte se entreolharam. Então Mavel fez outra reverência, às pressas.

— Obrigada, hïrzgin — disse ela. — Irei imediatamente.

Ela recolheu a costura e saiu da sala, resvalando em Brie e deixando um cheiro de amêndoas e flores.

— Muito bem, então — disse Brie para Elissa. — Vamos ver esse bordado...

Ela sorriu ao deixar Elissa pegar sua mão, e as outras mulheres da corte devolveram o sorriso. Brie perguntou-se o que realmente, por trás dos sorrisos e do papo furado, elas estariam pensando.

Mas isso, obviamente, ela nunca saberia.

Allesandra ca'Vörl

Allesandra compareceu à Terceira Chamada no Velho Templo, como era seu hábito quando na cidade. A Admoestação, pronunciada pela própria a'téni ca'Paim, foi agradavelmente severa, embora Allesandra tenha notado que vários dos ténis presentes pareceram franzir a testa diante da retórica contra "aqueles que seguem os ensinamentos de pretensos discípulos de Cénzi, e não do archigos da fé concénziana", uma referência óbvia a Nico Morel e seus seguidores.

Ela também se viu contente por ver Erik ca'Vikej na missa, sentado várias fileiras atrás do banco real reservado para os kralji. Embora soubesse que Sergei ficaria irritado, e que a a'téni ca'Paim sem dúvida incluiria esse incidente no relatório semanal ao archigos Karrol, em Brezno, Allesandra pediu que um de seus assistentes voltasse para convidar ca'Vikej para vir sentar-se no banco com ela. Ele fez uma reverência ao sentar-se ao lado da kraljica. Seu sorriso reluziu, seus olhos

brilharam. Allesandra sentiu novamente a força de atração do homem — as pessoas para quem ela pediu para averiguar o passado dele disseram que ele era um desses sujeitos que as pessoas seguiam facilmente — um líder natural.

Também disseram que ca'Vikej era viúvo, que sua esposa morrera dando à luz o último de seus três filhos, que atualmente moravam com parentes no exílio em Namarro.

Ele daria um belo gyula, caso o moitidi que governava o destino lhe reservasse isso. E se acontecesse... bem, Allesandra, assim como Marguerite antes dela, acreditava que o casamento era uma excelente arma para se empunhar. E se o esposo fosse pelo menos agradável, isso era um bônus.

Depois da missa, ela permitiu que ca'Vikej lhe tomasse o braço enquanto eles saíam primeiro do templo. Allesandra acenou para aqueles que conhecia enquanto passava.

— Um alerta severo da a'téni — ele comentou; sua voz era quente e baixa, e seu hálito tinha o cheiro agradável de algum tempero oriental. — Obrigado, kraljica, por me dar o privilégio de me sentar com a senhora.

— Fiquei surpresa ao vê-lo aqui, vajiki — ela respondeu.

— Eu já pensei em me tornar um téni. Meu vatarh me fez mudar de opinião, mas desde então... — Allesandra percebeu que ele deu de ombros. — Eu ainda encontro grande conforto na Fé. Além disso, eu sabia que havia uma boa chance de a senhora estar presente.

— Ah? E como isso seria importante, vajiki? — perguntou ela.

Ele riu profunda, gutural e genuinamente. Allesandra gostou da risada, gostou da maneira como acentuava as rugas em volta de seus olhos.

— Eu ainda não tinha tido a oportunidade de agradecê-la devidamente pela dança no Gschnas, kraljica.

— Só isso? Todos os magyarianos são assim tão agressivamente corteses, vajiki?

Outra risada. Eles se aproximavam das portas, que foram abertas pelos ténis ali em postos. O céu ocidental sobre os prédios em torno da praça tinha toques de vermelho e laranja, como se as nuvens estivessem em chamas. Eles adentraram uma noite fria. Havia uma multidão de cidadãos reunidos — alguns saídos das portas laterais do templo para ver a kraljica, assim como os turistas curiosos habituais. A carruagem de Allesandra a aguardava a alguns passos de distância, e o condutor já segurava a porta aberta para ela. O povo vibrou quando a kraljica saiu do templo, e Allesandra acenou para eles.

— Não, infelizmente não — respondeu ca'Vikej enquanto a multidão urrava. — Mas eles não têm o incentivo da sua beleza; como pode ver, até seus súditos foram conquistados.

Foi a vez de Allesandra soltar uma gargalhada, parando momentaneamente.

— Noto que o senhor herdou a lábia de seu vatarh, mas não fico lisonjeada tão facilmente, vajiki. Perdoe-me se eu disser que suspeito que seus motivos são mais *políticos* que pessoais.

— Neste caso, a senhora estaria...

Erik ca'Vikej começou a responder, mas foi interrompido por um grito na primeira fila da multidão.

— Não traia a sua própria fé, kraljica! — uma voz masculina berrou.

A voz era estranhamente alta, como se ampliada pelo Ilmodo, e todas as cabeças se voltaram para ela. Os gardai destacados para conter a multidão foram bruscamente empurrados, como se uma mão gigantesca os tivesse jogado no pavimento, e um téni vestido de verde passou pela brecha. Allesandra viu que era um o'téni pela faixa da patente e reconheceu o homem, embora não soubesse seu nome; ela tinha vislumbrado seu rosto entre a equipe da a'téni ca'Paim.

— A senhora maculará Cénzi se trouxer o corpo de um herege numetodo para este local sagrado. Cénzi não permitirá isso!

O o'téni se aproximou. Allesandra sentiu o braço de ca'Vikej largar o seu.

— Aqueles que são verdadeiramente fiéis deterão essa farsa se for preciso!

O rosto do homem ficou retorcido enquanto ele gritava, e ele agora começava a entoar um cântico, suas mãos executaram o gestual de um feitiço. Mas Allesandra ouviu o assobio de aço sendo sacado de uma bainha, e ca'Vikej tinha saído de seu lado. Um braço musculoso estava em volta da cabeça do téni e a adaga na mão de ca'Vikej estava pressionada contra a garganta do homem.

— Mais uma palavra — Allesandra ouviu ca'Vikej dizer no ouvido do téni — e você não terá garganta para falar.

As mãos do téni caíram e ele interrompeu o cântico. Os gardai, voltando a se levantar, também cercavam o homem, e vários se postaram entre a kraljica e o téni. Ela ouviu berros e gritos. Allesandra sentiu que mãos a conduziam rapidamente para a carruagem. Por trás dos ombros uniformizados, ela viu o téni ser arrastado, ainda gritando.

— *... traindo a Fé... ela mesma não é melhor que um numetodo...*

Allesandra entrou na carruagem e viu ca'Vikej, que teve sua faca confiscada, também ser levado às pressas.

— Não! — ela gritou. — Tragam o vajiki ca'Vikej aqui.

Eles o levaram até a kraljica, sendo carregado por um garda em cada braço.

— Podem soltá-lo — ela ordenou para os gardai, que o soltaram com hesitação. — Deem-me a adaga dele — ela disse, e um garda entregou a arma. — Vajiki, na minha carruagem, por favor.

Enquanto a porta era fechada e o condutor fazia os cavalos seguirem adiante, Allesandra olhou para ca'Vikej. Ele estava desgrenhado, sua roupa rasgada, e havia um longo arranhão em sua cabeça raspada com gotas de sangue escuro. Ela ergueu a adaga de seu colo — uma arma longa e curva, feita em aço firenzciano escuro e acetinado, com um cabo de marfim esculpido. Ela virou a adaga em sua mão enquanto a admirava.

— Muito poucas pessoas têm permissão para portar uma arma na presença da kraljica — informou Allesandra, mantendo o rosto severo, sem sorrir. — Especialmente uma feita pela Coalizão.

Ca'Vikej inclinou a cabeça em sua direção.

— Então eu imploro seu perdão, kraljica. Vou me lembrar disso. Por favor, fique com ela como um presente; a lâmina foi forjada por meu vavatarh; e meu vatarh Stor me deu antes...

Ela viu um breve lampejo de dentes na escuridão da carruagem. As molas dos assentos rangeram quando eles passaram sobre o meio-fio do templo para a rua.

Allesandra permitiu-se sorrir.

— Eu agradeço o presente. Mas, neste caso, acho melhor devolvê-lo. Que isto seja meu presente para você.

Ela entregou a adaga para ca'Vikej. Ele a ergueu na mão e tocou o cabo com os lábios.

— Obrigado, kraljica. Agora essa adaga é mais valiosa do que nunca.

Allesandra observou ca'Vikej guardá-la novamente na bainha de couro gasta sob a blusa da bashta.

— Tem fome, vajiki? Podemos jantar no palácio, e depois... — Ela sorriu novamente. — Podíamos conversar, eu e o senhor.

Ele inclinou a cabeça, à moda magyariana.

— Eu gostaria muito.

Sua voz soou como o ronronar de um gato, e Allesandra sentiu-se agitar com o som.

— Excelente — respondeu a kraljica.

Rochelle Botelli

Ela não esperava voltar a Brezno. Sua matarh disse para evitar aquela cidade.

— Seu vatarh está lá — ela dizia. — Mas ele não vai reconhecê-la, e tem outros filhos agora, de outra mulher. Não, quieta, já disse! Ela não precisa saber disso.

As duas últimas frases não tinham sido dirigidas a Rochelle, mas às vozes que atormentavam sua matarh, as vozes que a levariam afinal à loucura e à morte. Ela agitou os braços diante de si como se, com isso, pudesse afastar as vozes como se fossem uma nuvem de vespas ameaçadoras, com olhos — tão estranhamente claros como os de Rochelle — arregalados e furiosos.

— Não irei, matarh — respondeu Rochelle.

Ela aprendeu cedo que era sempre melhor dizer para sua matarh aquilo que ela queria ouvir, mesmo que Rochelle não tivesse nenhuma intenção de obedecer. Isso ela aprendera com Nico, seu meio-irmão 11 anos mais velho. Nico tinha sido tocado pelo Dom de Cénzi, e sua matarh tinha dado um jeito de ele ser educado na fé concénziana. Rochelle nunca soube ao certo como sua matarh tinha conseguido isso, pois raramente os ténis aceitavam alguém que não fosse um ca' ou co' para ser um acólito, e, ainda assim, somente com muitas solas de ouro envolvidas. Mas ela o fez, e quando Rochelle tinha 5 anos, Nico saiu de casa para sempre, deixando a irmã sozinha com uma mulher que estava ficando cada vez mais instável e que ensinaria a filha a única e melhor habilidade que tinha.

Como matar.

Rochelle tinha 10 anos quando a matarh colocou uma faca longa e afiada em sua mão.

— Eu vou lhe mostrar como se usa isso — disse ela.

E assim começou. Aos 12 anos, Rochelle colocou suas habilidades em prática pela primeira vez — um homem na vizinhança que havia importunado algumas meninas. A matarh de uma das vítimas contratara o famoso assassino Pedra Branca para matá-lo pelo que ele fez com sua filha.

— Cubra os olhos dele com pedras — suspirou a matarh ao lado de Rochelle logo depois de esfaquear o homem, depois de enfiar a ponta da adaga desde as costelas até o coração.

As vozes nunca a incomodavam quando ela estava fazendo seu

trabalho; ela parecia lúcida, racional e concentrada. Era apenas depois...

— Isso vai absorver sua imagem capturada pelas pupilas, assim ninguém mais poderá olhar em seus olhos mortos e ver quem o matou. Bom. Agora, pegue a pedra do olho direito e guarde-a; esta você deve usar toda vez que matar, para guardar as almas que você tomou e a imagem de você os matando. A pedra no olho esquerdo, a pedra dada pelo cliente, você deixa no corpo, para que todos saibam que a Pedra Branca cumpriu o contrato...

Agora em Brezno, onde ela tinha prometido jamais ir, Rochelle enfiou a mão no bolso de sua tashta fora de moda. Havia duas pequenas pedras lisas ali, cada uma do tamanho de um siqil de prata. Uma delas era a mesma pedra que ela usou naquela ocasião, a pedra de sua matarh, a pedra que ela usou várias vezes desde então. A outra... era o sinal de que ela cumprira o contrato. Fora dada a ela por Henri ce'Mott, um cliente insatisfeito de Sinclair ci'Braun, um *goltschlager* — um fabricante de folhas de ouro.

— O homem me mandou material defeituoso — sussurrou ce'Mott roucamente na escuridão que escondia Rochelle de seu cliente. — Sua folha quebrou e ficou em pedaços quando tentei usá-la. O desgraçado usou ouro impuro para fazer as folhas, e sua grossura era irregular. Precisei usar o dobro de chapas e mesmo assim o folheado ficou visivelmente imperfeito. Eu estava folheando uma moldura para o decorador-chefe do Palácio de Brezno, para o retrato do jovem a'hïrzg. Disseram que eu poderia receber um contrato para *todos* os folheados do palácio, e isso me acontece... Ci'Braun me custou um contrato com o próprio hïrzg. Ainda mais insultante, o homem teve o desplante de se recusar a ressarcir o que paguei para ele, alegando que a culpa era *minha*, não dele. Agora ele anda dizendo para todo mundo que sou um péssimo dourador que não sabe o que faz, e muitos dos meus clientes desapareceram...

Rochelle ouviu a longa reclamação sem expressar emoção. Ela não se importava com quem estava certo ou errado na questão. E se fosse preciso escolher um lado, Rochelle suspeitava que o *goltschlager* estava provavelmente certo; ce'Mott certamente não a impressionara. Tudo que importava para ela era quem pagava. Na verdade, Rochelle suspeitava que ce'Mott era tão pública e notoriamente inimigo de ci'Braun que a Garde Hïrzg o acabaria prendendo depois que ela matasse o homem. Na Bastida de Brezno, ele certamente confessaria que contratou a Pedra Branca.

Isso tampouco importava. Ce'Mott nunca a tinha visto, nunca tinha vislumbrado seu rosto ou seu corpo, e ela havia disfarçado a voz. Ele não tinha nada para contar a eles. Nada.

Rochelle passou os últimos três dias vigiando ci'Braun, à procura — como a matarh a ensinou — de padrões que ela pudesse usar, de vulnerabilidades que pudesse explorar. As vulnerabilidades eram muitas: ele geralmente mandava seus aprendizes para casa e trabalhava sozinho na oficina à noite, com as persianas fechadas. A porta dos fundos da oficina dava para um beco geralmente deserto, e a tranca era antiga e facilmente arrombável. Rochelle esperou. Ela o observou e seguiu durante o dia. Ceou na taverna onde podia observar a porta da oficina. Quando ele fechou as persianas e trancou a porta, o sol desapareceu atrás das casas e os ténis-luminosos começaram a caminhar pelas avenidas principais para acender os postes da cidade, Rochelle pagou a conta e entrou sorrateiramente no beco. Ela verificou se não havia ninguém à vista, ninguém observando das janelas dos prédios que pairavam sobre ela. Rochelle arrombou a tranca em poucos segundos, abriu a porta e entrou, fechando a porta atrás de si.

Ela se viu em um depósito com finos lingotes de ouro — "zains", como ela descobriu que se chamavam — em pequenas caixas, prontos para serem prensados em folhas de ouro, que depois podiam ser forjados em chapas tão finas que era possível que a luz as atravessasse; folhas reluzentes de metal precioso que douradores como ce'Mott usavam para cobrir objetos. Na sala principal da oficina, Rochelle viu a luz de velas e ouviu uma batida seca e ritmada. Ela seguiu o som e a luz, parando atrás de uma enorme prensa de rolo. Uma longa faixa de folha de ouro projetava-se entre os rolos. Ci'Braun — um homem provavelmente em seus quase 60 anos, barrigudo e com uma pele grossa e enrugada — estava encurvado sobre uma mesa pesada de madeira, com um martelo de bronze em cada mão, batendo em pacotes de veludo com quadrados de folha de ouro dentro deles e cobertos por uma tira de couro. Ele suava, e Rochelle pôde notar os músculos dos braços incharem a cada martelada no veludo. Ele parou um instante, ofegante, e ela moveu-se nas sombras, deliberadamente.

— Quem está aí? — perguntou ci'Braun assustado.

Ela deslizou sob a luz das velas e sorriu timidamente. Rochelle sabia o que o homem estava vendo: uma jovem lépida prestes a desabrochar, talvez com 15 anos de idade, com o cabelo preto preso em uma longa trança que descia pelas costas da tashta. Ela segurava um rolo de tecido

embaixo do braço, como se tivesse comprado uma tashta nova em uma das muitas lojas da rua. Não havia nada minimamente ameaçador nela.

— Ah — exclamou o homem, pousando os martelos. — O que posso fazer por você, jovem vajica? Como entrou?

Rochelle gesticulou para o depósito atrás de si e colocou a outra tashta sobre a prensa de rolo.

— A porta dos fundos estava entreaberta, vajiki. Eu notei ao passar pelo beco. Pensei que gostaria de saber.

O homem arregalou os olhos.

— Eu certamente gostaria.

Ele se dirigiu para os fundos da oficina.

— Se algum daqueles meus aprendizes imprestáveis deixou a porta aberta...

Ci'Braun estava agora a um braço de distância de Rochelle. Ela deu um passo para o lado para deixá-lo passar, descobrindo a arma debaixo da tashta. A faca era a melhor opção: ele era corpulento e forte demais para o garrote, e veneno não era uma tática que ela pudesse usar facilmente com ele. Ela deu um passo em torno do homem enquanto ele passava por ela, quase o movimento de um dançarino, e a faca deslizou facilmente por sua garganta, um corte fundo na traqueia e na lateral, onde o sangue bombeava com mais força. Ci'Braun gorgolejou em surpresa, as mãos foram à nova boca que Rochelle abrira para ele, e o sangue fluiu entre seus dedos. Seus olhos ficaram arregalados e em pânico. Ela se afastou dele — a frente de sua tashta se sujara com uma enorme mancha vermelha — ele tentou persegui-la, tentou pegá-la com a mão ensanguentada. Ci'Braun conseguiu, surpreendentemente, dar dois passos quando Rochelle se afastou, antes de desmoronar.

— Impressionante — ela disse. — A maioria dos homens teria morrido imediatamente.

Rochelle agachou-se ao lado dele e grunhiu ao virar o homem de barriga para cima. Ela pegou as duas pedras lisas e claras no bolso da tashta arruinada e colocou uma sobre cada olho. Esperou alguns segundos, e ergueu a mão para tirar a pedra do olho direito, deixando a outra em seu lugar. Rochelle quicou a pedra na palma da mão e a pousou na prensa de rolo, ao lado da tashta limpa.

Sem pressa, ela despiu a tashta ensanguentada e a camisola, ficando nua no aposento a não ser pelas botas. Limpou a faca cuidadosamente na tashta suja. Havia uma pequena fornalha em uma parede; ela soprou as brasas até que brilhassem, depois colocou as roupas ensanguentadas

sobre elas. Enquanto as roupas queimavam, ela lavou as mãos, o rosto e os braços na bacia de água que encontrou sob a bancada de trabalho. Em seguida, ela vestiu a camisola e a tashta novas que trouxe. A pedra — aquela do olho direito de todos os contratos dela e da matarh —, Rochelle colocou de volta na pequena bolsinha de couro cujos longos laços deram a volta em seu pescoço.

Não havia vozes na pedra de Rochelle, como no caso da matarh. As vítimas não a atormentavam. Pelo menos não ainda.

Ela olhou mais uma vez para o corpo. Um olho vidrado e embaçado encarava o teto, o outro estava coberto pela pedra pálida — o sinal da Pedra Branca.

Em seguida, Rochelle voltou calmamente para o depósito. Olhou para as zains de ouro. Poderia tê-las levado facilmente. Elas teriam valido muito, muito mais do que a quantia que ce'Mott lhe tinha pagado. Mas isso era outra coisa que sua matarh a tinha ensinado: a Pedra Branca não rouba dos mortos. A Pedra Branca tinha honra. A Pedra Branca tinha integridade.

Ela destrancou a porta. Abriu uma nesga, olhou lá fora, prestando atenção ao som de passos nos paralelepípedos do beco. Não havia ninguém por perto — a viela estreita estava deserta, como sempre. Rochelle saiu de mansinho e fechou a porta novamente. Movendo-se lenta e tranquilamente, dirigiu-se para as ruas mais cheias de Brezno, sorrindo consigo mesma.

Sergei ca'Rudka

— Você já conseguiu falar com Varina? Pobre mulher... ela está tão abalada com a perda.

Sergei meneou a cabeça.

— Eu jantei com ela ontem, kraljica. Ela não está dormindo bem, a julgar por suas olheiras. Mandei meu curandeiro visitá-la com uma poção.

— Você é um homem muito gentil, Sergei.

Allesandra não estava voltada para ele, e seu comentário foi cuidadosamente enunciado. Ele não soube dizer se as palavras tiveram um toque de ironia ou não. Suspeitava que sim.

— Eu rezo para que, quando os assistentes de Cénzi pesarem minha

alma, muito em breve agora, eu flutue em Seus braços, ainda que de forma vacilante, kraljica. Mas esse, infelizmente, será um ato de equilíbrio um tanto ou quanto delicado.

Os dois estavam sentados na sacada dos aposentos externos de Allesandra no Grande Palácio, com vista para os jardins. As trompas soaram a Primeira Chamada há uma virada e meia. Abaixo deles, os jardineiros perambulavam sob o sol da manhã, regavam plantas e arrancavam ervas daninhas que se atreviam a crescer nos canteiros bem cuidados. À esquerda, os operários enxameavam os andaimes onde a fachada da ala norte ainda estava sob construção. A percussão descompassada dos martelos e talhadeiras impedia que os pássaros se aninhassem tranquilamente nas árvores.

Allesandra ergueu sua xícara de chá e suspirou. Ela parecia estar observando os trabalhadores construindo os blocos de granito. Sergei tomou seu chá. Ele tinha poucas dúvidas quanto a Allesandra saber de seus vícios; conforme envelhecia, os vícios iam ficando, de alguma forma, mais fortes e compulsivos. Enquanto estava em Nessântico, ele visitava a Bastida a'Drago quase todos os dias — muitos dos offiziers da Bastida tinham subido de posto enquanto Sergei ainda era comandante da Garde Kralji e depois da Garde Civile; o capitão ce'Denise fora um recruta contratado por ele há quase 40 anos. Eles permitiam que o embaixador perambulasse pelos níveis inferiores, que "visitasse" um prisioneiro ocasional, e caso ouvissem os uivos de dor, ignoravam o som (ou, muitas vezes, estariam com Sergei). Em Brezno, enquanto embaixador especial do hïrzg, ele havia contratado certas *grandes horizontales* que atenderiam a suas necessidades especiais em consideração a uma remuneração muito mais alta que ele costumava pagar por sua dor e silêncio.

Sergei frequentemente rezava para que Cénzi lhe retirasse esses impulsos, mas Ele nunca havia respondido. Ele tentara parar, mil vezes, e cada vez ele perdera a batalha.

Sergei era capaz de conduzir um exército e à vitória, mas aparentemente não era capaz de comandar a si mesmo.

Para o público, o "Velho Nariz de Prata" era generoso. Era um homem gentil, conhecido por suas contribuições para a caridade, e elogiado por seus serviços prestados e pela dedicação aos Domínios. Para os amigos, ele era leal e se doava ao máximo. Essa característica de Sergei, também, ele tentara melhorar com o passar dos anos, para compensar a outra.

O embaixador se perguntava que lado de sua personalidade seria lembrado quando ele morresse. Imaginava a que lado Cénzi daria mais

peso. Em breve ele descobriria, ele suspeitava. Não havia uma articulação que não doesse em seu corpo. Sergei arrastava os pés em vez de andar. Levava vários segundos para se levantar de uma cadeira, e às vezes suas costas se recusavam a endireitar. A prótese de nariz metálico colada ao rosto se destacava mais do que nunca no saco de carne enrugada onde se encontrava. Ele viveu mais que quase todos os seus contemporâneos. Sergei existia em um mundo onde todos pareciam ser mais jovens do que ele. Para essas pessoas, os eventos que ele testemunhou e participou eram história, e não memória.

— Soube que a senhora convenceu a a'téni ca'Paim a permitir que o Velho Templo seja usado para o funeral, apesar do confronto de ontem.

Allesandra concordou com a cabeça. Ela pousou a xícara e voltou-se para ele.

— Sim, na verdade, o confronto pode ter ajudado; ela se sentiu culpada por um de seus ténis ter se envolvido em tal ataque. Ainda assim, estou contente que o vajiki ca'Vikej estivesse lá.

Sergei fungou desdenhosamente. Ele sabia que ca'Vikej tinha passado muitas viradas da ampulheta no palácio e esperava que não tivesse sido pelo motivo que suspeitava — mas essa era uma pergunta que ele não podia fazer.

— Eu entrevistei o téni junto com a a'téni ca'Paim. O homem é um seguidor de Nico Morel, mas alega ter agido por conta própria. Eu acredito nele.

— Tenho certeza de que você o persuadiu a dizer a verdade — disse a kraljica com uma estranha inflexão na voz, mas ela se apressou em desviar o assunto antes que Sergei pudesse emitir opinião a respeito. — A a'téni ca'Paim parece achar que o archigos Karrol ainda ficará convenientemente indignado pelo uso do templo em honra a um numetodo.

Sergei ergueu um ombro dolorido.

— Ah, ele fingirá estar. Tem que fingir. Mas ele também entende que, sem a ajuda de Karl e Varina, os tehuantinos talvez estivessem festejando nas ruínas de Nessântico ou possivelmente andando pelas ruas de Brezno. Karrol não gosta das crenças dos numetodos, nem eu, mas compreende que eles se tornaram úteis, ocasionalmente.

— Hum.

Allesandra pousou sua mão sobre a de Sergei. Houve um momento, anos atrás, em que ele pensou que a kraljica pudesse estar atraída por ele, apesar da diferença de idade entre eles. Essa teria sido uma situação

horrível e embaraçosa, e ele estava feliz por Allesandra nunca ter levado o relacionamento para além da amizade. Agora ele se perguntava se ela tinha encontrado outra paixão em ca'Vikej.

— Eu realmente me preocupo com os morellis, Sergei — disse Allesandra. — Estamos tomando precauções, mas... todos os relatórios indicam que Nico Morel está em algum lugar na cidade, e a atitude dele em relação aos numetodos é bem clara.

— Clara e completamente irracional — disparou o embaixador. — Karl e Varina não fizeram mais do que ser gentis com ele quando garoto, e agora Nico se voltou contra os dois porque eles acreditam em coisas diferentes. Suponho que a senhora tenha alertado o comandante co'Ingres.

— Sim, e sugeri ao comandante que ele intensificasse as buscas a Morel e o prendesse na Bastida até depois do funeral.

A Bastida. Isso reavivava imagens de pedra escura e... outras coisas. Sergei moveu-se de forma inquietante na cadeira.

— É uma ideia sensata. Não queremos que o que ocorreu no último Dia do Retorno se repita. Allesandra, apesar das objeções de Varina, acho que você precisará agir contra nosso autoproclamado profeta e seus morellis em breve. Varina pode achar que ele é remível, mas Nico Morel é muito carismático e perigoso, e pessoas demais estão começando a ouvi-lo. O problema é que o archigos Karrol nutre alguma simpatia pelo garoto; a Fé não fará nada mais que lhe dar um puxão de orelhas. Se o archigos Karrol ou o hïrzg Jan pudessem descobrir uma maneira de usar os morellis contra você, eles usarão. Na melhor das hipóteses, Nico é uma distração desnecessária no momento; e você não vai querer que ele se torne algo mais.

Allesandra concordou, mas não disse nada. Sua mão voltou a seu próprio colo.

— O embaixador ca'Schisler, de Brezno, virá ao funeral — informou Sergei. — Eu falei com ele antes de vir para cá. Fiquei um pouco preocupado que a Coalizão não fosse representada, isso seria um terrível insulto à memória de Karl.

Ela concordou novamente, encarando o jardim.

— No que a senhora está pensando, kraljica? — perguntou o embaixador. — Sua mente está a quilômetros daqui.

Isso lhe rendeu um ligeiro sorriso.

— Nós fizemos coisas horríveis na nossa época, Sergei... coisas que, na ocasião, achamos que deveríamos fazer, mas, ainda assim, horríveis. Uma

vez, eu até mesmo...

Allesandra parou. Um músculo de seu maxilar contraiu quando ela fechou a boca. Os anos também estavam começando a cobrar seu preço da kraljica, Sergei pensou, especialmente nos últimos anos. Havia rugas acentuadas em sua boca e em volta de seus olhos, e seu cabelo estava salpicado de tons grisalhos.

— Acho que não se pode culpar alguém por estar disposto a cometer atos violentos em nome de uma causa — completou ela.

— Culpar, não — respondeu Sergei. — Mas deter os que ameaçarem Nessântico? Aprisioná-los ou executá-los se for necessário, para lidar com eles? Sim. E sem nenhum arrependimento.

— Você diz isso com tanta facilidade.

— Eu acredito nisso.

— Sinto inveja das suas convicções, então. — Ela pareceu tremer com o frio matinal, puxando mais a capa fina que usava sobre os ombros da tashta. — Eu quis tanto isso, Sergei. Eu queria ser kraljica. Eu me imaginei como a nova Marguerite, com o Trono do Sol aceso com sua antiga glória e muito mais.

Sergei se remexeu — nos últimos anos, desde o desastre com Stor ca'Vikej e a Magyaria Ocidental, ele vinha insistindo que Allesandra se reconciliasse com o filho. Ela sempre desprezara as insinuações com irritação, mas agora...

— Você ainda tem mais de três décadas para se igualar a ela — respondeu Sergei. — Pergunte aos historiadores como seus primeiros anos foram conturbados, se ainda não tiver perguntado. Você ainda pode *ser* Marguerite, se é isso o que você quer. Ainda há bastante tempo.

— Eu agradeço a opinião.

— E não acredita em mim.

— Sei o que você vai dizer em seguida, Sergei. Não precisa se incomodar. Não devíamos tentar nos iludir a esta altura. — Allesandra deu um tapinha na mão do embaixador mais uma vez. — Qual será o meu legado? Eu sou a kraljica Allesandra, que traiu o próprio filho para tomar o Trono do Sol. Não é isso o que dirão sobre mim? A kraljica Allesandra, que, se um dia quiser reunificar os Domínios, terá de destruir seu único descendente para fazê-lo. A kraljica Allesandra, que cometeu um erro ao apoiar Stor ca'Vikej e quase nos mergulhou em uma guerra plena com a Coalizão.

— Tome cuidado para não cometer outro erro com o filho de Stor.

Ele tinha ido longe demais; o olhar que Allesandra disparou em sua

direção foi tão agudo quanto a faca em seu cinto. Ele se apressou em mudar de assunto.

— É cedo demais para estarmos tão piegas, e nenhum de nós está bêbado o suficiente.

Sergei ficou aliviado ao ouvi-la rir pelo nariz, com a boca fechada.

— Karl está morto. Não sei o que há na morte dele que me abalou mais que todas as outras, mas abalou. De repente, eu me sinto mortal. Sergei, eu não vejo meu filho há cinco anos; ele só fala comigo através de você, meu amigo. Ele está sentado em um trono oposto. Meu filho me chama de inimiga. Enquanto isso, eu pouco fiz com o Trono do Sol a não ser tentar reparar o dano causado pelos ocidentais.

— Piegas — Sergei repetiu. — Vamos pedir aos criados para nos trazer vinho, assim pelo menos temos uma desculpa.

— Não é uma piada.

— Ah, mas é, Allesandra. Só não é engraçada para nós. Mas Cénzi certamente acha tremendamente engraçado. Quanto à mortalidade... olhe para mim. — Sergei abriu bem os braços. — Eu venho sentindo a mortalidade há um bom tempo. Na verdade, é uma maravilha que eu ainda consiga me mover. Comparada a mim, você não tem do que se queixar. Ainda tem todos os dentes. E o nariz.

Ele bateu no próprio nariz falso com a unha para que soasse metálico. Sergei viu que ela estava contendo o riso, o que fez ele mesmo sorrir.

— Quanto ao seu filho — ele continuou —, eu falarei com ele da próxima vez que for a Brezno. Eu já sugeri isso antes, como você sabe: talvez esteja na hora de vocês dois se sentarem para ver se conseguem chegar a um entendimento. Ele realmente ama e respeita você, Allesandra, mesmo que não o diga.

— Ele tem um jeito estranho de demonstrar isso. Quantos conflitos de fronteira já aconteceram, ainda mais numerosos do que nunca desde o desastre na Magyaria Ocidental? Ele achou que me daria o Trono do Sol e continuaria a ver os Domínios desmoronarem. Era isso o que ele queria.

— Em vez disso, a senhora manteve os Domínios coesos — Sergei respondeu —, que é do que eu venho tentando lhe convencer. Os Domínios sobreviveram, apesar do fato de que, sem sua presença orientadora, vários países teriam se separado ou deixado que a Coalizão os absorvesse. Você quase trouxe a Magyaria Ocidental de volta para os Domínios.

— E isso enfurece meu filho.

— Talvez — admitiu Sergei. — Mas também faz Jan respeitá-la, ainda

que de má vontade.

— Você acha?

— Eu sei que sim — respondeu o embaixador.

Era mentira, mas ele estava acostumado a mentir e sabia fazê-lo de maneira convincente.

Ele podia usar esta situação. Podia modificá-la a seu favor.

Depois. Mas agora, ele deu um tapinha na mão de Allesandra e sorriu novamente para ela.

— Eu falarei com Jan — repetiu Sergei. — E veremos.

Jan ca'Ostheim

Jan não sabia se podia acreditar na história.

— Ela está aqui, em Brezno, novamente? Tem *certeza*?

O comandante Eris co'Bloch, da Garde Brezno, assentiu, cofiando a ponta de seu bigode comprido e rebuscado.

— Parece certamente que sim, meu hïrzg. Ou alguém tentando dar essa impressão. O *goltschlager* ci'Braun foi encontrado com uma pedra clara sobre o olho esquerdo, exatamente como seu onczio, e nenhuma peça de ouro foi tocada; todos os lingotes foram deixados no lugar. Um assassino comum ou um ladrão teria levado o ouro. Infelizmente, todos os sinais apontam que este foi um assassinato de aluguel cometido pela Pedra Branca.

O archigos Karrol, que estava no palácio quando chegou a notícia, bufou desdenhosamente.

— Não há assassinatos da Pedra Branca há mais de uma década. Acho que isso é uma fraude. A verdadeira Pedra Branca ou está morta ou aposentada.

O comandante co'Bloch voltou seu olhar sereno para Karrol. O archigos, que se aproximava de seu sexagésimo aniversário, tinha sido um dia o a'téni Karrol ca'Asano, de Malacki, até Jan descobrir que o então archigos, Semini ca'Cellibrecca tinha traído Firenzcia. O archigos Karrol fora um homem corpulento, cuja presença e voz tonitruante dominavam um ambiente, embora grande parte da corpulência de outrora tivesse evaporado ao longo dos anos, a não ser pela barriga que ele mantinha. Seu cabelo havia rareado e recuado para revelar seu crânio nu; sua longa barba tornara-se irrevogavelmente branca; sua pele tornara-se pintada

de manchas marrons da idade; e sua coluna tão curvada que, ao andar, o archigos parecia encarar eternamente o chão e a bengala que usava para se apoiar. Nesse momento, ele encontrava-se sentado em uma cadeira, franzindo a testa.

— Isso certamente é possível, archigos — respondeu o comandante. — Mas, independentemente disso, no último ano ou dois eu recebi três ou quatro relatórios dentro da Coalizão que condizem com este aqui. Talvez a Pedra Branca tenha se cansado da aposentadoria, ou treinado um substituto.

— Ou alguém quer se aproveitar de sua reputação e está fingindo ser ela.

Co'Bloch deu de ombros.

— Isso também é possível, sim, mas isso importa, de alguma forma?

Jan ergueu uma mão e ambos os homens se voltaram para ele.

— Não é como se a Pedra Branca fosse velha demais. Ela era apenas alguns anos mais velha do que eu quando matou o hïrzg Fynn — comentou Jan, sem conseguir conter a esperança em sua voz; ele notou que Karrol o encarava de maneira estranha. — Ela estaria com quase 40 anos agora, não mais do que isso, no máximo. Ainda pode ser a verdadeira Pedra Branca.

Co'Bloch fez uma reverência para Jan.

— Eu já dei uma descrição da aparência dela na época aos meus offiziers, meu hïrzg, embora 15 anos mudem uma pessoa, especialmente se essa pessoa quiser mudar. A Pedra Branca pode estar bem diferente agora.

Jan lembrava-se muito bem da aparência da Pedra Branca, na época: "Elissa ca'Karina" era como se chamava na ocasião, e ele estivera perdidamente apaixonado por ela. Jan pensou que ela sentia a mesma coisa — acreditou tanto na paixão mútua que pediu para sua matarh, Allesandra, abrir negociações de casamento com a família ca'Karina. Antes que a família respondesse que a filha, Elissa, havia morrido quando era bebê, a Pedra Branca matou o irmão de sua matarh, Fynn, o então recém-empossado hïrzg, e fugiu da cidade. Jan a vislumbrou mais uma vez: em Nessântico, durante a guerra com os tehuantinos.

Na ocasião, ela salvara sua vida, e ele jamais conseguiria esquecer o último olhar que eles trocaram. Ele tinha a certeza de ter visto o amor refletido no olhar dela.

Embora Jan tivesse se casado desde então, embora sentisse uma afeição profunda e permanente pela esposa e pelos filhos, algo ainda se

agitava dentro dele quando pensava em Elissa. Ele ainda a procurava em suas amantes.

Por que ela voltaria aqui? Por que retornaria a Brezno?

Jan viu-se dividido entre sentimentos conflitantes — da mesma forma que se sentiu quando pensava nela no primeiro ou segundo ano depois de ter assumido a coroa de hïrzg. Ele sentia repulsa pelo que Elissa fizera com Fynn, a quem Jan amou como a um irmão mais velho, e, ainda assim, se sentia atraído por ela, pela memória do riso, dos lábios, do sexo, da alegria pura de estar com ela. Jan tentou conciliar as imagens conflitantes em sua mente inúmeras vezes.

Ele sempre fracassava.

Jan enviou agentes em busca de Elissa nos anos seguintes. Não sabia ao certo o porquê, não sabia ao certo o que faria com ela se fosse capturada. Tudo o que ele sabia era que *queria* Elissa, queria sentar-se com ela e descobrir a verdade. A respeito de tudo. Queria saber se ela o tinha amado como ele a amou, queria saber se ela o tinha usado apenas para se aproximar de Fynn, queria saber por que ela o salvara em Nessântico.

Sergei ca'Rudka sugerira que Elissa — qualquer que fosse seu nome real — poderia ter sido a responsável por tirar o jovem Nico Morel de sua matarh durante o Saque de Nessântico. Mas quando Jan entrevistou o jovem téni Morel, que na época tinha sido designado para o Templo do Archigos, em Brezno, ele alegou não ter ideia se a mulher — a quem ele chamava de Elle Botelli — alguma vez tinha sido a Pedra Branca ou onde estaria no momento. "Nós sempre nos mudávamos", contou Morel para o archigos Semini, quando indagado. "Ela jamais ficava mais que meio ano em um único lugar, geralmente menos do que isso. A mulher tinha sido tocada, isso eu posso dizer — os moitidi a infligiam com vozes. Este era o castigo de Cénzi por seus pecados."

Morel — ele mesmo era um enigma, não menor que a Pedra Branca: um acólito incrivelmente charmoso e talentoso, e um téni desde o início marcado para rápido crescimento. Mas ele se tornara um agitador obstinado e eloquente, que acabou sendo expulso da Ordem dos Ténis ao declarar que o archigos Karrol e a Fé não apoiavam mais os princípios de Cénzi. O arrivista insistira em que o archigos Karrol admitisse seus erros ou fosse removido à força do trono. O jovem tinha chegado mais perto do sucesso do que Jan ou Karrol poderiam esperar. Ainda havia ténis dentro da fé concénziana que seguiriam o carismático Nico se fossem chamados por ele.

Jan balançou a cabeça para afastar seus pensamentos.

— Encontre essa assassina, quem quer que ela seja — disse o hïrzg para o comandante. — Não me importa que recursos sejam necessários. A Pedra Branca ou alguém fingindo ser ela esteve na cidade há menos de um dia. E talvez ainda esteja. Encontrem-na.

O comandante fez uma reverência, ajeitou o bigode mais uma vez, e se ausentou.

— Não pode ser ela — insistiu Karrol. — Deve ser uma impostora. Pode nem ser uma mulher.

— Por quê? Por que pode nem ser *ela*?

Karrol balbuciou momentaneamente e limpou a boca com a mão grande.

— Simplesmente não *parece* verdade — resmungou o archigos.

Jan franziu a testa. Tudo isso não deveria ter importância, de todo modo. Ele era casado há muito tempo, e apesar da afeição que sentia por Brie ca'Ostheim não arder com tanto calor e nem com tanta intensidade quanto seu amor por Elissa, ele a respeitava e gostava de sua companhia. A família de Brie tinha ótimos contatos políticos; ela compreendia os deveres, as obrigações e as sutilezas sociais de ser uma hïrzgin. Ela tinha lhe dado quatro belos filhos. Parecia amá-lo genuinamente. Havia uma amizade entre eles, e Brie sabia fazer vista grossa para suas amantes ocasionais. Jan devia se contentar.

Mas Elissa... Havia mais alguma coisa ali. Ele ainda sentia a paixão arder ocasionalmente, como o incômodo de uma velha cicatriz que considerava há muito tempo curada. Agora, essa antiga cicatriz parecia estar completamente aberta. *A Pedra Branca voltou...*

Não havia mais nada que ele pudesse fazer a respeito. Co'Bloch a encontraria, ou não. Jan respirou fundo e soltou o ar novamente.

— Já chega. Archigos, do que você queria falar antes de o comandante nos distrair?

Karrol ergueu a cabeça. O movimento pareceu doloroso; os nós dos dedos apertaram sobre o cajado.

— O embaixador Karl ca'Pallo, de Paeti, o a'morce dos numetodos, morreu.

— Eu sei — Jan respondeu com impaciência. — Eu vi a notícia na última mensagem do embaixador ca'Rudka. E daí?

— Eu sei que o senhor relutou que a Fé agisse contra os numetodos, em consideração à ajuda que ca'Pallo deu ao senhor e à sua matarh no passado. Mas... eu me pergunto se agora...

— Se agora *o quê*? — interrompeu Jan.

Esse era um velho, muito velho conflito — conflito esse no qual o antecessor de Karrol, Semini, havia acreditado; e pelo qual o vatarh-por-casamento de Semini, Orlandi, havia lutado: em que os numetodos eram uma ameaça aos fiéis concénzianos, pelo uso da magia proibida, pela falta de fé em qualquer um dos deuses, pela dependência da lógica e da ciência para explicar o mundo. Uma batalha em que Nico Morel também lutava, com mais rigidez e voracidade que o próprio archigos. Já Jan não estava tão convicto. Para ele, crer na fé concénziana era uma obrigação de seu título, nada mais — era como um casamento político.

— Você quer se tornar um morelli agora, archigos, e começar a perseguir os numetodos de novo? Particularmente, acho isso um pouco irônico, uma vez que isso é o que Morel sempre quis que a Fé fizesse desde o início.

— Morel foi destituído de seu título como o'téni porque não aceitava a orientação de seus superiores — respondeu Karrol. — Ele era insubordinado, impaciente e acreditava que era melhor que qualquer a'téni, até mesmo que eu. Ele alega que fala diretamente com Cénzi. É um louco. Mas até mesmo os loucos dizem coisas que fazem sentido ocasionalmente.

— Você sabe o que eu penso sobre a questão.

— Eu sei. E sei que seu apoio à fé concénziana é forte, meu hïrzg.

Jan riu-se ao ouvir isso; ele já não sabia mais em que acreditar, embora fizesse os gestos à Cénzi.

— Mas, se me permite um pouco de honestidade nua e crua, meu hïrzg, o senhor dá ouvidos demais ao embaixador ca'Rudka. O Nariz de Prata não acredita em nada que não beneficie seus próprios interesses.

— E você gostaria que eu desse mais ouvidos a você, não é mesmo, archigos?

— Eu me gabo de saber mais do senhor que o Nariz de Prata, meu hïrzg.

Jan fungou desdenhosamente. Gabar-se era, de fato, algo que o archigos fazia muito bem.

— Sua matarh se alia aos numetodos — continuou Karrol. — Os relatórios que recebo da a'téni ca'Paim...

— Eu recebo os mesmos relatórios — interrompeu Jan. — E conheço a minha matarh. Melhor do que você.

— Sem dúvida — respondeu Karrol. — O senhor sem dúvida sabe que o filho de Stor ca'Vikej, Erik, também está em Nessântico. Com certeza à procura de ajuda para tomar o trono que seu vatarh não conseguiu tomar.

Cada dia que Allesandra permanece no Trono do Sol, ela se torna mais forte, meu hïrzg.

Jan fez uma careta. Ele tendia a concordar com Karrol nessa questão, ainda que nunca admitisse. Ele tinha dado a Allesandra o título que há muito ela cobiçava, quando Nessântico estava derrotada e destruída. Parecia um castigo adequado na ocasião, uma ironia à qual ele não se podia furtar. Mas, de alguma forma, ela conseguira voltar essa ironia contra ele. Jan esperava que sua matarh enfraquecesse e fracassasse, para que percebesse seus erros e implorasse por seu perdão e ajuda; mas Allesandra não o fez. Ela reconstruiu a cidade e conseguiu manter coesas as frágeis conexões entre os vários governantes dos países que compunham os Domínios. No caso de Stor ca'Vikej, ela quase trouxe a Magyaria Ocidental de volta para os Domínios — e *teria* conseguido, se realmente tivesse enviado todo o exército nessanticano em apoio ao exército desorganizado de fiéis do sujeito. Diante dessa possibilidade, Jan colocou em ação todo o poderio militar de Firenzcia para sufocar a rebelião.

A Coalizão Firenzciana fora incapaz de lucrar com a desgraça de Nessântico. Il Trebbio juntou-se brevemente à Coalizão como resultado da invasão tehuantina para, alguns meses depois, retornar aos Domínios quando Allesandra lhes ofereceu um acordo melhor e casou uma das filhas de ca'Ludovici com o atual ta'mila de Il Trebbio. Nammaro entrou em negociação com Brezno, mas em seguida se afastou também.

Não, a matarh tinha se mostrado muito habilidosa em termos políticos, e Jan deveria ter sabido disso. Ele devia ter ficado com o Trono do Sol, devia ter unido os Domínios à Coalizão à força enquanto o exército ainda estava na cidade. Ele podia ter feito isso tudo, mas era jovem, inexperiente e ficou cego com a chance de humilhar sua matarh.

Não era uma oportunidade que ele deixaria passar novamente. E se o Nariz de Prata ca'Rudka estivesse certo, Jan poderia ter essa oportunidade. Em breve.

Ouviu-se uma batida discreta e suave na porta — era Rance ci'Lawli, seu secretário-chefe e assistente, para avisá-lo que o Conselho dos Ca' estava na câmara à sua espera. E havia algo que Jan queria perguntar a ele, em todo caso: ele não via Mavel ci'Kella já há dois dias...

Jan sorriu de maneira sombria para Karrol.

— Deixe minha matarh comigo e preocupe-se com o trabalho de Cénzi, archigos. Agora eu tenho outras obrigações...

Karrol levantou-se da cadeira de má vontade. Curvado, fez o sinal de

Cénzi para Jan.

— Os trabalhos de Cénzi estendem-se até mesmo aos assuntos de Estado, meu hïrzg.

— Como você sempre diz, archigos — retrucou Jan. — Interminavelmente.

Varina ca'Pallo

O dia do funeral estava apropriadamente sombrio. Nuvens pesadas e preguiçosas pendiam em um céu plúmbeo e açoitavam Nessântico com ocasionais respingos de chuva gelada. A cerimônia no Velho Templo tinha sido interminável, vários dignitários declamaram discursos elogiosos a Karl. Até mesmo a kraljica ergueu-se e fez um discurso. Varina não ouviu quase nada, na verdade. Todas as frases gentis e rebuscadas transformaram-se em um barulho sem sentido.

Ela sentou-se no primeiro banco, com Sergei de um lado e a kraljica do outro, e encarou o esquife onde o corpo de Karl estava deitado. A própria Varina sentia-se morta por dentro. Todas as palavras rebuscadas de admiração teriam o mesmo efeito se tivessem sido ditas em alguma língua estrangeira. Elas não a tocaram. Varina olhou fixamente para o corpo de Karl. Ele parecia *errado*, como se o cadáver deitado ali fosse alguma estátua de cera malfeita. Karl talvez estivesse em outro lugar qualquer no templo, rindo do que estava sendo dito a seu respeito. Em dado momento, Sergei aproximou-se para cochichar alguma coisa em seu ouvido. Varina não ouviu o embaixador; simplesmente assentiu e ele voltou a se recostar em sua cadeira.

Havia uma máscara de luto em seu colo: uma face branca, sem expressão, feita de porcelana fina, com lábios fechados e muito vermelhos, órbitas cobertas por mechas de tecido preto e uma renda negra colada ao topo que caía sobre a face toda. A máscara estava montada sobre uma longa haste, para que Varina pudesse fechar as mãos sobre o colo e ainda cobrir o rosto com ela caso quisesse privacidade. A máscara parecia ser pesada demais para ser levantada e absolutamente inadequada para cobrir sua dor.

Os murais do recém-reconstruído Grande Domo de co'Brunelli tinham sido cobertos por cortinas de seda: todas as imagens de Cénzi e dos moitidi tinham sido escondidas porque um numetodo — um terrível

pagão herege — estava deitado sob elas. Varina o percebeu sem realmente notar. Os vasos sagrados e panos bordados tinham sido retirados do altar no coro, até mesmo os baixos-relevos entalhados nos suportes grossos tinham sido cobertos.

Ela devia ter achado graça ao notar aquilo. Karl teria achado, certamente. Ela *achava* graça, em algum lugar distante. Ela sentia que "Varina" estava em algum lugar qualquer, observando esse simulacro insensível e inflexível de si mesma.

Varina notou que as pessoas ao seu redor estavam de pé, que vários numetodos se locomoviam para suas posições ao lado do esquife. O plano era que o esquife seguisse em procissão pelas ruas em volta do Velho Templo até o pátio externo do Palácio da Kraljica, onde uma pira aguardaria o corpo. Era uma distância relativamente pequena de cerca de dois quarteirões e meio na Ilha a'Kralji — muito mais curta que as grandes procissões em honra à kraljica Marguerite ou ao kraljiki Justi, que quase completaram o círculo completo da Avi a'Parete em volta da cidade.

Nessântico ainda era cautelosa quanto a celebrar demais os numetodos.

Varina observaria o corpo dele ser consumido pelas chamas, e depois...

Ela não queria pensar sobre isso. Não queria contemplar o resto do dia, voltar à residência do embaixador na Margem Sul, onde o fantasma de Karl assombraria cada canto e cada memória, onde ela seria constantemente lembrada da perda que sofreu.

Varina nunca mais dormiria a seu lado. Jamais o abraçaria de novo. Nunca mais falaria com ele. Ela sentia-se vazia de tudo que tinha importância, sentia-se morta. Se alguém lhe cortasse as mãos ou enfiasse uma faca em seu coração ela não sentiria nada.

Nada.

Varina estava de pé, ao lado dos demais. Ela se deu conta disso tardiamente e perguntou a si mesma se tinha se levantado sozinha ou se alguém a tinha ajudado. Ela não se lembrava. Varina piscou pesadamente. O esquife com o corpo de Karl, com as mãos postas sobre a elegante bashta branca e a faixa verde de Paeti, agora passava por Varina; ela se arrastou imediatamente atrás dele, seguida pelos demais. Sergei permaneceu a seu lado, com sua bengala de ponta prateada batendo nos ladrilhos, seu rosto de ponta prateada olhando rigidamente para frente; a kraljica Allesandra e a a'téni ca'Paim vinham imediatamente atrás deles, em seguida vinham os vários ca' e co' da cidade, os representantes

diplomáticos residentes em Nessântico e, finalmente, os numetodos.

As portas do Velho Templo foram abertas. Mesmo sob o céu sombrio, a luz fez Varina estreitar os olhos. Ela podia sentir o cheiro de chuva no ar, e os paralelepípedos da praça estavam úmidos. Os curiosos também tinham vindo: estavam apinhados atrás das fileiras da Garde Kralji e de utilinos que mantinham um largo corredor aberto para que os convidados do velório pudessem passar. Varina podia sentir seus olhares voltados para ela, e levou a máscara de luto ao rosto, isolando-se do mundo.

As carruagens estavam ali, à espera, juntamente com a carroça funerária puxada por três cavalos brancos em quatro arneses, o espaço vago à esquerda evidentemente vazio. Atrás da carroça funerária havia duas carruagens da kraljica puxadas por cavalos negros, uma para Varina e Sergei, que iria com ela, a outra, para Allesandra. A carruagem da a'téni ca'Paim vinha a seguir, sem cavalos, apenas com um téni-condutor de robes de luto brancos no assento, pronto para girar as rodas com o poder do Ilmodo. O restante dos convidados do velório viria atrás — aqueles que quisessem acompanhar a procissão até a pira. Muitos não iriam, Varina sabia — eles já tinham sido vistos, essa era a principal razão de sua presença: para que a kraljica e a'téni ca'Paim notassem seus rostos e soubessem que eles tinham cumprido com sua obrigação social e prestado homenagem.

Um criado abriu a porta dourada da carruagem para ela e ofereceu a mão para ajudá-la a subir. Varina sentiu a suspensão da carruagem ceder com seu peso, depois ceder novamente quando ela se ajeitou no assento macio de couro e Sergei colocou seu peso no degrau e abaixou a cabeça para entrar. Varina deixou a máscara de luto cair novamente em seu colo. O embaixador sorriu gentilmente para ela ao se ajeitar no assento soltando um gemido enquanto o criado fechava e trancava a porta.

— Como você está, minha querida? — perguntou Sergei.

Ele gemeu novamente ao mudar de posição no assento. Varina ouviu seu joelho estalar quando ele o flexionou.

Por um momento, ela não ouviu nada além de sílabas sem sentido. Foi preciso um segundo para interpretar a questão e encontrar o sentido.

— Eu não sei — admitiu Varina —, mas estou contente que esteja aqui comigo. Karl... Karl teria apreciado.

Ele inclinou-se para frente e tocou seu joelho levemente por um momento — o gesto de um confidente. Sombras deslizavam sobre seu nariz de prata, em volta do rosto muito enrugado.

— Ele foi um bom amigo para mim, Varina. Vocês dois foram. Vocês literalmente salvaram minha vida, e eu jamais me esquecerei disso. Jamais.

Ela meneou a cabeça.

— Essa dívida, de uma forma ou de outra, foi paga várias vezes entre você e Karl. Não precisa se preocupar.

— Ah, eu não me preocupo — respondeu Sergei, e ela ponderou o comentário antes de deixá-lo ser levado pelo vento como todo o resto. Sem importância. A carruagem deu um solavanco, um dos cavalos bufou, e eles começaram a andar. Varina pôde ouvir as rodas com bordas de aço baterem nos paralelepípedos irregulares do pátio do Velho Templo. Permaneceu em silêncio, sem olhar para Sergei ou para a vista lá fora, mas sim para o interior de sua própria mente, onde o rosto de Karl ainda vivia. Ela se perguntou se começaria a esquecer os traços familiares, o sorriso enrugado e os olhos. Ela se perguntou se ele desapareceria, e se um dia, quando ela tentasse evocar seu rosto, ela não conseguiria fazê-lo.

Varina ouviu vozes do lado de fora da carruagem, mas não lhes deu atenção. Sergei, no entanto, se ajeitou no assento à frente dela, afastou as cortinas com a mão e meteu o nariz de prata no vidro ondulado. Adiante do embaixador, ela pôde notar as filas de espectadores atrás dos gardai, e depois deles...

Uma pessoa enorme apareceu: um gigante vestido de verde, sua cabeça era maior que a carruagem onde os dois estavam, e seus ombros tão largos quanto três homens enfileirados, vestindo uma imitação do robe verde de um téni, os olhos brilhando com um fogo vermelho que fazia as sombras das pessoas entre eles disparar na direção da carruagem. Vozes de um cântico pareciam vir daquela direção, e Varina percebeu que não era uma pessoa, mas sim alguma espécie de boneco gigante, manipulado por hastes. Ele balançava e dava voltas sobre as cabeças dos espectadores, que agora se voltavam para o boneco em vez da procissão funerária.

Varina percebeu quem o boneco deveria representar nesse momento: Cénzi. Ela já tinha visto imagens do deus feitas dessa forma, com olhos brilhando ao lançar fogo nos moitidi que se opuseram a Ele. Mas o deus-boneco não encarava Varina, mas sim o espaço diante da carruagem — o espaço onde o esquife de Karl estava.

— Sergei?

O embaixador tinha aberto a janela da carruagem e chamado um garda da fila, que correu até ele.

— Quem está fazendo isso? — ele perguntou.

— Os morellis — respondeu o garda. — Eles se reuniram atrás da multidão, e quando o esquife se aproximou, aquela *coisa* de repente se ergueu.

— Bem, abaixe aquilo antes que... — Isso foi tudo o que Sergei conseguiu dizer.

O deus-boneco rugiu.

O som e o calor do berro a invadiram. O boneco ergueu a carruagem — Varina ouviu cavalos e pessoas gritando enquanto sentia ser levantada — e fez Sergei cambalear e cair sobre ela. Seus corpos se chocaram com força, e a carruagem, erguida pelo vento do grito do deus-boneco, caiu no chão com força.

Devem ter havido mais berros e mais sons, mas Varina não conseguia ouvir nada. Ela própria estava gritando; ela sabia disso, sentia pela rouquidão em sua garganta, mas não ouvia nenhum som. Varina sentiu gosto de sangue em sua boca, e Sergei estava se debatendo, tentando se desvencilhar dela, enquanto berrava também. Ela podia ver que os lábios do embaixador murmuravam seu nome — "Varina!" —, mas tudo que pôde ouvir foi o restante do rugido do deus-boneco, ecoando e ecoando.

Então ela se lembrou.

— Karl! — ela gritou silenciosamente, enquanto empurrava Sergei e tentava sair dos destroços da carruagem.

Varina viu a rua e os cavalos caídos de lado, ainda nos arreios e se debatendo violentamente contra o chão, e corpos de pessoas aqui e ali.

Especialmente em volta do esquife, que queimava e soltava fumaça no meio do pátio.

Niente

A cidade insular de Tlaxcala reluzia como um osso branco nas águas cor de safira do lago Ixtapatl, mas a atenção de Niente não estava voltada para ela. Toda a sua atenção estava voltada para a tigela de bronze e sua água tremeluzente diante dele.

A tigela premonitória. A tigela que continha todos os futuros possíveis. Eles nadavam diante dos olhos de Niente, apagando a realidade. Ele viu guerra e morte. Viu uma montanha fumegante explodindo. Viu uma rainha em um trono brilhante, e um homem em outro trono. Viu exércitos

rastejando sobre a terra, um com estandartes azuis e dourados, e outro com estandartes pretos e dourados. Viu um exército de guerreiros e nahualli vindo contra eles. Ainda que, para além da guerra, por um longo, longo caminho, havia esperança. Havia paz. Havia reconciliação. *Entre em guerra e encontrará a paz.* Era o que o deus Axat parecia estar dizendo a ele. As imagens envolveram Niente, quentes e gentis, e ele se deleitou com seu calor...

— Taat Niente?

Vatarh Niente.

A pergunta veio acompanhada de um toque em seu ombro que lhe quebrou a concentração, e Niente, de má vontade, afastou seu olhar dos futuros que nadavam nas águas da tigela. A luz esmeralda que iluminava seu rosto desapareceu com o passar do feitiço, e sua alma retornou à cidade sentindo um estremecimento. Ele estava no topo da Teocalli Axat, a pirâmide alta de degraus que era o templo da deusa-lua Axat. A Teocalli Axat não era a estrutura mais alta da cidade — essa honra pertencia à Calli Tecuhtli, a Casa do Rei, embora o Teocalli Sakal, o templo do deus-sol, fosse apenas alguns palmos mais baixo. Ainda assim, do cume em que Niente se encontrava, toda a Tlaxcala se estendia diante dele: os canais que serviam como estradas e reluziam como lanças, repletos de *acals*, as pequenas embarcações aquáticas a remo usadas como transporte dentro da cidade insular; as enormes praças repletas de pessoas com seus destinos desconhecidos; o mercado com milhares de barracas. Atrás do mercado surgia o Calli Tecuhtli, com sua fachada decorada com os crânios esbranquiçados de guerreiros conquistados. Além da cidade e do lago onde ela se assentava, o grande vale era cercado por picos nevados, com uma trilha de cinzas fumegantes que saiam do cume do vulcão Poctlitepetl e das montanhas vizinhas sendo levadas pelo vento. O sol já havia se posto atrás das encostas, embora o céu do oeste ainda ardesse, com os flancos das nuvens mais baixas tocados pelas cores do fogo, enquanto o leste tinha um tom púrpura intenso, onde as primeiras estrelas reluziam.

A vista magnífica do cume do Teocalli Axata nunca deixava de emocionar Niente, nunca deixava de fazer seu coração bater mais forte em seu peito. Ele amava esta terra. Sua terra. E Niente era grato a Axat por lhe dar a esperança de que ela ainda se tornaria a sede de um grande império.

— Taat?

Vatarh.

Ele finalmente se voltou para o jovem ofegante após a longa subida pelos degraus do templo, com os braços cruzados sobre o peito — o filho de Niente.

— Eu ouvi você, Atl — respondeu Niente. — É mais tarde do que eu pensei. Sinto muito. Xaria mandou você?

Atl sorriu para ele.

— A na'Xaria disse que, se o senhor não voltar logo para casa, ela dará seu jantar para os cães e o senhor poderá lutar com eles por sua comida. Ela também disse que o senhor dormirá com os cachorros.

Niente devolveu o sorriso. A expressão repuxou as cicatrizes em seu rosto. Ele sabia que aparência seu rosto tinha, sabia o preço que as décadas lançando os feitiços de Axat e olhando sua tigela premonitória tinham lhe custado, assim como tinham custado a cada nahualli que utilizara tão intensamente o poder Dela. Seu olho esquerdo era horrivelmente cego e branco; sua boca também caía para este lado, como se sua pele tivesse derretido. Cicatrizes sulcadas e protuberantes franziam seu rosto e corpo; seus músculos tremiam em sacos de pele como se tivessem murchado dentro dele. Niente parecia ser dois punhados de anos mais velho do que era.

Mas nenhum nahualli ousaria desafiá-lo para tentar arrancar de Niente o título de nahual. Não. Ele era o famoso nahual Niente, cujos feitiços tinham expulsado o exército de orientais da terra de seus primos ao longo da costa, que acompanhara o tecuhtli Zolin na travessia do Grande Mar até a terra dos orientais, o império dos Domínios, que queimara a grande capital dos orientais, e que alertara o tecuhtli Zolin das consequências de sua arrogância, mesmo quando o tecuhtli se recusara a lhe ouvir. Ele era o nahual Niente, que ao lado do tecuhtli Citlali havia destruído a última fortaleza dos orientais nos Hellins — a cidade de Tobarro — e encerrado a ocupação dos Hellins por parte dos Domínios para sempre.

Ele era o nahual Niente, cuja fama se aproximava e até mesmo superava a do grande Mahri.

Não, os nahualli se contentavam em deixar Axat levar Niente quando Ela quisesse. Contentavam-se em ver seu corpo queimar lentamente a mando da deusa, um pouquinho a cada dia. Os nahualli que quisessem o título de Niente se contentavam em serem pacientes, em esperar.

Até mesmo o próprio filho, que também era um nahualli.

Niente esfregou o bracelete de ouro preso ao seu antebraço direito: o símbolo do nahual. No topo do teocalli, os nahualli mais jovens acendiam os caldeirões de óleo que queimariam a noite inteira. Eles inclinaram a

cabeça para Niente.

— Boa noite para o senhor, nahual Niente! — clamaram os nahualli.

Niente quase podia acreditar na sinceridade de suas vozes. Os caldeirões já estavam acesos nos outros teocaltin da cidade e no topo da Calli Tecuhtli. Por toda a cidade, lanternas arranhavam a noite. Tlaxcala brilhava com um tom amarelo na escuridão do vale, uma cidade que nunca dormia.

Niente deu um tapinha no ombro de Atl. Com dois punhados de anos de idade, seu filho tinha um corpo atlético, e embora tivesse sido treinado como nahualli, ele poderia ter entrado facilmente na classe guerreira.

— Vamos para casa — disse Niente. — Eu tenho fome suficiente para comer aqueles cachorros se eles se meterem no caminho.

Ele jogou a água da tigela nas pedras e secou o latão com a barra do robe. Guardou o objeto em sua bolsa de couro e pendurou no pescoço. Os dois começaram a descer a longa e íngreme escada. Niente descendo cuidadosamente e observando que Atl se mantivera próximo ao seu cotovelo. Se Atl fosse qualquer outro nahualli, ele talvez se sentisse ofendido, mas estava feliz pela consideração do filho.

Enquanto desciam, Niente viu um jovem com as roupas azuis da equipe do tecuhtli subir a escada em sua direção — um dos pajens do tecuhtli. Niente parou e deixou que o menino se aproximasse. O pajem fez uma mesura e ficou prostrado nos estreitos degraus de pedra, aos pés de Niente.

— Levante-se — mandou Niente. — Qual é a sua mensagem?

— O tecuhtli exige sua presença, nahual.

Niente deu uma gargalhada, o que assustou o garoto.

— Acho que os cães serão bem alimentados esta noite — falou ele para Atl. — Diga para sua na'Xaria que a culpa é do tecuhtli, não minha.

A Calli Tecuhtli ficava no próximo *calpulli*, os bairros nos quais a cidade era subdividida por canais e grandes alamedas. Niente seguiu o pajem através do flanco de terracota de um dos aquedutos que fornecia água potável para a cidade — as águas do lago Ixtapatl eram um tanto quanto salobras — e por uma das muitas pontes arqueadas da cidade insular que levava à praça diante da Calli Tecuhtli. Diante dele, a pirâmide de Calli surgia como o próprio Poclitepetl, com seu cume também fumegante, não com cinzas e lava, mas com o fogo dos caldeirões de óleo. A praça estava apinhada de gente: visitantes de outras cidades que vinham ver a glória da capital Tlaxcala; cidadãos fazendo pedidos a um ou outro dos

inúmeros burocratas que, na verdade, governavam a cidade; guerreiros supremos marcados por cicatrizes e tatuagens que serviam ao tecuhtli. Todos deram passagem a Niente, com cabeças inclinadas e saudações murmuradas, enquanto ele subia a escada e seguia o pajem. Ao terceiro nível da pirâmide, o pajem parou e conduziu Niente a uma alcova acortinada um pouco afastada. Ele bateu no tambor do lado de fora e levantou a tapeçaria pesada e bordada, fazendo sinal para Niente entrar.

A sala — o cômodo mais externo dos aposentos do tecuhtli — era luxuosa. As paredes eram pintadas em cores vivas com imagens de aves de rapina e guerreiros solenes. Tapetes de tecidos quentes e bordados cobriam o chão. Citlali estava sentado em uma cadeira de madeira entalhada, forrada com muitas almofadas, diante de uma mesa com vários pratos fumegantes.

— Ah, nahual Niente. Sente-se. Coma comigo; com certeza a pobre Xaria já desistiu de contar com você para a ceia.

A tatuagem de águia em tinta vermelha, a insígnia do tecuhtli, parecia se contorcer na grande cabeça raspada de Citlali enquanto ele falava. Ele fez um gesto na direção da cadeira posta do outro lado da mesa.

— Obrigado, tecuhtli — respondeu Niente, afundando-se na cadeira e soltando um suspiro. — Infelizmente, eu me esqueço do tempo com facilidade.

— Você parece mais cansado do que o normal.

— Estou — admitiu Niente. — Axat é uma mestra cruel. Ela não se importa com o que acontece ao Seu criado.

— E o que você viu na tigela premonitória hoje?

Niente inclinou-se e levantou a tampa de um dos pratos. Ele pegou uma panqueca de milho, espalhou carne sobre ela e a dobrou, mastigando-a avidamente. *A batalha feroz nas águas da tigela premonitória... A estranha arquitetura dos prédios... O inimigo de armaduras de aço e escudos... O sangue, o fogo, a morte... E o longo caminho para a paz...* E o preço desse Longo Caminho; ele também conhecia.

— Eu vi o suficiente — respondeu Niente enquanto engolia — para adivinhar por que o senhor me chamou aqui, tecuhtli. — Ele suspirou. — Eu não estou ansioso para cruzar o Mar Menor outra vez.

Citlali riu e bateu as palmas de suas mãos uma vez.

— Você adivinhou certo. Pensei que seria suficiente para eu fazer os orientais voltarem correndo para casa como um bando de cães assustados. Achei que estaria satisfeito quando estivesse sobre as cinzas de sua última fortaleza aqui, nas terras de nossos primos nos Hellins. Mas

descobri que não estou. Continuo sonhando com suas cidades e com a derrota que sofremos lá. Continuo achando que ainda não compensamos as almas dos grandes guerreiros e nahualli que morreram lá.

— Mais guerreiros e nahualli morrerão se o senhor fizer isso, tecuhtli. Muitos mais.

Embora Niente tivesse visto o Longo Caminho, nenhum futuro era garantido. Ele também viu que haveria paz — por um tempo — se Citlali permanecesse aqui. Mas não para sempre. Os Domínios voltariam, e dessa vez trariam um exército assustador.

— Eu sei. No entanto, não é isso o que um verdadeiro guerreiro deseja? — perguntou o tecuhtli.

— Ainda há guerras para serem travadas aqui. Nem todos os nossos primos atrás da Muralha dos Picos Brancos pagam tributos a Tlaxcala; o senhor pode acrescentar seus crânios à coleção.

Citlali assentiu enquanto Niente falava, mas o gesto foi temperado com um dar de ombros. Niente pôde ver a visão da tigela premonitória nos olhos do tecuhtli, reluzindo em suas pupilas. Quase podia ouvir a risada de Axat. *É isso o que Ela quer de você. Você quer negá-lo, mas sabe que é isso.*

— Eu ouço o tecuhtli Zolin em meus sonhos — disse Citlali. — Seu espírito me chama da terra dos mortos para que eu termine o que ele começou.

— Zolin é orgulhoso demais mesmo na morte, então — comentou Niente, e Citlali gargalhou ao ouvir isso.

— Zolin se recusou a ouvi-lo, Niente. Eu o ouvirei. Se me disser que Axat pensa que eu não devo ir, não irei.

Niente permaneceu sentado, em silêncio. *A Senhora jogou isso para mim como um teste, Axat?*, ele perguntou, e pensou por um momento ter ouvido Sua risada sinistra como resposta.

— Não posso lhe dizer isso, tecuhtli.

Citlali gargalhou novamente, desta vez com satisfação. Ele bateu palmas de alegria tão alto que o pajem do lado de fora ergueu a ponta da tapeçaria e deu uma espiada momentânea.

— Eu sabia que você se oporia a isso, Niente — vociferou Citlali. — Eu pensei que você me alertaria sobre o que viu na tigela premonitória, da mesma forma que alertou Zolin, e que me diria que estou sendo tolo. Pensei que diria que eu provoco os deuses e que eles me fulminariam por minha arrogância e orgulho, como fulminaram Zoli.

Niente sorriu, dando outra mordida na carne enquanto Citlali falava.

Não, ele não contaria ao tecuhtli o que tinha visto na tigela premonitória porque Axat tinha deixado claro que ele não deveria contar, não se quisesse que a visão do Longo Caminho se tornasse realidade. Niente apenas abaixou a cabeça para o guerreiro.

— Eu estarei ao seu lado, tecuhtli Citlali, como estive ao lado de Zolin. Serei seu nahual e verei novamente a terra dos orientais.

Citlali se levantou — seu corpo ainda era o de um guerreiro musculoso, mas já havia o início de uma barriguinha em sua cintura. Isso explicava muito de sua ansiedade para Niente: ao contrário do nahual dos nahualli, o tecuhtli — o mais supremo dos guerreiros supremos — raramente chegava à velhice antes que um rival surgisse para desafiá-lo e matá-lo. Se Citlali quisesse que seu nome fosse lembrado muito depois de sua morte, ele precisava deixar sua marca no mundo.

Ambição: ela tinha matado muitos tehuantinos ao longo dos séculos.

— Pajem! — chamou Citlali, e o menino entrou na sala. — Chame os guerreiros supremos; diga que venham esta noite. O tecuhtli e o nahual querem se reunir com eles.

O garoto fez uma reverência e foi embora correndo. Citlali voltou-se para Niente, que notou o tecuhtli encolher a barriga conscientemente.

— Esta será uma época de esplendor para os tehuantinos — ele disse. — É isso que você viu na tigela, nahual?

Isso Niente podia assentir.

— De fato. Isso é o que eu vi. Grandeza.

ENCARNAÇÕES

Nico Morel

Varina ca'Pallo

Allesandra ca'Vörl

Niente

Sergei ca'Rudka

Brie ca'Ostheim

Varina ca'Pallo

Jan ca'Ostheim

Rochelle Botelli

Varina ca'Pallo

Nico Morel

A explosão da areia negra foi mais poderosa e atordoante do que Nico tinha esperado.

A concussão atingiu seu peito como o punho de Cénzi. Ela agitou os trapos do boneco golpeando a cabeça de *papier mâché* com tanta força que nenhum deles conseguiu segurá-la no lugar. O boneco desmoronou enquanto as pessoas gritavam e pedaços do esquife funerário do embaixador começaram a cair em volta delas.

— Vão embora! — berrou Nico para seus seguidores. — Espalhem-se! Rápido!

A multidão já fugia; os gardai estavam confusos e atordoados. Os morellis evaporaram na multidão e sumiram em poucos instantes. Nico esperou alguns segundos, encarando a destruição. Havia várias pessoas caídas, a maioria numetodos que estavam em volta do esquife — ele não sentia compaixão alguma pelas mortes e ferimentos sofridos por eles. Ainda assim, alguns espectadores tinham sido feridos pelos estilhaços.

— Sinto muito — Nico sussurrou para um deles, uma mulher com um corte na têmpora que sangrava bastante. — Ninguém tinha a intenção de machucá-la. Cénzi lhe abençoará pelo sangue derramado hoje aqui e por sua dor.

Ele sentiu Liana puxar sua manga.

— Temos que ir — disse ela com urgência.

Nico ergueu os olhos. O embaixador ca'Rudka estava se levantando desajeitadamente da estrutura retorcida da carruagem que seguia o esquife; a espora herege de ca'Pallo, Varina, já tinha saído e observava horrorizada a destruição do esquife. Os cavalos que puxavam a carruagem da kraljica dispararam, e o condutor tentava detê-los mais abaixo no pátio, com gardai correndo atrás deles. A explosão derrubou o condutor da a'téni do assento e encerrou seu cântico; sua carruagem estava intacta e intocada, bem atrás do resto.

Nico sorriu ao ver isso — ele não queria que a a'téni ca'Paim se ferisse.

Onde estivera deitado o corpo de Karl, havia um buraco negro nos paralelepípedos, com estilhaços espalhados por todo lado, a uma dezena

de passos de distância.

— Obrigado, Cénzi — ele rezou, fazendo o sinal rapidamente. — Obrigado por me permitir fazer a Sua vontade.

Ele se perguntou se Varina perceberia a ironia em usar a areia negra — uma invenção dos hereges ocidentais, recriada por Karl e Varina — contra eles.

Nico meneou a cabeça quando Liana puxou sua manga novamente. Ela segurava sua barriga inchada.

— Você está bem? — ele perguntou, subitamente preocupado que Liana estivesse ferida.

— Eu estou bem, mas você precisa ir embora. Agora!

Nico meneou a cabeça negativamente.

— Vá em frente — disse calmamente, em voz baixa. — Eu encontro você na casa.

Liana hesitou, e Nico acenou com a mão para ela.

— Vá! — repetiu ele.

Dessa vez, Liana obedeceu e foi embora correndo desajeitadamente por causa da gravidez avançada.

Nico voltou-se para o caos. Ele observou os gardai por detrás da cobertura de pessoas que também ficaram para trás, hipnotizadas pela visão de toda a destruição. Ele ouviu o Velho Nariz de Prata berrar enquanto tentava organizar o resgate. Mal conseguia conter a alegria que sentia, embora tentasse, pois esse era apenas seu orgulho tolo repuxando os cantos de sua boca. Finalmente, ele se afastou lenta e calmamente, em paz — como se tivesse saído para uma simples caminhada matinal.

Eles só conseguiriam pegá-lo se esta fosse a vontade de Cénzi, e se Ele assim o desejasse, então Nico se conformaria com Sua decisão. Cénzi estava acima da autoridade da kraljica ou do archigos. Sozinhos, os dois não podiam fazer nada contra Nico.

Portanto, Nico se afastou sem pressa, com uma expressão solene no rosto. Cénzi o segurava em Suas mãos protetoras.

Quando ele chegou ao esconderijo que os morellis tinham estabelecido no Velho Distrito, uma virada da ampulheta ou mais depois, Nico encontrou uma comemoração em curso. Ancel deu um tapa em seus ombros; Liana o abraçou desesperadamente enquanto os demais reunidos no ambiente gritavam e sorriam.

— Um punhado deles mortos, é o que dizem os rumores — comentou Ancel. — E o corpo do degenerado do ca'Pallo espalhado em pedaços pelo pátio do templo para os ténis limparem; isso ensinará a a'téni a agradar

aos hereges. Que pena que a explosão poupou a esposa de ca'Pallo e o Velho Nariz de Prata.

Estranhamente, a alegria no rosto de Ancel azedou o bom humor de Nico. Ele olhou para seus seguidores, para o prazer que sentiam, e Cénzi manifestou-se em Nico. Ele franziu a testa, sua expressão ficou séria.

— Por que estão rindo? Por que que estão sorrindo? — perguntou Nico para eles.

O desprezo em sua voz calou a comemoração na boca de todos. A sala ficou rapidamente silenciosa. Liana soltou Nico; Ancel deu um passo para trás, com o rosto subitamente abatido.

— Sinto muito, Absoluto — disse Ancel ao abrir os braços em um gesto de desculpas. — Nós não fizemos o que Cénzi pediu?

— Fizemos — respondeu Nico. — E só tivemos êxito porque temos as mãos de Cénzi sobre nós. Será que devemos comemorar isso? Sim, mandamos vários hereges para Ele julgar, mas tiramos matarhs e vatarhs de crianças, destruímos suas famílias. Levamos sofrimento àqueles próximos aos hereges, e muitos deles *não* eram nossos inimigos. Muitos eram fiéis. Devemos ficar *contentes* por tê-los prejudicado, por ter-lhes causado sofrimento?

— Eu não pensei... — Ancel começou a dizer, mas foi interrompido por um gesto de Nico.

— Não, você não pensou. Nenhum de vocês pensou. Nem mesmo eu. — Ele respirou fundo e sentiu as palavras de Cénzi preencherem sua mente. — Estamos falando de *vidas*. Estamos falando de pessoas que são pouco diferentes de nós. Sim, são hereges. Sim, eles envenenam os Domínios e a fé concénziana com sua presença. Sim, são nossos inimigos. Mas são *pessoas*, apesar de tudo, e quando lhes causamos sofrimento, trazemos sofrimento para nós mesmos, ao mesmo tempo.

Nico sentiu lágrimas quentes brotando de seus olhos, e não se importou que escorressem por seu rosto sob os olhares de seus discípulos.

— Eu não lamento uma xícara quebrada. Eu não sofro se a tira da minha sandália se parte. Mas eu choro *sim* pelos numetodos. Choro porque eles não conseguiram enxergar a verdade. Choro porque não pude convencê-los a seguir a verdade. Choro por que me foi dada a tarefa de ser seu executor. Choro porque me dói ver o desperdício de seu grande potencial.

Ele, então, sentiu-se enlevado por Cénzi, e enxugou as lágrimas de olhos com sua manga enquanto a raiva ia embora.

— Ancel, desculpe-me. Não estou com raiva de você. Não estou. Você é meu braço direito e agiu bem hoje. Todos vocês agiram, e devemos ficar contentes por termos conseguido demonstrar o poder de Cénzi para aqueles que controlam os Domínios e a Fé. Fomos bons servos hoje. Mas é nosso dever sermos *sempre* bons servos, estarmos prontos para agir quando o Mestre nos chamar para fazer a Sua vontade, independentemente do que Ele nos peça.

Nico abriu os braços, deu um passo na direção de Ancel e o abraçou. Ele beijou a bochecha do homem.

— Você sabe disso. Sei que você sabe, e não cabia a mim repreendê-lo. Você me perdoa, meu amigo?

Ancel fez uma careta e soltou um suspiro pelo nariz. Ele assentiu, e Nico agarrou sua cabeça e beijou sua testa. Ele deu um tapinha nas costas do homem. Sorriu para todos os discípulos. Liana abraçou Nico novamente, pressionando sua barriga e seu filho contra a barriga dele.

— *Todos* nós agimos bem hoje — Nico disse para eles, seu olhar pairou sobre as pessoas reunidas na sala. — Vocês todos são abençoados.

Varina ca'Pallo

Seus ouvidos zumbiam, Varina mal podia ouvir as vozes que se dirigiam a ela através do retinir. Isso, ao menos, já era um progresso: imediatamente após a explosão, ela se viu inteiramente surda. Varina tinha sido levada para o prédio mais próximo — um dos edifícios de administração dos Domínios que dominavam a Ilha a'Kralji. Foram enviados curandeiros; gardai entravam e saíam fazendo perguntas a ela e Sergei. Até o comandante co'Ingres veio visitá-la, e as notícias que ele trouxe eram péssimas. A kraljica Allesandra e a a'téni ca'Paim estavam abaladas, mas ilesas, porém, dos doze numetodos que acompanhavam o esquife de Karl — todos amigos, a maioria integrantes de longa data do grupo —, cinco morreram e mais três estavam gravemente feridos. Mesmo que sobrevivessem, eles ficariam com sequelas do dia de hoje pelo resto de suas vidas.

Varina chorou por eles mais do que chorou por Karl, que estava além do sofrimento.

Talbot estava entre os numetodos que acompanhavam o esquife; felizmente, seus ferimentos tinham sido leves.

Varina franziu a testa para se concentrar em Sergei, que se debruçava sobre ela de forma solícita. Varina pôde notar seu reflexo distorcido no nariz de prata; seu rosto estava arranhado, uma longa linha de sangue seco cortava sua testa, e em sua bochecha direita havia uma mancha escura de um hematoma inchado.

— A surdez deve ser temporária, me disseram os curandeiros — dizia Sergei.

Ela teve que se concentrar nos lábios do embaixador para compreendê-lo.

— É uma boa notícia para nós dois; minha audição já sofreu o bastante nesses últimos anos. Também me disseram que nenhum dos seus ferimentos deve ser grave, embora você vá ficar dolorida por vários dias. Não parece que tenha ossos quebrados, embora você deva avisá-los caso sinta alguma dor interna aguda ou caso os cortes comecem a ficar vermelhos ou podres.

— Foi Nico quem fez isso? — ela perguntou.

Sergei fez uma careta.

— Sim. Ele e os morellis. Um dos gardai jura ter visto Nico no grupo que conduzia o boneco.

— Por que ele faria isso? Karl e eu nunca... nunca...

Varina mordeu o lábio inferior, e as lágrimas ameaçaram surgir novamente à menção do nome dele.

— Com sorte, você terá a oportunidade de perguntar ao homem em pessoa, quando o encontrarmos — falou Sergei. — E eles o *encontrarão*. Eu já disse ao comandante co'Ingres que coordenarei pessoalmente a busca por Morel caso ele não tenha sido capturado quando eu voltar de Brezno.

— Você ainda vai? Está bem?

— Sou velho e durão; é preciso mais que um pouco de areia negra para me deter. Eu já comecei uma investigação sobre a maneira como eles adquiriram a areia negra; suspeito de que alguém do arsenal seja um simpatizante morelli. Mas com as recentes incursões na fronteira, eu tenho que ir... — seu sorriso desmoronou com o próprio peso, Sergei pousou sua mão sobre o ombro dela. — Eu sinto muitíssimo, Varina. Isso jamais deveria ter acontecido. Karl merecia muito mais do que isso.

O choro tomou conta dela, e ela não conseguiu responder. Sergei deu um tapinha em seu ombro, mas seu olhar estava voltado para outro lugar.

— O corpo... de Karl? — ela finalmente conseguiu falar.

— O corpo de Karl — respondeu Sergei, e pela contração de seu maxilar, Varina percebeu que ele não estava lhe contando tudo — foi recuperado e já está na pira no Palácio da Kraljica. A Garde Kralji foi posicionada em volta dela, e também há vários numetodos lá, que dizem que não irão embora até que a pira seja acesa.

— Eu preciso ir até lá, então.

Varina começou a se levantar. Ela sentiu os músculos protestarem com o movimento, mas conseguiu se sentar. O quarto rodou ao seu redor e depois se assentou.

— Varina, a kraljica Allesandra disse que ela mesma acenderia a pira. Os curandeiros disseram que você deveria ficar...

— Eu preciso ir até lá — repetiu ela, com mais firmeza.

Sergei suspirou e assentiu.

— Eu disse para a kraljica que essa seria a sua resposta. Eu a acompanharei até lá...

— Varina... — A kraljica Allesandra a abraçou assim que ela desceu da carruagem, depois de Sergei. — Eu sinto muito. Sou a culpada por esta atrocidade. Nós obviamente não tomamos todas as precauções que deveríamos, e isso é responsabilidade minha.

Varina negou com a cabeça.

— Não foi culpa sua — respondeu ela simplesmente.

Atrás dos cortesãos e chevarittai que flanqueavam Allesandra, Varina viu Mason ce'Fieur, um amigo numetodo que era um de seus alunos no grupo. Ele acenou para ela com uma expressão grave.

— Com licença, kraljica — disse Varina para a kraljica e se dirigiu até Mason.

Os dois se abraçaram.

— A'morce numetodo — cumprimentou ele.

O uso do título pegou Varina de surpresa. Karl tinha sido o líder nominal do grupo desde que ela começou a fazer parte dele. Varina nunca considerou que o título pudesse passar para ela com o falecimento dele, mas aparentemente passou.

— Todos nós estávamos lhe esperando — disse Mason.

Ela olhou para a pira. Havia ca' e co' em roupas elegantes — aduladores do palácio que queriam ser vistos pela kraljica —, mas também havia numetodos da cidade, a maioria ce' ou de status inferiores: duzentas pessoas ou mais, rostos que ela reconhecia, gente com quem trabalhou e a quem ensinou. Eles estavam ali agora, silenciosos e pacientes.

A pira tinha a altura de três pessoas, e o cheiro de óleo era forte no

pátio entre as alas do palácio tomadas por andaimes. No topo da pilha piramidal de lenha fora colocado um caixão fechado de madeira — não mais o corpo envolvido na bandeira de Paeti. Varina apertou os lábios com a visão, seu estômago revirou, enviando ácido para a sua garganta. Ela engoliu em seco, uma vez.

— Vamos fazer isso logo. Em breve, teremos que acender mais piras para o restante de nossos companheiros que caíram.

Com Sergei à sua esquerda, kraljica à sua direita, e as fileiras de numetodos atrás dela, Varina avançou até a base da pira. Ela ergueu o olhar para o caixão e por um momento teve que fazer uma pausa, sobrepujada pelas lembranças de Karl. Seu estômago revirou novamente, e Varina fechou os olhos brevemente.

Ela abriu os olhos novamente quando encontrou, em sua mente, o feitiço que havia preparado na noite anterior. Estava em sua cabeça como um ovo prestes a explodir, e Varina o acariciou com seus pensamentos. Este era o método dos numetodos: como os ténis, eles usavam uma combinação de palavras e gestos para dar forma ao feitiço — uma fórmula que devia ser seguida. Como com os ténis, o esforço de invocar feitiços tinha um custo de exaustão e fraqueza. Ao contrário dos ténis, os numetodos não invocavam Cénzi ou atribuíam seu poder a qualquer divindade; ao contrário dos ténis, eles não precisavam lançar o feitiço imediatamente após o término do encantamento. Os numetodos sabiam como manter o feitiço em suas mentes, como lançá-lo com uma palavra e um único gesto muito tempo depois. Eles, portanto, podiam "pagar antecipadamente" a fraqueza que acompanhava a invocação do feitiço e não eram afetados depois. Os numetodos podiam lançar um feitiço preparado com um simples gesto ou pronúncia.

Varina fez isso agora. Diante da pira, ela abriu o feitiço.

— *Tine* — disse Varina na língua de Paeti, a terra natal de Karl.

Fogo. Varina fez um gesto como se jogasse uma pedra na base da pira. Um sol irrompeu no centro da pirâmide, branco-amarelado e tão quente que seu deslocamento de ar tremulante golpeou os espectadores como o vento de um furacão. A lenha banhada em óleo pegou fogo com um estrondo, e as chamas saltaram no ar, com tornados de fagulhas rodopiantes diante delas. Uma coluna de fumaça veio a seguir, levada pela brisa na direção dos telhados distantes do palácio, onde foi dispersada pelo vento e espalhada na direção do Velho Templo e do rio A'Sele, a oeste.

O fogo furioso agora lambia o caixão que continha os restos mortais de

Karl. Enquanto Varina assistia, as chamas subiram pelas laterais até obscurecer a caixa de madeira com o fogo e encobri-la com fumaça.

— Adeus, meu amor — sussurrou Varina. — Eu sempre sentirei sua falta.

As lágrimas desciam por seu rosto sem pudor e secavam rapidamente pelo calor da pira. Alguém a estava abraçando, e ela não sabia se era Sergei, a kraljica ou Mason.

Não importava. Ela assistiu aos restos mortais de Karl alçarem à eternidade em uma espiral.

Varina ficou ali até o fogo na pira entrar em colapso, muitos minutos depois, e virar uma pilha de cinzas e carvão tão morta e carbonizada quanto ela mesma.

Allesandra ca'Vörl

Allesandra observou Sergei andar de um lado para o outro em frente ao quadro da kraljica Marguerite. O olhar severo do retrato parecia, para Allesandra, acompanhar o avanço manco do embaixador, de lá para cá. O comandante co'Ingres sequer o observava; seu olhar estava fixo e resoluto no pequeno fogo da lareira, aceso com a intenção de tirar do ambiente o frio noturno. A a'téni ca'Paim estava sentada ao lado da mesa de doces, com um prato cheio em seu colo largo.

Allesandra não tinha apetite. A carnificina que a kraljica testemunhara durante a procissão fúnebre lhe tirara a fome. Suas mãos ainda tremiam ao lembrar. *Tão covardemente, o uso da areia negra. Uma morte tão horrível...* Ainda havia um leve zumbido em seus ouvidos provocado pela explosão.

— Não podemos permitir outro incidente como este, kraljica — declarou Sergei ao passar pelo quadro novamente. — A mensagem que isso transmite à população; a mensagem que transmite aos fiéis... Não podemos permitir.

— Não havia magia téni envolvida no incidente — declarou a a'téni ca'Paim em tom severo. — Morel sabe quais são as consequências de usar o Ilmodo. É por isso que usou a areia negra; embora um de seus seguidores provavelmente tenha acendido a areia negra com um feitiço quando o esquife passou sobre ela.

— Esta é exatamente a questão — respondeu Sergei. — Ele conseguiu

perturbar um ritual solene dos Domínios *sem* o Ilmodo. Sem magia. O uso da areia negra foi uma mensagem: de que a Fé é inútil e fraca, que os Domínios podem ser reféns de qualquer um que consiga criar areia negra; que os numetodos são mais perigosos do que qualquer téni. *Isto* é pior do que se ele *tivesse* usado o Ilmodo.

O rosto de ca'Paim contorceu-se em uma careta de desdém.

— A Fé *não* é fraca — respondeu ela com firmeza. — Ela está mais forte do que há décadas. O archigos Karrol cuidou disso.

Allesandra notou que ca'Paim fingiu não ouvir o audível fungar de desdém dado por Sergei diante daquela declaração.

— Você acha que Morel não é inteligente o bastante para compreender o simbolismo de suas ações? — perguntou Allesandra para a a'téni. — Ficou claro o suficiente para mim. Aquele boneco blasfemo de Cénzi estava encarando o esquife diretamente quando a areia negra explodiu. Acho que Morel *teria* usado o Ilmodo para obter o mesmo efeito, mas ele estava obedecendo às leis da fé concénziana. Peço desculpas, a'téni ca'Paim, mas o homem acredita seguir os preceitos do Toustour e da Divolonté bem mais à risca do que qualquer a'téni e o archigos Karrol.

— A mensagem de Morel pode ser interpretada de várias maneiras por pessoas diferentes, kraljica — insistiu Sergei —, e isso é um problema ainda maior. Sim, para a Fé ele está dizendo: "vejam só, eu obedeci suas regras, embora as considere completamente tolas". Para os numetodos, Morel diz: "eu considero suas crenças desprezíveis e hereges". Mas acho que a população em geral, que não é nem téni, nem numetodo, interpreta uma declaração completamente diferente. Acho que alguns deles podem olhar para o que aconteceu e pensar: "eu posso fazer aquilo. Ora, *qualquer um* pode fazer aquilo". *Isso* é perigoso. Não é no que queremos que as pessoas acreditem, especialmente as que podem ter motivos para se opor a nós.

Ca'Paim atacou um docinho e o mastigou furiosamente. Co'Ingres assistia à dança das chamas.

— Então o que você sugere que eu faça, Sergei? — perguntou Allesandra.

— Precisamos encontrar Morel. Temos que executá-lo publicamente, com violência — respondeu Sergei. — Então sua resposta à mensagem dele será: "se alguém tentar isso, morre."

— É isso o que Varina me dirá para fazer? — indagou a kraljica.

— Não — admitiu Sergei. — Não é. Mas eu sou seu conselheiro, não a a'morce dos numetodos. Minha lealdade é à senhora, kraljica; a

Nessântico e aos Domínios, como sempre. Eu digo o que será mais útil a essa fidelidade. Precisamos cuidar de Nico Morel e seus seguidores com rigor.

— Eu concordo completamente com o embaixador — disse ca'Paim ao se levantar, ainda segurando o prato de doces. — Meu pessoal irá ajudá-lo como for possível. Eu posso começar interrogando os suspeitos de ter afinidades com os morellis...

Ela fez o sinal de Cénzi com uma mão só para Allesandra e os demais.

— Será que Talbot poderia mandar alguém embrulhar isso para mim, kraljica? — perguntou ca'Paim ao erguer o prato. — Eu odiaria desperdiçá-los...

A a'téni ca'Paim foi embora com um pacote de doces, acompanhada pelo comandante co'Ingres. Talbot — que insistiu em voltar ao trabalho, apesar dos cortes e arranhões que recebeu — mandou um trio de criadas limpar as mesas e levar as bandejas de volta às cozinhas.

Sergei não fez menção de ir embora. Allesandra observou o embaixador, cuja atenção parecia estar voltada para os criados enquanto realizavam suas tarefas, com uma mão atrás das costas e a outra apoiada na bengala de punho prateado que quase combinava com seu nariz. Pouco tempo depois, a última criada fez uma mesura e fechou a porta ao sair.

— O que foi, Sergei? — perguntou Allesandra então. — Estou esperando Erik ca'Vikej chegar para almoçar em meia virada. Ele quer conversar a respeito da possível reação do governo exilado da Magyaria Ocidental ao problema dos morellis.

Sergei voltou-se para kraljica. Ela viu os olhos do embaixador fecharem brevemente e seus lábios franzirem, como se o gesto o incomodasse — ou como se a menção ao nome de ca'Vikej o aborrecesse.

— A senhora está brincando com fogo e areia negra, kraljica. Como embaixador dos Domínios na Coalizão, devo aconselhá-la a não dar a impressão de que apoia abertamente o homem.

Ele pareceu engolir algo mais que poderia ter dito, e Allesandra perguntou-se se Sergei percebia que outros sentimentos ela nutria por Erik.

— Como embaixador dos Domínios na Coalizão, eu espero que você me apoie, do modo como eu disser para fazê-lo — respondeu Allesandra com rispidez.

Sergei abaixou a cabeça, principalmente, suspeitou a kraljica, para que

ela não pudesse ver seus olhos.

— Perdoe-me, kraljica; este é, obviamente, o meu dever. Verei seu filho em poucos dias, mas gostaria de oferecer-lhe um ramo de oliva em vez de uma espada desembainhada.

Allesandra já fazia que não com a cabeça antes que ele terminasse de falar.

— Você está se tornando previsível, Sergei, e mole com a velhice.

— Então a senhora decidiu que é contra a minha proposta de reconciliação com ele?

— Eu agradeço o esforço que você dedicou a isso, Sergei. E a boa intenção.

— Mas?

— Eu não tenho intenção de ceder para que meu filho possa tomar o Trono do Sol.

Tap, tap... Sergei deu alguns passos arrastados em direção a Allesandra. Seu rosto enrugado tinha uma expressão sincera, e ela pôde ver o reflexo do fogo da lareira em seu nariz polido.

— A senhora não estaria cedendo, kraljica, apenas nomeando seu filho como seu sucessor na sua morte.

A risada que ela soltou soou mais como uma tosse.

— Eu não consigo ver a diferença, Sergei. Se eu nomear Jan como herdeiro, perco meu poder como kraljica. A cada proclamação que eu fizer, todos passarão a olhar na direção a leste, para Brezno e para o hïrzg, a fim de ver se ele concorda. O Conselho dos Ca' aqui ficará mais preocupado em ver como suas decisões são consideradas por Jan do que por mim. Eu pretendo ter uma vida ainda muito longa, Sergei. O que você me disse no outro dia, que eu ainda tenho décadas para me igualar à kraljica Marguerite?

Allesandra se levantou — *deixe que ele note que nossa conversa acabou*. Ela falou em um tom distante e severo, como se desse uma ordem para Talbot.

— Bem, eu pretendo fazer exatamente isso. E você me apoiará ou outra pessoa será meu embaixador.

A kraljica observou seu rosto, embora a expressão de Sergei raramente revelasse seus pensamentos mais íntimos. Não revelou agora. Ele fez uma reverência um pouco desajeitada e dura, mas seu rosto estava impassível e seus olhos pareciam não ter nada além de respeito por Allesandra.

— Eu sempre servirei a Nessântico e a quem estiver sentado no Trono do Sol — respondeu Sergei. — Sempre.

Ela quase riu novamente — *dito com tanta cautela.*

— Então diga ao meu filho que ele brinca com fogo e areia negra, como você disse, com suas recentes incursões na fronteira, e que minha paciência está se esgotando. Diga-lhe que espero que parem imediatamente, ou serei forçada a responder na mesma moeda. Lembre a Jan que a Magyaria Ocidental só lhe pertence porque não enviei a Garde Civile inteira para apoiar Stor ca'Vikej, um erro que não repetirei.

O rosto de Sergei não revelou nada ao fazer uma reverência.

— Como a kraljica desejar — respondeu ele.

— Ótimo. Mandarei Talbot fazer uma lista de exigências para a sua reunião, e minhas respostas às possíveis questões que você ouvirá do hïrzg.

O hïrzg. Não "meu filho". Allesandra teve uma súbita lembrança de Jan: de segurá-lo como bebê, de vê-lo mamar em seu peito e do prazer íntimo e intenso de sentir o leite vir; das primeiras palavras; dos primeiros passos trôpegos; das ocasiões em que ele veio até ela chorando por causa de algum machucado ou de uma ofensa em que ela o abraçava e consolava. *Quando foi que isso mudou? Por que deixei que acontecesse?* Ela respirou fundo. Sergei observava Allesandra, com os olhos mucosos voltados para seu rosto.

— Estamos encerrados — falou ela. — Mandarei Talbot com minhas instruções.

— Sim, kraljica.

Allesandra odiou a compaixão que Sergei deixou transparecer em seu rosto, odiou que ele tivesse percebido o vazio dentro dela, que a fazia chorar sozinha à noite, que atormentava seus sonhos. O embaixador fez uma mesura ao sair, mas a kraljica já não estava prestando atenção nele. Era Jan quem ela via agora, como ele era da última vez que ela o viu. Allesandra imaginou como ele seria agora, como seriam seus netos, a quem ela nunca tinha abraçado, beijado ou embalado no colo. *Tanta coisa que você deixou de viver. Tanta coisa que perdeu.* Sua visão oscilou, as paredes cobertas por tapeçarias se tornaram brevemente líquidas, e ela se perguntou se Sergei estaria certo. Talvez *fosse* o momento.

Houve uma batida suave na porta, e Allesandra piscou, enxugando os olhos rapidamente com a manga.

— Entre — disse ela.

Talbot enfiou a cabeça na porta.

— O embaixador disse que a senhora precisava de mim, kraljica.

Ela fungou.

— Sim. Entre, mas primeiro mande um dos criados trazer pergaminho e tinta. E se o vajiki ca'Vikej chegar, diga-lhe que o receberei em breve.

— Eu fiquei horrorizado quando soube, preocupado que a senhora tivesse se ferido...

Erik andava de um lado para o outro em frente às janelas do aposento. O almoço fumegava na mesa, intocado. Sentada na cadeira à mesa, Allesandra observava ca'Vikej fixamente: a preocupação em seu rosto, a maneira como seus músculos se contraíam no crânio careca.

A preocupação que ele sente por você é real. Não é fingida, não é baseada em seus próprios interesses: é genuína. Ela esperava que estivesse certa quanto a isso. Allesandra também se deu conta de que tomara uma decisão, espontânea e não solicitada. Uma decisão envolta em sua própria solidão, no afastamento de Jan, no erro que ela cometera com o vatarh de Erik, na dor intensa que sentia quando estava com Varina, na raiva dirigida aos morellis. Allesandra esperava que sua decisão fosse a certa.

— Eu estou bem, Erik. Fiquei abalada, mas não ferida. O ataque não foi direcionado a mim.

Ele balançou a cabeça enfaticamente.

— Se a senhora tivesse se ferido, eu mesmo teria saído e encontrado esse Nico Morel, e... — Ele parou e se afastou das janelas a fim de olhar para Allesandra; seu rosto e voz abrandaram. — Minhas desculpas, kraljica. É que fiquei tão preocupado...

— Eu estou bem — ela repetiu. — E aqui, enquanto estivermos sozinhos, eu prefiro que você me chame de Allesandra.

— Allesandra — disse Erik, como se saboreasse a palavra. Ele sorriu. — Obrigado. Mas não menospreze esses morellis. Eles são um perigo para você, quer você acredite ou não. São fanáticos que ameaçam qualquer um que não acredite no que eles acreditam.

— *Você* é um fanático, Erik? — perguntou a kraljica com delicadeza e apontou para a cadeira à sua direita.

Ca'Vikej sentou-se antes de responder.

— Sobre a Magyaria Ocidental, você quer dizer?

Ele pegou a taça de vinho, e sacudiu o líquido rubro.

— Não, não quanto a isso. Em política, eu sou mais pragmático do que meu vatarh. Acredito que a Magyaria Ocidental estaria melhor sendo parte dos Domínios. Acredito que eu seria um bom gyula, se Cénzi desejar que isso aconteça. Estou disposto a trabalhar tão duro quanto for necessário para tornar isso possível, mas também sei que às vezes

sacrifícios e concessões precisam ser feitos para se alcançar um objetivo, e que às vezes o melhor resultado não é aquele que se gostaria de ver. Então, não, eu não sou um fanático, mas um realista.

Erik ergueu a taça e a pousou novamente.

— Isto não quer dizer que não existam coisas com as quais eu me importe muito ou que eu não seja um homem passional, kralji... — Ele respirou fundo. — Allesandra. Quando chego a amar alguma coisa ou alguém...

A mão esquerda de Erik abandonou a taça e pousou na toalha de mesa de linho. A kraljica estendeu sua própria mão e pousou na dele. Allesandra o ouviu respirar fundo. Seus belos olhos claros sustentaram o olhar dela, sem pestanejar, quase como um desafio. Ele abriu os dedos e os entrelaçou aos de Allesandra.

— Eu *sou* passional. — ela disse em voz baixa. — Nessântico e os Domínios são minhas paixões. E também sou perigosa por causa disso. Portanto, esta... — Allesandra apertou levemente os dedos de Erik — ... não seria uma decisão a ser tomada levianamente. Ou, se você preferir, podemos comer o jantar que está posto diante de nós.

Erik assentiu, ergueu sua mão, ainda segurando a de Allesandra, até sua boca e beijou as costas da mão dela. Ela sentiu sua respiração quente em sua pele, o toque dos lábios, suave e excitante.

— Você está com fome, Allesandra? — perguntou Erik.

É isso que você quer... Foi por isso que você o chamou aqui hoje...

— Estou — ela respondeu.

A kraljica levantou-se da cadeira, ainda segurando a mão dele, e o levou embora.

Niente

As águas da baía de Munereo estavam cheias de navios ancorados tão próximos uns dos outros que parecia ser possível uma pessoa cruzar a grande baía a pé sem se molhar. Suas velas estavam recolhidas e amarradas nos mastros, e as embarcações estavam amontoadas sob um céu baixo com nuvens que corriam para o oeste. Ocasionais raios solares empoeirados perfuravam as nuvens e deslizavam sobre a baía, brilhando nas ondas distantes e nos panos brancos amarrados em seus mastros.

Niente nunca tinha visto tantos navios reunidos em um só lugar, e só

uma vez, anteriormente, tinha visto tantos guerreiros tehuantinos reunidos.

Ele ouviu um grito ao seu lado, conforme seu filho, Atl, se aproximava.

— Pela teta esquerda de Axat — ele sussurrou a blasfêmia que ecoou alto no ar frio da manhã —, isto é uma novidade no mundo.

— Certamente que sim — respondeu Niente para o jovem.

Ele piscou, e tentou, sem sucesso, limpar a imagem borrada — mesmo a visão do olho remanescente começava a falhar. Os dois estavam sobre um morro do lado de fora das muralhas da cidade, não muito longe da estrada principal que levava ao porto. A estrada estava repleta de soldados que marchavam em direção aos barcos. As poucas centenas de nahualli e os feiticeiros que acompanhariam a força invasora estavam reunidos em seu próprio grupo, um pouco mais abaixo no morro, próximo à estrada. Eles estariam entre os últimos a subir a bordo das embarcações, imediatamente antes do tecuhtli Citlali e seus guerreiros supremos.

Atrás de Niente e Atl, as espessas muralhas de Munereo ainda estavam esburacadas e manchadas pelos vestígios da batalha travada ali há uma década e meia, quando as forças dos Domínios tinham sido derrotadas pelo exército do tecuhtli Zolin, o antecessor de Citlali. Niente tinha participado dessa batalha, tinha visto a areia negra rugir e as pedras voarem, e tinha ajudado a sacrificar os líderes orientais derrotados em nome de Axat. Também tinha navegado mar adentro ao lado do tecuhtli Zoli desse mesmo porto até os próprios Domínios.

Há tanto tempo. Parecia ter sido em outra vida para Niente.

Uma vida que ele agora era forçado a revisitar, se quisesse alcançar a visão vislumbrada na tigela premonitória. *Quantos destes guerreiros morrerão por causa disso? Quantas almas serão enviadas para o submundo por causa do que estou fazendo? Axat, por favor, diga-me que eu sou capaz de realizar isso, que valerá a pena carregar essa culpa em minha alma. Ajude-me.*

— Taat?

Niente saiu do devaneio.

— O quê?

— Pensei que o senhor tinha dito alguma coisa.

— Não — ele respondeu.

Pelo menos, espero que não. Ninguém pode saber dessa visão. Não ainda.

— Eu só pigarreei; o ar desta manhã está afetando meus pulmões. — Niente apontou na direção dos navios e da baía. — Amanhã, navegaremos

na direção do sol quando ele nascer.

— E haverá bons ventos — afirmou Atl.

A confiança em sua voz fez Niente se voltar para o filho, estreitando os olhos.

— Você *sabe* disso? — perguntou ele.

Atl sorriu brevemente, como o toque do sol através das nuvens sobre os navios lá embaixo.

— Sim.

— Atl... — Niente ia dizer, mas o filho ergueu uma mão.

— Pare, taat. Deixe-me terminar por você. "Olhe para mim. Veja como Axat me marcou. Deixe a premonição para algum outro nahualli. Axat é cruel com aqueles a quem Ela dá a Visão." Eu já ouvi isso tudo. Muitas vezes.

— Você *devia* olhar para mim — insistiu Niente.

Ele tocou seu olho branco e cego, massageou os músculos flácidos do lado esquerdo do rosto, os sulcos da pele morta e cheia de cicatrizes: uma máscara de horror.

— É assim que você quer ficar?

O olhar de Atl varreu o rosto de Niente e se afastou mais uma vez.

— Isso levou muitos anos, taat — ele respondeu. — E o juramento dos nahualli nos obriga a fazer o que Axat exigir de nós. E sua premonição também lhe deu isso.

Atl apontou para o bracelete dourado no braço de Niente.

— Você não deve fazer isso — insistiu Niente. — Atl, estou falando sério. Quando eu morrer, faça como quiser, mas enquanto eu estiver vivo, enquanto for seu taat e o nahual...

Ele pousou sua mão no ombro de Atl. O contraste entre suas peles o assustou: a dele era flácida, dolorosamente seca e tomada por incontáveis rugas; a de Atl era lisa e bronzeada.

— Não invoque Axat — terminou Niente. — Esta tarefa é *minha*. É o *meu* fardo.

— Não precisa ser só seu.

— Sim, precisa.

As palavras de Niente saíram mais ríspidas do que ele tinha intenção, fazendo com que Atl virasse o rosto, como se tivesse levado um tapa. Os olhos do jovem estavam entreabertos, e ele disparou um olhar de pura fúria para Niente antes de virar a cabeça ligeiramente para encarar deliberadamente a baía. *"Cuide dele"*, dissera Xaria antes de os dois irem embora. *"Atl ama, respeita e admira você. Seu filho quer tanto que você se*

orgulhe dele — e eu me preocupo que Atl faça alguma tolice tentando...”

Xaria não compreendia. Nem Atl, e Niente não podia contar para nenhum dos dois. Ele não podia permitir que o filho usasse os feitiços premonitórios, não por causa do preço que eles cobravam — embora isso fosse significativo — mas porque sabia que Atl tinha o mesmo Dom que ele, e Niente não podia deixar que Atl visse o que ele viu na tigela. Não podia. Se Atl visse o que ele viu, Niente podia perder o Longo Caminho. Os vislumbres do futuro de Axat eram volúveis e facilmente mutáveis.

— Sinto muito — ele disse para Atl —, mas isso é importante.

— Tenho certeza que sim, porque o nahual está sempre certo, não é?

Dito isto, Atl fez uma mesura debochada para o taat e seguiu na direção dos outros nahualli, no mesmo instante em que Niente esticou o braço na direção dele. O nahual piscou; com o olho remanescente, ele viu Atl entrar no grupo.

Ele podia sentir os olhares de todos os nahualli voltados para ele morro acima, imaginando se Atl em breve desafiaria seu taat como nahual, imaginando se talvez devessem desafiá-lo primeiro.

Seus olhares eram avaliadores, desafiadores, destituídos de misericórdia ou compaixão.

Sergei ca’Rudka

Da rua onde se encontrava, Sergei observava o esquadrão do comandante co’Ingres se reunir em volta do prédio gasto e degradado do Velho Distrito sob a cinzenta aurora. O fedor dos açougues da rua tomou suas narinas. Havia quatro homens na frente, outros três em volta da porta dos fundos, e dois em cada espaço entre a casa e seus vizinhos. Também havia um quarteto de ténis-guerreiros cedidos pela a’téni ca’Paim — reunidos em volta da porta da frente, já entoando os cânticos de proteção.

A manhã estava fria, e Sergei fechou mais a capa em volta de seus ombros. A rua estava vazia — havia um utilino postado nas encruzilhadas próximas para impedir que as pessoas entrassem, e multidões se reuniram atrás deles para assistir. Os vizinhos que notaram a Garde Kralji avançando permaneceram prudentemente em suas casas. Sergei podia ver a oscilação ocasional de um rosto nas cortinas, embora não tivesse visto movimento algum na casa em que estavam prestes a entrar.

Isso fez Sergei torcer os lábios em uma careta. A informação veio de um bom informante e foi "verificada" pela interrogação de dois suspeitos de serem simpatizantes dos morellis na Bastida. Sergei tinha esperança de que esta batida capturasse Nico Morel. No entanto...

— Agora! — co'Ingres gritou e acenou com a mão.

Um dos ténis-guerreiros gesticulou, e a porta da casa explodiu em lascas de madeira, acompanhada de um estrondo alto e uma fumaça escura. A Garde Kralji entrou correndo, brandindo espadas e ordenando que qualquer pessoa no interior se rendesse.

Sergei não ouviu respostas aos gritos. Fez uma careta e começou a atravessar a rua, batendo com a bengala nos paralelepípedos — o comandante co'Ingres seguiu o passo cadenciado e cauteloso de Sergei —, no mesmo momento em que o o'offizier no comando do esquadrão apareceu na porta, negou com a cabeça.

— Sinto muito, embaixador, comandante — falou ele, dando passagem para que Sergei entrasse na casa.

Seus joelhos estalaram conforme ele subia pela soleira elevada. Ele ouviu o ruído alto das botas dos gardai vasculhando os ambientes no segundo andar batendo no assoalho.

— Aparentemente não há ninguém aqui — disse o'offizier.

— Não. Eles sabiam que viríamos — respondeu Sergei.

O cômodo em que eles estavam tinha pouquíssima mobília: uma mesa cuja superfície arranhada era pouco escondida por uma toalha quadrada e manchada; algumas cadeiras bambas com assentos de vime que precisavam de revestimento novo. Parecia que, se os morellis morassem aqui, viviam com pouco luxo. Sergei foi até a lareira no outro aposento e agachou, resmungando com a dor em suas pernas. Ele estendeu a mão sobre as cinzas: sentiu o calor que ainda emanava dos carvões abaixo. O embaixador ficou de pé novamente.

— Eles estiveram aqui ontem à noite. Alguém os avisou.

Sergei coçou a pele perto da narina direita falsa. No consolo sobre a lareira, havia apenas um pergaminho dobrado com capricho, com algo escrito na frente. Sergei aproximou-se para ler: era seu próprio nome, escrito em letra elegante e cuidadosa. Ele bufou pelo nariz metálico.

— Embaixador? — Co'Ingres espiava sobre o ombro de Sergei. — Ah, então nosso informante estava certo.

— Certo a respeito da localização. Errado quanto ao momento — ele respondeu.

Sergei pegou o papel do consolo e abriu o pergaminho duro.

Sergei — sinto muito ter perdido sua visita. Cénzi me diz que um dia eu e você devemos conversar. Mas não hoje. Não até eu ter cumprido todas as tarefas que Ele me passou. Gostaria de pensar que talvez agora você entenda que estou apenas fazendo Seu trabalho, mas suspeito que seus olhos, assim como os da kraljica e da a'téni, estão cegos. Sinto muito por isso, rezarei para que Cénzi lhe dê a visão. Estava assinado simplesmente "Nico".

— Não encontraremos nada aqui — disse Sergei para co'Ingres. — Mande seus homens vasculharem o lugar exaustivamente, caso tenham perdido algum detalhe importante, mas não vão encontrar nada. Os morellis têm seu próprio informante, seja na Garde Kralji ou, mais provavelmente, dentro da Fé. Nós os perdemos.

Ele cutucou as cinzas na lareira com a ponta da bengala até ver uma brasa vermelha. Deixou o bilhete cair sobre os carvões. As pontas do papel escureceram, linhas vermelhas correram sobre o pergaminho antes de ele pegar fogo.

— Não deixarei que isso aconteça uma segunda vez — falou Sergei: para co'Ingres, para o papel, para o fantasma de Nico.

O papel virou cinza seca, e seus fragmentos subiram pela chaminé. Sergei ergueu os ombros para ajeitar a capa. Bateu com a bengala uma vez com força no piso da casa e saiu.

— Teremos sucesso da próxima vez — disse Sergei. — Eu juro.

Ele observou Varina dar de ombros na luz que passava entre as cortinas de renda da janela. Os desenhos da renda pontilhavam seu rosto e ombros com luz salpicada e deixavam seus olhos nas sombras.

— Eu sei que não é o que você quer ouvir — respondeu ela —, mas parte de mim está feliz por Nico ter escapado de você, Sergei. Acho que Karl teria se sentido da mesma forma.

O bule de chá sobre a mesa entre eles fez barulho quando Sergei se ajeitou na cadeira.

— Sua compaixão é admirável, e é o que faz a todos, incluindo Karl, amarem você.

— Mas?

Varina pousou a xícara de chá. As sombras das rendas percorreram as costas das suas mãos.

Agora foi Sergei quem deu de ombros.

— Compaixão nem sempre é bom para o Estado.

— Você teria dito isso na época em que os numetodos eram chamados

de hereges e condenados à morte? — retrucou Varina suavemente.

Ela olhou lá fora, pela janela cortinada e voltou a olhar para Sergei.

— Você teria dito isso quando o kraljiki Audric e o Conselho dos Ca' chamaram *você* de traidor?

Sergei estendeu suas mãos em frente ao corpo como se fosse deter um ataque. Ele lembrava-se muitíssimo bem do tempo que tinha passado na Bastida após ter sido condenado por Audric: de como tinha sentido medo de que fizessem com ele o que ele tinha feito com tantos outros, de como Karl e Varina o tinham salvado desse destino, colocando suas próprias vidas e liberdade em risco.

— Eu me rendo — falou o embaixador. — A dama tomou o campo de batalha.

Varina quase sorriu ao ouvir isso. A expressão foi momentânea, mas Sergei sorriu de volta — era a primeira vez que a via mostrar um traço de divertimento desde a doença fatal de Karl. O embaixador estendeu o braço e deu um tapinha na mão de Varina; a pele flácida em volta de seus ossos fez as mãos dela parecerem jovens, em comparação.

— O menino teve uma vida difícil — argumentou ela. — Ele foi tirado de sua pobre matarh por aquela louca horrorosa, a Pedra Branca. Que tipo de vida o menino poderia ter tido? Não fazemos ideia dos horrores pelos quais ele pode ter passado com ela.

— Concordo, não há como sabermos. No entanto, ele não é mais um menino, mas um homem que tem que ser responsabilizado por seus atos — disse Sergei.

E ergueu novamente as mãos ao ver que Varina se preparava para responder.

— Eu sei, eu sei. "A criança molda o homem". Eu conheço o ditado, e sim, há verdade nessas palavras, mas ainda assim... — Sergei balançou a cabeça. — ... Nico Morel não é o menino que conhecemos, Varina, não importa o quanto você gostaria que isso fosse verdade. A última ação dele matou cinco amigos nossos e feriu muitos outros.

— Eu sei — ela respondeu tristemente. — E não estou dizendo que ele não deve ser punido por isso. Nem considero Nico o monstro que você pinta, mesmo depois do que ele disse, mesmo depois do que fez ao...

Varina parou. Sergei ouviu a hesitação em sua voz e viu seus olhos umedecerem, e soube o que ela não diria. Varina fungou e recuperou o controle.

— Mas *compaixão*... Você está errado quanto a isso, Sergei. Está errado a respeito do que estou sentindo. Um cachorro raivoso não pode ser

culpado por sua raiva, mas deve ser detido pelo bem de todos. Eu compreendo, Sergei. Mas se o cão for *meu*, então é meu dever detê-lo. Meu.

Seu tom era fervoroso, e Sergei ficou intrigado com a urgência que ouviu em sua voz.

— Só me prometa que, se, por alguma razão, você souber de alguma sobre Nico, irá avisar o comandante co'Ingres imediatamente — pediu o embaixador. — Ele prometeu que a protegeria enquanto eu estiver em Brezno, mas me preocupo com os morellis, especialmente após o funeral de Karl. Só Cénzi sabe o que eles são capazes de fazer. Detê-lo sozinha seria arriscado. Pelo que a a'téni ca'Paim me falou, a habilidade de Nico com o Ilmodo é absolutamente assustadora, se ele escolher usá-la. Prometa-me que tomará cuidado. Prometa-me que não fará esforço algum para contatá-lo. Esse cão raivoso em particular ameaça a todos na cidade; deixe que a cidade o detenha.

Outro sorriso, este bem mais fraco que o anterior.

— Você pareceu o Karl falando agora. Eu sempre acreditei que a cautela era superestimada — disse Varina, e seu sorriso de repente se ampliou. — E você, Sergei... vai tomar cuidado?

— O hïrzg Jan, embora isso provavelmente demonstre sua falta de bom senso, parece gostar de mim, apesar do relacionamento frio entre ele e sua matarh. De qualquer maneira, eu sou apenas o mensageiro da kraljica Allesandra.

E às vezes o mensageiro é culpado quando a mensagem não é o que eles querem escutar... Sergei sorriu mesmo quando a dúvida penetrou em sua mente. Jan não gostaria da mensagem de Allesandra, isso era certo. E ele suspeitava que Allesandra também não iria gostar da resposta de Jan.

Você está ficando velho demais para isso... Esse pensamento continuava a vir à tona, cada vez mais. Sergei *estava* cansado, e a ideia de passar vários dias em uma carruagem na estrada, da surra que seu corpo levaria da viagem, e do desconforto das estalagens e camas estranhas no caminho...

Velho demais...

— Cuide-se, Varina. Tome cuidado e, por favor, lembre-se do que falei sobre Nico.

Com uma careta, Sergei empurrou a cadeira e se levantou. Ele pegou sua bengala, que estava apoiada na mesa. Varina levantou-se com o embaixador, dando um passo em sua direção e abraçando-o. Com uma mão, Sergei retribuiu o gesto.

— E você, cuide-se — disse Varina. — E cuidado com as cortesãs, embaixador. Eu soube que, em Brezno, elas não são tão... discretas como somos aqui.

Não serão as cortesãs com quem me envolverei...

— Infelizmente, quando elas olham para mim, não querem outra coisa que não sair correndo — disse Sergei, tocando o nariz.

Ele abraçou Varina com força mais uma vez, e depois se afastou.

— Eu a visitarei assim que retornar. Prometo.

Brie ca'Ostheim

Kriege não deveria estar no quarto de vestir de maneira alguma, mas tinha o hábito de fugir das babás que cuidavam dele. Brie teria que falar com elas mais tarde.

Ela acordou quando ouviu a porta de serviço do quarto de vestir ranger ao ser aberta. Ouviu os passos de Kriege sobre o tapete. Brie saiu de mansinho da cama e entrou no quarto de vestir que ela e Jan compartilhavam. Kriege estava em pé diante na penteadeira de Jan, com as mãos ocupadas com alguma coisa que seu corpo escondia. Ela sorriu satisfeita, esfregando os olhos para espantar o sono.

— Kriege — perguntou Brie —, o que você está fazendo?

Kriege deu meia-volta, assustado, e ela viu a adaga na mão do menino, com a lâmina fora da bainha e os gumes de aço firenzciano escuro reluzindo. A boca de Kriege fez um "Ó" de surpresa, e seu rosto ficou vermelho quando se deu conta de que ainda segurava a arma.

— Kriege, abaixe isso. Com cuidado. Seu vatarh ficaria muito irritado se visse você com isso.

Os olhos de nove anos de idade se arregalaram. Brie viu seu lábio inferior começar a tremer.

— Eu não estou irritada com você, Kriege. Apenas abaixe isso.

Ele obedeceu, um pouco rápido demais, de forma que a adaga bateu na madeira e sacudiu as caixas ali. Brie deslizou para frente rapidamente, pegou a arma e a colocou de volta na bainha usada. Kriege observou seus movimentos: ele observava tudo que tinha a ver com coisas marciais — quanto a isso, o menino era diferente de seu vatarh, e mais parecido com o vatarh de Brie, que era obcecado por armas brancas e possuía uma coleção de espadas e facas que causava inveja até mesmo a museus. O

verdadeiro nome de Kriege era Jan — em homenagem a seu vatarh e a seu vavatarh; ele tinha adquirido o apelido de “Kriege” (guerreiro) ainda muito cedo por sua personalidade teimosa e birrenta quando bebê. O nome tinha pegado; ele era “Kriege” para todos no palácio. E agora parecia que tinha a intenção de honrar o apelido.

A própria Brie herdara o fascínio do vatarh por armas; na verdade, ela chamara a atenção do marido pela primeira vez quando demonstrou sua habilidade com espadas em um evento palaciano em que compareceu com seu vatarh, duelou e derrotou um chevaritt que dera uma resposta depreciativa a um comentário que Brie tinha feito sobre sua arma. Ela geralmente levava uma arma escondida no corpo, ainda.

Mas esta não era a arma dela; era de Jan. Brie devolveu a adaga à caixa de pau-rosa onde Jan a guardava quando não estava em seu cinto, e se agachou em frente a Kriege. Os cachos castanhos do menino caíram sobre sua testa quando ele abaixou a cabeça, e ela ergueu o queixo do filho com a mão, sorrindo para ele.

— Você sabe que não deveria estar aqui, não é?

Ele assentiu, uma vez, em silêncio.

— E você sabe que não deveria mexer nas coisas do seu vatarh, não é?

Outro gesto com a cabeça.

— Desculpe — respondeu ele.

— Do que você se desculpa?

A voz surgiu por trás dos dois; Brie olhou para trás e viu Jan parado na porta do próprio quarto, ainda de camisola, com o cabelo despenteado. Ele bocejou com sonolência e esfregou o rosto barbado.

Brie hesitou, mas Kriege já tinha passado por ela, abraçando as pernas de seu vatarh.

— Vatarh, era a sua adaga. Eu queria vê-la...

Jan olhou para Brie, ainda agachada diante da penteadeira. Ela levantou os ombros para o marido, balançando a cabeça.

— Minha adaga, é? Bem, venha cá...

Ele levou Kriege pela mão até a penteadeira. Abriu a caixa de pau-rosa e tirou a arma e sua bainha suja e manchada. O pomo no fim do cabo era decorado por pedras semipreciosas — Brie suspeitava de que tinha sido isso o que atraíra Kriege em primeiro lugar —, e o cabo em si era feito de madeira sólida de acácia-negra. A lâmina tinha dois gumes que se estreitavam em um ponto preciso e mortal. Uma arma elegante. Com uma história elegante.

Jan segurou a adaga, embainhada, na mão.

— Era isto o que você estava procurando?

Kriege assentiu enfaticamente.

— O que você sabe sobre essa faca?

— Eu sei que o senhor sempre a usa, vatarh. Eu a vejo no seu cinto quase todos os dias. E sei que ela é antiga.

Jan sorriu para Brie sobre a cabeça de Kriege. Ela respondeu para o filho.

— E é *muito* antiga. Foi feita para seu trivatarh, Karin, quando ele se tornou hïrzg, há quase 70 anos, e ele a deu para seu bivatarh, Jan, quando ele era jovem, e Jan a deu para... — ela parou, olhando para Jan, que levantou os ombros — ... sua mamatarh Allesandra.

Brie não mencionou que Allesandra usou a adaga para matar o mago ocidental Mahri. Supostamente, tanto Karin quanto o primeiro Jan também mataram alguém com a mesma arma. Seu Jan também tinha encontrado um motivo para alimentar seu aço com o sangue de um inimigo — quando sua espada fora quebrada no meio da batalha contra o exército de Tennshah.

— E Allesandra deu para seu vatarh.

Os olhos de Kriege foram ficando cada vez mais arregalados conforme Brie contava a história da arma.

— O senhor vai me dar a adaga um dia também, vatarh? — ele perguntou para Jan, depois fez uma expressão apreensiva e uma careta de desdém. — Ou a estúpida da Elissa vai ficar com ela porque é a mais velha?

Brie conteve a risada enquanto Jan abriu a boca, e a fechou novamente.

— Ninguém vai ganhar a adaga até que estejam muito mais velhos — ele respondeu, finalmente. — Ela não é um brinquedo.

— Eu quero uma faca só minha — insistiu Kriege. — Tenho idade suficiente. Eu não vou me cortar. Serei bem cuidadoso.

— Tenho certeza que sim — disse Jan.

Ele respirou fundo e olhou mais uma vez para Brie, que balançou a cabeça levemente. *Não*, ela murmurou.

— Vamos fazer assim — o hïrzg disse para o filho. — Mandarei Rance conversar com o mestre de armas da Garde, para ver se ele pode lhe ensinar como manusear corretamente uma faca. Se ele me disser que você compreendeu e aprendeu todas as lições, então talvez no seu aniversário nós possamos conversar sobre algo que você possa usar em eventos de estado.

— Ah, obrigado, vatarh!

Kriege exclamou e abraçou Jan novamente. E se afastou, dizendo.

— Eu vou contar para Elissa e Caelor. Eles vão morrer de inveja!

O menino saiu correndo do quarto, chamando os irmãos.

— Não. — Jan disse, erguendo a mão quando Brie começou a falar. — Eu sei o que você vai dizer. Eu sei. Elissa estará aqui em poucos minutos, exigindo saber por que não pode ter uma faca também, e Caelor virá logo atrás dela.

— E o que você dirá a eles?

— Que Caelor precisa esperar até que tenha a idade de Kriege.

— E Elissa?

— Acho que ter aulas para aprender a manusear uma arma seria bom para ela. É uma habilidade que ela pode vir a precisar um dia. — Jan guardou a adaga de volta na caixa e fechou sua tampa. — Não concorda?

Essa é uma das muitas habilidades que ela precisará aprender, Brie poderia ter respondido, ao se lembrar de Mavel co'Kella, que a esta altura estava a caminho de seus parentes em Miscoli. Brie tinha certeza de que Jan sabia o que tinha acontecido e quem a tinha mandado embora, apesar de que nenhum dos dois tenha falado a respeito. Ele tinha vindo ao quarto de Brie na noite passada, o que indicava que ninguém tinha entrado na cama de Jan ontem.

— Às vezes — respondeu Brie —, não se pode ter tudo que se quer. Nem mesmo o hïrzg.

Jan lançou um olhar severo para a esposa ao ouvir isso, e ela acrescentou.

— Ou a hïrzgin. Caso esse seja o destino dela.

— É verdade. Mas mesmo assim acho que será bom para Elissa... e que ela tenha aquelas aulas com Kriege. Eles podem começar a se relacionar melhor.

Jan ergueu a cabeça. Ambos ouviram o bater de pés no corredor, seguidos pelos chamados sonolentos e em vão da babá atrás deles (sim, ela teria que falar com a mulher, e talvez substituí-la), e, logo depois, a voz de Elissa.

— Vatarh! Onde está o senhor, vatarh?

Ele suspirou, Brie colocou a mão sobre a de Jan.

— Ela é sua filha. Assim como você, quando quer alguma coisa, ela dá um jeito de conseguir. Você não pode culpá-la por isso.

Ele teria respondido, mas Elissa irrompeu no quarto pela porta de serviço no segundo seguinte, com o irmão caçula, Caelor, vindo logo atrás.

— Vatarh, não é *justo*! — exclamou a menina ao bater com o pé no chão.

— Vou deixá-lo responder — falou Brie para Jan, rindo. — Vou chamar a camareira para me ajudar a vestir. Preciso ter uma conversa com a babá...

Varina ca'Pallo

— Aqui está — disse Pierre Gabrelli entregando o dispositivo para Varina — Espero que funcione para você — ele acrescentou com um sorriso irônico.

Ela segurou o objeto em suas mãos, admirada.

— Pierre, isto é *lindo*...

O sorriso do homem se ampliou.

Ela montou sozinha a maior parte das versões experimentais do objeto, garimpando peças aqui e ali na cidade e depois juntando tudo. Seus próprios dispositivos eram funcionais, mas feios e desajeitados de manusear. Pierre era ferreiro e artesão, assim como numetodo. O que ele tinha dado a Varina não era uma cópia crua da ideia que ela tinha em mente, mas uma obra de arte.

Varina manuseou a "chispeira", como decidira chamá-la, para examinar todos os lados, maravilhada. O dispositivo era deliciosamente pesado e sólido e, no entanto, balanceado o suficiente para ser empunhado com uma mão. Um tubo de metal reto e octogonal — mais espesso desta vez — estendia-se a um palmo do cabo curvo de madeira. Os canos de Varina eram lisos, sem adorno; este era gravado com desenhos de vinhas e folhas enroscadas, o metal era escovado e os desenhos tinham sido traçados em preto fosco. Onde o cano encontrava a madeira, as folhas se lançavam para fora, encaixando perfeitamente em nichos na madeira entalhada para receber o padrão floreado. E a madeira: Pierre pegou várias espécies de madeira, laminou todas juntas, e a variedade de grãs criou um padrão adorável e atraente sob o verniz reluzente. O tambor que carregaria a pólvora não era mais um dispositivo bruto parafusado tortamente no topo: aqui estava encaixado em seu próprio nicho no cabo, e Pierre tinha incluído uma tampa de metal para protegê-lo da chuva e fechá-lo. A roda de aço finamente salientada e ligeiramente sulcada no tambor era cromada e polida; um pequeno cão sobre ele tinha o mesmo desenho de

vinhas e folhas do cano, com uma peça delicada de pirita presa nos mordentes. Um guarda-mato — também no formato de folha e cromado — envolvia o mecanismo de disparo.

Ao olhar fixamente para o objeto, Varina esqueceu-se por um momento da dor que pairara como uma sombra negra sobre ela há dias. Por um momento, havia luz em seu mundo.

— Tenho medo de testar isso — ela disse para Pierre. — Odiaria estragá-lo.

— Foi totalmente feito de acordo com suas especificações, que eram, devo dizer, engenhosas; eu só acrescentei a decoração para deixá-lo bonito. Vá em frente, puxe o cão para trás. Coloque o polegar na folha e pressione para trás...

Varina obedeceu: ela ouviu os mecanismos clicarem suavemente quando a pirita se afastou do tambor, ouviu a mola presa à engrenagem ranger ao ser estendida, sentiu o gatilho deslizar para frente e travar. Varina colocou o dedo em volta do gatilho e o apertou: ele voltou imediatamente dando um estalo; a engrenagem girou furiosamente; o cão de pirita bateu contra o aro da roda, e ela viu fagulhas saírem voando do tambor.

Varina podia imaginar o resto: as fagulhas acendendo a areia negra no tambor; a explosão propagando uma bola de chumbo saída do buraco redondo feito no cano...

Pelo menos, esta era a teoria. A última versão feita por ela, bem mais crua, quase funcionou, como ela tinha contado a Karl. Quase — ela ainda carregava as cicatrizes dessa experiência. Ou o cano do dispositivo tinha ficado fino demais, ou o metal tinha algum defeito, ou o buraco tinha sido feito ligeiramente torto. A explosão da areia negra fez o cano se romper, espalhando uma chuva de fragmentos de metal no ambiente, um dos quais tinha aberto um corte profundo no braço de Varina — mais dois palmos para cima e teria acertado seu rosto, mais um palmo para o lado e poderia ter penetrado seu peito. Ela podia ter ficado cega ou morrido — isto foi o que Varina *não* contou para Karl.

Ao pensar em seu nome, a tristeza ameaçara voltar, e ela forçou-se a sorrir para o ferreiro e fingir.

— Pierre, eu devia ter pedido para você fazer isso há tempos. Ela é bem mais elegante do que as engenhocas que eu fiz sozinha. Todo esse trabalho lindo. É só que... e se ela se quebrar como a última?

— Então a senhora me diz o que preciso fazer para a próxima funcionar melhor, não é? — Ele sorriu novamente. — Ande. Teste. Estou

morrendo de vontade de ver.

Pierre arregalou os olhos subitamente ao se dar conta do que disse.

— A'morce, eu...

Varina sorriu e tocou a mão do ferreiro. Ela meneou a cabeça.

— Eu não sei.

Até agora, Varina tinha conduzido todas as experiências sozinha. Os outros numetodos sabiam que ela estava fazendo experimentos com alguma espécie de dispositivo para disparar areia negra, mas ninguém — nem mesmo Karl — sabia dos detalhes.

— Pierre... isso é perigoso. Se...

Desculpas. Apenas desculpas. Varina não *queria* que Pierre estivesse presente; ela notou pelas rugas de expressão em seu rosto que ele compreendeu.

Ele franziu a testa. Deu de ombros.

— Como quiser, a'morce — respondeu Pierre.

Ele se dirigiu até a porta do aposento; Varina quase o chamou de volta, sentindo-se culpada, mas a letargia que tomara conta dela nos últimos dias a tinha deixado lenta e desanimada, e ela não o chamou.

A porta se fechou quando Pierre saiu.

Varina estava no porão da Casa dos Numetodos na Margem Sul, um dos vários laboratórios de lá. *Seus* laboratórios. Foi aqui que Varina, há anos, desvendou a fórmula de produção da areia negra dos tehuantinos. Foi aqui também que ela trabalhou no desenvolvimento da magia ocidental: a cansativa habilidade de encantar um objeto para armazenar um feitiço. Varina tinha passado muitas longas horas aqui. Horas demais, ela pensava, às vezes. Às vezes parecia que Varina tinha passado toda a sua vida aqui. Sozinha, na maior parte do tempo. Cada marca, cada arranhão na mobília, cada pincelada de tinta nas paredes lembrava a Varina do passado.

Ela tinha organizado o laboratório com cuidado: em uma das extremidades do cômodo havia um boneco de pano, vestido com um conjunto velho e amassado de armaduras de placas dadas pelo comandante co'Ingres. Na outra extremidade, Varina tinha posto uma mesa com um torno pesado de madeira. Uma das coisas que ela tinha aprendido no decorrer desse experimento era que o dispositivo dava um coice quando a pólvora era acendida. Durante uma das experiências, Varina machucara o pulso quando uma das versões da chispeira ricocheteou fortemente em sua mão ao disparar. Desde então, ela passara a usar o torno para segurar as várias encarnações das chispeiras e um

barbante amarrado ao gatilho para acioná-lo — esse esquema provavelmente a salvou de ferimentos mais graves quando o cano explodiu na última vez.

Varina levou a chispeira de Pierre até a mesa. Com cuidado, ela encheu o recipiente com areia negra delicadamente. Ela tinha preparado "cartuchos" de papel com mais areia negra e uma bola de chumbo, que ela enfiou no cano. Dobrou um pano em volta do cano — "é tão bonito que não quero arranhá-lo no torno", ela teria dito para Pierre, caso ele estivesse ali — e fechou o tambor do dispositivo, depois de garantir que ele estava apontado diretamente para o peito do boneco. Ela puxou o cão de pirita, amarrou um barbante ao gatilho e foi para trás da mesa, com o barbante na mão.

O cano da chispeira apontava de maneira ameaçadora para o boneco de armadura. Varina puxou o barbante.

A engrenagem girou, faíscas voaram. Ouviu-se um estouro alto, e uma fumaça branca saiu detrás do cano e do tambor. Na outra ponta do laboratório, ela ouviu um nítido estalo metálico.

Varina abanou a mão em meio à fumaça cáustica. Deu uma espiada no boneco: no meio da placa peitoral, apareceu um buraco escuro. Ela arrastou os pés até lá o mais rápido que pôde, inclinando-se para examinar a armadura. Havia um buraco tão largo quanto seu dedo indicador, com as bordas rasgadas e voltadas para dentro. Ela meteu o dedo no buraco — não conseguiu sentir o fundo, e o buraco ficava maior conforme ela penetrava no recheio do boneco. Em algum lugar ali no fundo, havia pedaços da bola de chumbo enterrados. Varina percebeu que estava prendendo a respiração.

Um golpe de espada teria sido aparado pela armadura. A flecha de um arco teria ricocheteado. A seta de uma besta talvez tivesse penetrado, mas não tão fundo.

Funcionou. Se fosse um garda, estaria no chão, sangrando terrivelmente ou talvez morto...

Varina podia imaginar a cena, e essa não era uma visão agradável; ela já tinha visto muita gente morrer em batalha. Varina endireitou o corpo. Voltou para a mesa e examinou a chispeira no torno. Ela parecia inteira e incólume, seu cano ainda estava reto e intacto, exceto por uma mancha de fuligem negra na ponta. Também havia marcas de fuligem em volta do tambor, mas, tirando isso, a arma parecia estar ilesa. Varina abriu o torno e tirou o dispositivo. Então, ela o segurou com o braço estendido e apontou seu cano para o boneco.

Bem, minha velha, o próximo passo é óbvio, se você quiser dá-lo... Isso tinha soado como Karl, rindo ao repreendê-la. A lembrança trouxera lágrimas aos seus olhos, e ela teve que parar por um momento para conter o choro. Varina pousou a chispeira na mesa e, depois de alguns instantes, começou a encher novamente o tambor com mais areia negra e enfiar outro cartucho de papel no cano. Ela pegou a arma e puxou o cão de pirita para engatilhá-lo. Suas mãos tremeram um pouco ao apontar a arma. Varina estendeu a outra mão para estabilizá-la enquanto olhava pelo cano. Ela se perguntou, por um segundo, se estava sendo precipitada e imprudente, se deveria esperar e repetir a experiência como tinha feito minutos atrás, mas no mesmo momento em que a ideia lhe veio à cabeça, ela apertou o gatilho e fechou os olhos.

A resposta da chispeira foi terrível, e a arma deu um pulo em sua mão, embora não tão forte quanto ela se lembrava. Varina abaixou a arma e espiou o boneco. Sim, havia um segundo buraco na armadura, este do outro lado da placa peitoral, mais alto.

Alguém bateu na porta do laboratório.

— A'morce, a senhora está bem? — chamou uma voz vaga.

— Sim — respondeu ela. — Estou bem, está tudo bem.

Varina sentou-se na única cadeira do aposento, com a chispeira aninhada em seu colo. Estava quente, e uma fina coluna de fumaça subia do cano. Varina olhou fixamente para ela: sua criação.

Qualquer um pode manusear isto. Só é preciso um pouco de habilidade e alguns momentos para aprender. Com isso, qualquer um pode matar uma pessoa à distância, mesmo um garda de armadura. Ela sempre tivera a capacidade de imaginar possibilidades; Karl sempre dissera que era isso que a tornava uma boa pesquisadora para os numetodos. *"Você tem imaginação"*, ele dizia. *"Consegue enxergar possibilidades onde ninguém mais as vê. Esta é a melhor magia que se pode ter."*

A linha de pesquisa que produzira a chispeira tinha sido o resultado dessa capacidade — ela vinha experimentando uma nova mistura de areia negra há alguns anos. Varina colocou uma pequena quantidade dessa areia negra no fundo de um recipiente estreito de metal, tampado por um pilão de pedra; ela não tinha notado que o pilão estava rachado e que tinha deixado para trás um pedaço do pilão dentro do recipiente. Varina usou um feitiço de fogo para acender a areia negra... e o fragmento do pilão foi impulsionado pela boca do recipiente, batendo no teto do laboratório. O sulco na viga de madeira ainda estava lá, em cima da mesa. Ela percebeu, então, que a areia negra podia ser usada para outros fins

que não os da simples destruição dispersa.

Um exército de soldados com chispeiras... Varina podia imaginá-lo, e a visão fez suas mãos tremerem.

Isso podia mudar a guerra. Isso *mudaria* a guerra. Completamente. Assim como a própria areia negra estava começando a tornar os ténis-guerreiros desnecessários, a habilidade no manuseio de espadas pesadas também já não era mais importante, não quando tudo o que era necessário era de força para puxar um gatilho e de olhos para mirar pelo cano.

Qualquer um podia ser um guerreiro. Qualquer um podia fazer justiça.

Qualquer um podia se vingar. Ou matar um cão raivoso.

Qualquer um podia matar desnecessariamente. Pelo pior ou mais trivial dos motivos.

Qualquer um. Até mesmo ela.

O que eu fiz desta vez, Karl?

Varina piscou. Sua mão acariciou o verniz sedoso do cabo. Que ironia: um instrumento tão belamente esculpido e dedicado inteiramente à destruição.

Finalmente, ela se levantou da cadeira e foi até a mesa. Tampou o frasco de areia negra e recolheu os cartuchos de papel que havia preparado. Varina colocou o frasco, os cartuchos e a chispeira em uma bolsa de couro e pendurou no ombro. Apagou as lanternas que iluminavam o laboratório, abriu a porta e trancou novamente ao sair.

Com a bolsa pesada no ombro e as mãos ainda se ecoando a sensação da chispeira ao disparar, Varina subiu a escada.

Jan ca'Ostheim

— Nossas tropas estavam tranquilamente a um dia de marcha além das fronteiras de Il Trebbio, antes que tivéssemos qualquer sinal de termos sido vistos. Tivemos uma pequena escaramuça com uma companhia de chevarittai dos Domínios. Dois deles foram mortos por nossos ténis-guerreiros, e os chevarittai deram meia-volta e fugiram depois disso; nenhum dos nossos homens foi gravemente ferido. Dadas as nossas últimas conversas, depois passar um dia ali eu recuei o batalhão pela fronteira. Com tudo que descobrimos nos últimos meses, hïrzg Jan, parece que as fronteiras dos Domínios são um tanto quanto porosas, e Il Trebbio

certamente é um dos pontos mais fracos. A kraljica Allesandra não tem forças suficientes...

Armen ca'Damont, starkkapitän da Garde Civile firenzciana, parou de ler o relatório para Jan quando a porta do aposento foi aberta repentinamente, batendo com força nos aparadores. Um trio de crianças entrou no rastro da interrupção, seguido de longe por uma das criadas com uma criança menor nos braços.

— Vatarh!

Kriege, o filho mais velho de Jan, foi o primeiro a entrar. Ele bateu o pé e olhou com raiva para a irmã, que vinha atrás de si. Caelor, um ano mais novo que Kriege, parou ao lado do irmão, concordou enfaticamente com a cabeça e lançou o mesmo olhar.

— Nós estávamos brincando de chevarittai, e Elissa *trapaceou*! Não é justo!

A babá entrou correndo, com uma aparência nervosa, e fez uma reverência desajeitada para Jan e ca'Damont, com Eria, a caçula de Jan, agora nos braços.

— Sinto muitíssimo, hïrzg — disse a mulher sem erguer o olhar. — As crianças estavam brincando, e eu vestia a pequena Eria, quando houve uma discussão e eles correram para encontrá-lo...

— Tudo bem — respondeu Jan sorrindo para ca'Damont. — Não se preocupe. Agora, Kriege, que história é essa de trapaça?

— Elissa *trapaceou* — repetiu Kriege, fazendo uma careta tão feia que parecia cômica. — Trapaceou, sim.

— Elissa? — disse Jan em tom severo ao mover o olhar na direção da filha.

Outra criança talvez olhasse para o chão. Jan sabia que Caelor teria olhado, ainda que com censura, e até mesmo Kriege afastava o olhar agora. Mas Elissa devolvia o olhar calmamente, fitou uma vez o rosto magro de ca'Damont, marcado e desfigurado pelas memórias de velhas batalhas, e depois se fixou em Jan. Ela penteou para trás os fios castanhos-dourados que escaparam das tranças que caíam nos olhos.

— Eu não trapaceei, vatarh — respondeu Elissa. — Não mesmo.

— Trapaceou, *sim* — interrompeu Kriege, batendo o pé novamente. — Ela *mentiu*.

Elissa nem se incomodou em olhar para o irmão. Seu olhar permanecia fixo em Jan.

— Eu realmente menti, vatarh — admitiu ela. — Eu disse para Kriege que o ajudaria se ele atacasse o fortim de Caelor com seus soldados.

— Ela disse que usaria os ténis-guerreiros no próximo turno para me ajudar — interrompeu Kriege novamente. — E não ajudou. Em vez disso, quando chegou o turno dela, Elissa *me* atacou e eu perdi todos os meus fortins e a maior parte dos chevarittai. Ela trapaceou.

Jan voltou a olhar para ca'Damont, que continha um sorriso.

— Isso é verdade, Elissa?

A menina assentiu.

— Sim — respondeu em tom sério. — Veja bem, Caelor tinha a maior parte dos fortins e soldados que sobraram no tabuleiro, e Kriege e eu tínhamos mais ou menos o mesmo número. Eu sabia que não venceria Caelor sozinha, portanto, disse para Kriege que o ajudaria porque sabia que Caelor acabaria com vários soldados dele e perderia homens suficientes, de maneira que não poderia me atacar, e então, quando fosse meu turno, eu poderia tomar a maior parte dos fortins de Kriege e capturar soldados suficientes para provavelmente ganhar o jogo.

Elissa olhou para os irmãos.

— E teria ganhado também, se Kriege não tivesse ficado furioso e derrubado todas as peças no chão.

O riso abafado de ca'Damont era audível, e ele virou o rosto com cicatrizes por um momento. Jan teve que lutar para conter seu próprio divertimento, embora a graça fosse moderada pela similaridade entre Elissa e Allesandra, a mamatarh da menina. Jan podia imaginá-la fazendo a mesma coisa quando criança; era o que ele a tinha visto fazer quando adulta.

— Então... — disse Jan para a filha —, você ofereceu ao seu irmão uma aliança que não pretendia cumprir para que pudesse ganhar? Estou certo?

Ela assentiu. Jan olhou para os dois meninos e disse.

— Acho que sua irmã acabou de ensinar uma lição excelente a vocês. Na guerra, às vezes a palavra de uma pessoa não é suficiente. Às vezes seu inimigo mentirá para vocês com o intuito de ganhar vantagem. E há mais coisas na guerra do que deslocar soldados. Vocês dois devem se lembrar disso.

— Mas ela *trapaceou*! — insistiu Kriege, batendo o pé mais uma vez.

Jan cofiou a barba, tentando não rir.

— O que você acha, starkkapitän? — perguntou ele para ca'Damont. — Devo punir Elissa por sua trapaça?

— Não, meu hïrzg — respondeu ca'Damont.

Jan viu o rosto de Elissa relaxar ligeiramente — então a menina *estava*

preocupada com o que ele poderia fazer. O starkkapitän continuou.

— Mas eu diria que ela também aprendeu uma lição nesta situação, a de que quando alguém dá a sua palavra, a outra parte poderá ficar aborrecida se essa palavra não for cumprida, e às vezes sua reação pode impedir que se obtenha a vantagem que se esperava ganhar. Agora ninguém vai saber qual de vocês teria vencido o jogo.

Jan deu um tapinha no ombro de ca'Damont.

— Pronto, viram só? — disse o hïrzg para os filhos. — Vocês ouviram do próprio starkkapitän. Ele entende mais de guerra do que qualquer um de nós. Espero que tenham aprendido bem, pois quando um de vocês for hïrzg...

— Rezemos a Cénzi para que isso não aconteça ainda por muitas décadas, meu marido.

A voz ergueu a cabeça de Jan, que viu Brie parada no umbral, rindo da cena. Ele foi em sua direção, deu-lhe um beijo e um abraço breve. Brie cheirava a jasmim e água doce, e seu cabelo — que um dia fora da mesma cor que o de Elissa, mas que agora ficava escuro — era macio mesmo preso nas tranças firmes de Tennshah, tão populares nos dias de hoje. Se sua silhueta tinha ficado mais pesada depois de dar à luz a seus filhos, bem, isso era como as cicatrizes no rosto de ca'Damont; um sinal dos sacrifícios que ela fizera.

Rance tinha contado para Jan que foi Brie quem mandara Mavel co'Kella embora e o porquê. Após a irritação inicial, ele ficou feliz: isso poupou-lhe o trabalho de fazer o mesmo.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Brie, que olhou para as crianças, para a criada que segurava Eria e para a babá. — Rance me disse que você ainda estava em reunião, temos que estar no templo para a bênção do Dia do Retorno em uma virada da ampulheta.

Ela balançou a cabeça, embora a expressão no rosto fosse paciente e calma.

— E nenhum de nossos filhos está arrumado ainda.

— Desculpe-me, hïrzgin — falou a babá ao fazer uma mesura. — A culpa é minha. Eu vou arrumar as crianças. Elissa, Kriege, Caelor, venham comigo agora. Rápido...

Brie abraçou cada um ao saírem (Kriege ainda de cara feia e vermelho de raiva, Elissa com um sorrisinho de triunfo, Caelor sempre circunspecto e pensativo).

— Também devo me retirar — disse ca'Damont, fazendo uma reverência para Brie e Jan, e se dirigiu ao hïrzg. — Eu mandarei meu

escriba preparar um relatório completo para o senhor hoje à tarde. E verei o que o embaixador ca'Rudka tem a dizer quando chegar. Tenho certeza de que ele receberá a notícia a caminho daqui. Hïrzg, hïrzgin...

O starkkapitän fez uma mesura e se ausentou. Quando as portas da câmara se fecharam, Brie foi até Jan, o abraçou novamente e ergueu a cabeça para ser beijada. Ela recuou um pouco nos braços dele e puxou o colarinho da camisa.

— Você vai usar *isto* na cerimônia?

— Estou considerando, sim. É confortável.

— Mas você fica tão bonito naquela sua camisa vermelha nova.

Jan sorriu para Brie.

— Então talvez eu mude para a vermelha, só para lhe agradar.

Ela o beijou novamente.

— Armen não teve problemas em Il Trebbio?

— Menos do que eu esperava, na verdade.

Brie assentiu, encostando a cabeça no ombro dele.

— As crianças nunca viram a mamatarh, Jan. Eles apenas a veem como aquela mulher horrível de Nessântico que às vezes envia presentes. Eu acho que você devia considerar o que Sergei quer oferecer por ela.

— *Ela* é a responsável pelo afastamento — respondeu Jan. — E Rance concorda que não deve haver acordo algum com os Domínios. Se ela queria paz, não deveria ter apoiado Stor ca'Vikej na Magyaria Ocidental e não deveria ter permitido que o filho dele andasse à vontade pela corte dos Domínios. Ela fez a fama, agora que se deite na cama; se achou desconfortável, bem, ela é a única responsável.

— Eu sei — sussurrou Brie. — Eu sei. Mas ainda assim... As crianças devem conhecer seus parentes, e não considerá-los inimigos.

— Então que ela abra mão completamente do Trono do Sol, em vez de deixar que Sergei proponha essa tolice de me nomear a'kralji.

— *Você* a colocou no trono, meu amor.

A censura não tinha sido tão dura quanto poderia, e Brie tocou o rosto dele delicadamente para abrandá-la.

— Eu sei, você fez o que achou que era certo na ocasião.

— Eu era jovem e tolo — disse Jan, que abriu os braços e soltou Brie. — Não quero falar sobre isso, não agora.

Ele pegou a mão da esposa e a beijou.

— Deixe-me mandar os camareiros encontrar esta camisa vermelha que você gosta tanto, e iremos ao templo fazer nossa aparição...

Jan ouviu um suspiro contido, mas Brie sorriu para o marido, passou a

mão em seu peito e parou exatamente no cinto.

— Não os chame ainda — disse Brie, que ficou na ponta dos pés para beijá-lo, enquanto deixava a mão onde estava. — Ainda há tempo, não, amor?

Ele riu.

— Quanto tempo quisermos. Eles não podem começar sem nós, não é?

Jan beijou Brie novamente, com mais urgência. Ele sentiu o corpo da esposa ceder ao dele, e isso espantou todos os outros pensamentos, por um instante.

Rochelle Botelli

A cerimônia começou tarde, uma vez que a comitiva real chegou atrasada ao templo. Rochelle, em meio à confusão de pessoas comuns, sem status, encontrou alívio no abrigo de uma das meias colunas do interior, na parede dos fundos, encostando-se ali com os olhos semicerrados, com as narinas queimando com o fedor de incenso e os ouvidos cheios do cântico das preces e da cantoria do coro. Ela ouviu os ca' e co' sentados ficarem de pé quando as trompas soaram seu chamado lamentoso do domo do templo e as grandes portas principais se abrirem para dar passagem ao hïrzg e sua família. A luz radiante do sol entrou na escuridão parcial do templo. Rochelle abriu totalmente os olhos e subiu na base da meia coluna, para olhar sobre as cabeças da congregação.

A procissão era liderada pelo archigos Karrol e vários o'ténis, envoltos pela bruma de fumaça aromática dos incensórios, com quatro ténis-luminosos cantando e levando lanternas com chamas amarelas ainda mais intensas que o sol. O archigos andava devagar, com um o'téni de cada lado, caso ele tropeçasse — Karrol tinha mais de sete décadas de idade, e embora ainda tivesse a mente afiada de sempre, nos últimos anos sua saúde física começara a declinar, e seus assistentes estavam sempre atentos quando ele subia degraus e escadas, ou quando, como hoje, o ritual exigia que o archigos andasse uma distância considerável, embora ele se apoiasse no cajado do archigos que levava na mão direita, com o globo cravejado e partido de Cénzi na ponta. Karrol vestia um robe verde enfeitado com fio dourado, os desenhos reluziam na claridade que o banhava, o longo cabelo branco parecia brilhar sob a coroa pontiaguda. Ele ergueu sua mão livre para saudar a multidão, e a boca curvou-se em

um sorriso sob a barba.

O starkkapitän Armen ca'Damont e sua família vieram a seguir, seguidos dos integrantes do Conselho dos Ca' com suas famílias. Rochelle ficou na ponta dos pés para ver melhor Jan quando ele entrou. Ela lembrava-se da matarh — nos momentos cada vez mais raros de lucidez antes que fosse completamente dominada pelas vozes em sua cabeça — falando de Jan, dizendo que ele era bonito, o jeito que a abraçava, a promessa de que a amaria para sempre.

Que Jan era seu vatarh.

A matarh de Rochelle amou Jan até a morte, assim como odiou a kraljica Allesandra por ter separado os dois.

Rochelle já tinha visto quadros do hïrzg e olhado fixamente para a imagem, à procura de alguma semelhança com as feições que ela via quando se olhava em metal escovado ou água parada. Talvez o nariz fino e comprido? Ou as maçãs do rosto acentuadas? A pele, mais escura e facilmente bronzeada no sol; será que indicava as Magyarias e o sul, onde o hïrzg nasceu? Será que esses traços tinham vindo do vatarh de Rochelle, ou da vavatarh?

Ela nunca o vira assim tão perto, ao vivo — a uma distância tão curta quando Jan entrou no tempo. Rochelle espiou ansiosamente na direção do hïrzg.

Ele era bonito: tinha uma barba fina e escura que envolvia sua mandíbula firme, um nariz fino e comprido (sim, parecido com o dela), uma pele tão escura que se destacava entre os firenzcianos no templo; olhos escuros e intensos; cabelo cacheado e tão escuro que era quase preto, embora o sol revelasse mechas vermelhas e cor de bronze.

Parecia com o cabelo dela. Como o rosto que Rochelle às vezes via devolvendo o olhar.

Sim, ele podia ser mesmo seu vatarh. As histórias que sua matarh lhe contara podiam ser verdade. Rochelle ficou aflita quando o hïrzg olhou em volta, quando seu olhar passou momentaneamente por ela. Ela ergueu a mão; e ele pareceu acenar ligeiramente com a cabeça para ela.

Ao lado dele estava a hïrzgin Brie. Rochelle viu a mão de Jan tocar sua cintura ao se aproximar e cochichar alguma coisa em seu ouvido. A hïrzgin riu, e Rochelle viu o carinho nos olhos da mulher ao encarar o marido. O vatarh de Rochelle. E atrás...

Atrás deles estavam os filhos. Rochelle sabia seus nomes; todo mundo em Firenzcia sabia. Ela olhou fixamente para as crianças, seus meios-irmãos. Sentiu vontade de chamá-los. *"Eu deveria estar ali, com ele"*,

dissera sua matarh, *"com você como a filha mais velha, aquela que Jan mimaria, que sempre faria com que ele desse aquele sorriso. Jan tinha um sorriso tão maravilhoso..."*.

Rochelle sorriu para Jan, mas ele não estava mais olhando na sua direção, ele agora havia passado por ela, percorrendo a passos largos a nave do templo em direção ao coro, onde o archigos Karrol o esperava. O hïrzg cumprimentou os ca' e co' nos bancos voltados para a frente.

Rochelle imaginou-se andando com ele. Imaginou-se recebendo uma onda de aplausos. Imaginou que Jan desmanchava seu cabelo em vez do de Elissa.

"Esse era o meu nome: quando o conheci, quando éramos amantes. Era o nome que eu usava na época — Elissa. Ele batizou sua primogênita em minha homenagem. Ele...".

A família — a família que poderia, que *deveria* ter sido dela — estava distante agora, entrava nos assentos vazios diante do Alto Púlpito em frente ao templo, sob o domo e as figuras pintadas que olhavam para a assembleia lá do alto, em seus afrescos. Os e'ténis no fundo do templo entoavam cânticos, a energia do Ilmodo fechou as enormes portas de bronze, e Rochelle deixou-se cair do poleiro para o chão. Andando agilmente e em silêncio, ela saiu de mansinho antes que as portas se fechassem.

Rochelle entrou correndo nas zonas mais antigas e pobres da cidade, onde morava. Este era outro conselho da matarh: *"Viver entre os ricos deixa a pessoa visível demais. Este foi o erro que cometi com seu vatarh..."*. Ela ouviu as trompas do templo soarem a Segunda Chamada e a bênção do Dia do Retorno ao entrar cada vez mais nas vielas estreitas e tortuosas que se enrolavam em torno dos morros de Brezno, com pressa porque estava atrasada para um compromisso.

Alguém queria contratar a Pedra Branca: Josef co'Kella, pertencente a uma família em ascensão que parecia estar envolvida em vários negócios na cidade. Rochelle imaginou que desculpa o homem teria usado para evitar sua presença no templo na manhã de hoje.

Ele já deveria estar esperando do lado de fora da Faísca Azul, uma taverna na alameda Reta — um nome apropriado, pois subia em linha reta pela encosta íngreme do morro Hïrzgai, que abrigava as ruínas do primeiro palácio, queimado e abandonado há três séculos. A Faísca Azul ficava localizada no meio da subida do morro; Rochelle tinha escolhido o lugar porque podia chegar tanto por cima quanto por baixo da alameda, o que lhe dava uma visão de onde era possível determinar se era seguro se

aproximar ou se ela deveria passar pela taverna; na última semana, desde que cumprira o contrato com o *goltschlager* ci'Braun, os utilinos e a Garde Brezno vinham fazendo perguntas e incursões estranhas, prendendo determinadas mulheres pela cidade: mulheres que quase sempre tinham praticamente a mesma idade que sua matarh teria se estivesse viva, mulheres que tinham a mesma compleição física da sua matarh. Era óbvio para Rochelle que eles estavam caçando a Pedra Branca. Era possível que co'Kella fosse a isca de uma armadilha para capturá-la.

Ela se perguntou, mais uma vez, se deveria sequer se encontrar com o homem, mesmo que ele não fosse nada além de um cliente em potencial. O sujeito era um co', o que significava que Rochelle podia cobrar caro pelo serviço, mas sua matarh a tinha alertado havia muito tempo de que a Pedra Branca deveria cumprir dois, no máximo três, contratos na mesma cidade antes de se mudar. Ela queria ficar em Brezno, agora que tinha visto Jan. Queria saber mais a respeito dele, queria conhecê-lo melhor. Queria encontrá-lo. Seria melhor deixar a Pedra Branca de lado; Rochelle tinha moedas suficientes na bolsa.

Mas a verdade é que ela não queria deixá-la de lado. Era empolgante ser a Pedra Branca, caçar e, consequentemente, matar.

Mais um contrato. Só isso.

Rochelle já tinha visto co'Kella, usando — como ordenado — uma bashta vermelha e um chapéu com uma pena azul. Ele parecia pouco à vontade, observando a todos que passavam enquanto entrava e saía da porta da taverna. Rochelle olhou para ambos os lados da rua; nenhum utilino, nem gardai da Garde Brezno; não havia ninguém por perto fingindo estar fazendo qualquer outra coisa em um lugar onde pudesse vigiar facilmente o homem. O que não significava que não havia gardai escondidos nos prédios nos arredores à espreita, mas até o momento tudo parecia seguro e normal. Ela continuou andando na direção do homem, sem olhar para ele deliberadamente enquanto se aproximava, fingindo estar interessada nas mercadorias das vitrines. Em sua visão periférica, Rochelle notou que co'Kella a examinava com o olhar, afastando o rosto em seguida. Ela passou pelo sujeito e colocou a mão no cabo da faca sob o manto.

— Venha comigo, vajiki co'Kella — sussurrou Rochelle ao passar por ele.

Ela continuou subindo a alameda, lentamente. O homem ficou visivelmente espantado. Em seguida, se moveu e se virou para caminhar ao lado de Rochelle.

— Você é...?

— Eu sou quem você esperava — respondeu ela.

Rochelle olhou para trás: ninguém surgiu dos prédios em volta; nenhum utilino deu um apito de alerta; nenhum esquadrão da Garde Brezno apareceu. Ela relaxou um pouco, embora continuasse a espiar para ver se os dois estavam sendo seguidos — havia um grande emaranhado de travessas que afluíam da alameda Reta, Rochelle pensou que poderia despistar possíveis perseguidores ali, se precisasse. Ela manteve a mão no cabo da faca, caso o próprio co'Kella tentasse atacá-la, mas as mãos do homem estavam visíveis e ele não parecia ter uma espada.

— Qual o seu nome? — perguntou co'Kella.

Rochelle riu.

— Você não precisa saber meu nome, vajiki. Não estamos fazendo negócio, e mesmo que estivéssemos, este é um negócio do tipo que dispensa nomes. Já basta que eu saiba o seu, e não é comigo, afinal de contas, que você quer conversar.

— Então você não é... Claro que não, é tão jovem...

— Não, eu não sou a pessoa que você quer contratar — respondeu ela em tom firme. — Eu sei como entrar em contato com ela, se é isso o que você quer saber. E isso é tudo. Mas nem mesmo eu sei dizer qual a sua aparência ou quem ela é.

Co'Kella parou. Rochelle virou a cabeça para olhar para ele.

— Continue andando, vajiki, a não ser que tenha mudado de ideia.

O homem pareceu sentir um calafrio, depois deu um passo para acompanhá-la novamente.

— Ótimo — disse ela. — Então me diga, quem é a pessoa?

— Quem é a pessoa? — perguntou co'Kella estupidamente, estremecendo novamente. — Ah, isso. Eu preferia não dizer. Apenas para... a pessoa com quem você entrará em contato por mim.

Os dois chegaram a uma das transversais. Rochelle parou.

— Então estamos conversados. Bom dia, vajiki.

Ela começou a virar para a esquerda, se afastando da alameda.

— Não, espere! — berrou co'Kella quando Rochelle deu as costas.

Ela parou e se permitiu abrir um sorriso. *Tão típico.* Rochelle voltou a subir a alameda, sem dizer nada, e co'Kella a seguiu apressadamente, próximo ao seu cotovelo.

— Eu... eu digo para você. É Rance ci'Lawli.

Ela não conseguiu conter totalmente a surpresa em sua voz.

— Ci'Lawli? O assistente-chefe do hïrzg?

Ele assentiu.

— O próprio.

Você não devia fazer isso. Matar alguém tão próximo ao hïrzg. Ainda assim... seria preciso estar perto ou dentro do palácio, onde teria que estar perto de seu vatarh e da família dele... Rochelle sentiu um pulsar dentro de si, que a fez queimar com um anseio louco que ela não sabia definir.

— Por que ci'Lawli?

Ele torceu o nariz.

— Como você disse, vajica, não há necessidade de nomes, nem de histórias aqui. Eu contarei à Pe... — Ele se interrompeu. — À pessoa que você conhece, se ela se importar.

Rochelle deu de ombros.

— Como queira.

Ela pegou o braço de co'Kella, como se fossem dois namorados passeando pela alameda, e puxou o homem para si. Rochelle sussurrou em seu ouvido: um local, um dia e o valor em solas de ouro.

Co'Kella se afastou dela.

— Tanto assim?

— Tanto assim — ela respondeu. — Esteja lá com as solas se estiver interessado, vajiki, e você a encontrará.

Varina ca'Pallo

Ela sabia que não devia ter feito isso, sabia que Sergei ficaria irritado quando descobrisse — e sabia que ele descobriria. Mas ela esperava que fosse mais tarde, quando fosse tarde demais.

Um dos gardai designados para proteger Varina, a pedido de Sergei, tinha deixado escapar o endereço da casa, no Velho Distrito, que tinha sido invadida pela Garde Kralji. Ela se certificou de que seus compromissos no dia seguinte a fizessem passar pela casa e pediu para o condutor da carruagem parar. O garda (que não era o mesmo que lhe dera o endereço) parecia preocupado quando Varina abriu a porta da carruagem e desceu.

— Vajica ca'Pallo, eu não aconselharia...

— Então não aconselhe — ela interrompeu.

O garda ergueu as sobrancelhas. A reação à reprimenda poderia ter agradado outra pessoa, mas apenas fez Varina se sentir culpada. Ainda assim, ela continuou tentando abrandar o tom.

— Eu só quero ver o lugar onde os morellis moravam. Só dar uma olhada; você pode vir comigo, se quiser.

— O comandante vai pedir a minha cabeça por isso.

— Eu direi ao comandante que não lhe dei escolha.

O garda não pareceu convencido, mas conduziu Varina até a porta da casa. Ela deixou que ele entrasse primeiro. Teve a impressão de que podia sentir olhos os vigiando, os encarando de algum lugar. Sem tentar ocultar o gesto, Varina tirou uma pequena caixa de dentro do manto; entalhada finamente em carvalho envernizado, um trabalho primoroso, a obra de um mestre. Ela pousou a caixa no peitoril da janela mais próxima da porta, sentindo o frio do Scáth Cumhacht agarrado à madeira. Em seguida, rapidamente, seguiu o garda e entrou na casa.

Varina passou pouco tempo ali, já que o que viera fazer já tinha sido feito. Ainda assim, tentou imaginar Nico ali, sua voz e a presença nos cômodos, ou dormindo em uma das camas. Havia ícones religiosos da fé concénziana por todos os lugares da casa, e alguém com algum talento artístico havia pintado o globo partido de Cénzi na parede lateral de um dos quartos, enquanto que na parede oposta as formas demoníacas dos semideuses, os moitidi, paródias distorcidas e deformadas da humanidade, a espreitavam. Varina sentiu um arrepio ao olhar para eles, imaginando como alguém poderia dormir ali, sob esses olhares perversos, sorrisos cruéis e as mãos em forma de garras dos moitidi. Até mesmo o garda balançou a cabeça ao olhar para eles.

— Eles têm uma visão estranha da Fé, esses morellis — comentou o homem.

Os dedos do garda seguravam o cabo da espada com firmeza, como se estivesse com medo de que uma das figuras pintadas pulasse em cima dele.

— Dizem que o archigos Karrol nutre alguma simpatia por eles, embora eu jure que não entendo.

— Eu também não. Não consigo imaginar que o Nico que conheci... — Varina se interrompeu. — Estou pronta para ir.

— Ótimo — respondeu o garda, um pouco rápido demais. — Essa pintura me dá calafrios. É uma coisa feia.

Eles saíram depressa, e o garda fechou a porta atrás deles. Varina se posicionou cuidadosamente entre o homem e o peitoril da janela onde a

caixa estava pousada, para garantir que ele não a visse. O condutor da carruagem era de seu corpo de funcionários; ele não diria nada.

O garda abriu a porta da carruagem para ela; Varina entrou, o garda fechou a porta e subiu para o assento ao lado do condutor. A pequena portinhola acima de sua cabeça foi erguida, e Varina viu o rosto do condutor voltado para ela, lá de cima.

— Para casa — ordenou Varina.

O homem assentiu e fechou a portinhola novamente. A carruagem entrou em movimento com um tranco.

Varina olhou para fora quando o veículo partiu. Ela podia ver a caixa no peitoril e o brilho da madeira dourada sob o sol vespertino.

— A kraljica e o embaixador ca'Rudka ficariam terrivelmente desapontados com você. — Essas foram as primeiras palavras que ele disse para Varina, sorrindo para ela.

Em sua mente, Nico continuava a ser, de certa forma, a criança que Varina conheceu. Sim, ela sabia que o menino tinha entrado na idade adulta aos 15 anos. Varina tinha acompanhado sua carreira desde que ele reapareceu, de maneira inesperada e repentina, como um téni em ascensão no Templo do Archigos em Brezno, um acólito cuja habilidade com o Ilmodo, cujo carisma e força da personalidade impressionavam a todos que o conheciam. Ela — assim como Karl — tinham tentado entrar em contato com Nico, através de cartas enviadas por meio de Sergei em suas viagens frequentes a Brezno, mas estas seguiram sem resposta. Sergei conseguira falar com ele lá, mas Nico tinha deixado claro que não tinha interesse em entrar em contato nem com Karl, nem com Varina.

— Ele disse assim — falou Sergei ao voltar. — "Diga aos dois hereges que eles são um anátema para mim. Eles ridicularizam Cénzi e, portanto, me ridicularizam. Diga a eles que, quando eles virem os erros em suas convicções, então talvez nós tenhamos alguma coisa a dizer uns aos outros. Até lá, eles estão mortos para mim, tão mortos como se já estivessem em seus túmulos, com suas almas se contorcendo com o tormento dos retalhadores de almas." E aí ele riu, como se achasse graça na ideia.

Apesar da decepção, Varina continuou a acompanhar a carreira de Nico. Ficara preocupada quando ele e seus seguidores desafiaram diretamente a autoridade do archigos, fazendo com que Nico perdesse o título de téni e fosse proibido de usar o Ilmodo para sempre, sob risco de perder as mãos e a língua.

Então Nico foi embora de Brezno, perambulando por algum tempo e continuando a pregar sua interpretação ortodoxa do Toustour e da Divolonté — os textos sagrados da fé concénziana — até, finalmente, chegar a Nessântico. Agora ele estava perante Varina, e ela ainda podia ver o rosto redondo do menino no semblante barbado, fino e devoto diante de si, com seu olhar forte e intenso.

"A kraljica e o embaixador ca'Rudka ficariam terrivelmente desapontados com você." Em todos esses anos, durante todo esse tempo, foi assim que ele começou. Varina sentiu o peso da chispeira na bolsa presa ao cinto.

— Por que eles ficariam desapontados? — perguntou ela.

Varina gesticulou na taverna do Velho Distrito onde os dois se sentavam. Em volta deles, os clientes conversavam entre si e bebiam. Um grupo de músicos afinava os instrumento em um canto. O barulho emprestava privacidade aos dois na cabine. Nico estava sentado de frente para ela, com as mãos entrelaçadas sobre a superfície arranhada da mesa de madeira rústica entre os dois, quase como se estivesse rezando. Ele vestia preto, o que fazia seu rosto pálido parecer quase espectral em comparação, mesmo com a luz fraca da taverna e da única vela na mesa.

— Por que não há nenhum gardai aqui para prendê-lo? — indagou ela. — Você acha que eu te odeio tanto assim, Nico? Eu não odeio. De maneira alguma. Nem Karl odiava.

— Então por que o esquema elaborado? — perguntou Nico. — Deixar uma caixa encantada... Devo admitir que foi inteligente e certamente chamou minha atenção, embora meu amigo Ancel não tinha dado atenção ao aviso de não abri-la. Ele me disse que pensou que suas mãos fossem empolar, e que a madeira ficara muito quente.

Nico meneou a cabeça, estalando a língua como se estivesse repreendendo uma criança.

— Você realmente deveria ser mais cuidadosa com a dádiva que Cénzi lhe deu, Varina.

Ela respirou fundo.

— Você *matou* pessoas, Nico. Meus amigos e colegas. Karl já estava morto; você não podia mais machucá-lo. Mas os outros... eles eram *pessoas*, com maridos, esposas e filhos. E você tirou a vida deles.

— Ah, isso. — Ele franziu a testa momentaneamente. — Está escrito no Toustour: "... se lutarem contra você, mate-os; esta é a recompensa dos incrédulos. Lute com eles até que não haja perseguição, e até que a única religião seja a de Cénzi". Sinto muito pelo sofrimento que causei às

famílias dos que morreram. Sinto muito, de verdade, eu rezei para Cénzi por eles.

As desculpas de Nico pareceram genuinamente sinceras, e lágrimas nascentes brilharam na base de seus olhos. Ele fechou os olhos e ergueu a cabeça, como se estivesse escutando uma voz invisível vinda do alto. Então seu queixo se abaixou novamente, e quando ele abriu os olhos, eles estavam secos.

— Mas, se eu sinto que alguns numetodos tenham sido mortos para serem julgados por Cénzi por sua heresia? Não, não sinto.

— O Toustour também diz: "... ó, seres humanos! Nós os criamos e dividimos em nações e tribos para que vocês conheçam uns aos outros, não para que se desprezem".

A boca de Nico se contorceu em um sorriso.

— Eu não esperava que uma numetoda citasse um texto no qual ela não acredita.

— Eu acredito, como qualquer numetodo, que o conhecimento é o que levará à compreensão. Isso inclui conhecer aqueles que lhe consideram um inimigo e entender o que eles acreditam e por que acreditam. Eu li o Toustour inteiro, e a Divolonté também, e tive conversas longas e interessantes com a archigos Ana, com o archigos Kenne e com a a'téni ca'Paim.

— Você leu o Toustour, mas evidentemente não conseguiu enxergar a verdade no texto.

— Qualquer um pode escrever um livro. Eu sou uma numetoda. Preciso de provas. Preciso de provas irrefutáveis. Eu preciso ver hipóteses testadas e resultados repetidos. Só então posso me permitir acreditar. — Varina suspirou. — Mas nenhum de nós vai conseguir convencer o outro, não é?

— Não. — Ele abriu as mãos, com as palmas para cima, sobre a mesa. — Embora eu deva admitir que vocês, numetodos, podem ser úteis ocasionalmente: a areia negra dos tehuantinos, por exemplo. É um tanto quanto irônico, se você pensar a respeito: se eu e minha gente tivéssemos permissão para usar o Ilmodo, então não teríamos precisado usar a areia negra, e seus amigos provavelmente ainda estariam vivos. O Ilmodo, pelo menos, pode ser uma arma precisa.

Varina ficou vermelha, e sua mão acariciou o cabo da chispeira carregada e engatilhada na bolsa do cinto.

— Então por que eu estou aqui, Varina — continuou ele —, se você não está planejando me entregar para a Garde Kralji e me jogar na Bastida?

— Eu queria vê-lo novamente, Nico — respondeu ela.

O dedo de Varina envolveu o guarda-mato de metal do gatilho.

— Eu queria ouvi-lo — a língua de metal frio no dedo se aqueceu com o toque — porque eu preciso saber...

Só um puxão do músculo. É o que basta.

— ... se eu sou o monstro que a Fé pinta? — concluiu Nico para Varina.

Seria tão fácil: embaixo da mesa, retirar a chispeira sorrateiramente e apontar o cano de metal na direção de Nico; puxar o mecanismo do gatilho para girar a engrenagem e soltar faíscas que tocariam a areia negra no tambor fechado. Um instante depois e... *Os buracos na armadura; o que isto faria com um corpo desprotegido?*

— Ninguém pensa em si mesmo como um monstro — Nico dizia. — Alguns podem julgar o ato de uma pessoa como maldade, mas *essas pessoas* pensam que estão fazendo o que é necessário para corrigir o que consideram pecado. Eu não sou diferente. Não, eu não sou um monstro.

Ele sorriu para Varina, e seu rosto e olhos ficaram radiantes, de uma maneira que fez com que ela se lembrasse do antigo Nico, da criança.

— Nem você é, Varina. Não importa o que possa estar pensando em fazer comigo.

Seu dedo recuou. Ela tirou a mão da bolsa.

— Nico...

— Varina — ele disse antes que ela pudesse organizar seus pensamentos caóticos —, você fez o que achou melhor para mim durante o Saque de Nessântico. Eu reconheço isso e sempre lhe serei grato por seus esforços, mesmo que você não saiba que estava seguindo a vontade de Cénzi. Quando rezo para Cénzi, peço a Ele perdão por você e Karl. Rezo para que Cénzi levante a cegueira dos seus olhos para que você possa enxergar Sua glória e ir até Ele.

Nico saiu da cabine e parou ao lado dela. Tocou no ombro de Varina levemente e recolheu a mão. Seus olhos estavam tomados por uma tristeza serena.

— Estamos em lados opostos nesta situação. Eu não queria que fosse assim, mas é. Infelizmente, não pode haver reconciliação entre nós. Pelo que você fez, eu sempre te amarei. Porque você também é uma criação de Cénzi, eu sempre te amarei. E por causa do caminho que você escolheu, eu sempre serei seu inimigo.

A tristeza no rosto de Nico aumentou.

— E é bem mais fácil odiar um inimigo desconhecido do que um conhecido. Portanto, adeus, Varina.

Nico fez, sem nenhuma ironia aparente, o sinal de Cénzi e virou-lhe as costas. *O cão raivoso... Eu podia detê-lo agora.* Ela cerrou o punho direito; tentou ouvir a voz de Karl, mas não ouviu nada. Nico começou a se afastar devagar.

É agora, ou será tarde demais...

Varina permaneceu imóvel na cadeira, olhando fixamente para o tecido preto nas costas de Nico conforme ele caminhava entre os clientes da taverna até a porta.

Nico abriu a porta e saiu. De algum lugar na rua, ela ouviu um cachorro latindo. Parecia debochar de Varina.

PROGRESSÕES

Niente

Sergei ca'Rudka

Nico Morel

Varina ca'Pallo

Allesandra ca'Vörl

Rochelle Botelli

Varina ca'Pallo

Jan ca'Ostheim

Brie ca'Ostheim

Niente

Niente

O mar estava calmo, e os nahualli que Niente designou para evocar os ventos trabalhavam intensamente com seus cajados mágicos. A proa dos navios esculpia longas brumas de água branca. Niente contemplava do castelo de popa do *Yaoyotl*, que começara sua vida como um navio de guerra dos Domínios até ser capturado há 15 anos. O *Yaoyotl* já tinha feito essa travessia uma vez, quando o tecuhtli Zolin realizara sua tola e fatal invasão nos Domínios. Agora a embarcação seguia para o leste outra vez, desta vez acompanhada por trezentos navios da marinha tehuantina, três vezes a quantidade que Zolin usara, com um exército a bordo do tamanho daquele que esmagara as forças dos Domínios em Munereo e nas outras cidades da terra de seus primos, no litoral do mar Oriental. Niente podia ver as velas sobre as amuradas do *Yaoyotl* ondulando como uma revoada de grandes pássaros brancos marinhos cobrindo o oceano.

A vista era formidável. Quando os orientais vissem a frota se aproximando, eles estremeceriam de medo. Niente sabia disso; ele tinha visto nas visões de Axat, na tigela premonitória. E viu novamente, neste instante, ao baixar o olhar para a tigela de latão diante de si. Niente tinha polvilhado o recipiente com pó mágico e usado o poder do X'in Ka para abrir o caminho da visão. Agora ele espiava as brumas esverdeadas, com o filho ao seu lado e sob a supervisão cuidadosa de seu assistente nahuali. Em meio às brumas, as cenas passavam rapidamente por Niente: ele viu a grande ilha de Karnmor despejar uma imensa coluna de fumaça e cinzas no céu enquanto o chão tremia e o próprio mar se contorcia em agonia. Viu a grande frota tehuantina subir pela boca do rio A'Sele, viu os exércitos se espalharem pela praia, viu as muralhas de Nessântico e o exército do inimigo reunido ali.

Mas ele franziu a testa ligeiramente ao fixar o olhar; antes, a cenas tinham a nitidez da realidade. Agora, estavam borradas e ligeiramente obscuras, como se as estivesse vendo mais com os próprios olhos do que com a ajuda de Axat. Isso o preocupou.

Onde está o Longo Caminho? Por que a Senhora o esconde de mim, Axat?

Não, lá estava ele... Mais uma vez, Niente viu o tecuhtli e o nahual

mortos, e atrás deles, o Longo Caminho. Mas este, também, não estava tão nítido quanto antes. Várias visões interferentes deslizavam entre ele e o caminho, como se Axat estivesse dizendo que o curso dos acontecimentos estava contorcendo e revirando os fios do futuro. Niente espiou com mais atenção, tentou ver se ainda conseguia encontrar o rumo do Longo Caminho. Ele voltou atrás no tempo, viu a miríade de possibilidades se desdobrando...

O nahual sentiu seu filho, Atl, se aproximar de seu ombro, olhando fixamente para a tigela premonitória com a respiração presa, como se tivesse medo de que o olhar penetrasse as brumas e destruísse a visão. Niente sabia o que viria a seguir; e sabia também que não podia deixar que Atl visse. Ele exalou bruscamente, balançando as brumas verdes, e agarrou a tigela. Com um movimento brusco, Niente jogou a água no mar sobre a amurada, sibilando friamente. No mesmo instante, Niente sentiu o cansaço do feitiço afetá-lo e cambaleou ali mesmo. Atl passou o braço por sua cintura e o amparou.

O nahual deu um longo suspiro e pousou a tigela premonitória de volta na mesa. Ele se endireitou, e Atl se afastou dele.

— Limpe isto — disse Niente para o assistente mais próximo.

O homem se apressou e pegou a tigela de latão, inclinando a cabeça para Niente e saindo depressa.

— Vou descansar agora — informou Niente para os demais — e falarei com o tecuhtli Citlali mais tarde. Não havia nada de novo na visão.

Os nahualli fizeram uma mesura. Niente podia sentir seus olhares sobre si: *será que ele estava mais fraco do que antes? Será que suas rugas tinham ficado mais fundas em seu rosto, suas feições mais distorcidas e deformadas, e seus olhos mais brancos de cataratas do que antes? Será que este era o momento de desafiá-lo, de se tornar nahual?* Era nisso em que os nahualli pensavam, todos eles.

Seu filho talvez pensasse ainda mais que qualquer um dos outros.

Niente não podia permitir que isso acontecesse. Não ainda. Não até que ele cumprisse a visão que vislumbrara na tigela. O nahual fez um esforço para ficar tão ereto quanto sua coluna curvada permitia para sorrir seu sorriso torto e fingir que seu corpo não incomodava mais que o normal para um homem de sua idade.

Os nahualli, com protestos educados, começaram a se dirigir a suas outras obrigações.

— O senhor interrompeu a visão antes que estivesse completa — falou Atl baixinho.

— Não havia mais nada para ver.

— E como o senhor sabe disso, taat? O senhor não me disse que Axat às vezes altera a visão, que os atos dos que estão presentes na visão podem mudar o futuro, que a pessoa deve estar sempre atenta às mudanças para se manter no melhor caminho?

— Não havia mais nada — repetiu Niente.

Ele notou a dúvida no rosto do filho, e a desconfiança também. Niente forçou um tom agressivo em sua voz, como se tivessem voltado 20 anos no tempo e Atl tivesse quebrado uma tigela na casa.

— Ou você está pronto para me desafiar como nahual? Se estiver, então pegue seu cajado mágico.

Niente estendeu a mão para pegar seu próprio cajado, apoiado à mesa do castelo de popa. A ponta nodosa estava gasta pelos anos de uso, as figuras entalhadas dançavam sob seus dedos. Ele apoiou-se no cajado mágico como se fosse uma bengala, permitindo que suportasse seu peso.

Atl balançou a cabeça, obviamente contrariado em abandonar a discussão.

— Taat, eu também tenho o dom da premonição. O senhor sabe disso. Pode enganar os outros nahualli, mas não a mim. O senhor viu alguma coisa que não quer que eu veja. O que é? O senhor viu sua morte, como fez com a do tecuhtli Zolin e Talis? Foi isso?

Niente se perguntou se o que ouviu na voz de Atl era medo ou expectativa.

— Não — ele respondeu, esperando que o jovem não notasse a mentira. — Você está enganado, Atl. Não aprendeu tanto assim sobre premonição para saber.

— Porque o senhor não permite. O senhor sempre diz "Olhe para mim". "O preço a pagar caro demais". Bem, taat, Axat me deu o dom, e seria um insulto a Ela não usá-lo. Ou o senhor tem medo que eu *queira* ser o nahual no seu lugar?

O vento da maresia agitou o longo cabelo escuro de Atl; a vela sobre eles retumbou e estalou. O capitão do *Yaoyotl* berrou ordens, e os marinheiros correram para seus afazeres.

— Você *será* nahual — disse Niente para o filho. — Um dia. Tenho certeza disso.

Eu vi... Ele pensou, mas não ousou dizê-lo por medo de que isso alterasse o futuro.

— Axat lhe deu o dom, sim. E eu... eu tenho sido um mau taat e um mau nahual por não lhe ensinar tudo que sei. Talvez, talvez eu sinta um pouco

de inveja do seu dom.

Niente viu a expressão no rosto de Atl: outra mentira, pois não havia inveja dentro dele, apenas um pavor lento, mas ele sabia que as palavras convenceriam o filho.

— Eu gostaria de começar a compensar você por isso, Atl. Agora: esta noite, depois de eu conversar com o tecuhtli Citlali. Venha à minha cabine quando me trouxerem o jantar, e eu começarei a mostrar a você. Pode ser?

Em resposta, Atl deu-lhe um abraço vigoroso. Niente sentiu seu filho beijar o topo de sua cabeça calva. Ele foi solto bruscamente e viu o filho sorrindo.

— Eu estarei lá — prometeu Atl.

O rapaz começou a se virar e parou. Ele olhou para o pai, sobre os ombros.

— Obrigado.

Niente meneou a cabeça e respondeu com seu sorriso torto, mas não havia nenhum ardor no gesto, nenhuma alegria.

Ele se perguntou por quanto tempo conseguiria manter a visão de Axat em segredo. E se — caso Atl viesse a se dar conta do que a visão significava — ele conseguiria alcançar essa visão de alguma forma.

Sergei ca'Rudka

Os campos ao longo da Avi a'Firenzcia estavam coloridos com as tendas do exército da Coalizão. "Em manobras", dissera o assistente do corpo de funcionários do palácio que escoltou Sergei da fronteira até Brezno, mas ambos sabiam o que realmente era aquilo: um ajuntamento de tropas e uma ameaça direta. Um comunicado vindo de Il Trebbio foi entregue a Sergei antes que ele cruzasse a fronteira, informando-o a respeito da incursão de um batalhão pelo território de Il Trebbio sob o comando do starkkapitän ca'Damont. O batalhão havia recuado, mas obviamente vinha sondando para ver que resposta provocaria.

E agora essa concentração de tropas perto da fronteira de Nessântico...

Jan, o que você está aprontando? Quer mesmo cutucar os Domínios com essa vara curta?

Sergei sabia, enquanto sua bengala batia nas lajotas de mármore do Palácio de Brezno a caminho da reunião com o hïrzg Jan, como isso

acabaria. A alça de uma pequena bolsa diplomática estava pendurada em seu ombro, e ele tinha adquirido habilidade suficiente ao longo dos anos para abrir a carta selada em seu interior e ler o que Allesandra escrevera ali. Rance, o assistente do hïrzg, fez uma mesura quando Sergei se aproximou da sala de recepção exterior dos aposentos de Jan. Sua expressão era agradável, mas havia desdém sob ela: Sergei sabia que Rance era um dos que aconselhavam o hïrzg a manter a Coalizão intacta e recusar qualquer acordo com os Domínios.

— O hïrzg acabou de entrar — disse o homem —, mas pede a sua compreensão, pois está com a hïrzgin e seus filhos. Uma marca da ampulheta...

— Eu adoraria vê-los — respondeu Sergei — para poder levar um relatório sobre a aparência das crianças à vavatarh delas.

Rance deu de ombros e abriu um sorriso fingido.

— Só um momento, então, e informarei ao hïrzg — disse Rance, que se voltou para um dos criados. — Por obséquio, acompanhe o embaixador até a sala externa e sirva-lhe alguns petiscos.

Rance fez outra mesura e desapareceu no corredor. Sergei acompanhou o criado até uma das salas de espera e aceitou uma taça de vinho e um prato de rétes doces de queijo. Não muito tempo depois, Rance voltou e acompanhou o embaixador por um corredor curto até outra porta. Do outro lado, Sergei ouviu várias vozes e risadas de crianças. O assistente deu duas batidas secas e a porta se abriu.

Os dois filhos mais velhos, Elissa e Kriege, brincavam com um tabuleiro de chevaritt sobre a mesa, observados pelo hïrzg; o filho homem mais novo, Caelor, assistia por trás dos ombros do irmão. A caçula, Eria, estava sentada no colo de sua matarh, perto da janela, e brincava com uma pilha de tricô, enquanto uma babá dobrava fraldas e roupas em um banco perto de uma das portas de saída.

— O embaixador ca'Rudka — anunciou Rance enquanto Sergei entrava na sala.

O som da bengala foi abafado pelo tapete espesso. Elissa virou-se para olhar.

— Vatarh, é o Velho Nariz de Prata!

— Elissa! — Jan lançou um olhar de desculpas para Sergei. — Isso é terrivelmente grosseiro.

— Bem, é assim que o starkkapitän ca'Damont o chama — respondeu ela.

Elissa fechou a cara e cruzou os braços. Uma das peças do jogo, um

téni-guerreiro, ainda estava em sua mão.

— Mesmo assim, você tem que pedir desculpas ao embaixador — falou Jan, mas Sergei tossiu suavemente e interrompeu o hïrzg.

— Não é necessário, hïrzg. Já fui chamado de coisas piores, e ao menos ambas as partes do apelido são verdadeiras. A propósito, há presentes para as crianças, enviados por sua mamatarh nos aposentos da embaixada; eu os mandarei para cá hoje à tarde.

— Presentes!

O grito tinha vindo das três crianças mais velhas ao mesmo tempo, e até mesmo Eria tinha tirado os olhos do emaranhado do tricô da hïrzgin Brie.

Sergei riu — na verdade, os filhos de Jan e Brie o divertiam. Eles eram espertos, encantadores e saudáveis. Era uma pena que Allesandra não os conhecesse tão bem quanto ele.

— Se vocês falarem com Rance, aposto que ele mandaria um mensageiro pegar os presentes agora, se seus vatarh e matarh aprovarem.

— Vatarh? Matarh? — berrou Elissa imediatamente. — Podemos?

Brie sorriu complacentemente e olhou para Jan.

— Podem ir — ela disse para os filhos, entregando Eria para a babá. — E esperem pelos presentes na sala de brinquedos, por favor. Não fiquem incomodando o Rance.

As crianças saíram com a babá e chamaram Rance.

— Elas são crianças adoráveis — comentou Sergei quando saíram. — Vocês dois tiveram muita sorte.

— Isto é o que dizem as pessoas que não são pais — falou Brie rindo.

— Estou certo de que todos os seus filhos se comportam perfeitamente, o tempo todo.

Tanto Brie quanto Jan riram.

— Vamos deixá-los com você enquanto estiver aqui, Sergei — disse o hïrzg. — Isso vai fazê-lo mudar de ideia.

Nesse momento, o sorriso foi recolhido, e Jan acenou para que Sergei se sentasse em uma das cadeiras à mesa. O embaixador notou que o hïrzg pousou o olhar sobre a bolsa diplomática em sua cintura.

— Mas estou certo de que você não veio aqui para nos elogiar ou entregar presentes. O que minha matarh tem a dizer? Da última vez que esteve aqui, você disse que esperava intermediar um acordo e fazer com que ela me nomeasse o a'kralj. Ela concordou?

Sergei olhou para o jogo de chevaritt em andamento à sua frente antes

de responder. Eles disputavam uma partida de dois jogadores, e o número de peças restantes no tabuleiro era mais ou menos igual. No entanto, Sergei viu um erro na maneira como as peças de Kriege estavam dispostas: se Elissa andasse três espaços com a vanguarda, ela estaria atrás das linhas de Kriege. O garoto teria que trazer três chevarittai para se proteger — e isso deixaria dois fortins abertos, sendo sitiados por ambos os flancos.

Ele se perguntou se Elissa também tinha visto aquilo. Pelo posicionamento das peças, Sergei suspeitava que sim.

— Elissa sempre vence — comentou Jan, evidentemente notando a atenção que Sergei dispensara ao tabuleiro. — Gosto de pensar que, pelo menos no jogo, ela não nega sua origem.

Com os dedos espalmados, Jan andou com as peças da vanguarda da filha: três espaços à frente. Sergei ergueu os olhos e coçou a lateral do nariz.

— Ah, então o senhor também viu.

Jan sorriu.

— Da mesma maneira que o fato de você não ter respondido à pergunta que fiz também me diz qual foi a resposta da kraljica.

Sergei enfiou a mão dentro da bolsa diplomática e retirou a carta novamente selada. Ele a pousou na mesa e bateu com o indicador no papel grosso ao lado do selo de cera vermelha.

— A kraljica ofereceu uma... contraproposta.

Jan olhou para a carta, sem estender a mão para pegá-la.

— Então vamos ouvi-la. Imagino que você já tenha lido, embora o selo ainda esteja intacto.

— Isto seria impróprio da minha parte, hïrzg — respondeu Sergei.

Ele ouviu Brie pigarrear e olhou para ela; sua atenção estava voltada para o tricô. Brie pareceu sentir a pressão do olhar de Sergei e falou sem tirar os olhos das agulhas.

— Allesandra diz que se continuarmos a ameaçar suas fronteiras, ela tomará uma atitude — falou a hïrzgin. — Ela interpretou a oferta de Jan como uma "capitulação", não como um acordo. Ela sugere, como alternativa, que o hïrzg deveria dissolver sua tola Coalizão e tornar-se novamente "o braço forte" dos Domínios.

Sergei quase riu.

— A senhora tem ouvidos no palácio, hïrzgin? "Capitulação" é exatamente a palavra que a kraljica usou.

Brie pousou o tricô em seu colo e ergueu os olhos.

— Eu sei como ela pensa — respondeu a hïrzgin, com um sorriso espreitando os cantos da boca. — Meu marido pensa da mesma maneira.

— Brie... —

Jan começou a protestar, mas foi calado pela risada sutil da esposa.

— Isso não é uma crítica, meu amor — falou Brie. — Eu admiro você, sempre admirei. Mas você *é* filho da sua matarh.

Ela voltou a tricotar, e as agulhas soaram como espadas se chocando ao longe.

— E este é o problema; se entre vocês dois houvesse um líder medíocre, então não haveria Domínios e Coalizão, mas um único império.

— Este foi o meu erro — admitiu Jan. — Eu tive a oportunidade de fazê-lo há 15 anos. Podia ter tomado o Trono do Sol.

Ele olhou para Sergei, que exibia uma expressão cautelosamente neutra: nenhum assentimento, nenhuma expressão de concordância ou discordância.

— Mas eu era jovem e queria ensinar uma lição a minha matarh. Em vez disso, descobri que sou o aluno.

Novamente, Brie ameaçou sorrir.

— Vocês dois querem a mesma coisa, sempre quiseram. Infelizmente, vocês dois também consideram que sua visão de mundo é a certa.

A hïrzgin pousou o tricô no banco ao seu lado, se levantou e se dirigiu até Jan. Ela pegou o braço do marido, apoiou-se nele e beijou seu rosto.

— Eu te amo, meu querido, e compartilho de sua visão, mas também compreendo como sua matarh enxerga as coisas.

Jan passou o braço pela cintura da esposa e puxou-a para si. Sergei se levantou, com os joelhos estalando como gravetos secos sendo pisados. Ele apoiou-se na bengala e ajeitou o sobretudo.

— Deixarei que vocês dois leiam a resposta da kraljica e redijam a sua para mim, embora eu possa imaginar qual seja. Se quiserem, podemos discutir sobre a carta e suas possibilidades para chegarmos a termos mais equitativos. Gostariam de jantar na embaixada hoje à noite? Fui informado de que temos um novo chef, especializado em iguarias de Navarro...

— Nós adoraríamos — Brie respondeu.

Jan assentiu um momento depois.

— Então vejo vocês hoje à noite, uma virada da ampulheta depois da Terceira Chamada? Ótimo...

Sergei fez uma mesura para o casal, se dirigiu até a porta e bateu nela com a bengala. Um dos criados do corredor abriu para ele, que se

perguntou, ao caminhar pelo corredor até o portão onde a carruagem o aguardava, quanto tempo levaria antes que filho e matarh estivessem novamente em guerra.

Nico Morel

Eles montaram o palanque no Parque do Templo rapidamente, não muito longe do antigo templo que ficava ali — o mais velho (e menor) dos templos da fé concénziana em Nessântico. A princípio, os morellis concordaram que Ancel seria o orador e eles permaneceriam ali não mais do que uma marca da ampulheta — tempo este que seria suficiente, com sorte, para que um utilino ou a Garde Kralji não reagissem, ainda que Nico tivesse preparado distrações caso as autoridades chegassem. O próprio Nico não discursaria; ele assistiria detrás do palanque com Liana e o resto do círculo interior dos morellis, pronto para fugir e desaparecer nas densas ruelas do Velho Distrito se as autoridades atacassem a manifestação.

Mas a multidão era maior do que o previsto. Notícias da manifestação tinham se espalhado de boca em boca, através de cartazes enigmáticos nas paredes de Nessântico que apenas seus seguidores entenderiam, mas a resposta tinha sido muito maior do que qualquer um deles imaginara. Nico estava certo de que alguma informação sobre a manifestação teria vazado para o pessoal do comandante, mas eles procuraram cuidadosamente por qualquer sinal que indicasse que eles seriam impedidos de falar. Nico não ficou surpreso ao não encontrar nenhum: o próprio Cénzi o protegia, era sua Voz Absoluta. Após o encontro com Varina, ele tinha voltado para casa com a cabeça doendo e os sentimentos confusos. Passou o resto do dia rezando e, nessa noite, Cénzi falou com Nico em seus sonhos: de maneira clara, sem enganos. Ele tinha dito a Nico o que precisava ser dito.

Cénzi falaria através de Nico hoje. E Nico obedeceria, como qualquer servo devia fazer. Ele escreveu as palavras que Ancel diria; Liana já tinha colocado o pergaminho no palanque. O que surpreendeu Nico foi o fato de que, no mesmo momento em que seus seguidores começaram a montar a pequena plataforma, a multidão começou a se reunir. Os primeiros a chegar foram os morellis da cidade, que já eram fiéis. Mas a multidão continuava a crescer, muito além do número de pessoas que já havia

jurado publicamente sua lealdade a Nico. Espalhados pela multidão estavam robes verdes: os ténis da cidade, a maior parte do escalão dos e'ténis — os novos ténis, aqueles que podiam ter ouvido falar de Nico desde que ele voltou a Nessântico, mas que ainda não tinham tido a oportunidade de vê-lo discursar. Agora, no momento em que as trompas do templo anunciavam a Segunda Chamada, quando muitos na multidão deveriam estar nas missas, eles estavam aqui. Trezentas pessoas, pelo menos, talvez mais.

Aqui. Para escutar a palavra de Cénzi.

Você tem que discursar. Eles vieram ouvir você, ouvir Minhas palavras pelo dom da sua voz.

A compreensão o atingiu com força, como um golpe em sua têmpora. Ele quase cambaleou devido ao seu impacto. Liana agarrou o braço de Nico, sentindo sua reação.

— Nico...?

— Eu estou bem. Cénzi acabou de falar comigo.

Ele ouviu Liana respirar fundo.

— Há perigo?

— Não — respondeu Nico, quase rindo. — Exatamente o oposto. Ele quer que eu discurse.

— Você não pode — discordou Liana. — Todo mundo disse que é muito perigoso.

— Eu não corro perigo, não enquanto estiver sob a proteção de Cénzi.

Nico deu um tapinha em sua mão e, em seguida, acariciou sua barriga. Ele sentiu a criança se mexer sob sua mão e sorriu para Liana.

— Eu ficarei bem. Por favor, não se preocupe.

Ela franziu a testa, mas soltou seu braço. Ele sorriu para Liana e deu-lhe um beijo na bochecha, depois subiu rapidamente os dois degraus do pequeno palco onde Ancel já desenrolava o pergaminho. Nico foi recebido por um urro da plateia; Ancel desviou o olhar do pergaminho ao ouvir o som, olhou para o mar de mãos apontando para Nico, e virou a cabeça abruptamente. Sua voz mal conseguiu ser ouvida em meio ao urrar da multidão.

— Absoluto? Eu pensei...

Nico fez o sinal de Cénzi para ele.

— Eu ficarei bem, Ancel, mas agradeço se você ficar aqui comigo para vigiar os gardai. Cénzi... Cénzi quer que eu passe Sua mensagem para a nossa gente com minha própria voz.

Ancel arregalou os olhos e se curvou em uma longa reverência para

Nico, fazendo o sinal.

— O pergaminho... Aqui está.

Ele entregou o papel para Nico, que sorriu para o amigo e balançou a cabeça.

— Eu não preciso disso. Cénzi me dará as palavras.

Outra mesura. Nico subiu no palanque e a multidão redobrou o barulho. Ele ergueu as mãos e fechou os olhos ao erguê-los para o céu. Ele podia sentir o sol em seu rosto e a adulação da multidão o atingir como um golpe físico.

— Pelo Senhor, Cénzi — sussurrou Nico. — Pelo Senhor.

Ele abriu os olhos e fez um gesto pedindo silêncio. Lentamente, a multidão obedeceu.

— Cénzi abençoa a todos vocês hoje — falou Nico.

Ele ouviu Cénzi se mesclar a sua voz, ouviu-a soar alta e retumbante no parque, como um e'téni usando o Ilmodo para amplificar sua Admoestação, ainda que Nico não tivesse criado tal feitiço. Não, esta era a presença de Cénzi, envolvendo o Segundo Mundo em suas palavras para que todos o ouvissem.

— Eu rezei, minha gente, e prestei atenção, e eu ouvi a Voz de Cénzi.

A última frase soou como um urro que atingiu a plateia e pareceu sacudir as árvores do parque, e as pessoas urraram de volta, sem dizer nada.

— O momento está chegando, Ele me disse, um momento em que teremos que fazer uma escolha, em que teremos que decidir se seguiremos Seu caminho ou o caminho dos fracos humanos. O momento está chegando, e está chegando em breve, meus amigos; muito em breve, teremos que mostrar para Ele que ouvimos Suas palavras e que as obedeceremos. As palavras estão lá para nós. Nós as ouvimos nas palavras do Toustour e da Divolonté. Nós as ouvimos nas palavras das Admoestações nos templos. Nós as ouvimos nas palavras dos profetas e dos ténis, mas...

Ele fez uma pausa momentânea, fechando os olhos e erguendo o rosto novamente.

— O fim dos tempos se aproxima de nós. Ele vem devagar, irreversível. Os ténis da Fé já não ouvem as palavras de Cénzi. Ah, eles as pronunciam, mas não as *ouvem*, não as *sentem.* As palavras do Toustour e da Divolonté deveriam golpeá-los como o próprio punho de Cénzi. Elas arrebentarão suas almas e as farão renascer, novas em folha, se vocês permitirem. Eu digo a vocês: é disso que nós precisamos agora. Precisamos nos abrir

para Cénzi e deixar que Ele nos transforme em Sua lança!

As palavras emanaram como fogo da boca de Nico. A onda de calor que emergiu delas atingiu pessoas diante dele, que gritaram novamente sua convicção.

— Diga-nos, Absoluto! — alguém berrou, e todos a ecoaram, em uníssono.

— Diga-nos! Diga-nos!

Nico ouviu a multidão por vários segundos, enquanto seu peito arfava pelo esforço de falar. Finalmente, ele ergueu as mãos e todos se calaram novamente. Em meio ao silêncio, à quietude, Nico voltou a falar, e embora a voz não fosse mais que um sussurro, todos conseguiam ouvi-lo. Ele ouviu sua voz reverberar nas paredes do templo, do outro lado do parque.

— Cénzi me disse que não podemos mais tolerar os hereges entre nós. Não podemos tolerar nem mesmo aqueles que vestem os robes verdes mas que falham ao ouvir Suas palavras quando são ditas. O archigos e seus a'ténis falam com suas línguas falsas. Não podemos mais tolerar aqueles que este mundo abençoou com poder e dinheiro, mas que não enxergam que essas bênçãos derivam de Cénzi, não de si mesmos. Ele trará fogo e destruição. Trará morte e escuridão. Ele nos mostrará nossa estupidez para que todos vejamos, e quando Ele o fizer...

Outra pausa. Ele pronunciou cada uma das palavras a seguir claramente. Devagar. Cada uma em seu próprio tempo.

— Temos. Que. Responder.

As pessoas gritaram, aplaudiram, ergueram as mãos. Mas Nico, olhando por sobre a multidão, pôde ver atrás da última fila da multidão a Garde Kralji uniformizada, esquadrões de gardai que entravam aos borbotões no Parque do Templo.

— O sinal está chegando! — Ele berrou. — Nós o conheceremos em breve! Eu lhes prometo isso porque Ele me prometeu. Mas, olhem — Nico então apontou para a Garde Kralji —, existem aqueles que querem evitar que vocês ouçam as minhas palavras. Que querem me impedir de dizer a Verdade, porque a Verdade é a sua inimiga. Olhem!

A multidão se voltou para trás e viu a Garde Kralji, começando a berrar. Conforme os gardai abriam caminho à frente, tentando chegar ao palco, a multidão empurrava de volta. Os gardai reagiam com seus cassetetes. Algumas pessoas foram derrubadas com o ataque. Um e'téni na multidão soltou um feitiço: um jato de fogo que, rugindo, atingiu as fileiras de gardai.

De repente, virou um caos — muita gente na multidão avançou pelo novo buraco aberto entre as fileiras de gardai. Cassetetes subiram e desceram, e agora havia uma batalha campal no parque. Os apitos dos utilinos soaram, e o Ilmodo agora era usado contra a multidão. Uma rajada de vento controlado atingiu o palco e jogou o público mais próximo no chão, sobre a grama do parque, assim como jogou Nico sobre Ancel.

— Absoluto! — Ancel gritou alto em meio ao barulho da confusão. — Temos que ir embora! Agora!

Nico olhou ao longe. Não havia nada que ele pudesse fazer aqui, Cénzi estava mudo na sua cabeça.

— Eles não me ouvem — disse Nico. — Isto é desnecessário. Os fiéis não deveriam lutar entre si.

Mais gardai entravam no parque, alguns com uniformes da Garde Civile, armados com espadas e lanças em vez de cassetetes. Nico viu cabeças sangrando. Ele começou a se dirigir para a frente do palco, mas Ancel pegou seu braço. Liana tinha subido no palanque agora, juntamente com vários integrantes do círculo interno. Todos cercaram Nico.

— Vocês verão!

Nico berrou para a multidão, mas a voz era apenas sua voz agora, e ainda que o tivessem escutado, não lhe deram atenção. Nico estava exausto, tão cansado como se tivesse usado o Ilmodo. Ele caiu sobre as mãos dos seguidores, que o levaram rapidamente para o fundo do palco e escada abaixo.

— Terminamos aqui — disse Ancel para os demais. — Agora precisamos proteger o Absoluto e levá-lo embora. Rápido.

Nico pegou a mão de Liana enquanto seus seguidores cerravam o círculo ao seu redor, e eles fugiram para as profundezas do Parque do Templo, na direção do labirinto das ruas do Velho Distrito.

Varina ca’Pallo

A oficina de Pierre ficava no jardim dos fundos do terreno da Casa dos Numetodos, na Margem Sul. Ela cheirava a ferro, óleo, madeira e verniz, e também à salsicha que Pierre não terminou de comer, deixada sobre uma mesinha lateral no cômodo atulhado. Cada superfície de trabalho estava tomada; não havia madeira aparente nos tampos das bancadas. Vários

instrumentos e apetrechos estranhos em vários estágios de montagem estavam dispostos aleatoriamente. Varina só podia imaginar o que metade deles poderia ser. O ambiente era iluminado pelo sol que entrava por várias claraboias com heras nas bordas; os raios de luz iluminavam o ar tomado pela serragem: Pierre lixava uma tábua presa em um torno sobre uma das bancadas.

— A'morce — disse o homem subitamente ao notar Varina à porta.

Ele largou a lixa, levantando uma nuvem de poeira reluzente.

— Eu não esperava pela senhora.

Conforme ela entrava, Pierre ia tirando meia dúzia de cinzéis de madeira de cima do assento de uma cadeira, enxotando a gata que estivera aninhada em meio às ferramentas. Ele fez um gesto para Varina se sentar, enquanto a gata rosnava, irritada, e entrava debaixo da bancada mais próxima para lamber as patas e ficar amuada.

— Eu soube que os morellis causaram um tumulto de grandes proporções no Parque do Templo ontem — falou Pierre. — Pelo menos uma dezena de pessoas foi morta, pelo que ouvi dizer, mas o desgraçado do Morel escapou.

Varina meneou a cabeça, em silêncio. Seu complexo de culpa a corroía por dentro novamente: por ter deixado Nico viver quando podia tê-lo matado; por se permitir pensar que poderia ser o juiz e o executor do rapaz; por ter decepcionado a Karl; por ainda nutrir sentimentos maternais por Nico após todos esses anos; por pensar que ele era digno de redenção; pela estranha simpatia que tinha por ele.

Pelo que estava prestes a fazer agora.

Karl, é isto o que eu devo fazer? É o que você teria feito como a' morce? Ao pensar nisso, Varina foi tomada pela tristeza mais uma vez e teve que virar as costas a Pierre por um momento. Todo mundo a alertara de que seria assim: a tristeza recuaria lentamente, que por muito tempo ainda ela se lembraria de Karl e a dor a invadiria novamente.

Pierre deve ter pensando que uma fagulha tinha entrado no olho de Varina.

— Morel disse que haveria um sinal de Cénzi — ele continuou. — Algo a respeito de fogo, destruição e morte, pelo que ouvi dizer.

Pierre fungou com desdém.

— Se essa é a profecia, bem, qualquer um de nós poderia ganhar a vida como profeta. Há bastante fogo, destruição e morte todos os anos que cheguem para vinte profecias vagas como essa. Se Cénzi fosse tão poderoso como Morel parece acreditar, ele teria dado sinais

inconfundíveis e suas profecias teriam sido mais específicas. Ora, se Morel me dissesse que o sol nasceria no oeste amanhã e isso acontecesse, aí sim, *isso* talvez me convença a entrar para a fé concénziana.

Ele riu da própria piada. Varina sorriu educadamente e secou os olhos rapidamente. Pierre pareceu encarar o sorriso como um incentivo.

— O que me incomoda — ele disse — é que havia evidentemente uma quantidade considerável de gente dando ouvidos aos morellis, e muitos eram ténis também, não dá para acreditar. Estou dizendo, os problemas dos numetodos podem estar prestes a começar de novo.

— Nico consegue ser bastante charmoso e convincente — disse Varina. — Ele tem muita presença.

E caso eu tivesse dúvidas quanto aos relatos, encontrá-lo fez com que eu os confirmasse.

Pierre deu de ombros.

— Pelo que ouvi, a multidão na verdade resistiu à Garde Kralji quando os gardai apareceram e permitiu que o desgraçado escapasse. Haverá derramamento de sangue entre os morellis e nós numetodos, a' morce. Guarde o que eu digo... e me chame de profeta também.

Ele sorriu e ergueu ombros novamente.

— Mas, perdoe-me, a' morce, por falar sem parar. Suponho que a senhora tenha testado o dispositivo que fiz. Funcionou? Ele sobreviveu à experiência?

— Sobreviveu — respondeu Varina.

Pierre meneou a cabeça, e ela viu uma intensa satisfação estampada em seu rosto.

— Eu fiquei muito contente com ele — continuou Varina. — É por isso que estou aqui. Quero mais dispositivos. Um punhado deles, na verdade.

Agora suas sobrancelhas se ergueram em seu rosto magro. Inconscientemente, Pierre limpou a serragem da frente da bashta. Seu olhar percorreu a oficina.

— Um punhado — murmurou ele, de maneira quase inaudível. — A' morce, todo o trabalho que eu tenho aqui para fazer... Os pedidos de instrumentos e dispositivos, feitos por outros numetodos para seus estudos... Não sei nem mesmo por onde eu começaria...

Ele ergueu as mãos; Varina notou suas cicatrizes e calos e falou:

— Contrate alguns aprendizes competentes. Eu mesma pagarei sua remuneração, o que você achar justo. Compre o material que precisar e mande a conta para mim. Os dispositivos não precisam ser tão... — Varina pausou e sorriu para Pierre — ... primorosos quanto o que você fez para

mim. Faça com que eles trabalhem sob a sua supervisão; você pode inclusive pedir a eles que lhe ajudem em outros serviços, se necessário. Eu não me importo.

Ela respirou fundo e sentiu um arrepio.

— Pierre, isso é necessário para a proteção de todos os numetodos.

— A' morce, eu não ouvi...

— Não ouviu porque eu não disse nada para mais ninguém. E nem você deveria contar. Posso contar com sua discrição, imagino?

Ele ergueu ainda mais as sobrancelhas.

— Claro, a' morce. Claro. É só que...

— Sim?

Pierre meneou a cabeça negativamente.

— Nada, a' morce.

Ele passou a mão em suas coxas, levantando uma nuvem de poeira que brilhou no raio de luz mais próximo.

— Eu farei como o pedido, e espero que a senhora fique satisfeita com os resultados.

— Ótimo — respondeu Varina. — Obrigada, Pierre. Eu passarei no próximo draiordi para acompanhar seu progresso.

Ela se levantou, ajeitou o sobretudo sobre a tashta e falou:

— Espero que eu esteja enganada e que nada disso seja necessário. Na verdade, isso é o que me deixaria mais contente, mas duvido que eu tenha esse prazer.

Allesandra ca'Vörl

O comandante Telo co'Ingres, da Garde Kralji, e o comandante Eleric ca'Talin, da Garde Civile, estavam ambos em uma inquieta posição de sentido diante do Trono do Sol. Os cortesãos e o público tinham sido dispensados do salão, e a costumeira reunião mensal do Conselho interrompida. O Conselho dos Ca' estava sentado à direita do Trono e, exceto pelos criados a postos próximos às paredes, prontos para atender a qualquer pedido, não havia mais ninguém ali para testemunhar o desgosto que os relatórios causaram em Allesandra.

Ninguém além de Erik ca'Vikej, que estava sentado atrás do Conselho. Allesandra notou os conselheiros se esforçando para ignorar a presença do homem; seu constrangimento era quase agradável. Entre os

conselheiros, apenas Varina parecia não notá-lo. Allesandra tinha a impressão de que ela estava perdida em seus próprios pensamentos; Varina não tinha dito nada durante a reunião inteira.

— Nico Morel foi capaz de fazer um discurso público, um discurso que atacou tanto a Fé quanto o Trono do Sol, e nós, ainda assim, fomos incapazes de capturá-lo.

Allesandra fungou com desdém. O brilho amarelo intenso do Trono do Sol a envolvia; ela pôde ver a claridade entre seus dedos quando apertou os braços cristalinos do Trono. Pôde ver as rachaduras na pedra translúcida e entalhada onde o Trono, danificado no assassinato do kraljiki Audric, há 15 anos, tinha sido reparado. As rachaduras não brilhavam, mas permaneciam teimosamente opacas apesar dos melhores esforços dos ténis-luminosos.

— Não era isso o que eu queria ouvir.

Ela ouviu Erik bufar com um divertimento frio diante do comentário.

— Nem é o que queríamos relatar, kraljica — respondeu o comandante co'Ingres. — Eu estava no comando da operação, não o comandante ca'Talin, que tinha concordado em apoiar a Garde Kralji e, portanto, não deve ser responsabilizado por isso. Eu não tenho nenhuma desculpa adequada, e não darei nenhuma.

— Então é bom que eu tenha recebido outros relatórios do acontecimento, comandante — falou Allesandra. — Eu sei que seus gardai foram atacados pela multidão, e que eles tiveram um controle admirável em não responder no mesmo tom contra os cidadãos dos Domínios.

Co'Ingres inclinou a cabeça em direção à ela em sinal de reconhecimento.

— Mas eu acho que o tempo de contenção contra os morellis já passou — ela continuou. — No futuro, ambos têm a minha permissão para usar a força que acharem necessária.

Allesandra olhou para Varina ao dizê-lo. Ela não fez sinal algum, só olhava fixamente para as mãos entrelaçadas em seu colo, e Allesandra se perguntou se Varina sequer tinha ouvido o que ela disse.

— Nico Morel deve ser encontrado e julgado pelo assassinato dos cidadãos de Nessântico e pelos danos que causou aqui — ela disse para os comandantes e conselheiros.

Os comandantes menearam suas cabeças, recebendo as ordens como qualquer bom soldado deveria, mas os cinco integrantes do Conselho dos Ca' não estavam tão de acordo. Varina estava perdida em seus próprios pensamentos. Henri ca'Sibelli, primo de Allesandra, assentiu, e a papada

sobre seu pescoço balançou com o movimento. Mas os outros três... a mão de Simon ca'Dawki cofiava sua barba branca, e sua boca se contorcia como se ele tivesse provado um gosto azedo; Anaïs ca'Gerodi inclinou-se na direção de Edouard ca'Matin e sussurrou algo em sua orelha peluda, ao que o homem reagiu franzindo o cenho vigorosamente, sacudindo a cabeça devido à paralisia que o afligia.

Será que calculei mal o apoio de Nico Morel aqui? Allesandra viu-se desejando que Sergei ainda estivesse na cidade; ela precisava de sua honestidade nua e crua. Mas, no lugar do embaixador, ela olhou para Erik.

Ele também franzia o cenho, mas sua irritação era dirigida ao Conselho: Allesandra viu que Erik tinha notado a reação deles.

— Estamos de acordo? — ela perguntou aos conselheiros.

— Estamos, kraljica — respondeu ca'Sibelli, mas sua voz foi a única ouvida.

Os outros não disseram nada; e, caso discordassem, não o diriam aqui, na frente dela.

— Ótimo — disparou Allesandra.

Se eles estavam demasiado inseguros em manifestar seu descontentamento, que ficassem descontentes. Ela se levantou do Trono do Sol, e o brilho dentro do cristal morreu. O salão pareceu subitamente escuro.

— Estamos encerrados. Comandantes, conselheiros, obrigada pelo seu tempo.

Os comandantes fizeram mesuras e saíram rapidamente, com os saltos de suas botas batendo ruidosamente nos ladrilhos do salão do Trono do Sol; os conselheiros se entreolharam, inseguros, então finalmente levantaram de suas cadeiras soltando vários gemidos e murmúrios. Eles fizeram mesuras para Allesandra e, com hesitação, para Erik antes de começarem a sair do salão, mais lentamente que os dois soldados.

— Varina — chamou Allesandra —, um momento, por obséquio...

Quando o último dos conselheiros saiu do salão e os criados fecharam as portas, Allesandra se aproximou de Varina e pegou em suas mãos.

— Como você está? — perguntou Allesandra. — Estou preocupada com você. Não disse absolutamente nada hoje.

— Desculpe-me, kraljica.

— Você está recuperada de seus ferimentos?

— Ferimentos? — perguntou Varina, como se não soubesse do que Allesandra estava falando. Então ela se lembrou: — Ah, os ferimentos.

Sim, completamente. Obrigada pela preocupação.

Sua voz soou indiferente, e ela parecia mais cansada e esgotada que o habitual. Sua face esquerda parecia ceder ligeiramente, e seu olho esquerdo estava embaciado. Allesandra se lembrou de outros casais de longa data que conheceu, e de como quando um cônjuge morria, o outro geralmente o seguia para os braços de Cénzi logo depois. Ela se perguntou se este seria o caso com Varina.

— Mandarei meu curandeiro visitá-la hoje à noite — falou a kraljica, fazendo um gesto para interromper o protesto que se formava na boca de Varina. — Não, não ouvirei suas desculpas, minha querida. Eu insisto. Sei que você tem os numetodos para cuidar de você, mas Talbot me contou que você está se enterrando no trabalho, que fica trancada no laboratório. Isso não é saudável, Varina. Você deveria sair ao ar livre, se divertir com os amigos.

— Acho que estou sentindo minha mortalidade, kraljica. Não tenho muito tempo a perder, e ainda há muito o que fazer, muito que compreender.

— Você estará aqui ainda por anos e décadas — disse a kraljica.

Era uma mentira educada, e ambas sabiam disso.

— Você perdeu o Gschnas para cuidar do pobre Karl, e isso é uma pena. Eu darei outra festa em breve; você será convidada, e eu insisto que venha. Não aceito desculpas.

— A kraljica é gentil demais — respondeu Varina. — Claro que virei, mas eu preciso voltar à Casa dos Numetodos. Estou conduzindo uma experiência...

Ela fez uma mesura quase imperceptível e começou a se virar, então parou.

— Kraljica?

— Sim?

— Eu sempre disse a Karl que Nico podia ser recuperado, que se tivéssemos tido a oportunidade de falar com ele... — Varina umedeceu os lábios secos e rachados, rodeado de rugas. — Eu estava errada.

— Você realmente falou com ele? — perguntou Allesandra.

Varina assentiu.

— Nico está convencido de que está certo e que todos nós estamos errados. E ele é mais perigoso do que qualquer um de nós pensávamos.

Dito isso, Varina repetiu sua imperceptível mesura e arrastou os pés na direção das portas, com os passos de uma mulher duas décadas mais velha do que era.

— Ela está certa, e você sabe.

A voz sobressaltou Allesandra; ela tinha se esquecido de que Erik ainda estava ali. Ela sentiu a mão dele tocar seu ombro e pousou sua bochecha sobre ela.

— Eu sei — respondeu Allesandra. — E isso me assusta.

Rochelle Botelli

— O desgraçado do ci'Lawli me tirou da lista de chevaritt — disse co'Kella, xingando entredentes.

Conforme as instruções de Rochelle, o homem não voltara o olhar para as sombras onde ela estava.

— Ele mandou minha filha que está carregando o filho do hïrzg embora, e não estão me oferecendo quase nada, *nada*, em troca. Ora, eu teria sido nomeado ca'Kella no pronunciamento do hïrzg se ci'Lawli não tivesse interferido. Eu poderia até mesmo ter me tornado conselheiro a tempo. Agora ci'Lawli tem que pagar: por mim, por minha filha, pela sorte da minha família.

Era um conto antigo, uma versão da mesma história que ela tinha ouvido um punhado de vezes em sua curta carreira como Pedra Branca, uma história que sua matarh, certamente, tinha ouvido inúmeras vezes.

— Se é assim que deseja, vajiki — respondeu Rochelle moldando sua voz em um tom grave e ameaçador —, deixe as solas e a pedra que mandei trazer como sinal e vá para casa. Dentro de um mês, o homem estará morto. Eu lhe prometo.

Ele deixara a bolsinha de moedas de ouro e a pedra branca e lisa. Rochelle as pegou.

Rance ci'Lawli. Matá-lo significaria estar próximo de seu vatarh. Ela podia sentir a empolgação dentro de si pulsar diante da ideia.

Ela criou uma identidade para si mesma. Sua matarh tinha lhe mostrado como a Pedra Branca fazia isso. Rochelle já tinha quatro ou cinco identidades falsas, algumas usadas no passado: garotas que tinham nascido em anos próximos ao dela, mas que morreram na infância. Eram de todo tipo, de pessoas comum, sem status, a pessoas do escalão dos ca'. Em relação a essas últimas, ela conhecia suas genealogias, os nomes de seus vatarh e matarh, suas cidades e títulos, e quem essas pessoas conheciam. Sua matarh a tinha alertado que ela deveria tomar cuidado

com identidades falsas, especialmente quando se subia a escala social para os ca' e co'. Ela tinha contado sua história para sua filha, em tom de alerta, sobre como quase tinha sido descoberta em Brezno, quando se fez passar por Elissa ca'Karina, quando "Elissa" e o hïrzg Jan tinham sido amantes.

Quando a própria Rochelle foi concebida.

"A elite se conhece", disse a matarh para Rochelle, após o segundo ou terceiro assassinato de Rochelle como Pedra Branca, pouco antes dela morrer. "Ah, cale-se, você não sabe do que está falando". A fala tinha sido um aparte para uma das vozes na cabeça da matarh; Rochelle tinha aprendido a filtrar tais comentários. "Eles são um grupo fechado, muitos integrantes da elite têm parentesco entre si, e as ligações familiares são importantes para eles — e, por causa disso, eles conhecem essas ligações. Você deve ter cuidado com o que diz pois a menor distorção pode te revelar. Sim, eu sei disso, seu idiota. Por que você continua me atormentando assim? Cale a boca! Cale-se logo!" Ela apertou suas mãos contra os ouvidos como se pudesse deter o diálogo interno e inclinando-se na cadeira para frente e para trás, como se sentisse dor.

Dois dias depois, sua matarh estava morta. Por suas próprias mãos.

Rochelle não precisava seguir esse conselho nesse caso. Ela se apresentou a Rance ci'Lawli como Rhianna Berkell, uma jovem sem status de Sesemora que tinha vindo a Brezno para fazer fortuna tentando um emprego no quadro de funcionários do palácio. Ela trazia consigo recomendações em papel timbrado de três chevarittai de Sesemora, com quem supostamente tinha trabalhado. O papel timbrado e os nomes neles eram genuínos; o papel tinha sido roubado na ocasião em que ela estivera em Sesemora com sua matarh, anos atrás; as recomendações eram, obviamente, completamente falsas. Mas Rochelle era uma atriz talentosa: ela sabia o que dizer, como se apresentar, e que habilidades poderiam colocá-la em melhor situação no corpo de funcionários do palácio. Também sabia como flertar sem obviedade, e ci'Lawli era suscetível às atenções de uma linda jovem. Três dias depois, a convocação chegou à estalagem onde Rochelle estava hospedava: ela seria contratada. Foi colocada pelo assistente ci'Lawli na criadagem real, onde cuidaria da ala do hïrzg no palácio e trabalharia diretamente com ci'Lawli. Ao longo dos dias que se seguiram, Rochelle fez questão de fazer um trabalho superior e observar. Observar e aprender os hábitos e rotinas de ci'Lawli.

Ela também se viu ocasionalmente no mesmo ambiente que seu vatarh. Em uma ou duas ocasiões, ela pensou tê-lo visto olhando para ela de um

modo estranho e se perguntou se o hïrzg sentia o mesmo impulso que ela. Mas, na maior parte do tempo, especialmente se a esposa ou os filhos estivessem no aposento, Jan prestava tanta atenção nela quanto nos quadros das paredes; Rochelle era — assim como todos os funcionários — mera parte da mobília do palácio.

Hoje, ela tinha sido enviada para limpar a sala de recepção do lado de fora dos cômodos dos aposentos principais do hïrzg. As crianças estavam em outro lugar, mas Jan e a hïrzgin tinham tomado café da manhã com o embaixador dos Domínios, ca'Rudka, que estaria deixando Brezno hoje.

Conforme ela entrava pela porta de serviço carregando uma bandeja para limpar a mesa, ca'Rudka — cujo rosto fez Rochelle estremecer, com seu terrível nariz de prata colado à pele enrugada — fazia uma mesura para Jan e Brie.

— ... levarei sua carta à kraljica assim que eu voltar.

— E nesse ínterim, você certamente terá lido a carta, apenas para garantir que ela corresponde ao que eu lhe disse — falou Jan.

Ele riu. Rochelle adorava o som de sua risada: cheia de calor puro e bruto. Também gostava do som da sua voz. Queria ter conhecido Jan na infância, ouvido sua voz sussurrando uma boa noite ou sentido seus braços a embalando em frente à lareira, contando histórias de sua juventude, ou talvez contos da longa história de Firenzcia e seus ancestrais.

— Ora, Jan, não dê ideias ao embaixador — a hïrzgin interveio.

Rochelle não estava certa quanto ao que sentia pela matarh de seus meios-irmãos. A hïrzgin Brie parecia gostar genuinamente de Jan, mas Rochelle já tinha ouvido comentários e visto olhares que a faziam se perguntar se essa afeição era recíproca. Também havia a fofoca palaciana, mas ela ainda não estava a par dos detalhes das suspeitas cuidadosamente sussurradas.

— Não se preocupem — disse Sergei para ambos. — O hïrzg já me disse exatamente como ele pensa, mas confio que ele tenha se expressado de maneira mais *diplomática* na carta para a kraljica. Pelo menos, eu espero que sim.

O trio riu novamente, mas o divertimento durou pouco desta vez e tinha um quê de outra coisa que Rochelle não conseguiu decifrar. A voz de Sergei ficou subitamente séria e baixa.

— Eu realmente espero que consigamos encontrar uma forma de passar por isso sem recorrer à violência. Uma nova guerra não seria bom nem para os Domínios, nem para a Coalizão.

— Isso só depende da minha matarh — respondeu Jan.

— E depende da Coalizão não provocá-la nesse meio-tempo — retrucou Sergei. Ele meneou a cabeça e fez uma mesura para os dois. — Estou indo, então. Enviarei uma resposta por mensageiro rápido assim que falar com a kraljica Allesandra. Deem um beijo nas crianças por mim, e que Cénzi os abençoe.

Ele fez uma mesura novamente e saiu da sala, enquanto Rochelle continuava a empilhar pratos sujos na bandeja.

— Eu vou ver as crianças — disse Brie. — Você vem, querido?

— Daqui a pouco — Jan respondeu.

— Ah.

A estranha e vaga inflexão dessa única palavra fez Rochelle erguer os olhos de seu serviço, mas Brie já se aproximava da entrada dos aposentos internos, com as costas voltadas para ela. Rochelle voltou-se para seu serviço novamente, os pratos batendo suavemente ao serem empilhados.

— Você é nova na equipe de funcionários?

Rochelle levou um momento para perceber que Jan falava com ela. Ela notou que ele a observava do outro lado da mesa. Rochelle fez uma mesura rapidamente, com a cabeça baixa, como tinha visto outros criados fazerem na presença de Jan.

— Sim, meu hïrzg — respondeu ela, sem erguer os olhos. — Eu fui contratada há uma semana.

— Então você obviamente impressionou Rance, se foi colocada na criadagem do palácio. Qual é o seu nome?

— Rhianna Berkell.

— Rhianna Berkell — Jan repetiu, como se a provar o nome. — Soa bonito. Bem, Rhianna, se fizer um bom trabalho aqui, um dia você talvez receba um ce' antes do nome. O próprio Rance era ce'Lawli há apenas dois anos, e agora é ci'Lawli. E quase certamente será co'Lawli um dia. Nós recompensamos àqueles que nos servem bem.

— Obrigada, senhor. — Ela fez uma mesura novamente. — Eu tenho que voltar à cozinha...

— Olhe para mim — disse Jan.

Ele falou com uma voz meiga, gentil, e Rochelle ergueu o rosto. Seus olhos se encontraram, e o olhar de Jan permaneceu em seu rosto.

— Você me lembra...

Ele parou. Seu olhar pareceu se perder por um momento, como se estivesse perdido nas próprias memórias.

— ... alguém que eu conheci.

Jan estendeu sua mão, e os dedos da mão direita tocaram no rosto dela — o toque, pensou Rochelle, de um vatarh. Ela abaixou o olhar rapidamente, mas pôde sentir o toque dos dedos em sua pele por longos segundos depois.

— A bandeja, meu hïrzg — disse Rochelle.

— Ah, sim. Isso. É claro. Obrigado, Rhianna. Eu lhe agradeço.

Rochelle levantou a bandeja e seguiu na direção da porta de serviço. Ela podia sentir o olhar de Jan em suas costas ao abrir a porta com o quadril. Ela não ousou olhar para trás, com medo de que, se o fizesse, revelasse o segredo, com medo de que chamasse Jan pelo nome que tinha vontade de usar.

Vatarh...

Ela não podia fazer isso. Não agora.

Não ainda.

Varina ca'Pallo

Ela tinha armado a demonstração no salão principal da Casa dos Numetodos. Havia dois punhados de numetodos de longa data ao lado dela: entre eles, Pierre Gabrelli, que sorria, pois já sabia o que ela pretendia mostrar; o assistente-chefe da kraljica, Talbot ci'Noel; Johannes ce'Agrippa, talvez o mais talentoso dos magos numetodos, cujo estudo das práticas de magia tinha superado as descobertas do próprio Karl, e de Varina; Niels ce'Sedgwick, cujo interesse não era voltado a qualquer tipo de magia, mas sim nas formações geológicas da Terra e no que elas contavam de sua história; Leovic ce'Darci, cujos elegantes desenhos de prédios e maravilhas da engenharia eram não só um deleite, como também começavam a mudar o horizonte de Nessântico; Nicolau Petros, que estudava as estrelas e seus movimentos com um dispositivo baseado em um objeto que Karl tinha visto o espião Mahri usar; Albertus Paracel, o escriba e bibliotecário que era o encarregado da criação de uma já monumental compilação de todo conhecimento adquirido através das pesquisas e experiências dos numetodos. Todos eles eram essenciais para tarefa central dos numetodos — entender como o mundo funcionava sem o véu da superstição e da religião, usando a razão e a lógica para compreender os mistérios que os cercavam.

Eram aqueles que Nico Morel e sua laia consideravam tão

terrivelmente ameaçadores.

Alguns numetodos estavam ausentes, no entanto — aqueles que Nico já havia matado, e que, na verdade, eram os mais próximos de Karl e Varina. Ela não podia fazer nada por eles, a não ser sentir a dor de sua ausência e de Karl.

Varina tinha continuado seus próprios experimentos com a chispeira. Ela refinara a mistura de areia negra e o formato e a composição da bala de chumbo disparada pelo dispositivo; mandara também que Pierre criasse algumas peças experimentais. A cada dia, Varina via com mais clareza o potencial assustador da chispeira e também estava mais convencida de que esse dispositivo poderia alterar os próprios tendões e fibras da sociedade em que eles viviam.

Varina às vezes se perguntava se essa mudança era algo que ela realmente queria desencadear.

"Não se pode esconder o conhecimento." Era o que Karl dizia muitas vezes, ao longo de décadas. *"O conhecimento se recusa a ser escondido. Se se tentar enterrá-lo, ele simplesmente encontrará uma maneira de se revelar para outras pessoas."*

Muito bem. Então ela não esconderia.

— Obrigada por terem vindo — disse Varina para o grupo reunido. — Todos vocês conhecem a areia negra. Todos conhecem a terrível destruição que ela pode causar quando acesa em grande escala. Meus experimentos recentes têm envolvido quantidades significativamente menores que as usadas na guerra e sem uso de magia alguma para acendê-la. E...

Ela se deteve, dando um passo na direção da mesa que ela tinha armado e coberto com um pano preto. A vários passos de distância, um melão maduro tinha sido preso a um suporte, em frente a uma mesa de carvalho deitada, que serviria como barreira: uma fruta do tamanho da cabeça de um homem, envolta por uma casca dura amarelo-esverdeada. *Uma cabeça tão dura quanto a de um melão* — um velho ditado nos Domínios. Varina pôde notar que todos olhavam para a instalação com curiosidade.

— Bem, é mais fácil simplesmente demonstrar.

Ela acenou com a cabeça para Pierre, que tirou o pano da mesa. A chispeira original do artesão estava ali, linda e reluzente, já carregada e pronta para uso. Varina pegou a arma sem dizer uma palavra, engatilhou-a e mirou a fruta doce.

Ela puxou o gatilho.

A chispeira estalou. A areia negra no tambor espocou; a chispeira deu um coice na mão de Varina soltando um estampido alto. Na outra extremidade do salão, a fruta pareceu explodir, espalhando pedaços pelo chão enquanto o restante partido pulou sobre o suporte. No silêncio que se seguiu, todos puderam ouvir o sumo da fruta destroçada pingando no chão.

O simbolismo, como Varina tinha esperado, tinha sido apreendido por todos eles.

— Sem magia? — murmurou Talbot. — Nenhuma?

Varina meneou a cabeça em negativa. O estampido da chispeira ainda ecoava em seus ouvidos; uma fina coluna de fumaça branca oscilante saía do cano.

— Sem magia — confirmou Varina. — Algumas pitadas de areia negra, uma bala de chumbo, e a habilidade artesanal de Pierre. E pode ser repetido. Afastem-se...

Ela pediu aos numetodos que tinham ido examinar a fruta despedaçada e as tábuas de madeira atrás dela, onde a bala estava cravada. Varina recarregou — um trabalho que levou alguns segundos —, engatilhou a chispeira e disparou novamente. Desta vez, os pedaços remanescentes da fruta foram completamente destroçados, e o suporte caiu para trás. Varina pousou a chispeira sobre a mesa e falou.

— Pierre fez uma chispeira para cada um de vocês, eu os ensinarei a usá-las.

— A'morce, isso... — disse Talbot, enquanto olhava para fruta arruinada no chão. — Por quê?

— Receio que os numetodos estejam prestes a serem atacados novamente — explicou Varina. — Com essas chispeiras, vocês não precisam ter habilidade com espada, força física ou magia para se defender. Tudo o que vocês precisam fazer é apontar o dispositivo e puxar o gatilho. Receio que precisaremos de toda proteção que pudermos arranjar.

Leovic tinha ido até a mesa. Ele virava a chispeira em suas mãos, examinando seu mecanismo. Varina notou que a mente do homem trabalhava. Leovic olhou para ela e comentou:

— Está quente. E se fosse um garda de armadura?

— Ele não se sairia melhor que a fruta — respondeu Varina. — Posso lhe mostrar, se quiser.

Os músculos do maxilar de Leovic retesaram, como se estivesse retendo a resposta que gostaria de dar.

— Qualquer artesão competente poderia criar uma coisa destas — disse o homem finalmente. — Ainda que não tão elaborada quanto a criação de Pierre. E quanto a aprender a usá-la?

— Posso mostrar-lhes em algumas marcas da ampulheta — disse Varina.

— Você pode nos dar o possibilidade de matar alguém a poucos passos de distância, mesmo que a pessoa esteja de armadura? — disse Johannes, em um sussurro quase reverencial.

— Sim — respondeu ela.

— A senhora quer de fato liberar esse poder?

— Ele já foi liberado — argumentou Varina. — Esse poder foi liberado quando os tehuantinos criaram a areia negra. Se destruirmos as chispeiras agora e jamais falarmos delas novamente, outra pessoa chegaria à mesma conclusão que eu e as faria novamente. Vocês todos conhecem a expressão de Karl...

Ao mencionar seu nome, sua voz ficou entrecortada. Ela engoliu em seco, se desculpando. Talbot acenou para ela, em solidariedade.

— ... Karl dizia que o conhecimento não pode ser escondido. Mesmo os fiéis concénzianos têm uma expressão para isso: *"uma vez que os moitidis foram criados, não havia como Desfazê-los"*. Isso não é diferente.

— Ainda assim, a'morce... — disse Niels, balançando os longos cachos grisalhos. — As possibilidades...

— Eu posso antevê-las tão bem quanto qualquer um de vocês — respondeu Varina. — Acreditem, essas possibilidades vêm assombrando meus sonhos desde o funeral de Karl e o assassinato da nossa gente pelos morellis. Mas eu também posso antever o que pode acontece se nós *não* tivermos todos os recursos disponíveis para nos proteger. E isso me assusta ainda mais.

Ela acenou para Pierre, que trouxe uma caixa comprida da lateral do salão. Ele a pousou sobre a mesa e a abriu. O aço e a madeira dentro dela reluziram.

— Há uma chispeira para cada um de vocês — disse Varina. — Peguem uma, um frasco de areia negra e um pacote de cartuchos de papel, e vou mostrar-lhes como usá-los...

Jan ca'Ostheim

— A jovem que trabalha na criadagem pessoal, chamada Rhianna — perguntou Jan para Rance. — O que você sabe sobre ela?

O assistente ergueu uma sobrancelha. Ele tinha acabado de trazer a agenda diária de reuniões e revisava os planos para o dia — que estava, como de costume, cheio demais. Era um daqueles dias em que Jan sentia o peso de suas responsabilidades; um daqueles dias em que ele se sentia velho antes do tempo; um daqueles dias em que o hïrzg se sentia inquieto e aprisionado.

Mas a jovem... Jan pensara nela mais de uma vez desde seu encontro, e ele se viu procurando por ela sempre que ele entrava em um aposento. Frequentemente, havia um leve sorriso no rosto da criada quando ela o via, embora ela nunca tenha quebrado o decoro, nunca tenha tentado se aproximar ou falar com Jan, mas se mantinha concentrada no serviço e ia embora quando terminava.

Jan gostava disso. Rhianna conhecia seu lugar. Era um bom sinal.

— Ela é de Sesemora — contou Rance —, embora tenha pouco daquele sotaque horroroso, felizmente. Tinha excelentes referências das famílias ca'Ceila e ca'Nemora. Ela acata bem às ordens e trabalha pesado. Seria bom que eu tivesse mais uma dúzia de criados que trabalhem tão bem quanto ela. E é bonita de se ver, como tenho certeza de que o hïrzg notou.

— Notei, de fato.

Esta era uma dança que ele e Rance tinham executado mais de uma vez ao longo dos anos, e ambos conheciam os passos.

— O hïrzg gostaria que ela fosse designada para seus aposentos pessoais?

— Seria bom. Ela parece uma excelente opção.

— Então eu farei isso — falou Rance. — Ouvi rumores de que a hïrzgin achou que Felicia foi um tanto quanto grosseira com ela, na semana passada; Rhianna pode ser uma boa substituta. Eu mandarei fazer a troca hoje.

Jan encolheu os ombros.

— O que você achar melhor, Rance. A equipe é sua. Deixarei que você o decida. Agora, tem algo que possamos fazer a respeito da audiência com o a'gyula? Talvez a hïrzgin pudesse recebê-lo. Ele é um grosseiro tedioso...

— Boa noite, crianças...

Jan beijou um filho de cada vez: Elissa, Kriege, Caelor e a pequena Eria. Ele acenou com a cabeça para a babá, que começou a conduzir as crianças para fora do quarto. Elissa ficou para trás, teimando e de cara fechada.

— Eu devia poder ir ao baile hoje à noite — disse ela. — Eu não tenho nem um pouco de sono, vatarh.

— Ano que vem — falou Jan.

— O ano que vem é daqui a uma *eternidade* — respondeu a menina, batendo enfaticamente com o pé no chão.

Jan ouviu Brie soltar uma risadinha. Ele estava sentado na cadeira atrás da mesa do quarto da esposa. Brie estava atrás dele, com a mão sobre seu ombro. Ela vestia apenas uma camisola, seu cabelo estava solto, a joias encontravam-se sobre a penteadeira. Jan sentiu o cheiro do perfume que a hïrzgin tinha acabado de passar quando ela se inclinou próximo ao ouvido dele.

— Ela é *sua* filha — sussurrou a esposa. — Eu ouço você na voz dela.

Jan sorriu e gesticulou para Elissa vir até ele. A menina obedeceu, com um beicinho dramático no rosto.

— Se eu disser que você pode ir ao baile, eu vou ter que ouvir Kriege dizer que ele também devia poder ir ao baile.

— Kriege só tem 9 anos — respondeu Elissa. — Ele é praticamente um bebê. Eu tenho 11 anos, quase 12.

Jan sentiu os dedos de Brie apertarem seu ombro. Ele sorriu.

— Eu sei. Vamos combinar assim: se você for com a babá agora, eu pedirei a ela que tire você da cama e a arrume em uma virada da ampulheta, e aí você pode descer para o baile um pouquinho. Mas não pode deixar que seus irmãos saibam.

Elissa sorriu e bateu palmas, depois deixou as mãos caírem ao lado do corpo, com uma expressão comicamente solene no rosto.

— Sim, vatarh — ela respondeu em voz alta, para os irmãos escutarem, ainda na porta com a babá. — Eu vou para a cama, então.

Impulsivamente, a menina ficou na ponta dos pés e beijou o rosto do vatarh, depois o da matarh.

— Boa noite, vatarh, matarh.

Ela tamborilou os pezinhos no corredor junto com seus irmãos. Jan viu as crianças saírem, sem conseguir conter o sorriso no rosto.

— Se nós fôssemos artistas, não teríamos criado algo mais lindo que nossos filhos — disse Brie.

— Eu tenho que concordar.

Jan virou-se na cadeira para encará-la, pousando suas mãos em seus quadris. Ele podia ver o que os anos e o nascimento de seus filhos tinham feito ao corpo de Brie: ela não tinha mais a beleza esguia e suave de quando eles se casaram. Seu corpo tinha ficado largo e roliço ao longo dos

anos, as marcas de expressão tinham invadido seu rosto, e a pele sob seu queixo se tornara flácida. Sua barriga ficara saliente e seus peitos maiores e mais pesados.

Jan também tinha mudado, ele sabia, mas mudanças eram mais fáceis de ver nos outros. O hïrzg acariciou as laterais roliças do corpo de Brie, e ela sorriu para ele, aproximando seu corpo do corpo dele.

— Ainda temos tempo — falou a hïrzgin. — Posso mandar chamar aquela garota nova... qual é o nome dela? Rhianna? Para me ajudar a me vestir rapidamente. Se você quiser...

Brie inclinou-se para baixo. Seus lábios ainda eram macios, ainda cediam, e, um instante depois, Jan perdeu-se no beijo. As mãos de Brie envolveram a cabeça do marido, levantando-o sem romper o abraço, e depois ela o apertou com força. Como uma só pessoa, como em uma dança lenta e cheia de paixão, os dois foram para a cama. Brie caiu sobre a fresca suavidade do tecido enquanto Jan se deixava puxar por ela para cobrir seu corpo. Ele beijou Brie desta vez, mais intensa e insistentemente, e as mãos dela desceram pelo corpo do esposo enquanto ele levantava a barra de sua camisola.

Mais tarde, os dois ficaram deitados sobre os lençóis emaranhados. Ela sorriu para Jan, acariciou suas bochechas e afastou o cabelo de seu rosto, enquanto ele passava o dedo indicador pelo contorno dos seios de Brie, circulando suas auréolas e observando a reação da pele sensível.

— Isso foi bom — disse Jan.

— Sim. — Ela o beijou novamente; com um ligeiro toque nos lábios desta vez. — Talvez tenhamos criado algo novo outra vez.

— Talvez.

Jan sorriu, embora não tivesse sentido nada com a ideia. Ele tinha muitos filhos — aqueles que podia reconhecer e aqueles que nem conhecia, gerados em uma amante ocasional que tinha que ser mandada embora com uma bolsa de solas de ouro como lembrança. Como Mavel co'Kella.

— Sergei deve chegar a Nessântico entre hoje e amanhã — disse Brie.

Ele riu.

— De onde veio *essa* ideia?

— Não sei. Só estava pensando. As crianças... Seria bom se elas conhecessem sua mamatarh. Que conhecessem de verdade.

Jan resmungou sem dizer uma palavra. A mão sobre o abdômen de Brie parou de se mover.

— Você acha que ela vai concordar com o seu pedido? Acha que Sergei

vai conseguir convencê-la a nomeá-lo a'Kralji?

— Eu não sei — ele respondeu. — Além disso, Rance diria que é isso o que eu quero, afinal, isso não é bom para Brezno.

Essa era a verdade. Jan não sabia. Parte dele concordava com Rance, e queria que sua matarh recusasse, para que tivesse uma desculpa para atacá-la. E parte... Sim, uma parte de Jan torcia para que ela concordasse, torcia para que pudessem se reconciliar.

Jan só não sabia que parte era mais forte.

— A escolha é da matarh — ele disse. — Já não está mais em minhas mãos. Eu fiz a oferta; ela pode aceitar ou não.

— Espero que ela aceite. Está na hora. Uma família não pode ficar assim tão separada.

Brie beijou o marido mais uma vez e rolou para o lado. Olhou para a grande ampulheta sobre a escrivaninha.

— É melhor você voltar para o seu quarto e se vestir — ela disse. — Não temos muito tempo. Vou mandar o criado do corredor trazer Rhianna e enviar alguém para ajudá-lo...

Ela vestiu a camisola e o robe e caminhou em direção à porta do corredor. Jan observou a esposa, depois vestiu as próprias roupas enquanto ela abria a porta e chamava suavemente o criado do corredor. Ele se levantou; Brie voltou e o abraçou.

Houve uma batida suave na porta.

— Vá — falou Brie.

Jan se dirigiu para a porta dos fundos, que levava até seu quarto, mas parou ali, com a mão na maçaneta. Rhianna abriu a porta e entrou no quarto. Fez uma mesura para Brie.

— A senhora quer ajuda para se vestir, hïrzgin? — perguntou a criada.

Rhianna notou Jan na porta; ele pensou tê-la visto esboçar um sorriso para ele, mas ela voltou sua atenção rapidamente para Brie e sem olhar para ele novamente.

— Aqui, deixe-me ajudá-la com o espartilho... — disse Rhianna.

Jan abriu a porta e saiu do quarto. Ele sorriu, embora não soubesse o porquê.

Brie ca'Ostheim

— A senhora quer ajuda para se vestir, hïrzgin? — perguntou Rhianna.

Brie notou o olhar de Rhianna deslizar rapidamente para Jan e se desviar com a mesma velocidade. Rhianna não voltou a olhar para Jan, embora a hïrzgin tenha sentido Jan permanecer no quarto atrás dela.

— Aqui, deixe-me ajudá-la com o espartilho...

Ela virou-se para deixar que Rhianna pegasse os laços do espartilho em suas costas. A atenção de Jan estava presa em algum ponto acima do ombro de Brie, mas ele pareceu se libertar para encontrar os olhos de Brie. Jan sorriu para ela com um pouco de culpa, pensou Brie, em seguida, abriu a porta do quarto de vestir. Ele meneou a cabeça para Brie assim que que Rhianna puxou os laços, fechando a porta atrás de si. Brie olhou para o espelho na penteadeira, observando Rhianna através da superfície prateada. Ela não havia erguido o olhar para ver Jan sair; isso agradou Brie. *Talvez eu esteja enganada*... A garota — não, a jovem — era bonita o suficiente, com braços estranhamente musculados. Seus cabelos eram tão negros quanto as asas de um corvo, e seus olhos eram de um tom azul-claro estranhamente contrastantes com o cabelo e o rosto de pele morena-escura...

Quase todos os casos de Jan tinham sido com mulheres de cabelos negros, Brie percebeu. Ela se perguntava o que o marido buscava encontrar nelas.

Rhianna era provavelmente cinco ou seis anos mais velha que Elissa. Não mais.

— Pronto — disse a criada, atrás dela, com um leve sotaque que Brie não conseguia identificar. — Está confortável, hïrzgin? Eu posso soltar um pouco se os laços estiverem apertados demais...

— Está ótimo. Traga a minha tashta... ali, aquela na cama...

Brie observou Rhianna pegar a roupa e enrolar a barra cuidadosamente nas mãos.

— Então Rance colocou você no nosso corpo pessoal de funcionários?

— Sim, hïrzgin. Devo admitir que fiquei surpresa com isso, logo depois de ser contratada, mas ele disse que me saí bem no serviço e que tinha se aberto uma vaga inesperada.

— Sim, Rance está sempre de olho em vagas que beneficiem o hïrzg — respondeu Brie. — É uma de suas melhores qualidades, com certeza.

Rhianna pareceu intrigada, como se tivesse percebido algo nas entrelinhas, mas não soubesse exatamente como responder. Ela levou a tashta até a hïrzgin e a colocou sobre a cabeça dela, que erguia os braços.

— Aqui, deixe-me encontrar as mangas para a senhora, hïrzgin. Terei cuidado com seu cabelo...

Rhianna deslizou a tashta devagar, e Brie se endireitou para que as pregas caíssem sobre o resto de seu corpo. Rhianna ficou de joelhos para amarrar a faixa em volta da cintura da hïrzgin.

— Esse tecido é lindo, hïrzgin. Tem um desenho e uma cor tão bonitos, e lhe cai tão bem...

— Rhianna, você não precisa me elogiar.

O rosto da jovem ficou vermelho. Brie não viu malícia em sua expressão, apenas um genuíno embaraço.

— Hïrzgin, eu não quis... Disse apenas o que pensei... Desculpe-me...

Brie levou um dedo aos próprios lábios e sorriu delicadamente.

— Shhh. Não precisa se desculpar, minha cara. Eu gostaria... Bem, eu gostaria que, já que passaremos muito tempo juntas, nós pudéssemos confiar uma na outra.

Na verdade, Rhianna ficou mais vermelha ao ouvir isso. Ela hesitou, parecendo procurar uma resposta.

— Ah, a senhora *pode* confiar em mim, hïrzgin.

— Então — falou Brie, ainda sorrindo —, se, digamos, o hïrzg confidenciasse algo para você que eu deva saber como esposa dele, você me diria, não é?

O rubor intensificou ainda mais, o que revelara tudo o que Brie queria saber. *Jan já tinha se aproximado dela...*

— Ora, sim, hïrzgin — gaguejou Rhianna. — Eu diria. É claro.

— Ótimo.

Brie tocou o rosto da jovem. *Tão macio, tão intocado...* mas então seus dedos encontraram uma cicatriz ondulada ao longo do maxilar de Rhianna. *Uma facada?* Ela ficou intrigada com isso, mas ergueu a criada com a mão. Sentou-se novamente na cadeira diante do espelho, abriu a caixa de joias e tirou um colar.

— Aqui — disse Brie ao entregar a joia para Rhianna. — Acho que isto combinará com a tashta. Coloque em mim, por favor...

Enquanto a criada colocava o colar em volta de seu pescoço e prendia o fecho, Brie observava o rosto de Rhianna, conjecturando.

Niente

Da primeira vez que os tehuantinos tomaram Karnor, a principal cidade da ilha de Karnmor, eles entraram no porto com os navios

escondidos por uma bruma mágica. Desta vez havia muito mais embarcações na frota, e Niente mandou que os nahualli invocassem uma tempestade mágica assim que vissem o vulcão da ilha surgir no horizonte. A tempestade irrompeu bem à frente da vanguarda dos navios de guerra, a escuridão de chuva torrencial e relâmpagos violentos impediu que eles fossem avistados rapidamente pela marinha dos Domínios, uma tempestade que tinha a intenção de instigar o inimigo a ancorar suas embarcações na segurança do porto.

Porto este que, quando os nahualli dissipassem a tempestade, já não seria mais tão seguro, porque o trio dos maiores navios de guerra tehuantinos se esconderia na entrada do porto, para impedir que qualquer embarcação dos Domínios escapasse para alertar o continente. Ao mesmo tempo, a maior parte da frota se separou e seguiu para o norte, depois para leste, contornando a ilha, todos menos um dos navios — o *Yaoyotl* em que Niente e o tecuhtli Citlali navegavam — que ficaria bem longe da costa.

O *Yaoyotl* ancorou em alto mar, no lado norte da ilha, ao anoitecer, a quilômetros de distância de Karnor, enquanto o resto da frota seguiu adiante. Niente, com Atl e vários nahualli, assim como um grande contingente de guerreiros, desembarcaram do navio em botes a remo carregados com bolsas de couro. Eles escalaram os flancos do monte Karnmor, o vulcão em cujas encostas a cidade tinha sido construída.

Niente tinha passado dias espiando na tigela premonitória. Tinha visto esta cena diversas vezes, e pareceu-lhe estranho vivenciá-la na realidade agora. Enquanto os tehuantinos subiam ao cair da noite, do outro lado da montanha eles podiam vislumbrar clarões de luz: os nahualli a bordo dos navios em guarda no porto de Karnor arremessavam bolas de fogo de areia negra na direção da frota inimiga, como se estivessem preparando um ataque frontal à cidade. Tudo isso era uma simulação e uma distração — para manter a atenção dos orientais no porto, e não na montanha atrás da cidade. Se o que a tigela premonitória tinha mostrado para Niente estivesse correto, a cidade seria destruída, mas não seria saqueada.

A própria terra destruiria a cidade.

Niente consolou-se com a ideia de que a descida seria bem mais fácil do que a subida. Ele ficou exausto rapidamente com a subida, embora não carregasse nada além de seu cajado mágico, enquanto os demais carregavam as bolsas de couro. Suas pernas e quadris doíam, e suas sandálias estavam rasgadas e gastas. As rochas deixaram longos arranhões em suas pernas e braços devido aos tropeços que Niente dera

ocasionalmente, e o sangue agora formava crostas escuras. O mero esforço de colocar um pé diante do outro era exasperante, ele desejava que Axat jamais tivesse lhe mostrado esse caminho. Seu filho caminhava ao seu lado, ajudando-o ocasionalmente, mas ele tentava não depender de Atl — não era bom para o nahual demonstrar fraqueza. Se os outros nahualli sentissem que Niente estava vulnerável, um deles poderia desafiá-lo pelo título, e ele não podia arriscar isso agora ou tudo em que apostara estava perdido.

Niente fez um esforço para continuar caminhando, para conter os gemidos que ameaçavam escapar de seus lábios.

— Estamos quase lá — disse Niente finalmente para Atl, falando de maneira entrecortada, a cada tomada de fôlego. — Logo ali, em torno da saliência da montanha.

Na direção em que Niente apontou, um coluna de fumaça maculava o céu iluminado pela lua. Ele sabia o que veria ali, quando eles dessem a volta no cume do lado sul da montanha: uma fumarola sibilante e vaporosa expelindo o hálito amarelo e sulfúrico da terra. Havia várias aberturas como essa na área, bem acima e com vista panorâmica para a cidade — e esse era o destino dos tehuantinos.

— Ótimo — disse Atl.

Mesmo ele parecia estar sem fôlego. Atl olhou para a encosta abaixo, para a fila de nahualli e guerreiros tatuados que os seguiam. Ao longe, reluzindo na água que refletia o luar, o *Yaoyotl* esperava seu retorno, com as velas recolhidas no momento.

— O tecuhtli não parecia estar inteiramente satisfeito com o senhor — comentou Atl.

— O tecuhtli Citlali preferia que nós saqueássemos a cidade — respondeu Niente. — Como todo guerreiro, ele prefere o choque do aço, o cheiro do sangue e os gritos daqueles que caem diante de si. O que estamos fazendo parece injusto para ele.

Ele fez uma pausa para descansar por um momento, permitindo-se apoiar em Atl.

— Eu prometi a ele que Axat tinha me mostrado que ele terá muitas oportunidades de demonstrar suas habilidades como guerreiro.

Eles podiam ver não só os clarões de luz do bombardeio de areia negra sobre os navios dos Domínios; como também podiam ouvir, com um atraso estranho e desconexo, o trovejar das explosões. Niente subiu em uma saliência rochosa e pôde ver as luzes de Karnor abaixo deles se espalhando por várias plataformas nas encostas mais baixas até a água.

Não havia tropas dos Domínios protegendo a cidade, como Axat prometera em Suas visões. Ao longe, as águas reluzentes do porto foram acesas pelo incêndio nas embarcações em chamas. Enquanto Niente assistia, outra bola de fogo desenhava um arco da entrada do porto até o agrupamento de navios de guerra dos Domínios. O som chegou aos tehuantinos dois segundos depois, um ruído surdo que ele quase pôde sentir em seu peito.

— Rápido! — disse Niente para os nahualli, que davam a volta pela saliência.

Eles pararam sobre um ligeiro declive onde o monte Karnmor parecia inchar, um cenário dominado por buracos de vapor que assobiavam e borbulhavam. Niente, com a ajuda de Atl, orientou os nahualli a posicionarem os cajados mágicos — feitos especialmente para esse propósito e preparados com possantes feitiços para moldar a terra — em um grande círculo em volta das crateras. As bolsas cheias de areia negra, levadas pelos guerreiros, foram postas em uma única pilha grande, com a altura de um homem e o comprimento de dois homens. Atl, ao lado de Niente, balançou a cabeça.

— Tanta areia negra — disse o rapaz. — Nós poderíamos destruir a Teocalli Axat com isso.

— Com isso — disse Niente —, nós destruiremos a cidade deles inteira.

— Espero que o senhor esteja certo, taat. Se não der certo...

— Não falhará. Axat prometeu. Eu vi.

— Eu sei, mas eu tenho olhado na água, como o senhor me mostrou, e não vi nada disso.

Niente deu um tapinha no ombro do filho.

— As visões de Axat vêm devagar e em Seu próprio tempo. Tenha paciência. Ela falará com você em breve. Você saberá quando acontecer; Sua voz é ríspida e dolorosa de se ouvir.

E rezo à Ela para que, quando chegar o momento, você não veja o que eu vi. Não veja o que estou fazendo. Isso ele não disse.

Atl assentiu. Niente, grunhindo pelo esforço, cravou seu cajado mágico na parede de areia negra, com o punho voltado cuidadosamente para o leste. O nahual observou o cenário e assentiu — sim, era isso o que ele tinha visto.

— Terminamos aqui — ele disse para Atl e os demais, com a voz trêmula pelo cansaço. — É hora de voltarmos para os navios.

O tecuhtli Citlali balançou a cabeça calva, tatuada com uma selvagem águia rubro-negra com suas garras perpassando seu crânio e rosto. Seus olhos envoltos pelas garras do pássaro encaravam Niente.

— Nada aconteceu — ele disparou. — Podíamos ter tomado a cidade com nossos navios e guerreiros a esta altura. Podíamos ter dominando a ilha inteira. Se você desperdiçou a areia negra...

— Tenha paciência, tecuhtli — respondeu Niente. — Ainda não chegou a aurora. E o que acontecerá vai aterrorizar os orientais mais do que qualquer ataque.

O *Yaoyotl* e toda a frota, sob a ordem relutante de Citlali, tinham se afastado de Karnmor durante a noite. A ilha era uma escuridão vazia em contraste com as estrelas remanescentes ao longo do horizonte ocidental que se iluminava, enquanto a frota tehuantina — sob brisas estáveis que vinham do leste — navegava em direção ao Strettosei ao norte, como Niente pedira, o mais longe possível da ilha. A visão da tigela premonitória tinha sido clara, havia a possibilidade de este futuro se tornar realidade desde que Niente seguisse o caminho que Axat lhe mostrara. Os guerreiros supremos se reuniram em volta do tecuhtli Citlali, carrancudos e resmungando. Os nahualli do alto escalão, Atl entre eles, também o observavam, e seus olhares eram bem mais avaliadores, sempre à procura de algum sinal de fraqueza fatal da parte do nahual.

Ele não mostraria tal sinal; Axat não permitiria. Axat tinha lhe mostrado a fraqueza da montanha. Tinha sussurrado para ele que a montanha estava prestes a ejetar sua terrível vida outra vez, assim como as montanhas fumegantes de sua própria terra. Com a ajuda Dela, Niente podia acelerar o despertar. Ele olhou para o leste, onde faixas douradas no céu anunciavam o iminente nascer do sol sobre as colinas de névoas azuladas do continente. O céu oriental brilhava agora. Niente protegeu os olhos quando a borda do sol surgiu no horizonte. Feixes dourados flechavam as nuvens, e em direção a Karnmor e ao oeste.

O nahual voltou-se para a ilha. Esperou. *Axat, não me abandone...*

A ponta do monte Karnmor foi tocada pela luz do sol agora, os raios de sol deslizavam em direção aos lençóis de vapor branco que o ocultavam. Niente podia visualizar a luz tocando os punhos dos cajados mágicos dispostos lá, ainda que esse lado do vulcão estivesse escondido dos tehuantinos agora. Os cajados mágicos tinham sido encantados para soltar os feitiços em seu interior quando fossem tocados pela luz do sol. A saliência de terra se abriria, uma nova cratera apareceria, e a areia negra cairia em cascata em seu interior, e o conteúdo empoeirado seria

derramado das bolsas no momento em que o cajado mágico que Niente cravou visse a luz e cuspisse fogo...

Os lençóis de vapor em torno do monte Karnmor foram rasgados em pedaços e substituídos por um jorro de fumaça escura. Não houve som, não por longos segundos, nem mesmo quando a fumaça negra foi consumida por uma explosão bem maior vermelha, laranja e amarela disparada da lateral da montanha. Uma fonte monstruosa de fumaça cinza começou a subir em direção ao céu, e as brisas do leste desmanchavam as bordas durante sua ascensão.

Os tehuantinos então ouviram o som: o estampido agudo da areia negra seguido do lamento divino da montanha em agonia. O som os atingiu como um soco: e o tecuhtli Citlali juntou-se a ele com um urro, os guerreiros e nahualli vibraram, e as comemorações ecoaram nos outros navios. Niente podia ver o fogo espesso descer pelo monte Karnmor em direção à cidade escondida. Ele imaginou a lava escorrendo sobre os habitantes aterrorizados e incendiando tudo em seu caminho. A cidade seria tomada pelo pânico, e após o fogo, viria uma espessa chuva de cinzas...

O navio estremeceu, como se o próprio mar os tivesse levantado e deixado cair novamente. Ondas de cristas brancas avançavam para o norte. A frota balançou nas longas ondas, os mastros oscilavam para frente e para trás. A grande nuvem tinha subido tanto que os tehuantinos tiveram que inclinar suas cabeças para trás a fim de vê-la. Ela bloqueou o céu da manhã que clareava e estendia seus braços escuros e agitados na direção leste.

Este seria um dia escuro, cinzas quentes cairiam do céu em vez de chuva, mas os tehuantinos estavam protegidos do pior.

— Nahual — berrou Citlali contra o rugido contínuo da erupção vulcânica. — Eu não devia ter duvidado de você.

A boca do tecuhtli carregava um largo sorriso aberto.

— Você é realmente o maior nahual de todos, e com você, não há dúvidas quanto a nossa vitória.

Todos os guerreiros e nahualli concordaram e vibraram aos berros. A expressão de Atl era de orgulho.

Niente deveria sentir um grande contentamento. Em vez disso, ele teve que se esforçar para retribuir o sorriso.

ERUPÇÕES

Sergei ca'Rudka

Nico Morel

Sergei ca'Rudka

Allesandra ca'Vörl

Varina ca'Pallo

Niente

Rochelle Botelli

Varina ca'Pallo

Brie ca'Ostheim

Jan ca'Ostheim

Rochelle Botelli

Sergei ca’Rudka

Sergei revirou os argumentos em sua cabeça enquanto seguia em sua carruagem em direção ao Palácio da Kraljica. O almoço de negócios, suspeitava ele, não correria bem. Allesandra não parecia estar inclinada a aceitar o ramo de oliva oferecido pelo filho se isso significasse nomeá-lo como herdeiro. Ter Erik ca’Vikej como confidente e (como Sergei temia) amante certamente não ajudaria. Por sua vez, Jan não parecia inclinado a ouvir a opinião mais ponderada de Brie e cessar as rondas nas fronteiras com o exército firenzciano.

Haveria guerra se Sergei não conseguisse intermediar um acordo entre matarh e filho, e a guerra seria desastrosa para Nessântico. Ele temia não ter tanto tempo ou energia restantes para esse esforço. Sentia-se velho. Sentia-se cansado. Sentia-se vazio. Conforme a carruagem sacudia por sobre os paralelepípedos da Avi a’Parete, Sergei sentia cada movimento como se fosse um golpe em seu corpo velho.

Ele deslizou os dedos por sob a aba da bolsa diplomática no assento ao seu lado, para tocar novamente a carta selada ali dentro. Como ele poderia enquadrar melhor as palavras destemperadas de Jan? Como ele deveria responder à provável fúria de Allesandra ao lê-las? Mais uma vez, ele perpassou a provável conversa em sua mente, com os olhos fechados e a cabeça recostada no assento estofado.

Sergei percebeu de repente que a carruagem estava parada. Ele abriu os olhos e ergueu a cabeça.

— Já chegamos ao palácio? — perguntou Sergei ao condutor, surpreso.

Teria ele dormido? Estaria assim tão exausto?

— Não, embaixador — respondeu o homem. — Eu acho... acho que o senhor deveria ver isto.

Sergei levantou o vidro da janela da carruagem, colocou a cabeça para fora, olhando ao redor. Eles ainda estavam na Avi, quase se aproximando da extremidade sul da Pontica a’Brezi Veste. Outras carruagens também tinham parado, e muitas pessoas na multidão olhavam boquiabertas para o oeste. No banco acima de Sergei, o condutor apontou na mesma direção.

Sobre os telhados de Nessântico, uma escuridão tinha surgido a oeste. Ela já começava a bloquear o sol: como uma cunha de estranhas, espiraladas e encaracoladas nuvens tempestuosas desprovidas de relâmpagos ou trovões, e se movendo tão rápido que pareciam mais velozes que o vento. A borda da fumaça já estava diretamente sobre Sergei, mascarando o sol. Fez-se um falso anoitecer, e o ar sob a tempestade era estranhamente quente. Algo estava caindo, mas não era chuva: flocos cinzentos que quase pareciam com uma improvável neve. Sergei pegou alguns flocos na palma da mão, tocando-os com a ponta dos dedos: eles se desmancharam em sua pele como cinzas secas.

— Condutor! Siga em frente — gritou ele. — Depressa, homem!

O condutor assentiu e estalou o chicote sobre as costas do cavalo.

— Arre! — berrou o homem para o animal.

A carruagem começou se mover outra vez, balançando freneticamente. Sergei deixou a aba sobre a janela cair novamente.

Ele esperava que sua suposição estivesse errada.

No palácio, Sergei desembarcou no que parecia ser uma noite precipitada. As cinzas caíam mais intensamente agora, e as nuvens cobriam inteiramente o céu. Os criados corriam de um lado para o outro para acender as lanternas, e Talbot se dirigiu apressadamente da entrada do palácio até a carruagem de Sergei.

— Por aqui, embaixador, a kraljica está esperando.

Sergei agarrou a bolsa diplomática e andou o mais depressa que pôde com sua bengala, arrastando seus pés ao lado de Talbot, que o conduziu através dos corredores particulares e por um lance de escada que os levou até uma câmara no lado oeste do palácio. Lá, Allesandra estava parada perto da sacada da câmara. Erik ca'Vikej estava com ela. Sergei fez uma mesura para os dois, enquanto Talbot o anunciava e fechava as portas da câmara, e se dirigiu para onde a kraljica estava. Ela olhava para os jardins do palácio, que já estavam cobertos pela neve cinzenta.

— Monte.Karnmor — disse Allesandra quando o embaixador se aproximou.

Sua voz estava abafada pelo lenço de renda que ela segurava sobre o nariz e a boca.

— É o que isso deve ser. Talbot diz que há registros da época do kraljiki Geofrai que falam sobre como a face norte da montanha explodiu e desabou. Dizem que as cinzas chegaram a cair em Brezno.

— E Karnor? — perguntou Sergei.

Ela balançou a cabeça.

— Não tivemos notícias deles ainda. Elas podem levar dias para chegar.

Sergei ouviu Allesandra respirar fundo; ele sentiu o gosto de cinzas no ar.

— Se é que vão chegar — completou a kraljica.

Ela deu as costas para a sacada; Erik fechou as portas acortinadas. Isso pouco alterou a iluminação da sala, com algumas velas acesas e uma lâmpada mágica posta sobre o consolo da lareira.

— Esse é um terrível presságio — disse Allesandra. — Nós devemos rezar pelas pessoas de Karnor e de todas as cidades da ilha. E por falar nisso, se o que Talbot suspeita estiver certo, então a situação pode até mesmo piorar para quem estiver tão longe quanto em Fossano.

Sergei viu ca'Vikej acariciar o braço de Allesandra furtivamente, do lado oposto ao do embaixador. *Sim, eles são amantes agora*... Allesandra parecia preocupada e cansada. Ela respirou fundo outra vez e enfiou o lenço na manga da tashta.

— Você tem alguma coisa para mim? — ela perguntou.

Sergei entregou a bolsa para a kraljica. Ela retirou a carta e examinou o selo, em seguida, rompeu o lacre de cera do papel e abriu o envelope. Allesandra leu o documento lentamente. Ca'Vikej leu sobre o ombro dela, que pareceu não se importar ou notar. Sergei viu os pequenos músculos de seu maxilar se retesarem enquanto ela lia.

— Você sabe o que a carta diz? — perguntou Allesandra finalmente.

Ela dobrou o pergaminho novamente e o colocou no envelope.

Sergei olhou deliberadamente para ca'Vikej, sem responder. Allesandra acenou com o envelope.

— Pode falar. Afinal, como candidato ao trono da Magyaria Ocidental, Erik tem um interesse pessoal no assunto.

"Erik..." Ela o chama pelo primeiro nome.

— Então, sim, kraljica, o hïrzg me contou o que pretendia dizer para a senhora.

— Então nada mudou.

Sergei ergueu os ombros. E passou um dedo sobre a borda do nariz falso.

— O hïrzg mantém sua oferta original: nomeá-lo como seu herdeiro, e após sua morte os Domínios se uniriam automaticamente à Coalizão. Eu disse para ele que isso é inaceitável, mas... — Outro erguer de ombros. — Eu não consegui convencê-lo do bom senso de sua oferta alternativa.

— Não conseguiu convencê-lo — repetiu Allesandra com os lábios

franzidos. — Sem dúvida você se empenhou de maneira impressionante.

Ela não se esforçou em esconder o tom de escárnio em sua voz.

— Kraljica, eu não tentei esconder minhas preferência nessa situação. E acho que nomear o hïrzg como seu herdeiro seria o melhor para os Domínios. Mas, como embaixador, minhas opiniões não importam. Eu representei a senhora e os Domínios dando o melhor das minhas poucas habilidades. — Ele espalmou suas mãos. — Se a senhora acha que outra pessoa faria melhor, então receberá meu pedido de demissão nesta tarde.

Ca'Vikej se virou rapidamente, dirigindo-se até a porta da sacada e afastando a cortina para olhar para as cinzas cadentes. Allesandra encarou Sergei e, em seguida, balançou a cabeça quase que imperceptivelmente.

— Isso não será necessário — ela disse. — Eu acredito em você, Sergei.

Allesandra olhou para a sacada, onde ca'Vikej continuava olhando para fora.

— É que esse dia horrível me deixou tensa. Alguns criados estavam dizendo que ouviram uma série de estrondos vindos do oeste esta manhã, e agora isso...

Sergei inclinou a cabeça na direção dela.

— Obrigado, kraljica. Eu odiaria pensar que a senhora acredita que representei os Domínios ou a senhora mal.

O embaixador fez uma pausa. Ela tinha amassado a carta em sua mão.

— Talvez — sugeriu Sergei delicadamente —, pudéssemos concordar provisoriamente com a oferta do hïrzg de negociação em pessoa, em Ville Colhem? Se ele acreditar que estamos levando adiante algum tipo de reconciliação, talvez fique menos agressivo com as incursões pelas fronteiras dos Domínios?

Allesandra fungou desdenhosamente e abanou a mão. Ca'Vikej tinha voltado a se postar ao lado dela. Sergei viu a kraljica se inclinar ligeiramente na direção dele.

— Talvez — falou Allesandra. — Eu terei que pensar sobre isso e consultar o Conselho.

E ca'Vikej, pensou Sergei. Ele sorriu para a kraljica e fez uma mesura novamente.

— Então, com sua licença, vou deixá-la com suas conferências, com licença, kraljica, vajiki.

Sergei acenou para os dois e arrastou os pés até a porta, na qual bateu com o punho da bengala e o criado do corretor a abriu. Sergei fez uma

última mesura e saiu da câmara. Não muito tempo depois, o embaixador estava do lado de fora, sob a falsa noite, onde as cinzas caíam de um céu cinzento sobre edifícios cinzentos.

Sua carruagem se aproximou ruidosamente da entrada do palácio. O condutor abriu a porta para ele. Sergei iria à Bastida. Isso melhoraria seu humor.

Era um dia de dor. Um dia de perda.

Nico Morel

A falsa noite se estendeu até a tarde, juntando-se à sua verdadeira prima.

Os cidadãos de Nessântico amarraram panos em volta do nariz e da boca para afastar as cinzas, tossindo em meio ao ar fétido. Alguns dos que já tinham dificuldades para respirar sofriam mais do que as pessoas saudáveis ou até mesmo sucumbiam. A a'téni ca'Paim mandou os ténis-luminosos acenderem os postes da Avi a'Parete pouco depois da Segunda Chamada e teve de mandar uma segunda vez para renovarem o brilho depois da Terceira Chamada. Os moradores do Velho Distrito avançavam por uma camada de cinzas quase tão espessa quanto a primeira junta do dedo indicador de Nico.

E Nico rezou, agradecendo a Cénzi por enviar este sinal, o sinal incontestável de que Ele estava furioso com a Fé por sua incapacidade em seguir a Divolonté e o Toustour, e por sua tolerância com aqueles que O negaram. Eles se lembrariam das palavras de Nico — aqueles que o tinham ouvido discursar no parque e aqueles que tinham ouvido falar da profecia — e perceberiam a verdade dita por ele.

A verdade de Cénzi. A verdade eterna.

Morte e escuridão. Cénzi os tinha envolvido em ambas.

— Nico?

Ele sentiu Liana surgir atrás de si enquanto estava ajoelhado perante o altar do quarto, sentiu a sua mão tocar delicadamente em seu ombro. Nico sentiu um arrepio, seus olhos voltaram a focar o ambiente. Ele tossiu, a secura deixara sua garganta irritada. Não fazia ideia de quanto tempo tinha passado ajoelhado ali — Nico ouviu as trompas anunciarem a Terceira Chamada, mas isso podia ter ocorrido há várias viradas da ampulheta. Parecia que o tempo tinha deixado de existir em meio à

escuridão.

— As cinzas pararam de cair — ela o informou, com a máscara que estava usando pendurada no pescoço. — Há pessoas na rua, lá fora. Muita gente. Ancel disse que eu deveria vir buscar você.

Ele tentou se levantar, mas descobriu que não conseguia; suas pernas não queriam cooperar. Liana colocou suas mãos sob as axilas de Nico e o ajudou cambaleando até a cama, onde ela massageou suas pernas para tirar a dormência.

— Você não come nada há duas viradas — falou Liana. — Eu trouxe um pouco de pão, queijo e vinho. Coma um pouco antes...

Nico fez o que ela sugeriu e percebeu como seu estômago estava contraído à primeira mordida. Ele cortou as fatias de queijo do bloco amarelo pálido e rasgou o pão. O vinho aliviava a aspereza em sua garganta.

— Obrigado — agradeceu ele a Liana. — Eu estou melhor agora. Como você tem lidado com tudo isso?

Nico ergueu Liana, que estava ajoelhada diante dele. Ela teve um sobressalto nesse momento.

— O bebê acabou de chutar — disse Liana. — Aqui, sinta...

Ela colocou a mão de Nico sobre a sua barriga, e ele sentiu a pressão de uma mão ou pé sob seus dedos. Nico tinha certeza de que, se olhasse para o estômago de Liana, teria visto o contorno desse pé ou mão na pele esticada da mulher.

— Agora não falta muito, pequenino — sussurrou ela para a criança. — Você sairá para ver seu vatarh e matarh.

Nico inclinou-se para beijar Liana, e ela sorriu.

— Você disse que Ancel...

Liana suspirou e pegou sua mão. Nico se levantou, com as pernas ainda formigando pela longa permanência em oração, e a seguiu para fora da sala.

Ancel esperava pelos dois na varanda da casa que eles tinham tomado nas entranhas do Velho Distrito. As estrelas e a lua sobre eles ainda estavam ocultas pelas nuvens e cinzas, mas a chuva de cinzas, como Liana dissera, tinha parado. Ainda assim, o corrimão da entrada estava coberto de pó, e os pés levantavam pequenas nuvens ao andar.

E na rua...

Havia pelo menos uma centena de pessoas na rua, talvez mais — era difícil precisar em meio à escuridão, mas elas preenchiam a rua estreita e se espalhavam entre as casas dos dois lados. Misturados entre eles, Nico

viu vários robes verdes, com as cores obscurecidas pela noite e pelas manchas de cinzas. Eram pessoas de todas as idades, tanto homens quanto mulheres. E olhavam para a casa, em silêncio, mas Nico permaneceu nas sombras da varanda olhando para eles.

— Como eles nos encontraram? — perguntou Nico para Ancel, que apenas balançou a cabeça.

— Eu não sei, Absoluto. Eles começaram a se reunir por volta da Terceira Chamada. Eu fiquei vigilante, com medo de que a Garde Kralji viesse, mas até agora... — respondeu Ancel, que ergueu os ombros e cinzas deslizaram das dobras de seu manto. — Eu pedi a eles que fossem embora, disse que eles estavam nos colocando em perigo, mas eles não vão. Dizem que esperam ouvir o senhor.

Nico assentiu.

— Então deixe-me falar com eles.

Nico dirigiu-se até a borda da varanda, com Liana e Ancel logo atrás de si e vários morellis surgindo da casa para ficar com eles. A multidão gritou ao vê-lo sob o brilho das lamparinas nas colunas do pórtico. Nico ouviu seu nome e o de Cénzi serem gritados, e ergueu as mãos para a multidão silenciar novamente.

Ele olhou para o cenário escuro e sombrio, e viu apenas os focos de luz das pessoas que carregavam lanternas, como se as estrelas tivessem trocado o céu pelo chão.

— Se vocês acreditam que estou contente com o que aconteceu, vocês estão enganados — disse Nico, ele disse, em um tom lento e suave, fazendo com que o povo precisasse se aproximar para ouvir suas palavras. Depois pigarreou, tossiu uma vez, e sentiu Cénzi tocar sua voz, que ganhou força e volume.

— Sim, eu disse que Cénzi nos daria um sinal, e Ele o fez. Cénzi nos enviou um sinal terrível e inconfundível. O fim dos tempos está chegando, se Seus fiéis não o escutarem! O que vocês veem a sua volta é a morte de milhares, todos mártires, para que nós, fiéis concénzianos, possamos ver o erro do nosso caminho atual, para que possamos ver o que o mundo pode esperar se não seguirmos a orientação de Cénzi. Eu choro por cada um daqueles que morreram. Choro porque a situação teve de chegar a esse ponto. Choro porque vocês não escutaram. Choro porque vocês não conseguiram seguir as palavras de Cénzi sem que Ele precisasse nos dar esse castigo terrível. Choro porque ainda temos muito do trabalho de Cénzi para fazer. Choro porque, mesmo com as cinzas que cobrem Nessântico, aqueles que a governam *ainda* não enxergam a verdade do

que dizemos.

Nico fez uma pausa. Entre o público, ele pôde ouvir alguém tossindo.

— Eu sei por que vocês vieram aqui — continuou Nico —, mas afirmo que vocês já sabem o que devem fazer. Está aqui, nos seus corações.

Ele tocou seu próprio peito. As palavras desencadeavam um fogo em sua garganta, que queimava ao sabor das cinzas.

— Está em suas almas, que Cénzi já possui. Tudo o que vocês precisam fazer é escutar, sentir e se abrir para Ele. Assim como Cénzi foi severo em Seu sinal, também temos que ser severos em nossa resposta.

Ele pausou, e suas próximas palavras rasgaram o ar como garras negras.

— É chegado o momento! — rugiu ele para a multidão. — É isto que tenho para lhes dizer. É chegado o *nosso* tempo. Agora! Este é o tempo de *Cénzi*, ou Ele causará a morte de todos nós! Agora: vão e mostrem para eles!

Nico apontou para o sul, na direção da Ilha a'Kralj, do Velho Templo, do Palácio da Kraljica e da Margem Sul, com as casas dos ca' e co'. O povo rugiu com ele, que podia sentir o toque de Cénzi partir, deixando-o exausto e com as pernas fracas mais uma vez. Mas as nuvens se abriram momentaneamente, liberando um feixe de luz da lua azulada pintando a multidão e iluminando seus rostos.

— É outro sinal! — berrou alguém em meio à multidão.

Todos começaram a gritar. A multidão avançou e afastou-se da casa.

Nico apoiou-se em uma das colunas do pórtico, sem se importar com as cinzas manchando seu rosto, enquanto via as pessoas se afastarem.

— Deveríamos ir com eles, Absoluto? — perguntou Ancel. — Se isto for o que Cénzi quer de nós...

— Não — respondeu Nico aos morellis. — Ainda temos que permanecer escondidos... mas em breve. Em breve.

Ele ergueu o olhar; as nuvens sob a lua tinham se fechado novamente, e a rua parecia ainda mais escura do que antes, enquanto os gritos da multidão se esvaiam na distância.

— Esta noite, há outra coisa que precisamos fazer.

Sergei ca'Rudka

O comandante Telo co'Ingres gesticulou energicamente para os

offiziers.

— Você, leve seu esquadrão para o Mercado do Rio; preciso dos seus e dos seus homens para controlar a Avi, para que os ténis-bombeiros consigam entrar e fazer o serviço deles. O resto de vocês, mandem seus homens para empurrar a multidão pela Avi, para longe da Pontica. Juntem-se aos gardai que estão chegando do norte, se possível. Assim que afastarmos a multidão da Avi, eles vão se separar nas ruas menores, onde podemos controlá-los. Usem a força que for necessária. Agora, vamos! Vamos!

Os offiziers curvaram-se e saíram correndo do centro de comando da Garde Kralji, montado às pressas na Margem Norte da Pontica Kralji. Já haviam se passado algumas viradas depois da aurora, embora fosse quase impossível medir o tempo na escuridão. Sergei, que o ouvia de dentro de sua carruagem, abriu a porta e foi ao encontro do comandante co'Ingres, debruçado sobre uma mesa com um mapa da cidade aberto sobre ela, seus assistentes colocando marcadores conforme os mensageiros chegavam apressados com os últimos relatórios. Além do centro de comando, bem acima na Avi, Sergei podia ver os fogos enviando fumaça para se juntar às nuvens de cinzas. Todos, co'Ingres incluído, pareciam ter rolado dentro de uma lareira.

— Eu soube da multidão — disse Sergei. — Pensei em ver se eu podia ajudar.

— Embaixador — respondeu co'Ingres, cansado. — Eu agradeço a oferta e sei que posso tirar proveito da sua experiência. No entanto, acho que finalmente controlamos os incêndios e a multidão. Nem a Ilha a'Kralji, nem a Margem Sul correm mais perigo.

O comandante acenou para o brilho das conflagrações.

— Os ténis-bombeiros do Velho Templo estão fazendo algum progresso com essa situação, embora eu pense muitas vezes que ajudaria se eles acabassem queimando todo o Velho Distrito.

— Os morellis?

Co'Ingres assentiu.

— Recebi um relatório dando conta de uma multidão reunida em uma casa, supostamente onde Nico Morel estava se escondendo. Mandei um a'offizier e seus homens investigarem a área, mas eles foram atacados por uma multidão que seguia na direção da Avi e da ilha. Eles estavam ateando fogo e fazendo saques no caminho, gritavam sobre sinais, fim dos tempos e a baboseira morelli de sempre. Morel os colocou em um estado de frenesi sobre isso tudo, embora ele próprio e as pessoas próximas a ele

não estivessem entre a multidão. — O comandante chutou uma pilha de cinzas no chão. — Tem sido um dia de merda, com o perdão da palavra. Primeiro, todos os problemas com as cinzas, agora isso.

Sergei deu um tapinha nas costas do homem.

— Você fez bem, Telo, eu informarei à kraljica. Baixas?

— Nada sério, graças a Cénzi. Alguns ferimentos causados por pedras arremessadas e confrontos com a multidão: cabeças ensanguentadas e ossos quebrados, o de sempre. Alguns ténis-bombeiros foram vencidos pelo cansaço e pela fumaça; até que os incêndios estejam sob controle, essa situação só vai piorar, mas a a'téni ca'Paim está enviando mais ténis para ajudar. Alguns morellis foram mortos nos confrontos e vários ficaram feridos. Temos muitos punhados de prisioneiros.

— Prisioneiros. Ah. — Sergei sentiu sua velha paixão estremecer ao ouvi-lo. — Onde eles estão?

Ele pensou que co'Ingres hesitou por um instante um tanto ou quanto longo demais antes de responder. O comandante então inclinou a cabeça na direção da extremidade norte da ponte.

— Ali. Eu iria transportá-los para a Bastida assim que tivesse gardai suficientes para isso.

— Eles devem saber dizer onde Morel está agora — disse Sergei.

— Tenho certeza que sim — co'Ingres respondeu maliciosamente. — Tenho certeza de que nos dirão.

— Prossiga, Telo — disse Sergei —, mas deixe um esquadrão completo de gardai prontos para partir em uma marca.

Telo fez uma continência.

— Como queira, embaixador.

Sergei fez uma continência para o homem e caminhou dolorosamente em direção à ponte. Ele encontrou os prisioneiros com facilidade, sentados sobre os paralelepípedos sujos de cinzas perto da ponte e cercados por gardai carrancudos. O o'offizier no comando prestou continência quando Sergei se aproximou e abriu espaço para que o embaixador pudesse ver os desordeiros capturados. Alguns o encararam de volta, outros simplesmente encaravam o pavimento de cabeça baixa.

— Eu preciso saber onde está Nico Morel — Sergei disse para os prisioneiros. — Eu sei que pelo menos alguns de vocês sabem. Preciso que um de vocês me conte.

Não houve resposta. O prisioneiro mais próximo a ele — um e'téni com sangue espalhado no rosto e o robe verde rasgado e manchado de cinzas e fuligem — fez uma careta e cuspiu na direção de Sergei. As mãos do

homem estavam amarradas — para que não pudesse usar um feitiço para escapar ou atacar os gardai.

— Não lhe diremos nada, Nariz de Prata — respondeu o e'téni. — Nenhum de nós dirá. Não o trairemos.

Sergei sorriu gentilmente para o homem.

— Ah, um de vocês dirá. De bom grado. E você me ajudará. Pegue-o — falou o embaixador para o e'offizier. — Traga-o até aqui.

Sergei deu um passo, acenando com a bengala para o condutor da carruagem, que estalou as rédeas do cavalo e veio trotando até onde o embaixador estava.

— Preciso de corda — disse Sergei.

Um garda correu para pegar um pedaço.

— Amarre os pés também — ele ordenou, apontando para os pés do téni e sabendo que todos os prisioneiros assistiam.

Quando os gardai terminaram de amarrar os pés e as mãos do homem, Sergei mandou que eles atassem um curto pedaço de corda das mãos do homem à traseira da carruagem. O e'téni assistia, arregalando os olhos.

Sergei bateu nos paralelepípedos da Avi com a ponteira de latão da sua bengala, o téni olhou para baixo.

— Estas pedras... Elas são a própria alma de Nessântico. A Avi envolve a cidade em seu abraço e, como você sabe, sendo um téni, ela define a cidade com seus postes. As pessoas que construíram a Avi o fizeram com cuidado e amor por seu trabalho. Olhe para esses paralelepípedos; eles foram esculpidos em granito das colinas ao sul da cidade, e foram trazidos para cá em trens de carga e dispostos cuidadosamente. Foram necessários suor, trabalho e carinho, mas os trabalhadores o fizeram. Eles fizeram não só porque foram pagos, mas porque amam essa cidade.

O téni encarava Sergei; tanto os prisioneiros quanto os gardai o estavam ouvindo.

— Mas... Essas pedras, antigas como são, permanecem brutas e duras. Eternas, como essa cidade e os Domínios, eu gosto de pensar. Ora, essas pedras são tão inflexíveis e implacáveis que preciso mandar um carpinteiro trocar os aros das rodas da minha carruagem duas vezes por ano, e os aros são feitos de aço. Você consegue imaginar o que essas pedras fariam com a carne de alguém se, digamos, essa pessoa fosse arrastada sobre elas como as rodas desta bela carruagem? Ora, isso iria arrancar, rasgar e esfolar a pele dessa pessoa, quebrar seus ossos, fazê-la em pedaços. Esta seria uma morte horrível e desagradável. Você não concorda, e'téni?

O homem ficou boquiaberto ao se dar conta do que Sergei dizia. Ele podia sentir o medo do homem; podia sentir seu *sabor* e apreciar seu doce tempero.

— Embaixador — gaguejou o e'téni, que espalmou as mãos atadas em súplica. — O senhor não faria isso.

Sergei riu; alguns gardai também.

— Eu faria o que fosse preciso para servir aos Domínios e a Nessântico. Agora, para servir à cidade, eu preciso que você me diga a localização de Nico Morel. Então... você vai me dizer?

O homem umedeceu os lábios novamente.

— Embaixador...

Sergei ergueu sua bengala. O condutor ajeitou-se no banco, e o téni ergueu as mãos atadas em súplica mais uma vez.

— Não! — ele quase gritou. — Por favor! O Absoluto... ele... ele está em uma casa na rua Cordeiro, no lado sul, duas ruas depois do cruzamento com a Espinha de Peixe. Eu... eu juro. Por favor, embaixador.

— Viu só? — disse Sergei para o téni. — Eu sabia que você me diria.

Ele gesticulou novamente com a bengala, com força desta vez, e o condutor estalou as rédeas no cavalo.

— Arre! — o motorista gritou.

O téni gritou assim que a corda ficou subitamente tesa e a carruagem arrancou, balançando e ganhando velocidade. O homem berrou ao ser derrubado ao chão, e ter seu corpo arrastado atrás da carruagem e as pedras começarem a rasgar sua pele. Mesmo na escuridão, todos podiam ver a trilha úmida e escura que seu corpo deixou nos paralelepípedos. Sua voz ecoava um longo gemido sem palavras enquanto a carruagem fazia a curva, a caminho da ponte: primeiro aguda e aterrorizada, depois assustadora e terrivelmente silenciosa. O veículo continuou pelo A'Sele.

— Meu condutor voltará em breve — Sergei informou aos demais prisioneiros, com uma voz calma, quase gentil. — Agora, é possível que nosso e'téni estivesse mentindo sobre a localização. Estou certo de que, para evitar seu destino, todos vocês me dirão se este é o caso ou não, não é mesmo?

Ele sorriu quando todos responderam à afirmação com um grito de confirmação com suas vozes altas, confusas e apavoradas.

As trompas dos templos soaram a Primeira Chamada tenuemente, embora houvesse pouco sinal do sol no eterno anoitecer de cinzas.

Sergei sabia, mesmo antes de eles sequer entrarem na casa, que já era

tarde demais. Mais uma vez.

— Não vou entrar — disse o embaixador para co'Ingres. — Eles já foram embora.

O comandante encarou Sergei longamente.

— O senhor matou um homem para isso. Um téni.

— Matei — ele respondeu com facilidade. — E mataria novamente, sem arrependimento. E escolhi o téni deliberadamente, pela mensagem que seria assimilada pelos demais — se fui capaz de matar um téni, seria capaz de matá-los com a mesma facilidade.

Sergei ergueu os ombros e bateu na rua com sua bengala, enquanto os gardai rapidamente cercavam a casa. Sim, este era o endereço correto: ele notou as novas pegadas nas cinzas; a multidão tinha se reunido ali primeiro.

— Eles *estiveram* aqui, mas não estão aqui agora, Telo. Eu tenho certeza de que alguém está vigiando para reportar tudo a Nico. Eu posso sentir. Mas... Prossiga. Faça o que tem que fazer.

Co'Ingres fungou, quase de raiva, e afastou o olhar de Sergei, gesticulando energicamente para os offiziers, que deram ordens rápidas. Vários gardai avançaram em direção à porta da casa e a arrombaram. Empunhando suas espadas, eles entraram. Alguns minutos depois, um deles saiu novamente, balançando a cabeça.

Sergei respirou fundo e sentiu o gosto das cinzas mortas nas ruas.

— Diga a Nico Morel que eu *vou* encontrá-lo — ele disse em voz alta, virando-se para encarar as outras habitações ao longo da rua. — Eu *vou* encontrá-lo, e ele será julgado pelo que fez. Digam a ele.

Não houve resposta ao seu chamado. Sergei voltou-se novamente para co'Ingres.

— Mande seus homens revirarem a casa. Eles podem ter deixado alguma coisa para trás que nos dê alguma pista de para onde foram. Quero um relatório na minha mesa e na mesa da kraljica até a Segunda Chamada.

O comandante prestou continência sem dizer uma palavra, embora seus olhos ainda estivessem carregados de uma acusação silenciosa.

Sergei começou a caminhar em direção a sua carruagem, que o aguardava.

Os gardai não encontrariam nada na casa que Nico não quisesse que eles encontrassem. Ele tinha certeza de que Nico era cuidadoso demais para isso, mas ele manteria a promessa feita ao jovem. Isso Sergei jurou.

Allesandra ca'Vörl

Allesandra estava na sacada de seus aposentos, olhando para os jardins. A chuva de cinzas tinha parado há duas noites, e o pôr do sol de hoje estava deslumbrante. Nuvens brancas e amarelas ondulavam no horizonte: sulcadas pelo vento, com toques de vermelho, laranja e dourado, presas a um céu azul-ciano enquanto o sol lançava feixes de luz dourada brilhante através de suas brechas. A terra abaixo estava banhada por uma luz verde e dourada e sombras púrpuras. Fragmentos de cores saturadas pareciam espreitar aonde quer que ela olhasse, como se um pintor divino tivesse borrado sua paleta no céu.

Abaixo dela, os funcionários continuavam varrendo a teimosa poeira cinzenta das alamedas e retirando as cinzas que grudaram nos arbustos e nas plantas do jardim oficial, cuja vista podia ser apreciada dos aposentos de Allesandra. Misericordiosamente, tinha chovido mais cedo nesse dia — os jardins do palácio já começavam a recuperar sua aparência anterior, mas Allesandra sentia o cheiro das cinzas, adstringente e irritante, em suas narinas. Toda a cidade, toda a terra fedia a cinzas.

As cinzas, a insurreição morelli há duas noites, a insistência curta e grossa de Jan em ser nomeado seu herdeiro: tudo isso pesava sobre Allesandra, apesar da beleza do pôr do sol.

— A a'téni ca'Paim quer que você seja jogado na Bastida — disse ela.

Sergei, que ignorava o pôr do sol e, em vez disso, encarava o quadro da kraljica Marguerite na parede, bufou pelo nariz de metal.

— Sem dúvida ela quer. O que você disse para a a'téni?

— Eu disse que o téni que você matou era um morelli, que ele desrespeitou as leis dos Domínios e que estava omitindo informações de você, deliberadamente. Disse que não havia tempo para consultá-la; que você tomou a ação que julgou necessária para capturar Morel.

Sergei pareceu se curvar mais para Marguerite do que para Allesandra.

— Obrigado, kraljica.

— Eu também li o relatório do comandante co'Ingres. Parece-me que ele pensa que matar o téni não era necessário.

Sergei deu de ombros.

— Dois offiziers nem sempre concordam quanto às táticas. Se Telo tivesse feito o que eu fiz uma ou duas viradas mais cedo, nós poderíamos ter capturado Morel. Ele mencionou isso no relatório?

— Eu te conheço, Sergei. Você não matou o homem como uma tática;

fez isso pelo prazer que lhe deu.

— Todos temos os nossos defeitos, kraljica — respondeu o embaixador. — Mas eu o fiz *de fato* para capturar Morel; pelo menos em parte.

— O gyula ca'Vikej acha que você não é mais confiável. Ele pensa que suas predileções e ambições o colocam em oposição a mim.

Se Sergei ficou preocupado com isso, não demonstrou.

— Você conhece as minhas fraquezas, e eu as admito abertamente para você, kraljica. Todos nós as temos, e sim, às vezes elas podem interferir no nosso melhor julgamento quanto ao que é melhor para os Domínios. E como o embaixador dos Domínios para Brezno e a Coalizão, eu gostaria que ninguém mais ouvisse a kraljica se referir a ca'Vikej como gyula. Mas, por outro lado, *eu* não levei o gyula exilado de um estado inimigo para a minha cama.

A onda de fúria que percorreu Allesandra era quente e brilhante como um relâmpago. Ela fez uma careta e cerrou os punhos cravando suas unhas nas palmas da mão, formando luas crescentes.

— Você *ousa*... — ela começou, mas Sergei espalmou as mãos em súplica antes que ela pudesse falar mais.

— Estou simplesmente ressaltando, desajeitadamente, admito, que as escolhas que fazemos não serão universalmente aceitas, que as fazemos por razões que fazem sentido para nós, mas não necessariamente para todo mundo. Perdoe-me, kraljica. Nós temos uma longa história juntos, mas eu não deveria tomar liberdades por causa disso. Você sabe que sou leal aos Domínios e a sua governante. Sempre e eternamente.

Sei que sua lealdade é para com os Domínios, mas quanto à outra parte... Allesandra mordeu o lábio ao pensar nas palavras, mas não as disse. Ela devia a Sergei: ela sabia; e sabia que ele sabia. Sergei tinha salvado a vida de Allesandra e de seu filho. O ferrão de seu comentário ainda a cortava, mas a raiva estava passando. Ela ainda precisava de Sergei. Ainda dava valor a seus conselhos.

Mas quando chegasse o momento, Allesandra não hesitaria em jogá-lo na Bastida, que ele amava tanto.

— Eu teria cuidado com o que falar e com quem falar — disse ela —, se você quiser evitar o destino que deu a outros. Você tem sorte de...

Houve uma batida discreta na porta da câmara; um instante depois, a porta se abriu e a cabeça de Talbot apareceu de lado, evitando cuidadosamente olhar para os dois.

— Kraljica — falou o assistente. — Chegou um mensageiro. Acho que a

senhora deveria ouvir o que ele tem a dizer.

— Que mensagem? — Allesandra perguntou, ainda com irritação na voz. — Diga-me.

— Eu realmente acho que a senhora deve ouvir isso dele, kraljica — argumentou Talbot.

Allesandra fez uma careta.

— Tudo bem. Mande-o entrar.

A porta foi fechada e aberta novamente um momento depois. Talbot introduziu um homem esfarrapado, de roupa manchada de lama e cinzas, o rosto sujo e os olhos encovados em escuras olheiras. Seu cabelo era branco, suas mãos crispadas com enormes nós nos dedos. Ela supôs que ele tivesse cinco ou mais décadas de vida, alguém que tinha visto muito trabalho na vida.

— Por favor, sente-se — disse Allesandra imediatamente para o homem.

O sujeito se afundou, agradecido, na cadeira mais próxima, após o esboço de uma mesura.

— Sergei, sirva um pouco de vinho a este pobre homem. Talbot, veja se o cozinheiro ainda tem um pouco do ensopado do jantar...

Talbot fez uma mesura e deixou o cômodo. Allesandra parou diante do homem e ouviu o vinho ser despejado na taça e, em seguida, a bengala de Sergei batendo no chão quando ele ofereceu a taça ao sujeito. Ele bebeu com avidez.

— Qual é o seu nome? — ela perguntou.

— Martin ce'Mollis, kraljica.

— Martin. — Allesandra sorriu para ele. — Talbot me disse que você tem notícias.

O homem assentiu e engoliu em seco.

— Venho cavalgando há dias depois de vir de barco de Karnmor.

— Karnmor. — Ela olhou para Sergei. — Então você viu...

O homem assentiu e balançou a cabeça.

— Eu vi... kraljica, eu vivo no braço norte da baía de Karnmor, afastado de Karnor. Eu vi os navios se aproximando uma tarde; primeiro uma tempestade incomparável a tudo o que eu tinha visto antes, depois, de repente, eles simplesmente apareceram *ali*, navios pintados que atacaram nossa marinha na baía: embarcações ocidentais. Eu os vi arremessar bolas de fogo na cidade e nas nossas embarcações quando o sol começava a se pôr. Eu sabia que alguém tinha que vir lhe contar o que estava acontecendo. Sou apenas um pescador agora, mas eu servi na Garde Civile

na minha época, então peguei meu barco e me mantive próximo à costa, navegando em torno da extremidade norte da ilha para chegar ao continente. Eu vi outro navio de guerra ocidental parado em alto-mar, e uma fileira de luzes descendo do monte Karnmor, como se houvesse gente ali, andando. Eu ancorei em um lugar onde estaria protegido e fiquei observando. As luzes desceram até a praia, e um pequeno bote saiu do navio de guerra ocidental. Depois disso, ele recolheu a âncora e foi embora. Eu vi ao longe no horizonte que havia mais embarcações à espera, kraljica, mais do que eu pude contar, e todas navegaram para longe de Karnmor como se Cénzi as perseguisse, como se eles soubessem...

Martin umedeceu os lábios e bebeu novamente.

— Graças a Cénzi eles não notaram a mim, não me viram. Eu naveguei a noite toda, permaneci próximo à costa e finalmente cruzei o canal, chegando ao continente antes da alvorada. Havia uma pequena guarnição ali, e eu contava ao offizier de serviço o que tinha visto enquanto o sol nascia. Aí...

Ele se deteve. Tomou outro gole de vinho.

— Então o monte Karnmor acordou. Eu vi aquela nuvem horrível subir ao céu, senti o trovão nos atingir como uma parede de ar quente, e as cinzas, tão quentes que queimavam a pele onde tocavam...

O homem estremeceu, e Allesandra notou a pele empolada e avermelhada de seus braços.

— Eles me deram um cavalo, e disseram para eu vir até aqui o mais rápido possível. Não pare, disse o offizier. E não parei, a não ser para roubar outro cavalo quando aquele que eu cavalgava morreu embaixo de mim. Eu vim para cá o mais rápido que pude, kraljica. A senhora tinha que saber, tinha que saber...

Ele tomou outro gole; Sergei, sem palavras, tornou a encher sua taça.

— *Eles* fizeram aquilo — ele disse, finalmente. — Os ocidentais. Eles trouxeram seus navios até lá, e sua magia fez a montanha explodir. Eles *sabiam*. *Sabiam* que isso aconteceria; é por isso que eles foram para o norte com sua frota nessa noite. Eles sabiam o que aconteceria e...

Talbot entrou com uma bandeja; o homem parou.

— Talbot — falou Allesandra —, leve nosso bom amigo Martin com você. Dê-lhe comida, deixe que tome um banho e acomode-o em um dos quartos de hóspedes. Chame meu curandeiro para garantir que ele receba qualquer tratamento de que precise. Martin, você prestou um grande serviço aos Domínios e será recompensado por isso. Eu lhe prometo.

Ela sorriu para ele mais uma vez, que se levantou da cadeira e fez uma mesura desequilibrada, permitindo que Talbot o conduzisse para fora do aposento.

— Os tehuantinos estão de volta... — murmurou Sergei assim que a porta foi fechada. — Isso muda tudo. Tudo.

Allesandra não disse nada. Ela voltou para a janela. O sol banhava o horizonte em tons de rosa e dourado.

— Haverá pânico nas ruas assim que a notícia se espalhar. E, se ele estiver certo, se a erupção do monte Karnmor não tiver sido uma simples coincidência...

O sol lançou uma coluna de luz laranja sobre a cerração enquanto o disco amarelo escaldante se escondia atrás dos prédios da cidade. O silhueta do domo dourado do Velho Templo foi emoldurada contra as cores intensas. A Terceira Chamada era anunciada pelas trompas; em uma marca da ampulheta, os ténis-luminosos sairiam pela cidade iluminando os postes da Avi a'Parete, para envolver a cidade em um colar de luzes. *"Eu lhe darei a joia"*, seu vatarh lhe dissera uma vez, referindo-se a Nessântico e àquelas luzes. Ele tinha fracassado em seu intento, mas Allesandra tomara a cidade e os Domínios para ela. Allesandra possuía a cidade, possuía suas pérolas de luz, era banhada pela luz do Trono do Sol.

Era dela, e Allesandra tinha que fazer o possível para mantê-la.

— Você vai retornar a Brezno — disse a kraljica para Sergei. — Você precisa entregar uma mensagem para meu filho.

Varina ca'Pallo

— ...E se o que ele diz for verdade, então eu me preocupo com os Domínios de forma geral.

Talbot sacudiu a cabeça enquanto ele, o mago Johannes e Varina caminhavam pela Avi a'Parete. Eles iam da Casa dos Numetodos, na Margem Sul — perto do que ainda era chamado o Templo do Archigos, embora nenhum archigos tivesse morado lá desde o pobre Kenne —, para um dos modernos restaurantes perto da Pontica a'Brezi Veste. A rua tinha sido limpa vigorosamente, mas Varina ainda podia ver montes de cinzas nas sarjetas, e os paralelepípedos tinham uma aparência vagamente acinzentada.

Johannes balançava a cabeça.

— Eu não conheço nenhuma magia que pudesse causar a erupção espontânea de um vulcão, se eles são capazes de fazer *isso*, então...

Ele pareceu sentir um arrepio e fechou mais o manto em volta dos ombros. Ele olhou para Varina, suas sobrancelhas brancas e espessas pareciam nuvens tempestuosas sobre os olhos negros escondidos.

— A senhora conhece as habilidades dos tehuantinos melhor do que qualquer um de nós — disse Johannes. — A senhora está quieta demais, a'morce, e isso está me deixando desconfortável.

Varina abriu um sorriso abatido para o homem.

— Eu não tenho mais informações do que qualquer um de vocês. Talvez seja uma simples coincidência ou talvez o homem esteja enganado sobre o que viu.

Talbot balançou a cabeça.

— Nem tudo. Vieram outros mensageiros rápidos relatando também terem visto a frota tehuantina. Eles certamente estão lá fora, a caminho do A'Selle, ao que tudo indica. Pensei que a senhora deveria saber, a'morce, uma vez que tudo que vier a acontecer pode acabar afetando os numetodos também. O público em geral saberá em um dia ou dois; não há como abafar o caso...

A voz de Talbot sumiu. Varina, que andava de cabeça baixa — como quase sempre fazia agora, pois seu equilíbrio era às vezes tão instável quanto o de uma pessoa duas décadas mais velha —, ergueu o olhar. Eles tinham acabado de atravessar a longa curva ao norte da Avi, passando por um curto segmento da muralha original de Nessântico conforme se aproximavam da Bastida. À sua esquerda, várias ruelas levavam até a área mais pobre da Margem Sul. Uma aglomeração de jovens acabara de sair de uma das alamedas em direção à Avi, diretamente em frente aos numetodos. Eles se espalharam em uma linha irregular, bloqueando o caminho, embora houvesse um amplo espaço na Avi.

— Afastem-se — disse Talbot para o jovem mais próximo. — A não ser que queiram ter mais problemas do que podem lidar. Vocês não sabem com quem estão lidando.

— Ah, é? — respondeu o homem. — Está quase na hora da Terceira Chamada, vajiki. Vocês não deviam estar a caminho do templo? Mas, não, eu teria lembrado de ver o assistente da kraljica no templo, ou a esposa do falecido embaixador, ou o mico amestrado com cara de coruja que vocês têm aí.

O sujeito riu da piada, e os outros juntaram-se a ele. Varina sentiu um nó no estômago: isso tinha sido calculado. Os jovens sabiam a quem

confrontavam.

— Não cometam um erro aqui — Varina disse para eles.

Ela os encarou, um de cada vez, tentando perceber alguma hesitação ou medo em seus rostos. Não viu nenhum dos dois. Olhou a sua volta à procura de um utilino, um garda, qualquer um que pudesse ajudar, mas os olhos dos transeuntes que passeavam pela Avi pareciam estar voltados para outros lugares. Se alguém notou o confronto, o ignorou. Varina se perguntou se isso também tinha sido calculado.

— Erro? — o mesmo jovem disse. Ele tinha cicatrizes de varíola no rosto e lhe faltava um dos dentes da frente. — Não há nenhum erro. Nico Morel disse que haveria um sinal, e o sinal veio, como ele disse que viria. Mas vocês não acreditam em Cénzi e em Seus sinais, não é mesmo? Não acreditam que Cénzi fala através do Absoluto.

— Esta não é uma discussão para termos aqui, vajiki — disse Varina. — Eu adoraria discutir o assunto com Nico em pessoa. Diga isso a ele. Diga que eu o encontrarei onde e quando ele quiser. Mas, por agora, deixe-nos passar.

O homem marcado pela varíola riu, e o gesto foi reproduzido por seus companheiros.

— Eu acho que não — falou ele. — Acho que é hora de ensinarmos uma lição aos numetodos.

Enquanto o morelli falava, Varina percebeu que seus companheiros começaram a cercá-los.

— Não façam isso — falou ela. — Não queremos machucar ninguém.

Em resposta, o homem de rosto marcado tirou um porrete debaixo de seu manto. Erguendo as mãos, ele atacou Varina. O bastão acertou a lateral da cabeça e derrubou Varina no pavimento antes mesmo que ela erguesse as mãos para se proteger. Varina conseguiu erguer as mãos antes de cair sobre os paralelepípedos, que arranharam e sangraram suas palmas, mas o impacto ainda lhe tirou o fôlego. Ela sentiu alguma coisa (um pé?) golpeá-la no flanco e percebeu, mais do que viu, o clarão de um feitiço assim que Johannes pronunciou seu gatilho. Talbot também estava lançando um feitiço, assim como outros. Varina sentiu o gosto das cinzas que sua queda tinha levantado. Seu sangue escorria sobre seus olhos (ela tinha cortado a testa ou o porrete tinha provocado isso?). Varina tentou se levantar. Tudo estava confuso, sua cabeça latejava tanto que mal conseguia se lembrar dos gatilhos dos feitiços que ela — como a maioria dos numetodos — tinha preparado para se defender. Algo tinha cravado com força na lateral de seu corpo quando ela caiu: a chispeira sob seu

manto. Piscando para se livrar do sangue, em meio ao tumulto da briga, ela pegou a arma.

Outro feitiço espocou, e Varina sentiu o cheiro de ozônio de sua descarga enquanto alguém — um dos morellis? — gritou em resposta. Havia mais feitiços sendo disparados; pelo menos um dos morellis deve ter tido treinamento como téni, ela percebeu. Em algum lugar distante, alguém estava gritando e ela ouviu o apito estridente de um utilino.

O volume da sua própria respiração se sobressaía.

Varina empunhava a chispeira agora. Ela engatilhou o cão e esfregou os olhos com a mão livre. Viu o homem de rosto marcado a sua esquerda, com o porrete erguido, prestes a golpear Johannes.

— Não! — berrou Varina e, ao mesmo tempo, seu dedo puxou o gatilho.

O estampido foi estridente, o som ecoou nas ruínas da muralha da cidade e repercutiu, mais baixo, nos prédios da Avi; o coice da chispeira jogou sua mão para o alto e para trás, ao mesmo tempo em que o homem de rosto marcado soltou um grunhido e caiu, o porrete saiu voando de sua mão enquanto uma lança invisível parecia ter arrancado carne, osso e sangue de seu rosto.

— Afastem-se! — Varina gritou, de joelhos, para as pessoas mais próximas a ela.

Pestanejando, ela brandiu a chispeira, agora inútil, soltando fumaça e um odor estranho e adstringente da areia negra.

A ordem era desnecessária. Com o disparo da arma e a morte súbita e violenta do líder, os outros morellis soltaram suas armas e fugiram. Varina sentiu Talbot passar seus braços sob seu corpo, ajudando-a a levantar. Havia pessoas vindo em sua direção, entre elas um utilino.

— Consegue ficar de pé, a'morce? Johannes, ela foi ferida...

— Estou bem — respondeu Varina.

Ela limpou o sangue de novo. Havia três pessoas caídas na Avi. Uma delas gemia e se contorcia; as outras duas estavam assustadoramente imóveis. Não havia dúvida sobre o destino do homem de rosto marcado. Varina desviou o olhar do corpo rapidamente. Ela ainda segurava a chispeira. Talbot percebeu e se aproximou de Varina para que o utilino e as outras pessoas vindo na direção deles não pudessem ver, e recolocou a arma dentro do manto dela.

— É melhor não deixarmos ninguém saber — ele sussurrou. — Deixem-nos pensar que usamos magia.

Ela estava confusa e ferida demais para argumentar. Sua cabeça

latejava, e ela ainda queria olhar para o rosto destroçado do homem que ela tinha matado.

— Talbot — disse Varina, mas o mundo girou e ela não conseguiu se manter em pé.

Foi a última coisa de que se lembrou por um tempo.

Niente

— Foi como se as cinzas tivessem turvado tudo, taat — falou Atl. — E não venho conseguindo ver direito desde então.

A voz de Atl estava cansada, seu rosto exausto, e ele se afundara na cadeira do pequeno quarto de Niente no *Yaoyotl*, como se tivesse corrido a grande ilha de Tlaxcala de uma ponta à outra.

Niente resmungou. A chuva de cinzas tinha sido tão densa que parecia que a frota se deslocava em meio a um nevoeiro sólido. Primeiro, o céu tinha ganhado um tom estranha e doentiamente amarelo, antes das cinzas se tornarem tão espessas que transformaram o dia em noite. Raios e trovões envolveram furiosamente a nuvem em expansão, e as cinzas quentes fediam a enxofre queimado. Seu material era tão fino que se insinuavam em todos os lugares. As roupas estavam cheias de cinzas; elas entraram nos compartimentos de comida e entranharam nos poros da madeira, apesar das tentativas dos marinheiros de limpá-la. O cheiro de enxofre também era estranho, embora a esta altura os tehuantinos já estivessem acostumados a ele. As cinzas também eram abrasivas — um dos artesãos tehuantinos recolheu várias bolsinhas de cinzas, dizendo que poderia usá-las para polir.

E sim, as cinzas macularam a pureza da água e das ervas que Niente usava na tigela premonitória. Desde a chuva de cinzas, tentativas do próprio Niente de ver o futuro tinham sido tão obscurecidas e inúteis quanto as de Atl.

Niente esperava que eles ainda estivessem no mesmo caminho, no mesmo rumo através dos possíveis futuros que poderiam conduzi-los ao Longo Caminho que ele tinha vislumbrado. A frota tehuantina entrou na boca do A'Sele sem nenhuma resistência da marinha dos Domínios, embora Niente estivesse certo de que, a esta altura, Nessântico já devia saber dos acontecimentos e da aparição dos navios tehuantinos. Se a visão de Axat ainda estivesse certa, então os ocidentais teriam ligado a

erupção do monte Karnmor à chegada dos tehuantinos.

Por enquanto, o vento que tocava seu crânio quase careca e seu rosto devastado era fresco e tinha cheiro de água doce, em vez de água salgada. A frota avançou por um irritante cenário monocromático; os morros distantes de ambos os lados estavam cinzas, quando Niente sabia que eles deveriam estar verdes e exuberantes. Cinzas finíssimas flutuavam nas correntes de água na direção do mar, de volta à fonte. A frota avançou por um cenário tocado pela morte. Niente viu as carcaças flutuantes passarem: pássaros, aves aquáticas, ocasionalmente, ovelhas, vacas e cães e, até mesmo — um ou dois —, corpos humanos. Tão perto de Karnmor, a devastação tinha sido terrível. Havia apenas algumas gaivotas voando esperançosamente ao lado da frota, bem menos do que Niente se lembrava de sua última visita aqui.

Atl jogou a água da tigela premonitória para fora do *Yaoyotl*. Seu gesto interrompeu o devaneio de Niente.

— O que você viu? — ele perguntou. — Conte-me.

— As imagens vieram muito rápido e eram tão turvas... — Atl suspirou. — Eu mal conseguia distingui-las, mas... por um momento eu pensei ter visto o senhor, taat. O senhor e um trono que brilhava como a luz do sol.

Niente sentiu um arrepio, como se o vento tivesse ficado repentinamente tão frio quanto os picos gelados das montanhas Ponta de Faca. Ele também tinha visto esse momento, e mais.

— Você me viu?

— Sim, mas só por um instante, então a visão sumiu novamente. — Atl ergueu as sobrancelhas. — Foi isso o que o senhor viu também, taat?

Ele estava no salão, cercado por todos os lados por corpos de tehuantinos e orientais. O lugar fedia a morte e sangue. Niente viu o Sombrio — o governante dali —, mas o trono brilhava tão intensamente que ele não pôde ver o rosto da pessoa sentada nele, nem sabia se era homem ou mulher. Niente segurava seu cajado mágico na mão, que ardia com o poder do X'in Ka, tão vital que ele sabia que poderia ter atingido o Sombrio, poderia ter quebrado o trono reluzente. No entanto, Niente se conteve e não disse as palavras, embora pudesse ouvir o tecuhtli berrando para que ele o fizesse, e acabasse com tudo aquilo.

Atrás do Sombrio surgiu uma presença ainda maior, com poderes tão grandes que Niente se sentiu atraído por eles: a Presença Solar. Esta segurava uma espada com as duas mãos e ergueu a arma enquanto Niente aguardava. Mas a espada não o tocou; em vez disso, a Presença Solar tocou a espada, que se quebrou como se não fosse mais forte que uma fatia de pão

seco, dando um pedaço para Niente e ficando com o outro.

Niente afastou-se do trono, enquanto o tecuhtli e os guerreiros praguejavam contra ele, chamavam-no de traidor de seu próprio povo...

— Não — disse ele para Atl. — Eu não vi isso. Acho que sua visão estava confusa e errada. Eram apenas as cinzas falando, não Axat.

Atl pareceu desapontado.

— Dê-me a tigela — mandou Niente, com a mão estendida.

Atl entregou-lhe a tigela pesada de latão.

— Eu mesmo vou limpá-la e purificá-la. Tentaremos novamente, em alguns dias talvez. Você deveria descansar.

— Descansar? — Atl zombou. — Alguns dias?

Ele acenou para a frota em volta deles, na paisagem cinzenta.

— Precisamos da visão de Axat agora mais do que nunca, taat. O tecuhtli Citlali pergunta constantemente se o senhor viu algo...

— As cinzas turvam a nossa visão — Niente respondeu rispidamente, interrompendo o filho. — Até mesmo para mim, mas especialmente para você, que ainda está aprendendo a interpretar a tigela. Eu disse que temos que aguardar alguns dias, Atl. Se você não pode aprender a ter paciência, jamais aprenderá a interpretar a tigela.

Atl encarou Niente.

— Isso é mais do que seu velho "olhe para mim, não faça o que eu fiz"? Se for, eu já ouvi isso vezes demais.

— Eu disse que lhe ensinaria a usar a tigela, e ensinarei — respondeu Niente, mas aninhou a tigela na barriga possessivamente. — Você tem que me mostrar que está pronto para aceitar as lições.

— Há outros nahualli que podem me ensinar.

— E nenhum deles é o nahual — respondeu Niente com mais rispidez. — Nenhum deles tem o meu dom. Nenhum deles pode mostrar a você tão bem quanto eu.

Então, com medo da expressão no rosto de Atl, como se o rosto de seu filho tivesse sido esculpido em pedra, ele abrandou o tom.

— Você será nahual um dia, Atl. Eu tenho certeza disso. Eu *vi* isso. Mas, para que isso aconteça, você precisa me ouvir e me obedecer; não por ser meu filho, mas porque ainda há coisas que você deve aprender.

Niente pressionou a tigela contra seu corpo com uma mão e ofereceu a outra para Atl.

— Por favor — ele disse. — Eu quero que você saiba tudo o que sei e muito mais, mas você tem que confiar em mim.

Houve uma hesitação que partiu o coração de Niente. A boca de Atl

estava torcida, e mesmo através do cansaço do rapaz, Niente podia ver seu desejo de usar a tigela novamente.

Ele se lembrava desse desejo — ele próprio o tinha sentido, quando tinha a idade do filho, quando se deu conta de que tinha sido tocado e marcado por Axat, quando se deu conta de que poderia ser o sucessor de Mahri, que poderia até mesmo chegar a nahual.

Niente sabia o que Atl estava sentindo, e isso o assustava mais do que qualquer outra coisa.

Atl finalmente deu de ombros, enquanto Niente ainda segurava a tigela, pegando na mão do taat, pressionando os dedos na palma de sua mão estendida.

— Eu farei o que o senhor me pede — falou Atl —, mas, taat, eu não vou esperar para sempre. Se for preciso, encontrarei outro caminho.

Ele soltou a mão de Niente e se afastou. Niente notou que o filho forçava o corpo para não demonstrar a exaustão que devia estar sentindo.

Era o que o próprio Niente teria feito, no lugar dele.

Rochelle Botelli

Ela passou os dias limpando, pois as cinzas que causaram tão lindos poentes também cobriram tudo de poeira no Palácio de Brezno. Rance ci'Lawli conduziu seus funcionários incansavelmente para manterem as superfícies limpas. Pelos rumores que Rochelle tinha ouvido, a experiência em Brezno tinha sido insignificante. Aqui, a chuva de cinzas tinha caído como uma leve cobertura de poeira acumulada durante uma semana sobre a mobília. Mas ela tinha ouvido pessoas que tinham vindo do oeste falando de precipitações tão intensas quanto as das queda de neve do inverno, e tão pesadas que telhados desmoronaram e animais morreram sufocados. Rochelle não sabia o quanto dos rumores eram simples contos exagerados com o intuito de entreter, e o quanto de verdade eles continham, mas era evidente que algo catastrófico tinha acontecido no extremo oeste dos Domínios. "O monte Karnmor acordou novamente após séculos adormecido", era o rumor mais insistente. "Milhares de pessoas morreram." Aqui, a pessoa que falava geralmente sacudia a cabeça. "Eles deviam ter pensado melhor antes de construir uma cidade na encosta de um vulcão. Era um desastre anunciado..."

Então ela limpou, e se certificou que as cortinas permanecessem fechadas quando as janelas fossem abertas. E aguardou. Aguardou porque a chuva de cinzas tinha alterado a rotina do palácio; e os padrões que ci'Lawli seguia durante o dia, até que eles se normalizassem de novo, Rochelle não poderia matar o homem com segurança e cumprir seu contrato. Ela percebeu que não se importava; ela flertou, na verdade, com a ideia de devolver o dinheiro a Josef co'Kella — as solas estavam escondidas em seu pequeno quarto de dormir no palácio.

"A Pedra Branca não pode deixar de cumprir nem recusar um contrato", dizia sua matarh, em um dos momentos lúcidos em que não era atormentada pelas vozes. *"Se as pessoas pensarem que a Pedra Branca trabalha por um motivo aleatório, então ela não é um fantasma a ser temido, mas apenas outro garda vestido com o uniforme dos governantes. As pessoas amam e temem a Pedra Branca porque ela ataca em qualquer lugar, a qualquer hora. Nós somos a Morte, que chega para alguém sem remorso e sem pensar."*

— Por que a matarh não gosta de você?

Rochelle estava limpando o quarto de Elissa, esfregando a mobília da menina com um pano úmido. Ela parou, endireitou as costas e olhou para a criança, que estava sentada na cama brincando com uma boneca. Rochelle notou que a menina estava presa naquele espaço estranho entre a infância e adolescência, em que tinha muita vontade de fazer tanto coisas de "adulto" quanto coisas como brincar com os brinquedos que a fascinavam antigamente. A boneca — cujo estado dos braços e das pernas de pano e do rosto de porcelana demonstrava que tinha sido sua favorita por muito tempo — agora passava a maior parte do tempo abandonada, a não ser em momentos como esse.

— O que quer dizer, vajica? — perguntou Rochelle, genuinamente intrigada.

A hïrzgin Brie nunca pareceu demonstrar descontentamento com ela — na verdade, após sua conversa naquele dia, Rochelle começara, inclusive, a pensar que a hïrzgin pudesse gostar mais dela do que das várias dezenas de criados que estavam em sua presença todos os dias.

— Ela não acha que eu faço bem o meu serviço?

Elissa negou vigorosamente com a cabeça, o braço da boneca balançou com o gesto.

— Não é isso — respondeu a menina. — Eu ouvi a matarh dizer para o vatarh que ela não gostou da maneira como ele agiu perto de você. O vatarh disse que não sabia do que ela estava falando. "Você sabe que isso

aconteceu antes", foi tudo o que a matarh disse, e o vatarh apenas resmungou. Ele disse que a matarh se preocupa demais e foi embora, mas ela ainda ficou com a cara amarrada, como fez com Maria e Greta. Você vai embora que nem elas?

— Maria e Greta?

Ela assentiu, de maneira tão vigorosa quanto a negativa.

— Elas eram criadas contratadas por Rance, como você. Greta trabalhou aqui quando eu tinha 9 anos, e Maria, no ano passado. Elas eram simpáticas, e o vatarh gostava delas, mas a matarh, não.

Rochelle percebeu que suas mãos de repente começaram a tremer. Ela se lembrou da conversa que teve com seu vatarh no outro dia, da maneira como ele tocara seu rosto, das palavras que ele dissera, do interesse que tinha demonstrado nela. *Sua tola*... Podia ter sido a voz de sua matarh sussurrando em sua cabeça. *Sua garota estúpida.*

— Ah — respondeu Rochelle, com uma inflexão vaga e sem vida, que pareceu cair no tapete entre elas, como um pássaro com o pescoço quebrado.

Rochelle tinha estado com homens antes. Já tinha se apaixonado, sentido luxúria, sentido duas vezes o peso de um homem sobre ela e dentro dela. Ouvido as mentiras reluzentes como joias que eles diziam para poder dividir o leito com ela, experimentado o vazio subsequente ao perceber que essas palavras eram falsas e ocas. Rochelle tinha aprendido a ouvir essas mentiras e a ignorá-las, aprendido a descartá-las quando pareciam ser um flerte inócuo — a menos que ela quisesse mais.

Ela tinha aprendido a esperar pelo vazio que se seguia após os momentos passageiros de intimidade e paixão, e a aceitá-los.

Sua tola... Rochelle devia ter percebido... Ela tinha ouvido as palavras que Jan lhe falara, mas não tinha pensado nele dessa maneira, não o tinha visto como um *deles*, como aqueles que queriam se imiscuir nos tesouros quentes e ocultos sob sua tashta. Agora ela entendia porque tinha sido tão fácil para Rance colocá-la no corpo de funcionários particulares da família. Ela se lembrou da conversa com a hïrzgin e compreendeu.

Rochelle também ouviu as palavras de Jan ecoarem em sua memória, e elas estavam mudadas e alteradas. Palavras de latão folheadas a ouro. Eram caixas vazias. Eram pergaminhos em branco.

Jan não era melhor que um homem qualquer à procura de uma companhia noturna anônima em uma taverna.

Tola... Não era de admirar que a hïrzgin a tivesse alertado.

"Eu deveria ter sido a hïrzgin", dissera sua matarh, furiosa, quando Jan

se casou com Brie. Na ocasião, Rochelle era mais nova que Elissa agora, mas ela ainda se lembrava da raiva e da loucura que consumiram sua matarh ao saber da notícia. *"Ele amava a* mim*, não a ela! Ela é apenas uma escumalha ca' e co', outro título para adicionar à lista de Jan. Ele* me *amava..."*

Rochelle se perguntou por quanto tempo ela poderia permanecer ali.

— Eu não sou nem a Maria nem a Greta — ela disse para Elissa.

"Elissa. Esse era meu nome, o nome com o qual ele me conheceu. Ele batizou sua filha em minha homenagem..."

— Eu jamais faria qualquer coisa que prejudicasse sua matarh. Eu espero que ela saiba disso.

— Eu direi isso para a matarh — respondeu Elissa ao abraçar a boneca.

Ela pareceu se dar conta do que fazia e largou a boneca, deixando que caísse descuidadamente sobre seu colo.

— Dirá o quê?

Outra voz as interrompeu, assustando Rochelle. Ela não tinha ouvido Jan entrar no quarto. Isso já era perturbador por si só; quantas vezes sua matarh a tinha advertido sobre o fato de que a Pedra Branca devia estar sempre alerta, não importava a situação. Mas Rochelle tinha ficado tão perdida em seus pensamentos que não tinha ouvido Jan entrar, embora agora se lembrasse de ter ouvido um arrastar de passos no tapete.

— Que ela deve manter a Rhianna — falou Elissa. — Eu gosto dela.

— Eu também — disse Jan.

O olhar dele estava fixo em Rochelle, que se forçou a sorrir, como Jan esperava, sem dúvida.

— Elissa, acho que sua matarh queria ver você. — Ele beijou o topo da cabeça da filha, mas seu olhar continuou fixo em Rochelle. — Mas, preste atenção, querida, não vamos dizer nada ainda a respeito de Rhianna para sua matarh. Vá, agora.

Jan despenteou o cabelo de Elissa. Ela pulou da cama, e a boneca caiu no chão. A menina deixou o brinquedo ali e saiu do quarto sem dizer uma palavra.

Rochelle colocou o pano no balde, limpou as mãos no avental do uniforme e apanhou o balde.

— Você também está saindo? — perguntou Jan.

Rochelle fez uma mesura, mantendo o olhar no chão.

— Eu terminei aqui, hïrzg, e tenho outros cômodos para limpar.

— Ah.

Jan fez uma pausa, e ela esperou, pensando que o hïrzg fosse dizer algo mais. Ele permaneceu parado ali, Rochelle podia sentir seu olhar. Ela começou a seguir em direção à porta de serviço e das escadas internas.

— Você realmente me lembra, bem, alguém que eu conheci uma vez. Alguém que foi muito importante para mim. É muito estranho.

Isso deteve Rochelle, apesar do nervosismo. *"Deveria ter sido eu..."*

— Posso perguntar quem ela era, hïrzg?

Rochele percebeu que tinha feito a pergunta involuntariamente. Ela ergueu seu olhar para Jan, olhou nos seus olhos e baixou ligeiramente o olhar.

Ele ergueu um ombro, casualmente.

— Eu não sei ao certo quem ela era, na verdade. Na melhor das hipóteses, ela era uma linda impostora que me amava, mas que ficou presa na teia de suas mentiras; na pior das hipóteses... — Jan se deteve e ergueu o ombro novamente. — Na pior das hipóteses, ela era uma assassina.

Por Cénzi, ele sabe! O pensamento fez com que Rochelle erguesse a cabeça novamente, de olhos arregalados. Jan pareceu confundir sua reação com medo. Ele sorriu, como se pedisse desculpas, e continuou.

— Se ela *era* uma assassina, então eu me tornei hïrzg por causa dela. Talvez tenha sido sua intenção desde o início.

Rochelle assentiu. Jan deu um passo em sua direção, que recuou a mesma distância. Ele se deteve.

— Você me lembra tanto dela, até mesmo o jeito de andar. Talvez eu devesse ter medo de você... você é uma assassina, Rhianna? — Jan riu da própria piada. — Rhianna, você não precisa sentir medo de mim. Acho que nós...

— Jan?

Ambos ouviram o chamado do quarto ao lado — a voz de Brie. A porta do quarto de Elissa começou a se abrir.

— Um mensageiro rápido chegou de Nessântico com notícias urgentes...

Jan virou a cabeça ao ouvir o som de seu nome e Rochelle aproveitou o ensejo para pegar o balde e fugir pela porta de serviço, fechando a porta e cortando a voz de Brie.

Ela tremia ao descer as escadas correndo.

Varina ca'Pallo

— Isso não se repetirá — disse Allesandra com a voz cheia de preocupação e raiva, enquanto afagava a mão de Varina. — Eu prometo.

Varina notou que a kraljica olhou de relance para sua cabeça enfaixada e levantou a mão reflexivamente para tocar a bandagem. A manga solta da tashta desceu por seu braço, revelando arranhões com crostas marrons. Os hematomas em seu rosto, que ela tinha visto esta manhã durante o banho, tinham ficado roxos e beges.

— Obrigada, kraljica. Eu aprecio sua preocupação, e obrigada por mandar sua curandeira pessoal; a poção dela ajudou bem a aliviar a minha dor de cabeça.

Allesandra acenou com a mão, dispensando o argumento. As duas estavam sentadas no solário da casa de Varina, sozinhas, exceto pelos dois valetes que acompanhavam a kraljica, parados em silêncio ao lado da porta. O aposento era o favorito de Karl na casa; ele frequentemente se sentava ali, lendo velhos pergaminhos ou escrevendo algumas observações na pequena mesinha que dava vista para o pequeno jardim do lado de fora. Sua bengala ainda estava encostada na escrivaninha que ele costumava usar; Varina a tinha deixado lá — os itens familiares faziam-na sentir como se ele fosse entrar no cômodo. *"Ah, lá está minha bengala"*, diria Karl. *"Eu estava me perguntando onde eu tinha deixado isso..."*

Mas Varina jamais ouviria sua voz de novo. O pensamento fez seus olhos brilharem de lágrimas, embora não tivessem caído. Através do véu ondulado de lágrimas, Varina viu Allesandra se inclinar em sua direção.

— Ainda sente dor?

— Não. — Ela secou os olhos. — Não é... nada. O sol nos meus olhos, embora eu ache que não deva reclamar. É bom finalmente ver o sol outra vez.

— Os vândalos que atacaram você foram executados.

Varina meneou a cabeça; não era o que ela queria, Karl sempre dizia — e ela mesma acreditava — que a retaliação severa apenas alimentava a raiva do inimigo. Mas a notícia não a surpreendeu, e Varina notou que não conseguiu sentir muita compaixão por eles.

Compaixão? Que compaixão você teve quando atirou em seu agressor? A imagem ainda se reproduzia em sua mente. Varina não achava que algum dia fosse esquecê-la. Mesmo assim... Ela faria de novo, se precisasse, e da

próxima vez seria mais fácil. Varina se protegeria se fosse necessário e faria de todas as formas possíveis — através de magia ou de tecnologia. Para ela, não havia diferença: ambos eram produtos da lógica, raciocínio e experimentação.

Magia e tecnologia eram, basicamente, a mesma coisa.

A chispeira estava na gaveta da escrivaninha de Karl neste momento, recarregada. Ela quase podia sentir sua presença, podia imaginar o cheiro da areia negra.

Allesandra evidentemente atribuiu seu silêncio à aquiescência. Ela meneou a cabeça como se Varina tivesse tido alguma coisa.

— Eu falei com a a'téni ca'Paim e disse-lhe que considero esse incidente muito grave. Eu a alertei para a necessidade de ser enérgica com os morellis nos escalões dos ténis, e para o fato de que eu esperava que a fé concénziana continuasse a apoiar os direitos dos numetodos e não voltasse a pregar a opressão e a perseguição.

— Com todo respeito, kraljica, esta ordem deve ser dada pelo archigos Karrol, não pela senhora, nem pela a'téni ca'Paim. Infelizmente, eu receio que o archigos não compartilha do seu entusiasmo pelos numetodos, e a aversão que ele sente pelos morellis tem origem apenas no medo de que Nico Morel tenha realmente poder suficiente para tomar seu lugar, e não por algum desacordo em especial com relação à filosofia deles. Na verdade, o archigos e os morellis parecem muito bem alinhados.

Uma pequena careta de irritação tremulou nos lábios de Allesandra, mas foi rapidamente mascarada com um sorriso.

— Você está certa, é claro, Varina. Como sempre. Mas isso foi o que eu pude fazer, e espero que a'téni ca'Paim concorde comigo. Então talvez nós possamos fazer algo de bom.

A kraljica estendeu o braço para afagar a mão de Varina novamente.

— Vou deixá-la recuperar-se. Se precisar de alguma coisa, por favor, me avise. Eu receio que nós, os Domínios, precisaremos dos numetodos.

— Os tehuantinos? —Varina perguntou. — Os rumores, então, são verdadeiros... os ocidentais voltaram?

Allesandra respondeu com um único aceno com a cabeça. Era o suficiente.

— Eu tenho que ir — falou a kraljica ao se levantar. — Não, não se levante. Eu posso sair sozinha. Não esqueça: diga-me se precisar de alguma coisa. Os Domínios estão em dívida com você por seus serviços e pelos de Karl.

Os assistentes se apressaram em abrir a porta do solário enquanto

Allesandra apertava o ombro de Varina ao passar por ela e saía. Varina ouviu a agitação de seus próprios funcionários conforme a kraljica percorria o corredor na direção da porta de entrada e de sua carruagem. Ela ouviu as portas se abrirem, e o barulho dos cascos dos cavalos e das rodas de aro de aço nos paralelepípedos da rua.

Varina não se mexeu. Ficou encarando as janelas e o jardim, a escrivaninha com a bengala de Karl, o puxador elegante da gaveta onde a chispeira estava guardada.

A porta de entrada foi aberta novamente. A criada do andar de baixo bateu suavemente na porta.

— A senhora precisa de alguma coisa, a'morce?

— Não, obrigada, Sula — respondeu Varina sem olhar para a criada.

Ela ouviu a porta do solário ser fechada novamente. Sentiu a brisa provocada pela porta acariciar sua bochecha.

— Eu sinto sua falta, Karl — ela disse para o vento. — Sinto falta de conversar com você. Eu me pergunto o que me diria para fazer agora. Eu queria poder ouvir você.

Mas não houve resposta. Jamais haveria.

Brie ca'Ostheim

Jan estava beijando alguém e Brie sentiu um imenso recalque de ciúme e irritação porque ele nem tinha se dado ao trabalho de esconder. Ele estava na sala de audiências do palácio, e todos estavam vendo Jan abraçar sua amante: Rance, o starkkapitän ca'Damont, o archigos Karrol, os filhos, todos os cortesãos e os ca' e co'. Ela não pôde ver o rosto da mulher, mas seu cabelo era longo e preto, o som de sua paixão era tão alto que Brie podia ouvir uma batida como a de um coração...

A surda, mas insistente, batida vinha da porta de serviço, interrompendo seu sonho.

— Entre — respondeu a hïrzgin, sonolenta.

Ela esfregou os olhos e piscou, olhando para a sacada, onde as cortinas finas oscilavam contra a luz da falsa aurora atrás de si. Brie bocejou enquanto a porta era aberta de mansinho e Rhianna enfiava a cabeça dentro do quarto.

— Hïrzgin, Rance me mandou. O embaixador ca'Rudka voltou de Brezno.

— Sergei?

Brie acenou para a jovem entrar no quarto e se sentou na cama. Rhianna obedeceu quase timidamente e parou ao pé da cama, com a cabeça baixa.

— Ele voltou assim tão rápido? — perguntou a hïrzgin.

Rhianna assentiu.

— Sim. O assistente ci'Lawli disse que o mensageiro da embaixada dos Domínios informou que o embaixador chegaria ao palácio assim que tomasse um banho e se vestisse. Ele tem uma mensagem urgente da kraljica Allesandra.

O rosto de Rhianna pareceu se contorcer à menção do nome, como se tivesse um gosto ruim.

— Quer dizer que você não gosta da kraljica, Rhianna?

Ela deu de ombros.

— Desculpe-me, hïrzgin. Não sou eu. É a minha matarh. Ela... Bem, ela fez negócios com a kraljica. Antes de eu nascer. Não sei exatamente quais foram os problemas, mas a matarh nunca falou o nome da kraljica sem praguejar. Receio que a atitude dela tenha afetado a minha.

Brie riu.

— Bem, uma criança deve escutar o que sua matarh diz, e a atitude da sua matarh não seria tão estranha assim nesta família, creio eu. Ela ainda está viva?

Rhianna meneou a cabeça negativamente.

— Não, hïrzgin. Ela foi para o Segundo Mundo há três anos já.

— Ah, meus sentimentos. Deve ter sido difícil para você. — Brie empurrou as cobertas, pois o céu começava a ficar mais claro através das cortinas. — Rance lhe disse por que o embaixador tinha tanta pressa?

Brie estava certa de que já sabia quais eram as notícias que tinham trazido Sergei de volta para Brezno com tanta pressa — um mensageiro rápido do próprio embaixador ca'Schisler tinha vindo de Nessântico a Brezno não muito tempo após a chuva de cinzas, mas Rance e Jan fizeram pouco caso dos rumores que ca'Schisler relatou.

Eles estavam prestes a serem confirmados. Brie sabia disso.

Rhianna balançou a cabeça novamente.

— O assistente ci'Lawli disse apenas que o embaixador afirmou que a mensagem era urgente e pediu que a senhora descesse para a sala de recepção assim que estivesse pronta. O assistente mandou que servissem o café da manhã lá; fui informada de que o hïrzg já está presente e de que também mandaram chamar o starkkapitän e o archigos.

— Hum...

Brie suspirou e jogou as cobertas de lado completamente. *Se isto for verdade, se os ocidentais estiverem vindo de novo...*

— Então você vai ajudar a me vestir, Rhianna. No armário do quarto de vestir, quero vestir a tashta azul com os detalhes de renda preta. Vá pegá-las; eu estarei lá em alguns instantes.

Rhianna fez uma mesura e saiu do quarto para o cômodo de vestir adjacente. Brie suspirou e jogou as pernas para fora da cama.

Ela sentiu o frio do ar matinal em seus pés descalços e, através das cortinas, notou que as nuvens prometiam chuva.

Jan ca'Ostheim

— Você tem certeza disso? Certeza *absoluta*?

Jan encarava Sergei ca'Rudka ao fazer a pergunta, olhando para o rosto do homem, tentando ignorar a distração do nariz de prata. Não que alguém conseguisse ver uma mentira no rosto velho, enrugado e treinado do embaixador, ainda assim, Jan o encarava. Sergei simplesmente assentiu, devagar e com cuidado.

O hïrzg ouviu o suspiro coletivo dos demais em volta da mesa de conferências: o archigos Karrol, o starkkapitän ca'Damont, Brie e seu assistente, Rance.

— Ah, tenho certeza — respondeu Sergei.

A voz soou cansada, e seu manto de viagem ainda estava manchado pelas cinzas levantadas no caminho desde a capital dos Domínios. Ele enfiou a mão na bolsa de couro sobre a mesa à sua frente e pousou uma pilha de papéis amarrados na superfície de carvalho envernizado.

— Eu trouxe comigo as transcrições de vários mensageiros rápidos que vieram a Nessântico imediatamente após a chuva de cinzas; muitos são relatos em primeira mão de quem viu a frota tehuantina. A kraljica despachou mensageiros para o oeste a fim de verificar os relatos, mas estamos certos do que descobriremos. Eu vim o mais rápido possível, mas a esta altura... — Sergei ergueu os ombros. — Os ocidentais já devem ter desembarcado seu exército. Perdemos Karnmor para eles; Fossano já deve estar sob ataque, ou eles devem estar passando pela cidade na direção de Villembouchure, rio acima.

Jan viu-se ainda querendo negar as notícias. Como era possível que a

magia ocidental tivesse despertado o monte Karnmor? Como era possível que eles tivessem destruído a frota dos Domínios e a cidade de Karnmor, como era possível que tivessem causado milhares de mortes e essa chuva de cinzas terrível?

— A erupção do monte Karnmor não poderia ter sido uma feliz coincidência para os ocidentais? — perguntou o hïrzg. — Eles não necessariamente *causaram* isso.

Sergei fungou com desdém.

— Eles não desembarcaram o exército na ilha. Levaram a frota para o norte de Karnmor, quando faria mais sentido ir diretamente para a boca do A'Sele. Uma de nossas testemunhas viu um navio tehuantino ancorar na encosta do monte Karnmor na noite em que a montanha explodiu e luzes nas encostas indo e voltando da embarcação. Isso não me parece coincidência, hïrzg.

E se eles pudessem fazer isso, o que mais poderiam fazer? Era nisso que todos estavam pensando, todos os presentes na sala.

— Quando o mensageiro rápido chegou de Nessântico, eu não quis acreditar — disse Jan. — Eu pensei que talvez...

— Eu disse que sua matarh não ousaria usar uma mentira tão ultrajante — interrompeu Brie.

— Sim, você disse — respondeu Jan, sem se esforçar para esconder a irritação em sua voz. — Embora eu ache que o fato de isso ser verdade não a impede de tentar tirar algum proveito da situação. Então, o que é que minha matarh quer, embaixador, para enviá-lo de volta a Brezno tão rápido?

— Ela pede a ajuda de Firenzcia e da Coalizão — disse Sergei, simplesmente.

— Pede ou exige? — interrompeu Jan.

Sergei espalmou as mãos delicadas e enrugadas.

— Isso importa, hïrzg Jan? A Garde Civile dos Domínios não conseguiu encarar e derrotar os tehuantinos sozinha há 15 anos. E continua sem conseguir.

De relance, Jan viu o starkkapitän ca'Damont se permitir um sorriso momentâneo.

— Então agora ela *quer* que nosso exército entre nos territórios dos Domínios. Que terrivelmente divertido e irônico.

— Não temos a obrigação de ajudá-los — argumentou o archigos Karrol.

A voz do velho tremia, e ele pigarreou ruidosamente, fazendo o catarro

em seus pulmões se anunciarem.

— Se os tehuantinos querem atacar os Domínios, deixem-nos atacarem. Eles não virão para cá, e se vierem, cuidaremos deles então, quando suas fontes de abastecimento estiverem longe demais e suas forças estiverem fracas.

— Nenhuma obrigação de ajudar? — reagiu Sergei. — A própria obrigação que Cénzi nos dá no Toustour e também pelas regras da Divolonté. "É dever dos fiéis ajudar as pessoas da Fé que estejam em desespero." Creio que esta seja uma citação precisa, ou o archigos decidiu abandonar os fiéis que por acaso vivem nos Domínios?

— Se sua kraljica não tivesse decidido interferir em questões da fé e decidido proteger e legitimar os numetodos, então talvez Cénzi não tivesse enviado essa provação para ela.

— Agora o senhor soa como Nico Morel, archigos. Confesso que acho *isso*, para usar as palavras do bom starkkapitän, terrivelmente divertido e irônico.

Jan bateu com as mãos na mesa.

— Embaixador, archigos, já chega!

Suas mãos formigaram com a força do impacto. O archigos Karrol fechou a boca, seus dentes rangeram de forma audível; Sergei simplesmente se recostou na cadeira, com a mão envolvendo o pomo de sua bengala.

— O que minha matarh oferece, embaixador? Porque ela deve estar oferecendo algo em troca.

Ao menos os tiques nervosos do homem eram previsíveis — Sergei esfregou a lateral do nariz de metal como se coçasse.

— Ela está disposta a lhe dar o que o senhor pediu — respondeu o embaixador.

Jan sentiu uma súbita pressão no peito.

— Ela o nomeará a'kralj — finalizou Sergei.

O hïrz sentiu a mão de Brie em seu braço.

— Onde está escondida a faca sob a seda dessas palavras?

O embaixador sorriu brevemente ao ouvir isso. E se inclinou para a frente na cadeira.

— Em troca do título, a kraljica pede que Firenzcia dissolva a Coalizão e volte imediatamente a fazer parte dos Domínios. Os outros países da Coalizão seriam convidados a voltar a fazer parte dos Domínios. Se eles se recusarem... — Sergei recostou-se. — Então a kraljica, depois que a crise acabar, talvez se sinta inclinada a fazê-los voltar à força, com o auxílio de

Firenzcia e do exército do a'kralj... e hïrzg.

A pressão em seu peito o acometeu mais uma vez, e Jan viu-se rindo, com um som que mais parecia uma tosse. O archigos Karrol riu abertamente. Tanto Rance quanto o starkkapitän ca'Damont balançaram a cabeça. A mão de Brie soltou o braço do marido, deixando uma sensação fria para trás.

— Então a velha piranha ainda consegue o que quer — disse Jan.

— Isso *é* um meio-termo — respondeu Sergei. — Ambos conseguem uma parte do que queriam. E o senhor, hïrzg Jan, fica com o prêmio final: afinal, será o kraljiki dos Domínios unificados.

— Enquanto ela brinca de ser kraljica pelo resto da vida. — Jan zombou novamente. — E se ela ainda viver por décadas, eu viro o Justi da Marguerite dela, esperando pacientemente que ela morra para poder receber minha herança.

Os lábios de Sergei se contraíram; Jan não conseguiu perceber se de divertimento ou se simplesmente esperava a objeção.

— Eu acredito que posso convencê-la a colocar um limite de tempo em seu reinado, hïrzg. Afinal, Allesandra fará 60 anos em 570; ela pode ser persuadida a renunciar ao título em favor do a'kralj nessa altura, daqui a apenas sete anos.

— O que seria o momento adequado para, digamos, ocorrer um infeliz acidente com nosso hïrzg — intrometeu-se Rance.

Seu sorriso não mostrava os dentes, e seus lábios estavam franzidos quando ele inclinou a cabeça para Sergei.

— Essas coisas parecem ter o hábito de acontecer àqueles que estão envolvidos com a kraljica, afinal — ele acrescentou.

— Embora eu tenha conseguido sobreviver, de alguma forma — respondeu Sergei, espalmando as mãos. — A kraljica Allesandra tem seus defeitos, eu admito, mas não nos deixemos levar pelos rumores conspiratórios e atribuir cada infelicidade à sua influência. Com o seu perdão, archigos, ela está longe de ser o moitidi que muitos pintam.

Jan tinha ouvido apenas parte do diálogo.

— Ela ainda está se deitando com o embusteiro do Erik ca'Vikej?

Sergei suspirou.

— Sim — ele respondeu.

— E suponho que ela queira ca'Vikej no trono de Magyaria Ocidental, talvez até casado com ela. Outro aliado para mantê-la no trono.

Sergei não disse nada. Finalmente, Jan suspirou. *É isto ou a guerra. Isto ou permitir que os ocidentais devastem os Domínios novamente —*

tornando-os sem valor para você. Ele olhou para Brie, que assentiu para ele.

— E ela faria como você o diz? — perguntou o hïrzg para Sergei. — Ela abdicaria do Trono do Sol em seu sexagésimo aniversário?

— Isto não está na oferta que ela fez, mas eu acredito que posso convencê-la da sabedoria desta opção — o embaixador respondeu. — Independentemente do que o senhor possa pensar a respeito de sua matarh, hïrzg, ou a respeito da escolha de seus amantes, a kraljica realmente quer o que é melhor para os Domínios. Ela sabe que isso significa reunificar os Domínios novamente.

— Hïrzg — interrompeu Rance —, perdoe-me, mas eu ainda não gosto disso. Não há razão para Firenzcia baixar a cabeça para Nessântico. Na verdade, deveria ser o oposto, o senhor deveria estar ditando os termos...

Rance se deteve quando uma batida soou na porta de serviço da sala.

— Ah, devem ser mais comidas e bebidas. Um momento...

Ele se levantou, fez uma mesura para Jan e se dirigiu até a porta. Rhianna estava entre os criados que entraram, o hïrzg a notou imediatamente, empurrando um carrinho cheio de taças, uma bandeja de doces e garrafas de vinho. Ela pareceu notar Jan e, no mesmo instante, baixou o olhar e continuou empurrando o carrinho até a ponta da mesa.

Brie também notara Rhianna. Jan se sentiu observado pela esposa enquanto olhava para Rhianna, e ouviu a respiração pesada de Brie. A conversa ao redor da mesa tinha se desviado para a chuva de cinzas, para a viagem de Sergei até lá — amenidades —, enquanto os criados colocavam as taças e os pratos diante de cada um deles, abriam garrafas e serviam seus conteúdos, e colocavam os doces ao alcance de todos. Jan fingiu escutar e participar da conversa, olhando deliberada e insistentemente para Brie enquanto falava, afastando o rosto cuidadosamente no momento em que Rhianna surgiu silenciosamente ao seu lado para colocar a taça e se afastar apressadamente. Ele percebeu que Brie olhava para a garota, notou a esposa estreitar olhos e narinas ao olhar para Rhianna, até mesmo enquanto sorria para Jan. Ele se esforçou para não desviar o olhar, embora quisesse fazê-lo. Havia algo na garota que o fazia querer falar com ela, ouvir sua voz, encarar seu rosto e, com sorte, conhecê-la bem melhor...

Mas se ele quisesse isso, teria que ter paciência. Teria que ser cuidadoso.

Paciência.

De repente, Jan riu, assustando Brie e os demais. Ela tocou seu rosto

interrogativamente, como que se perguntando se a sombra em volta de seus olhos tivesse borrado.

— Algo errado, meu amor?

— Não, não — respondeu ele.

Rhianna, juntamente com os outros criados, já estava saindo da sala, conduzida por Rance, que fechou a porta atrás deles e retornou à mesa.

— Starkkapitän, eu quero que você reúna três divisões do exército: uma no desfiladeiro Loi-Clario e duas em Ville Colhelm; archigos, você coordenará com o starkkapitän para garantir que ele tenha ténis-guerreiros suficientes para operações em larga escala. Rance, partiremos de Brezno para a Encosta do Cervo em dois dias, esperaremos por mais notícias lá.

— Então o senhor aceitará a oferta da kraljica? — perguntou Sergei.

Jan balançou e cabeça.

— Não. Eu estou preparando meu país para uma possível guerra contra os ocidentais, porque o que você me contou a respeito de Karnmor é assustador. Talvez essa guerra chegue até nós...

Ele aguardou, pegou a taça que Rhianna tinha colocado ao lado e tomou um gole do vinho. Era acre e seco, e vermelho como sangue.

— Sergei, se você conseguir convencer minha matarh de que ela estaria mais confortável caso abdicasse do Trono do Sol em seu sexagésimo aniversário, e se ela declarar isso publicamente e por escrito para mim e para o Conselho dos Ca', tanto de Nessântico quanto de Brezno, então talvez Firenzcia possa entrar nessa guerra, onde quer que ela esteja a essa altura. Eu mereço essa paciência, creio eu.

Sergei assentiu, levantou a bengala e bateu com força no chão.

— Então, hïrzg, preciso apenas comer e tirar o resto destas malditas cinzas das roupas e do corpo antes de retornar imediatamente a Nessântico.

Rochelle Botelli

Se Rochelle quisesse encarnar a Pedra Branca, se quisesse ser o que sua matarh a tinha ensinado a ser, então ela não podia esperar mais. O hïrzg e a hïrzgin, sua família — juntamente com Rance ci'Lawli e seus funcionários particulares — partiriam em dois dias, e isso arruinaria todo seu planejamento até então.

Rochelle tinha se demorado porque queria estar ali, queria conhecer melhor seu vatarh. Mas agora ela tinha que agir, se fosse agir.

Se Rochelle cumprisse o contrato e matasse Rance ci'Lawli como matou todos os outros, então talvez tivesse que ir embora do palácio com a mesma rapidez e, ao ir embora do palácio, teria de deixar seu vatarh para trás, para sempre.

Ela conhecia um pouco do mesmo conflito emocional que devia ter arrasado sua matarh em sua época: grávida da filha de Jan, apaixonada por ele e, mesmo assim, forçada a fugir — porque se ele soubesse quem ela era, esse conhecimento também destruiria esse amor e qualquer chance que ela tivesse. Rochelle passou o dedo na pedra pendurada na bolsinha de couro em volta de seu pescoço, o seixo branco que sua matarh acreditava conter as almas das pessoas que ela tinha assassinado. *Eu entendo, matarh*, pensou Rochelle, *como deve ter sido difícil para a senhora...*

Mas ela não era a sua matarh. Não era atormentada pelas vozes. Tinha acabado de se tornar a Pedra Branca. E sua matarh tinha sido demasiado enamorada por sua faca e por ver suas vítimas morrerem.

Havia outras maneiras de se matar alguém e, se ela fizesse direito... Bem, seria possível cumprir o contrato e não precisar fugir de cena. Tudo o que Rochelle precisava era de provas suficientes de sua inocência.

Com esse intuito, ela tinha seduzido Emerin ce'Stego, um dos gardai de confiança do palácio. Na última semana, Rochelle tinha passado o máximo de noites possível com ele em seu pequeno quarto nos níveis inferiores da ala da criadagem, uma vez que ambos geralmente estavam trabalhando durante o dia e os gardai do palácio tinham permissão para passar noites fora do quartel ocasionalmente. Emerin era bastante agradável e gentil, e não muito mais velho do que ela. E também tinha lindos olhos verdes; ela gostava de olhar para eles quando os dois faziam amor e de ver sua expressão de surpresa quando atingia o clímax. Nas primeiras noites, Rochelle fazia questão de acordar no meio da noite, agitando a cama e fazendo barulho para que Emerin acordasse, sonolento, e conversasse com ela.

— Você tem um sono tão leve, amor — disse Rochelle. — Deve ser seu treinamento.

Ele sorriu, quase com orgulho.

— Um garda precisa estar alerta, mesmo enquanto dorme. Nunca se sabe quando será chamado ou quando algo acontecerá.

— Bem, eu não conseguiria me esgueirar para longe de você durante a

noite. Ora, eu me esforcei tanto para não perturbá-lo...

Sua matarh entendia de facas e armas cortantes, mas também conhecia o resto do repertório de um assassino, e Rochelle tinha prestado muita atenção a essa parte da sua educação. Foi muito fácil, na noite em que o embaixador de Brezno nos Domínios foi embora, colocar um entorpecente na taça de vinho de Emerin — uma poção para dormir de ação lenta. Os dois fizeram amor, e ele adormeceu. Rochelle saiu da cama e se vestiu, levando consigo a arma dada por sua matarh, sua adaga favorita, com gumes escurecidos pelo alcatrão que ela teve cuidado para não tocar.

Rochelle tinha se familiarizado com a rotina do palácio e da ala da criadagem. A equipe da noite estaria trabalhando; a equipe de dia, dormindo. Raramente alguém andava pelos corredores. Ela conseguiu escapulir pela única porta que dava para fora, depois se esgueirar pela parede em meio à noite nublada, sem lua, até a janela do quarto de Rance. Rochelle notou a fogueira dos gardai perto do portão e as silhuetas dos homens ao seu redor — olhando para fora, e não na direção do palácio, de qualquer forma, sua visão noturna estava prejudicada pelas chamas.

Os criados faziam a limpeza dos aposentos de Rance alternadamente; a vez de Rochelle tinha sido há três noites, e ela tinha aproveitado a ocasião para trocar a tranca de metal do batente de Rance por outra que ela tinha feito com argila seca e pintada. Ela precisou de apenas alguns instantes para empurrar a janela com força. A argila se quebrou e esfacelou facilmente; as duas janelas se abriram. Rochelle ouviu o ronco de Rance lá dentro — praticamente lendário entre os criados. Ela ergueu seu corpo e entrou de mansinho, caindo quase silenciosamente no chão e fechando as janelas novamente.

Rochelle não precisava de luz; ela tinha se familiarizado com o quarto. Rance invariavelmente dormia sozinho. *"Ninguém conseguia* dormir *de verdade com aquele barulho na mesma cama"* era geralmente a resposta irônica dos criados quando alguém especulava sobre a vida amorosa do assistente. Ela tinha ouvido fofocas mais nefastas — que Rance tinha sofrido um acidente quando era jovem e não tinha mais o equipamento necessário para tais atividades.

Seja qual fosse a razão, ele sempre dormia sozinho. Os olhos de Rochelle já tinham se adaptado à escuridão, e podia ver a protuberância de seu corpo sob as cobertas — não que alguém precisasse de mais do que ouvidos para localizá-lo. Ela caminhou na ponta dos pés até a cama. Rance tinha jogado um travesseiro no chão; Rochelle o pegou, tirou a

adaga da bainha e, com um movimento, mergulhou o travesseiro sobre o rosto de Rance e deslizou a adaga pela lateral, provocando um corte superficial, mas comprido — a profundidade do golpe não importava, apenas que o veneno negro da lâmina entrasse em seu corpo.

Rance acordou com um sobressalto imediatamente, agitando as mãos cegamente, mas Rochelle colocou todo o peso de seu corpo sobre o homem. O veneno da adaga já estava fazendo seu efeito mortal; ela podia ouvir seu engasgo sufocado nos gritos abafados, e as mãos se debatendo e sacudindo espasmodicamente. Um instante depois, as mãos caíram sem vida sobre a cama. Cuidadosamente, Rochelle tirou o travesseiro da cabeça de Rance. Em meio à penumbra, ela pôde ver a boca aberta, a língua negra e grossa saindo de sua boca, o vômito espalhado em seu queixo. Seus olhos estavam arregalados. Ela retirou os dois seixos da bolsinha pendurada no pescoço rapidamente: o seixo da Pedra Branca e aquele que Josef co'Kella lhe dera. Rochelle colocou a pedra de sua matarh sobre o olho direito de Rance, a de co'Kella, no esquerdo. Um momento depois, ela pegou o seixo do olho direito e o guardou novamente na bolsinha. Rochelle limpou a adaga na roupa de cama antes de embainhá-la outra vez.

Caminhando em direção à janela, ela trocou a lingueta de metal e amarrou um barbante em volta rapidamente. Ela pulou a janela novamente e fechou as duas partes da janela; ao puxar o barbante, Rochelle fez com que a lingueta de metal se prendesse à lingueta oposta e, com outro puxar do barbante, se ajustasse entre os dois segmentos da janela.

Pouco tempo depois, ele estava de volta à cama, ao lado de Emerin.

Quando, na aurora, um grito os acordou.

COMPREENSÕES

Niente

Jan ca'Ostheim

Brie ca'Ostheim

Allesandra ca'Vörl

Varina ca'Pallo

Nico Morel

Rochelle Botelli

Niente

Sergei ca'Rudka

Niente

Atl viera a Niente na noite anterior.

— Eu vi a batalha, taat — disse ele.

Sua voz era solene, seu rosto, sério. Atl parecia à beira da exaustão; ele trazia olheiras escuras sob seus olhos.

— Na tigela premonitória. Eu vi.

Eles estavam em pé no tombadilho da popa do *Yaoyotl*. O sol tinha se posto em outra labareda espetacular, como se afundando em uma cidade em chamas sobre o horizonte. A frota estava ancorada e quase preenchia o A'Sele de margem a margem, bloqueando o porto da cidade de Fossano. Niente tinha consultado o tecuhtli Citlali, dito o que tinha visto na tigela premonitória, depois chamado o líder dos nahualli de cada navio a fim de dar instruções para o dia seguinte. Eles tinham saído há menos de uma marca de vela, e ele ainda estava sentado ali, sendo evitado cuidadosamente pela tripulação enquanto olhava para as luzes distantes da cidade. Niente esfregou o bracelete de ouro de nahual em seu antebraço, que parecia irritar sua pele.

Agora as palavras de Atl provocavam um arrepio em Niente, embora o ar noturno estivesse bastante quente. Ele sentiu como se sua espinha estivesse coberta de neve. Se Axat tinha concedido a Atl a visão premonitória do que ocorreria em seu futuro — tudo ainda poderia se desfazer, o Longo Caminho inteiro, como uma costura mal amarrada.

— Que batalha? — perguntou Niente. — Em Nessântico?

Atl balançou a cabeça.

— Não, não na cidade grande. — Ele apontou para a luz sobre a água. — Nessa. Fossano.

Com essa admissão, o frio e o nervosismo começaram a ceder e Niente viu-se relaxar as mãos que tinham se cerrado em punhos, para se defender.

— Conte-me — pediu Niente para Atl, com mais calma agora.

— O senhor também viu, taat?

Niente assentiu.

— Sim. Axat me concedeu essa visão. Conte-me o que você viu, para eu

saber se viu direito.

— Eu vi os navios ancorados aqui, próximos à costa, e os guerreiros se espalhando pela terra como formigas negras furiosas. Vi as embarcações dos Domínios atrás de nós, e o fogo disparado dos nossos barcos para os deles, que pegavam fogo. Havia duas batalhas, na verdade; uma aqui na água, e outra em terra firme. Eu vi mais a batalha em terra firme. Eu estava lá, e o senhor, taat, e o tecuhtli Citlali. As muralhas da cidade eram altas e grossas, mas a areia negra abriu buracos e derrubou os muros. Eu vi os ténis-guerreiros arremessando fogo em nós, e os cajados mágicos dos nahualli respondendo. Mas os ténis-guerreiros enfim ficaram exaustos e não conseguiram deter as catapultas que jogavam areia negra nas muralhas. As grandes pedras desmoronaram e suas pontes levadiças foram destroçadas. O tecuhtli Citlali soltou um grande grito, e nossos guerreiros invadiram a cidade.

Niente viu a garganta de Atl se mexer quando ele engoliu em seco.

— Então a visão começou a mudar, e Axat me enviou apenas imagens rápidas e passageiras. Todas breves e sangrentas. Nós tomamos a cidade, matamos os guerreiros orientais até que sua coragem cedesse e eles fugiram para onde pudessem. Nós pegamos os despojos de suas casas. — Seu rosto ficou vermelho. — Eu vi mulheres sendo estupradas, e jovens serem mortos se ousassem protestar, embora os guerreiros supremos detivessem esses atos sempre que possível. Eu vi crianças chorando, em prantos. Eu vi a cidade em chamas. E vi o senhor, taat, e o tecuhtli Citlali; vi os dois sacrificarem o tecuhtli da cidade para Axat e Sakal, em agradecimento.

— E aí... — instigou Niente, mas Atl balançou a cabeça.

— Não há mais nada, taat. Só um vislumbre de guerreiros voltando para os navios. Isso foi tudo o que Axat me concedeu. — Ele balançou a cabeça novamente. — A visão Dela foi verdadeira, taat? Foi isso o que o senhor viu também?

Isso foi tudo... Niente respirou aliviado, embora Atl estivesse com uma expressão triste, como se achasse que seu taat estivesse desapontado com ele. Niente forçou um sorriso, fazendo com que os músculos em seu rosto doessem.

— Eu vi o mesmo — ele respondeu para o filho, que ficou radiante. — Axat também me permitiu ver a guerra na água, e nós mandamos dúzias de navios orientais para o fundo do porto; o resto ficou danificado e recuou para oeste, descendo o A'Sele. Essa será uma grande vitória para o tecuhtli Citlali, como Axat determinou.

Niente se deteve, e dessa vez abriu um sorriso genuíno.

— Eu também vi você, Atl. Vi que você liderava os nahualli com seu cajado mágico; vi que era forte, enquanto os outros nahualli eram fracos, e vi que você liderava os guerreiros na invasão da cidade. Eu vi o orgulho que o tecuhtli Citlali sentiu por você, posteriormente.

Ele viu que Atl lutava para não sorrir, para permanecer impassível e sério. Niente não contaria para o filho o destino que tinha visto para ele. Em vez disso, deu um tapinha nas costas do rapaz, o abraçou e deu um beijo em sua bochecha.

— Eu te amo, meu filho — ele sussurrou no ouvido de Atl. — Saiba que eu tenho orgulho da pessoa que você se tornou.

O ar da noite em volta dos dois estava fresco. As estrelas atrás das nuvens insistentes no alto do céu e a lua encoberta por uma bruma luminosa lutavam para serem vistas. As luzes amarelas da cidade brilhavam na escuridão da paisagem. As ondas batiam no casco do *Yaoyotl* como as batidas irregulares de mãos em um tambor. Niente sentiu o cheiro do óleo doce na pele de Atl e o odor mais forte do rio. Sentiu-se como uma criança abraçando um adulto. Sentiu-se encarquilhado, frágil e minúsculo contra o corpo musculoso do filho.

— Ande, vá preencher seu cajado mágico — ele disse para Atl. — Depois descanse o máximo possível. Amanhã... amanhã cumpriremos a visão de Axat.

Niente beijou o filho novamente, depois o afastou e disse.

— Vá.

Atl abraçou seu taat mais uma vez, beijando-o da mesma forma e fazendo o sinal da lua de Axat.

— Amanhã — disse o rapaz, e saiu.

Niente observou o filho se afastando.

— Amanhã — sussurrou ele. — Pelo menos existe o amanhã.

Jan ca'Ostheim

— O seixo no olho esquerdo, essa é a assinatura da Pedra Branca. Como ela entrou nos aposentos de Rance, nós não sabemos. A porta estava trancada quando Paulus chegou; as janelas estão todas trancadas por dentro. — Eris co'Bloch, o comandante da Garde Brezno, balançou a cabeça. — Sinto muito, hïrzg. Ele já estava morto há muito tempo quando

o encontrei. Não havia nada a ser feito.

Uma raiva intensa e repugnante tomou conta de Jan. Ele olhava fixamente para o corpo de Rance na cama, com o seixo ainda sobre seu olho esquerdo, e o direito aberto e turvo. Paulus ci'Simone, um dos assistentes de confiança de Rance, estava sentado em uma cadeira, com a cabeça baixa e as mãos entrelaçadas sobre os joelhos. No aposento externo, a porta do apartamento de Rance estava pendente nas dobradiças, onde tinha sido quebrada pelos funcionários do palácio, ocasionalmente um deles passava em frente à porta apressadamente, desviando o rosto.

— Há sangue, mas não o suficiente — comentou Jan.

— Não — concordou co'Bloch. — Também não há sinais de que ele tenha lutado com o agressor.

Ele levantou a camisola ensanguentada de Rance: sua roupa tinha sido rasgada na lateral por uma faca afiada, e o hïrzg notou o longo corte na lateral do corpo do homem, mas o corte não era tão fundo a ponto de ser fatal.

— Se o senhor olhar com atenção, notará uma substância oleosa e escura no corte. Se tocá-la verá que ela arde. Acho que a arma que fez isso estava envenenada, embora com o que... — Co'Bloch ergueu os ombros. — Eu não conheço um veneno que aja de maneira tão rápida e eficaz a ponto de Rance não ter tido tempo para se defender, mas a Pedra Branca talvez conheça.

Jan franziu os lábios.

— Cubra-o — ordenou ele para co'Bloch. — Paulus, ele estava nesta posição quando você o encontrou?

Paulus levantou a cabeça e assentiu melancolicamente.

— Sim, meu hïrzg. Rance deveria conferir o cardápio do dia da cozinha na Primeira Chamada comigo, mas, quando ele não apareceu, eu bati na porta e vi que ela estava trancada. Ele não respondeu aos nossos chamados, então eu chamei dois gardai e nós invadimos. Eu vi Rance na cama, desse jeito, com a pele fria...

Paulus se deteve. Seus olhos brilharam de repente, e uma lágrima escorreu pelo seu rosto.

— E nós chamamos o comandante e o senhor.

— Você não tem ideia de como a Pedra Branca pode ter entrado? — perguntou o comandante co'Bloch.

O assistente negou com a cabeça.

— Não importa — disse Jan. — Foi a Pedra Branca quem fez isso. Ela

está aqui.

O hïrzg fez uma careta.

Ela está aqui. Como tinha estado quando o hïrzg Fynn foi assassinado. Ele sentiu suas mãos ficarem subitamente frias: a matarh tinha sido a responsável por essa morte. Allesandra tinha contratado a Pedra Branca; Jan ficou enojado ao descobrir isso, e esse tinha sido um dos motivos pelos quais ele abandonou sua matarh e os Domínios quando surgiu o momento de reunificar o império.

E também tinha havido a compreensão ainda mais terrível de que Elissa — que sumira na mesma noite terrível em que Fynn morreu — era a Pedra Branca. Jan quis negar esse fato; quis arrancar essa informação da cabeça e lembrar apenas da Elissa que ele amou.

O hïrzg olhou novamente para o corpo de Rance na cama, coberto por um lençol ensanguentado.

— Onde está Rhianna? — perguntou ele, de repente. — Alguém viu a garota? Traga-a aqui. Agora.

Co'Bloch gesticulou, e um garda saiu correndo do quarto. Jan ouviu o nome de Rhianna ser gritado no corredor.

Na verdade, o hïrzg esperava que a resposta que ele receberia fosse a de que ela não tinha sido encontrada, de que ela tinha desaparecido do palácio. Isso explicaria tudo. E o assassinato... Será que Allesandra tinha contratado a assassina novamente? Rance sempre fora categoricamente contrário a qualquer reconciliação com Nessântico; Sergei certamente teria mencionado isso para sua matarh. Será que Allesandra quis matar Rance como consequência? Ou será que o cliente da Pedra Branca era o próprio Sergei, para se livrar de um obstáculo? Rhianna estava lá quando Sergei se reuniu com eles; ela podia ter entreouvido, ou o embaixador talvez tenha dado algum sinal para que Rhianna matasse Rance...

As possibilidades giravam na cabeça de Jan como um novelo de lã nas patas de um gato, os fios de seus pensamentos estavam tão entrelaçados que ele não conseguia encontrar as pontas. Co'Bloch falava com Paulus, mas ele não ouvia a conversa. Quando ouviu os passos no cômodo anterior, ele virou o rosto. O garda tinha voltado com Rhianna e outro garda, um rosto que Jan reconhecia vagamente — o nome era Enid? Emero? Emerin? — Rhianna olhava de um lado para o outro como se estivesse confusa, olhando para a porta quebrada atrás de si e, então, para Jan, o comandante e Paulus.

— Meu hïrzg — disse Rhianna, fazendo uma longa reverência. — Disseram... que o senhor queria...

Ela olhou para a cama agora, e para a silhueta coberta atrás de Jan. Sua mão cobriu sua boca conforme seu olhar ficava assustado e arregalado, o garda abraçou Rhianna para protegê-la. O gesto provocou uma careta em Jan. *Ela tem um amante, então?*

— Ó, não! Por Cénzi, aquele é...?

— Sim — confirmou Jan. — Rance foi morto. O assassino quer que nós pensemos que foi a Pedra Branca.

Rhianna pareceu gaguejar, suas pernas ficaram bambas, e o garda segurou-a com mais força.

— A Pedra Branca...

Jan a observou; sua reação atordoada parecia genuína. Ele notou que o lábio inferior de Rhianna tremia como se ela fosse chorar. Em seguida, ela pareceu se agitar, e sua expressão se tornou intrigada.

— Por que o hïrzg deseja falar *comigo*? — perguntou Rhianna.

— Onde você esteve na noite passada? — indagou Jan.

— Ora, eu estava com Emerin — ela respondeu.

Uma vermelhidão subiu do colarinho do robe para o pescoço de Rhianna.

— Ele e eu... — Ela se deteve. — Meu hïrzg, o senhor não pode estar pensando... Eu passei a noite toda com Emerin, e o vajiki ci'Lawli e eu nos dávamos muitíssimo bem.

— Hïrzg, posso falar? — perguntou Emerin.

O garda ajeitou o corpo e a roupa de dormir como se fosse o uniforme. Jan encarou o homem e assentiu.

— É verdade que ela estava comigo — ele respondeu apressadamente.

— Você não dormiu, então? — indagou Jan. — Você ficou de olho nela a noite inteira?

O rubor de Emerin acompanhou o de Rhianna.

— Sim, eu dormi, meu hïrzg, mas tenho um sono muito leve. Todo mundo sabe disso; pergunte para Rhianna. Melhor ainda, pergunte aos meus colegas gardai do quartel. O menor barulho me acorda, e eu não acordei na noite passada. Rhianna dormiu antes de mim, e ela ainda estava dormindo quando o senhor nos chamou aqui.

— Certo — disse Jan. — Então nenhum de vocês sabe de nada sobre isso?

Ambos negaram simultaneamente com a cabeça.

— Vocês não sabem de ninguém que quisesse ver Rance morto?

Mais uma vez, Jan recebeu a mesma resposta. Ele franziu os lábios e olhou fixamente para Rhianna. *Tão parecida com ela*... Rhianna não olhou

para o hïrzg; ela manteve a cabeça baixa, olhando para o chão. Suas mãos estavam entrelaçadas, como se estivesse rezando, e o braço de Emerin não saía de seu ombro.

— Muito bem então — falou Jan. — Interrogaremos os funcionários do palácio. Alguém deve saber de alguma coisa. Se vocês dois se lembrarem de algo, não importa quão insignificante pareça ser, contem imediatamente ao comandante co'Bloch. Entenderam? Paulus, você também.

Rhianna fez uma mesura novamente; Emerin prestou continência; Paulus levantou-se lentamente da cadeira.

— Vocês todos podem ir — disse o hïrzg para os três.

Rhianna e Emerin saíram apressadamente; Paulus seguiu mais lentamente. Jan voltou a encarar co'Bloch.

— O senhor sabe de alguma coisa que eu não sei, meu hïrzg? — perguntou o comandante.

— Não. É só que Rhianna... Ela é uma funcionária nova e, francamente, Brie não gosta dela por alguma razão.

Ele notou co'Bloch erguer ligeiramente o queixo, seus olhos pareceram quase sorrir. Jan ignorou a reação e perguntou.

— Você conhece o garda com quem Rhianna se envolveu?

— Emerin? Sim. Eu venho considerando promovê-lo, é um bom jovem, e parece ser de confiança. E Emerin está certo, meu hïrzg, ele tem a reputação de ter o sono extremamente leve. Eu acredito nele. Além disso, se, de alguma forma, a garota fosse a assassina, e ela parece ser jovem demais para ter esse tipo de habilidade, eu duvido que ela tivesse ficado.

Elissa não tinha ficado. Ela tinha fugido... Jan concordou soltando um resmungo e olhando novamente para o corpo coberto do pobre Rance.

— Vou deixar que você cuide disso então, comandante. Interrogue os funcionários; veja se alguém viu ou ouviu alguma coisa que possa nos levar à Pedra Branca ou à pessoa que a contratou; e se essa linha de investigação parecer levar a Nessântico, diga-me imediatamente. Ninguém aqui no palácio pode ficar tranquilo agora. Nós manteremos os planos de partir para a Encosta do Cervo amanhã; eu mandarei Paulus ocupar o cargo de Rance, por enquanto.

O comandante prestou continência quando Jan saiu do quarto, lançando um último olhar para a cama suja de sangue. Talvez ele estivesse errado. Talvez a estranha semelhança de Rhianna com Elissa estivesse mais em sua cabeça do que na realidade; afinal, fazia mais de uma década e meia desde a última vez que o hïrzg viu Elissa. Será que ele

a reconheceria se a visse agora? Será que realmente se lembrava da aparência de Elissa ou estava romantizando a memória que tinha dela? Talvez Jan estivesse apenas vendo o que queria ver.

No fim do corredor, Emerin conversava com Rhianna. Ela olhou para o hïrzg assim que ele saiu dos aposentos de Rance, desviando rapidamente o olhar quando notou sua atenção. Era difícil dizer, na penumbra do corredor de serviço, mas a expressão no rosto de Rhianna, quando ela se virou... não era de respeito temeroso como ele geralmente via no rosto dos funcionários; era outra coisa, algo mais melancólico e possessivo, e ele ficou se perguntando o que seria enquanto voltava para seus próprios aposentos, enquanto tentava decidir se contava para Brie e os filhos o que tinha acontecido.

Brie ca'Ostheim

Ela achou o assassinato de Rance difícil de processar, e ainda mais aterrorizante quando ela considerou a sua relevância: uma assassina à solta no palácio, uma assassina habilidosa e implacável capaz de entrar em um quarto fechado e trancado e matar o assistente de confiança e conselheiro de Jan enquanto o homem dormia.

Se a Pedra Branca podia fazer isso, nenhum deles estava realmente seguro. Assim que Jan lhe contou o ocorrido, Brie correu imediatamente para a sala de brinquedos para se certificar de que os filhos estavam bem. Eles viram a preocupação no rosto de sua matarh, as lágrimas em seus olhos, e ela explicou que Rance estava morto e que a família partiria do palácio no dia seguinte para a Encosta do Cervo. Brie não estava certa de que eles tinham entendido.

A hïrzgin abraçou Elissa, Kriege e Caelor com força, depois gesticulou para que a babá trouxesse Eria para ela.

— Matarh, está tudo bem — falou Kriege. — Eu protejo a senhora. Ora, se eu tivesse a adaga do vatarh... eu já aprendi tanto com o armeiro-mor. Mais do que Elissa.

— Não aprendeu, não — retrucou Elissa. — Ora, eu aprendi bem mais, matarh. O armeiro-mor diz que tenho um talento natural, ele não fala isso a respeito de Kriege.

A menina mostrou a língua para o irmão.

Brie então percebeu que eles realmente não tinham entendido, que

compreenderiam quando a ausência de Rance se tornasse evidente. Ela abriu um sorriso cansado para as crianças, sentindo as lágrimas secas repuxarem a pele de seu rosto.

— O comandante co'Bloch colocou seus gardai em volta de todo o palácio. Acho que estamos seguros por ora.

Brie não sabia se acreditava nisso. E sabia que teria ainda menos certeza esta noite: na escuridão. Não queria dormir sozinha. Não nesta hoje. Brie pediria a Jan para passar a noite com ela e com as crianças também...

— Matarh, o que foi?

Eria puxou a tashta de Brie, que se agachou perto da filha, tomando-a nos braços e sorrindo para a expressão curiosa de Eria.

— Você ficará segura, pequenina — sussurrou Brie. — Eu prometo.

Houve uma batida na porta de serviço. Brie se levantou e respirou fundo. Ela acenou para a babá, colocou Eria no chão e meteu a mão sob a faixa da tashta, envolvendo a faca que guardava ali entre os dedos. A babá abriu a porta e Rhianna entrou com uma bandeja nas mãos. O garda no corredor do lado de fora espiou o aposento e, em seguida, fechou a porta novamente.

— Rhianna — disse Brie. — Deve ter sido horrível esta manhã.

A criada assentiu antes de responder, quase furtivamente.

— Foi sim, hïrzgin.

Havia olheiras em volta de seus rosto, como se ela não tivesse dormido bem, e seus modos estavam distraídos e nervosos. Rhianna colocou a bandeja na mesa próxima à cadeira de Brie e limpou as mãos no avental sobre a tashta simples.

— Simplesmente parecia impossível. O assistente ci'Lawli me deu a oportunidade e eu trabalhava tão próxima a ele, embora não o conhecesse há tanto tempo quanto os outros funcionários. Estou chocada, ainda fico ouvindo ele me chamar... — Ela respirou fundo. — O hïrzg me mandou trazer vinho para a senhora, e um pouco de fruta para as crianças...

— O hïrzg?

Uma leve pontada de ciúmes atravessou Brie, queimando por um instante em meio à dor. Rhianna pareceu perceber. A criada deu um passo para trás e abaixou a cabeça, o que fez Brie ficar ainda mais desconfiada.

— Sim, hïrzgin — dizia a garota. — Quero dizer, o hïrzg pediu a Paulus, que pediu a mim...

— Ah! — Brie fungou desdenhosamente. — Entendi.

O ciúme acalmou e permitiu que a tristeza e o medo voltassem com um arrepio.

— A Pedra Branca... aqui, no palácio. Eu simplesmente não consigo acreditar. Da última vez...

Ela se deteve. Da última vez, a Pedra Branca tinha matado o hïrzg. Brie não conseguia dizê-lo, com medo de que, se dissesse, pudesse fazer a história se repetir.

— Por favor, não se preocupe, hïrzgin — pediu Rhianna. — A senhora não tem do que temer.

Brie olhou para a jovem. As palavras tinham soado tão firmes, tão seguras, ditas de rosto erguido, embora agora ela tivesse ficado ruborizada novamente e baixado o olhar mais uma vez.

— Quero dizer — continuou ela — que, com todos os gardai em alerta... a Pedra Branca certamente foi embora a essa altura... Paulus acha que ela provavelmente foi contratada por alguém que guardava rancor por ci'Lawli... A Pedra Branca não iria... não iria...

Brie continuou a encará-la e a voz de Rhianna foi desvanecendo, até se calar.

— Você devia deixar as fofocas e especulações dos funcionários do lado de fora, Rhianna. Foi um dia estressante, mas isso não é desculpa para espalhar rumores.

Rhianna ficou intensamente vermelha e fez uma mesura ao ouvir a bronca.

— Eu peço desculpas, hïrzgin. Sinto muito.

Brie fez um gesto para que ela se calasse.

— Que isso não se repita.

— Não repetirá, hïrzgin. Senhora, Paulus também me disse para mandar seus camareiros e os do hïrzg começarem a fazer as malas para a Encosta do Cervo. Com sua licença, hïrzgin, eu tenho de encontrá-los para passar a ordem.

— Sim, com certeza — falou Brie. — Vá, então.

Rhianna fez uma mesura novamente. Ela deu meia-volta e saiu apressadamente. Brie olhou fixamente para a porta por vários instantes depois dela ser fechada. Então, ela suspirou.

— Venham, crianças. Seu vatarh mandou algumas frutas. Vamos comer, então talvez possamos jogar uma partida de chevaritt...

Allesandra ca'Vörl

Erik rolou para longe dela, deixando o corpo de Allesandra momentaneamente frio. Ela estendeu o braço e puxou o lençol sobre o corpo. Ela olhou para Erik, que ofegava ao seu lado.

— Satisfeito? — perguntou Allesandra.

Seu corpo, sob a luz das velas, estava pesado e escuro, a luminosidade reluzia na pele lustrosa de seu crânio e nos fios brancos da barba negra.

De cima da lareira, ao pé da cama, a kraljica Marguerite olhava do quadro para os amantes, com uma expressão severa.

Erik gemeu e meneou a cabeça.

— Por Cénzi, mulher, você é uma tigresa. Um perigo para todos os homens. Você me destruiu completamente.

A voz soou como um ronronar, um gemido baixo, e seu olhar sobre ela era possessivo.

Ela sorriu. Mas Erik não fez a mesma pergunta de Allesandra; ele nunca fazia. A kraljica se perguntou se isso um dia faria mais do que irritá-la. Ela se perguntou se Erik percebia como seus seios estavam flácidos e sua barriga arredondada quando olhava para ela, e se ele desejava estar com alguém mais jovem, alguém que pudesse lhe dar filhos. Allesandra não poderia lhe dar filhos, mesmo que quisesse; seu fluxo mensal tinha terminado há alguns anos. A semente que enchia sua barriga agora não podia fazer nada.

Mas ela podia oferecer coisas que nenhuma mulher mais jovem podia, que nenhuma outra mulher no mundo podia. Allesandra se perguntou mais uma vez se faria a oferta para Erik.

— Talvez.

— Hum?

Allesandra riu, sem perceber que tinha falado alto a palavra.

— Talvez você queira algo para comer ou beber, meu amor? Eu posso chamar os criados...

— Não, a não ser que você queira algo.

Houve um instante de silêncio; ela pensou que Erik estivesse adormecendo.

— Allesandra?

— Sim, amor?

— Essa oferta para o hïrzg. Se ele aceitá-la. O que acontece comigo?

Ele olhava fixamente para ela, que pôde sentir o olhar. Allesandra o

sustentou em meio à escuridão.

— Eu já lhe disse que, quando os Domínios forem reunificados, eu farei com que um verdadeiro gyula esteja sentado no trono de Magyaria Ocidental. Você não deveria se preocupar.

— Mesmo assim, eu me preocupo. Quando os Domínios forem reunificados, a kraljica pode não querer causar mais dissidência.

— Você fala dessa kraljica como se ela fosse outra mulher.

A mão de Erik acariciou a lateral do corpo de Allesandra.

— Minha família tem estado envolvida com a política dos Domínios a minha vida inteira, por necessidade. Perdoe-me por dizer isso, mas uma coisa que meu vatarh sempre me disse foi que a promessa de uma kraljica não serve para pagar uma cerveja em uma taverna: até mesmo um taverneiro sabe que um kralji pode decidir gastar sua folia em outro lugar e deixar a pessoa com a conta.

— Você acha que eu sou tão fria assim? — ela perguntou, sabendo que Erik tinha notado o tom de alerta em sua voz. — Você acha que eu o tenho em tão pouca monta?

A mão dele acariciou o braço de Allesandra, encontrando sua mão, mas ela não devolveu a pressão em seus dedos. Erik se apressou em dizer.

— Não, claro que não. — Ele respirou fundo e suspirou. — Eu estaria perdido sem você. De verdade. Estar com você, bem, eu nunca me senti assim com ninguém, nem mesmo com a matarh dos meus filhos. É só que, eu odeio pensar que...

— Então *não* pense. — ela disse.

O tom de sua voz soou mais ríspido do que ela pretendia, e ela abrandou o tom.

— Só, sinta o que digo e aceite.

Erik riu, e suas mãos desceram pelas curvas da kraljica, caindo no vão dos quadris. Ele deu um apertão ali e puxou Allesandra para si. Sua boca procurou a dela, sua barba roçou em sua pele. As mãos de Erik a agarraram e ele a puxou sobre si. Ela olhou para baixo, Erik parecia vulnerável, quase um menino.

Allesandra sorriu ao pensar nisso. Ela abaixou a cabeça e o beijou longamente, abrindo seus lábios e acariciando o rosto de Erik. Quando ela finalmente se afastou, ofegante, apoiou-se nos cotovelos e viu uma nuvem sobre o rosto dele. A luz da lareira reluzia em sua face, e ela notou uma expressão ansiosa.

— Chega de pensar e de se preocupar — falou a kraljica. — Pelo menos, por um momento...

Sergei estava sentado em sua cadeira como um sapo encarquilhado. Uma mão segurava o pomo da bengala, e o nariz de prata refletindo a luz da manhã que entrava pela janela com vista para os jardins do palácio. Erik estava sentado ao lado dele, com o rosto ruborizado. Allesandra tinha se levantado de sua cadeira atrás da mesa e agora caminhava, de um lado para o outro, perto da entrada da sacada.

— Às vezes me pergunto se você não está conspirando com meu filho, embaixador — ela disse. — Eu pensei que você acreditava que poderia convencê-lo a aceitar a proposta que fizemos.

— Eu lhe disse, kraljica, que achava que ele seria compreensivo ao ouvir a proposta. E foi exatamente isso o que ele fez.

— E, no entanto, Jan exige que eu abdique do trono em sete anos a favor dele.

Sergei assentiu, e o gesto fez com que feixes de luz caminhassem como baratas brilhantes na parede.

— Sim — o embaixador respondeu. — Se a senhora concordar e o declarar publicamente, o hïrzg desmanchará a Coalizão, libertando os países-membros para tomarem a decisão que quiserem: voltar a se juntar aos Domínios ou permanecer independentes.

Sergei abriu um sorriso breve.

— Assim como a senhora, kraljica, ele não espera que algum dos países opte pela segunda opção. E o hïrzg enviará o exército de Firenzcia para cá, a fim de ajudar a defender Nessântico contra os tehuantinos.

— E quanto a Magyaria Ocidental e ao falso gyula que ele colocou no trono? — Erik interrompeu antes que Allesandra pudesse responder. — O que o hïrzg tem a declarar sobre isso?

Sergei olhou enviezadamente para ele. E pareceu olhar para o homem de cima a baixo com um sorriso de desdém.

— Quanto a isso, ele não disse nada. O hïrzg não parece considerar o trono do gyula importante o suficiente para comentar ou negociar sobre ele.

— Então ele é um tolo — disparou Erik. — Com a Magyaria Ocidental ao lado da kraljica, os Domínios nem precisariam de Firenzcia.

— Creio que o hïrzg discordaria de você, vajiki ca'Vikej. A propósito, eu também. E chamo atenção para o fato de que a kraljica não enviou um embaixador para a Magyaria Ocidental para pedir ajuda.

Erik respirou fundo, trincando os dentes, e Allesandra deu meia-volta para encará-los.

— Calem-se, vocês dois — disparou ela. — Esse bate-boca faz minha cabeça doer e eu não consigo pensar.

A kraljica massageou a própria testa. Ela se sentia confinada, presa, como se as paredes do palácio estivessem se fechando a sua volta. *Você não tem escolha.* O pensamento martelou seu crânio no ritmo da sua pulsação. *Você realmente não tem escolha. Os Domínios não podem lutar sozinhos contra os ocidentais e não sobreviverão a outra longa recuperação.*

Allesandra olhou pela janela para as muralhas, onde ainda se podia ver as marcas dos reparos que tinham sido feitos após o bombardeio dos tehuantinos. Ela se lembrou da aparência da cidade nos dias, semanas e meses seguintes ao exército firenzciano ter finalmente arrasado as forças ocidentais e mandado os inimigos de volta cambaleando pelo Strettosei. Lembrou-se do sofrimento e da dor daquela época. Lembrou-se da desolação que ela mesma sentiu naquele momento, abandonada pelo próprio filho.

— Nós estamos mais fortes agora — ela disse. — Dessa vez não temos metade de nosso exército lutando uma guerra do outro lado do oceano.

Allesandra tentou dizê-lo com confiança, mas mesmo ela podia ouvir a hesitação na própria voz.

— Os tehuantinos, segundo todos os relatórios, também estão mais fortes; eles estão trazendo três vezes o número de navios que trouxeram da outra vez — respondeu Sergei. — Entre Karnmor e Fossano, eles já destruíram a maior parte da nossa marinha. Kraljica, se eu pensasse que o comandante ca'Talin pudesse derrotar os tehuantinos sozinho, eu a aconselharia a ignorar a contraproposta do hïrzg. Mas não posso fazer isso, não em sã consciência. Não sendo um fiel súdito do Trono do Sol, que não deseja nada mais do que o sucesso dos Domínios. Eu gostaria de estar errado a respeito disso, mas infelizmente, não estou.

Allesandra não olhou para ele. Não queria seu rosto.

— E acho que a senhora também sabe disso — encerrou Sergei.

Ela continuou olhando para os jardins do palácio. Ela pôde sentir seus punhos se cerrando na cintura, como se tivesse comido um marisco estragado e tentasse acalmar um estômago revolto. Esse desgraçado estava certo; a Garde Civile lutaria bem e com coragem, mas no final, seria derrotada. E Jan, como fizera antes, estava em posição de invadir e limpar a bagunça. Se ele quisesse o Trono do Sol, poderia obtê-lo em questão de meses; tudo que precisava fazer era esperar até que Nessântico fosse tomada e Allesandra estivesse morta ou foragida.

— Não dê ouvidos a ele — dizia Erik. — A senhora devia ser kraljica por toda a sua vida. Essa oferta é um insulto.

— Insulto ou não — disse Allesandra para o vento. — Eu não tenho escolha.

A kraljica se voltou para os dois e continuou.

— Sergei, mande que Talbot escreva um acordo; eu o assinarei esta tarde. A a'téni ca'Paim lerá a proclamação na missa de amanhã. Mandaremos também por mensageiro rápido para Brezno; você irá depois, assim que puder, e ficará com o hïrzg, me representando até que ele chegue em Nessântico com seu exército.

Ela observou o rosto de Erik enquanto falava. E viu a raiva que ele tentava esconder. Allesandra suspeitou de que essa raiva não era voltada para sua decisão, mas para um medo de que talvez não conseguisse o que queria. *Qual de nós dois está usando o outro?* Ela disse para si mesma que não tinha resposta para essa pergunta, mas uma voz dentro de si riu diante da evasiva. *Você não quer admitir a verdade...*

— Por que vocês ainda estão sentados aqui? — vociferou ela. — Acabamos aqui.

Dito isso, a kraljica acenou com a mão e se voltou para o cenário lá fora novamente. Ela ouviu os dois homens se curvarem e saírem apressadamente, com a bengala de Sergei batendo nas lajotas de mármore. Allesandra olhou fixamente para a ilha e para os prédios de Nessântico, e eles já não pareciam ser apenas dela.

Varina ca'Pallo

— Como você está se recuperando? — perguntou Sergei. — Você me parece muito bem, como se tivesse rejuvenescido dez anos.

Sergei tinha ido à Casa dos Numetodos, e Johannes o tinha acompanhado até o laboratório da a'morce. Varina notou que Sergei olhava para o protótipo da chispeira colocado por ela no torno, apontando para o boneco de palha na outra ponta do cômodo. Esta versão da chispeira tinha um cano bem mais comprido; ela imaginou que isso pudesse aumentar a precisão do tiro. Varina cobriu o aparato com um pano enquanto ria do comentário exagerado.

— Eu devo dizer então que seus olhos estão falhando com a idade, Sergei. Mas obrigada pela mentira.

— Karl via a sua beleza, assim como eu a vejo; embora ele tenha levado mais tempo do que deveria.

Ela conseguiu sorrir e recordar. *Em meio à guerra, em meio à morte e ao terror, havia Karl, e isso tinha tornado tudo suportável.* Mas agora parecia que essa época retornaria, e Karl não estaria aqui. Varina não sabia como sobreviveria à outra guerra e a mais batalhas.

Não sabia se queria.

— Receio que os morellis estejam se tornando mais que um transtorno — dizia Sergei. — Infelizmente, eu preciso sair da cidade outra vez, portanto não posso me juntar à caçada a Morel. Mas eu convencerei o comandante co'Ingres da importância que tanto a kraljica quanto eu damos à captura do sujeito. Você tem sorte de estar com a sua gente. Eu soube que a sua magia matou um deles; espero que não esteja muito aborrecida com isso. Você realmente não teve escolha.

Varina notou uma intensidade estranha no olhar de Sergei sobre ela quando ele disse a última frase, como se estivesse à espera de uma reação. Ela ficou imaginando sobre o que ele tinha ouvido, do que ele suspeitava. Varina fez um esforço para não olhar para a chispeira coberta.

Magia, não. Algo mais poderoso.

— Eu lamento que tenha chegado a este ponto — falou Varina com sinceridade. — Se eu pudesse ter evitado, eu teria, mas...

Ela ergueu um ombro. Sobre o reflexo distorcido de Varina em seu nariz, o olhar de Sergei se desviou da mesa para ela novamente. Ele se apoiou pesadamente sobre a bengala, com as costas inclinadas.

— Você não seria quem é se pensasse de outra forma — disse o embaixador —, mas garanto que ninguém lhe culpa minimamente. O sujeito provocou sua própria morte. A culpa é só dele e de seus atos e, perdoe-me por dizer isso aqui, Cénzi dará o castigo eterno que ele merece.

— Mencionar Cénzi na Casa dos Numetodos quase parece um sacrilégio.

— Não é? — respondeu Sergei, rindo. — Eu admito que fiquei surpreso ao encontrá-la aqui. Passei na sua casa e os criados disseram que você estava trabalhando aqui nos últimos dias e que geralmente passava a noite. Eu me preocupo com você, Varina, especialmente depois do que aconteceu.

— Eu sinto algumas dores, só isso, e isso eu já tinha em grande quantidade antes do ataque. Coisas da idade, como você sabe.

— Como *ambos* sabemos. — Seu olhar se voltou para o aparato coberto novamente. — Varina, acho que você devia sair de Nessântico. Vá para o norte, talvez. Quem sabe Il Trebbio. Ou até mesmo a terra natal de Karl. Eu ouvi dizer que a Ilha de Paeti é deslumbrante.

— Você acha que a situação vai ser assim tão ruim, Sergei?

Seus dedos apertaram o pomo da bengala. Ele umedeceu seu lábio superior.

— Sim. E não. Quando Jan trouxer o exército firenzciano, provavelmente venceremos, mas, ainda assim, não será sem perdas ou sacrifícios, e pode ser que essa batalha aconteça *aqui* novamente, em Nessântico. Espero que não, mas se os navios tehuantinos forem rápidos...

Sergei meneou a cabeça, como se concordasse com uma nova ideia que teve.

— Acho que seria melhor se você fosse embora daqui.

— Se a batalha chegar mesmo até aqui, então é aqui que sou necessária.

Ele olhou novamente para o pano.

— Talbot pode ser o a'morce dos numetodos por enquanto. Ele pode liderar e supervisionar os numetodos. A menos que... a menos que haja algo que só você pode fazer.

— Você não é muito sutil, Sergei.

— E você não é muito boa em guardar segredos, Varina.

Ela encarou o embaixador com um olhar brando.

— Um numetodo não guarda segredos. Nós queremos que o conhecimento floresça. Eu dei a fórmula da areia negra para você e para a kraljica, se não lembra. Espontaneamente.

— Sim, você deu. E Nico Morel roubou uma parte dela e a usou contra você.

Varina enrubesceu ao se lembrar disso.

— A ignorância e os segredos é que causam os problemas no mundo, não o conhecimento.

— O que causa os problemas é o que as pessoas fazem com o conhecimento.

— O estranho é que são sempre os ca' e co' que dizem isso. E eu percebo isso em metade das trivialidades ditas pelos ricos: eles acham que os escalões inferiores devem ser mantidos ignorantes e ignorados.

Sergei ergueu as sobrancelhas.

— Que filosofias estranhas você vem escutando, Varina? Daqui a pouco

você estará afirmando que os camponeses devem ter tudo que os ca' e co' têm.

— Eu cresci em uma família ce' — respondeu ela. — Eu sei o que é estar na base da sociedade.

— E agora você é uma ca', e também sabe que é possível ser recompensada por seu trabalho árduo e inteligência. Você é um exemplo do que qualquer pessoa sem status ou ce' pode aspirar alcançar.

— Possivelmente, talvez — ela disse —, mas eu diria que sou uma exceção e não a regra, e que há muitas pessoas sem status e muitos ce' que merecem mais, e ca' e co' que merecem menos.

Sergei ergueu a mão.

— Sem dúvida. Mas quem determina quem merece mais ou menos? Temos de confiar isso a Cénzi. Ah, me desculpe, lá vou eu de novo... ou, como eu suponho que você diria, devemos a um acaso do destino.

Ele riu de novo e continuou.

— E esta é uma discussão que nenhum de nós vencerá, e eu não tenho a intenção de deixá-la em um humor pior do que encontrei. Varina, prometa que você vai considerar sair da cidade.

— Vou pensar — respondeu ela.

Varina não disse, mas ela já tinha considerado e tomado uma decisão. Em vez disso, ela sorriu e colocou a mão em cima da do embaixador. As mãos de Varina eram iguais às dele: nodosas e enrugadas, com a pele flácida entre os ossos; as mãos de um velho.

— Venha, vamos subir, lá é mais confortável e poderemos continuar nossa conversa com chá e bolinhos.

Delicadamente, Varina acompanhou Sergei até a saída do laboratório, trancando a porta atrás de si.

Nico Morel

Eles estavam aninhados na cama. Nico beijou o ombro de Liana, sentindo o gosto de seu suor. Ela o agarrou com força pelos braços e pernas, como se quisesse prendê-lo para sempre, apesar do monte em sua barriga o afastar. Ele riu, acariciou o cabelo de Liana e olhou nos seus olhos, de um tom de cor de terra fértil depois da chuva, onde Nico viu o reflexo de seu rosto fino e barbado.

De repente, sua visão ficou turva e escureceu, era como se houvesse

mais alguém no quarto com eles: pequena e frágil, um coração que podia ser ouvido mais alto que o batimento de seu próprio e do de Liana. Nico pensou ter visto uma forma flutuar para longe dos dois, saindo do quarto: a forma de uma criança. Uma menina. Ele pôde sentir o calor frio que associava a Cénzi nesse mesmo instante.

— Nico? — perguntou Liana, parecendo preocupada. — Você estava tão distante...

Ela afrouxou os braços em volta de Nico, que tentou dar um sorriso.

— Desculpe. Eu só...

— O que você viu?

Nico balançou a cabeça.

— Nada. Ou melhor, não sei. — Ele acariciou o abdômen de Liana. — Eu pensei ter visto... nossa filha.

— Filha?

Nico meneou a cabeça ligeiramente.

— Filha.

Ele tentou sorrir, mas achou a tentativa difícil. Algo a respeito dessa visão o incomodava. Por que a criança ia embora? Por que desaparecia? Por que ele não viu a si mesmo ou Liana na premonição?

— Uma menina.

Liana começou a chorar de repente, mas de felicidade. Ela atirou-se sobre Nico, abraçando seu pescoço enquanto o beijava.

— Uma menina. Você está feliz? — perguntou ela. — Era o que você queria?

— Não — respondeu Nico, que riu da cara que Liana fez. — Quero dizer, não importa. Filho ou filha. O que importa é que a criança seja nossa.

Ele fez um gesto em torno do quarto caindo aos pedaços, e outro indicando a sequência de casas para onde os dois tinham fugido no Velho Distrito.

— Eu tenho tão pouco a oferecer para você — falou Nico.

Agora foi a vez de Liana rir.

— Você acha que isso importa para mim? Se acha, então Cénzi não lhe contou nada.

Ela o abraçou de novo.

— Você me oferece tudo o que quero. Eu quero que você seja feliz. Eu quero que nós sejamos felizes — sussurrou Liana no ouvido dele. — Só isso.

— E eu sou. Liana, nós devíamos nos casar. Eu pedirei a Ancel...

Ela então o surpreendeu.

— Não — disse Liana, balançando a cabeça, afastando os cabelos sobre seus ombros. — Não devemos.

— Liana?

Ela se inclinou ligeiramente para trás, ainda abraçando Nico. Seu olhar era sério, fixo.

— Eu sei que você me ama, Nico. Eu sei porque você não mentiria, não para mim, nem para ninguém. Você não tem maldade nenhuma. Estou satisfeita com seu amor. E pode ser que o Absoluto, especialmente se ele se tornar o que eu penso que Cénzi pretende que ele se torne, venha a ter que se casar com alguém por outras razões que o amor. Pode ser que o Absoluto tenha que agir como os archigi fizeram antes e tenha que se casar para salvar a fé concénziana.

Nico balançava a cabeça, mas ele podia ouvir Cénzi dentro de sua cabeça: um som grave e baixo de aprovação, e ele soube que Liana estava certa. O casamento podia esperar; isso não mudava o compromisso que ele tinha com ela ou com a filha deles.

— Eu não mereço você — declarou Nico.

Ela riu.

— Talvez não, mas você me tem, Nico, e eu não pretendo perdê-lo.

Havia meia dúzia de ténis-guerreiros de Nessântico reunidos na sala, assim como dois punhados de ténis dos outros três templos da cidade. A maioria era jovem, a maioria era de e'ténis, embora alguns, especialmente entre os ténis-guerreiros, fossem o'ténis. Nico examinou seus rostos quando entrou na sala atrás de Ancel e Liana. Seu braço envolvia a cintura dela de maneira protetora; ele percebeu que algumas pessoas o notaram e sorriram, como se estivessem felizes em verem que o Absoluto dos morellis, a Voz de Cénzi, a Espada da Divolonté, era tão humano quanto eles, que poderia amar alguém e produzir um herdeiro.

Nico beijou o rosto de Liana e sorriu para a mulher enquanto ela e Ancel se dirigiam para a lateral da sala lotada — a maior das três salas de seu refúgio atual no Velho Distrito. O lugar fedia a bolor e a fezes de rato, e as tábuas rangiam e gemiam sob seu peso, mas Cénzi lhe dissera que ninguém da Garde Kralji os encontraria ali por enquanto, portanto, a casa tinha de servir. Nico fez o sinal de Cénzi para todos, que devolveram o gesto.

Todos eles abaixaram a cabeça para Nico, um a um. Nico meneou a cabeça em resposta à saudação. Ele sentiu a presença de Cénzi: como um

calor no âmago de seu corpo e um fogo em sua voz.

— Cénzi me disse que posso confiar em vocês — disse Nico, sem preâmbulos. — Ele me mostrou o coração de cada um de vocês, e eu os conheço. Vocês correram um grande risco para estarem aqui esta noite, Ele sabe disso e abençoa a cada um por sua devoção, e eu os agradeço por isso também. Sei que vocês consideram o Toustour e a Divolonté como a verdadeira Palavra de Cénzi. Sei que consideram, como eu, que os líderes da fé concénziana perderam o rumo. Que o archigos Karrol e a'téni ca'Paim abandonaram Cénzi pelo mundo secular, dando ouvidos mais à kraljica Allesandra e ao hïrzg Jan que à Grande Voz. Eu vos digo...

Nico fez uma pausa, encarou um de cada vez e sustentou seus olhares. Ele podia sentir o poder de Cénzi crescendo dentro de si. Ele deixou que isso acontecesse, que a energia queimasse as palavras que iria dizer. E elas saíram de sua boca como se ele cuspisse brasas vermelhas e fogo. As palavras reverberaram na sala esquálida, envolvendo os presentes na fúria de Cénzi.

— Cénzi disse que nos enviaria um sinal, e esse sinal foi inconfundível. Ele nos mostrou através de fogo, das cinzas e do sangue como está furioso com a Fé. A Fé protegendo os infiéis, os numetodos, renegando Cénzi completamente não era suficiente. Não. Agora Ele nos mandou os tehuantinos, pagãos que veneram um falso deus, para nos punir por termos nos afastado Dele. Só há uma salvação. Para aplacar o descontentamento de Cénzi e encerrar Seu castigo, temos que retomar a fé concénziana. Temos que retomar a Fé para Cénzi e para as pessoas que realmente acreditam Nele. Precisamos retomá-la *agora*!

Nico se deteve para reunir energia mais uma vez. Eles escutavam o Absoluto, arrebatados pelo poder das palavras de Cénzi. Nico elevou seu corpo, ergueu as mãos e o rosto para o teto arqueado. Deixou que Cénzi tomasse sua voz completamente.

— É o momento — rugiu ele. — É o momento de realizarmos um levante e derrubarmos o archigos e os a'ténis que se recusam a seguir o rumo de Cénzi.

A ordem fez com que os morellis erguessem suas cabeças e se levantassem de suas cadeiras. Por um momento, o caos irrompeu na sala, dezenas de vozes se embatiam enquanto Liana e Ancel tentava acalmá-las. Foi só quando Nico ergueu as mãos que o silêncio voltou. Ele apontou para um dos ténis-guerreiros, com as faixas de o'téni em seu robe verde.

— Você — falou Nico. — Diga-me por que há tanto medo em seu rosto.

O téni-guerreiro passou a mão em seu cabelo curto e escuro, olhando

em volta, para os demais, antes de responder.

— Absoluto, o senhor pede para rejeitarmos os juramentos que todos nós fizemos como ténis; os juramentos que fizemos para Cénzi.

— Eu conheço o juramento. Eu mesmo o fiz — respondeu Nico. — Eu jurei obedecer ao archigos e seguir o Toustour e a Divolonté, como você. É por isso eu que não uso mais o Ilmodo, embora sinta o Dom de Cénzi intensamente dentro de mim. Mas prestem atenção: quem rompeu com seu juramento foi o archigos e os a'ténis que lhe dão ouvidos, pois eles tornam impossível obedecê-los e ao Toustour e à Divolonté. Se o archigos, através de suas ordens, exige que nós rompamos com o Toustour e a Divolonté, que vêm a nós através de Cénzi, então é *nosso dever*, como ténis e em nome do juramento que todos fizemos, nos recusar a obedecê-las.

O o'téni concordou antes que Nico terminasse de falar, e o Absoluto virou-se para os demais.

— Algum de vocês tem mais objeções? Vamos ouvi-las.

Um dos e'ténis ergueu uma mão vacilante, Nico acenou para o homem.

— Absoluto, há aqueles que dizem que o senhor deseja ser o archigos.

Nico sorriu ao ouvir isso e bateu palmas.

— Eu desejo servir à Fé da maneira que Cénzi exigir que eu sirva. Se um dia Cénzi quiser que eu sente no trono do archigos, eu seria um mau servo se o negasse. Mas também seria um mau servo se deixasse meu orgulho e desejo nortearem minhas ações.

Ele apontou para o téni e, em seguida, deixou que seu dedo percorresse todos os morellis.

— Eu diria a vocês, a todos vocês, para me vigiarem como eu vigio o archigos e, se *algum dia* vocês me virem agindo em nome dos meus próprios interesses, em vez dos interesses da fé concénziana, então vocês devem protestar contra mim. Vocês querem fazer isso agora? Querem?

Eles permaneceram em silêncio. Nico deixou a quietude reinar, ouvindo o som de suas respirações e o barulho que de seus pés sobre as tábuas rústicas do assoalho. Finalmente, ele fez o sinal de Cénzi para os morellis novamente e falou.

— Eu agradeço a vocês. E Cénzi também agradece. Agora, prestem atenção. Aqui está o que precisamos fazer...

A Encosta do Cervo era mais bonita do que qualquer descrição que ela tinha ouvido sobre o lugar.

O palácio estava assentado no meio de centenas de acres de floresta montanhosa, construído numa lapa em uma das encostas mais altas, com braços de vigas grossas que davam sustentação às várias sacadas e alas. O caminho para chegar à vila era longo e difícil, a estrada dava voltas na antigas cordilheiras de montanhas de florestas fechadas. A rota íngreme em zigue-zague faria um inimigo que sitiasse a Encosta do Cervo seguir por longas e vulneráveis fileiras, com rochedos sobre vários trechos onde os defensores poderiam atirar pedras, flechas e feitiços facilmente sobre os agressores indefesos. Durante a manhã e à noite, brumas brancas e espessas surgiam dos vales, tão densas que abafavam o som e confundiam qualquer senso de direção.

O palácio em si tinha sido construído em carvalho e decorado com outras madeiras nobres e maciças. Ele era envernizado e brilhante, tinha enormes salões revestidos com painéis de madeira escura e lareiras convidativas que eram usadas o ano inteiro; mesmo no verão, enquanto Brezno estaria sufocando com o calor, as noites aqui ainda eram frias. Rochelle achou o Palácio de Brezno sinistro: uma fortaleza de pedras frias. A Encosta do Cervo era o vislumbre de um outro mundo, um mundo florestal. A Encosta do Cervo era mais agradável e convidativa que o Palácio de Brezno, mas não deixava de ser formidável, nem de ser uma fortaleza.

Uma equipe de caseiros morava permanentemente na Encosta para cuidar da vila quando o hïrzg e outras figuras ilustres não estivessem lá, mas com a chegada do hïrzg e sua família, a equipe residente era colocada sob comando dos criados pessoais do hïrzg. Paulus ci'Simone não era um Rance ci'Lawli, e isso ficou evidente na interação rude e quase territorial entre as duas equipes. Rochelle tinha visto a habilidade de Rance em acalmar ânimos exaltados entre os funcionários; Pauli era bem menos refinado e tinha a tendência de vociferar ordens em vez de ouvir explicações. Rochelle testemunhava esse comportamento diariamente.

— Que droga, criatura, a hïrzgin não vai comer essa carne de cervo mal passada. Você não tem a mínima ideia de como a sua senhora gosta da carne? Outra meia marca da ampulheta no fogo, pelo menos! Não deve haver nenhuma parte vermelha nela.

Paulus encarou a cozinheira, que enfiou o corte de carne novamente em um espeto e o meteu no fogo novamente. Ele fez um som de repulsa.

— Rhianna! — vociferou Paulus. — Assim que esta incompetente tiver

preparado a carne de maneira aceitável, garanta que a refeição seja levada para o quarto da hïrzgin enquanto ainda estiver quente. Ela já esperou tempo demais. Não posso mais perder tempo aqui; tenho que cuidar dos criados do hïrzg agora. Aparentemente, eles não sabem onde colocaram a roupa de equitação do hïrzg.

Rochelle fez uma mesura, e Paulus saiu da cozinha.

— Desgraçado!

Rochelle ouviu a cozinheira murmurar assim que Paulus se afastou a uma distância segura, fora do alcance da audição. Ela era uma mulher robusta de meia-idade, com pele flácida sob os braços que tremia quando ela se mexia.

— Ele acha que já é um ca' e co'. Eu vou cuspir no jantar dele, vamos ver se ele gosta disso.

O resto da equipe da cozinha riu.

— Paulus só está assustado — argumentou Rochelle. — Ele sabe que deu um passo maior do que as pernas.

— Bem, ele não é um Rance ci'Lawli, com certeza, que ele descanse em paz, na misericórdia de Cénzi — respondeu a cozinheira.

Ela balançou a cabeça e virou o espeto. A gordura assobiou e estalou ao pingar no fogo.

— Aquele assassinato foi uma coisa horrível. Dizem que foi a Pedra Branca. Não me surpreenderia se descobrisse que foi esse verme do Paulus que a contratou, só para pegar o cargo do velho Rance.

A cozinheira abaixou o tom de voz em um murmúrio conspiratório.

— Dizem que Rance foi aberto da garganta ao pau como um filé de peixe, e todas as paredes do quarto estavam cobertas de sangue.

A pele sob o queixo da cozinheira, que era tão flácida quanto a pele sob os braços, se balançou quando a mulher se virou para Rochelle. A cozinheira afastou o turbante vermelho que usava na cabeça para absorver o suor provocado pelos fogões.

— Você chegou a ver alguma coisa, menina?

A imagem de Rance, com os olhos abertos e mortos, voltou à memória dela, que estremeceu. Ela tocou o seixo dentro da bolsinha sob sua tashta. *Pelo menos eu não ouço a voz dele*...

— Não — respondeu Rhianna, balançando a cabeça. — Quer dizer, eu vi o corpo, e não era nada parecido com isso. Havia muito pouco sangue. Disseram que ele foi morto por uma faca envenenada.

As sobrancelhas da cozinheira subiram até o turbante vermelho.

— Você viu o corpo? De verdade? Bem, eu imagino que você saiba do

que está falando, então.

Rochelle percebeu, pela forma que a cozinheira falara, que os funcionários da cozinha preferiam a versão mais sangrenta e visceral à imagem da verdadeira morte de Rance.

— Bem, essa carne já deve estar passada o suficiente para o gosto sofisticado da hïrzgin, não é?

A cozinheira tirou o espeto do fogo, sujando a grossa manga da tashta em volta do pegador de ferro e colocou a carne em um prato com a ajuda de um garfo grande.

— Prontinho, menina. É melhor você se apressar. Você tem uma bela escada para subir até os aposentos da hïrzgin...

Rochelle assentiu e colocou o prato na bandeja com o resto da refeição da hïrzgin, cobriu a carne e saiu do calor enfurnado da cozinha. Os corredores de serviço da Encosta do Cervo eram mais estreitos que os do Palácio de Brezno, e frios em comparação com a cozinha. Ela subiu rapidamente por vários lances de escada, passou ocasionalmente por um ou outro funcionário, a quem cumprimentou rapidamente com um aceno de cabeça e uma saudação, até chegar ao pavimento da família real. Havia dois gardai ali, da Garde Hïrzg de Brezno, um deles examinou a bandeja enquanto o outro a observava com uma mão no pomo da espada. Finalmente, o garda acenou com a cabeça na direção da porta e, com um barulho de pratos, Rochelle prosseguiu.

Ela não gostou de ter sido designada por Paulus para servir a hïrzgin. Ainda não sabia se Brie confiava plenamente nela. Era quase como se ela soubesse da conexão entre Rochelle e seu marido. E o hïrzg — apesar de todo o interesse demonstrado por ela no início — agora agia com distanciamento e frieza com relação a ela. Ele a ignorava quando eles estavam no mesmo aposento e, algumas vezes, Rochelle percebeu que o hïrzg a encarava com uma expressão de avaliação no rosto.

Ele sabe quem você é. Ele sabe, e o conhecimento o assusta. O pensamento pareceu vir embrulhado na voz da matarh.

Rochelle bateu na porta dos aposentos da hïrzgin. A porta foi aberta um instante depois, e ela baixou o olhar e viu Elissa.

— Oi, Rhianna — falou a menina. — A matarh foi ver o vatarh. Ela disse para você deixar o jantar na mesa da antessala.

Rochelle sentiu os músculos das suas costas e abdômen relaxarem e percebeu que tinha ficado tensa sem sentir. Ela sorriu para Elissa e respondeu.

— Então é o que eu farei.

A menina abriu mais a porta e Rochelle entrou e atravessou o quarto até a antessala de visitas. Ela colocou a bandeja na mesa e colocou um pano sobre o prato para mantê-lo aquecido e afastar qualquer mosca faminta. Rochelle começou a caminhar em direção à porta de serviço.

— A matarh foi ver as tropas com o vatarh, e vai voltar mais tarde para cá para ficar conosco — disse Elissa. — Eu ouvi o vatarh dizer para Paulus que ele queria que você fosse na equipe com eles.

— Ah... — Rochelle sorriu para Elissa, embora não soubesse como se sentia a respeito da notícia. — E o que sua matarh respondeu?

— Ela não estava presente.

Rochelle meneou a cabeça. *Ele quer que eu vá com ele.*

— Vou sentir sua falta, Rhianna — falou Elissa. — Kriege e Caelor também, mesmo que não digam, mas Eria, não. A menina fez uma careta. — Ela é pequena demais e irritante.

Rochelle riu.

— Não diga isso da sua irmã — ela disse com delicadeza. — Eria ainda está aprendendo, só isso. Você deveria ensiná-la; ela admira você.

— Eu preferiria ter uma irmã como você.

Rochelle prendeu a respiração. Nesse momento, ela podia ter contado tudo. As palavras ardiam em sua garganta. *Eu sou sua irmã, Elissa...* Mas, em vez disso, Rochelle balançou a cabeça.

— Obrigada, querida. Seria maravilhoso se pudesse ser assim, e eu seria a melhor irmã mais velha que você poderia ter. Mas Eria está crescendo, andando, falando e se enfiando nas coisas, e você precisa ser a irmã mais velha dela. Precisa mostrar tudo para Eria e ajudá-la a entender o que ela precisa aprender. Eria vai observá-la e vai querer fazer tudo o que você faz, exatamente como você faz.

— Você teve uma irmã mais velha? — perguntou Elissa.

— Não. Eu tinha um irmão, mas ele era bem mais velho do que eu, e ele saiu de casa quando eu ainda era pequena. E eu não tive uma irmã caçula... ou irmão caçula.

— Você seria uma boa irmã mais velha, Rhianna. Você ensinaria tudo o que sabe.

Rochelle tocou a pedra sob a tashta.

— Não, eu acho que seria.

Ela fez uma mesura para menina e correu para terminar o serviço antes que a menina fizesse mais perguntas.

— Eu tenho que ir agora, Elissa, ou Paulus ficará perguntando onde estou. Sua matarh voltará logo ou eu devo mandar uma das babás vir ficar

com você?

— Ela vai voltar já — respondeu a menina.

Ambas ouviram a porta da antessala se abrir nesse instante.

— Ah, aí está ela — falou Elissa, correndo para a porta. — Matarh, a Rhianna trouxe o seu jantar...

Mas isso foi tudo que Rochelle ouviu. Ela correu para a porta de serviço e a fechou rápido ao sair antes que Brie pudesse vê-la ou chamá-la. Na escuridão do corredor, Rochelle recostou-se na porta, e seus dedos alisaram a pedra na bolsinha.

Niente

O caminho tinha se mostrado tão nítido em Tlaxcala. Cada passo tinha sido revelado, mas agora tudo estava confuso e difuso. A Presença Solar dominou tudo e escondeu o Longo Caminho de mim...

Niente se curvou sobre a tigela premonitória, mergulhando na bruma verde que subia da água. Ele rezou fervorosamente para Axat, implorou que Ela lhe mostrasse uma visão nítida, que mostrasse que o Longo Caminho ainda não tinha sido destruído pelas ações do presente. Este era o problema: o futuro era maleável e mutável, e um único ato poderia alterar tudo.

Ali... Essa era Villembouchure, a cidade que eles tinham tomado no passado, e Niente viu as possibilidades de batalha lá. Ele agitou a água com a mão, dissolvendo a imagem e avançando com sua mente para o futuro nas brumas. Ele não queria ver Villembouchure; ele sabia o que aconteceria lá — o caminho era amplo e difícil de se desviar. Niente queria ver novamente a grande cidade: Nessântico.

Ele queria ver mais uma vez o destino que o aguardava lá, o destino que afetaria tanto os tehuantinos quanto os orientais, que podia remodelar o mundo.

Lá... Lá estava a grande cidade, com seus estranhos prédios majestosos reconstruídos, tão diferentes das pirâmides escalonadas de Tlaxcala. Mas a névoa em torno deste futuro estava mais espessa do que nunca, e as visões estavam rápidas demais, e muito efêmeras. Lá estava o rosto de seu filho, Atl berrava algo para Niente, com o rosto cheio de raiva e fúria. Lá estava o trono brilhante da grande cidade, mas a silhueta sentada nele era indefinida: em um instante era uma mulher, depois um homem, depois

outro, e havia um jovem ao lado do trono, de robe verde, e das mãos dele saíam mais brumas, turvando a visão de Niente. Por um momento, o nahual sentiu uma agitação nas brumas: seria um vislumbre da Presença Solar?

Onde estava o Longo Caminho? Será que ele tinha sumido? Não, lá estava ele de novo, mas agora era tênue, muito tênue e coberto por uma dezena de futuros possíveis, quando antes tinha sido tão nítido e garantido. Lá estava Atl novamente, e ele caminhou na direção de outro futuro. Havia um papel, com uma escrita estranha nele, ele pegou fogo e suas palavras viraram cinzas. Havia uma jovem com uma pedra clara na mão e uma adaga na outra, e ela controlava ainda outro caminho. Os rostos na bruma flutuaram em direção ao nahual e sumiram novamente: um homem de meia-idade com uma coroa na cabeça; um velho com um nariz de metal; uma velha, de cujas mãos voaram chispas como uma pederneira batendo em metal; e o jovem de robe verde, cuja boca cuspia fogo como se ele fosse um dragão.

Niente nunca tinha visto essas figuras antes — pelo menos não com tanta nitidez —, mas agora elas surgiam em oposição ao nahual, confundiam a visão de Axat e pareciam impedi-lo de seguir pelo caminho que ele escolheu. Niente tentou encontrá-lo novamente, olhando para as brumas na tigela e procurando um jeito de passar por esses espectros. *Lá...* Ele o viu outra vez, finalmente, mas desta vez ele também viu Atl caído no chão, imóvel, diante do caminho, com a cabeça sangrando, e Niente recuou de medo. *Não, Axat!* Ele rezou. *A Senhora não pode exigir isso de mim...* Mas a visão prevaleceu, e o futuro que Niente queria ver só se concretizaria sobre o corpo de Atl...

O Longo Caminho.

O caminho ainda levava também a sua morte, mas Niente aceitava esse destino. Seria uma libertação da dor eterna. Ele aceitava a ideia de finalmente cair nos braços de Axat, de deixar para trás a casca encarquilhada, atormentada e dolorida de seu corpo físico. Isso não seria um grande sacrifício. Niente tinha vivido longas décadas, tinha sido um servo devoto de Axat, e tinha sido tão recompensado quanto punido por isso. Não, encarar sua própria morte seria agradável, e Niente poderia abraçar a Grande Serpente Alada sem medo, caso para além da morte ainda houvesse a visão que Ela tinha lhe concedido. Se sua morte selasse o Longo Caminho.

Em suas visões no topo da Teocalli Axat, Niente tinha vislumbrado um mundo em paz por um período, um mundo onde o oriente e o ocidente respeitavam suas fronteiras territoriais, onde o comércio entre eles era aberto e livre, onde o melhor de ambas as culturas era misturado em um

conjunto novo, onde até mesmo o mundo dos deuses parecia se unir. Sim, ainda havia batalhas e conflitos neste mundo, mas eram menores e mais facilmente resolvidos. Sendo as pessoas como eram, não era possível encontrar um caminho em que não houvesse derramamento de sangue e conflito. Mas, através do Longo Caminho, o mundo como um todo seria mais favorável, mais tolerante.

Agora, Niente procurou por esse futuro. Ele ainda estava lá, mas sua visão era turva e confusa, e ele não tinha mais certeza de que conseguiria encontrar o caminho, na verdade.

— Taat?

Ele ouviu a voz de Atl e, com a interrupção, a bruma verde foi dissolvida e Niente passou a olhar para o próprio reflexo feio e reluzente na água da tigela. Uma gota — como se fosse de chuva — caiu na superfície da tigela, irradiando anéis que tocaram nas bordas e se transformaram em uma disposição complexa; Niente percebeu que estava chorando. Ele limpou os olhos com as mãos retorcidas como garras.

— O que foi? — perguntou o nahual.

Ele piscou e ergueu a cabeça. Sua nuca estava dolorida; há quanto tempo Niente esteve olhando para a tigela?

Atl estava olhando para seu taat fixamente, Niente se perguntou por quanto tempo o filho tinha estado ali. Talvez ele tivesse murmurado para as visões na tigela premonitória, como às vezes fazia — o que Atl terá ouvido?

— O que foi, meu filho? — perguntou Niente outra vez, tentando abrandar o tom de voz.

— A frota está se aproximando da próxima cidade grande, e o tecuhtli Citlali gostaria de falar com o senhor a respeito da visão desta batalha.

— Sim, ele certamente o quer.

Niente suspirou. Gemendo pelo esforço ao se mexer, sentindo ódio por ter as costas curvadas e por arrastar seus pés como um velho, o nahual ergueu a tigela premonitória e a levou até a pequena janela do quarto. Ele abriu a persiana que evitava que o vento e os borrifos da água do rio entrassem e jogou a água no A'Sele. Limpou a tigela com a borda do robe e a entregou para Atl.

— Leve a tigela e a purifique — falou Niente para o filho, como se ele fosse um aprendiz. — Diga ao tecuhtli Citlali que acabei de pedir que Axat me concedesse Suas visões e que eu irei vê-lo assim que descansar por uma marca da vela.

— Ele não vai gostar disso.

— Com certeza. E por isso estou fazendo. — Niente tentou sorrir e se perguntou se a expressão sequer podia ser distinguida em seu rosto. — Uma coisa que o nahual tem que ensinar ao tecuhtli é que nós somos iguais, apesar do que o tecuhtli possa pensar. Levaremos um dia ou mais para chegar a Villembouchure. Não há nada que ele possa fazer agora para selar nossa vitória. Portanto, o tecuhtli pode esperar o suficiente enquanto eu recupero minha força.

Atl sorriu e aninhou a tigela em seu peito. Niente viu os dedos do filho apertarem o objeto, quase de maneira possessiva, e alisarem com intimidade os desenhos de animais gravados em volta da borda. *Ele também vai olhar na tigela novamente.* A compreensão lhe acometeu como uma certeza.

— Eu farei o que me pede, taat — respondeu Atl. — Darei sua mensagem ao tecuhtli Citlali.

Niente assentiu. Ele quase aconselhou o filho a não usar a tigela de novo assim tão rápido, mas desistiu*. Você não pode impedi-lo, assim como não conseguiu impedir a si mesmo. Diga-lhe para não usar a tigela e ele só sentirá a necessidade de usá-la ainda mais.*

Portanto, Niente não disse nada. A visão de Atl morto encobriu sua verdadeira visão. Era como se um cadáver tivesse entrado no quarto, e ele viu-se chorando novamente e amaldiçoando o dom que Axat lhe deu.

Niente não podia permitir que o filho morresse. Isso era algo que um taat que amava seu filho não podia deixar acontecer, independentemente das consequências. Não importava que a salvação de Atl destruísse o Longo Caminho.

Por favor, não coloque este dilema diante de mim, rezou ele para Axat. *Por favor, não me obrigue a fazer essa escolha.*

Niente pensou ter ouvido uma risada distante dentro da sua cabeça enquanto rezava.

Sergei ca'Rudka

Havia um cheiro nos níveis subterrâneos da Bastida: o fedor do desespero humano, o mau cheiro da dor. Até as pedras estavam impregnadas do odor. Sergei achava que, se a Bastida fosse demolida, um século depois as ruínas ainda exalariam esse fedor asqueroso.

Esse era um cheiro que ele adorava, de um jeito estranho, pois era um cheiro que Sergei contribuiu muito para criar ao longo de décadas. Sua mão — muitas vezes, por vezes *demais* — tinha provocado o eco de gritos de terror ali, um terror que fazia homens e mulheres perderem o controle de suas bexigas e intestinos, que derramava sangue nos paralelepípedos.

Seu próprio espírito, ele pensou, devia ter o mesmo cheiro. Quando os retalhadores de alma finalmente pegassem Sergei, será que eles recuariam com o odor ao arrancarem a imortalidade de seu corpo com suas garras? Dilatariam as narinas com o esgoto que ele guardava?

Sergei pensava sobre isso cada vez mais, mas não havia nada que ele pudesse fazer para mudar isso. A podridão era tão parte dele quanto dessas pedras, da própria Bastida.

O corpo de Sergei também era uma Bastida, uma torre que aprisionava sua alma, que berrava de terror sem ser ouvida, nas profundezas.

Sua bengala produzia uma batida insistente e constante nos degraus de pedra enquanto ele descia. Seus quadris doíam, suas costas o incomodavam a cada degrau, até ele chegar ao piso plano do andar mais baixo da torre. O ar era úmido e frio. Não importava que fosse verão ou inverno acima; o que espreitava aqui era um outono eterno e morto. A única luz vinha de duas tochas em anéis de ferro na parede. Os dois gardai de serviço o saudaram, mas Sergei também pôde notar o olhar de cumplicidade que eles lançaram para o velho rolo sujo de couro sob seu braço e o sorriso que ambos trocaram.

— Boa noite, embaixador — disse um deles. — É um prazer vê-lo, como sempre. Eu pensei que a kraljica tivesse despachado o senhor para Brezno.

— Eu parto amanhã — respondeu Sergei. — O morelli?

— Ali. — O outro garda apontou para a cela mais próxima. — Posso abrir a porta, embaixador?

Sergei assentiu, e o garda tirou do cinto um aro grosso de aço cheio de chaves e enfiou uma delas na fechadura. Ela girou com um ruído metálico. As dobradiças fizeram o mesmo quando o homem abriu a porta da cela.

— O senhor precisa que um de nós fique, embaixador? — perguntou o garda. — Posso ficar, se quiser.

O rosto do homem não assumiu nenhuma expressão, mas Sergei sabia no que ele estava pensando. Ele concordou enquanto o garda recolocava as chaves no cinto.

— Seu amigo pode ir almoçar, então — falou o embaixador.

Os dois gardas trocaram olhares novamente antes de o outro prestar

continência e ir embora. Sergei passou pelo batente da cela e pisou no chão coberto por uma palha suja e asquerosa. Um homem acorrentado estava agachado no fundo da cela, com as mãos algemadas e um silenciador preso na cabeça — uma gaiola de metal presa à cabeça, com uma ponta envolvida em pano e enfiada dentro da boca do sujeito, de maneira que sua língua estivesse coberta e contida, para que não conseguisse falar. As sombras agitadas, provocadas pelas tochas no corredor do lado de fora, arranhavam a escuridão da cela. Os olhos do homem, escuros nas cavidades de seu rosto, olharam fixamente para Sergei com uma esperança desesperada, que esmaeceu quando ele viu o rolo de couro. Ele gemeu sobre a ponta de metal que mantinha sua língua para baixo. Sua saliva reluzia na armação de metal negro.

O mau cheiro da cela aumentou.

— Você é um téni-guerreiro? — perguntou Sergei.

Ele pousou o rolo, ainda amarrado, a seus pés e gemeu com o esforço de dobrar o corpo — o rolo caiu até a palha e emitiu um retinir abafado de metal.

— Um téni-guerreiro? — ele repetiu, enquanto o homem arregalava os olhos.

O garda atrás de Sergei riu.

O prisioneiro meneou a cabeça afirmativamente.

— Ah — respondeu o embaixador, que se apoiou na bengala e espiou o homem. — E um simpatizante morelli, também?

Uma hesitação, seguida de outro gesto com a cabeça, mais breve.

— Você é o o'téni Timos ci'Stani?

Um assentimento final.

— Ótimo — disse Sergei. — Não deve haver mentiras entre nós, Timos. Posso usar seu prenome? Você pode me chamar de Sergei, se quiser. Veja bem, Timos, mentiras sempre causam dor. Mesmo lá fora, no mundo, uma mentira com o tempo vira um veneno que causa a violência. Mas mentiras são especialmente voláteis aqui na Bastida. Mas aqui no calabouço, só deve haver a verdade. Você entendeu?

Desta vez o homem lhe devolveu apenas um olhar fixo, mas Sergei continuou.

— Ótimo. Agora, eu estaria disposto a remover a mordaça de sua língua se você jurar por Cénzi que não usará o Ilmodo. Você jura?

Um gesto com a cabeça, mais desesperado dessa vez, acompanhado por um "ruro" abafado da boca.

— Muito bem. Eu vou aceitar esse juramento, embora por segurança,

vou manter suas mãos algemadas. Aqui, deixe-me soltar o silenciador em volta da sua cabeça...

Como um téni-guerreiro, ci'Stani tinha poder suficiente para reduzir Sergei a uma massa carbonizada. A menos que o homem tivesse aprendido a usar a magia dos numetodos, que exigia uma única palavra e um gesto limitado para ser lançada, não havia perigo real em remover o silenciador. A magia dos ténis levava tempo, e os poucos elos de corrente entre as algemas impediam o prisioneiro de fazer o gestual necessário para criá-la. Cuidadosamente, mesmo com delicadeza, Sergei removeu o aparato de ci'Stani, que engasgou assim que o pino segurando sua língua foi removido. O embaixador sentiu um arrepio passar por seu corpo ao fazê-lo. Talvez o homem tivesse aprendido o suficiente dos métodos numetodos para lançar um feitiço...

O perigo era parte da excitação. Parte da emoção.

O homem cuspiu secamente, inspirou vários goles do ar fétido e mexeu o maxilar.

— Obrigado, embaixador ca'Rudka — falou o homem.

Ele fez o sinal de Cénzi meio sem jeito, chacoalhando as correntes que prendiam suas mãos.

— Que Cénzi o abençoe.

— Rezemos para que isso aconteça, Timos — respondeu Sergei fervorosamente. — O comandante co'Ingres me informou que você foi capturado no Velho Distrito há duas noites e que, estranhamente, muitos ténis desapareceram dos templos naquela noite, na companhia de simpatizantes morellis. E que, estranhamente, quando o comandante ca'Talin saiu para confrontar os tehuantinos em Villembouchure na manhã em que você foi capturado, a maioria desses mesmos ténis-guerreiros não apareceu, apesar das ordens da a'téni ca'Paim.

— Eu não sei nada a esse respeito, embaixador — disse o prisioneiro.

— Então fale por si mesmo, Timos. Por que você estava no Velho Distrito? Você estaria entre os ténis-guerreiros desaparecidos, Timos, caso — Sergei olhou para as correntes do homem — não tivesse sido detido por nós?

— Eu...

Ci'Stani se deteve e umedeceu os lábios rachados. Havia hematomas em seu rosto, Sergei notou, e uma lacuna branca de um dente quebrado encravada em seus dentes da frente.

— Eu estava no Velho Distrito porque tenho uma amante lá. Eu estava voltando para o templo depois de tê-la visitado.

— Você não estava em uma reunião com os morellis, então? Não estava com Nico Morel?

O homem negou com a cabeça enfaticamente.

— Não, embaixador, eu não estava.

Sergei assentiu.

— Eu quero acreditar em você, Timos, quero mesmo. Mas, veja bem, meu amigo, o comandante capturou mais de um téni no Velho Distrito nessa noite, e eles disseram que houve uma reunião com Nico Morel na mesma noite e confessaram que você esteve entre os participantes.

Isso era uma mentira — não havia outro prisioneiro téni. Um utilino em patrulha encontrou o o'téni ci'Stani no Velho Distrito e sabia que o téni-guerreiro deveria estar dormindo no templo. Ci'Stani fugiu quando o utilino tentou detê-lo, e o homem o subjugou com um feitiço. Ci'Stani deu a mesma desculpa que contou a Sergei ao utilino, sobre uma amante no Velho Distrito, mas o homem suspeitou e chamou a Garde Kralji, em vez da equipe do templo.

Seguindo ordens de Sergei, a Garde Kralji ainda não tinha notificado a a'téni ca'Paim sobre a captura de um de seus ténis-guerreiros desaparecidos. Isso poderia esperar, quando Sergei soubesse o que o homem sabia.

O embaixador observou o téni de perto. Apesar do frio, gotas de suor tinham se formado na testa de ci'Stani. Sergei fez uma careta, sentindo dor nos joelhos ao se agachar perto do rolo de couro. Ele começou a desatar as cordas que prendiam o rolo.

— Você vê o meu dilema, imagino — falou Sergei. — Alguém está mentindo. E, como eu disse antes, mentiras causam dor.

Dito isso, ele fez um gesto e abriu o rolo de couro, exibindo os instrumentos muito usados nas presilhas: as tenazes, as brocas, os alicates, os furadores, as facas afiadas. O téni olhou fixamente para eles todos. Ele ouviu o garda suspirar. Sergei abriu um bolso no rolo e tirou uma barra de latão espessa com um buraco no meio. A ponta da barra estava muito achatada e arranhada, como se tivesse sido muito usada. O embaixador tirou um pedaço de madeira afunilado do mesmo bolso, enfiou no buraco no meio da barra e a fechou. Ele ergueu o martelo bruto, revirando o objeto contra a luz tênue que entrava pela porta da cela.

Sergei dizia a si mesmo que fazia isso apenas para assustar o homem, e sabia que era mentira.

Mentiras sempre causam dor.

Ci'Stani olhou fixamente para o martelo de latão.

— Por favor, embaixador... Sim, sim, eu estive com Nico Morel. Eu confesso de livre e espontânea vontade. Estive com ele no Velho Distrito. Eu poderia dizer onde, mas ele não estará lá agora; o Absoluto se muda constantemente, nenhum de nós sabe onde ele está agora.

Ci'Stani umedeceu os lábios novamente, as palavras saíram tão rápido que ele quase não conseguiu acompanhá-las.

— Eu levaria o senhor até ele se pudesse, mas não posso, embaixador, e esta é a verdade de Cénzi. Eu juro. Ele passa uma noite aqui, uma noite lá. Ninguém sabe onde. Há um anúncio do lugar da reunião, mas ele só nos avisa a poucas viradas de ampulheta antes...

Sergei empunhou a barra e bateu com sua ponta de latão no chão. O impacto sacudiu seus músculos até o ombro, mas ele não deixou isso transparecer para ci'Stani. Mesmo com a palha para abafar, o som emanado tinha sido terrível.

— Ah, por favor, embaixador. Eu disse a verdade — implorou ci'Stani, sua voz cedendo a um soluço.

Sergei assentiu.

— Tenho certeza de que disse, Timos — disse ele gentilmente, quase como se estivesse sussurrando para uma amante. — Embora você não tenha contado *por que* Nico Morel queria a sua presença ou o que disse para você.

A cor da pele do homem ficou visivelmente pálida.

— Por favor, embaixador. Eu jurei para Cénzi que não revelaria isso, que não trairia o Absoluto ou os morellis...

— Você também jurou que obedeceria ao archigos e à a'téni, e você já violou esse juramento, como você confessou. Eu tenho a permissão da a'téni ca'Paim para fazer o que achar necessário para extrair a verdade de você.

Isso também era mentira. O homem seria devolvido a ca'Paim quando o interrogatório terminasse. Sergei sabia que a a'téni não ficaria feliz com a condição de ci'Stani, nem com o que ele tinha a dizer.

— Então, qual dos juramentos você quer manter, Timos? Escolha com cuidado.

O homem abaixou a cabeça, como se tivesse levado um golpe. Seus olhos estavam fechados, sua boca se mexia. Sergei pensou que ele estivesse rezando.

— Diga-me, Timos.

O embaixador disse suavemente. Quase em um suspiro. Uma súplica.

— Diga-me.

Ci’Stani ergueu a cabeça. Seus olhos úmidos e derrotados.

— Tudo bem.

Ele começou a falar, e o que disse deixou Sergei tão assustado que o embaixador não fez nada além de escutar. Quando o homem terminou, Sergei conseguiu apenas balançar a cabeça, em uma mistura de raiva e tristeza. Ele precisaria falar com a kraljica novamente e também com a a’téni ca’Paim. Muito em breve.

Mas não agora. Ele sentiu o velho desejo possuí-lo por dentro, sua respiração acelerou ao pensar nessa vontade, ao tentar lutar contra ela. Agora. *Você tem tudo o que precisa. Sabe que ele falou a verdade. Que este seja o momento em que você dá as costas e vai embora. Esse é o momento em que você pode mudar.*

Mas Sergei não podia mudar. Suas pernas tremiam enquanto ele permanecia agachado sobre a palha diante de ci’Stani, mas ele não se mexeu. Suas pernas o forçaram a permanecer ali.

— Diga-me, Timos — falou ele. — Você domina as letras?

Ci’Stani olhou confuso para Sergei.

— Embaixador?

— Você sabe escrever? Assinaria uma confissão se eu lhe desse uma?

O prisioneiro concordou lentamente com a cabeça.

— Ótimo. E com que mão você escreve?

— Ora, com a direita...

Ci’Stani começou a responder, mas se deteve. Ele deu uma olhadela novamente para o martelo na mão de Sergei.

— Embaixador, eu contei o que o senhor queria saber. Contei tudo. Tudo. Eu juro.

— Eu sei que contou, e pelo bem de Nessântico, eu agradeço. — Ele ergueu o martelo. — Eu preciso de sua mão esquerda, Timos. Sinto muito. De verdade.

Sergei se perguntou se ci’Stani podia ouvir a sinceridade em seu tom de voz ou se acreditava. Ele acenou com a cabeça para o garda, que deu um passo à frente e agarrou o pulso esquerdo do prisioneiro, espalmando sua mão contra o chão de pedra. Ci’Stani lutou, e sua mão direita chacoalhou as correntes ao tentar puxar a esquerda. O garda colocou o joelho sobre o braço direito do homem.

— Embaixador, o senhor não pode fazer isso. Não!

— Não posso? — perguntou Sergei.

Sua voz ficou mais severa, mais ansiosa — e essa ansiedade enojava Sergei. *Você pode parar com isso*, declarou uma parte calma do

embaixador. *Você já tem o que precisa. Pare agora, como você diz que quer. Como deveria fazê-lo*. Mas seu desejo gritou mais alto.

— Ah, eu *posso* — respondeu ele. — Eu lhe garanto. E também garanto que você se arrependerá da não ter colaborado, e que gostará ainda menos das partes que eu escolher torturar se não cooperar. Agora, Timos, tem mais alguma coisa que você precisa me contar?

Ci'Stani o olhou fixamente e agarrou a palha com a mão ao tentar puxá-la novamente do garda. As correntes que mantinham suas mãos presas retiniram contra a pedra como o badalo triste e monótono de sinos. O garda deu-lhe uma cotovelada no rosto; Sergei ouviu seu nariz se quebrar e o sangue espirrar.

— Você ouviu o embaixador — disse o garda. — Fique parado ou a coisa vai piorar para o seu lado.

O prisioneiro gemeu. Sua mão esquerda foi espalmada contra as pedras. Sergei achou os gritos que se seguiram prazerosos e odiou o prazer que sentiu.

MANOBRAS

Niente

Sergei ca'Rudka

Nico Morel

Brie ca'Ostheim

Allesandra ca'Vörl

Rochelle Botelli

Niente

Sergei ca'Rudka

Varina ca'Pallo

Jan ca'Ostheim

Niente

Havia armadilhas na água, cabos com garras de aço que rasgavam os cascos de madeira dos navios e despejavam a água gelada do rio nos porões. As embarcações da vanguarda inclinaram, desequilibradas, os mastros mergulharam na superfície do A'Sele, jogando homens aos gritos na água...

— Eu vi uma vitória certa, tecuhtli — disse Niente para Citlali.

O líder dos guerreiros supremos reclinou-se em um ninho de almofadas em sua cabine. A águia vermelha dos tecuhtli em sua cabeça pareceu agitar suas asas quando ele estendeu a mão para pegar a taça de cerveja forte a sua frente. Seu tronco estava nu, e Niente pôde notar que seu corpo denunciava a idade: o peito flácido como os seios de uma mulher; os músculos do braço ainda eram grossos, mas já não eram tão definidos quanto os músculos de outros guerreiros; sua barriga se arredondava em uma confortável pança. O guerreiro supremo Tototl, o segundo em comando, após Citlali, estava sentado à direita do líder, com o rosto impassível.

O corpo de Tototl era magro e rígido. Niente pensou que, se Tototl desafiasse Citlali pelo título de tecuhtli, sua aposta não seria em Citlali, apesar de seus vários anos de experiência. O declínio da idade afetava mais a classe guerreira que a dos nahualli. Para os nahualli, experiência e idade geralmente eram mais uma indicação de poder e habilidade.

Niente também estava sentado sobre almofadas do outro lado da mesa baixa, em frente ao tecuhtli Citlali, a bebida diante de si intocada. Atl estava a seu lado, tão calado quanto o guerreiro supremo Tototl.

— Vitória certa — repetiu Citlali, saboreando as palavras.

Niente assentiu.

— Eu vi nosso estandarte tremulando sobre a cidade. Vi seus defensores fugindo em massa para a terra além das muralhas da cidade. Vi os corpos dos defensores nas muralhas destruídas. Mas...

Niente fez uma pausa. Ele se debruçou sobre a mesa, na esperança de que isso diminuísse o incômodo em suas costas curvadas e juntas doloridas.

— Esta vitória não será como em Karnmor ou Fossano, tecuhtli, onde os sobrepujamos com a superioridade numérica e o elemento surpresa. Essa vitória cobrará seu preço. Os orientais sabem que estamos aqui, e a kraljica enviou tropas para cá, reforçando a guarnição da cidade. Eu também vi que eles descobriram o segredo da areia negra, assim como os nossos espiões nos contaram. Os orientais usarão a areia negra contra nós. Eu vejo a vitória, sim, mas não será fácil.

Niente ouviu Atl se agitar atrás de si. Ele não ousou olhar para trás e rezou para que o rapaz se lembrasse de seu lugar e ficasse calado. O tecuhtli Citlali franziu um pouco a testa diante da advertência.

— Havia outros caminhos em sua visão, nahual Niente? — perguntou Citlali. — Uma via melhor para nós do que esta? Alguns dos guerreiros têm reclamado que é o momento de deixar os navios para os marinheiros e irmos por terra, onde podemos encontrar alimento fresco e também esses orientais espada a espada, se eles tiverem coragem.

Niente ouviu Atl respirar fundo enquanto balançava a cabeça.

— Havia outros caminhos, sim, mas posso afirmar que todos levavam a resultados piores do que esse. Em um deles, nossos navios foram dispersos e destruídos completamente e não podíamos voltar para casa. Eu vi um caminho em que nossos guerreiros iam para a terra cedo demais, e isso não era bom: o exército dos orientais nos esperava ali, e embora houvesse vitória para nós, o preço era tão alto que, no fim, teria o mesmo sabor que o da derrota.

Atl bufou atrás de Niente, como se estivesse prestes a falar, e o olhar de Citlali se desviou ligeiramente para o filho do nahual, assim como o de Tototl. Mas Atl permaneceu calado. Niente se apressou em continuar.

— Atenha-se à estratégia que discutimos, tecuhtli, e eu lhe prometo o melhor resultado. E agora... — disse ele, levantando-se com dificuldade e notando que Atl não se ofereceu para ajudá-lo. — ... tenho que verificar se os nahualli estão todos preparados e se a areia negra está misturada como deve, para que amanhã estejamos prontos quando chegarmos a Villembouchure. Nós já tomamos a cidade antes, sob o comando do tecuhtli Zolin. Ela será nossa outra vez, eu prometo. A partir daí, sim, os guerreiros poderão permanecer em terra e marchar em direção a Nessântico e à recompensa que o senhor procura.

Citlali ficou radiante. Ele bebeu o resto de sua cerveja e bateu com a taça na mesa.

— Excelente! — berrou o tecuhtli, bêbado. — Vá, então, faça o que é preciso, eu direi aos guerreiros que deixaremos os navios amanhã.

E eles farão exatamente isso. Eles não terão escolha.

Niente fez uma mesura e saiu do camarote, sem olhar para Atl enquanto cruzava o pequeno corredor e subia a escada para o tombadilho do navio. Ele piscou sob a luz do sol e inspirou o ar fresco e agradável que já não cheirava a ou tinha gosto de cinzas e maresia, mas da terra e do rio. De ambos os lados, a terra dos Domínios se espalhava, difusa sob sua pobre visão mutilada — colinas verdejantes (embora ainda houvesse muitas partes cobertas por cinzas); pequenos vilarejos aqui e ali, a maioria abandonada, devido às notícias da iminente invasão; as bocas reluzentes de córregos e rios menores que derramavam água no grande rio. Esta era uma terra linda, quase tão bonita quanto a terra do próprio Niente.

Os navios da frota encheram o A'Sele, uma longa fileira de três ou quatro navios de largura que desaparecia nas amplas curvas do rio. O vento estava a seu favor, soprando fortemente em direção ao leste, as velas ondulavam e estalavam sobre eles, e os marinheiros ajustavam os cabos enquanto os oficiais do convés berravam ordens. Sob as proas, a água branca formava ondas e se espalhava. O *Yaoyotl* estava entre a vanguarda da frota, embora houvesse embarcações à sua frente. Niente olhou para os altos deques de popa e os imaginou como os tinha visto em sua visão.

— Taat!

Niente sentiu a mão do filho tocar seu ombro. Ele se virou para ouvir o que sabia (e odiava) o que ele tinha a dizer.

— Por que o senhor disse para o tecuhtli para não desembarcar as tropas agora? Eu vi esse caminho na tigela premonitória. O senhor também deve ter visto. Essa era a melhor escolha de todas. Era uma vitória fácil.

Niente se forçou a olhar nos olhos do filho.

— Então você interpretou mal a visão — ele respondeu, mas Atl já balançava a cabeça em negação.

— Não, taat, estava bem claro para mim. Não havia exército esperando por nós na estrada, como o senhor disse para o tecuhtli. Eles esperam que nós os ataquemos pelo rio, e é lá que eles colocaram suas forças. Eu os vi surpreendidos e desorganizados. E vi outra vitória rápida para nós. Eu nos vi indo em direção à grande cidade com toda a nossa força intacta.

— Você viu errado — insistiu Niente — ou interpretou mal o que viu.

Atl continuou balançando a cabeça.

— Estava *claro*, taat. As brumas se abriram e eu *vi* o caminho, como se

eu estivesse lá. Talvez...

Ele mordeu o lábio inferior rapidamente, embora Niente soubesse o que ele queria dizer. *Talvez* o senhor *esteja enganado.*

Niente sabia que o que Atl tinha visto era correto. Sua própria visão tinha tido a mesma clareza da visão do filho e não tinha sido diferente. Mas ele não podia admitir isso agora. Para o Longo Caminho ser alcançado, as forças tehuantinas tinham de ser reduzidas aqui ou eles devastariam tanto Nessântico quanto o Longo Caminho — se ele ainda existisse. A*xat, por favor, mostre-me que não estou errado quanto a isso. Deixe-me ver novamente, com a clareza de antes. Por favor, mostre-me que Atl pode ser poupado, como antes...* Niente ainda tentaria seguir o Longo Caminho, mas não sabia se conseguiria sacrificar seu filho em nome dele. Se Axat exigisse isso...

— Talvez? — repetiu Niente, enunciando a palavra em uma réplica de zombaria. — Você está acusando o nahual de ser incapaz de interpretar as visões de Axat? Você pensa que é capaz de ver o que eu não posso? É isso o que você está dizendo, Atl? Quer voltar e dizer ao tecuhtli Citlali, depois de passar alguns poucos dias aprendendo a habilidade da vidência, que agora é meu superior, que as décadas que passei debruçado sobre as águas não são nada comparado ao grande poder de Atl? Quer dizer para ele para abandonar meus conselhos e ouvir os seus? Você é tão orgulhoso e arrogante assim?

As palavras golpearam o jovem como o estalo de um chicote. Atl franziu os olhos e a boca.

— Não — ele respondeu, finalmente, ainda que o tenha dito com um resmungo de má vontade. — Mas o senhor devia olhar na tigela de novo, taat. Hoje à noite, antes de chegarmos à cidade.

— Por quê? — disparou Niente. — Você acha que enxergarei a *sua* visão e não a minha?

Atl deu de ombros.

— Eu olharei — respondeu o nahual —, mas sei o que verei. Axat já me mostrou. Agora, vá pegar a tigela premonitória e o pó. Eu farei isso agora.

Atl assentiu e saiu correndo. *Eu sei o que verei.* Ele veria o que Atl viu e mentiria novamente.

Sergei ca'Rudka

Um humor soturno envolveu Sergei na Bastida, enquanto ele enrolava seus instrumentos de tortura e deixava para trás o corpo ensanguentado e atormentado do téni-guerreiro ci'Stani. Esse humor tinha ficado mais soturno essa noite, enquanto ele se preparava para partir para Brezno. E atormentara seu sono, preenchendo seus sonhos com pesadelos e imagens horríveis. Nas visões sangrentas, o corpo de Sergei estava acorrentado na Bastida; e quando a porta da cela era aberta, ele mesmo estava diante de si, se ajoelhando e sussurrando uma falsa compaixão e avançando contra ele com instrumentos de sofrimento. Sergei acordou gritando três vezes, com a roupa de cama ensopada de suor e enroscada nele, o coração batendo contra seu peito e os pulmões arfando. Durante o último sonho, seu debater arrancou o nariz de seu rosto; ele o tinha encontrado caído sobre a roupa de cama, reluzente na claridade cinzenta e difusa da falsa aurora.

Ele não conseguiu voltar a dormir. Seu humor, a sensação de desespero, tinha tomado conta dele. O embaixador não sabia por que tinha ido ver Varina de novo, desta vez na casa dela. Não havia motivo para isso; Sergei já tinha dito o que precisava dizer para ela. Mas ele descobriu que não conseguia entrar no templo e rezar para Cénzi; isso parecia errado, de alguma forma. E ele não tinha vontade de confessar a um téni qualquer o que tinha feito: no dia anterior ou por longos anos, até hoje.

Bastava que ele soubesse. Bastava que outras pessoas desconfiassem.

Seu humor se tornou mais soturno. Sergei foi envolvido em sua atmosfera. Ele se perguntou, enquanto caminhava, se estaria preso a uma noite eterna, ainda que o sol brilhasse intensamente sobre ele.

— Eu falei com Talbot — ele disse para Varina, fingindo indiferença, sentado em frente a ela no solário da casa. — Ele me disse que você se recusou a sair da cidade, apesar de concordar com meu conselho.

Ele estalou a língua em reprovação ao encará-la, balançando a cabeça.

— A'morce, estou desapontado com a senhora.

Varina riu.

— Não me venha com mentiras, Sergei. Eu conheço você há muitos anos. Você não esperava que eu fosse embora; você só queria me aconselhar para aliviar a sua consciência para que você pudesse dizer "eu disse". Bem, você já fez isso. Sua consciência pode ficar aliviada.

Minha consciência... As palavras apunhalaram Sergei como uma faca torcida em suas entranhas.

Mas ele ignorou isso. Sergei espalmou as mãos como se tivesse sido

apanhado roubando um rolo de cozinha.

— Obviamente, eu sou completamente transparente para você, Varina. Mas isso não significa que meu conselho não tenha sido sensato. E não é tarde demais. Eu mesmo vou partir em algumas viradas da ampulheta, e esperamos que os tehuantinos ataquem Villembouchure a qualquer momento. Se o comandante ca'Talin não conseguir deter o avanço inimigo ali, e eu não acredito que ele tenha tropas ou apoio para fazê-lo, especialmente porque a a'téni ca'Paim teve dificuldades em encontrar ténis-guerreiros dispostos a se juntar a ele, os ocidentais avançarão contra Nessântico dentro de uma semana.

Varina suspirou.

— Eu sei. Eu já dei licença aos meus funcionários pessoais e lhes disse para irem para longe daqui, com algum parente ou amigo ao norte ou ao sul. — Ela apontou para a mesa à frente deles onde havia um bule de chá e uma pequena pilha de biscoitos velhos. — É por isso que minha hospitalidade está tão pobre, infelizmente. Eu peguei o que pude na cozinha. Vou me mudar para a Casa dos Numetodos esta noite.

Sergei balançou a cabeça novamente. Ele esfregou o nariz e verificou se a cola que ele tinha passado de manhã ainda prendia o objeto de metal firmemente ao rosto.

— Nós estamos velhos, Varina, e já passamos por provações demais na vida. Esta não deveria ser mais uma de nossas batalhas.

— Isto dito pelo homem que está partindo para Brezno em algumas viradas.

A escuridão que o envolvia se aprofundou. Sergei não conseguiu rir.

— Eu sou obrigado a ir; é meu dever com a kraljica. Você não *precisa* ficar.

Varina se inclinou para frente e se serviu de chá. Ela assoprou o líquido quente, seus lábios se franziram tanto que todas as rugas em seu rosto se reuniram ali. *Velhos...*

— Tem mais alguma coisa lhe perturbando, Sergei — ela disse, reclinando-se na cadeira novamente e tomando um gole de chá. — Nós já falamos sobre a minha saída e ambos sabemos a resposta. Então o que você realmente quer dizer?

Ele se perguntou se estava esperando que Varina notasse, que ela perguntasse. E se perguntou se ousaria responder.

— Muito bem, eu tenho uma pergunta para você: eu quero saber no que você se apega. Se não acredita em Cénzi, nem em outro deus qualquer, se não acredita que haja desígnios superiores, ao que você

recorre para obter consolo e orientação?

— Esta conversa levaria muito mais tempo que algumas viradas da ampulheta, Sergei — respondeu Varina. — E é uma pergunta estranha, vinda de você... ou você estaria duvidando da própria fé?

— Eu não sei — ele respondeu, honestamente. — Eu... eu não sou o que a fé concénziana chamaria de um bom homem, Varina. Eu fiz coisas...

Ela balançou a cabeça e pousou a xícara. Ao se inclinar para frente, a mão de Varina roçou na do embaixador e se afastou novamente.

— Sergei, nenhum de nós é perfeito. Nenhum. Todos fizemos coisas de que nos envergonhamos. Eu já vi você fazer coisas heroicas e corajosas também. Isso deve compensar algumas falhas de caráter.

Ele riu, amarga e sinistramente.

— Você não sabe. Você não sabe o que eu... — Sergei se deteve e respirou fundo. — Sinto muito, é melhor eu ir...

— Sergei...

Varina chamou e ele parou em meio ao gesto de pegar a bengala, que estava apoiada na cadeira.

— Os numetodos não têm um único credo ou um conjunto de crenças. Alguns de nós ainda acreditam em deuses, e até mesmo em Cénzi; pode não ser o Cénzi da Fé, mas, ainda assim, uma divindade, mais ausente e indiferente. Outros que acham que talvez exista uma "orientação" para esse mundo, alguma inteligência que faz parte do próprio Segundo Mundo, que dá poder ao Ilmodo ou ao Scáth Cumhacht ou como queira chamar essa energia. Mas... tanto eu quanto Karl acreditávamos que havia outras, e melhores, explicações do porquê das coisas serem como são; uma verdade que a fé concénziana não poderia oferecer. Nós dois acreditávamos que a morte é final, que não há nada além dela. Eu nunca vi uma prova que me convencesse do contrário, mesmo que, depois que Karl morreu, eu tivesse motivos para ter essa esperança. Eu não acredito em deuses, nem na vida após a morte. Mas... eu compreendo o consolo que alguém pode ter ao acreditar que *há* alguma coisa superior a nós, alguma coisa que tenta nos direcionar. Meus pais acreditavam nisso; eu fui educada a acreditar.

— O que mudou para você?

Varina deu de ombros.

— Nada na mitologia fazia sentido para mim; ou melhor, eu vivia tropeçando nas contradições dos textos. Mas eu continuei frequentando o templo durante anos, mais por força do hábito que qualquer outra coisa. Então eu ouvi Karl discursar e comecei a falar com Mika ci'Gillan, que era

o a'morce dos numetodos naquela época, e o que os dois diziam se encaixava para mim. Fazia sentido. Todos aqueles contos do Toustour eram apenas uma forma de tentar explicar o mundo, mas havia pessoas que diziam "não, há outra explicação que não exige intervenção divina, apenas da própria natureza", e aquilo de alguma forma me pareceu *correto*. Eu descobri que eles estavam certos a respeito do Ilmodo, por exemplo: a fé concénziana insistia que só se podia fazer magia através de Cénzi, mas eu podia fazê-la; eu, que não tinha treinamento algum como téni e que não acreditava mais em Cénzi...

Varina fez uma pausa, e Sergei continuou sentado. Ele tinha ouvido as palavras, poderia até mesmo se lembrar delas se tentasse, mas elas não penetraram. As palavras escorreram por seu corpo como água.

— Sergei — continuou Varina após um momento —, como posso ajudá-lo, meu amigo?

— Você não pode. É uma coisa que só eu posso fazer por mim mesmo.

— Eu não acredito nisso.

O embaixador sorriu para ela e se levantou da cadeira, apoiando-se com força no pomo da bengala.

— Fico feliz por você não acreditar. É bom saber que alguém se importa.

— Você sempre foi um grande amigo tanto para Karl quanto para mim, Sergei. E disso eu jamais me esquecerei. Eu sempre estarei por perto para ajudá-lo quando você precisar.

Era difícil manter o sorriso, sabendo que, se um dia ele tivesse precisado trair a amizade de Varina ou Karl para se salvar, ele o teria feito sem hesitação. Mas ele conseguiu sorrir.

— Eu também jamais me esquecerei. E recorrerei primeiro a você, se precisar de ajudar.

— Ótimo — respondeu Varina, levantando-se com ele.

Ela o abraçou, e ele fechou olhos para tentar sentir carinho e confiança. Mas não sentiu nada. Tudo era vazio e frio. Não havia calor, mesmo sob o brilho intenso do sol.

— Cuide-se — aconselhou Varina. — Você é um dos poucos amigos de verdade que me restaram. Não posso me dar ao luxo de perdê-lo. Vou me preocupar com você o tempo todo em que estiver fora.

— E eu me preocuparei com você porque estará aqui.

Ele curvou sua cabeça para ela e saiu do solário, arrastando os pés.

Sergei queria que ela o chamasse: para impedi-lo de sair, para forçá-lo a confessar tudo, para despejar o veneno que havia dentro dele de

maneira que, ao ter de enfrentá-lo, ele talvez passasse a compreendê-lo.

Mas Varina não o chamou.

Nico Morel

A multidão começou a se reunir muito antes da Primeira Chamada, como se esse fosse um dos Dias Sublimes em que a presença no templo era exigida de todos os fiéis. Nas horas frias antes da aurora, eles chegaram à praça do lado de fora do Velho Templo na Ilha a'Kralji: a princípio alguns punhados de pessoas, se aglomerando perto da entrada do templo, depois, pequenos grupos. Havia jovens e velhos, muitos dos quais — pela aparência gasta e esfarrapada de suas roupas e pelo estado de seus cabelos e dentes — eram ce' e ci', ou até mesmo a ralé sem status do Velho Distrito, embora houvesse algumas pessoas bem vestidas espalhadas entre eles, e se pudesse ver um robe de um téni aqui e acolá.

Eles se reuniam enquanto o céu da alvorada começava a ficar cinzento, ganhando, em seguida, um tom hesitante de laranja. Quando o céu atrás da silhueta negra do famoso domo de co'Brunelli ficou dourado, a multidão tinha chegado a algumas centenas de pessoas. Os ténis responsáveis por soar as trompas subiram a longa escadaria para seus postos e ficaram boquiabertos de surpresa ao verem a praça sob sombras apinhada de gente lá embaixo.

Foi quando Nico chegou, em meio aos seus companheiros morellis mais próximos. Liana o abraçava pela cintura, como se estivesse com medo de perdê-lo na multidão — ela insistiu em vir, apesar do pedido de Nico de que ela ficasse. Ele sabia que, a essa altura, alguém já devia ter alertado a a'téni ca'Paim sobre a estranha aglomeração do lado de fora do templo, mas nenhum dos ténis do alto escalão parecia estar observando das portas ou janelas do Velho Templo. Na verdade, a não ser pela aglomeração de morellis e simpatizantes, tudo parecia estranhamente, quase misteriosamente, calmo. Os fiéis que entravam na praça para a missa regular da Primeira Chamada pararam, confusos, diante da aglomeração, sem saber se deveriam prosseguir ou não.

Nico sorriu. Cénzi tinha dito que seria assim. Ele tinha rezado; tinha passado virada após virada da ampulheta de joelhos, pedindo por uma luz antes de encontrar os fiéis que acreditavam nele, e finalmente a visão tinha vindo: Cénzi dissera que eles seriam traídos, que uma confissão

seria arrancada de um morelli fraco demais para resistir, que a Garde Kralji e a a'téni ca'Paim saberiam o que tinha sido planejado.

E esse conhecimento era suficiente. Era suficiente.

Liana espremeu-se contra Nico, e agora Ancel também se aproximava dele.

— Estamos prontos? — Nico perguntou.

Ancel assentiu com a cabeça, sem abrir a boca. Nico podia sentir a trepidação dos passos de mais de vinte discípulos caminhando com eles em direção à praça — os mais íntimos de Nico, os que tinham estado com ele desde os primeiros dias em Brezno, quando a fé concénziana primeiro o abraçou, para depois rejeitá-lo. Em volta deles, um burburinho de empolgação crescia à medida que as pessoas o reconheciam. Nico podia ouviu seus sussurros: "olhe, é o Absoluto... é ele...". Então o canto começou a subir: *"Nico! Nico! Nico!"*. Semelhante a uma pulsação, uma batida, um ritmo. Nem as trompas, que começaram o anúncio fúnebre da Primeira Chamada, conseguiram abafar os gritos. *"Nico! Nico! Nico!".* Os gritos batiam contra as paredes do Velho Templo, reverberavam no domo dourado e eram lançados para o céu da aurora.

Como se convocada pelo chamado, a Garde Kralji apareceu, emergindo do templo e dos edifícios ligados a ele. Os esquadrões surgiram das bocas das ruas e cercaram a multidão: os gardai uniformizados, com suas lanças em prontidão; e utilinos com seus porretes e — sem dúvida — feitiços preparados para controlar a multidão. Os fiéis que tinham vindo atender à missa perceberam que alguma coisa violenta estava prestes a acontecer — a maioria passou pelas fileiras de gardai e fugiu. O comandante co'Ingres e a a'téni ca'Paim apareceram na sacada sobre as portas principais do templo: ao gesto de co'Ingres, um ajudante de ordens tocou uma trombeta, um som estridente, mais alto que o toque monótono das trompas, soou, enquanto dois gardai na sacada sacudiam bandeiras de sinalização.

A Garde Kralji começou a avançar e fechou o cerco em volta dos morellis. Nico acenou com a cabeça para uma téni que os acompanhava: a mulher gesticulou e entoou um cântico, e uma luz irrompeu sobre a praça, jogando longas sombras sobre os paralelepípedos e as pessoas presentes. Os gardai e os utilinos pararam. E até mesmo o gemido das trompas esmoreceu e parou.

Do entorno da praça, fora do anel formado pela Garde Kralji, várias pessoas surgiram das entradas das ruas e dos prédios, a maioria vestida com robes verdes: ténis da fé concénziana, sim, mas ténis que

reconheciam Nico como o profeta de Cénzi, como o Absoluto de Cénzi. Muitos deles eram ténis-guerreiros, os mesmos ténis que tinham sumido quando a'téni ca'Paim os tinha mandado se juntarem ao comandante ca'Talin e à Garde Civile para defender Villembouchure. Nico pôde ver — sobre a entrada com colunas do templo — a a'téni ca'Paim apontando e gesticulando para o comandante co'Ingres ao se dar conta do que estava acontecendo. Co'Ingres voltou-se desesperadamente para seus assistentes, e a trombeta soou um novo chamado nervoso enquanto as bandeiras de sinalização eram freneticamente agitadas.

Era tarde demais. Os ténis-guerreiros dos morellis já tinham começado seus cânticos e agora gesticulavam. Fogo e fumaça floresceram sob a luz da alvorada, desenhando um arco no ar e descendo sobre as fileiras de gardai, onde explodiram como se a própria fúria de Cénzi caísse sobre os desgraçados moitidi que O desobedeceram. Berros e gritos ecoaram por toda a praça quando uma chama gelatinosa caiu sobre os gardai, aderindo em suas roupas e pele enquanto queimava: o pior tipo de fogo mágico. A Garde Kralji normalmente lidava com controle de multidões e pequenos grupos; ao contrário da Garde Civile, eles não estavam acostumados a batalhas organizadas em larga escala, e agora suas fileiras tinham se desfeito completamente enquanto os gardai corriam para um lugar seguro para fugir das chamas.

— Agora! — berrou Nico.

Mais uma vez, os ténis lançaram uma explosão de luz branca sobre a praça.

— Para o templo! — ele gritou.

Sua voz ecoou mais alto que os gritos, mais alto que a trombeta, mais alto que as trompas. Sua voz ecoara como um trovão nos edifícios em torno da praça.

— Nós tomaremos de volta o que pertence aos verdadeiros fiéis!

Seus discípulos avançaram em direção aos portões principais, e os outros, que tinham sido convocados por Nico, os seguiram. Os gardai a postos na entrada do templo posicionaram suas lanças, mas os agressores eram muitos: a multidão passou por eles e muitos derrubaram suas armas. Os portões foram abertos, soltando um guincho metálico. Lá dentro, Nico vislumbrou as paredes douradas com afrescos; as colunas entalhadas que suportavam o peso imenso do teto distante e arqueado; as fileiras sem fim de bancos envernizados; o braseiro que ardia com o cheiro de incenso forte; o domo grandioso e inacreditável, pintado com imagens de Cénzi lutando com os moitidi, com o coro e o Alto Púlpito

muito abaixo, parecendo minúsculo em contraste com o espaço gigantesco. Nico absorveu tudo — este espaço sagrado, este palácio reverente construído em homenagem a Cénzi que nem o fogo pagão dos ocidentais conseguiu destruir completamente.

Este lugar era sacro. Era a encarnação da história, e aqui ele começaria a escrever a sua própria história.

Seus discípulos se dirigiram para o lado, nenhum deles tinha entrado ainda. A multidão estava atrás de Nico. Lá fora, na praça, os soldados se contorciam de dor ou estavam mortos ou tinham fugido.

Nico deu um passo. Mais um. Cruzou o limiar do lugar no qual tinha sido proibido de entrar novamente como téni e, ao fazer isso, ele deixou o manto cair de seus ombros no chão, revelando o robe verde de um téni por baixo.

Ele retomaria seu título e seus direitos. Seria um téni novamente, como Cénzi lhe dissera para ser.

O interior do templo parecia mais claro que a aurora lá fora, as chamas dos braseiros em torno das laterais do espaço emanavam calor e luz e reluziam nas paredes estriadas, brilhando no mármore polido do chão. Nico estava abrigado por tons dourados e marrons quentes, respirando o ar perfumado, aromático e dolorosamente familiar. Ele ergueu a cabeça, olhando para o domo bem acima, no fim do longo altar.

As pessoas ali corriam e fugiam sob a beleza dos afrescos como ratos: um grupo de ténis, com a'téni ca'Paim, com seu robe de detalhes dourados, logo atrás deles, o comandante co'Ingres ao lado dela e os gardai se espalhando ao longo das paredes de ambos os lados. Nico ouviu alguém atrás dele — Liana, pensou — começar um cântico, e ergueu a mão.

— Pare! — ordenou ele. — Não há perigo aqui para os fiéis. Não há perigo para mim.

Com a excelente e lendária acústica do templo, ele pôde ouvir suas palavras serem sussurradas nos cantos mais distantes.

— Como você *ousa*?

As palavras ecoaram ríspidas e amargas no templo. A a'téni ca'Paim galgou os degraus do coro e parou ao lado do Alto Púlpito como se fosse subir e enunciar uma severa Admoestação aos morellis reunidos.

— Como você ousa entrar no templo vestindo o robe que lhe foi tirado pelo próprio archigos? Como ousa entrar nesse lugar sagrado depois de ter matado dezenas de pessoas lá fora? Você está *condenado* aos olhos de Cénzi, Nico Morel, e eu vou arrancar suas mãos e língua por este ultraje!

— Minhas mãos e língua? — respondeu Nico.

Sua voz soou estridente e encorpada em comparação ao urro agudo e ofegante da mulher mais velha.

— Minha língua fala as palavras do próprio Cénzi, a'téni, e minhas mãos carregam a Sua afeição. Elas não podem ser suas. Jamais serão suas.

Nico avançou em direção à ca'Paim, ainda falando. Ele pôde ver os gardai ao longo das paredes, armados com arcos, ajustando suas flechas nos arcos. Nico sorriu e continuou.

— Eu ouço a Cénzi, e Ele me disse que é chegado o momento de eu retomar meu lugar, e que se a senhora, a'téni, ou o próprio archigos Karrol não enxergarem a verdade do que digo, então Ele fará com que vocês amaldiçoem suas cegueiras e lamentem enquanto os retalhadores arrancam suas almas imperfeitas de seus corpos.

— Isso é uma *ameaça*? — disparou a a'téni. — Aqui, no meu próprio templo, na frente do comandante co'Ingres e da minha equipe? Você é um tolo, tanto quanto é um herege.

— Eu não ameaço — respondeu Nico, ainda caminhando em direção a ela.

Ele pôde ouvir o rangido das cordas de couro dos arcos sendo tensionadas. Sua voz soava calma. Bondosa. Repleta de compaixão e compreensão.

— Eu lhe dou uma última chance, a'téni, uma chance de ver o erro em sua crença, de se ajoelhar, fazer o sinal de Cénzi e pedir perdão a Ele.

Nico pensou por um instante que ca'Paim tinha ouvido Cénzi em sua voz, que ela — finalmente, embora tardiamente — tinha compreendido. A a'téni não disse nada. Ela ficou ali, boquiaberta, enquanto Nico percebia que seu corpo tremia como se ela estivesse possuída por uma febre. Seu rosto se ergueu por um momento para o domo de co'Brunelli, para as imagens pintadas lá em cima. Sob seu robe pesado, com detalhes em ouro, suas pernas pareceram ceder, dobrar, e Nico pensou que ela se *ajoelharia* ali.

Mas a tremedeira cessou, e ca'Paim endireitou o corpo novamente.

— Não — respondeu ela. — Eu não farei isso.

Nico suspirou com tristeza.

— Eu realmente sinto muito em ouvir isso.

Ele ergueu as mãos e começou a entoar um cântico.

— Não! — desta vez ca'Paim gritou. — Você está *proibido* de usar o Ilmodo. Detenham-no!

Ela deu a ordem para co'Ingres, que gesticulou. As cordas dos arcos entoaram sua canção de morte, e Nico ouviu Liana gritar, assustada.

Mas já era tarde demais. Nico fez um gesto, carregado com o poder de Cénzi, e as flechas viraram fogo e cinzas antes que pudessem tocar nele. Uma onda visível saiu de Nico, formando um grande arco que se expandiu à sua frente e nas laterais, destruindo tudo o que tocou. Bancos foram erguidos e lançados como se por um furacão, batendo contra as paredes e os gardai. O gesso nas paredes rachou, o fogo nos braseiros estalou e quase se extinguiu.

E no coro, os assistentes ténis, a a'téni ca'Paim e o comandante co'Ingres também foram atirados e lançados. Nico viu primeiro o corpo de ca'Paim bater nas grades nos fundos do coro, quebrando-as em pedaços e, em seguida, uma batida seca e repugnante quando a cabeça colidiu com uma das colunas. Seu corpo caiu no chão; o sangue escorria pela coluna até o piso.

O feitiço cessou, desaparecendo como se nunca tivesse estado ali, e Nico estremeceu por um momento devido ao cansaço e ao frio habitual da evocação. O interior do templo estava em silêncio, exceto pelos gemidos dos gardai e ténis feridos. Co'Ingres tentava se levantar, apesar de seu braço esquerdo, pela maneira como ele o estava segurando, aparentemente estar quebrado. Ca'Paim não se mexeu de forma alguma, e Nico sabia que ela nunca mais se mexeria, nem vários gardai e ténis. Seus olhos se encheram de lágrimas: um desperdício tão trágico, mas necessário...

— Que os retalhadores de almas sejam gentis com a senhora — ele sussurrou em direção ao corpo da a'téni. — Eu perdoo a sua cegueira.

Liana subiu no coro para ficar ao lado de Nico e apoiá-lo, pois o cansaço pelo uso tão forte do Ilmodo fez tremer suas pernas, e ele pôde ouvir os outros discípulos entrando também. Nico olhou para Ancel e apontou para co'Ingres.

— Levem o comandante — disse ele — e cuidem de seus ferimentos. Mande os curandeiros tratarem dele e dos outros.

Nico cuspiu ordens para os demais.

— Liana, cuide para que as portas de entrada sejam bloqueadas e trancadas. Diga ao nosso pessoal para usarem o que puderem. Você e você: mandem nossos fiéis para fora da praça e tragam os ténis-guerreiros para dentro. Vocês três: defendam as outras portas do templo assim que todo mundo estiver dentro. O resto, vamos arrumar esse lugar e deixá-lo como uma casa digna de Cénzi novamente...

Nico viu seus seguidores começarem a se mexer. Depois se ajoelhou, levou as mãos entrelaçadas à testa fazendo o sinal de Cénzi e rezou.

O primeiro passo tinha sido dado. Agora viria o resto da jornada.

Brie ca'Ostheim

— Rhianna, eu queria falar com você...

Rhianna colocou o quarteto de tashtas que carregava sobre a cama, ajeitando o pano para tirar as rugas — Paulus mandou que ela e as camareiras arrumassem roupas e itens essenciais na mala de Brie, para a viagem ao acampamento do exército, e havia vários baús espalhados pelo quarto, meio cheios. As outras duas criadas — mulheres mais velhas que cuidavam do quarto de dormir e das necessidades de Brie — continuaram seu trabalho após fazer uma mesura para Brie. Elas fingiam ignorar sua presença com a longa prática que os criados têm de serem invisíveis quando necessário.

— O que a senhora deseja, hïrzgin? — perguntou a jovem.

Rhianna passou as mãos em seu avental e ajeitou uma mecha do cabelo escuro atrás da orelha. Ela parecia ingênua, mas Brie vinha observando Jan e Rhianna sempre que os dois estavam no mesmo aposento com ela, e não tinha dúvida de que a criada certamente era alguém que seu marido levaria para a cama, se tivesse a oportunidade. Mas Brie estava relativamente convencida de que isso ainda não tinha acontecido. Rhianna demonstrava um certo nervosismo sempre que Jan estava por perto, e sempre se mantinha a uma distância segura do hïrzg. Ela não agia como alguém que já tivesse estado em termos íntimos com Jan. Ainda assim, essa dança era conhecida; Brie já a tinha visto muitas vezes antes: às vezes com criadas, às vezes com damas da corte. Dessa vez era diferente. Rhianna não parecia sentir a ansiedade de ser fisgada como as demais, e isso ao mesmo tempo satisfazia e preocupava Brie. Ela se perguntava o que a criada viria a pedir a Jan como pagamento pelos prazeres de seu corpo, se Rhianna valorizasse tanto assim o prêmio.

— Eu tenho me perguntado se deveria deixá-la aqui com as crianças, na Encosta do Cervo — disse Brie.

Ela observou o rosto de Rhianna com cuidado. Sim, havia um indício de contração do cenho, embora a criada tivesse tentado esconder a reação limpando a testa com a manga.

— Paulus disse que eu iria com os criados para o acampamento — respondeu ela. Brie sorriu.

— Sim. Eu sei. Mas você leva tanto jeito com as crianças, Rhianna. Elissa especialmente, ela gosta muito de você, e as babás estarão ocupadíssimas.

O rosto de Rhianna estava impassível. Esculpido em rocha. As camareiras mantiveram a cabeça baixa, concentradas em suas próprias tarefas: invisíveis. Brie também sabia que elas já tinham ouvido essa conversa ocorrer de um forma ou de outra.

— O que a hïrzgin desejar, é claro — disse Rhianna, mas sua resposta foi dada de maneira lenta e monocórdia.

— A não ser, é claro — continuou Brie —, que o hïrzg prefira que você vá conosco.

Rhianna ergueu o rosto e arregalou os olhos; Brie sentiu um enjoo apontar em seu estômago. *Que olhar estranho: de medo e expectativa ao mesmo tempo, como se ela não soubesse o que quer...* A hïrzgin manteve o sorriso calculado no rosto.

Com Mavel co'Kella, Maria e Greta, e as outras mulheres sobre quem ela soube, a decisão teria sido fácil. Se Rhianna fosse como uma delas, Brie a mandaria ficar aqui, depois a dispensaria ao voltar. Quando as amantes de Jan ficavam muito próximas ou muito ligadas a ele, também se tornavam um perigo para Brie. Com Rhianna, ela não sabia ao certo o que aconteceria. *Talvez seja melhor assim. Se eu dispensá-la, Jan poderia encontrar outra mulher: alguém que eu talvez não viesse a saber por muito tempo. Com Rhianna eu ao menos sei a quem vigiar, e eu sempre posso acabar com o caso. Ela é uma mera pessoa sem status, afinal...*

Brie assentiu com a cabeça, como se para si mesma.

— Eu falarei com o hïrzg — disse ela — e perguntarei o que ele acha.

A garota assentiu.

— Eu vou... — Ela interrompeu o que iria dizer. — Eu deveria terminar de fazer as malas, enquanto isso.

— Sim. Faça isso.

Brie não falaria com Jan. Ela deixaria a garota vir como Paulus queria. E a observaria.

Ela a observaria com muita atenção.

Allesandra ca'Vörl

O a'offizier Pierre ci'Santiago estava visivelmente incomodado com a notícia que trouxera para Allesandra. Sob os cachos negros de seu cabelo amassado e desgrenhado pela pressão do quepe do uniforme, que agora ele torcia nas mãos, o olhar de ci'Santiago evitava o olhar de Allesandra, parecia escorregadio como pés em gelo. Ele olhou para as janelas, depois para o quadro da kraljica Marguerite sobre a lareira, como sempre. Ci'Santiago pareceu sentir um arrepio momentâneo ao ver Marguerite, talvez por se lembrar da loucura do kraljiki Audric anos atrás.

— O comandante foi capturado pelos morellis.

Ele olhou brevemente para a kraljica, arregalando os olhos, depois afastou o olhar de novo.

— Não sabemos ao certo qual o estado de saúde dele, mas o corpo da a'téni ca'Paim, bem como o de vários outros ténis e gardai, foi entregue a nós.

O olhar voltou a pousar em Allesandra, e desceu para os próprios pés dessa vez.

— Os ténis-guerreiros que não tinham acompanhado o destacamento da Garde Civile que a senhora mandou para Villembouchure estavam lá. Todos eles, quando se pensava que tinham fugido da cidade e não ficado para servir. Nem o comandante co'Ingres, nem a a'téni ca'Paim poderiam ter previsto isso.

— Não? É isso que você acha, a'offizier? — perguntou Allesandra, seu estômago ardia como se ela tivesse engolido um carvão em brasa. — Não é a função do comandante antever as ações dos inimigos do Estado? Não é função da a'téni ca'Paim antever as ações dos inimigos da Fé?

Ci'Santiago engoliu em seco.

— Bem, sim, creio que seja, kraljica, mas...

Ele se deteve, sem saber o que dizer a seguir, e Allesandra dispensou com um gesto qualquer argumento que o a'offizier pudesse elaborar. Ela desejou que Sergei estivesse aqui — o homem podia ser pervertido e perigoso, mas não havia estrategista melhor em nenhuma das Gardes. E, senão Sergei, o comandante ca'Talin, que estava comandando a ação em Villembouchure. O ataque ao Velho Templo exigia a liderança da Garde Civile, liderança essa que Allesandra suspeitava que não veria em ci'Santiago.

— Então, a a'téni ca'Paim, minha boa amiga e líder da fé concénziana aqui, está morta — falou a kraljica antes que ci'Santiago pudesse fazer algum comentário novamente. — E Nico Morel e sua gentalha estão controlando o Velho Templo. O que você pretende fazer a esse respeito,

a'offizier, agora que parece que você está no comando da Garde Kralji?

Ci'Santiago balançou a cabeça.

— Kraljica, retomar o Velho Templo teria um preço alto em vidas e talvez em danos à própria estrutura. Com os ténis-guerreiros e outros ténis que Nico Morel tem à disposição, um ataque frontal é praticamente impossível. Eu mandei algumas pessoas entrarem em contato com o arquiteto co'Brunelli para obter o projeto arquitetônico do templo, mas é possível que os ténis que estão com Morel conheçam os caminhos secretos do Velho Templo, especialmente as partes antigas, tão bem ou melhor que co'Brunelli, que, afinal, se preocupou mais com o domo e com a área principal do templo. Também estamos à procura de velhos mapas ou textos na Grande Biblioteca. Eu mandei o meu pessoal cercar o Velho Templo e o complexo anexo. Os morellis estão encurralados. Eles não podem escapar. Também manteremos afastados seus seguidores e provisões, embora as cozinhas do complexo do Velho Templo estivessem abastecidas, sem dúvidas.

— Então você está me dizendo que ele venceu, que o melhor que podemos fazer é sitiar o Velho Templo e esperar que a fome expulse os morellis? Em algum dia, talvez a meses. Você está me dizendo que, a um quarto de virada de caminhada do palácio, nós não temos mais controle sobre um dos prédios mais importantes da cidade?

Ci'Santiago ouviu o tom pesado de sarcasmo em sua voz, e desviou o olhar novamente.

— Até o momento, essa é uma avaliação precisa, kraljica. A não ser que a senhora destaque alguns chevarittai e a Garde Civile para resolver o problema, a Garde Kralji não tem recursos para lidar com uma insurreição tão grande e poderosa. — O a'offizier finalmente encarou Allesandra, desta vez seu olhar era rígido e fixo. — Estou simplesmente sendo sincero, kraljica. Eu gostaria que fosse de outra forma.

Ela suspirou.

— Eu sei. O que Morel quer? Já recebemos alguma exigência dele?

— As exigências estavam presas ao robe da a'téni ca'Paim — respondeu ci'Santiago, quase em tom de desculpas.

Ele enfiou a mão no bolso lateral do casaco do uniforme e entregou um pergaminho dobrado para Allesandra. Ela desdobrou o papel rígido; o texto audacioso era legível, escrito em uma caligrafia elegante e delicada.

Ao archigos Karrol, à kraljica Allesandra e ao hïrzg Jan — Cénzi não vai mais esperar que a Fé recupere o juízo e se volte aos Seus ensinamentos. Ele

exigiu que eu seja Sua Voz e Sua Mão, e eu não sou mais que um humilde e obediente servo. Até este momento, eu obedeci às restrições injustas e equivocadas que o archigos e a Fé me impuseram. Não usei o Ilmodo, não vesti o robe que conquistei, não me apresentei como téni ou como integrante da fé concénziana. Mas Cénzi me mandou quebrar as correntes que vocês amarraram em volta de mim e servi-Lo como Ele deseja.

Eu obedeci.

Saibam que a morte da a'téni ca'Paim não foi culpa senão dela por ter tentado desafiar a vontade de Cénzi; nem eu, nem minha gente tínhamos a intenção de matá-la. Foi Cénzi que a chamou de volta para Seus braços. O comandante co'Ingres foi ferido, mas minha gente está cuidando dele, nós não faremos nenhum mal ao comandante, nem a qualquer um dos prisioneiros sob nosso encargo. Se algum desses prisioneiros morrerem em decorrência dos ferimentos que receberam, nós devolveremos seus corpos para que suas famílias possam chorar e enterrá-los; aqueles que estão bem e aqueles que ainda estão sob nossos cuidados precisam, infelizmente, ficar aqui por enquanto, como tenho a certeza de que vocês entenderão.

Todos vocês devem estar curiosos para saber o que eu espero obter com essa situação. Eu pessoalmente não espero obter nada; eu deixo que Cénzi me diga o que quer de mim. E o que Ele disse foi o seguinte:

Aqueles que participaram dos atos de hoje não serão perseguidos ou punidos por suas ações, as quais foram necessárias uma vez que a Fé fechou seus olhos e ouvidos às súplicas daqueles que viram a fé concénziana se afastar dos verdadeiros ensinamentos do Toustour e da Divolonté. Nós choramos pelas mortes e pelos ferimentos causados, e desejamos que não tivesse sido assim. Mas quando as autoridades não obedecem mais aos princípios que juraram defender, elas devem ser derrubadas. E, se isso exigir violência, então Cénzi abençoará a quem cumprir Sua vontade.

A sede da fé concénziana deve voltar a ser Nessântico, seu lugar de direito.

O archigos Karrol deve abdicar; o Colégio A'téni se reunirá imediatamente para eleger um novo archigos da Fé.

Nenhuma teoria herege será tolerada dentro dos Domínios ou da Coalizão. Aqueles que pregarem tais teorias conhecerão a justiça da fé concénziana. Toda cooperação secular com grupos como os dos numetodos irá cessar imediatamente. Aqueles hereges que se arrependerem e aceitarem Cénzi serão perdoados; aqueles que não se arrependerem, se verão rapidamente nos braços Dele.

A fé concénziana não se envolverá em assuntos seculares, a não ser que eles entrem em conflito com os dogmas da Fé. Portanto, a fé concénziana não se importa que a kraljica Allesandra permaneça no Trono do Sol ou o hïrzg Jan mantenha a coroa de Firenzcia. No entanto, tanto a kraljica Allesandra como o hïrzg Jan devem reconhecer a supremacia da Fé em todas as questões que envolvam o Toustour e a Divolonté, ou a fé concénziana deixará de cooperar com eles. Não será permitido a nenhum téni assisti-los de qualquer forma: os ténis-guerreiros não lutarão com seus exércitos; os ténis-luminosos não iluminarão suas ruas; os utilinos não patrulharão com a Garde Kralji, nem com a Garde Brezno; os ténis de baixo escalão não trabalharão nas indústrias do Estado.

Essas cinco exigências não estão abertas a negociação. Elas refletem a Vontade Divina de Cénzi e não serão — não podem ser — revogadas. Se alguma dessas exigências não for atendida, a ira de Cénzi recairá sobre vocês, assim como recaiu sobre a a'téni ca'Paim.

Aguardamos as suas respostas.

O documento tinha uma assinatura floreada e audaciosa: Nico Morel.

Allesandra dobrou o papel novamente, olhando fixamente para ele em sua mão, resistindo à tentação de jogar o documento no fogo da lareira.

— Bem, o jovem certamente é bem arrogante — comentou ela.

Ci'Santiago não disse nada.

— Mandarei Talbot fazer uma cópia para o hïrzg Jan e para o archigos Karrol e enviar para eles por mensageiro rápido. Eles devem achar isso divertido. Com certeza acharão divertidíssimo o fato de Morel ter tomado o Velho Templo e de nós, aparentemente, não conseguirmos arrancá-lo de lá.

— Sinto muito, kraljica — disse ci'Santiago. — Eu consultarei os outros offiziers, e talvez algum plano possa ser elaborado...

Allesandra fez um gesto para calá-lo.

— Não. Deixe Morel ficar com o Velho Templo. Tudo que peço é que você o mantenha lá. No momento, temos assuntos mais importantes: vamos ver o que acontece com o comandante ca'Talin em Villembouchure. Quando soubermos como ele se saiu, aí poderemos decidir o que precisa ser feito com Morel. Só o mantenha lá, encurralado no buraco que ele próprio cavou. Você pode fazer isso, a'offizier?

Ci'Santiago enrubesceu e assentiu rapidamente.

— Devo mandar alguma resposta para Morel? — ele perguntou.

— Acho que a falta de uma resposta será toda a resposta de que ele

precisa. Isso é tudo por enquanto, a'offizier. Por favor, mande Talbot entrar quando você sair...

Ci'Santiago prestou continência e se virou sobre os calcanhares. Allesandra viu quando o homem lançou um olhar de relance para o quadro de Marguerite ao fechar a porta.

— Desculpe — disse Allesandra para o rosto severo na pintura. — Desculpe se algum dia eu pensei que seria fácil estar no Trono do Sol. A cada dia eu valorizo mais o que você realizou.

O kraljiki Audric podia ter pensado que o retrato de sua mamatarh podia falar e responder, mas o quadro não se moveu para Allesandra. A kraljica Marguerite apenas a encarava, com a testa eternamente franzida em uma expressão austera.

— Se você não agir, o povo vai começar a pensar que você é fraca.

A voz veio da direção de seu quarto. A porta se abriu e Allesandra viu Erik ali, vestindo um dos robes que ela tinha mandado Talbot trazer para ele.

— Eu sei — ela respondeu.

Allesandra tentou esconder a súbita irritação diante do tom de voz de Erik e da maneira indiferente e confiante como ele encostara no umbral. Alguma coisa em seu comportamento a irritava; ela tentou se convencer de que eram a notícia, a falta de serventia de ci'Santiago, a incompetência de co'Ingres e a morte de ca'Paim.

— E eu *agirei* — ela completou.

— Deixe-me conversar com esse tal de ci'Santiago — continuou Erik.

Ele se afastou da parede e caminhou em direção à Allesandra com os braços abertos. Ela se deixou abraçar, mas não devolveu o gesto. A voz de Erik soou como um rosnado baixo em seu ouvido, e seu sotaque magyariano pareceu mais forte que o usual.

— Ou dê-me o comando da Garde Kralji no lugar dele. Eu tenho experiência no comando militar, meu amor. Posso dizer para eles como derrubar esse Morel. Deixe-me ajudá-la, Allesandra, como você me ajudou.

Eu vi seu vatarh comandar seu exército e o vi ser derrotado... Ela não disse. Em vez disso, ela se permitiu relaxar nos braços de Erik.

— Fale com ele, se quiser. Diga-lhe que eu pedi que você o consultasse por mim. Mas não faça nada sem falar comigo antes.

Erik beijou a testa de Allesandra.

— Eu farei isso. Imediatamente.

Ele a beijou mais uma vez e se afastou dela, indo a passos largos para o

quarto. Erik parou ali por um momento e olhou para trás.

— Nós somos ótimos aliados, eu e você. Talvez até um do tipo mais permanente, hein? Nós não *precisamos* dos malditos firenzcianos.

Não pareceu ocorrer a Erik que a própria Allesandra era firenzciana. Ele saiu do quarto. Ela o ouviu assobiar uma canção folclórica magyariana qualquer enquanto se vestia.

Ele estava certo, e ela sabia. Ela tinha que agir, e com vigor. Mas a ideia não a agradava.

Nem, no momento, ela receava Erik.

Rochelle Botelli

O acampamento era ruidoso, sujo e malcheiroso. Fedia a cavalos, lama, homens e fogueiras; retumbava com ordens, xingamentos, risadas e o martelar aparentemente eterno dos ferreiros. As tendas do exército firenzciano cobriam um terreno inclinado não muito longe da cidade fronteiriça de Nessântico, Ville Colhelm. O campo devia ter sido belo e verdejante um dia, colorido por grama e flores silvestres. Agora era uma confusão enlameada e sulcada por alamedas improvisadas entre os baluartes de lona da cidade portátil. Era impossível permanecer limpo aqui. A curta caminhada até as tendas das cozinhas já sujava as pernas de Rochelle até a metade da canela. Uma estrumeira grande tinha sido aberta a favor do vento do acampamento, mas nos dias sem brisa, era possível sentir o odor de podridão e sujeira.

Os próprios soldados reclamavam da ociosidade, irritados com a espera enquanto os offiziers se esforçavam para mantê-los ocupados com manobras, treinos e reuniões, e com a manutenção do equipamento.

Mas a tensão estava no ar. Eles sabiam que poderiam entrar em guerra a qualquer momento, e isso os deixava nervosos e impacientes. Não havia como escapar do mau humor dos soldados, dos chevarittai ou da família real.

Os aposentos do hïrzg e da hïrzgin eram espaçosos e luxuosos comparados às tendas dos soldados. Lá, o chão enlameado era coberto por tapetes, a mobília tinha sido trazida da Encosta do Cervo, e pinturas tinham sido penduradas nas paredes das várias tendas que, juntas, formavam um "palácio" de viagem para eles. Havia a ilusão de que o casal real estava em alguma outra de suas propriedades — pelo menos por

enquanto — e que a rotina de sempre deveria ser seguida, apesar das circunstâncias. O pequeno corpo de funcionários pessoais, sob a gerência implacável e tediosa de Paulus, lhes trazia refeições, lanches e bebidas, cuidava para que as mesas e cadeiras estivessem equilibradas, apesar do solo ser um tanto ou quanto desnivelado e fazia com que a pior parte da bagunça ficasse do lado de fora das tendas.

Os funcionários estavam quase tão descontentes quanto os soldados. O trabalho de manter a ilusão era bem mais árduo que o do palácio.

Rochelle reclamava com os demais criados porque sabia que isso era esperado dela, mas o gesto era feito sem entusiasmo. Na verdade, ela não conseguia evitar a hïrzgin Brie e seus olhares desconfiados, mas aqui a hïrzgin não podia culpar Rochelle por estar perto de Jan. O vatarh, por sua vez, pareceu ter renovado seu interesse por ela. Ele a cumprimentava quando ela passava entre as tendas, e muitas vezes ela o flagrava olhando em sua direção enquanto servia o casal e seus convidados — geralmente o starkkapitän ca'Damont e outros oficiais do alto escalão, assim como algum conselheiro vindo ocasionalmente de Brezno.

Rochelle odiava isso. Odiava que a hïrzgin Brie invariavelmente o notasse, e que isso obviamente a incomodasse.

Assim como no palácio, Rochelle tentou evitar ficar sozinha com Jan. Em parte pela lembrança do acontecido no Palácio de Brezno, em parte para evitar que Brie fosse informada disso e a mandasse embora. O conflito atormentava Rochelle. Ela queria estar com Jan, queria ter contato com o homem que lhe deu a vida, mas Rochelle sabia que, se o hïrzg soubesse a verdade, se de alguma forma ela a deixasse escapar, Jan a negaria. Ficaria furioso. Não quereria ter nenhum contato com Rochelle.

Ela sabia que o conselho de sua matarh estava certo, que ela jamais deveria ter procurado seu vatarh, mas, mesmo sabendo que ela deveria ir embora, ela ficou.

Já fazia quase quatro dias que eles estavam lá quando Paulus entregou para Rochelle uma carta selada que tinha acabado de chegar por mensageiro rápido.

— Leve isso para o hïrzg — ele ordenou. — Eu tenho que cuidar de uma crise nas cozinhas.

— Mas o senhor é o assistente-chefe. O assistente ci'Lawli teria levado a carta em pessoa...

Rochelle começou a reclamar, mas Paulus a interrompeu.

— Não me importa o que você pensa, garota — disparou ele. — Só leve

a carta.

Rochelle se curvou, como o esperado e correu para as tendas do hïrzg.

O criado posicionado à porta da série de tendas reais, montadas um pouco longe das demais, disse a ela que o hïrzg Jan estava em seu "gabinete particular", uma tenda erguida no meio do complexo.

— E a hïrzgin? — perguntou Rochelle.

O homem deu de ombros.

— O starkkapitän ca'Damont a convidou para inspecionar as manobras de hoje, perto do rio. Disse que os homens teriam um desempenho melhor se soubessem que ela estava assistindo.

Rochelle assentiu e passou por ele apressadamente. O burburinho do acampamento ali era abafado, parecia distante. Ela percorreu os "cômodos" do palácio e não viu ninguém por ali. Rochelle bateu na tábua pendurada pelo retalho e entrou assim que ouviu o "entre" abafado de Jan.

O hïrzg estava sozinho. Ela o notou imediatamente. A tenda do "gabinete" era pequena, havia espaço apenas para duas ou três pessoas. Ele estava sentando atrás de uma mesa de viagem que ocupava a maior parte do espaço disponível, a frente pintada com elaboradas cenas de batalha. Havia papéis e mapas espalhados sobre a mesa, Jan estava debruçado sobre a papelada, com uma mão apoiando a testa. Rochelle pensou que ele parecia preocupado.

— Uma carta de um mensageiro rápido, meu hïrzg.

Ela fez uma mesura, entregando o pergaminho selado enquanto ele se levantava. Ele olhou para a carta e sorriu para Rochelle.

— O selo da kraljica Allesandra — comentou Jan. — Imagino o que ela tem a dizer, hein?

Ele deixou a carta cair na mesa ao se deslocar para a lateral.

— O mensageiro entregou isso para você, em vez de Paulus?

Rochelle meneou a cabeça negativamente. Ele estava a um palmo de distância dela. Rochelle podia sentir o cheiro da colônia que Paulus tinha colocado na bashta de Jan aquela manhã. Ela abaixou a cabeça, fixando seu olhar na tapeçaria que cobria a grama. Havia rastros de lama das botas de Jan, que sujavam um prado montanhoso com um unicórnio empinado — um tapete que poderia muito bem ter que limpar nessa noite. O chifre do animal parecia espetar um monte de lama. Rochelle viu-se imaginando — de maneira estranha — se a lama sairia da tapeçaria ou se as fibras ficariam eternamente manchadas.

— Paulus pediu que eu entregasse a mensagem. Ele disse que havia um

problema nas cozinhas que exigia sua atenção.

Rochelle pôde notar o franzir de testa de Jan no tom de sua voz, embora não tivesse erguido o olhar.

— As cozinhas são mais importantes que uma comunicação do embaixador? — Ela ouviu um suspiro. — Paulus nem se compara a Rance, infelizmente. Eu preciso de alguém mais competente para ser meu assistente. Essa pessoa poderia ser você, Rhianna?

Inesperadamente, Rochelle sentiu a mão direita dele tocar em seu braço e conteve um sobressalto e olhou para cima. O toque de seus dedos era delicado, mas não a soltaram quando ela se assustou.

— Tão musculosa — comentou Jan, como se ele já o esperasse. — Por alguma razão, não estou surpreso com isso, Rhianna.

Ela podia sentir seu próprio nervosismo. Ele estava próximo demais, seu rosto estava abaixado sobre o dela, mas Rochelle não conseguia puxar o braço.

— Não sei o que o senhor quer dizer, meu hïrzg.

Sua mão subiu pelo braço de Rochelle, passando pelo cotovelo. Os dedos de Jan roçaram a parte de fora do seio dela.

— Você me lembra tanto ela — comentou o hïrzg.

A mão agora tocava seu ombro. Nesse momento, antes que Rochelle pudesse reagir.

— Eu sei que a hïrzgin a trata com desconfiança, e sinto muito por isso. Mas eu posso cuidar de Brie, se a situação chegar a esse ponto. Ela sabe... — Jan sorriu para Rochelle; seu olhar parecia o de um falcão — ... fazer vista grossa quando necessário.

— Meu hïrzg... — ela sussurrou. — Eu amo Emerin...

— Ah, ele. — Outro sorriso. — Eu posso garantir a promoção de Emerin na Garde. Posso até mostrar-lhe o caminho para ser um chevaritt. Ele gostaria disso, não é?

Nesse momento, Rochelle percebeu que Jan não aceitaria outra resposta além de sim, e ela não podia. *"Eu sou sua filha"*, Rochelle quis gritar para ele, mas ele também ignoraria isso, pensando que ela o diria apenas para detê-lo. Havia uma ânsia no rosto de Jan que Rochelle já tinha visto em homens antes, e não era uma imagem agradável. Ela tentou se afastar do hïrzg; seus dedos agarravam seu braço com firmeza e começaram a puxá-la em sua direção.

Rochelle não tinha escolha. Nenhuma escolha.

Ela surpreendeu Jan ao se deixar se puxada. Ele riu, pensando que Rochelle estava cedendo, mas suas mãos se dirigiram para a antiga

bainha de couro na cintura do hïrzg e seguraram a adaga com o pomo cravejado. Rochelle tirou a arma da bainha, a ergueu rapidamente e pressionou a lâmina de dois gumes contra a lateral do pescoço de Jan com tanta força que ele sentiu e um filete de sangue escorrer pelo escuro aço firenzciano.

— Afaste-se — disse ela. — Afaste-se ou eu mato você aqui e agora.

Rochelle se perguntou se a ameaça era realmente verdadeira, se teria determinação para cumpri-la. Não era o que ela queria. Rochelle sentiu lágrimas começarem a surgir em seus olhos, e piscou para tentar se livrar delas, fungando.

Jan afrouxou e ergueu as mãos, como se estivesse surpreso, dando um passo para trás, mas seu olhar era de divertimento, havia um sorriso debochado em seus lábios. Rochelle caminhou em sua direção, mantendo a adaga em sua garganta.

— Sem fazer barulho também — falou ela. — Se gritar ou chamar alguém, eu juro que você ganhará uma segunda boca um momento depois.

— Rhianna... — Jan disse seu nome falso em um tom baixo.

Ela não era Rhianna, nem Rochelle agora; ela era a Pedra Branca. Suas lágrimas tinham secado, sua mão segurava o cabo da faca com firmeza. A sensação da arma em sua mão era boa, a adaga era sólida e bem balanceada, uma obra tão letal quanto bela, o cabo de ébano era antigo e muito usado. Rochelle olhou com raiva para Jan enquanto ele a encarava com as mãos para o alto, em uma rendição debochada. Ela notou que Jan considerava arrancar a faca de sua mão e se perguntou se ele ousaria fazer isso — além de ser o hïrzg, Jan era um soldado e tinha lutado muitas vezes. Sua matarh tinha contado a ela sobre como ele era corajoso em batalha, como era bom e habilidoso com armas.

Se ele tentasse provar sua bravura agora, será que ela conseguiria matá-lo? Ela tinha atacado o hïrzg, e sabia que nenhum dos dois poderia ignorar esse fato de agora em diante. Essa decisão tinha mudado tudo, irrevogavelmente. Ela só não sabia ainda como seria essa mudança.

— Eu só quero ir embora — disse Rochelle, torcendo para que isso fizesse Jan reconsiderar suas opções. — Eu não quero machucar o senhor.

Ele meneou a cabeça, devagar. O filete de sangue tocou o colarinho da bashta, tingindo o tecido de vermelho.

— Rhianna, eu não tive a intenção...

— É tarde demais agora. A culpa é sua. O senhor tornou tudo

impossível.

De repente, ela tirou a faca do pescoço de Jan.

— Eu sou sua filha.

As palavras escaparam, Rochelle não conseguiu contê-las. —Sou a filha de Elissa. A filha da Pedra Branca.

Ela sabia que essas palavras o atordoariam, que ele levaria algum tempo para absorver o que ouviu. Rochelle correu, ainda com a adaga a não.

— Espere!

Ela ouviu seu vatarh chamar, mas ela não esperou. Ela correu pelas tendas palacianas que conhecia bem, bem melhor que o próprio Jan. Rochelle se enfiou no espaço entre duas tendas, uma passagem bem escondida que ela tinha descoberto há alguns dias. Ela ouviu o hïrzg chamá-la — "Rhianna!" — e seus passos atrás dela, mas Rochelle já estava longe, passando pelo fim do acampamento, perto da linha de árvores, já havia entrado no abrigo do arvoredo com a adaga, a adaga de Jan, no cinto da tashta.

Ela era a Pedra Branca, e a Pedra Branca sabia melhor do que ninguém como se esconder, como fugir de uma perseguição, como mudar sua aparência e seu nome conforme a necessidade, como se misturar.

Eles não a encontrariam. Não se ela quisesse permanecer escondida.

Niente

A desolação era quase maior do que Niente podia suportar. O olhar do filho cravado nele penetrou fundo em sua carne.

Ele estava na praça central de Villembouchure, onde tinha estado antes, em postura de vitória. As muralhas da cidade se tornaram uma ruína demolida perto da água, assim como vários prédios. Nas colinas do lado de fora das muralhas, o exército dos Domínios batia retirada, embora alguns tehuantinos alegassem poder ver fileiras de guerreiros orientais nos picos que davam vista para a cidade. Os inimigos podiam ter batido em retirada, mas a retirada tinha sido ordenada e calculada, eles não tinham ido muito longe.

Se isso era uma vitória, era fria e amarga. Era o que o Longo Caminho exigia, mas isso não tornava a situação mais fácil de digerir para Niente.

Os guerreiros tehuantinos, com seus rostos pintados com linhas

escuras de batalha e os corpos cobertos com o sangue dos defensores orientais, caminhavam penosamente, cansados, por um cenário cinzento pontuado por fogos e fumaça. A cidade era deles, mas seu preço tinha sido alto, e foi cobrado assim que eles se aproximaram. Perto dali, o tecuhtli Citlali estava reunido com Tototl e os outros guerreiros supremos. Ele carregava uma expressão severa no rosto, e os olhares que lançava para Niente eram venenosos.

Havia muitos corpos no chão, muitos de tehuantinos. As expressões boquiabertas de todos os mortos pareciam acusar Niente. Ele se lembrou...

Eles podiam ver os orientais em ambos os lados do A'Sele à medida que se aproximavam, assim que as muralhas de Villembouchure surgiram depois da curva do rio, irresistíveis. Ninguém, a não ser Niente e talvez Atl, percebeu a intenção dos orientais, nem a importância das duas construções rústicas de pedra que haviam sido erigidas em ambas as margens do A'Sele.

Niente sabia e se preparou para o impacto. No momento em que os navios da vanguarda emparelharam com as construções, manivelas retiniram no interior das estruturas e cabos de aço ameaçadores foram içados das águas marrons do rio. Eles agarraram os cascos dos navios da vanguarda. Grandes ganchos dentados no cabo rasparam e chiaram, rasgando entalhes dos cascos de madeira enquanto os guerreiros e marinheiros gritavam alertas, os ganchos arrancaram tábuas e sulcos, fazendo a água fria entrar. Mais cabos foram içados atrás das embarcações, agarrando os navios subsequentes.

Niente viu os primeiros navios serem levantados e virados. As embarcações pararam e ficaram presas, bloqueando o rio. Elas afundaram rapidamente, as vergas dos mastros tocaram a água enquanto os homens — guerreiros e marinheiros — caíam no rio, os cabos e as velas se enroscaram nos mastros dos navios mais próximos e derrubaram as embarcações. Os capitães dos navios que os seguiam tentaram dar meia-volta, tentaram abaixar suas velas, tentaram evitar a colisão com as embarcações à frente, mas vários não conseguiram — incluindo o *Yaoyotl*, que bateu no navio à sua frente, e seus mastros e vergas se enroscaram e quebraram. Niente sentiu o impacto, que o derrubou, apesar de ele ter se segurado. Em meio à gritaria frenética e através da fumaça dos incêndios deflagrados quando as lamparinas e fogos das cozinhas foram agitados, ele pôde ver o A'Sele entupido com os navios

destroçados e incapacitados.

Niente também pôde ouvir a comemoração dos orientais em terra firme...

— Taat!

O chamado de Atl o trouxe de volta ao presente. O tom do filho era de acusação. Ele estremeceu, apoiado pesadamente sobre seu cajado mágico, ainda quente pelo uso. Sentiu-se mais velho do que os morros ao redor, mais velho do que o canal que o rio abriu na terra, tão cansado e velho quanto as pedras que eram os ossos deste lugar.

— Atl — respondeu Niente. — Eu estou aqui.

O filho também apresentava o cansaço da batalha, seu rosto estava contraído e pálido, sujo de fuligem. Atl cravou com força a ponta do cajado mágico no chão, em frente a Niente. Seu olhar era severo e acusador.

— Não precisava ter sido assim — disse o rapaz.

— Nós vencemos, como eu tinha prometido ao tecuhtli Citlali — Niente respondeu. — O caminho que me foi mostrado era verdadeiro.

— Havia outro caminho — insistiu Atl. — Eu vi nossos navios presos. Por que o senhor não o viu também? Eu vi as tropas inimigas à nossa espera em terra firme. Por que o senhor também não viu isso, taat? Por que me disse que eu vi errado, e por que eu acreditei no senhor?

Por que o senhor não viu isso? — A lembrança o acometeu outra vez.

Eles perderam muitos guerreiros para o rio, que vestiam armaduras para o ataque vindouro. O peso os arrastou para o fundo do rio, mesmo aqueles que sabiam nadar. Os navios que conseguiram recolher suas velas e ancorar a tempo enviaram botes para resgatar a quem pudessem. Todos tinham visto os guerreiros orientais nas muralhas da cidade, ameaçadoramente perto, e até mesmo Niente sentiu um arrepio, esperando que o fogo dos ténis-guerreiros caísse guinchando sobre os navios incapacitados e os guerreiros e marinheiros indefesos. Eles eram um alvo imóvel e certo, e o fogo mágico seria devastador. O rio se tornaria uma conflagração, uma armadilha mortal.

Era isso o que o próprio Niente teria feito no lugar deles: ele teria mandado uma chuva mortal sobre o inimigo indefeso, pronto para ser abatido. Inacreditavelmente — como Axat tinha lhe mostrado na água da tigela —, apenas alguns poucos feitiços foram lançados, e os nahualli os neutralizaram facilmente.

Os últimos navios da frota se afastaram dos destroços, deslizando em direção à costa bem abaixo das muralhas de Villembouchure, e pequenos botes saíram do resto da frota, os guerreiros gritaram e bateram em seus escudos ao desembarcarem, com um furioso tecuhtli Citlali na liderança do ataque. Niente estava com ele, como era seu lugar, e seu cajado mágico lançou fogo em direção às muralhas, que se romperam e enviaram homens aos gritos para a morte. As catapultas dos navios estáveis mais próximos lançaram a areia negra, embora muitas não tenham atingido o alvo.

Os portões da cidade foram abertos, e o exército dos orientais fugiu em debandada, então o mundo de Niente foi enredado no caos da batalha, todos os planos que o tecuhtli e os guerreiros supremos fizeram viraram cinzas. A luta tinha sido brutal e sangrenta, mas eles tinham superioridade numérica, mágica e de areia negra.

No final, eles venceram a um grande custo, como Niente sabia que aconteceria.

— Axat me mostrou que, se nós tivéssemos atracado a frota a um dia de marcha de Villembouchure, teríamos marchado contra o inimigo intactos; sem que a nossa frota tivesse sido enganada, bloqueando o A'Sele, sem as grandes perdas que tivemos aqui e no ataque inicial — insistiu Atl. — Por que o senhor não viu isso na tigela premonitória, taat?

— Eu sinto muito, mas você viu errado, Atl — insistiu Niente outra vez.

Ele odiava ter de mentir, mas não tinha outra escolha.

Atl balançou a cabeça e olhou para o tecuhtli Citlati, que olhava fixamente para os dois. O tom de voz do rapaz estava elevado e acalorado, seus gestos eram cortantes como o gume de uma adaga.

— Eu mandei um dos ferreiros fazer minha própria tigela, taat, já que o senhor reluta tanto em me emprestar a sua. Nessa tigela, e na sua também, eu vi os mesmos eventos, e eles eram *nítidos*. Se nós tivéssemos atracado a frota mais cedo, esta teria sido uma vitória bem mais fácil, e o A'Sele ainda estaria aberto para nós. Seu caminho era o errado, custou as vidas de muitos bons soldados e marinheiros, e retirou a via fluvial à grande cidade. Taat, estou preocupado. Eu olho para o senhor e vejo como Axat mutilou seu corpo; vejo como o senhor ficou fraco. Eu me pergunto... — Ele bufou de irritação, ou talvez apenas de preocupação. — Eu me pergunto se sua visão do futuro ficou tão ruim quanto sua verdadeira visão.

Não! Niente quis responder. *Minha visão do futuro está mais aguçada do que nunca, e eu posso ver as possibilidades de um futuro muito mais distante que aquele que Axat revela para você. E esse é o problema...* Mas ele não podia dizer nada disso para Atl. O rapaz não entenderia e não acreditaria. O próprio Niente não sabia se compreendia.

— O que é isso? — interrompeu uma voz ríspida: o tecuhtli Citlali.

Ele tinha vindo até os dois; atrás do tecuhtli, Tototl e dois guerreiros supremos encaravam Niente e Atl impassivelmente. A cabeça larga de Citlali, com a águia vermelha reluzente em sua pele, olhou para um e para o outro. As ripas de bambu da armadura estavam arranhadas devido à batalha, e faltavam muitos anéis de aço.

— O que você está dizendo para o nahual, Atl?

— Eu estava perguntando ao taat se talvez não houvesse um caminho melhor para tomarmos, tecuhtli — respondeu Atl.

— Ele nos prometeu a vitória — argumentou Citlali. — Foi o que obtivemos aqui.

O tecuhtli olhou a sua volta e franziu o nariz diante do cheiro de morte e fumaça.

— Embora não tenha sido uma vitória agradável.

— Sim, foi o que obtivemos — respondeu Atl. — Mas às vezes existe mais de uma estrada que possa ser seguida ao mesmo tempo, e uma pode ser mais fácil que outra.

O olhar do tecuhtli se voltou para Niente.

— Nahual? O que este jovem está dizendo?

Niente olhava mais para o filho do que para Citlali.

— Eu dei ao tecuhtli o conselho que nos levou à vitória. Se ele quiser seguir outro caminho da próxima vez, a escolha é dele. Eu sou o nahual e falo com a voz de Axat, como sempre falei. Eu *sei* que Axat me deu a verdadeira visão do futuro. Eu já provei isso muitas vezes e paguei um preço muito caro por isso.

Sua voz estava trêmula no final: a voz cansada de um velho. O cajado mágico vazio de feitiços tremeu em sua mão. Niente encarou o filho que, finalmente, abaixou o olhar.

— O nahual encontrou a vitória para nós — disse Atl. — O que mais pode ser dito?

Citlali olhou fixamente para Atl, mas ele manteve seu olhar no chão. Finalmente, o tecuhtli pigarreou, cuspiu no chão e usou o salto da bota para pisar no catarro.

— Ótimo — disse ele. — Então não há mais discussão.

Citlali gesticulou para os guerreiros supremos, e eles foram embora. Tototl os encarou fixamente por mais um tempo, depois se afastou para se juntar a Citlali. Atl levantou a cabeça novamente, mas não havia remorso ou desculpas em seu olhar.

— Eu espero que sua vitória lhe tenha agradado, taat.

Suas palavras estavam cheias de sarcasmo, e elas encravaram em Niente como se Atl lhe tivesse cuspido. O rapaz deu meia-volta e se afastou, passando pela fumaça cinza-azulada e pelos tijolos e pedras espalhados pela praça.

Niente sentou-se no chão, abruptamente. Uma onda de cansaço passou por ele, que sentiu como se não conseguisse respirar. Ele aninhou o cajado mágico nas mãos, e quando um dos nahualli veio ver se podia ajudá-lo, Niente resmungou e mandou o homem embora.

Ele olhou fixamente para suas mãos velhas e enrugadas e tentou não pensar em nada.

Sergei ca'Rudka

Ele encontrou o acampamento em alvoroço. O novo assistente do hïrzg, Paulus, anunciou a notícia com pressa.

— A Pedra Branca matou Rance, meu antecessor, lá no Palácio de Brezno. Nós fomos para a Encosta do Cervo, depois viemos para cá, para esse ermo abandonado, e agora Rhianna, que era uma de nossas criadas mais confiáveis, roubou uma adaga da época do hïrzg Karin, tirou a arma do hïrzg e o ameaçou, e depois sumiu. Eu já estou com uma escassez de pessoal terrível, e aqui, onde simplesmente não há *nada*, e o hïrzg e a hïrzgin estão terrivelmente irritados, essa é uma situação simplesmente *inacreditável*...

Sergei acalmou o resmungo do homem o quanto pôde — pensando que Paulus não duraria outra virada da ampulheta como assistente se dependesse dele — e pediu que avisassem o hïrzg de sua chegada.

A viagem a partir de Nessântico tinha sido longa, e tinha ficado ainda mais tediosa ao descobrir que o hïrzg abandonara Brezno para ir primeiro para a Encosta do Cervo, e depois para a fronteira do sul com seu exército. Sergei seguiu essa trilha, escoltado por algumas dezenas de chevarittai do norte de Firenzcia que se juntaram ao exército com atraso.

Sergei esperava que Jan e Brie ficassem felizes com o acordo que ele

trazia na bolsa diplomática. Mas agora ele já não tinha tanta certeza assim. Jan, atrás da mesa de campanha, fez uma expressão irritada assim que Sergei entrou. Apesar disso, Sergei caminhou com sua bengala pela tenda e pousou a bolsa na mesa. Abriu a tranca — e notou a aparência velha de suas mãos ao segurar a chave — e retirou o pergaminho enrolado em seu interior.

— Seu tratado, hïrzg Jan — disse Sergei. — Assinado pela kraljica. Ela concordou com todos seus termos e os leu publicamente nos templos de Nessântico. O documento só precisa da sua assinatura e os Domínios e a Coalizão se tornarão uma coisa só novamente.

Jan olhou fixamente para o pergaminho. Seu dedo tocou o selo que mantinha o documento fechado.

— Diga-me, Sergei — disse ele. — Você acha que o passado sempre assombra o futuro? Acha que podemos escapar do que fizemos no passado?

Sergei franziu a testa.

— Receio não ter entendido o que o hïrzg está perguntando. Se está se referindo ao relacionamento com sua matarh...

— Nós nos convencemos de que faremos nossa própria história, de que podemos mudar as coisas completamente. Mas tudo o que fazemos é continuar tecendo os mesmos fios usados o tempo todo.

Sergei esperou em silêncio. Jan respirou fundo e pareceu enxergar através de Sergei.

— A Pedra Branca matou Rance.

— Paulus me contou.

— Você não saberia dizer quem a contratou, não é, Sergei?

A acusação enterrada ali era óbvia — e surpreendente. Sergei se endireitou o quanto pôde, empurrando o pomo de sua bengala. De fato, ele tinha reclamado com Allesandra sobre a teimosia de Rance e sugerido, rindo, que se o homem tropeçasse na escada do palácio e morresse, ele não choraria sua morte. Sergei se perguntou, por um instante, se talvez Allesandra *realmente* tivesse contratado a Pedra Branca. Mas não permitiu que seu rosto deixasse essa suspeita transparecer minimamente.

— Hïrzg Jan, eu lhe garanto que não tive nada a ver com a morte de Rance.

— Rance me aconselhou contra este tratado e contra qualquer reconciliação com os Domínios — interrompeu Jan, batendo com o dedo no pergaminho. Seus olhos ardiam com um fogo negro. — Você sabia

disso, e sabia que eu levava muito em consideração a opinião de Rance. Talvez não tenha sido você quem contratou a Pedra, mas você certamente falou para a minha matarh sobre a postura de Rance. Talvez *ela* tenha decidido silenciar o homem? Talvez minha matarh decida me silenciar também, assim que o tratado for assinado; isso a livraria de qualquer obrigação de abdicar ao trono, não é? Você chegou a mencionar isso para ela, Sergei?

O embaixador já balançava a cabeça.

— Hïrzg, quem anda envenenando seu ouvido? É Paulus? Francamente, eu não creio que esse homem seja competente o suficiente sequer para julgar se os ovos estão suficientemente cozidos...

Jan interrompeu Sergei com um gesto brusco da mão, levantando-se ligeiramente na cadeira. A mesa de campanha estremeceu com o movimento, e o pergaminho rolou por sua superfície lustrosa.

— Paulus não — ele disse. — Eu sei que esse sujeito é um idiota. E o substituirei assim que puder. Mas tenho meus motivos para ter essa suspeita, eu lhe garanto.

— Então me diga quais são, para que eu possa refutá-los. Hïrzg Jan, eu não tive *nada* a ver com a morte de Rance. Eu juro por Cénzi.

— E a minha matarh? Você pode jurar por ela também?

Sergei tirou a mão da bengala e deixou que caísse de novo.

— Não, mas acredito que, se a kraljica Allesandra fosse a responsável, ela teria me contado a respeito de seus planos, e ela não me disse nada.

Isso, ao menos, era verdade. Sergei sabia que Allesandra teria lhe contado. Ou esperava que sim.

Jan soltou um bufar irônico, como se estivesse lendo a mente do embaixador.

— Ah, acredite em mim, minha matarh é uma especialista em esconder suas intrigas. *Isso* eu aprendi pela minha própria história. Eu sei muito bem disso. — Ele tocou o acordo com o dedo novamente. — Não sei se assinarei isso, Sergei. Talvez esteja assinando a minha própria sentença de morte.

— Hïrzg, eu lhe garanto...

Jan fungou desdenhosamente e se endireitou na cadeira.

— Com todo respeito, embaixador, suas garantias significam muito pouco para mim no momento. Eu examinarei o documento com a hïrzgin, e nós conversaremos.

Sergei assentiu.

— Então eu encontro com o senhor amanhã, hïrzg. Foi uma longa

cavalgada até aqui...

Mas Jan balançou a cabeça.

— Amanhã, não. Eu lhe darei minha resposta no meu próprio tempo, depois de investigar outros assuntos, ou quando... — Ele parou e franziu a testa. — Você pode voltar para a Encosta do Cervo ou Brezno se quiser, embaixador, ou esperar aqui. Eu não me importo com a sua escolha. Posso mandar Paulus lhe arrumar um alojamento de campanha, se achar que pode confiar no homem a esse ponto.

A Encosta do Cervo seria bem mais confortável, e Brezno seria mais agradável em vários aspectos, mas Sergei meneou a cabeça negativamente. Ele não tinha escolha; com o passar das décadas, Sergei tinha se tornado um perito em interpretar expressões, mentiras e meias verdades escondidas nas palavras. Havia algo que Jan não estava contando, alguma coisa que o fez acreditar que Allesandra contratara a Pedra Branca. Sergei não podia negar a possibilidade completamente, mas considerou improvável. Ele jamais mencionara Rance em termos tão ameaçadores a ponto de Allesandra se ver forçada a tomar uma atitude. Não, se o assassinato *tivesse* sido obra da Pedra Branca, e não de algum impostor, então havia outra explicação.

E se houvesse outra razão para a fúria e a irritação de Jan, Sergei não o descobriria em Brezno ou na Encosta do Cervo.

— Eu ficarei, hïrzg — ele disse. — Eu gostaria de conversar mais com o senhor a respeito deste assunto; a escolha que fizermos aqui será crucial tanto para os Domínios quanto para a Coalizão, e o tempo é importante. O ataque dos tehuantinos é um problema que não pode esperar.

— É um problema importante para os Domínios, sim. — Jan bateu com os dedos no pergaminho, encarando o documento como um mineiro examinaria um pedaço de pedra à procura de ouro. — Mas e para a Coalizão?

Ele ergueu os ombros.

— Eu lhe garanto, embaixador, que a Coalização sobreviverá a esse problema, independentemente dos Domínios sobreviverem ou não — disse Jan ao apontar enfaticamente para o mapa aberto na mesa.

Sergei observou o hïrzg por um instante e, em seguida, fez uma mesura para ele. Sua bengala afundou na grama escondida pelo tapete ao sair.

Varina ca'Pallo

— Eu preciso da sua ajuda, Varina.

Esse não era o tipo de declaração que alguém esperaria ouvir da kraljica. Durante os anos em que Varina conheceu Allesandra, ela passou a considerá-la uma amiga, mas sempre com um distanciamento e deferência necessários a essa amizade devido ao título da kraljica. Allesandra não era alguém que pedia por ajuda; ao contrário, ela geralmente esperava que o auxílio fosse oferecido sem precisar pedir nada, ou então dava uma ordem requisitando ajuda. No entanto, lá estava Allesandra, sentada no solário de Varina como uma visita social, pedindo ajuda.

O ambiente estava quente com a luz do sol entrando pelos vidros, e tomado pelo cheiro das flores desabrochando. Varina tinha regado pouco as plantas desde que dispensou os criados, e a tensão e o abandono pareceram ironicamente provocar seu florescimento. Ela nunca tinha visto o solário tão cheio de vida.

Era quase um deboche. As plantas exibiam suas cores e brilho contra o saco cinzento e enrugado da pele da própria Varina, e contra o cinza de sua tristeza duradoura.

Eu preciso da sua ajuda. Varina tinha medo de saber exatamente o que Allesandra queria e não sabia se seria algo em que ela pudesse ajudar.

— Se isso tiver relação com Nico e com o ataque no Velho Templo...

— Tem sim — respondeu Allesandra secamente.

A kraljica passou os dedos nas pétalas amarelas de um girassol sobre uma bancada ao lado da cadeira.

— Muito bonita — disse a kraljica. — Os girassóis no jardim do palácio mal começaram a brotar.

Allesandra voltou a pousar a mão em seu colo e a olhar para Varina, que notou a força da linhagem ca'Ludovici no rosto da kraljica: o nariz anguloso, o queixo protuberante.

— Nico Morel não apenas ameaça a fé concénziana e a mim — falou Allesandra. — Ele também ameaça diretamente você e os numetodos. Pela vontade dele, a perseguição dos numetodos movida pela Fé recomeçaria. Nico Morel quer ver seus corpos torturados pendurados em jaulas nas Ponticas, como acontecia quando Orlandi estava no trono do archigos.

— A senhora não permitiria isso, kraljica — respondeu Varina. — Eu bem conheço a senhora.

Allesandra inspirou profundamente, como se procurasse pelo perfume das flores no ambiente.

— Eu não permitiria, mas de acordo com a vontade de Morel, minha recusa significaria que deveria haver outra pessoa no Trono do Sol, um lacaio que primeiro abaixaria a cabeça para o trono do archigos em vez de para o povo dos Domínios, que colocaria questões religiosas à frente das políticas. Se isso acontecer...

— Como poderia acontecer? Nico pode ser charmoso e persuasivo; eu sei muito bem disso. Mas aquele grupo minúsculo de seguidores tomar conta da Fé? — Varina balançou a cabeça. — Com certeza, isso não é uma ameaça séria.

— Você subestima tanto Nico quanto sua influência morelli entre os ténis e a população. Eles não são "um grupo minúsculo", Varina. Quando a a'téni ca'Paim convocou os ténis-guerreiros dos Domínios para se juntar à Garde Civile para defender Villembouchure, poucos responderam. A maioria dos que a ignoraram estão agora no Velho Templo com os morellis. Meu pessoal me informou que a Garde Kralji não tem capacidade para lidar com o poder que Morel reuniu lá. E suponho que eles também não tenham *vontade* de fazê-lo; eu sei que alguns dos offiziers da Garde na verdade simpatizam com os morellis e sua postura.

As cores exuberantes das plantas do solário tomaram conta do ar atrás de Allesandra, em tom contraditório. A mão de Varina tinha coberto sua garganta. Ela sentiu uma queimação irritante ali, bem no fundo: a recordação de um medo que Varina pensava estar extinto e esquecido há muito tempo. Ela se lembrou do conselho de Sergei, se perguntou se deveria tê-lo ouvido, se mais uma vez ele estava certo quando todos estavam errados.

— É assim tão sério? Como deixamos chegar a isso?

— Quando as coisas não vão bem, as pessoas procuram bodes expiatórios para culpar. Elas nunca culpam a si mesmas, nunca culpam a Cénzi, nunca culpam as circunstâncias, nunca culpam o acaso. Elas culpam outras pessoas.

— E os numetodos sempre foram bodes expiatórios convenientes. É isso o que a senhora está dizendo?

Allesandra assentiu.

— O caminho para garantir que os numetodos sobrevivam é garantindo que Nico Morel e sua gente recebam a justiça que merecem. Força é outra qualidade que as pessoas respeitam. Se você demonstrar que os numetodos são mais fortes que os morellis, então verá a culpa ser transferida para o outro lado; todos os rumores darão conta de que os morellis causaram todos os problemas e colocaram os Domínios em

perigo. Não você. Não os numetodos. O amor do povo é volúvel. Nós podemos mudá-lo.

— A senhora se tornou uma pessoa cética, kraljica. Ou pragmática.

Ela balançou a cabeça.

— Eu não mudei em nada. Quanto a isso, eu sempre fui realista. E estou certa. É por isso que você precisa me ajudar.

— Como?

Allesandra se virou um pouco e passou os dedos nas pétalas delicadas do girassol mais uma vez. Varina viu o botão se dobrar e ficar de pé novamente sob os dedos da kraljica.

— É bem simples. Eu não posso lutar contra os ténis-guerreiros sem magia do meu lado; você é a a'morce dos numetodos. Se eu não tiver mais a fé concénziana como aliada, se não posso confiar nos ténis da Fé, minha única esperança é me voltar para os únicos rivais dos ténis; os numetodos: sua magia, seu conhecimento, sua areia negra. E o que mais você tiver que possa mudar a equação.

Varina olhou para a escrivaninha, sobre a qual uma violeta chorosa deixava cair pétalas púrpuras como lágrimas de sangue. Embaixo da planta, na gaveta da escrivaninha, estava a chispeira.

— Kraljica, nós já somos amigas há muito tempo...

— Somos — respondeu Allesandra. — E essa é outra razão para eu ter vindo até você. Eu peço também em nome da nossa amizade. Você sabe o que Morel está pedindo, ou melhor, *exigindo* de nós?

Varina negou com a cabeça. Allesandra retirou um pergaminho do bolso, e o que ela leu para Varina deixou a a'morce abalada. A mão em sua garganta tremeu, e ela desejou, momentaneamente, ser tomada pelo choque e levada, desejou poder se juntar a Karl no doce esquecimento da morte. Varina olhou mais uma vez para a escrivaninha, para a violeta chorosa e a gaveta. Pareceu ser possível sentir o cheiro da arma ali, o cheiro de areia negra queimada.

O cheiro da violência e da morte.

— Ele não pode estar falando sério — disse Varina. — Ele não pode esperar de verdade que a senhora aceite esses termos. É loucura.

— Nico Morel *é* louco — respondeu Allesandra. — Ele acredita que Cénzi fará isso acontecer.

Ela se levantou e caminhou em direção à luz do sol que entrava pela janela. Varina notou a idade no rosto da kraljica: as rugas, a pele caída no queixo, os fios grisalhos que começavam a aparecer no cabelo. Por um instante, ela pôde vislumbrar como Allesandra se pareceria em uma

década. Então o sol passou por seu rosto, deixando a kraljica novamente na sombra, e o momento passou. Varina começou a se levantar com ela, mas Allesandra fez um gesto para que a a'morce continuasse sentada.

— Não, não se levante. Varina, eu não posso esperar, como alguns integrantes da Garde Civile me aconselharam. Eu tenho que cuidar disso rapidamente, porque temo que o comandante ca'Talin não seja capaz de conter os tehuantinos, eu não posso ter essa distração enquanto tento lutar com um inimigo maior. E lhe digo novamente: preciso da sua ajuda. Nessântico precisa da nossa ajuda. Eu preciso dos numetodos e prometo que, se você me der a ajuda que eu peço, os numetodos nunca mais terão de temer a perseguição dentro dos Domínios. Você vai me ajudar?

Ela sabia o que Karl teria respondido. Quase podia ouvir sua voz. *Eu sei que você ama Nico, mas ele não é a criança que nós conhecemos. Nico mudou, foi terrivelmente prejudicado e é perigoso. Ele provocou isso.*

— Sim — respondeu Varina. — Eu tenho que falar com os demais, mas estou certa de que concordarão. Eu coordenarei tudo com Talbot.

Allesandra assentiu. Sua expressão pareceu relaxar.

— Obrigada — disse ela. — Você não se arrependerá, Varina. Eu prometo.

Varina se levantou e recebeu um abraço delicado de Allesandra.

— Obrigada — ela ouviu a kraljica repetir.

Os lábios de Allesandra tocaram levemente as bochechas de Varina, e a kraljica deu meia-volta para ir embora.

Deixando um rastro que cheirava a flores e terra molhada.

Jan ca'Ostheim

Quando Jan leu para Sergei o conteúdo da missiva que ele tinha escrito para sua matarh, o Nariz de Prata não pareceu surpreso de maneira alguma, o que confirmou que Sergei já suspeitava do que era dito na carta.

— Morel acha que tem orientação divina — ele disse, esfregando, como fazia muitas vezes, o nariz metálico colado a seu rosto enrugado e acabado. — Quando se pensa que o próprio Cénzi lhe colocou em um rumo, não há limitações. Essa lição muitos kralji tiveram que aprender. Agora é a vez de Allesandra.

Eles estavam reunidos na "sala" de jantar das tendas palacianas. A

hïrzgin Brie também estava ali, assim como o starkkapitän ca'Damont e o archigos Karrol, que tinha vindo de Brezno. Jan convidara o embaixador ca'Rudka para se juntar a eles, não só por causa do comunicado que tinha vindo de Nessântico, mas também porque ele gostava de ver Sergei irritar tanto o starkkapitän quanto o archigos.

— O senhor fala como um numetodo — disse o archigos, mas Sergei balançou a cabeça lentamente, fazendo tremer a papada sobre seu rosto.

— Eu acredito em Cénzi, archigos, com tanta firmeza quanto o senhor — respondeu o embaixador, Jan pensou ter ouvido uma estranha tristeza em sua voz, quase um arrependimento. — Eu sei que O encararei quando morrer, e sei que os retalhadores de almas me julgarão diante Dele. Eu acredito.

Sergei pareceu tremer, seus olhos se desviaram dos do archigos e encontraram os de Jan.

— A *fé* não é o problema, hïrzg Jan, e sim o fanatismo cego. Morel insiste que só há um verdadeiro caminho, que é o caminho *dele*. Portanto, todos nós estamos errados. O problema maior é que há muitos ténis na fé concénziana que concordam com Morel, em vez de com o senhor.

O archigos Karrol esbravejou. Ele ergueu a cabeça caída contra resistência da espinha curvada. Sua barba branca e comprida balançou; seu punho com pintas marrons bateu na mesa, fazendo tremer a louça de barro.

— *Eu* sou a autoridade na fé concénziana, não esse desgraçado Morel. Ele já se condenou por usar o Ilmodo contra as minhas ordens expressas. Suas mãos e a língua estão perdidas por causa disso, e a vida dele é minha pela morte da pobre a'téni ca'Paim.

Jan ouviu o bufar de desdém de Sergei e viu os olhos do embaixador, agora envolvidos em dobras cansadas de pele, arregalarem um pouco.

— Sim, nós em Nessântico vimos como os ténis-guerreiros obedeceram bem à a'téni ca'Paim, cuja autoridade deriva da sua, archigos. Eu me pergunto, se o senhor ordenar que os ténis-guerreiros de Firenzcia avancem contra Morel, obterá a mesma obediência?

A careca do archigos ficou branca contra seu rosto enrubescido de raiva. Ele fungou desdenhosamente e virou a cabeça de lado para encarar Sergei.

— Meus ténis-guerreiros farão o que eu mandar — disse ele.

Seu comentário foi acompanhado de perdigotos; o archigos não pareceu notar. Karrol se virou para Jan.

— Hïrzg, hïrzgin, eu perdi o apetite, preciso falar com os ténis para dar

a notícia sobre a a'téni ca'Paim e preparar a missa em sua homenagem. Se os senhores me derem licença...

Sem esperar pela resposta, ele fez o sinal de Cénzi e se afastou da mesa. Dois o'ténis presentes correram para ajudá-lo. Eles lhe entregaram o cajado, e o archigos saiu arrastando os pés, com a cabeça voltada para o solo acarpetado enquanto saía da tenda.

— Eu peço desculpas, hïrzg, hïrzgin — disse Sergei após o criado ter fechado as abas da tenda, pintadas em estilo realista, como se fossem um conjunto enorme de portas duplas de madeira entalhada, quando o archigos saiu. — Eu só disse a verdade.

— A verdade geralmente não é apetitosa — respondeu Brie, olhando fixa e incisivamente para Jan. — Fico surpresa que qualquer um de nós consiga comer neste momento.

Jan pousou a faca que usava para cortar uma fatia de assado no prato. Brie lançou um sorriso pálido para o marido.

— Eu mandaria os criados recolherem a comida — continuou ela —, mas restaram tão poucos funcionários particulares. Eu me pergunto o que os estaria expulsando?

Jan devolveu o mesmo sorriso inexpressivo para a esposa.

Sergei não pareceu notar a troca de gestos. Ele se endireitou na cadeira.

— O archigos Karrol está enganando a si mesmo se não perceber que há ténis que simpatizam com os morellis, especialmente entre os ténis-guerreiros.

— Nossos ténis-guerreiros estão *aqui* — interrompeu o starkkapitän ca'Damont. — Eles estão trabalhando ativamente comigo.

— Estão aqui agora — respondeu Sergei. — Mas estarão amanhã ou no dia seguinte? As notícias de Nessântico estão chegando só agora, e se *foi* Morel que mandou os ténis-guerreiros não lutarem, como ele alega, então talvez só esse pedido esteja chegando até eles agora.

— Às vezes, embaixador — retrucou ca'Damont —, eu acho que o senhor é como um corvo velho, com nada além de más notícias e tristeza para relatar. O senhor fede às prisões de que tanto gosta.

Jan encarou ca'Damont firmemente pelo comentário grosseiro, mas Sergei ergueu a mão e balançou levemente a cabeça grisalha.

— O senhor ficará feliz em saber, starkkapitän, que está longe de ser o único a ter essa opinião — disse o embaixador. — Mas, então, eu sou o corvo que há anos se alimenta dos restos de muitas vítimas que não me ouviram ou disseram que eu estava errado. Eu nunca me satisfaço muito

com esse tipo de refeição, mas suspeito que continuarei a desfrutar dela. Talvez em breve.

O garfo do homem arranhou seu prato. Brie riu pelo nariz. Jan se apressou em entrar na conversa.

— Villembouchure já caiu, embaixador. Nessântico também cairá, mais uma vez, se Firenzcia não a ajudar. Você concorda com isso?

Sergei assentiu.

— Concordo. Enfaticamente. O comandante ca'Talin é um líder excelente e não tenho nada além de respeito por sua habilidade marcial, mas ele não tem os recursos de que precisa.

— Por que eu deveria fornecê-los? — perguntou Jan. — Por que eu não deveria deixar os tehuantinos açoitarem a Garde Civile de minha matarh? Mesmo que eles *realmente* tomem a cidade, os tehuantinos ficarão tão feridos no processo que eu poderia vencê-los com metade do exército que tenho aqui e tomar o Trono do Sol para mim, sem esperar, sem esse tratado que ela mandou. Os tehuantinos provavelmente vão cuidar até mesmo do problema dos morellis. É isso o que o starkkapitän ca'Damont e o archigos Karrol estão me aconselhando a fazer. — Da outra ponta da mesa, ca'Damont assentiu soltando um resmungo. — Por que eu não deveria seguir o conselho deles, embaixador?

Sergei permaneceu em silêncio por um momento. Depois se recostou na cadeira e esfregou o nariz.

— Porque o senhor é um homem melhor do que eu, hïrzg — falou o embaixador. — Se fosse Brezno que encarasse uma invasão, e a kraljica Allesandra estivesse considerando ajudá-lo, eu talvez oferecesse o mesmo conselho que o starkkapitän e o archigos lhe dão agora. Permaneça indiferente; deixe os invasores se desgastarem primeiro, depois entre e tome tudo para si na sequência. Mas eu conheço a kraljica tão bem quanto conheço o senhor. Ela não aceitaria o meu conselho, da mesma forma que o senhor não aceitará. A kraljica Allesandra viria em seu socorro, se as circunstâncias fossem assim tão desesperadoras.

— Você está excessivamente confiante na sua avaliação.

— Eu sou o Corvo. Sou o Velho Nariz de Prata — respondeu Sergei lançando um sorriso irônico e desdentado. — E eu sei que o senhor, hïrzg, mesmo que *estivesse* disposto a abandonar sua matarh completamente, não quer herdar um império e uma cidade arruinados, tão arruinados que sua reparação tornará a própria Firenzcia uma nação pobre. Nessântico carrega a sua herança, assim como a de todos nos Domínios *ou* na Coalizão. É uma joia preciosa demais para ser simplesmente descartada.

O homem era depravado e pervertido. Suas preferências eram odiosas. Mas Jan não conhecia pessoa viva que soubesse tão bem das intrigas das nações — e o homem uma vez salvara a sua a vida, assim como a de sua matarh. E, neste caso, o embaixador estava certo.

Jan assentiu. Com as palavras de Sergei, a decisão se apresentou ao hïrzg, se encaixando e apagando todas as dúvidas.

— É por isso que eu assinarei o tratado — informou Jan. — Eu aceitarei a oferta da minha matarh, e nós cavalgaremos até Nessântico, nem que seja para preservar o império que um dia será meu.

ESCLARECIMENTOS

Niente

Rochelle Botelli

Varina ca'Pallo

Jan ca'Ostheim

Allesandra ca'Vörl

Sergei ca'Rudka

Nico Morel

Brie ca'Ostheim

Varina ca'Pallo

Niente

Niente

Citlali não era do tipo que escondia sua raiva e descontentamento. Niente suspeitava que isso valia para todos os tecuhtli — quando todos são inferiores a você, não há a necessidade de esconder seus sentimentos.

O rosto de Citlali estava quase tão vermelho quanto a águia tatuada em sua careca. E até mesmo as linhas geométricas negras de guerreiro espalhadas por seu corpo estavam esmaecidas. Atrás dele, a forma musculosa do guerreiro supremo Tototl se agigantava. Citlali ergueu o dedo em riste na direção de Niente quando ele entrou na tenda.

— Você mentiu para mim — disse o tecuhtli, sem preâmbulos.

Niente segurou seu cajado mágico firmemente, sentindo o poder do X'in Ka contido dentro dele, e se perguntando se precisaria usá-lo hoje. Ele tentou endireitar as costas curvadas o máximo possível. Ignorou a reclamação dos músculos e a vontade de se sentar. Ergueu o rosto para Citlali e Tototl, deixou que os dois vissem o horror de cicatrizes e definhamento causado pelos anos de uso da tigela premonitória e pelos encantamentos complexos feitos em nome do tecuhtli, e vissem como ele tinha envelhecido para além de seus anos no serviço aos tehuantinos. Seu olho esquerdo, cego e branco, encarou Citlali.

— Tecuhtli, eu nunca...

— Foi seu próprio filho que me contou — interrompeu Citlali.

Isso, percebeu Niente, explicava por que Atl o evitou a manhã toda, permanecendo bem longe da escolta do tecuhtli e do nahual na coluna no exército.

— Ele diz que também possui o dom da visão premonitória — continuou Citlali — e insiste que seu caminho em Villembouchure quase nos levou ao desastre. Não, fique calado! — ele rugiu quando Niente tentou protestar. — Atl disse que, se tivéssemos seguido o caminho que Axat lhe mostrara, não precisaríamos deixar a nossa frota bloqueando o A'Sele, e não teríamos tido as perdas que tivemos no rio ou em Villembouchure. Ele diz que poderíamos ter obtido uma vitória fácil lá e subido o A'Sele com a frota até Nessântico.

— E depois disso? — questionou Niente, quase com medo de dar voz à pergunta. — O que ele viu além desse ponto?

Se Atl conseguisse ver os caminhos tortuosos do futuro tão adiante assim, não havia nada que ele pudesse fazer. A tarefa de Niente fracassaria agora, e o futuro que ele viu escaparia completamente.

O rosto de Tototl estava impassível, Citlali deu de ombros.

— Atl disse que Axat não lhe concedeu nenhuma visão do futuro além desse ponto. Mesmo assim, uma vitória fácil em Villembouchure, sem ter que abandonar o rio pela estrada...

O exército dos tehuantinos retirou tudo que foi possível dos navios, o profundo canal que eles precisavam estava desesperadamente bloqueado pelas embarcações da vanguarda da frota; o A'Sele ficou efetivamente barricado com os destroços semiafundados de seus próprios navios. Agora era o exército que carregava tudo nas costas ou em carroças improvisadas que rangiam, puxadas por cavalos e burros roubados. Quando o vento podia tê-los levado dentro dos navios, sem esforço, agora os tehuantinos eram obrigados a andar longos quilômetros até Nessântico, chegando tarde, sofrendo os constantes ataques de defensores que avançam de mansinho contra as fileiras, que disparavam flechas, atacavam com areia negra e desapareciam novamente.

Niente compreendia o mau humor de Citlali.

— Se Atl não conseguiu ver nada além de Villembouchure, essa é a questão — disse ele para Citlali e Tototl, cuja expressão de desdém se intensificou com a declaração. — Atl realmente possui o dom de Axat. E eu o perdoo por procurar o senhor; era o dever de Atl contar o que viu, tecuhtli, e fico feliz que ele compreenda sua responsabilidade. Mas sua visão premonitória não é tão aguçada quanto a minha, e é aí que Atl se engana. Como ele admite, Atl não consegue ver longe na bruma. Sim, havia outro caminho que levaria à vitória, um que parecia mais fácil e melhor. Mas se eu o tivesse aconselhado a tomar esse caminho e se o senhor tivesse seguido esse conselho, ele teria nos levado à total destruição mais tarde. Nós jamais teríamos tomado Nessântico.

Citlali estreitou os olhos, e as asas da águia se mexeram de acordo. Niente se apressou em continuar com a explicação, para contar a Citlali a mentira que ele tinha preparado para essa situação. Sua voz tremia, o que parecia dar mais veracidade à história: o taat preocupado que explicava os erros do filho inexperiente.

— Em poucos dias, o restante da própria frota dos orientais teria nos alcançado, tanto pela retaguarda quanto pela vanguarda. Nós teríamos

caído em sua armadilha, e nosso exército teria se afogado no A'Sele sem poder lutar. *Este* era o destino que nos aguardava, tecuhtli Citlali. Agora... — Niente ergueu as mãos. — Agora nossos navios obstruem o caminho daqueles que nos perseguem através do A'Sele e o resto da frota pode cuidar deles; com o nosso próprio exército na estrada, o restante dos navios dos orientais não pode fazer nada contra nós. Esse *é* o caminho para a vitória, tecuhtli, como eu lhe disse. Eu nunca prometi que seria um caminho fácil, ou por acaso os Guerreiros Supremos estão com medo dos orientais?

A última frase era um risco calculado — o nahual *devia* estar ultrajado por ter sua habilidade questionada. *Devia* haver raiva em resposta à raiva, e se ele conseguisse cegar Citlali com a acusação, então talvez a mentira fosse aceita facilmente

— *Com medo?*

O rugido era a resposta que Niente esperava; o rubor se aprofundou no rosto de Citlali, assim como no rosto de Tototl. A mão de Tototl segurava o cabo da espada, pronta para arrancar a cabeça de Niente dos ombros, caso o tecuhtli ordenasse sua morte. Niente segurou o cajado mágico com mais força.

Este era um dos futuros que ele tinha vislumbrado, e nele, sua vida era extremamente curta a partir desse ponto...

Mas Citlali riu, repentina e abruptamente, e os dedos de Tototl afrouxaram no cabo da espada.

— Com medo? — ele rugiu novamente, mas dessa vez não havia fúria em suas palavras, apenas uma diversão profunda. — Depois dos orientais mortos que eu já deixei para trás?

O tecuhtli riu novamente, e Tototl riu com ele, embora Niente tenha notado o guerreiro supremo observar Citlali com atenção — Tototl seria o próximo tecuhtli, sem dúvida, se todos eles sobreviessem por tempo suficiente.

— Você promete que me vê na grande cidade dos orientais, nahual Niente? — perguntou Citlali. — Promete que vê nosso estandarte tremulando sobre seus portões?

— Eu prometo, tecuhtli Citlali — respondeu Niente.

Sua mão afrouxou em seu cajado, e ele deixou a cabeça cair e a espinha se curvar.

— Você precisa falar com seu filho, nahual — falou Citlali. — Um filho deve acreditar em seu taat, e um nahualli deveria acreditar no nahual.

— Eu farei isso, tecuhtli. — *Eu o farei porque isso foi perigoso demais,*

mais um instante e... Niente fez uma mesura para o tecuhtli e o guerreiro supremo. — Eu farei isso, com certeza.

Quando retornou à própria tenda, Niente retirou a tigela premonitória da bolsa. Encheu de água doce, tirou os pós premonitórios do bolso do cinto e os polvilhou sobre a superfície assim que ela ficou estática. Ele entoou um cântico sobre a tigela, as antigas palavras do X'in Ka pronunciadas espontaneamente enquanto ele invocava Axat, rezando para que Ela lhe mostrasse novamente os caminhos possíveis. A água sibilou, e a luz esmeralda irrompeu de algum lugar nas profundezas, a bruma surgiu sobre a água. Niente se inclinou sobre a tigela e abriu os olhos...

Ali estava a grande cidade, com suas torres e domos estranhos, e ali estava o fogo dos feitiços e a fumaça da areia negra em um céu sombrio. Niente estava do lado de fora das muralhas com o resto dos nahualli, e, como todos eles, o nahual estava exausto. Eles não conseguiam conter o ataque. Uma bola de fogo caiu rugindo sobre eles, e embora Niente tivesse erguido o cajado mágico para bloqueá-la, não havia nada ali. O fogo caiu como uma ave carniceira guinchando e batendo em Niente; nesse futuro, mesmo com os tehuantinos arruinando Nessântico, nas brumas além do tempo, ele também viu as pirâmides de Tlaxcala serem derrubadas em meio à fumaça e às ruínas e os estandartes da águia caídos, com orientais andando entre os escombros...

... Ele procurou o caminho que tinha visto antes nas brumas, mas o cenário tinha mudado e os futuros estavam todos emaranhados e arredios. As brumas se erguiam contra todas as visões, exceto na primeira imagem terrível. Ele ainda podia vê-la, vagamente: os dois exércitos duelando em fogo e sangue, a maré da batalha mudando repentina e inesperadamente quando Niente — aquele era ele? A bruma tornava difícil de ver — ergueu o cajado mágico pela última vez... E além, no futuro desse caminho, uma cidade se erguia mais alto do que antes no leste, e as pirâmides de Tlaxi eram novamente fortes contra o cenário de fundo da montanha fumegante...

... mas havia uma figura parada no caminho, bloqueando-o, Niente tentou afastar a bruma em volta do homem. Seu próprio rosto lhe devolvia o olhar... Não, era uma versão mais jovem de si mesmo, as feições mudando... Atl! Era Atl, com o cajado mágico erguido em um gesto de rebeldia, raios estalavam em volta dele, quentes e intensos, e na direção de Niente...

Ele ergueu a cabeça da tigela arquejando. A bruma verde foi varrida, sumindo sob o sol e deixando Niente cambaleando em meio à bruma da realidade, que parecia efêmera e irreal. O nahual balançou a cabeça para clareá-la e se permitiu retornar à visão. Suas pernas ameaçaram parar de apoiá-lo, e Niente desmoronou no chão, a mesa bamba que segurava a tigela premonitória virou. A água foi derramada, a tigela de latão retiniu ao bater no chão de pedra, e um dos nahualli meteu a cabeça entre as abas da tenda.

— Nahual?

Niente fez um gesto para dispensá-lo.

— Estou bem. Vá embora.

O nahualli o encarou por um instante, depois se retirou.

Niente permaneceu ali, sentado, abraçando os joelhos junto ao corpo. *Atl*... Era Atl que agora dificultava o encontro do caminho que ele vislumbrara. Era Atl que bloqueava sua passagem.

Atl.

— Você não pode me dar esse fardo — disse Niente, chorando... de cansaço, de medo, por amor ao filho. — Não pode esperar que eu pague este preço.

Axat, se escutou, permaneceu calada. Niente olhou fixamente para a tigela, virada de cabeça para baixo na grama, e estremeceu.

Rochelle Botelli

Antes de sair do acampamento, ela tinha voltado a sua própria tenda e pegado as moedas que escondera ali — o dinheiro recebido pelo assassinato de Rance e dos outros durante sua curta carreira. Rochelle amarrou as cordas sob sua roupa para que não fizessem barulho; a adaga de Jan estava embainhada logo acima das botas, embaixo da tashta.

Ela observou o acampamento por alguns dias, de um grupamento de árvores perto das tendas reais. Ela teve que fugir duas vezes dos caçadores que varreram a floresta atrás dela. Rochelle viu a hïrzgin Brie, viu o tolo do Paulus, viu o starkkapitän. Viu o archigos e Sergei chegarem. E, finalmente, viu seu vatarh. Ela olhou fixamente para Jan até a figura ficar borrada nas lágrimas que se formaram em seus olhos.

Então, finalmente, ela fugiu.

Foi muito fácil evitar as patrulhas que procuravam por ela — os grupos

eram ruidosos e grandes, o que lhe dava bastante tempo para se esconder. Rochelle era boa nisso, em se camuflar. Ela encontrou uma árvore chorona, arrancou lascas compridas da casca e as ferveu em uma pequena panela que roubou em uma fazenda por onde passou. Depois lavou o cabelo com o extrato branco e cáustico até que o cabelo negro ficou um castanho mais claro. O extrato de árvore chorona deixou seu cabelo quebradiço, áspero e selvagem, matando seus cachos naturais, mas isso só realçou o efeito. Rochelle parecia com uma jovem maltrapilha, sem status, filha de um fazendeiro. Imitou o sotaque da região; roubou uma galinha e um cesto de outra fazenda e andou pela estrada como se estivesse a caminho de um mercado ou de casa. Uma vez, como teste, ela até permaneceu na estrada enquanto um quarteto de chevarittai com uniformes firenzcianos passou em cavalos de guerra, saudando os homens como se não fizesse ideia de que estavam procurando por ela. Eles olharam para Rochelle, falaram entre si por um instante, e perguntaram se ela tinha visto uma mulher de cabelo escuro, mais ou menos da mesma idade que ela. Rochelle balançou a cabeça adequadamente, baixa e timidamente, e após um momento, eles foram embora a galope.

Ela conteve a risada colérica até os homens sumirem.

Rochelle se dirigiu para o sul e o oeste, cruzando a fronteira de Nessântico em Ville Colhelm. Lá, se hospedou no quarto de uma das estalagens, chamando-se “Remy.” Ela permaneceu lá, inquieta, ainda sem saber o que deveria fazer.

As noites eram piores. Rochelle ouvia a farra no andar debaixo da taverna e isso lhe dava repulsa. As pessoas não deveriam estar tão felizes ali, não quando sua própria mente estava tão tumultuada. Seus sonhos eram atormentados pelas memórias do confronto final com seu vatarh. Às vezes, sua matarh estava com ela.

— Eu te disse — falou sua matarh, com uma expressão de tristeza ao olhar de Jan para Rochelle. — Eu disse para não ir lá...

— Mas ele é meu vatarh, eu sei que a senhora o amava — respondeu Rochelle, e as duas já não estavam nas tendas palacianas, mas na casa da qual ela se lembrava melhor, uma cabana na região serrana de Il Trebbio, onde se criava ovelhas. — A senhora deveria saber que eu seria atraída por ele.

— Eu sei e *eles* sabem — respondeu a matarh.

Ela tocou a pedra que mantinha em volta do pescoço, a pedra branca que continha todas as vozes que a atormentaram, que a enlouqueceram, e

Rochelle tocou o próprio pescoço, onde a mesma pedra estava pendurada, como uma presença reconfortante.

— Eles me disseram que você será quem finalmente pagará pelos meus pecados, e eu sinto muito, sinto muito por isso.

Sua matarh chorou, e as lágrimas dissolveram a lateral da casa de pau a pique. O cheiro de turfa queimando entrou fortemente em suas narinas, e a cena tinha mudado novamente, agora ela e sua matarh estavam em uma campina sob um céu estrelado, sem lua, com nuvens prateadas que corriam pelo horizonte enquanto raios lambiam as colinas distantes como línguas brancas de cobra. O trovão rugia imprecações e maldições a sua volta.

— Mas você não fez o que eu pedi — disse sua matarh, já sem chorar.

A fúria da loucura estava expressa em rosto novamente, e seus dedos agarravam com força os ombros de Rochelle. Ela tinha 13 anos novamente, ainda alguns dedos mais baixa que a sua matarh, mas mais musculosa, com suas primeiras mortes já em seu histórico. Sua matarh estava na cama, e elas já não estavam na região serrana, mas na última casa que dividiram, em Jablunkov, Sesemora. As grandes tábuas de madeira pintada pairavam sobre elas. Sua matarh ofegava em seu leito de morte. Ela tinha pegado a doença do pulmão vermelho e tinha começado a tossir sangue há uma semana. Todos os curandeiros balançaram suas cabeças diante dos sintomas e disseram para Rochelle se preparar para o pior.

— Preste atenção agora — falou sua matarh, ainda agarrando os ombros de Rochelle enquanto se curvava sobre o trapo encharcado que mantinha sobre a boca e o nariz. — Preste atenção, Rochelle. Há uma responsabilidade que coloco sobre você, uma coisa que... não, calem a boca! Vocês não podem me impedir de contar para ela...

A última frase tinha sido dita para as vozes em sua cabeça. Ela balançou a cabeça como se tentasse tirar do lugar uma mosca insistente. Virou a cabeça para tossir e espirrou gotículas de sangue no travesseiro.

— ... algo que eu mesma pretendia fazer, mas agora... Não, *não* será com vocês, seus desgraçados. Eu matei todos vocês e irei para um lugar onde suas vozes se calarão para sempre. Estão me ouvindo?

Então seus olhos ficaram sãos outra vez e seus dedos apertaram o tecido nos ombros de Rochelle.

— Eu quis matá-la pelo que *ela* fez comigo — sussurrou a matarh. — Se não fosse por *ela*, eu podia ter sido feliz, podia ter ficado com seu vatarh. Eu queria ouvir o grito de agonia na minha cabeça quando ela se desse

conta do que eu fiz; não porque alguém me pagou para fazê-lo, não, mas porque eu *queria*. Eu podia ter sido feliz com ele, Rochelle. Seu vatarh... As vozes sumiam quando eu estava com ele, mas *ela*... Ela arruinou tudo, para mim, para Jan, e para você também, Rochelle. Ela arruinou...

Sua matarh afrouxou as mãos e caiu de costas na cama. Por um momento, Rochelle pensou que ela estivesse morta, mas sua respiração estremeceu novamente e seu olhar ficou focado. Sua mão trêmula se estendeu para tocar a bochecha de Rochelle.

— Prometa para mim — disse ela. — Prometa para mim que você fará o que eu não consegui fazer. Prometa para mim. Você vai matá-la e, enquanto ela morre, você vai contar o porquê, para que ela vá para Cénzi sabendo...

— Eu prometo, matarh — sussurrou Rochelle, chorando.

O cheiro de turfa superou o odor de doença. Rochelle se sentou, assustada, na cama da estalagem. Ouviu o vento soprando lá fora quando a tempestade chegou. A chaminé da lareira no quarto perdendo a pressão e a fumaça dos pedaços de turfa que queimavam ali flutuaram de volta para o quarto. Então o vento mudou e a fumaça foi sugada para cima novamente. O vento uivou, e Rochelle pensou ter ouvido um sussurro tênue nele. *Prometa para mim...*

Ela ainda não tinha cumprido essa promessa. Ela tinha dito para si mesma que cumpriria, que um dia ela iria a Nessântico como Pedra Branca, e lá encontraria a mulher que acabou o caso de amor de sua matarh com seu vatarh.

Allesandra. A kraljica.

Por que não agora? Jan iria para lá também, disso Rochelle tinha certeza. Ele levaria o exército para Nessântico.

Ela podia chegar lá primeiro. Ela podia manter a promessa a sua matarh, e Jan saberia quem o teria feito, e entenderia o porquê.

A chuva bateu nas persianas do quarto. O trovão retumbou uma vez. Rochelle se cobriu, subitamente desperta.

— Eu irei a Nessântico, matarh — sussurrou ela. — Eu prometo.

A turfa sibilou em resposta.

Varina ca'Pallo

A chispeira fazia peso no cinto sob seu manto, um lembrete constante,

sua mente ardia com os feitiços que ela tinha lançado no dia anterior, guardados para esta tarde. Do outro lado da praça, com uma aparência ameaçadoramente abandonada e vazia, o domo dourado do Velho Templo reluzia mesmo na chuva, conforme a água era derramada das calhas de cobre para o bocal das gárgulas, que cuspiam jorros brancos e ruidosos na praça bem abaixo.

As luzes no Velho Templo e nos prédios anexos estavam acesas: tanto luzes de fogo usuais quanto de ténis-luminosos. Todos tinham visto os rostos olhando para fora; olhos que não podiam deixar de notar a concentração de gardai da Garde Kralji em volta da praça e a chegada dos numetodos. Não haveria surpresa ali. Este seria um ataque frontal, na cara de um inimigo bem preparado.

Talbot, Johannes, Leovic, Mason, Niels e outros numetodos estavam reunidos ao lado dela, todos carrancudos. O a'offizier ci'Santiago se aproximou deles enquanto esperavam.

— Todos os meus gardai e utilinos estão em posição. A kraljica também está aqui para observar. — Ele apontou para uma janela acima deles, em um dos prédios governamentais no limite da praça. — A senhora tem certeza de que quer tentar falar primeiro com Morel, a'morce?

— Eu tenho que tentar — respondeu Varina.

Talbot balançou a cabeça.

— Não, a senhora não tem que fazer isso, a'morce. Nós podemos mandar outra pessoa com a mensagem. Eu mesmo posso ir, de bom grado...

Varina sorriu para Talbot.

— Não — ela disse para ele, para todos eles. — Eu conheço Nico. Ele vai me reconhecer e vai falar comigo. Estarei a salvo. Nico é o líder do grupo dele, e eu sou a líder do meu. Ele nos verá como iguais. É assim que tem que ser.

— E se a senhora estiver errada? — perguntou ci'Santiago.

— Não estou — ela respondeu com firmeza, embora ela mesma considerasse sobre essa possibilidade. — Esperem aqui. Todos vocês. Se isso correr bem, nós podemos dar fim ao cerco sem derramamento de sangue.

Varina viu a descrença no rosto de todos. Nenhum deles compartilhava de seu otimismo. Na verdade, ela mesma tinha pouca esperança.

A a'morce acenou com a cabeça para todos eles e, em seguida, começou a cruzar a praça. Enquanto caminhava, com seus passos chapinhando nas poças, ela pronunciou um gatilho de feitiço, fazendo surgir uma luz sobre

sua cabeça que a iluminou à medida que ela avançava pelas lajotas escuras e úmidas sob a falsa noite da tempestade. Apesar da chuva, Varina manteve o capuz do manto abaixado, para que seu cabelo branco brilhasse na luz e seu rosto pudesse ser reconhecido. Ela olhou para trás uma vez, a meio do caminho, em campo aberto: seus amigos pareciam ser pouco mais que pequenos pontos na escuridão. Em volta da praça, Varina viu as tochas acesas: os gardai à espera. Ela se voltou para frente e caminhou devagar em direção às portas principais do Velho Templo.

— Eu sou Varina ca'Pallo, a'morce dos numetodos — gritou Varina ao se aproximar. — Preciso falar com Nico Morel.

Sob a escuridão da tempestade, sua voz ecoou pelos prédios da praça e soou fraca, solitária e fina. Uma cabeça espiou Varina do alto de uma janela no templo e sumiu novamente. Ela quase podia sentir as flechas apontadas para ela ou os feitiços sendo evocados. Sentiu-se velha, frágil. *Isto foi um erro...*

Mas Varina ouviu uma pequena porta ser aberta ao lado das portas principais, uma passagem sem luz, havia uma figura ali: uma sombra em uma escuridão mais intensa.

— Varina — soou uma voz familiar e gentil. — Estou aqui. A pergunta é: por que você está?

— Eu preciso falar com você, Nico.

Ela pensou ter visto o brilho de dentes na escuridão. A sombra se mexeu ligeiramente, e uma mão gesticulou.

— Então venha para dentro, saia de baixo da chuva.

Olhando para trás uma última vez, Varina passou por ele e entrou na penumbra perfumada por incenso. Ela estava em uma das capelas laterais, do lado de fora da nave principal do templo. No fundo do amplo corredor, Varina pôde ver o cenário à luz de velas da capela principal, sob o grande domo. Havia pessoas lá, muitas em robes de ténis, algumas olhavam em sua direção. Ela pôde notar que as portas principais do templo tinham sido bloqueadas e barricadas.

Varina ouviu Nico fechar e trancar a porta novamente ao passar por uma viga grossa de madeira atrás dela. Havia outra pessoa ali com ele: uma jovem com uma enorme barriga de grávida, bem notável sob o robe apertado de téni quando ela ficou ao lado de Nico. Ele devia ter notado a atenção de Varina sobre a mulher e sorriu de novo.

— Varina, esta é Liana. Ela e eu... — Ele sorriu. — Nós somos casados, mesmo que Liana insista que eu deva evitar o ritual real.

— Liana — disse ela.

Varina se perguntou se um dia ela tinha parecido tão jovem e tão obviamente apaixonada. Tocou a própria barriga: *se eu tivesse conhecido Karl quando era jovem o suficiente.*

— É um belo nome — falou Varina, e olhou novamente para Nico, que havia passado o braço pela cintura de Liana. — Nico, você não pode vencer aqui. A kraljica Allesandra decidiu que o Velho Templo precisa ser retomado. Ela não se importa com o custo em vidas ou danos. A kraljica reuniu a Garde Kralji e os chevarittai que ainda estão na cidade, e eles estão prontos para atacar.

— E os numetodos? — perguntou Nico. — Estão lá fora também?

Varina assentiu.

— Estamos. Você não vai conseguir nos enfrentar, Nico. Nem mesmo com os ténis-guerreiros que você tem aqui. Nós temos a nossa própria magia e temos areia negra em grande quantidade. Será um massacre, Nico. Eu não quero isso. No mínimo, eu pediria para você soltar o comandante co'Ingres como um sinal de que está disposto a negociar um fim para esta situação. Vamos conversar. Vamos ver se podemos chegar a alguma espécie de acordo.

— Você quer que eu solte co'Ingres para que a Garde Civile possa ter alguma liderança competente. — Nico sorriu para ela e estreitou o abraço em Liana. — Você se esquece que Cénzi está do meu lado. Sei que não acredita, Varina, mas você não faz ideia do que *realmente* está enfrentando aqui. Ele me disse que lançará fogo do céu para nos proteger. Você acha que é uma coincidência que haja uma tempestade na noite de hoje? Não é.

Como uma deixa, um raio disparou uma luz multicolorida sobre rosácea acima deles, e o trovão rugiu. Liana riu.

— Olhe para você, Varina — disse ela. — Quase morreu de susto agora mesmo. Você *quer* acreditar, apenas não se permite. Não consegue sentir a alma de seu marido lhe chamando do além?

— Não — respondeu Varina para a jovem. — Vocês acreditam em uma quimera. Vocês dizem "eu não entendo isso" e inventam um mito para explicá-lo. Nós, numetodos, procuramos por explicações; nós não precisamos evocar Cénzi para criar magia. Nós evocamos a lógica e a razão.

Nico franzia a testa agora.

— Você bate na cara de Cénzi com sua heresia — disparou ele. — Você não faz ideia de como Cénzi me fez poderoso.

— Você teria sido poderoso assim independentemente de Cénzi —

argumentou Varina. — O poder está dentro de *você*, Nico. Não tem nada a ver com Cénzi. O poder é *seu*. Você sempre o teve, e eu sempre soube disso.

Nico se empertigou, soltando Liana. Sob a escuridão do templo, ele parecia maior, e sua voz — percebeu Varina — estalava com o poder do Scáth Cumhacht. Ela se perguntou se Nico sequer se dava conta do que estava fazendo, sem um feitiço, sem sequer evocar Cénzi. Varina ficou surpresa: isto não era algo que ela pudesse fazer, que nenhum numetodo podia fazer. Ele se conectava ao Segundo Mundo instintiva e naturalmente, como se fizesse parte dele. Ela se perguntou, ao saber disso, o que mais Nico era capaz de fazer. *Karl, sua ajuda viria a calhar agora. Juntos, talvez pudéssemos compreender esta situação...*

— É isso o que você veio fazer, Varina? — continuou ele. — Veio me insultar aqui, na própria casa de Cénzi? Se for assim, você está desperdiçando seu fôlego e a conversa está encerrada.

Varina ia dar uma resposta irritada, mas se deteve. Ela deu um suspiro longo e profundo.

— Olhe para mim, Nico. Eu sou uma velha. Não quero isso. Estou aqui porque me importava com você quando era criança e ainda me importo. Não quero que se machuque. Não quero a morte e a destruição que ocorrerão se a kraljica retirar você e sua gente daqui à força. E ela o *fará*, Nico. Ela determinou que *deve* fazê-lo, e a menos que você se renda, é isso o que vai acontecer. É isso o que você quer? Quer que seus seguidores morram aqui?

Nico riu novamente, vigorosa e sonoramente, tão alto que os demais na parte principal do templo olharam para eles. Liana riu com o marido.

— Isso é tudo que você tem, Varina? Um apelo ao medo, à minha compaixão? Você me considera tão inocente assim? Eu fui incumbido por Cénzi a fazer isso; talvez você não consiga entender o que isso significa, mas, por causa dessa incumbência, eu não tenho escolha. Nenhuma escolha. Eu cumpro a vontade Dele; sou Seu veículo. Esta não é *minha* ação, nem a minha batalha. Se a kraljica e o archigos desejam desafiar Cénzi, então eles arriscam suas próprias almas e sua salvação eterna, e o mesmo se aplica àqueles que os apoiam. Cada um de vocês lá fora está *condenado*, Varina. Condenado. Quer que eu me entregue? Isso não vai acontecer. Ao contrário, deixe-me lhe passar a seguinte tarefa: vá até a sua kraljica, que passa a mão na sua cabeça e na sua heresia. Diga-lhe que, ao contrário, eu exijo a rendição *dela*. Diga-lhe que ela verá o fogo e as chamas que Cénzi lançará para atacá-la, que seus comandados tremerão

de medo, que fugirão aterrorizados com o que os aguarda. Diga *isso* a ela.

Enquanto falava, sua voz crescia em poder e volume. Varina teve que se forçar a não dar um passo para trás, como se as próprias palavras pudessem ser incendiadas, queimando-a. O poder de Nico era inegável; Varina podia sentir a fúria gelada do Scáth Cumhacht em volta dela — o que ele chamaria de Ilmodo — e se deu conta de que perdeu ali, de que Nico estava além da pouca capacidade que ela tinha de convencê-lo. A chispeira pendida pesadamente no cinto sob seu manto, Varina percebeu que não tinha escolha. Nenhuma escolha. Sua própria vida não importava. Mas Nico era o coração e a força de vontade da seita morelli, se ele morresse, o grupo entraria em colapso.

Varina sacou a chispeira. Apontou para o peito de Nico, com a mão trêmula. Nico olhou para a arma com desprezo.

— O que é isso? — Alguma besteira dos numetodos?

Varina não podia hesitar — se hesitasse, ele invocaria um feitiço e a oportunidade seria perdida. Soluçando pelo que ela estava fazendo, chorando porque estava prestes a matar alguém que tanto ela quanto Karl amaram, Varina apertou o gatilho. A roda girou, as faíscas espocaram.

Mas houve apenas um silvo e um estalo da areia negra no tambor, e ela viu, em desespero, a umidade acumulada no metal. Varina soltou a chispeira, que caiu tilintando sobre as lajotas de mármore do piso.

Liana riu, mas Varina percebeu que Nico examinava seu resto.

— Sinto muito — disse ele. — Isso nunca deveria ter chegado a este ponto entre nós. Sinto muito — repetiu Nico, e sua voz soou como a do menino de quem Varina se lembrava.

Nico se virou, tirou a viga da porta e a abriu; lá fora, o vento jogava chuva na praça e as nuvens negras rolavam no céu.

— Vá embora, Varina — falou ele. — Vá embora pelo bem de nossa amizade. Vá e diga para a kraljica que, se ela quiser batalha, ela a terá; e a culpa recairá sobre sua cabeça.

Varina estava olhando fixamente para sua mão, para a chispeira no chão. Com dificuldade, ela se abaixou e pegou a arma novamente, recolocando-a no cinto. Varina deu um passo em direção à Nico e o abraçou.

— Pelo menos deixe Liana vir comigo, pelo bem da criança que ela carrega. Vou mantê-la a salvo.

— Não. — A resposta veio de Liana. — Eu fico aqui, com Nico.

Nico sorriu para ela e envolveu Liana novamente.

— Sinto muito, Varina. Você tem sua resposta.

— Eu também sinto muito — respondeu Varina para ele, para os dois.

Ela acenou uma vez com a cabeça para Liana e saiu em direção à tempestade, cobrindo o rosto com o capuz.

Jan ca'Ostheim

A tempestade sacudiu as tendas como um cachorro balançando um osso teimoso. A lona estalava e crepitava com tanta intensidade sobre Jan que todos olharam para cima.

— Não se preocupe — ele disse para Brie. — Eu já estive fora em tempo pior.

— Eu sei que é bobagem, mas tenho medo de que essa tempestade seja um presságio — respondeu Brie.

Jan riu, puxando a esposa para si e abraçando-a.

— O clima é só o clima. Isso significa que as colheitas crescerão e os rios correrão velozes e limpos. Significa que os homens resmungarão e xingarão e as estradas ficarão arruinadas pela lama. Mas é só isso. Eu prometo. — Ele beijou a testa de Brie. — Paulus e a equipe a levarão de volta à Encosta do Cervo.

— Eu não vou para a Encosta do Cervo e Brezno. Vou ficar com você.

Jan balançava a cabeça antes que ela terminasse.

— Não. Não temos ideia da seriedade da ameaça que vamos enfrentar em Nessântico. Não quero deixar meus filhos órfãos. Você ficará com eles.

— São meus filhos também — insistiu Brie. — E terei que contar a eles quando forem mais velhos. Se você vier a morrer, eles vão querer saber por que eu fui tão covarde e fiquei para trás.

— Você não me acompanhou quando acabamos com a rebelião na Magyaria Ocidental — rebateu Jan, embora soubesse de imediato a resposta, que veio tão rapidamente quanto ele esperava.

— Eu tinha acabado de dar à luz Eria, ou teria ido. Além disso, Jan, você precisa de mim para ficar entre você e sua matarh. Vocês dois... — Ela balançou a cabeça. — A coisa vai ficar feia, e você vai precisar de uma mediadora.

— Eu sei lidar com a minha matarh. — Jan segurou os ombros de Brie e sustentou seu olhar. — Brie, eu te amo. É por isso que não quero que você

vá. Se estiver lá, ficarei preocupado demais com você.

Ele a viu amolecer, embora ainda estivesse balançando a cabeça. Brie queria acreditar em Jan. E *era* verdade, ao menos em parte. Ele realmente a amava: um amor sereno, não o amor intenso e ardente que Jan uma vez sentiu por Elissa, nem com o mesmo desejo sexual que ele sentiu pelas amantes que teve. Jan correu para a saída da tenda.

— Mande beijos meus para Elissa, Kriege, Caelor e a pequena Eria e diga que o vatarh deles voltará em breve, que não se preocupem.

— Kriege vai querer ir atrás de você — falou Brie — e Elissa também.

Ele sabia que tinha vencido a discussão. Jan riu e puxou a esposa para si.

— Haverá tempo suficiente para isso, e do jeito que as coisas vão, haverá muitas oportunidades. Diga a eles para serem pacientes e estudarem bastante com o armeiro-mor.

— Eu farei isso, e estarei esperando por você também — respondeu Brie.

Ela ficou na ponta dos pés e beijou o marido repentinamente. Desde a partida súbita de Rhianna, uma vez que tinha ficado claro a improbabilidade da jovem ser encontrada, Brie ficou bem mais carinhosa com o marido. Jan não tinha dito nada a respeito do que a garota tinha roubado — embora suspeitasse que Brie soubesse. Jan não contou especialmente as últimas palavras de Rhianna, chocantes e inacreditáveis. *"Eu sou sua filha. Sou a filha de Elissa. A filha da Pedra Branca."*

Ele queria gritar em negação para o mundo ouvir, mas descobriu que as palavras ficavam presas em sua garganta como um espinho na barra de sua bashta. *Você achou Rhianna atraente porque ela lembrava Elissa — a Elissa que você se lembrava...* Seria possível? Seria possível que ela fosse sua filha? Será que ela, ou Elissa, era a responsável pela morte de Rance?

Sim... A palavra não parava de surgir em sua mente.

Quando essa guerra acabasse, Jan prometeu a si mesmo, ele encontraria Rhianna novamente. Ele colocaria mil homens em seu encalço, a localizaria, mandaria que a trouxessem para ele e descobriria a verdade.

E se ela for *sua filha com Elissa?* Não havia resposta para essa pergunta.

Jan sorriu para Brie e fingiu que não havia nada entre eles, e Brie fez o mesmo, como ele sabia que tinha feito antes, com suas outras amantes. Eles se beijaram mais uma vez, e Brie ajeitou o casaco de chuva em volta de Jan como teria feito com um dos filhos.

— Você deve ter cuidado — disse ela. — Volte para mim como um vitorioso.

— Eu voltarei — respondeu Jan. — Firenzcia sempre faz isso.

Ele abraçou a esposa mais uma vez por um instante, sentindo o cheiro do seu cabelo e se lembrando do cheiro de Elissa. Então ele a soltou, Paulus ergueu a aba pintada da tenda, e o hïrzg saiu para a chuva, puxando o capuz sobre sua cabeça.

O starkkapitän ca'Damont e os outros a'offiziers se empertigaram em posição de sentido e prestaram continência assim que ele surgiu, Jan devolveu a saudação. Sergei ca'Rudka estava lá também, seco em sua carruagem.

— Está na hora — disse Jan.

Ca'Damont e os offiziers o saudaram novamente, e o starkkapitän gritou ordens enquanto eles se agrupavam em suas divisões. Jan caminhou pelo lamaçal até a carruagem de Sergei, notando o brilho de seu nariz sob a sombra da carruagem.

— Embaixador? — chamou Jan. — Você tem o que precisa?

Sob a penumbra, a mão de Sergei tocou a bolsa diplomática.

— Sim, hïrzg. Sua matarh ficará feliz ao ver isso.

— Eu suspeito que ela ficará mais feliz ao ver o exército de Firenzcia — falou Jan. — Tem certeza de que não quer viajar com o exército?

Sergei balançou a cabeça.

— Eu preciso voltar para Nessântico o mais rápido possível, nem que seja para avisá-la que o socorro está a caminho. Posso viajar mais rápido dessa forma. Eu vejo o senhor lá.

Jan concordou com a cabeça e gesticulou para o condutor.

— Que Cénzi acelere sua jornada. E que essa chuva pare antes que o rios subam.

Sergei ia responder, mas ambos ouviram uma voz saudando o hïrzg. Jan se virou — a carruagem do archigos Karrol havia chegado. Dois assistentes ténis o ajudaram a descer, segurando um guarda-chuva sobre ele. Apesar disso, Jan notou que a barra dourada de seu robe de archigos estava suja de lama, e Karrol parecia ofegante.

— Meu hïrzg — chamou o archigos, acenando para Jan.

— O archigos parece chateado — disse Sergei.

O embaixador colocou a cabeça para fora da janela da carruagem. A chuva colou as poucas mechas de seu cabelo grisalho ao crânio e espirrou no nariz.

— Eu imagino...

— Você imagina o quê? — perguntou Jan, mas o archigos o alcançou antes que Sergei pudesse dizer alguma coisa.

— Meu hïrzg — repetiu o archigos Karrol ao fazer o sinal de Cénzi. — Estou feliz em encontrá-lo. Eu...

Ele parou ao ver a carruagem e ver Sergei fazendo uma careta.

— Prossiga, archigos — disse Jan. — Se você tem algo a dizer, tenho certeza de que o embaixador também deve ouvir.

— Hïrzg... eu... — O homem fez uma pausa, como se para recuperar o fôlego. Sua cabeça eternamente abaixada fez um esforço para encarar Jan nos olhos. — Eu mandei que os ténis-guerreiros me encontrassem esta manhã, para dar a minha bênção final e as ordens, mas...

Ele se deteve e pendeu a cabeça novamente. A chuva caía em um ritmo acelerado sobre guarda-chuva que o protegia.

— Mas... — incentivou Jan, apesar de já saber o que Karrol diria.

O hïrzg olhou para Sergei, que tinha se recolhido de volta ao abrigo da carruagem.

— A maioria dos ténis-guerreiros... Eles foram embora, meu hïrzg. Aqueles que ficaram disseram que chegou uma mensagem à noite e que a maioria abandonou o acampamento em seguida. A mensagem...

— Era de Nico Morel — Jan concluiu por ele, e disparou — Pelos colhões de Cénzi.

A blasfêmia fez Karrol erguer a cabeça novamente. Seus olhos remelentos o encararam de forma acusatória.

— Sim, meu hïrzg — concordou o archigos. — A mensagem era de Morel. O homem teve a audácia de *ordenar* que os ténis-guerreiros não entrassem em combate, como se *ele* fosse o archigos. Eu lhe prometo, hïrzg, assim que acharmos esses traidores, eu os punirei até os limites da Divolonté. Eles jamais darão ouvidos a um herege novamente.

— E enquanto isso? — perguntou Jan. — Como meu exército vai arrumar ténis-guerreiros?

— Ainda há dois punhados, hïrzg.

— Vinte ténis-guerreiros. Impressionante. Dois punhados obedecem a você, e oito punhados obedecem a Morel. Talvez Morel *devesse* ser o archigos. Ele parece ter mais influência do que você.

O archigos Karrol piscou.

— Estou certo de que os demais perceberão sua conduta errada em breve. Cénzi os punirá, os tornará incapazes de lançar feitiços, assombrará seus sonhos. Eles voltarão, arrependidos. Tenho certeza disso.

— Fico feliz em saber da sua confiança — respondeu Jan secamente, ouvindo Sergei rir na carruagem.

— O que trará os ténis-guerreiros de volta é a morte de Morel — comentou o embaixador. — Se matarmos Morel, acabamos com qualquer autoridade que ele tenha.

— Ou o transformamos em um mártir — retrucou o archigos Karrol, mas Sergei respondeu rapidamente.

— Não. Nico Morel diz que é guiado por Cénzi, que é protegido por Cénzi, que é a voz de Cénzi. Se Cénzi permitir que ele morra, tudo o que Morel alega ser será tido como mentira. Os morellis desaparecerão como uma tempestade de neve na primavera.

— Ao que parece, embaixador, o senhor e a kraljica só têm uma resposta para qualquer problema que Nessântico enfrente — murmurou Karrol.

— E ao que parece, archigos — retrucou Sergei —, o senhor não tem nenhuma.

— Chega! — rosnou Jan.

Ele gesticulou sob a chuva. Um raio caiu perto deles, e o hïrzg esperou até que o ruído do trovão passasse.

— Eu espero que você, archigos, esteja disposto a me acompanhar, para que eu não perca mais ténis-guerreiros do que já perdi.

A expressão mal-humorada de Karrol foi suficiente para indicar a Jan o que passava pela cabeça do archigos, mas o homem ergueu as mãos, fazendo o sinal de Cénzi, sem dizer nada. Seus assistentes se entreolharam.

— Embaixador — falou Jan —, estamos atrasando sua partida. Diga para minha matarh mandar o comandante ca'Talin ou um de seus a'offiziers a cavalo em nossa direção o quanto antes, para podermos coordenar com a Garde Civile dos Domínios.

— Certamente, hïrzg. E eu lhe dou meus próprios agradecimentos; o senhor será um belo kraljiki. — Dito isso, Sergei bateu no teto da carruagem com a bengala e gritou — Condutor!

O homem estalou as rédeas e a carruagem seguiu em frente, dando um solavanco. As rodas abriram sulcos fundos e compridos na lama. Jan se voltou para o archigos, ainda seco sob o guarda-chuva enquanto a chuva fria pingava do tecido impermeável do capuz de Jan.

— Vamos partir antes da Segunda Chamada, archigos — falou ele. — Eu sugiro que você se apronte.

— Hïrzg Jan, eu peço que o senhor reconsidere. Sou um velho e tenho

tarefas a cumprir em Brezno. Talvez, se a minha equipe ficar com o senhor...

O guarda-chuva se agitou enquanto os assistentes arregalavam os olhos.

— Eu reconheço a sua fragilidade, archigos, mas talvez seja hora de você examinar seus templos em Nessântico, uma vez que você precisa substituir a a'téni ca'Paim, e quando eu for o kraljiki, o trono da fé concénziana voltará para lá.

O archigos Karrol não respondeu, suas costas eternamente curvadas davam a impressão de que ele estava examinando a barra enlameada de seu robe.

— Você está perdendo tempo, archigos — falou Jan. — Espero ver sua carruagem se unir ao comboio do exército em meia virada da ampulheta, sem mais reclamações ou sugestões.

Dito isso, Jan deu meia-volta. Ele pediu seu cavalo e suas armas e seguiu em direção ao lugar em que o starkkapitän ca'Damont o aguardava.

Allesandra ca'Vörl

Allesandra tinha requisitado uma sacada com vista para a praça. O Velho Templo se agigantava do outro lado, embora fosse difícil ver muita coisa com a chuva torrencial e a escuridão da tempestade. Erik estava atrás dela, olhando sobre seu ombro, sua solicitude a incomodava.

— É sério, Allesandra, você deveria sair da janela. Há ténis-guerreiros dentro do Velho Templo, e você não tem ideia do que eles podem fazer, especialmente se souberem que a kraljica está observando.

— Eu sei *exatamente* do que ténis-guerreiros são capazes — ela respondeu rispidamente. — Provavelmente melhor do que você, Erik. E eu não gosto que você fale comigo como se eu fosse uma criança.

— Desculpe — ele disse, mas não parecia haver nenhum pedido de desculpa em sua voz. — Eu só estou preocupado com sua segurança, meu amor.

— E eu estou preocupada com a segurança do meu povo. A Garde Kralji não é a Garde Civile. Seu trabalho é policiar Nessântico; eles nunca enfrentaram ténis-guerreiros antes, não encaram uma insurreição armada há um século e meio, e o comandante é um prisioneiro no lugar

que eles estão prestes a atacar.

— É por isso que eu sugeri que você me colocasse no comando da Garde Kralji — disse Erik. — Eles precisam ser conduzidos por uma mão firme.

Então eu não *sou uma mão firme, na sua opinião?*

— Você nunca comandou uma força organizada antes — Allesandra o lembrou.

De fato, o homem estava se tornando cansativo. Ela começava a se perguntar o que tinha visto nele.

— Eu sou o símbolo de Nessântico. Eu governo os Domínios. Eles merecem ver que estou aqui, com eles. Eu agradeceria se... — Allesandra parou e espiou na chuva. — Ah, Varina está voltando... E lá está o sinal do a'offizier ci'Santiago; Morel se recusou a negociar.

Allesandra suspirou. Ela teve esperanças de que a situação não chegasse a este ponto, de que, de alguma forma, Varina fosse capaz de negociar a remoção dos morellis do templo — ela podia ver que isso não acabaria bem, independentemente do resultado. Mas Allesandra não tinha escolha. Especialmente se Jan estivesse trazendo o exército firenzciano para cá — ela tinha que dar um fim nisso agora ou daria a impressão de ser extraordinariamente fraca.

Talbot tinha içado duas bandeiras na sacada onde ela estava: uma tinha um tom vermelho-sangue intenso, a outra, era verde-claro. Ambas pingavam chuva de suas dobras ensopadas. Allesandra arrancou a bandeira verde do suporte e a deixou cair sobre as pedras da sacada. Como uma resposta, uma estrela vermelha surgiu lá debaixo, desenhando um arco bem acima da praça. A luz permaneceu ali por um instante, dando um toque sangrento à tarde escura e sibilando de forma audível na chuva.

Um momento depois, três arcos de chamas foram disparados quase que diretamente sob a sacada do templo — pelos numetodos. As chamas pingaram e estalaram, deixando um rastro de fumaça nociva, e disparando para bater no pórtico em frente ao Velho Templo. Quando as chamas atingiram o alvo, houve uma explosão terrível, e clarões brancos sacudiram a praça inteira. Allesandra sentiu a sacada estremecer sob ela. Um momento depois, uma onda de ar aquecido passou por ela, erguendo seu cabelo. Sob a chuva e a fumaça, era difícil dizer o que tinha acontecido, mas agora os gardai da Garde Kralji corriam em direção ao Velho Templo de todas as direções da praça, aos berros. Ela notou ci'Santiago no comando dos gardai — independentemente do que

Allesandra pensasse de sua competência, o homem ao menos era corajoso.

Os gardai estavam a apenas um quarto do caminho na praça quando a resposta do Velho Templo foi dada. Uma dezena de bolas de fogo foram disparadas contra a fumaça que cercava a entrada principal através das janelas dos prédios anexos ao templo. Allesandra ouviu os numetodos gritarem os gatilhos de seus feitiços, e todas as bolas de fogo dos ténis-guerreiros, exceto duas, estalarem e se apagarem. Mas essas duas caíram sobre a massa de gardai em avanço. Gritos agudos rasgaram a tempestade quando as bolas de fogo explodiram. Por um momento, houve caos na praça e os gardai pararam. Ela ouviu ci'Santiago berrar ordens enquanto os numetodos disparavam seus feitiços em direção ao Velho Templo. Os gardai avançaram novamente, mas uma fumaça irritante e sufocante agora obscurecia a praça do templo, dificultando a visão. Allesandra se inclinou para frente, com as mãos agarradas ao gradil da sacada.

Quase tarde demais, ela viu um globo de fogo surgir voando da fumaça em sua direção. Allesandra recuou e se jogou de costas no interior do aposento. A bola de fogo colidiu contra a lateral do prédio, provocando uma grande onda de chamas um pouco abaixo e à direita da sacada onde ela estava. O prédio balançou, derrubando Erik no chão. O lustre do cômodo balançou freneticamente, os enfeites de vidro lapidado se quebraram e caíram. Pedaços de gesso e sanca caíam como cascatas do teto, e duas rachaduras longas e escancaradas serpenteavam do piso para o teto da parede externa. Um pedaço da sacada onde Allesandra estava desabou.

Ela sentiu o cheiro de enxofre e fumaça ondulando lá fora.

— Allesandra! — berrou Erik.

Ele tentava levantá-la enquanto ela tossia o ar fétido e sufocante, os gardai que estavam no corredor do lado de fora entraram correndo e a cercaram desembainhando suas espadas.

— Temos que sair daqui!

— Espere!

Allesandra cambaleou até a abertura da sacada e olhou através das portas destruídas. Na praça agora se estabelecera o caos; ela não conseguia ver nada, embora houvesse chamas e explosões em volta do Velho Templo. No chão lá embaixo, as chamas subiam pelas laterais do edifício.

— Desgraçados imundos! — berrou Erik enquanto gesticulava para o

Velho Templo. — Matem todos! Matem todos eles!

A kraljica o encarou. Ele fez uma careta e, em seguida, se acalmou.

— Muito bem — disse Allesandra para Erik e os gardai. — Eu fiz tudo que era possível aqui. Vamos.

Sergei ca'Rudka

A chuva martelava o teto da carruagem e pingava através de todas as frestas imagináveis no teto e nas laterais do veículo. Sergei só podia imaginar como o pobre condutor devia estar sofrendo, encolhido no banco à medida que eles avançavam diante do exército na estrada.

Sergei parou por meia virada para um breve almoço em uma das estalagens de Ville Colhelm, do outro lado da fronteira dos Domínios, e para permitir que o condutor atual se sentasse em frente à lareira ruidosa da taverna para tentar tirar um pouco da umidade de suas roupas ensopadas. O novo condutor que Sergei tinha contratado não parecia estar muito animado com a ideia de passar longas viradas da ampulheta exposto à chuva.

Ele não se demorou. Comeu rápido e voltou à carruagem com seu novo condutor, balançando e chapinhando pelas estradas quase intransitáveis devido ao mau tempo. À tarde, a chuva tinha diminuído para uma garoa persistente e taciturna, e a chuva mais intensa e as trovoadas tinham sido levadas para o leste e o norte.

Sergei tentou dormir na carruagem baloiçando, mas não conseguiu. O teto vazava no canto onde ele tentou se encolher, e os sulcos na estrada não pareciam se encaixar nas rodas da carruagem, de maneira que toda vez que o veículo encontrava com eles, as molas da carruagem ameaçavam jogá-lo para fora do assento. Ele se perguntou se o condutor estava fazendo isso deliberadamente para fazê-lo sofrer tanto quanto ele estava sofrendo.

Eles encontraram poucas pessoas na estrada, em sua maioria agricultores sentados em seus cavalos de tração pesados e lentos ou com seus animais seguindo carroças igualmente lentas e pesadas, carregando mercadorias destinadas aos mercados da cidade mais próxima. Sergei fechou os olhos. Queria estar de volta a Nessântico, de volta aos seus belos aposentos lá. Ora, quem sabe ele até visitasse a Bastida novamente — certamente, a esta altura, Allesandra teria uma braçada de morellis

abrigados na escuridão de lá, e ele poderia se entregar à deliciosa dor...

— Saia da estrada, garota! — Sergei ouviu o condutor gritar. — Você é cega e surda?

Sergei afastou as cortinas da porta a tempo de ver a carruagem passar por uma moça caminhando na estrada. Ela estava ensopada, com apenas um pequeno embrulho na mão e lama até os joelhos e respingos causados pelas rodas da carruagem espalhados por sua tashta. Ele viu a moça fazer um gesto obsceno pelas costas do condutor.

O rosto dela lhe pareceu estranhamente familiar. Sergei deixou a cortina cair e a carruagem seguir em frente aos solavancos por alguns instantes até ter a ideia.

— Condutor! — ele chamou, usando a ponta da bengala para levantar a janela entre os dois. — Pare por um momento.

— Vajiki?

— Aquela garota. Pare.

Sergei pensou ter ouvido um suspiro do condutor.

— Ela sequer parece ser bonita o suficiente para o senhor se dar ao trabalho, vajiki, e, além disso, está ensopada. Mas, como queira...

O condutor puxou as rédeas. Sergei abriu as cortinas novamente, colocando a mão para fora e gesticulando para a garota.

— Venha — disse ele. — Saia debaixo da chuva.

Ela hesitou, mas caminhou devagar até a carruagem. Ela parou na porta e ergueu os olhos para ele.

— Perdão, vajiki, mas como posso saber se posso confiar no senhor? — perguntou a jovem.

Se ela ficou surpresa com o nariz falso, não pareceu reagir. E esse rosto... *O cabelo era diferente. Mais claro e curto — e mal cortado. Mas esses olhos, e essa presença...*

— Não pode — respondeu Sergei. — Eu poderia lhe dar a minha palavra, mas o que isso significaria? Se eu quisesse lhe fazer mal, eu simplesmente mentiria a respeito disso também. A escolha é sua, mocinha; você pode entrar e pegar carona comigo, ou pode ficar aí fora. Se escolher a segunda opção, ao menos não pode ficar mais molhada do que você já está.

Ela riu.

— Verdade. Ah, bem...

A moça ergueu a mão e abriu a porta da carruagem, pisando no estribo e fazendo a carruagem ceder com seu peso. Ela desmoronou no assento estreito em frente a Sergei. A água gotejava de seu cabelo e roupas

encharcadas.

A jovem olhou para ele fixamente quando Sergei fechou a porta e bateu no teto da carruagem com o punho da bengala.

— Vamos, condutor.

O condutor estalou as rédeas e gritou para o cavalo, e a carruagem seguiu novamente, dando um solavanco. A jovem continuou olhando para ele fixamente. Em meio à penumbra da carruagem e com seus velhos olhos, era difícil perceber bem as feições dela, mas Sergei sabia que a moça podia ver o nariz grudado em seu semblante enrugado. Se ela *era* quem ele pensava que era, não disse nada, não reconheceu seu nome.

— O senhor tem o hábito de dar caronas para camponeses sem status, vajiki? — perguntou ela.

— Não — respondeu Sergei. — Apenas para aqueles que parecem interessantes.

Ela não reagiu a isso, a não ser com um gesto para tirar da testa o cabelo grudado pela chuva.

— Se vamos compartilhar esta carruagem desconfortável, é melhor nos apresentarmos — ele disse, finalmente. — Você é...?

— Remy. Remy Bantara.

Houve uma pequena hesitação quando ela pronunciou seu sobrenome. *Ela está mentindo...* Sergei conteve um tique de satisfação. A jovem mentia melhor que a maioria, extremamente habilidosa, o que indicou para Sergei que ela também estava acostumada a mentir. A hesitação foi praticamente imperceptível, mas ele tinha ouvido muitas mentiras e evasivas na vida. A moça também mantinha a mão direita sob as dobras do sobretudo, perto do topo da bota. Ele suspeitou que ela tivesse uma arma ali — uma faca, provavelmente. Isso o deixou curioso — o que mais ela estaria escondendo?

— E o senhor é o embaixador Sergei ca'Rudka. O Nariz de Prata — acrescentou a moça.

— Ah, já nos conhecemos antes?

Ela balançou a cabeça, jogando gotículas de chuva do cabelo arrepiado.

— Não, mas ouvi falar do senhor. Todo mundo ouviu.

E todo mundo que me vê pela primeira vez não faz nada além de olhar fixamente para o meu nariz; e você não o fez... Sergei sorriu para ela.

— Para onde você vai, vajica Bantara?

— Nessântico — respondeu a jovem. — E o senhor pode me chamar de Remy, se preferir.

— É uma longa caminhada, Remy.

— Eu não preciso cumprir uma agenda. Quando eu chegar, cheguei, embaixador.

— Você pode me chamar de Sergei, se quiser. Nessântico, hein? Estou indo para lá também.

Ele soube agora. Pelo timbre na voz, pela forma como olhava atentamente para ele quando pensava que não estava sendo observada, pela ausência de subserviência genuína no tom. Ela tinha pintado o cabelo em um tom mais claro e provavelmente o tinha cortado sozinha. Esta era Rhianna — a garota que Paulus tinha dito que o pessoal do hïrzg procurava. Conhecendo Jan como ele conhecia, e tendo ouvido o diálogo entre o hïrzg e Brie, Sergei suspeitava do motivo.

— Eu vou parar em Passe a'Fiume esta noite para dormir e trocar de condutor e de cavalo, em seguida prossigo para Nessântico de manhã. — Ele hesitou. — Fique à vontade para me acompanhar. É um trajeto bem mais curto que uma caminhada.

— E o que o senhor espera receber em troca, embai... Sergei?

— Apenas o prazer da sua conversa — respondeu ele. — Como eu disse, é um longo caminho até Nessântico, e solitário.

— Como eu disse há pouco, eu ouvi falar de você. E algumas dessas histórias... — Ela deixou a frase esvanecer em silêncio e continuou a encará-lo.

— Eu não acredito em histórias e fofocas — disse Sergei. — Eu prefiro descobrir a verdade por minha própria conta. Alguém forte o suficiente para ir até Nessântico a pé certamente é forte o suficiente para se defender de um velho que mal consegue andar, caso ele ultrapasse os limites da educação. No mínimo, você deve correr mais do que eu.

Ela riu novamente, uma risada genuína e rouca que fez Sergei responder com um sorriso. Sua mão saiu debaixo da tashta: novamente, um movimento natural e calculado, não o gesto de uma jovem assustada em uma situação incerta, mas de alguém acostumado a essas condições. Ele começou a se perguntar se não havia mais a respeito da história de Jan e Rhianna do que ele pensava.

Você poderia obrigá-la a falar. Poderia obrigá-la a contar tudo.

A ideia era agradável e tentadora, mas ele a dispensou. Em vez disso, continuou sorrindo.

— Eu posso arranjar um quarto para você nos aposentos da kraljica em Passe a'Fiume. Também posso garantir que as trancas funcionem perfeitamente bem. Em troca, você me conta a sua história. Estamos combinados?

— Só se você me contar a sua também. Garanto que a sua seria bem mais interessante.

— A história do outro é sempre mais interessante — disse Sergei. — Honestamente, a minha é um tanto ou quanto enfadonha, mas... estamos combinados, então. Então, comecemos. Diga-me, por que uma jovem está indo até Nessântico a pé na chuva?

A jovem afastou o rosto. Ele quase conseguiu ouvi-la pensar. Imaginou o que ela diria, mas sabia que o que quer que dissesse não seria a verdade.

— É por causa do meu vavatarh — falou Remy. — Nós moramos perto de Ville Colhelm, e ele decidiu que eu tinha que casar com um rapaz de uma fazenda próxima da nossa...

— Você está mentindo — interrompeu Sergei, mantendo sua voz calma, tranquila. — Tenho certeza de que você contaria uma mentira convincente e divertida, mas, ainda assim, uma mentira.

A mão da jovem voltou a deslizar para debaixo de sua tashta — calmamente, um movimento que teria passado despercebido pela maioria dos olhos, pois, ao mesmo tempo, ela mudou de posição no assento e abaixou as duas pernas como se estivesse se preparando para levantar.

— Desculpe — falou a moça. — Você está certo. Eu não sou de Ville Colhelm, nem mesmo dos Domínios. Sou de Sesemora, de uma cidade no Lungosei, mas a maior parte da minha família é de Il Trebbio, e portanto eles estavam sob suspeita constante. Os soldados do pjathi vieram um dia, e...

Sergei balançou a cabeça e ela parou.

— Por que você não me diz o seu verdadeiro nome? Rhianna, talvez? Ou isso também é uma mentira? — Ele notou o olhar da jovem disparar para a porta da carruagem. — Não faça isso. Não há motivo para você se alarmar. Como você mesma disse, você me conhece. Eu fiz coisas terríveis na vida, e não há nada que você possa me contar, eu imagino, que vá me chocar. O que quer que você tenha feito, o que quer que tenha acontecido com você, eu não pretendo prendê-la. Especialmente porque você está empunhando uma faca no momento, e minha única arma é esta bengala.

Sergei ergueu a bengala com um movimento propositalmente lento, fazendo uma careta como se lhe doesse levantar o ombro — ele também se escusou de mencionar a lâmina que poderia sacar da bainha da bengala caso precisasse, ou o fato de que Varina tinha encantado o objeto: com o gatilho do feitiço que ela o tinha ensinado, o embaixador poderia matar um agressor instantaneamente, segundo Varina. Ele nunca tinha

usado o gatilho, uma vez que Varina dissera que o custo do feitiço era incrivelmente alto e que ela não podia (ou não queria) repeti-lo. *"Use apenas em uma emergência"*, dissera Varina. *"Apenas quando você não tiver outra opção..."*

— A porta está destrancada, eu vou me sentar aqui, longe dela — disse Sergei, soltando um gemido e se arrastando no assento até o lado oposto à porta. — Você pode alcançá-la bem antes de eu tentar detê-la. Pronto, agora você pode fugir para esse tempo horrível quando quiser. Mas se escolher ficar, eu gostaria de ouvir a sua história. A verdadeira.

Ela o encarou, e ele devolveu o olhar placidamente. Sergei notou que ela começou a relaxar lentamente, embora sua mão nunca tivesse se afastado da arma escondida.

— Eu poderia matá-lo, Sergei, facilmente — ela disse.

— Não tenho nenhuma dúvida disso. E se acontecer, bem, eu vivi uma vida longa e acredito que você seja habilidosa o suficiente para fazer com que meu fim seja rápido e simples.

— Eu não estou brincando.

— Nem eu — ele respondeu. — Então, o seu nome ao menos é Rhianna?

O silêncio se arrastou tanto que Sergei pensou que ela não fosse responder. Apenas o rangido da carruagem e o balanço dos sulcos na Avi podiam ser ouvidos. A jovem se aproximou da porta, e ele pensou que ela fugiria para a chuva novamente e sumiria para sempre. Então a jovem exalou todo o ar de seu corpo em um grande suspiro. Desviou o rosto e ergueu a cortina da porta para olhar para a chuva.

— Rochelle é o nome que minha matarh me deu — falou ela.

Nico Morel

O fogo rastejava pelas paredes, lambendo os rostos pintados dos moitidis e dos archigi mortos há muito tempo. A fumaça escondeu o cume do domo, subindo em direção às aberturas da grande lanterna no topo. O cântico dos ténis-guerreiros e o som estridente dos feitiços eram o pano de fundo para os gritos dos feridos e as chamadas dos morellis enquanto Nico corria cambaleante em direção aos portões principais, com Liana o acompanhando com dificuldade.

— Absoluto! — berrou Ancel, e ele viu a figura magra do homem

através da bruma. — Os gardai estão avançando contra o templo!

— Diga aos ténis-guerreiros para reagirem — gritou Nico. — Eles vão ceder. Vão fugir.

Ele disse com uma confiança que já não sentia e se desculpou com Cénzi por sua dúvida. *Perdão, Cénzi. Eu acredito. Eu acredito...*

A ferocidade do ataque inicial o surpreendeu. Nada que ele tivesse visto nos sonhos concedidos por Cénzi o tinha preparado para a realidade dessa batalha. Os ténis-guerreiros não conseguiram reverter o ataque inicial — aconteceu tudo rápido demais, e eles se enganaram ao pensar que as bolas de fogo tinham sido criadas pelo Ilmodo, quando eram puramente físicas: projéteis de areia negra que explodiram ao contato. Os disparos arrancaram as portas que eles haviam barricado com tanto cuidado: as vigas quebradas e pedras dispararam projéteis terríveis dentro do templo principal, jogando bancos para longe e provocando uma chuva de poeira e destroços. Pelo menos dois punhados de morellis morreram nesse primeiro ataque, e muitos mais ficaram feridos. Os gritos dos feridos ainda ecoavam em sua cabeça. Nico tinha se dirigido até eles, tentando consolá-los como pôde e rezando para Cénzi agir através de suas mãos e curá-los — e, para alguns, Ele respondeu, embora isso tivesse deixado Nico tão cansado como se ele mesmo tivesse usado o Ilmodo contra os princípios da Divolonté, que proibia o uso do Dom de Cénzi para a cura.

Ancel tinha assumido o comando da defesa do Velho Templo enquanto Nico e Liana cuidavam dos feridos e rezavam pelos mortos. Os ténis-guerreiros que tinham respondido ao chamado de Nico agora retaliavam e disparavam feitiços de guerra contra os gardai, que avançavam. Seus cânticos baixos preencheram a nave, e eles gesticularam furiosamente ao lançarem rajadas atrás de rajadas lá fora, na tempestade. Nico podia ouvir os berros e o choro dos hereges lá fora, podia ver os incêndios que começavam a consumir os prédios em volta da praça.

A destruição era terrível de ver. O que fez Nico sentir vontade de chorar.

— Era isso que o Senhor queria de mim, Cénzi — rezou ele. — Deixe-me continuar a fazer Sua vontade.

Nico abraçou Liana e falou.

— Eu tenho que ir. E tenho que ajudar. Cuide dos feridos. E tome cuidado.

— Nico...

Ele notou o medo no rosto sujo de fuligem de Liana e lhe deu um

abraço e um beijo rápidos. Ela não o soltou, Nico se permitiu afundar no abraço de Liana apenas por um momento, tentando gravá-lo em sua mente e mantê-lo para sempre. Ficou curioso com esse impulso. Depois se afastou e a beijou novamente.

— Fique segura no amor de Cénzi e no meu — falou Nico.

— Eu te amo, Nico — respondeu Liana. — Tenha cuidado.

Ele sorriu.

— Eu tenho a proteção de Cénzi. Eles não podem me ferir...

Dito isso, Nico a deixou.

Ele avançou pelos destroços, em direção ao local em que Ancel estava. Ele espiou das ruínas das portas principais para a praça.

— Onde eles estão? — perguntou Nico, então ele os viu.

Uma fileira de gardai saiu correndo da chuva torrencial, com suas espadas erguidas e suas bocas abertas, gritando todos juntos, de maneira que ele não conseguia distinguir o que eles diziam, se é que diziam alguma coisa. Nico ergueu os próprios braços à medida que o cântico dos ténis-guerreiros se intensificava. Ele pôde sentir o frio do Ilmodo envolvê-lo, abraçá-lo por completo, Nico reuniu esse poder falando a língua e os gestos de Cénzi e os lançou para longe. Ele não conhecia o feitiço que tinha criado; a magia tinha vindo a ele de maneira espontânea — um dom tão natural quanto o ato de respirar.

Uma onda pulsou para fora de Nico, se tornando visível nas portas quebradas e nos pilares do templo que saíram voando e desviando a chuva para trás como se o vento da tempestade a tivesse soprado e acertando com força os gardai, fazendo com que caíssem e rolassem para trás, golpeados e dilacerados por seu poder. Quando a onda se extinguiu, eles tinham sumido, e a praça diante das portas tinha sido varrida até a chuva voltar.

— Absoluto... — sussurrou Ancel. — Eu nunca vi algo parecido...

Os ténis-guerreiros também tinham interrompido seu cântico, olhando com espanto no rosto para Nico.

Mas agora havia sons de batalha atrás dele, dentro do próprio templo; Ancel e Nico se viraram ao mesmo tempo e viram gardai entrando em debandada pelos corredores das capelas laterais e pelos fundos do coro, dando lugar a um combate corpo a corpo em meio aos bancos, com feitiços esporádicos sendo lançados pelos morellis que também eram ténis. Nico sentiu outros feitiços sendo lançados, rápidos demais para serem feitos por ténis — então havia numetodos dentro do templo também. Os feitiços dos ténis-guerreiros, no entanto — indicados para

destruição em massa em batalhas em campo aberto —, eram inúteis ali, em um espaço confinado; eles matariam tanto morellis como gardai e numetodos. Portanto, os ténis-guerreiros, treinados também como espadachins, sacaram suas armas.

A batalha violenta estava por toda parte e, sob o grande domo, em si, Nico viu Liana, com o rosto pálido, entoando e gesticulando para preparar um feitiço. Varina também estava lá, ela tinha entrado no templo pela mesma porta por onde saíra há pouco, ela também estava lançando feitiços.

Cénzi, eu preciso do Senhor. Por favor, me ajude... A prece cresceu em Nico, e ele sentiu o frio aumentar em volta de si. Ele começou a reunir seu poder, mas um numetodo — seria Talbot, o assistente da kraljica — tinha visto Nico e, com um gesto e uma palavra, o homem lançou fogo em sua direção. Nico teve que usar o Ilmodo para aparar o feitiço.

— Lá está Morel! — Nico ouviu Talbot gritar ao apontar pra ele.

Nico podia sentir o Ilmodo se contorcer e o envolver quando os numetodos voltaram sua atenção para ele. Eles não lhe deram descanso. Por mais rápido que reunisse o Ilmodo, Nico tinha que usá-lo para se defender dos ataques, e agora estava ficando cansado, o esgotamento por usar o Ilmodo de maneira tão forte e com tanta frequência deixou sua mente, braços e pernas pesados. Em um momento, ele tinha conseguido lançar Varina, Talbot e outro herege para trás, sobre as paredes do Velho Templo, mas havia muitos deles, e os gardai também fechavam o cerco a sua volta...

Cénzi, eu preciso do Senhor...

Ele ignorou seu cansaço. Fechou os olhos, reunindo o poder e se revestindo com ele de modo que os feitiços dos inimigos refletiram em Nico como o sol em um espelho. Ele mal podia ver o templo através da bruma agitada em torno de si. *Eu vou derrubar todos eles, Cénzi. Vou destruí-los como o Senhor quer que eu faça...*

Os ténis-guerreiros começaram a preparar feitiços menores. Nico viu que eles estavam preparados para lançá-los nos numetodos e gardai que entravam em debandada no Velho Templo. Os numetodos empunhavam dispositivos como aquele que Varina portara, apontando para os ténis-guerreiros. Ouviram-se estampidos altos, nuvens de fumaça foram levantadas, e os ténis-guerreiros berraram, interrompendo seus cânticos e caindo no chão. Seu sangue ensopava seus robes verdes. Essa era uma magia que Nico nunca tinha visto antes, uma magia terrível.

Cénzi, por favor...

Ele viu Liana preparando seu próprio feitiço, viu Talbot cambaleando até ela com a cabeça ensanguentada. O homem sacou um estranho mecanismo, bem parecido com o que Varina tinha, e — ainda de joelhos — apontou para Liana. Brilharam faíscas, ouviu-se um estrondo alto, e uma fumaça saiu da ponta comprida da arma.

E Liana... Liana cambaleou para trás, agarrando-se ao próprio corpo, e uma mancha escura surgiu em sua tashta, crescendo entre os seios.

— Não! — rugiu Nico, mas sua voz se perdeu em meio ao caos frenético a sua volta. — Não!

Ele lançou o Ilmodo desenfreadamente, sua energia foi liberada sem controle, derrubando gardai, morellis e numetodos da mesma maneira. Um vento correu pelo Velho Templo, apagando incêndios e derrubando mais paredes. Nenhum grito e gemido era tão alto como aquele que saiu de sua própria garganta.

— Não!

Nico correu na direção de Liana, que estava caída no chão, mas havia gardai por todas as partes e mãos tentando agarrá-lo. Eles avançaram contra Nico, jogando-o no chão enquanto ele lutava, chutava e arranhava. Alguma coisa dura colidiu contra sua cabeça, e a sala girou freneticamente ao redor, e ele não pôde mais ver Liana, seu mundo entrou em trevas...

Brie ca'Ostheim

A carruagem dava solavancos, pulava e balançava. A viagem da Encosta do Cervo ao Palácio de Brezno foi tão incômoda quanto qualquer outra que Brie tivesse feito, e a chuva e as crianças tristes não a melhoraram. Elissa e Kriege estavam com ela; Caelor e Eria vinham na carruagem seguinte com as babás. Uma carruagem à frente levava Paulus e suas camareiras; os veículos seguintes traziam o resto da equipe. Os gardai da Garde Brezno cavalgavam ao lado do comboio, sofrendo com o mau tempo.

— Matarh, já chegamos? — resmungou Elissa.

Ela meteu a cabeça para fora da janela mais próxima, mas a recolheu rapidamente. A água molhou seu rosto e cabelo. Um trovão chiou diante da intrusão.

— Eu quero chegar lá.

— Eu também, querida — respondeu Brie, cansada. — Por que você não descansa, se quiser? Olhe, seu irmão dormiu. Veja se consegue dormir como ele; é isso o que um bom soldado faz; ele dorme sempre que tem uma chance, porque nunca sabe por quanto tempo vai precisar ficar acordado.

Elissa olhou para o adormecido Kriege, e Brie sabia que ela tinha ficado tentada — como Elissa sempre ficava quando pensava que estava competindo com o irmão. Mas a menina fez uma careta de desdém.

— Eu não estou com sono. Só quero chegar em *casa*. Quando o vatarh vai voltar? Por que não posso ir com ele assim como a mamatarh Allesandra foi com o vavatarh Jan?

— Porque seu vatarh lhe mandaria de volta, e eu estava aqui para garantir que você não se escondesse no comboio de suprimentos como sua mamatarh fez, é por isso. Olhe, eu trouxe um baralho; nós podemos jogar lansquenete; eu dou as cartas, e nós podemos apostar pinos...

Elas jogaram por algum tempo e, apesar dos solavancos da carruagem, Brie notou que as pálpebras de Elissa ficavam pesadas, até, finalmente, as cartas caírem de seus dedos e se espalharem em seu colo. Brie recolheu a cartas, guardou o baralho dentro da caixa e o colocou debaixo do assento. Ela recostou sua cabeça nas almofadas e fechou os olhos.

Ela adormeceu mais rápido do que esperava, mas foi um sono atormentado por sonhos.

Sob a luz do luar, Jan estava de braços cruzados. Ele estava em Nessântico, ou pelo menos ela acreditava, em meio ao delírio do sonho, que a cidade com a arquitetura estranha era Nessântico. Atrás de Jan, havia a fachada de um imenso palácio, com vitrais rachados e quebrados, e paredes escurecidas por fumaça. O sonho mudou, Brie percebeu que havia uma mulher com Jan. Por um instante, ela pensou que fosse Allesandra, mas seu cabelo era escuro, e quando a mulher se virou um pouco, Brie viu o rosto de Rhianna. Os dois estavam próximos, mas não se tocavam, ainda assim, Brie sentiu uma onda quente de ciúmes. Ambos olhavam fixamente para o palácio. Havia uma faca na mão de Rhianna, e ela recuou como se fosse atacar...

...Mas o sonho mudou novamente e Brie viu os próprios filhos, mas havia outra criança entre eles. Brie teve a estranha sensação de que todas as crianças eram irmãs. A mais nova era uma moça talvez quatro ou cinco anos mais velha que Elissa, mas Brie não pôde ver o rosto dela, por mais que tentasse. Jan entrou no quarto e se aproximou da mulher, abraçando e beijando primeiro ela, depois Elissa.

— Vatarh! — disse a mulher...

...Agora Brie estava segurando um bebê, embalando e olhando para seu rosto.

— Querida garotinha — sussurrou ela. — Pobrezinha...

O bebê enroscou os dedinhos em volta dos dedos de Brie, e ela sorriu, mas havia sombras no quarto, fumaça negra e fogo. Brie apertou a menina contra o corpo e tentou fugir. Ela pensou ter visto Jan e começou a seguir na direção dele, mas o fogo o envolveu e Brie ouviu Jan gritar...

— Matarh?

Brie acordou e percebeu onde estava, a carruagem tremia e dava solavancos na estrada. Ela esfregou os olhos, afastando o pânico do pesadelo. Ela notou que seu coração estava disparado, podia ouvi-lo pulsando em suas têmporas. Elissa olhava para ela; Kriege continuava dormindo.

— O que foi, Elissa? — perguntou Brie.

— Por que a senhora não foi com o vatarh?

— Porque ele me pediu pata tomar conta de você, dos seus irmãos e da sua irmã.

Elissa franziu a testa.

— Eu teria ido com ele. Teria ajudado a protegê-lo. Não teria me importado com o que ele disse.

— Sua presença lá, querida, só teria feito seu vatarh se preocupar mais.

— A senhora queria ter ido com ele?

Brie se lembrou da discussão que os dois tinham tido. O eco do pesadelo a assombrou.

— Quis — ela respondeu sinceramente. — Pelo menos parte de mim ainda deseja que eu tivesse ido, sim.

— Então por que a senhora não foi?

Eu teria ido com ele. Não teria me importado com o que ele disse. Brie teve a incômoda sensação de que Elissa estava certa. Ela cometeu um grave erro; devia ter insistido. Jan, no mínimo, precisaria dela com Allesandra — os dois eram bem parecidos, e Brie quase podia ver as faíscas que sairiam do encontro. Ela devia estar lá.

Sua presença podia ser essencial. Essa premonição ardeu tão intensamente quanto se ela tivesse colocado a mão no fogo.

Elissa olhava fixamente para ela.

— Condutor, pare!

Brie bateu no teto da carruagem, acordando Kriege, que olhou em

volta, atordoado. O condutor puxou as rédeas; Brie ouviu gritos preocupados e intrigados lá fora, Paulus veio correndo até sua carruagem.

— Hïrzgin, algum problema?

— Não, e sim — respondeu Brie. — Eu preciso que coloque Elissa e Kriege em uma das outras carruagens. Leve os baús das crianças com elas; deixe o meu nesta carruagem. Eu vou me juntar novamente ao hïrzg e ao exército. As crianças e o resto da equipe devem voltar para Brezno.

Paulus balançava a cabeça na metade do diálogo e as crianças protestavam.

— Chega! — disse Brie para todos.

Ela beijou e abraçou Elissa e Kriege e os empurrou na direção de Paulus.

— Vão, agora! — disse Brie para os filhos. — Eu voltarei quando puder. Mas vão agora!

Elissa estava sorrindo.

— Hïrzgin, a senhora tem certeza...? — começou Paulus, mas Brie não lhe deu chance de falar.

— Eu já dei as minhas ordens. Agora, pegue meus filhos e vá, ou nomeio um novo assistente aqui e agora.

Paulus engoliu em seco e abaixou a cabeça.

— Sim, hïrzgin.

Ele pegou as mãos de Elissa e Kriege e começou a berrar ordens. Brie reclinou sua cabeça no assento e pensou no que diria para Jan quando chegasse.

Varina ca'Pallo

Ela olhou fixamente para ele, e as palavras lhe fugiam.

— Eu lamento, Nico. Lamento muito...

Ele só devolveu o olhar. Suas mãos estavam acorrentadas e sua cabeça presa na gaiola de metal do silenciador. Seu cabelo estava empapado de sangue, o rosto e os braços um retalho de cortes e arranhões. No frio da cela da Bastida, Nico estava encolhido contra a parede como uma boneca quebrada.

Eu o alertei, Nico. Eu tentei lhe dizer que isso terminaria assim... Ela quis dizer, mas as palavras não saíram. Elas só feririam o homem ainda mais

do que já estava terrivelmente ferido. Varina se ajoelhou diante dele, sobre a palha úmida e suja da Bastida, sem se importar em sujar a tashta ou que as juntas doessem com o esforço. Ela estendeu a mão para tocar em seu rosto, como fizera há anos, quando ele era apenas uma criança. Nico virou o rosto e fechou os olhos, Varina segurou o gesto perto dele.

— Não tenho nada a dizer que possa lhe confortar — ela disse. — Eu não acredito na vida após a morte ou na piedade do seu Cénzi, mas eu também perdi pessoas a quem amava. Perdi Karl e, portanto, eu posso ao menos compreender uma parte da dor que você está sentindo.

Os olhos de Nico se abriram novamente, embora ele não estivesse olhando para ela, mas para o chão imundo da cela. O lugar fedia a fezes e urina antigas, a imundice estava contida nas próprias pedras da cela. Varina tinha falado apenas para quebrar o terrível silêncio, porque, se não falasse, não achava que aguentaria ficar ali. Sua respiração formava uma nuvem branca a sua frente devido ao frio da masmorra.

— O bebê — sussurrou Liana ao morrer nos braços de Varina, com o sangue jorrando do ferimento mortal em seu peito. — Leve o bebê, agora. Ela deve ser batizada...

Liana fez uma pausa, seus olhos se fecharam, e Varina pensou que ela tivesse morrido, mas a jovem tomou fôlego, gorgolejou e abriu os olhos novamente.

— ...Serafina. — As mãos ensanguentadas de Liana agarraram as mangas da tashta de Varina. Leve-a. Você precisa...

Varina o fez. Esta tinha sido a coisa mais horrível que ela tinha feito na vida, abrir uma mulher enquanto ela morria, retirando de seu corpo uma criança que berrava e se agitava com vida.

— Você tem uma filha, Nico. Liana... Não havia nada que pudéssemos ter feito por ela, mas nós conseguimos tirar a criança de Liana antes dela morrer. Sua filha, Nico. Liana disse que queria que ela se chamasse Serafina. A criança está na minha casa, ela está a salvo. É saudável e linda.

As lágrimas desciam pelas bochechas de Nico, deixando trilhas claras sobre sua pele imunda, e ele fez um terrível som estrangulado ao chorar.

— Eu perdi um amor, mas levou um tempo para acontecer, e eu tinha a memória do longo período que passei com Karl. Tive tempo para me preparar, para esperar o fim — disse Varina. — Mesmo assim, só posso imaginar o que você deve estar sentindo.

Nico encarou Varina, sufocando as lágrimas e a tristeza, endurecendo o olhar.

— E filhos... eu nunca tive, embora às vezes pensasse em você como um

filho. Eu teria adotado você, Nico, depois daquela guerra terrível contra os tehuantinos que nos atacaram e mataram sua matarh, mas você desapareceu, e quando eu finalmente ouvi seu nome novamente, você já era um homem crescido. Eu não sei o que você passou ou sofreu... Mal posso imaginar o que aconteceu para você ter se tornado o que se tornou.

Nico tentou falar, mas suas palavras saíram distorcidas e ininteligíveis por causa do silenciador. O som. O som partiu o coração de Varina.

— Eu cuidei para que o corpo de Liana fosse tratado com respeito. A kraljica...

Ela fez uma pausa. Suas pernas doíam, e ela se levantou, com medo de que, se não o fizesse, tivesse que chamar o garda para ajudá-la a se levantar.

— A kraljica mandou que muitos corpos fossem pendurados em gaiolas e exibidos. — Ela viu Nico se contrair visivelmente ao ouvir isso. — Eu sei, mas isso é o que sempre é feito, e não posso culpá-la completamente; a raiva do povo contra os morellis é forte. Mas eu quero que você saiba que eu não permiti que isso acontecesse com Liana. Mandei seu corpo ser limpo e vestido e paguei para os o'ténis do Templo do Archigos realizarem a cerimônia adequada, embora eles não quisessem fazê-lo. Eu estava lá quando os o'ténis cremaram Liana no fogo do Ilmodo. Farei o mesmo por você quando chegar a hora, se puder. Mas não sei...

Varina se deteve mais uma vez. Ela ouviu o garda do lado de fora da porta da cela: o rangido da armadura de couro, o tilintar das chaves em seu cinto, o som da sua respiração. Ela sabia que o homem estava escutando e se perguntou se ele achava graça da sua compaixão por Nico.

— No seu caso... Eu não sei se terei permissão de ter seu corpo. Você é famoso demais, Nico. Eles precisam torná-lo um exemplo, para que outras pessoas não façam o que você fez. Mas se houver algo que eu possa fazer, eu farei. Uma coisa eu lhe digo, Nico: vou garantir que Serafina esteja segura também. Enquanto eu viver, ela terá uma casa, e tomarei providências para ela ficar bem quando eu morrer. Isso eu lhe prometo. Ela estará em segurança e será amada.

Varina abaixou os olhos para ele, encolhido aos seus pés, com a cabeça ainda virada.

— Eu odeio o que você pregou e o que fez em nome de suas convicções. Eu odeio a morte e os ferimentos que foram infligidos em seu nome. Eu desprezo o que você representa. Mas eu não odeio *você*, Nico. Jamais

odiarei. Não consigo. Eu quero que você entenda isso, que saiba antes... antes...

Ela se interrompeu. Nico tinha virado a cabeça e olhado para Varina uma vez mais antes de afastar o rosto novamente. Ela não sabia ao certo o que tinha visto ali, sua expressão estava muito distorcida pelo silenciador em volta da cabeça e pela escuridão da cela. Este não era o Nico que Varina vira antes, não era o Absoluto seguro de si e confiante no apoio de seu deus. Não, essa era uma alma despedaçada, ferida tanto por dentro quanto por fora.

Varina se perguntou se sua ferida interna não seria tão mortal quanto aquela que o mataria eventualmente. Nico não teria um julgamento — ele já tinha sido julgado e condenado. A fé concénziana insistira em arrancar sua língua e mãos primeiro, como castigo por sua desobediência ao archigos; o estado exigiria o que sobrou pela morte e destruição que Nico causara. Era quase certo que tudo seria feito publicamente, para que os cidadãos assistissem e comemorassem seu tormento e morte. Seu corpo penderia em uma gaiola na Pontica Kralji até que não sobrasse nada, a não ser os ossos soltos.

Nico já estava morto, embora ainda devesse passar por algum sofrimento.

Varina estava chorando. O soluço pulsou uma vez em sua garganta, um som que as paredes da Bastida pareciam absorver com vontade, como se isso alimentasse o frio da prisão. Ela limpou o rosto, quase com raiva.

— Eu queria lhe contar sobre Liana e Serafina. Esperava que isso ao menos lhe desse um pouco de paz.

Varina queria que Nico erguesse a cabeça novamente, que olhasse para ela e talvez assentisse, para dar pelo menos um pequeno sinal de que tinha ouvido e compreendido.

Ele não fez nada disso. As correntes de ferro tilintaram pesadamente quando Nico recolheu as mãos ao peito.

Ela chamou o garda pela pequena janela barrada da porta da cela.

— Tire-me daqui — disse Varina.

Niente

A aba da tenda de Niente estava jogada para trás, e Atl entrou de mansinho. Ele trazia uma tigela premonitória de latão — uma nova, de

metal ainda reluzente —, pingando água na grama pisoteada.

— O senhor mentiu, taat — ele disse tanto com surpresa quanto raiva em sua voz. — Axat me permitiu ver o caminho no qual o senhor nos colocou. Eu vi uma, duas, três, várias vezes, e não há vitória para nós no fim. Nenhuma.

— Então você viu errado — disse Niente, embora sentisse um arrepio de medo. — Não foi isso o que Axat me mostrou.

— Então pegue sua tigela agora — insistiu Atl. — Pegue e vamos olhar juntos. Prove para mim que o senhor está conduzindo o tecuhtli para onde ele deseja ir. Prove e eu me calarei.

Niente podia ouvir o desespero na voz do filho e se levantou dos lençóis, usando seu cajado mágico para se apoiar. Ele caminhou até Atl, que estava parado na entrada da tenda como uma estátua de bronze. Lá fora, ele podia ouvir o exército se agitando no amanhecer, desfazendo as tendas para se preparar para o dia de marcha. A chuva do dia anterior tinha cessado; o ar estava límpido e agradável.

Atl baixou o olhar quando Niente se aproximou. Ele pegou o braço do filho com a mão livre, trazendo Atl para perto de si. Ele pôde senti-lo resistir e, em seguida, ceder ao abraço.

— Atl — ele disse em um tom baixo, após finalmente tê-lo soltado e recuado um passo. — Eu peço que confie em mim: como seu taat, como seu nahual. Acredite que eu não conduziria os tehuantinos à morte. Acredite que eu quero o que você quer: quero que nosso povo prospere e esteja seguro. Eu te amo; eu amo seus irmãos e irmã, sua mãe. Eu amo Tlaxcala e as terras do nosso lar. Eu não quero ver o sofrimento daqueles que amo ou a terra que conheço tão bem destruída. Por que eu quereria tal coisa? Por que eu faria isso com você e com os tehuantinos?

Atl balançou a cabeça.

— Eu não sei, taat. Também não faz sentido para mim. — Ele ergueu a tigela em sua mão, sua voz estava cheia de angústia e confusão. — Mas sei o que eu vi. E tão claro quanto se estivesse acontecendo diante de mim. Eu tive que contar ao tecuhtli o que vi. Eu tive que contar porque o senhor não dava ouvidos a mim, e Axat me mostrava aquilo que o senhor insistia que não era verdade.

— Eu sei — disse Niente, assentindo. — Você só fez o que eu teria feito no seu lugar. Não estou zangado com você.

— Não me *importa* que o senhor esteja zangado ou não, taat. O senhor não para de dizer que estou vendo errado, mas eu sei que tenho a visão premonitória. Eu sei.

— Você tem. Embora isso me deixe mais triste do que feliz. Esse é um dom terrível de se ter, Atl. Você não acredita nisso agora, mas com o tempo, vai acreditar.

— Sim, sim. — Atl sacudiu a tigela entre os dois. — Olhe o que a visão premonitória fez comigo. O senhor não para de me dizer, mas foram muitos anos até que ela o desfigurasse tanto. Eu me lembro, taat. Eu me lembro da sua aparência quando era mais novo. Eu sei como é essa dor; já senti e posso suportá-la. Se o senhor insiste que não estou vendo corretamente, então *me mostre!*

Suas últimas palavras soaram quase como um grito entredentes. Ele fechou os olhos, os abriu novamente, e sua voz agora soou como um apelo delicado.

— Maldição, taat, me mostre. Por favor...

Niente tinha visto este momento na tigela premonitória. Tinha visto a fúria do filho, sua descrença. Tinha ouvido as acusações feitas contra ele, e Atl se precipitando em contar tudo para o tecuhtli Citlali — e tinha visto para onde esse caminho levava. Mas o outro caminho, a outra escolha que eles poderiam fazer, era menos nítido, e era obscurecido por sangue e pela bruma da visão premonitória, e Niente só podia torcer que, em algum ponto da névoa, estivesse o Longo Caminho que ele queria.

Não há certeza no futuro. Só há possibilidades. Foi o que o velho Mahri tinha dito para Niente quando ele começou a usar o dom de Axat, antes de o tecuhtli Necalli mandar Mahri para Nessântico. Na época, Niente era bem parecido com Atl, desdenhando dos alertas de Mahri, sem acreditar muito no velho. Ele era jovem, era invencível, sabia mais do que aqueles que tinham vindo antes dele, muito tímidos e frágeis.

Afinal, o tecuhtli Necalli tinha elevado Niente a nahual logo depois de despachar Mahri — mas só depois de forçá-lo a confrontar o nahualli que detinha o título na ocasião: Ohtli, que Niente matou.

O tecuhtli Citlali, que por sua vez tinha matado o tecuhtli Zolin em desafio, provavelmente faria a mesma coisa com o próximo nahual: forçaria um desafio contra Niente. Ele também tinha visto isso em suas visões e receava saber quem era a pessoa envolta em brumas diante de seu corpo arruinado. Receava ver aquele rosto, afastando os olhos da tigela premonitória antes que as brumas se dissipassem.

— Pegue sua tigela, taat — repetiu Atl — ou use a minha, mas vamos fazer isso juntos. Mostre para mim aquilo que o senhor diz que não consigo ver. Prove para mim.

— Não. — Era a única resposta que Niente podia dar.

— Não? Pelas sete montanhas, taat, essa é a única resposta que o senhor pode me dar? “Não”; só essa única palavra?

— Eu lhe dei a minha resposta. Contente-se com isso. — Ele deu meia-volta e começou a arrumar suas coisas para o dia de marcha.

— Essa é a resposta do meu taat ou a resposta do nahual? — Atl olhou deliberadamente para o bracelete dourado no antebraço de Niente.

— As duas coisas.

— Não é o bastante. Lamento, taat. Não é. Não faça isso. Eu lhe imploro.

— Está na hora de levantarmos acampamento — Niente respondeu, sem olhar para o filho.

Ele não podia olhar; se olhasse, estaria perdido.

— Vá e se prepare.

— Taat...

Niente segurava sua própria tigela premonitória. Suas mãos tremiam em volta de sua borda entalhada, os animais gravados ali pareciam se mexer por vontade própria. Ele enfiou a tigela na bolsa.

— Vá — repetiu Niente.

Ele pôde sentir o olhar de Atl, pôde sentir sua fúria crescendo.

— Por que o senhor está me obrigando a isso?

— Eu não estou lhe obrigando a nada, Atl. — Niente se virou, finalmente, e quis chorar diante da expressão no rosto do filho. — Você deve fazer suas próprias escolhas. Tudo o que estou pedindo é que acredite em mim como acreditou um dia.

— Eu quero acreditar, taat. Quero mais do que tudo. E tudo o que estou pedindo é que me prove que eu devo acreditar. Eu quero aprender com o senhor. Quero mais do que tudo. Ensine-me.

— Eu ensinei, e ensinei muito bem, e sendo assim, você sabe que deve me obedecer.

A expressão de Atl se alterou. Tornou-se severa e carrancuda, como se Niente estivesse olhando para um estranho.

— Há outras autoridades a quem eu devo obediência, taat. Eu vou pedir uma última vez, pegue a sua tigela. Mostre para mim.

Niente apenas balançou a cabeça. A expressão de Atl ficou rígida como pedra. Suas mãos apertaram sua própria tigela.

— Então o senhor não me deixa nenhuma escolha, taat. Lamento, mas não posso deixar que o senhor nos conduza à derrota. Não posso deixar que as mortes de milhares de bons guerreiros recaiam sobre o senhor, ou sobre mim por causa do meu silêncio. Não posso...

Dito isso, Atl deu meia-volta.

— Atl, espere! — Niente o chamou, mas o filho já tinha saído pela aba da tenda. — Atl...

Niente caiu no chão. Ele rezou para Axat levá-lo agora, para dar fim a sua permanência ali e carregá-lo para os céus de estrelas. Mas isso era algo que ele não tinha visto na tigela, e Axat permaneceu em silêncio.

INTENÇÕES

Rochelle Botelli

Niente

Varina ca'Pallo

Sergei ca'Rudka

Nico Morel

Jan ca'Ostheim

Allesandra ca'Vörl

Brie ca'Ostheim

Niente

Rochelle Botelli

Ela começou do princípio.

— Rochelle é o nome que minha matarh me deu. Rochelle também é o nome da primeira mulher que minha matarh matou na vida. Eu não soube disso por muito tempo, não tinha me dado conta de que tinha sido batizada em homenagem à primeira voz feminina que a atormentara.

A história começara a ser contada mais fácil do que ela imaginava que seria. Talvez porque Sergei fosse tão bom ouvinte e ouvisse tão atentamente, inclinando-se ansiosamente para ouvir cada palavra; talvez porque Rochelle tivesse descoberto que queria compartilhar isso com alguém, sem saber. Independentemente do motivo, sua longa história saiu com facilidade, com Sergei fazendo perguntas ocasionais. "Sua matarh era a Pedra Branca? A mesma?" ou "Nico Morel? Você quer dizer que o menino era seu *irmão*?" ou "Você é a filha de Jan...?"

A primeira metade da história tomou o resto do dia. Ela contou a respeito do aprendizado com sua matarh, sobre a loucura e a morte da Pedra Branca, uma morte no desvario da insanidade, e sobre como ela tomou o manto da Pedra Branca para si — embora, dado o posto de Sergei, ela não tivesse mencionado a promessa com a qual sua matarh a tinha comprometido no leito de morte.

Assim que a carruagem parou em Passe a'Fiume, Sergei não insistiu em saber mais. Mandou a equipe dos aposentos da kraljica preparar uma refeição para dois e um quarto separado para Rochelle e pediu que os criados trouxessem uma nova tashta, cosméticos e algumas joias para ela, dizendo que eles tinham perdido a bagagem de Rochelle durante a tempestade. Ela se olhou no espelho depois e quase não se reconheceu. Ela se perguntou que pagamento Sergei exigiria e fez questão de deixar a adaga do vatarh acessível sob a tashta.

O comté da cidade se juntou a eles para o jantar; Sergei apresentou Rochelle como "Remy, minha sobrinha-neta, de Graubundi", viajando com ele a Nessântico; ela percebeu que estava sendo observada pelo embaixador enquanto seguia a deixa dele e inventava histórias sobre seus parentes. Sergei pareceu achar graça na maior parte de seus esforços e

nas respostas educadas do comté e de sua família. A conversa à mesa era principalmente sobre política antiga e sobre a iminente passagem do exército de Jan pela cidade, enquanto os criados serviam os pratos na sala de jantar e várias figuras distintas desfilavam para saudá-los. Após o comté e o último dos signatários da cidade se retirarem, Sergei alegou sentir cansaço e uma vontade de se retirar para seus aposentos.

Isso, Rochelle descobriu, era mentira. Ela ouviu a porta do quarto do embaixador ser aberta pouco tempo depois; Rochelle sacou a adaga de Jan da bainha, pronta para se defender se ele entrasse no quarto, mas ela ouviu sua bengala e seus passos recuarem no corredor; pouco depois, ela ouviu o rangido das portas principais, no andar debaixo. Da janela, Rochelle observou Sergei sair pelas ruas escuras da cidade.

Ela trancou a porta do quarto mesmo assim.

Rochelle não viu quando ele retornou. Ela acordou de manhã, com as trompas da Primeira Chamada e a batida de um dos criados. Rochelle se vestiu e encontrou Sergei já tomando café da manhã. Meia virada da ampulheta depois, os dois estavam de volta à privacidade da carruagem, e o embaixador pediu que ela retomasse a história. Rochelle retomou e começou a contar sobre seus passeios sem rumo, saindo do local da cova de sua matarh, sobre os primeiros contratos experimentais como a nova Pedra Branca, e sobre como ela se sentiu quando ouviu as histórias do ressurgimento da Pedra Branca na Coalizão.

Havia detalhes que Rochelle não tinha contado, certamente. Mesmo assim... Contar sua história era uma catarse. Assim que começou, ela não achava que poderia parar. Não tinha percebido a pressão de conter tudo aquilo. Rochelle tinha se perguntado se um dia ela talvez conseguisse contar para um amante de sua confiança, mas com Sergei... Ele era um estranho e, ainda assim, ela conseguia contar para ele.

Rochelle se perguntou se não era porque — caso decidisse ser necessário — ela achava que *ainda* poderia manter tudo em segredo, envolvido no silêncio de um corpo morto. Ela mantinha sua mão perto do cabo da adaga de Jan e observava o rosto do Nariz de Prata com atenção.

No momento em que eles se aproximaram das muralhas de Nessântico, Rochelle estava contando sobre seu confronto final com Jan, embora tivesse omitido os detalhes do quão física a situação tinha sido. Sergei parecia compreender, com uma expressão solidária e quase triste enquanto ouvia.

— Pobre Jan... — disse ele, e sua simpatia por seu vatarh a irritou. — Eu fui a Firenzcia pouco tempo depois do assassinato de Fynn, e já havia

rumores a respeito desta tal Elissa que o novo hïrzg tinha amado e que havia desaparecido. Eu não acho que Jan jamais tenha deixado de amá-la completamente, ou pelo menos de amar a pessoa que ele pensava que ela era. Eu ouvi rumores de que Elissa talvez fosse a Pedra Branca, então, quando Jan a viu novamente em Nessântico, essa foi a confirmação.

Sergei parou, franzindo a boca fechada como que para conter mais do que poderia ter dito, fazendo as dobras sob seu queixo tremerem com o movimento. Ela se perguntou se o que o embaixador tinha decidido não contar era sobre o fato de que a kraljica Allesandra, a mamatarh de Rochelle, tinha contratado sua matarh para assassinar Fynn. Ela se perguntou se Sergei tinha percebido que ela devia saber disso também.

Se esse fosse o caso, nenhum dos dois o mencionou.

— Então agora *você* veio a Nessântico — disse o embaixador.

Os olhos cheios de remela de Sergei sustentaram o olhar de Rochelle, tão próximo que ela pôde ver seu reflexo distorcido passar sobre seu nariz.

— A filha da Pedra Branca. A filha de Jan e a neta da kraljica também. A irmã de Nico Morel. Eu tenho que perguntar *por que* você veio.

— Todo mundo vem a Nessântico eventualmente.

Ele pareceu rir consigo mesmo.

— Em outro momento você talvez pudesse se safar com essa resposta, Rochelle. Mas não agora. Não com a Coalizão sendo a maior rival de Nessântico. Não com os tehuantinos avançando nas suas fronteiras. Não com o pessoal do seu irmão exercendo sua influência violenta aqui. Você está sendo falsa, Rochelle, e isso não lhe cai bem.

Sergei olhou fixamente para ela; a ponta dos dedos de Rochelle roçou o cabo liso e gasto da adaga de Jan. *Será que você terá que matá-lo agora? Poderá deixá-lo ir embora sabendo o que sabe?*

— Eu não sei por que vim — ela respondeu — e esta é a verdade, Sergei. Não podia ficar onde estava e não sabia mais para onde ir, então comecei a andar. Nessântico parecia estar me chamando.

— Chamando para *quê*? — insistiu o embaixador. — Vingança? Uma reunião?

— Nem uma coisa, nem outra — respondeu Rochelle.

Sim, vingança... Ele quase podia ouvir a voz da matarh sussurrando a frase dentro dela.

— Eu sequer sabia ao certo que Nico estava aqui. Juro por Cénzi.

— Ah, uma assassina jurando por Cénzi. Que ironia. Seu irmão talvez goste disso. Se ainda estiver vivo.

A frase fez uma brisa de inverno subir por suas costas, fazendo os cabelos recém-cortados da nuca ficarem eriçados.

— O quê?

Rochelle não soube dizer se Sergei deu de ombros ou se se ajeitou no banco da carruagem.

— Você deixou o acampamento antes da notícia chegar — explicou o embaixador. — Seu irmão e seus seguidores atacaram o Velho Templo em Nessântico. Tomaram o templo e se barricaram lá dentro. A esta altura, a kraljica Allesandra já deve ter ordenado um ataque contra eles, que não devem ter conseguido suportar lá dentro. Eu suspeito que Nico Morel esteja morto ou na Bastida neste momento. Eu lamento; eu percebo que isso a preocupa, mas sinto muito, receio que eu não tenho compaixão por ele.

Rochelle *estava* atônita. Ela se recostou no assento à frente do embaixador. Nico, morto? Não, Rochelle não via ou falava com o irmão há anos, mas ainda podia ver o jovem que partira para se tornar um acólito da fé concénziana, sendo agarrado por sua matarh enquanto levantava uma bolsa na mão com suas poucas posses, enquanto o condutor da carruagem o chamava impacientemente. Rochelle tinha visto Nico uma ou duas vezes desde então; sua matarh a levara para ver sua posse como téni; quando sua matarh morreu, ele não veio vê-la, ainda que ela tivesse esperado pelo irmão. Ela se perguntou se Nico sequer a reconheceria; se perguntou se ele a condenaria pelo que fez e pelo que se tornou.

— Eu não vim por causa dele — disse Rochelle. — Eu não sabia...

— Então por que você *está* aqui? Você ainda não me respondeu.

Lá fora, ela viu casas e outras carruagens na estrada com eles, bem como pessoas a cavalo ou caminhando em direção à ou vindo da cidade — ao se debruçar para fora, Rochelle viu os portões da cidade logo adiante.

— Pare a carruagem — ela disse. — Eu gostaria de saltar aqui.

Sergei encarou Rochelle por um instante, depois bateu no teto da carruagem duas vezes; o condutor puxou as rédeas, berrou para os cavalos e levou os animais para o acostamento da estrada.

— Você pretende me matar agora? — perguntou Sergei. — Está pensando que provavelmente conseguirá se safar; é fácil se perder na multidão daqui antes que o condutor dê o alarme.

Ele sabe no que você está pensando... E isso, Rochelle percebeu, significava que Sergei provavelmente tinha previsto o golpe e tinha um plano para contra-atacar. Sua mão segurava o punho da bengala. Ainda

assim, ele era velho e lento demais para detê-la.

— Não faça isso. — Sua voz soou quase como se ele estivesse se divertindo. — Eu não sou uma ameaça para você, Rochelle. Não agora, de qualquer forma; a não ser que você se torne uma ameaça para Nessântico, então nós nos encontraremos novamente. Somos muito parecidos, eu e você, sabia disso? Eu te conheço melhor do que pensa. A diferença é que você ainda é jovem. Você tem a chance de evitar se transformar em mim ou na sua matarh: uma louca atormentada pelas mortes que causou e apaixonada demais pela morte para parar. Você tem que parar. Pare de ser a Pedra Branca; porque, se você não parar, em breve não vai *querer* parar. Não *poderá* parar. Preste atenção: eu sei do que estou falando. Você não quer que isso aconteça, Rochelle. Não quer mesmo.

Sergei segurava sua bengala e ainda a observava. Ela viu o olhar do embaixador se fixar em sua mão direita sob a tashta, sobre a adaga escondida.

Um rápido corte de baixo para cima. O golpe o atingiria antes mesmo que ele pudesse se mexer, e o sangue jorraria do embaixador assim que eu pulasse da carruagem. Ele estaria morto no meu primeiro passo...

A respiração de Rochelle estava acelerada. *Mas não haveria tempo de usar a pedra.* A voz podia ter sido a da sua matarh. *Você estará no olhar dele, registrada ali para sempre no momento de sua morte. Os olhos dele trairão você...*

O barulho da cidade ecoava alto dentro da carruagem.

— Embaixador? — perguntou o condutor através da cortina fechada.

Pare de ser a Pedra Branca...

— Bem, Rochelle? — perguntou Sergei. — O que vai ser?

Um instantes depois, ela desceu da carruagem, olhando para o condutor.

— O embaixador disse para continuar.

O homem estalou as rédeas, e a carruagem foi posta em movimento novamente, seguindo o fluxo do trânsito que se dirigia para o portão. Ela observou o veículo até passar pelos arcos de pedras meio tombadas e penetrou na multidão.

Niente

O tecuhtli mandou suspender a marcha ao meio-dia; quase

imediatamente depois, um dos guerreiros chegou ofegante até Niente e disse que Citlali exigia sua presença. Com o estômago agitado de preocupação, Niente seguiu o homem até onde a maioria dos guerreiros supremos estava reunida em um grande círculo. Eles se afastaram para deixá-lo passar; o tecuhtli Citlali estava sentado ao centro, com o supremo guerreiro Tototl, como sempre, ao seu lado direito. Atl estava à sua esquerda, carrancudo e sem sorrir, enquanto Niente entrava no espaço aberto.

A ardência no estômago de Niente aumentou.

— Seu filho me contou coisas perturbadoras, nahual Niente — disse Citlali, sem preâmbulos. — Ele diz que seu caminho leva à derrota, não à vitória. Ele diz que vê outro caminho, e que devemos tomá-lo agora, antes que seja tarde demais.

Dividir o exército em três armadas, uma das quais deve retornar a Villembouchure e cruzar o rio. Aproximar-se da cidade pelo oeste, norte e sul, em marcha acelerada, para chegar à cidade antes que o outro exército possa alcançá-la... Ele mesmo tinha tido essa visão. Tinha visto os guerreiros avançarem aos gritos pelas ruas, e as defesas da cidade espalhadas demais para oferecer resistência. A cidade cairia em um único dia sangrento.

— Meu filho está enganado — disse Niente, sem conseguir olhar para o rosto de Atl. — Eu já disse isso ao tecuhtli.

— Você disse — respondeu Citlali. — E eu dei ouvidos a você e a Atl. Eu acho um tanto ou quanto curioso que um filho que sempre amou, respeitou e obedeceu ao taat sinta uma vontade tão forte de ir contra ele: não apenas como taat, mas como nahual.

— Atl acredita no que viu na tigela, e ele realmente tem o dom de Axat — argumentou Niente. — Mas ainda não tem a habilidade de interpretar o que vê nas brumas, nem de enxergar tão longe nelas. O que Atl não se dá conta é que a vitória de um dia pode levar à derrota do dia seguinte.

— Hum... — Os dedos de Citlali coçaram seu queixo como se estivesse acariciando um gato. — Ou um velho pode estar tão fraco pelos anos de uso do dom que não tenha mais força suficiente para ver bem e, em vez disso, esteja vendo apenas aquilo que quer ver.

— Não confunda fraqueza física com outra habilidade, tecuhtli. Eu ainda sou mais forte nos costumes do X'in Ka do que qualquer outro nahualli. — Agora Niente olhou mesmo para Atl, quase se desculpando. — E isso inclui meu próprio filho.

Em suas visões, Axat tinha lhe concedido apenas lampejos passageiros

deste momento — ou talvez tivessem sido seus próprios medos que influenciavam a direção da visão premonitória. Fosse como fosse, Axat não tinha permitido que ele visse esse momento completamente. Em suas visões originais, em Tlaxcala, essa cena não estivera nos caminhos do futuro, de forma alguma. Mesmo assim, o novelo emaranhado de possibilidades trouxera Niente até aqui, apesar de suas tentativas de evitá-lo. Era mais um lembrete de que o futuro era maleável e mutável, de que havia outras influências além da de Axat em ação.

Mahri e Tali tinham aprendido isso, ao custo de suas próprias ruínas. Talvez agora fosse a vez do próprio Niente aprender a lição.

Citlali estava sorrindo, uma expressão que Niente não gostava de ver no rosto do homem, uma vez que o que divertia o tecuhtli geralmente era desagradável para os outros. Tototl também o observava, embora o rosto do guerreiro supremo estivesse impassível — o que quer que ele estivesse pensando, estava escondido de Niente.

— Você deve demonstrar sua força para mim, se quiser continuar sendo o nahual. Caso contrário... — Citlali deu de ombros, um gesto abrangente, e as tatuagens de corpo se mexeram como sombras pintadas — ...então talvez Atl talvez devesse ser o novo nahual.

Niente viu Atl arregalar os olhos ao perceber as implicações do que Citlali tinha acabado de dizer.

— Tecuhtli, não foi por isso que eu vim até o senhor. — Ele olhou para seu taat, balançando a cabeça.

— Talvez não, mas é isso o que estou pedindo. Você tem seu cajado mágico, e Niente tem o dele. Vamos ver quem é o mais forte. Vamos ver quem Axat deseja que seja o nahual; agora, enquanto ainda há tempo.

Atl olhou para Niente com desespero novamente.

— Eu não posso. Taat, isso não é...

— Você não tem escolha agora — respondeu Citlali, com uma voz firme, mas não indelicada. — Essa é a lei natural da vida: os fracos caem diante dos mais fortes, como Necalli caiu diante de Zolin, e, quando Zolin caiu, a águia vermelha veio para mim.

Ele tocou o crânio onde o pássaro vermelho estava tatuado. Tototl também olhou para o símbolo.

— Assim como um dia eu também cairei. Ou você está me dizendo que o nahual Niente está certo e que você não viu corretamente?

Atl balançou a cabeça, e Niente viu o filho tramado, preso como um coelho entre a verdade e o amor por Niente.

— Taat — disse ele —, eu lhe peço, pelo nosso amor, pelo bem de todos

os guerreiros aqui, que abra mão do bracelete dourado e da tigela.

Niente sentiu como se estivesse parado em uma encruzilhada. Mesmo sem a tigela premonitória, o ar a sua volta pareceu ter sido pela bruma esmeralda de Axat, à espera da sua escolha. Ali: ele podia pousar a tigela, tirar o bracelete e simplesmente se tornar Niente, aquele que uma vez tinha sido um nahualli, deixando que Atl recebesse seu legado. Ou podia recusar... e no fim dessa estrada só havia bruma, confusão e incerteza. Ele não sabia se tinha nem a convicção, nem a força ou a vontade para derrotar Atl, não quando isso significaria a morte quase certa de um ou de outro.

Mesmo assim, a situação chegara a esse ponto. Não havia outros caminhos abertos.

Axat, por que a Senhora me deu este fardo? Xaria, será que um dia você me perdoaria por isso, por matar nosso filho?

— Niente? — chamou Citlali. — Atl espera sua resposta, assim como eu.

Nas brumas, o filho parado a sua frente, impedindo a entrada no caminho...

Estranhamente, não havia lágrimas, embora a tristeza parecesse pesar sobre seus ombros como se ele carregasse a própria Teocalli Axat ali. Sua espinha se curvou com o peso. Ele mal conseguia erguer a cabeça, e sua voz estava tão fraca quanto a voz das estrelas.

Não há garantias de que você possa ganhar agora, mesmo que sacrifique Atl. O caminho se tornou tênue e difícil de encontrar. Tudo poderia ser um desperdício...

— Eu sou o nahual — disse Niente. — Eu vejo o caminho.

Ele olhou para o filho e imaginou se Atl podia ver o desespero desolado em seu rosto.

— Eu lamento, Atl.

Atl afastou o olhar, como se pudesse haver uma resposta escrita nas nuvens sobre eles.

— Então, esta noite, sob o olhar de Axat, vocês dois resolverão isso, para que eu tome minha decisão como tecuhtli — declarou Citlali.

Ele se levantou do ninho de almofadas. Tototl e os outros guerreiros supremos ficaram em posição de sentido.

— Vão e se preparem — ordenou Citlali.

— Taat, eu não quero isso.

— Então você deveria ter considerado o que significaria consultar o

tecuhtli Citlali pela segunda vez — disse Niente. — Você não viu *isto* na tigela premonitória?

Era difícil conter a preocupação e a irritação em sua voz.

O sol estava se pondo no horizonte atrás do exército, disparando feixes de luz dourada sobre o acampamento. O calor era um escárnio. Niente se sentou de pernas cruzadas em frente a sua tenda, com seu cajado mágico em seu colo. Os guerreiros fingiam ignorar os dois; os outros nahualli tinham desaparecido; Niente não tinha visto nenhum deles desde que o sol começara a se pôr. Eles deviam estar esperando para ver como a situação acabaria e aonde aquilo os levaria.

A lua nasceria logo. O Olho de Axat.

— Eu não estou enganado a respeito do que vi, taat — insistiu Atl. — Os sinais e os presságios do caminho em que o senhor nos colocou eram terríveis. Eu vi o estandarte da águia vermelha pisoteado no chão. Eu vi centenas de guerreiros mortos. Eu vi o senhor, taat; vi o senhor morto também.

Ele balançava a cabeça, alargando as narinas, tomado pela emoção.

— Eu *vi*. Não há erro. O que Axat me mostrou não podia ser a vitória.

— E o *seu* próprio caminho? — perguntou Niente.

— Esse rumo se tornou obscurecido — admitiu ele — e se torna mais incerto a cada dia que avançamos. Mas da primeira vez, eu vi com clareza: o exército dividido, nós chegando com velocidade à grande cidade antes que o exército vindo do leste pudesse ajudá-los. Eu vi nossos estandartes hasteados nas torres.

Niente assentiu. *Sim, ele vê com precisão...*

— E depois? — perguntou ele para o filho. — O que você viu depois disso? O que você viu quando aquele exército oriental chegou a Nessântico?

Atl balançou a cabeça.

— As brumas ficaram confusas aí. Eu vi muitas possibilidades, e muitas sombras. Mas tenho certeza de que algumas delas levariam à vitória.

Algumas levam, embora quase todas ainda sejam sinistras e mortais para nós. Ainda assim, no caminho que eu vi... Niente suspirou.

— Atl, meu filho, meu amado... — Ele suspirou profundamente. — Você viu a verdade.

Atl deu um passo para trás, sua mão cortou o ar.

— O senhor admite isso? Então vai abrir mão do bracelete de nahual e da tigela? Podemos ir até o tecuhtli Citlali e dizer que chegamos a um acordo?

— Não — respondeu Niente. — Não ainda. Você vê corretamente, mas não vê longe o suficiente. Não, preste atenção e fique calado: eu direi isto apenas para você e negarei ter dito se você repetir. Você está certo, Atl. O caminho em que eu nos coloquei provavelmente não levará à vitória em Nessântico.

Atl piscou, atônito. Ele ficou boquiaberto, como um peixe ofegando por ar.

— Eu... Eu não entendo. Como... Se isso for verdade, por que... por que o senhor daria este conselho para o tecuhtli?

— Porque Axat me permitiu enxergar mais longe. Atl, se nós *tomássemos* Nessântico, toda a fúria dos orientais cairia sobre nós. Para eles, não bastará nos destruir lá; os orientais nos perseguirão de volta até nossos lares no oeste e não descansarão até que Tlaxcala seja uma pilha de pedras desmoronadas sobre o lago Ixtapatl, um espelho de Nessântico. Não há paz nesse futuro, só há morte e mais morte, ruína e mais ruína. Uma vitória temporária não é vitória de forma alguma, Atl.

— Então o senhor prefere nos ver derrotados... porque nas brumas o senhor acredita que vê mais guerra? — Atl fungou com desdém. — Isso não faz sentido. Eu *conheço* as visões de Axat, taat, e sei que, quanto mais longe a pessoa vir, mais caminhos surgem e menos clara fica a direção para onde eles levam. Como *o senhor* sabe que viu certo? *Deve* haver outros caminhos. Esse seu futuro terrível não pode ser o único resultado.

— Não. Há piores... E talvez haja melhores, sim, mas o caminho para eles está escuro para mim. O que eu vi é o resultado mais provável.

— Isso é o que diz o senhor. Eu digo que o seu próprio desespero está influenciando suas visões. O senhor mesmo me disse, taat; disse que o humor do visionário pode moldar as visões de Axat. Foi o que aconteceu com o senhor.

— Eu vi o que acontecerá se formos *derrotados* aqui, Atl. Se formos derrotados, então o oriente e o ocidente se reconciliarão mais à frente. Eu vi navios indo e vindo entre nossas terras com mercadorias. Vi uma geração de paz.

— Paz para sempre? — Atl zombou. — Não existe tal coisa, taat. Nunca houve, nunca haverá. Como o senhor sabe que este seu adorável futuro não leva a uma guerra ainda maior e a ainda mais mortes para os tehuantinos? O senhor não sabe; eu posso ver no seu rosto. O senhor pode sacrificar todos os nossos guerreiros e nahualli por nada. Não percebe isso?

Niente queria negar. Queria se revoltar contra o que Atl disse. Lá em

Tlaxcala, a visão tinha sido tão nítida, tão certa, tão definitiva. Mas agora... Ele não tinha visto isso com tanta clareza desde que saíram de sua própria terra, e tudo o que ele via estava envolvido em dúvida e incerteza, com meros lampejos torturantes e debochados do futuro que ele tinha vislumbrado. Agora, Niente descobriu que não tinha certeza.

Você conseguiria fazer isso? Estaria disposto a matar Atl por uma possibilidade?

Uma pequena ponta do sol estava visível sobre as árvores no horizonte. O céu no leste já estava roxo, e a estrela do pôr do sol, que era o portão do além, já estava visível. O olho de Axat espiaria sobre a borda do mundo em breve.

— Vá e se prepare — disse Niente. — Não há muito tempo.

Toda a esperança no rosto de Atl se esvaneceu. Ele cerrou os lábios e assentiu, dando meia-volta e se afastando a passos largos. Niente viu o filho partir. Quando não pôde mais ver Atl, ele meteu a mão na bolsa e retirou a tigela premonitória.

O nahual sabia que os nahualli de baixo escalão estariam observando.

— Tragam-me água limpa — ele berrou para a noite. — Rápido!

Varina ca'Pallo

Ela não sabia ao certo porque tinha feito isso. Só sabia que não poderia conviver consigo mesma se não o fizesse.

— Eu sei que Nico merece morrer pelo que fez — disse Varina para Allesandra.

Ela olhou de relance para Erik ca'Vikej, sentado em uma cadeira atrás da kraljica; Varina não gostou da presença do homem, mas Allesandra não fez menção de pedir que ele saísse. Varina estava sentada, com um prato de doces e uma xícara fumegante intocados, na mesa ao lado.

— Mas peço que a senhora o poupe. Peço em nome da nossa amizade, Allesandra.

A kraljica andava de um lado para o outro, sem olhar para Varina. Ela passou em frente à lareira, ergueu o olhar para o quadro da kraljica Marguerite pendurado ali, e seguiu para a sacada. Varina podia ver a vista do lado de fora. O domo do Velho Templo surgia sobre os prédios entre eles, na Ilha a'Kralji, e ela notou as listras de fuligem dos incêndios que ainda maculavam suas curvas douradas. Levaria meses, talvez um ano ou

mais, para que o Velho Templo fosse restaurado, e os danos, reparados. Mas as memórias... Essas nunca poderiam ser apagadas.

— Eu não entendo — disse Allesandra. — Morel condenou a si mesmo. Ele sabia das consequências de seus atos e seguiu em frente com eles. Punhados e mais punhados de pessoas foram mortas, Varina. Nós perdemos a a'téni ca'Paim e o comandante co'Ingres foi gravemente ferido. Você mesma quase foi morta.

— Assim como a kraljica e eu — intrometeu-se ca'Vikej.

Quando Allesandra se virou — lançando o que Varina pensou ser um olhar estranho —, ele deu de ombros e falou.

— É a verdade.

— De qualquer maneira, não há apenas o meu julgamento envolvido, mas o da fé concénziana — continuou Allesandra, mantendo seu olhar sobre ca'Vikej por vários momentos antes de voltar a comtemplar a cena do lado de fora da sacada. — Eles vão querer suas mãos e língua pelo uso do Ilmodo, e pela vida da a'téni ca'Paim. Os cidadãos de Nessântico também insistirão em tirar-lhe a vida pelas vidas do nosso povo que ele matou.

— Muitos desses mesmos cidadãos apoiaram Nico quando ele falava sobre a fé concénziana, quando dizia que a Fé deveria estar menos interessada em acumular riqueza para si e mais voltada a ajudar as pessoas, quando dizia que os ténis deveriam prestar mais atenção ao Toustour e menos aos bolsos.

Allesandra torceu a boca em sorriso de escárnio.

— E esses mesmos cidadãos também vibraram quando ele disse que a Fé não deveria tolerar hereges, ou você se esqueceu disso?

Varina balançou a cabeça.

— Não, não me esqueci. Eu só... Eu só não quero desistir de Nico. Ele foi dotado de um grande poder, e odeio vê-lo desperdiçado.

— Ele não é a criança adorável de que você se lembra, Varina. Ele está usando esse grande poder contra você. E contra mim.

— Eu sei disso. Mas também quero acreditar que ele não é a pessoa que deveria ter se tornado. Dadas as circunstâncias certas, ou erradas, qualquer um de nós poderia ter acabado do jeito que Nico acabou. E as habilidades dele... — Varina balançou a cabeça devagar. — Eu nunca, *nunca*, vi alguém fazer o que ele faz. É como se Nico simplesmente acessasse o Segundo Mundo com a mente e arrancasse o poder, sem nem ao menos entoar um feitiço. No mínimo, isso merece ser estudado.

Varina pegou a xícara de chá ao lado do pires e a pousou novamente

sem tomar um gole. O som da porcelana soou alto no aposento.

— Eu não estou pedindo para libertá-lo. Ele merece ser punido. Estou pedindo que a senhora não o mate.

Ca'Vikej riu com desdém.

— O bastardo talvez prefira uma morte rápida a uma vida na Bastida. Cénzi sabe que eu preferiria.

— Erik, por favor! — disparou Allesandra.

Ca'Vikej estreitou os olhos e fechou a boca. Ele se levantou da cadeira e se curvou zombeteiramente para a kraljica, como um suplicante diante dela.

— Eu tenho que ir. Tenho uma reunião com o embaixador de Namarro em uma virada da ampulheta. — Ao passar por Varina, ca'Vikej se abaixou e sussurrou — Se quiser, eu posso garantir que ele tenha uma morte rápida. Acredite em mim, seria uma bênção.

Ele sorriu para Varina e deu uma palmada em seu ombro, como se ela fosse uma velha amiga, ao sair.

— Às vezes me pergunto o que eu vi nele — disse Allesandra assim que ca'Vikej saiu. — Alguma vez foi assim entre você e Karl?

— Com Karl, o problema foi fazê-lo me notar, antes de mais nada — respondeu Varina. — Mas, não, eu nunca tive dúvidas sobre ele. Eu sabia que Karl era o homem da minha vida.

— Eu invejo você. Eu nunca me dei esse luxo. Quer dizer, somente uma vez, quando era muito jovem... — A kraljica pareceu se perder em um devaneio por um instante, e Varina a viu estremecer como se tivesse sido tocada por uma brisa gelada. — Os gardai me contaram que os numetodos foram vitais para o sucesso do ataque. Talbot também me informou que vocês usaram umas... engenhocas interessantes; armas que usavam areia negra e podiam ser levadas na mão. Ele disse que elas foram muito eficientes contra os ténis-guerreiros. Vocês chamam as armas de "chispeiras", creio que foi o que ele disse.

Isso fez Varina se lembrar de Liana: a jovem caindo para trás, após Talbot ter disparado com a chispeira contra ela, o buraco terrível aberto em seu peito e o estertor gorgolejante de seus últimos suspiros, o grito de Nico ao vê-la cair e a loucura e tristeza incontrolável que o tomaram então, a jovem morrendo em seus braços enquanto ela e um curandeiro arrancavam a criança do útero. Eram imagens que Varina queria apagar desesperadamente da memória, como giz de um quadro-negro. Mas elas não podiam ser apagadas, não seriam apagadas. Ela receava que essas imagem a assombrassem pelo resto da vida.

Varina também se lembraria de ter apertado o gatilho da chispeira contra o corpo de Nico diante de si e da falha da arma. *Você mesma esteve disposta a matá-lo...*

— Talbot me disse que você desenvolveu a arma — dizia Allesandra. — Era nisso que você estava trabalhando e se escondendo desde o falecimento de Karl?

Varina assentiu; e essa era toda a resposta que ela podia dar.

— Eu tenho uma proposta para você — disse Allesandra, olhando em direção ao Velho Templo mais uma vez. — Você quer que Nico permaneça vivo. Eu acho uma tolice, mas estou disposta a lhe conceder esse desejo, pelo menos temporariamente, se você der aos Domínios o segredo dessa chispeira.

A kraljica olhava diretamente para Varina agora, com a pergunta estampada em seu rosto. Varina não conseguiu sustentar o olhar por muito tempo; ela desviou o rosto na direção do quadro de Marguerite.

— Allesandra... — Varina ia responder, mas não conseguiu continuar.

Como ela explicaria para a kraljica o quanto isso a assustava e fazia sentir-se culpada, como o futuro que ela imaginou — um mundo onde a fórmula da areia negra seria conhecida por todos, onde qualquer um podia construir uma chispeira — seria. Varina sabia que alguém melhoraria a fórmula da areia negra e a tornaria mais poderosa, mais mortal. Não tinha dúvidas de que algum artesão habilidoso seria capaz — como Pierre Gabrielli — de pegar seu projeto e aperfeiçoá-lo, de tornar a chispeira uma arma melhor e mais eficaz.

Varina podia imaginar um mundo assim. Mas não sabia se conseguiria viver nele.

Você não viverá. Por mais quanto tempo você viverá, ainda que sobreviva ao vindouro cerco dos tehuantinos? Cinco anos? Dez? Você não verá o mundo que criou.

Ainda assim, esse seria o mundo dela. O nome de Varina e o nome dos numetodos estariam atrelados a ele.

— Eu sei no que você está pensando — falou Allesandra. — O que Karl diria para você, Varina?

Não se pode deter o conhecimento: ele deseja nascer e forçará sua entrada no mundo, não importa o que se faça. Ela ouviu a voz de Karl em seu ouvido, tão nitidamente quanto se ele estivesse ao seu lado. Varina arfou, uma inspiração que quase desembocou em pranto.

— Eu tenho medo do que desencadearíamos, Allesandra. A senhora acredita em Cénzi, e isso... Isso abalaria as fundações da fé concénziana.

Isso diria ao mundo que a magia é menos importante e menos eficaz que o conhecimento. Nós, numetodos, já desafiamos a Fé; nós refutamos a ideia de que a magia deva se restringir apenas aos fiéis, de que ela venha de Cénzi. Isso iria além, Allesandra. Eu tenho medo que... — Ela balançou a cabeça. — Mas Karl diria que assim que o pato é cozido, não pode voltar a ficar cru, então é melhor comê-lo.

— Então diga-nos como fazer as chispeiras, eu colocarei os ferreiros e os artesãos da cidade para trabalhar. Esta talvez seja a nossa única esperança.

Varina ainda balançava a cabeça, assombrada pela visão do mundo que talvez estivesse criando. Ambas ouviram a batida de Talbot na porta da câmara, e o assistente abriu a porta. Ele acenou com a cabeça para Varina antes de se dirigir a Allesandra.

— Kraljica, o embaixador Sergei está no palácio; ele acabou de chegar de Firenzcia.

— Mande-o subir — respondeu Allesandra.

Talbot fez uma mesura e fechou a porta novamente. Varina começou a se levantar, mas Allesandra gesticulou para que ela ficasse.

— Não — disse a kraljica. — Nós duas temos coisas a tratar com ele.

Uma nova batida na porta, e Talbot anunciou Sergei, que entrou capengando no cômodo com sua bengala. Ele parecia mais cansado do que Varina se lembrava, como se não tivesse dormido direito.

— Sergei — falou Allesandra. — Você voltou rápido. Fez boa viagem?

A voz da kraljica estremeceu tão estranhamente que fez Varina virar a cabeça.

— Fiz uma viagem *interessante*, sob vários aspectos — ele respondeu e, sob seu nariz de metal, ele estava sorrindo enquanto tirou um pergaminho da bolsa diplomática e o entregou para Allesandra. — Seu tratado, kraljica. Assinado. O hïrzg Jan está a caminho com o exército firenzciano.

Varina notou uma mistura de alívio e preocupação em luta no rosto de Allesandra, como se a notícia ao mesmo tempo a alegrasse e entristecesse. Ela ficou curiosa com isso.

— Excelente — Allesandra respondeu, mas faltava entusiasmo em sua voz.

— Eu vi o vajiki ca'Vikej no corredor enquanto eu subia, e ele me perguntou sobre o acordo — disse Sergei, quase casualmente. — Eu disse que me reportava à senhora, e não a ele. O vajiki não pareceu contente com a resposta.

Em seguida, o embaixador se voltou para Varina.

— Varina, eu soube que os numetodos foram fundamentais na retirada de Nico Morel e sua gente do Velho Templo. Fico feliz em ver que não está ferida. É verdade que você está com o filho de Nico?

Varina assentiu. *Segurar a criança... Ver seu rosto inocente e confiante, e enxergar o rosto de Nico ali... Observar a ama de leite que ela contratou amamentando...*

— Uma filha — respondeu ela. — Seu nome é Serafina.

Sergei meneou a cabeça, encarando Varina de uma maneira estranha.

— Ótimo. Fico feliz em saber que ela está em suas mãos. E lamento também; eu imagino como você deve estar se sentindo. Eu lhe prometo que falarei com o capitão ce'Denis para garantir que, quando a hora chegar, a morte de Nico seja rápida. Se a fé concénziana quiser suas mãos e língua, eles podem tirá-las depois.

Varina estremeceu ao imaginar a cena, embora não houvesse nada além de compaixão nos olhos de Sergei.

— Talvez não *haja* uma morte — disse Allesandra antes que Varina pudesse responder. — Se os numetodos cooperarem.

— Hã? — Sergei ergueu suas sobrancelhas brancas e voltou a olhar para Varina. — Cooperar, como?

— Varina desenvolveu um mecanismo de areia negra, um dispositivo que qualquer pessoa pode operar sem precisar de magia, e, ainda assim, ser devastador. Vários morellis e ténis-guerreiros foram mortos com esses mecanismos durante o ataque. Eu acredito que isso poderia, literalmente, mudar a maneira como se faz guerra.

Então ela compreende, assim como eu... Varina se remexeu na cadeira, incomodada. Se Allesandra vislumbrava o mesmo futuro que Varina, isso não parecia perturbá-la.

— Eu ainda não concordei — ela lembrou a kraljica. — Eu tenho que pensar a respeito.

Allesandra saiu da janela da sacada para se agachar em frente à Varina, quase em súplica. Ela pegou as mãos de Varina.

— Varina — disse a kraljica, sem permitir que ela desviasse o olhar —, não há *tempo* para pensar. Não há tempo para hesitar, de maneira alguma. Os ocidentais estarão aqui em poucos dias. É bom que Jan esteja trazendo o exército, mas isso pode não ser suficiente; não diante do que os tehuantinos fizeram em Karnmor e Villembouchure. O comandante ca'Talin diz que há quatro ou cinco vezes mais ocidentais que da última vez que eles estiveram aqui. Quanto mais tempo esperarmos, menos de

suas chispeiras teremos feito e menos tempo teremos para treinar as pessoas a usá-las. Você *não tem tempo* para pensar a respeito. Precisa me dar uma resposta, porque não é apenas a vida de Nico que está em jogo aqui, mas a vida de todo mundo na cidade, incluindo você.

— Eu não me importo com a minha vida — respondeu Varina. — Não mais. Não desde que Karl morreu.

— Não diga isso — disse Allesandra, apertando suas mãos. — Eu não quero ouvir esse tipo de coisa. E você não está falando sério. Você tem que pensar na criança agora.

Varina tentou devolver o sorriso para Allesandra. Ela se sentia exausta e dolorida pelos esforços do ataque. Sergei se ajoelhou ao lado de Allesandra, gemendo com o esforço.

— Dê ouvidos à kraljica — disse o embaixador. — Ela está dizendo o que ambos pensamos, e o que Talbot e o resto dos numetodos também pensam.

Varina suspirou. Fechou os olhos. Do lado de fora, ela podia ouvir os pássaros piando no jardim do palácio e o barulho suave das pessoas na Avi. Sons tranquilos. Os sons da paz. As mãos de Allesandra estavam quentes em comparação às suas, que pareciam pedras frias em seu colo.

Coisas mortas. Coisas arruinadas.

— Tudo bem — respondeu ela. — Diga para Talbot passar no meu laboratório hoje à noite. Eu lhe darei o projeto e as fórmulas.

Sergei ca'Rudka

O capitão Ari ce'Denis parecia cansado, como não dormisse bem há alguns dias. O que provavelmente era verdade, uma vez que as celas da Bastida estavam lotadas, como raramente tinham estado: com os ténis-guerreiros rebeldes, com os morellis que sobreviveram ao ataque ao Velho Templo. E havia o prisioneiro premiado: Nico Morel.

— Eu tenho boas notícias para você, Ari. Fui informado que os ténis-guerreiros que pedirem perdão e rejeitarem todas as opiniões dos morellis serão soltos — disse Sergei para ce'Denis.

O capitão não olhou para o rolo de couro manchado que Sergei tinha pousado na cadeira onde esteve sentado. Ele sequer olhou para Sergei; aparentemente, a papelada sobre sua mesa era bem mais interessante. Ce'Denis pegou os papéis, remexeu e os pousou novamente enquanto

ouvia o embaixador.

— O archigos Karrol já mandou uma mensagem nesse sentido, ele mesmo deve chegar a Nessântico em alguns dias. Se os ténis-guerreiros concordarem em lutar com o exército, ele os mandará para a linha de frente e deixará que Cénzi decida se vai permitir que vivam ou não.

Ce'Denis assentiu.

— E os morellis? Qual foi a resolução com relação a eles?

— Aqueles que eram ténis, mas não ténis-guerreiros, serão julgados individualmente por um Colégio de Iguais, que o archigos pretende convocar ao chegar. Aqueles que não eram ténis passarão pelos procedimentos judiciais habituais e serão levados diante do Conselho dos Ca' para o julgamento.

— E Nico Morel?

Sergei sorriu.

— Ele é um caso especial e será tratado como tal. A kraljica o colocou inteiramente sob minha jurisdição.

O capitão então olhou para o rolo, um olhar que parecia igualmente de nojo e fascínio.

— Imagino que o senhor tenha vindo para *falar* com o prisioneiro.

Sergei ouviu uma pequena hesitação e nervosismo na palavra "falar", como se outro termo tivesse penetrado primeiro na mente de ce'Denis.

— Sim. A kraljica determinou que Morel não será executado e se recusará a entregá-lo à fé concénziana. Ele é... — Um sorriso. — Meu.

O capitão ergueu as sobrancelhas, mas não disse nada: um bom soldado.

— Morel está na cela dos kralji, na torre principal — disse ele. — O senhor sabe o caminho.

Sergei sorriu novamente.

— Sei sim. Vou deixá-lo com seus afazeres, Ari. Deveríamos almoçar juntos um dia desses; talvez depois que a crise atual passar.

Ce'Denis assentiu; nenhum dos dois encarou a sugestão como outra coisa que não uma formalidade. Sergei se apoiou no punho da bengala, se levantando e enfiando o rolo de couro sob o braço livre. Cumprimentou ce'Denis com a cabeça — ele tinha se levantado juntamente com Sergei e agora prestava continência ao embaixador. Sergei saiu do gabinete do homem, cruzou o pátio e ergueu o olhar para o crânio do dragão montado na muralha sobre si.

Os gardai a postos na porta da torre principal prestaram continência quando ele se aproximou. Quando abriram a enorme porta de aço, Sergei

foi tomado por uma onda de ar frio cheirando a dejetos humanos e desespero. Ele respirou fundo — o cheiro familiar fez com Sergei se sentisse momentaneamente jovem. Nem mesmo seu próprio confinamento breve aqui não mudou essa reação.

Ele subiu pela escada em espiral devagar. De vez em quando espiava as celas que se apresentavam de ambos os lados, descansando em cada patamar para tomar fôlego. Antigamente, Sergei teria subido essa escadaria de dois em dois degraus, de baixo para cima. Agora, cada degrau era uma montanha individual que precisava ser escalada. Ele ofegava pesadamente quando chegou ao nível superior, apesar das paradas frequentes.

O garda a postos ali prestou continência para Sergei e ficou em posição de sentido.

— Abra a porta e depois vá comer e beber alguma coisa — disse o embaixador. — Eu assumo a responsabilidade pelo prisioneiro.

— Embaixador? — O garda franziu a testa, confuso. — O senhor não deveria ficar sozinho com o prisioneiro. Não é seguro para o senhor.

— Eu ficarei bem — respondeu Sergei.

— Pelo menos deixe-me acorrentá-lo à parede primeiro.

— Eu ficarei bem — ele repetiu, com mais firmeza desta vez. — Vá.

O garda franziu a testa e quase soltou um suspiro audível — talvez pela decepção ao perder a "entrevista" de Sergei com o prisioneiro — e finalmente prestou continência novamente. As chaves tilintaram e as dobradiças gemeram quando o homem abriu a porta. Sergei esperou até ouvir os passos do garda sumirem na escada. Então ele espiou o interior da cela em si.

Esta era a cela para os prisioneiros mais importantes. Ela tinha abrigado os aspirantes ao Trono do Sol e até mesmo contido alguns que anteriormente tinham se autoproclamado kraljiki ou kraljica. Karl esteve preso ali, e o próprio Sergei — ambos conseguiram escapar: Karl através da magia de Mahri, e Sergei com a ajuda de Karl e Varina. O embaixador se lembrava muitíssimo bem da cela: do piso de pedra fria coberto com palha imunda, da única cama com um cobertor fino, da pequena mesa de madeira para refeições, da abertura na muralha externa que levava a um sacada estreita de onde o prisioneiro podia observar a cidade (e de onde mais de um prisioneiro tinha decidido dar fim ao encarceramento caindo no pátio lá embaixo).

Nico estava agora nessa sacada, olhando para fora. Sergei não sabia se o jovem não tinha ouvido que ele entrara ou se não se importava. Seu

cabelo estava desarrumado e oleoso, em pé aqui e ali entre as tiras do silenciador amarrado em volta da sua cabeça. Suas mãos e pés estavam presos por correntes e algemas de ferro, de modo que ele só podia se arrastar fazendo barulho.

Sergei entrou na cela. Apoiado em sua bengala, ele falou alto, como se declamando de um palco.

"Uma única gota de orvalho
Pendendo do ferro negro, refletindo um céu livre,
Esperando para ser respirada pelo sol feroz
E cair mais uma vez, exalada pela nuvem.
Assim uma alma, eterna,
Nunca desaparecerá,
Mas apenas disfarçar-se-á, renovada, e retornará."

Nico se virou ao ouvir a declamação de Sergei. Ele encarava o embaixador agora, com seus olhos ainda irresistíveis e poderosos.

— "Renascimento", poema de Levo ca'Niomi — disse Sergei. — Você ouviu falar dele, não é? Acho que declamei certo; antigamente, eu passava muitas viradas da ampulheta memorizando sua poesia sentado aqui, no gabinete do capitão. Nós temos os manuscritos originais de ca'Niomi, sabia? Ele tinha uma caligrafia bastante bonita, muito elaborada. Passou décadas aqui, depois de seu reinado felizmente curto como kraljiki; foi nesta mesma cela que ele compôs todos os versos pelos quais é famoso. Portanto, você vê, uma vida passada na prisão não precisa ser uma vida completamente desperdiçada.

Nico o encarou através das tiras do silenciador. Sua saliva gotejou do pedaço envolto em couro saliente em sua boca, reluzindo entre os fios negros da barba, e escurecendo a frente da túnica simples.

— Se você me prometer que não usará o Ilmodo, não que eu ache que consiga, com as mãos presas desta maneira, e se prometer que não tentará escapar, eu removerei o silenciador. E espero que você jure em nome de Cénzi que não fará nem uma coisa, nem outra. Acene com a cabeça, caso concorde.

Nico acenou, devagar. Sergei pousou o rolo de couro na cama e se aproximou do jovem.

— Vire-se e se abaixe um pouco para eu alcançar as fivelas...

Com cuidado, o embaixador soltou as tiras e retirou o instrumento da cabeça de Nico, que engasgou quando a peça de metal foi removida de sua

boca. Sergei deu um passo para trás com o silenciador balançando em sua mão, fazendo as fivelas tilintarem.

— Fique onde está — disse o embaixador.

Ele saiu lentamente pela porta aberta da cela, gemendo ao se abaixar para pegar o cantil de água do garda. Ele o trouxe para dentro e o entregou para Nico.

— Vá em frente...

Ele observou o jovem beber a água em grandes goles. Nico devolveu o cantil para Sergei, que o pousou na mesa.

— Você vai me torturar agora? — perguntou ele.

Sua bela voz soou rouca e prejudicada pelo uso prolongado do silenciador. Ele pigarreou, e Sergei ouviu o barulho de sua respiração nos pulmões — os prisioneiros geralmente adoeciam aqui, e muitos morriam de inflamação nos pulmões. O embaixador se perguntou se Nico seria um deles.

— É isso que você acha que eu sou, seu torturador? A ideia assusta você? Você imagina qual será a sensação, se vai ser capaz de aguentar a dor, se vai berrar sem parar até sua garganta ficar seca ao ouvir seus ossos se partindo, ao ver seu sangue jorrando, ao ser forçado a ver partes do seu corpo açoitadas, arrancadas e esmagadas? Imagina se implorará pelo fim, se prometerá qualquer coisa para eu simplesmente parar? — Sergei não conseguiu conter completamente a ansiedade em sua voz; ele sabia que Nico tinha percebido.

O rapaz engoliu em seco audivelmente, seu pomo de adão se mexeu sob sua barba rala. O embaixador percebeu que seus olhos pousaram sobre o rolo de couro na cama.

— Eu sei a seu respeito, Nariz de Prata — disse Nico. — Todo mundo sabe.

— Sabe mesmo? Eu me pergunto, o que é que eles dizem? Não, não responda. Em vez disso, eu tenho uma pergunta para você. Qual é a sensação de saber que você será lembrado como alguém ainda mais vilipendiado do que eu? Qual é a sensação de saber que, por causa de seu orgulho, arrogância e fé inapropriada, a mulher grávida de seu filho está morta?

Sergei viu lágrimas se formarem nos olhos de Nico, as viu crescer e cair por suas bochechas intocadas.

— Você não pode me machucar mais do que isso — disse o jovem, com sua voz cedendo à emoção. — Não pode me causar mais dor do que eu mesmo já causei.

— Bravas palavras — respondeu Sergei —, mesmo que não sejam verdadeiras.

Deliberadamente, o embaixador caminhou até o rolo de couro e apoiou a bengala na cama. Ele se abaixou como se estivesse prestes a abrir os laços que mantinham o rolo fechado, depois se endireitou novamente.

— Eu encontrei uma jovem interessante ao voltar para Nessântico — falou Sergei.

Nico fez uma careta.

— Eu não estou interessado em sua devassidão imunda, ca'Rudka.

O embaixador quase riu.

— Não havia "devassidão", infelizmente. Não que eu não estivesse interessado, especialmente porque eu imagino que ela teria compartilhado de minhas, digamos, *preferências*. Mas nós conversamos. Estranhamente, eu vi meu reflexo nela, e não foi uma visão bonita. Ainda pior que a genuína. — Ele tocou no nariz para enfatizar. — Mas eu fiquei curioso... Será que ela consegue mudar? Será que consegue evitar se tornar o que eu me tornei, ou seria essa uma tarefa impossível? Será que somos o que Cénzi determinou ou podemos mudar o nosso destino? Uma questão interessante, não é mesmo?

Sergei se abaixou novamente sobre o rolo de couro. Ele puxou os laços, desatando os nós. Ele pausou, com a ponta dos dedos sobre o couro antigo e macio, e olhou sobre seu ombro para Nico, que o encarava com um fascínio aterrorizado: como todos o faziam, todos os que ele estivera prestes a torturar.

Todos olhavam. Não podiam deixar de olhar.

— É uma questão que podemos discutir, você e eu — disse Sergei. — Eu gostaria de ouvir suas opiniões sobre o assunto.

Dito isso, o embaixador abriu o rolo de couro. Em seu interior acolchoado, havia uma bisnaga de pão, um pedaço de queijo, e uma garrafa de vinho. Ele ouviu o suspiro de alívio e descrença de Nico.

— Varina ca'Pallo mandou isso. Você deve agradecê-la por sua vida.

— Minha vida?

Sergei ouviu o fio de esperança em sua voz e assentiu.

— Ela implorou por você diante da kraljica. Como você devia estar esperando, você seria entregue primeiro para o archigos, para que ele arrancasse suas mãos e língua, depois seria torturado e executado pela Garde Kralji; tudo isso publicamente, para que os cidadãos ouvissem seus gritos e vissem seu sangue. Mas sua vida foi poupada, por um numetodo. Por uma mulher que você admite odiar. Não é interessante?

— Por quê? — perguntou Nico. — Eu não entendo.

— Nem eu. Se a escolha fosse minha, você já estaria morto, e seu corpo, mãos e língua estariam pendurados na Pontica a'Kralji como uma lição para outros. Mas Varina... — Sergei ergueu os ombros. — Ela amou você, Nico. Tanto ela quanto Karl teriam adotado você como filho se tivessem tido a chance. Em outra vida, você pode até mesmo ter sido um numetodo.

Nico balançou a cabeça em negação, mas o movimento era lento e tênue.

Nico Morel

— Em outra vida, você pode até mesmo ter sido um numetodo.

Não. Isso nunca teria acontecido. Cénzi não teria permitido. Nico queria ficar furioso e negar a acusação, mas não conseguiu. Não conseguiu sentir Cénzi de maneira nenhuma; ele não O sentia desde que vira Liana cair. Cénzi o abandonara. Nico tinha passado seu tempo rezando como pôde em meio ao desespero sombrio. *Salve-me se esta for a Sua Vontade. Estou em Suas Mãos. Salve-me se ainda houver mais que eu precise fazer pelo Senhor aqui, ou leve-me para Seus braços. Eu sou Seu criado, sou Sua Mão e Sua Voz. Não sou nada sem o Senhor...* Nico anteriormente se sentia tão repleto de Cénzi que parecia impossível não estar em comunhão com Ele. Agora, Nico estava vazio e sozinho.

Em vez de Cénzi, Varina se ofereceu para salvá-lo.

Nico olhou fixamente para a comida e o vinho sobre o couro, que ele sabia que continha os instrumentos de tortura que os rumores diziam que ca'Rudka portava sempre que visitava a Bastida. Sergei arrancava um pedaço do pão. Ele o passou para Nico, e seu estômago roncou em resposta. O primeiro gosto foi estonteante; o pão parecia ter vindo do próprio Segundo Mundo. Ele teve que se forçar a não enfiá-lo todo na boca.

Nico podia sentir o olhar do embaixador sobre si enquanto comia. Ele viu ca'Rudka arrancar a rolha do vinho, tomar um longo gole e passar a garrafa para ele. Nico engoliu — assim como o pão, o sabor do vinho explodiu como um néctar em sua boca seca e sofrida.

Relutantemente, ele devolveu a garrafa para Sergei e aceitou um pouco do queijo e outro pedaço de pão.

— Devagar — disse o embaixador. — Você passará mal se comer muito e rápido demais.

Nico deu uma mordida pequena no queijo.

— Eu nunca poderia ter sido um numetodo.

Sergei riu sarcasticamente e balançou a cabeça com cabelos brancos e ralos. O nariz de prata disparou lampejos de luz nas paredes.

— Você responde com muita pressa e facilidade — disse ca'Rudka. — Isso indica que ou você não pensa no que diz ou não faz ideia de como a infância pode influenciar uma pessoa.

— Eu jamais poderia não acreditar em Cénzi — disse Nico, com teimosia. — Minha fé é forte demais. Estou muito próximo Dele.

— Sim, eu percebo como Ele protegeu bem a você e aos seus no Velho Templo.

— Blasfêmia — Nico sussurrou, instintivamente.

— Eu teria cuidado em não proferir insultos se fosse você. — A voz do homem tinha uma calma perigosa, e seu sorriso era afiado o bastante para cortar a pele. — A kraljica o colocou sob meus cuidados. Eu honrarei o desejo de Varina de mantê-lo vivo porque ela é minha amiga, mas isso deixa abertas *tantas* possibilidades.

Nico pôde sentir a escuridão dentro do homem, como uma tempestade se aproximando a passos largos em pernas de relâmpagos e rugindo com trovões. Ele estremeceu com a visão. *Cénzi, o Senhor está comigo novamente?* Não, Nico não conseguia sentir a presença do Divino. Estava sozinho. Abandonado.

— Veja bem — dizia Sergei —, este é o seu problema, Nico. Você acha que todo mundo é predeterminado. Acha que Cénzi sempre teve a intenção de torná-lo o que é, que Ele *ainda* está direcionando a sua vida. Você acha que teria acabado no mesmo lugar, independentemente do que acontecesse. Mas eu não acredito que seja assim. Não que o futuro de alguém não seja predeterminado, de maneira alguma. Acho que você poderia ter sido *facilmente* um numetodo. Na verdade, aposto que, a esta altura, você seria o a'morce dos numetodos, assim como se tornou o Absoluto dos morellis. Você *realmente* tem um dom, Nico.

— *O Dom de Cénzi* — respondeu ele.

— Talvez. — Sergei tomou outro gole do vinho e passou a garrafa para Nico, cuja garganta seca estava tão devastada quanto o deserto de Daritria; ele pegou a garrafa, agradecido. — Eu acredito em Cénzi, portanto, sim, eu diria que você foi dotado por Ele, mas Varina certamente não foi, assim como Karl, e ambos eram quase tão poderosos

quanto você. Então talvez nós dois estejamos errados. Talvez Cénzi simplesmente não interfira tão diretamente na vida das pessoas.

— Se você acredita nisso, então nega um dos preceitos do Toustour.

— Ou talvez eu não acredite que Cénzi seja cruel o bastante para desejar que Liana morresse e que você jamais visse sua filha.

Nico ia responder. O Nico que tinha sido a Voz de Cénzi não teria tido problema para fazê-lo. Ele teria aberto a boca e teria sido tomado pela resposta de Cénzi. Suas palavras teriam ardido e pulsado, e ca'Rudka teria tremido face ao seu poder. Agora, ele só ficou boquiaberto, e as palavras não vieram. *Quando eu a vi cair, minha fé caiu com ela*...

— Eu comentei sobre a jovem que encontrei ao vir para cá; eu lhe disse que ela ainda tinha tempo para mudar, para encontrar um caminho que não terminasse onde estou. Eu acho que é isso o que Varina acredita a seu respeito, Nico. Ela acredita em você, no seu dom, e acredita que você pode fazer coisas melhores do que já fez com ele.

— Eu faço o que Cénzi exige de mim — respondeu Nico. — Só isso.

— Eu vi um kraljiki cair na loucura por ouvir as vozes que ele pensava que escutava — disse Sergei.

— Eu não sou louco.

— Audric também não achava que era louco.

— Você não pode comparar meu relacionamento com Cénzi com o de alguém que acreditava falar com um quadro.

— Não posso? Um quadro pelo menos pode ser visto e tocado, para se ter certeza de que ele está ali, de verdade. Não é possível fazer isso com Cénzi.

Sergei pegou o pão, arrancou um pedaço e o colocou na boca.

— O que eu vejo — ele continuou, mastigando e engolindo — é que Cénzi trouxe você até aqui, mas foi Varina quem poupou sua filha, sua vida, suas mãos e sua língua e, portanto, seu dom: alguém que não acredita em Cénzi, mas que acredita em você.

Cénzi atua através dela, Nico queria dizer, mas as palavras não saíram. Soltando um gemido, Sergei se sentou na cama perto do rolo de couro. Nico notou os anéis e bolsos em seu interior, todos vazios, embora o couro tivesse a marca das silhuetas dos instrumentos que normalmente ficavam ali. Manchas escuras e sinistras coloriam seu interior.

— Termine de comer o que quiser da comida e do vinho, mas seja rápido — disse Sergei. — Eu tenho outros compromissos hoje e, infelizmente, vou ter de levar isso comigo.

Ele ergueu o silenciador pendurado por uma faixa em seu dedo. A boca

de Nico subitamente se encheu com a memória do couro antigo e manchado, e ele quase vomitou.

— Você devia pensar sobre isso, Nico — continuou o homem. — Não há mais nada a fazer, afinal.

— Você age como se tivesse alguma coisa para me oferecer.

— E tenho — respondeu Sergei facilmente. — Sua vida, e qualquer conforto que ela possa oferecer.

— Em troca de quê?

O embaixador gemeu ao se levantar.

— Nós podemos começar com uma declaração sua para os ténis-guerreiros dizendo que eles devem retornar aos seus deveres e se entregar à autoridade da fé concénziana novamente.

— Cénzi me disse que eles não deveriam lutar — insistiu Nico. — Disse que os tehuantinos são um castigo pelo fracasso da fé concénziana, pelo fracasso do archigos e da a'téni. Como posso negar as próprias palavras de Cénzi para mim mesmo, embaixador?

— Há duas maneiras. Você pode fazer por vontade própria, ou eu posso voltar aqui amanhã com um presente diferente. — Sergei olhou para a cama, onde estava o rolo vazio. — De uma forma ou de outra, você *dará* essa declaração. Eu lhe prometo. Só depende de você decidir como. De uma forma ou de outra, eu sempre consigo o que quero.

Ele sorriu para Nico.

— Veja bem, é tarde demais para *eu* mudar.

O embaixador ergueu o silenciador; as fivelas nas tiras tilintaram.

— Eu realmente tenho que ir agora, mas voltarei. Amanhã. E aí você poderá me dizer o que decidiu.

Jan ca'Ostheim

A vanguarda do exército ainda estava a um dia ou mais de distância, sob o comando dos a'offiziers, mas Jan cavalgava à frente das tropas com o archigos Karrol e o starkkapitän ca'Damont, bem como vários chevarittai firenzcianos.

O hïrzg não tinha estado em Nessântico há quinze anos, não desde a última vez em que Firenzcia socorreu os Domínios contra os tehuantinos. Ele tinha se esquecido de como a cidade parecia magnífica. Eles pararam no cume da última colina próximo à Avi a'Firenzcia, onde podiam

vislumbrar Nessântico delineada a sua frente, em ambas as margens do reluzente do A'Sele. Da última vez que Jan vislumbrara Nessântico, a cidade esteve envolvida em chamas e ruínas, quase destruída. Nessântico tinha se reconstruído mais uma vez. Os domos dos templos estavam dourados, as torres brancas do Palácio da Kraljica pareciam quase furar as nuvens na Ilha a'Kralji, e a cidade ocupava completamente a depressão plana que a abrigava. Mesmo maculada e ameaçada, a cidade era magnífica.

— É *mesmo* uma visão estonteante, não é, meu hïrzg? — comentou o archigos Karrol.

O homem, com sua espinha curvada, não podia andar a cavalo, mas ele tinha descido da carruagem para admirar a paisagem, parado ao lado do garanhão de Jan.

— Mas eu ainda prefiro Brezno e nossos terraços.

Jan não sabia se concordava totalmente. Sim, Brezno tinha suas belezas como cidade, e tinha vistas em sua entrada que faziam um viajante parar e admirar, mas isto... Havia um poder ali. Talvez viesse da profusão de pessoas ali, milhares a mais do que em Brezno. Talvez fosse produto da longa história da cidade, que tinha visto impérios surgirem e caírem, que se tornara a capital do maior império jamais visto, pelo menos desse lado do Strettosei. Até mesmo Jan sentiu a atração da cidade. *Isto será seu em breve. Tudo isso... se você puder salvá-la agora.*

— Olhe — disse o starkkapitän ca'Damont, apontando. — A Avi está lotada de gente no Portão Leste. A evacuação já começou. Os tehuantinos devem estar próximos.

Ele se debruçou sobre a sela e espiou a vista diante do grupo.

— Eu me perguntou se eles virão da Margem Norte, da Sul, ou de ambas. Se pudermos enfrentá-los antes que alcancem a cidade, melhor. Especialmente sem os ténis-guerreiros, precisamos evitar que eles entrem na cidade.

Ca'Damont lançou um olhar venenoso para o archigos Karrol, mas o homem parecia estar olhando a estrada.

— Haverá ténis-guerreiros dos templos aqui — falou o archigos Karrol. — O senhor terá os ténis-guerreiros de que precisa.

— Tomara que sim — respondeu ca'Damont sumariamente. — Mas parece que eles preferem seguir Morel ao senhor.

— Descobriremos qual é a situação em breve — disse Jan, rapidamente, interrompendo a resposta que o archigos Karrol ia dizer. — Archigos, se o senhor puder retornar à carruagem, nós seguiremos a

cavalo. Se nos apressarmos, estaremos dentro das muralhas pela Terceira Chamada.

Enquanto o archigos Karrol, ajudado por um quarteto de assistentes ténis, subia lentamente no assento da carruagem, Jan olhou na direção oeste da cidade, especialmente para a Ilha a'Kralji, e para o palácio. Ele se perguntou se sua matarh estaria ali e como ela se sentiria com sua iminente chegada. E se perguntou se ela estaria tanto temerosa quanto estava ansiosa por isso, em um sentimento contraditório.

Como ele.

— Vamos — disse o hïrzg para os demais, fazendo um gesto. — A cidade nos espera.

Eles entraram pela Avi a'Firenzcia e procederam lentamente em direção ao Portão Oeste da cidade. Nessântico *estava* começando a ser evacuada, e a estrada se encontrava entupida de pessoas e carroças, a maioria saindo da cidade. Eram, em grande parte, mulheres e crianças, assim como velhos — homens fisicamente aptos estavam visivelmente ausentes; Jan presumiu que eles estivessem sendo convocados pela Garde Kralji e a Garde Civile para servir na defesa da cidade. As casas e prédios ao longo da Avi aumentavam em número à medida que eles se aproximavam, até começar a chegar a algumas casas espremidas, embora ainda estivessem fora das muralhas da cidade propriamente dita. Alguém tinha alertado as autoridades; conforme eles avançavam, os cidadãos de repente paravam e comemoravam, e as pessoas espiavam o grupo de janelas e sacadas, acenando com as mãos e hasteando estandartes antigos e surrados com as cores preta e prata firenzcianas — estandartes que, evidentemente, tinham estado mofando dentro de baús há anos. Jan notou que muitos cidadãos olhavam a leste da Avi, como se esperassem ver o exército imediatamente seguindo o grupo, e depois retornavam o olhar para eles, confusos.

Jan ouviu seu nome ser berrado, sendo saudado como se já tivesse libertado a cidade.

— Hïrzg Jan! Hïrzg Jan!

Os chevarittai que o acompanhavam sorriram, mas também fecharam o cerco em volta de Jan, protegendo-o e observando as casas e a multidão crescente, à procura de sinais de problema.

Muitos deles tinham lutado contra tropas dos Domínios. Muitos deles sentiam a inimizade dos Domínios pela Coalizão. Como Jan, os chevarittai se perguntavam quais eram as verdadeiras intenções por trás das

comemorações.

Quando eles conseguiram ver os antigos portões se avultando sobre eles, a multidão tinha crescido ainda mais, enchendo os dois lados da estrada. Havia gente acenando do alto das ruínas das velhas muralhas, e cada janela e sacada estava ocupada. O starkkapitän ca'Damont se debruçou sobre Jan.

— Até parece que os tehuantinos já estão correndo de volta pelo mar.

Jan deu de ombros.

— Acho que se eles estão se lembrando de quando eu trouxe o exército aqui da última vez, nós chegamos após os tehuantinos já terem tomado a cidade. Acho que eles têm a esperança de que isso signifique que eles estão a salvo. Embora, a julgar por alguns rostos à nossa frente, algumas pessoas estejam menos convencidas disso.

Ele apontou com a cabeça na direção do estandarte azul e dourado dos Domínios, tremulando no meio da Avi, logo abaixo dos baluartes do portão da cidade. Um integrante do grupo vestia o uniforme da equipe da kraljica; o resto parecia ser um contingente de chevarittai e — julgando pelas bashtas elegantes de dois ou três — integrantes do Conselho dos Ca'.

Ainda que os cidadãos estivessem sorrindo, os chevarittai e conselheiros ali não estavam. Eles carregavam expressões solenes e carrancudas. Jan se viu um pouco desapontado pela própria Allesandra não estar ali, embora soubesse que — caso a kraljica visitasse Brezno — ele teria feito o mesmo, teria feito sua matarh ir até ele.

Neste momento, Jan sentiu muito a falta de Rance, seu assistente, que teria cavalgado a seu lado e teria identificado muitas das pessoas que o aguardavam.

— Você os conhece? — perguntou o hïrzg a ca'Damont, inclinando-se na direção do starkkapitän. — Aquele é o assistente da matarh? Qual é o nome dele? Talbot ci'Noel ou algo assim...

— Talbot ci'Noel, creio eu. E aquele provavelmente é ele. Os outros... — Ca'Damont balançou a cabeça. — Infelizmente eu não conheço outros conselheiros além de Varina ca'Pallo, que não está presente. Lamento, hïrzg.

Jan viu o starkkapitän franzir os olhos.

— Aquele homem atrás de ci'Noel, vestido ao estilo magyariano. Eu juraria que é Erik ca'Vikej, o filho do traidor do Stor. Olhe para o sorrisinho irônico em seu rosto; isto pode ser uma armadilha, hïrzg.

A mão de ca'Damont segurou o cabo da espada, Jan tocou em seu

braço.

— Não agora — disse o hïrzg para o starkkapitän. — A matarh não seria tão óbvia assim. Vamos analisar a situação primeiro.

O assistente ci'Noel se aproximou com os conselheiros quando Jan alcançou o grupo, e os chevarittai se deslocaram para a lateral, para garantir que o hïrzg fosse o primeiro a entrar na cidade. O assistente fez uma reverência longa; os conselheiros, um pouco menos.

— Hïrzg Jan — ele disse. — Seja bem-vindo de volta a Nessântico, após uma ausência tão longa. A kraljica Allesandra envia seus cumprimentos e agradecimento, ela o aguarda no palácio. Se o senhor nos permitir escoltá-lo até ela...

— Obrigado, vajiki ci'Noel — respondeu Jan, feliz pelo homem ter assentido em reconhecimento; ou o nome estava certo ou era bem próximo. — Conselheiros e chevarittai.

O hïrzg ignorou ca'Vikej. Teria sido melhor se ele tivesse chamado alguns conselheiros e chevarittai pelo nome, mas em vez disso, Jan simplesmente inclinou a cabeça para o grupo.

— Este é o starkkapitän ca'Damont da Garde Civile e... — Ele ouviu a porta da carruagem se abrir e olhou para trás, vendo o archigos sendo ajudado a descer. — O archigos Karrol — concluiu.

Ci'Noel fez uma mesura para ca'Damont, mas, significativamente, não fez o sinal de Cénzi para o archigos Karrol. Em vez disso, fez uma mesura como faria para qualquer um. Jan se lembrou que o assistente de sua matarh era um numetodo. O archigos Karrol franziu a testa, com as mãos meio erguidas sobre sua testa abaixada para devolver o sinal esperado. Os conselheiros e chevarittai, no entanto, de fato levaram as mãos à testa, e o archigos devolveu o gesto com indiferença e uma expressão de desdém visível.

— Bem-vindo, starkkapitän — falou ci'Noel. — Tenho certeza de que o comandante ca'Talin receberá bem o senhor e seus conselhos; ele também está à sua espera no palácio. Archigos, o senhor também é bem-vindo, especialmente porque a morte da a'téni ca'Paim deixou os fiéis daqui destituídos de liderança. Eu soube que o comandante ca'Talin está desesperado pela ajuda de seus ténis-guerreiros.

Ci'Noel disse a última frase sorrindo imperceptivelmente, e Jan se deu conta de que talvez o homem suspeitasse que poucos ténis-guerreiros tivessem seguido o archigos. Karrol torceu o nariz.

— Eu irei ao Templo do Archigos imediatamente para me estabelecer lá e ver o que precisa ser feito — ele disse para o assistente. — Eu

presumo que alguém nos indicará o caminho mais fácil até lá.

— Certamente, archigos — respondeu ci'Noel —, assim que o senhor vir a kraljica. Ela pediu que o senhor também esteja presente na reunião.

— Foi uma longa viagem — argumentou o archigos —, e como você pode ver, eu não sou tão jovem quanto os demais aqui...

— A kraljica aguarda a sua presença *primeiro* — interrompeu ci'Noel, isso fez com que o archigos erguesse a cabeça e encarasse o homem. — Tenho certeza de que o hïrzg compreende a importância das jurisprudências de Estado e as explicou para o senhor.

Ele aprendeu com a matarh... Jan quase sorriu diante da impertinência inteligente do homem.

— O archigos certamente vai querer ouvir as últimas notícias sobre Nico Morel — concordou Jan, e o olhar feio do archigos se voltou para o hïrzg. — Para que ele tome a melhor decisão em relação ao destino de Morel e de seus seguidores.

— De fato — respondeu ci'Noel, concordando vigorosamente com a cabeça antes que o archigos pudesse se opor. — Há notícias sobre as quais eu tenho certeza de que a kraljica está esperando para lhes contar.

O assistente fez uma mesura novamente.

— Se o senhor puder me seguir, hïrzg Jan. Os cidadãos, como o senhor pode ver, estão esperando para lhe dar suas próprias boas-vindas.

Dito isso, um dos chevarittai levou um cavalo à frente e ci'Noel montou na sela. Ele acenou com a cabeça para Jan, puxou as rédeas e virou o cavalo para continuar a oeste.

A população vibrou à medida que eles prosseguiram sob o arco do portão e entraram em Nessântico.

Allesandra ca'Vörl

Ela estava mais nervosa do que pensava que estaria. O salão do Trono do Sol tinha sido arrumado para a recepção, enquanto Allesandra aguardava na sala atrás da plataforma do trono juntamente com três e'ténis do palácio e dois criados do salão, ela pôde ouvir o agito dos criados garantindo que tudo estivesse pronto. A kraljica foi informada de que o hïrzg Jan e os demais estavam nas dependências do palácio, sendo conduzidos por Talbot e o Conselho dos Ca' até o salão, ela foi até a cortina quase transparente para espiar o ambiente. Uma batida soou alto

na porta, e os porteiros do palácio se apressaram em abri-la. Talbot entrou, fazendo uma mesura e anunciando o hïrzg.

Pela primeira vez em quinze anos, Allesandra viu seu filho.

Jan tinha mudado, e não tinha mudado. Ela certamente o reconheceu imediatamente. A imagem do filho como um jovem rapaz ainda estava gravada na face deste adulto no apogeu da vida. Seu cabelo tinha escurecido e recuado um pouco, havia um tom de cinza em suas têmporas que a surpreendeu. Allesandra tocou seu próprio cabelo, sabendo que os fios grisalhos dominavam rapidamente suas longas madeixas amarradas. Mas as feições de Jan: ela se lembrava bem de seus olhos, com olhar tão aguçado que poderia disparar uma flecha certeira no coração de um cervo. Sua boca rígida, o contorno forte do maxilar, o passo confiante; ainda eram como Allesandra se lembrava.

Ela queria abrir a cortina e correr para o filho, mas não podia. Esta teria que ser uma dança tão complicada e tão bem coreografada quanto um minueto de ce'Miella. Este não era o momento das emoções governarem, e sim a diplomacia. Mesmo com o desafio dos tehuantinos batendo à porta, os requintes da sociedade e de seu posto deveriam ser seguidos. Allesandra então esperou que Jan e o contingente firenzciano fossem conduzidos ao espaço aberto frente à plataforma do trono, e que os criados trouxessem bandejas com comida e bebida. Os conselheiros da kraljica (Varina incluída, segurando a filha de Nico) estavam em seu próprio grupo; os chevarittai firenzcianos, como a maioria dos guerreiros que acabaram de vir de uma longa marcha, aceitaram avidamente a comida e bebida oferecidas, o starkkapitän ca'Damont entre eles. O archigos Karrol ficou na frente dos degraus da plataforma, dispensando os criados com um gesto (para a evidente tristeza dos ténis reunidos em volta do homem); ele parecia considerar se seu posto de archigos o permitiria subir os degraus até a plataforma, e seu rosto — quando ele o ergueu do chão — continha uma máscara de irritação. Jan bebeu água, mas dispensou a comida com um gesto, em pé conversando em tom baixo com Talbot, em frente ao enorme quadro de ci'Recroix de uma família de camponeses. Jan olhou fixamente para as figuras incrivelmente realistas na tela sobre o ombro de Talbot.

Erik estava sozinho. Isolado. Ignorado pelos firenzcianos e nessanticanos. Por alguma razão, Allesandra achou isso apropriado.

Talbot olhou na direção da cortina e acenou com a cabeça. Ele fez uma breve mesura para Jan, passando pelo archigos Karrol, subindo na plataforma e parando ao lado do Trono do Sol. A conversa no salão foi

interrompida, e todos olharam para o assistente. Allesandra ouviu uma e'téni começar um cântico e um gestual.

— A kraljica Allesandra ca'Vörl dos Domínios — entoou Talbot, e o feitiço da e'téni fez as palavras ecoarem e retumbarem no salão, como se tivessem sido ditas por um moitidi.

Outros dois e'ténis entoavam um cântico agora e, quando os criados do salão abriram a cortina, lançaram seus feitiços, cercando Allesandra em um banho de luz dourada tênue, como se um feixe de luz do meio-dia tivesse caído sobre ela. Todos os presentes no salão fizeram mesuras, exceto o archigos e os ténis, que preferiram fazer o sinal de Cénzi. Talbot se ajoelhou quando a kraljica se aproximou.

Seu coração batia forte, sua respiração estava acelerada. Apenas Jan não tinha abaixado a cabeça. Ele olhava fixamente para sua matarh, assim como ela olhava para o filho. Seus olhares se sustentaram, e Allesandra esperava que Jan visse carinho ali.

Ela deu três passos adiante até parar ao lado do Trono do Sol, sem se sentar, como teria feito em uma recepção normal. Em vez disso, Allesandra ficou em pé ali e estendeu as mãos na direção do filho.

— Hïrzg — disse a kraljica. — Jan... Por favor...

Com o convite, ele subiu os degraus da plataforma — mais como um jovem do que um monarca, mais como a criança que Allesandra se lembrava. Jan pegou as mãos oferecidas.

— Matarh, é bom ver a senhora.

Ela tinha encenado este momento em sua cabeça centenas de vezes, antevendo as milhares de reações diferentes. Ela tinha imaginado Jan furioso, ou emburrado, ou terrivelmente educado e indiferente. Tinha até mesmo ousado imaginar um reencontro cheio de lágrimas. Isso... isso repuxou os lábios de Allesandra em um sorriso largo e inevitável, e ela apertou os dedos do filho.

— É bom ver você, Jan — disse a kraljica, em um tom de voz baixo, para que apenas ele pudesse escutá-la. — De verdade, meu filho. Eu não devia ter esperado tanto tempo, eu peço as minhas sinceras desculpas por isso.

Jan sorriu, mas havia uma cautela ali, uma prudência em seus olhos. Allesandra percebeu que o filho olhava para o Trono do Sol.

— Ele se acenderia se eu sentasse lá? — perguntou o hïrzg.

— Ele se acenderá — respondeu a kraljica. — Em breve.

E se você mandar que os ténis-luminosos preparem o trono antecipadamente. Jan também aprenderia isso em breve; embora o Trono do Sol ainda brilhasse quando a kraljica ou o kraljiki se sentassem nele,

sua luz, desde a época da kraljica Marguerite, era visível apenas na escuridão do crepúsculo, apenas uma tênue fagulha. Agora ela exigia a ajuda de ténis-luminosos para ser notada durante o dia. Allesandra também aprendera que o gatilho da luz não era ela mesma, mas o anel com o sinete dos kralji — a luz que o famoso archigos Siwel ca'Ela encantara dentro das profundezas cristalinas e surgia sempre que *qualquer pessoa* que usasse o anel se sentasse no trono.

Jan abaixara as mãos, embora ainda sorrisse — assim como todos os que assistiam a esse encontro histórico. Ele era muito parecido com Allesandra; sabia da importância desse momento, sabia que ele moldaria o futuro.

— Matarh — disse Jan, alto o suficiente para que todos o ouvissem —, o exército de Firenzcia está aqui mais uma vez para ajudar os Domínios e o Trono do Sol.

Aplausos e comemoração irromperam com essa declaração, e o som passou como uma onda pelos dois, ali na plataforma. Os dois se viraram e aceitaram a aclamação. Allesandra sentiu uma leveza que não sentia há muito tempo. Viu Erik em meio ao público, ainda isolado, perto de conselheiros e chevarittai dos Domínios, mas não com eles, e bem distante dos firenzcianos. Ele aplaudiu tão alto quanto os outros, mas seu riso era presunçoso e convencido. Allesandra odiava isso.

Ela pegou a mão de Jan, erguendo as duas no ar.

— A uma nova união — disse a kraljica. — De família e de países.

Os aplausos e comemorações redobraram. A luz e o brilho na sala se intensificaram entre os dois, e ainda que Allesandra soubesse que era apenas um efeito dos ténis-luminosos escondidos na sala atrás da plataforma, isso ainda parecia adequado e correto.

Nessa noite, depois da recepção e de uma rápida bênção da Terceira Chamada dada pelo archigos Karrol, Talbot escoltou o grupo até a sala de jantar privativa dentro dos aposentos da kraljica, no palácio. Allesandra andou de braço dado com Jan; o archigos Karrol vinha atrás deles, se arrastando com sua bengala e um único assistente téni, seguido do starkkapitän ca'Damont, Erik seguia o grupo a um passo atrás.

Esperando por eles na sala estavam Sergei e Varina. Ela estava com os braços vazios agora, pois tinha deixado a filha de Nico sob os cuidados dos criados enquanto durasse a reunião.

— Kraljica! Hïrzg Jan! — A voz de Sergei trovejou quando Talbot abriu a porta e deu passagem. — O senhor e a senhora não sabem como estou

feliz em vê-los juntos! Matarh e filho, como deveria ser. Hïrzg Jan, o senhor certamente se lembra de Varina ca'Pallo, a'morce dos numetodos...

Varina fez uma mesura para Jan, que devolveu o cumprimento, mas Allesandra ouviu um distinto silvo de desgosto vindo do archigos Karrol. O homem murmurou alguma coisa para seu assistente que a kraljica não conseguiu ouvir.

— Por favor, sentem-se — disse Allesandra, gesticulando para uma mesa redonda que Talbot tinha colocado na sala, cheia de decantadores e pratos cobertos. — Há comida e bebida, mandaremos servir o jantar mais tarde. Jan, se puder se sentar ao meu lado...

Ela viu os demais se sentarem em volta da mesa: Sergei à esquerda da kraljica, com Varina ao lado; o archigos Karrol à direita de Jan, depois o starkkapitän ca'Damont. Erik se sentou entre os firenzcianos e os nessanticanos, com Varina e ca'Damont de ambos os lados; Allesandra notou, incomodada, que Erik lançava um olhar desconcertante para o starkkapitän, que derrotara seu vatarh. O assistente téni do archigos e Talbot se sentaram em uma mesa no lado da sala, perto da porta de serviço. Allesandra esperou até que todos estivessem sentados, e Talbot acenou para os garçons servirem vinho.

— Esta é uma ocasião grandiosa — disse a kraljica, finalmente, ao erguer a taça. — Eu proponho um brinde aos Domínios renovados e ao meu filho, hïrzg de Firenzcia e agora a'Kralji dos Domínios.

— E à vitória sobre os tehuantinos — acrescentou Sergei.

Allesandra assentiu.

— Aos Domínios e à vitória.

A frase ecoou pela mesa, embora Jan tivesse apenas erguido a taça dando um sorriso, sem dizer nada.

— Kraljica, eu agradeço a hospitalidade oferecida pela senhora — disse o archigos, embora sua expressão negasse suas palavras. — Mas o trabalho da fé concénziana me aguarda. Eu deveria ir até o Velho Templo para ver o que os desprezíveis morellis fizeram. E gostaria que Nico Morel fosse entregue a mim esta noite, para que eu possa executar imediatamente o julgamento da Fé sobre ele.

— Para que você arranque suas mãos e língua, quer dizer? — perguntou Allesandra, Varina conteve um sobressalto e encarou a kraljica, como se temesse que Allesandra fosse entregar Nico, apesar da promessa. — Para que você possa, então, executá-lo?

O archigos fungou.

— Certamente. Morel é o culpado por seu próprio destino, kraljica. Não é o meu desígnio. Eu vou, é claro, arrancar suas mãos e língua publicamente, na praça do Templo, para que todos possam ver o que acontece com hereges que desafiam a Fé. — Ele olhou para Varina ao dizer a última frase.

— Infelizmente, archigos, eu alterei o destino de Nico Morel, a pedido da a'morce dos numetodos — respondeu Allesandra. — Nico Morel atualmente reside na Bastida e permanecerá lá, como e por quanto tempo eu quiser.

A cabeça de Karrol se voltou para Allesandra, como a de uma tartaruga olhando para os lados. Ambas as suas mãos estavam sobre a mesa, como se ele estivesse tentando decidir se se levantaria. Do outro lado da sala, a kraljica viu o assistente do archigos começar a se levantar; Talbot colocou a mão no braço do jovem e balançou a cabeça.

— Como é estranho que uma infiel numetoda se preocupe com a vida de Morel, uma vez que, se a vontade dele fosse feita, ela própria estaria na Bastida, ou pior. Mas, em todo caso, Nico Morel é assunto da fé concénziana, não da coroa ou dos numetodos — declarou Karrol. — Esta é uma questão religiosa, não de Estado.

— Ah. — Allesandra juntou as mãos em formato de pirâmide, apoiando seu queixo. — Mas a guerra *é* uma questão de Estado, archigos. Diga-me, quantos ténis-guerreiros você trouxe consigo?

O archigos sibilou, também como uma tartaruga, decidiu Allesandra.

— Eu ouvi dizer que vieram menos de dois punhados — continuou a kraljica. — Tão poucos... Mas Sergei me prometeu que Nico Morel nos dará os ténis-guerreiros de Nessântico, e ele também vai enviar uma mensagem para aqueles que se recusaram a seguir você, e que os ténis-guerreiros atenderão ao chamado dele.

Ela viu Sergei assentir e Varina olhar estranhamente para ele.

— Ao que parece, archigos, Nico Morel pode fornecer ao Estado um número muito maior de ténis-guerreiros do que *você*. Portanto, eu não acho que seu compromisso no Velho Templo é tão premente. Eu já perdoei os ténis e ténis-guerreiros que seguiram Morel, desde que eles sigam para o fronte de batalha. Os poucos que ainda se recusarem... — Ela levantou um ombro indiferente. — Bem, eu permitirei que você faça com eles o que quiser.

O rosto do archigos Karrol ficou branco, como se estivesse engasgando.

— A senhora *permitirá*... A senhora não tem autoridade para isso,

kraljica. Nenhuma. Eu sou o archigos, e eu...

— E você, archigos Karrol, não parece perceber que seu posto é frágil e precário. A maioria de seus ténis seguiram Nico Morel em vez da pobre a'téni ca'Paim, e seus próprios ténis-guerreiros fizeram o mesmo. Onde está o poder que você parece possuir, archigos? Você não conseguiu derrotar Nico Morel, mas *eu*, sim; com a grande ajuda, deixe-me lembrá-lo, dos numetodos. Parece que a fé concénziana não é a única aliada com que um kralji pode contar em um momento de necessidade, nem a mais forte. Se você quiser demonstrar como a fé concénziana pode ajudar, eu sugiro que o faça, archigos. Minha fé em Cénzi continua forte como nunca, mas francamente eu não acho que a defesa de Nessântico seria menos forte se você dividisse a mesma cela com Morel.

Karrol bateu com as mãos na mesa, fazendo os copos retinirem e a porcelana tremer.

— Meu hïrzg, o senhor vai deixar esta... esta... *herege* falar comigo dessa forma?

Allesandra viu Jan dar de ombros em sua visão periférica.

— Se a kraljica realmente conseguir trazer mais ténis-guerreiros para o meu exército, archigos, talvez ela tenha razão. — Ele se voltou para Allesandra. — Matarh, a senhora não mudou em nada. Ainda consegue tudo o que quer, de uma forma ou de outra.

— Eu não preciso ficar aqui — disparou o archigos Karrol. — Eu não preciso ouvir essa apostasia.

— Então eu permito que se retire — disse Allesandra. — Mas tenha cuidado com o que diz e com o que faz, archigos. Você *vai* consultar meu filho ou a mim antes de tomar qualquer decisão significativa; ou isso ou você será substituído por um a'téni que *realmente* entenda que é a Fé que serve ao Estado, não o contrário.

— A senhora não tem autoridade *nenhuma* para me substituir — vociferou o archigos. — O Colégio A'Téni não permitirá. Os interesses da fé concénziana se sobrepõem aos de qualquer Estado.

— Se você quiser testar esta teoria, archigos, eu o convido a experimentar. Talbot, você poderia mandar os gardai do palácio escoltarem o archigos Karrol até o Velho Templo, para que ele possa verificar os danos lá? Talvez ele queira supervisionar as equipes de trabalhadores, uma vez que não pode nos dar os ténis-guerreiros de que precisamos.

O assistente de Karrol se aproximou com a bengala enquanto o archigos se levantava. Ele encarou Allesandra, que calmamente devolveu

o olhar e fez o sinal de Cénzi. Karrol saiu da sala com a pouca dignidade que lhe restava. Jan aplaudiu ironicamente quando as portas se fecharam atrás do homem.

— Hurra, matarh — exclamou o hïrzg. — Esta foi uma boa jogada. Estou tentando encontrar uma desculpa para me livrar desse velho bastardo inútil há um ano ou mais, e a senhora o fez por mim agora.

— Agradeça a Sergei. É ele quem vai convencer Nico Morel a cooperar. — Allesandra viu Varina encarar Sergei, como se percebesse as entrelinhas. — Agora, vamos tratar do nosso assunto. Você falou com as nações da Coalizão? Elas estão todas de acordo?

— Não, não falei com todas, mas enviei mensagens. Sesemora é a mais forte das nações da Coalizão exceto por Firenzcia e, portanto, a mais perigosa, mas Brie é prima em primeiro grau do pjathi ca'Brinka, e os laços familiares vão prevalecer. Miscoli seguirá Sesemora. A Magyaria Oriental sabe que as tropas de Tennshah invadirão as fronteiras em debandada sem a proteção de Firenzcia. A Magyaria Ocidental... — nesse momento, Jan se deteve, lançando um olhar furtivo na direção de Erik. — O gyula é nosso aliado.

Allesandra viu Erik fazer uma careta e, em seguida, colocar um sorriso, como uma máscara, de volta ao rosto.

— O destino da Magyaria Ocidental talvez não esteja tão definido quanto o senhor acredita, hïrzg Jan — disse Erik. — Talvez a kraljica tenha outros planos?

— Ah, é? — perguntou Jan. — Isso é verdade, matarh? Esses rebeldes, traidores e incompetentes comandam os Domínios? A senhora está planejando tornar o hïrzg de Firenzcia tão irrelevante quanto o archigos? Receio que isso não vá funcionar; eu tenho as melhores cartas neste jogo, a menos que a senhora queira que Nessântico seja invadida pelos ocidentais.

Da voz de Jan podia-se distinguir uma raiva genuína agora. Allesandra olhou para Erik mais uma vez. Ele acenou com a cabeça e sorriu. Ela desviou o olhar.

— Receio que, mesmo com Firenzcia, ainda não haja garantias de que os tehuantinos não vencerão — falou a kraljica. — Seu exército é bem maior do que o que eles trouxeram antes, o comandante ca'Talin não tem conseguido deter o avanço, e o que eles fizeram em Karnmor...

Allesandra estremeceu involuntariamente e continuou, com mais firmeza.

— Mas, em resposta à sua pergunta, não. Eu tomarei as minhas

próprias decisões quanto ao que é melhor para Nessântico, assim como você, Jan. Assim como nós faremos, juntos.

Ela fez uma pausa. *Você ainda está certa de que quer fazer isso?* Erik sorria, confiante, e a presunção do gesto a irritou. Ela já sabia a resposta — porque sabia que, inevitavelmente, com Erik e Jan tudo se resumiria a ter de escolher entre os dois. A kraljica ergueu a taça para Jan.

— Se o atual gyula é satisfatório para você, então ele permanecerá gyula.

— O quê? — Erik soltou um grito de indignação e se levantou.

Talbot se levantou também, e os gardai na porta se empertigaram.

— Você me *prometeu* — ele gritou para Allesandra, com o rosto vermelho e o dedo em riste no ar. — Eu confiei em você. Você e eu dividimos sua...

— *Silêncio!* — Allesandra trovejou de volta. — Se disser mais uma palavra, vajiki, você vai ser jogado na Bastida. Eu prometo isso. Você não é mais bem-vindo na minha presença. Tem a noite de hoje para sair de Nessântico. Vá para onde quiser, mas se estiver aqui na Primeira Chamada de amanhã, você será declarado um traidor do Trono do Sol e será perseguido de acordo. Se for capturado, será mandado para a Magyaria Ocidental para ser julgado pelo tribunal do gyula.

— Você não pode estar falando sério.

— Ah, eu estou sim — respondeu Allesandra.

— Então, eu não significuei nada para você? O tempo que passamos juntos...

— ...acabou. — A kraljica encerrou a frase no lugar dele. — Uma coisa é um kralji cometer um erro, Erik. Outra é insistir no erro. Você pensou que eu trocaria o bem dos Domínios por uma simples paixão? Se pensou, então você nunca me conheceu mesmo.

— Eu conheço você agora — disparou Erik. — Você é uma cadela fria, muito fria.

Isso deveria tê-la magoado, mas não magoou. Allesandra não sentiu nada.

— Erik, você está desperdiçando o pouco tempo que tem.

Erik a encarou, furioso. Mas se calou e saiu da mesa. Os gardai abriram a porta para ele e seus passos sumiram ao longo corredor quando as portas se fecharam novamente.

— Matarh, a senhora *realmente* me surpreende — disse Jan, olhando para o starkkapitän ca'Damont, Sergei e Varina. — Qual de nós será o próximo a sair?

Ela ignorou o sarcasmo.

— O archigos precisava perceber qual era o seu lugar. Não podemos nos dar ao luxo de ter que aplacar a fé concénziana em meio a esta crise. Quanto a Erik... — Allesandra deu de ombros. — Infelizmente, eu tomei uma decisão ruim, e era hora de retificá-la.

— Na verdade, se não se importa que eu corrija, a senhora tomou duas decisões ruins: também apoiou o vatarh dele.

A kraljica ia discordar. *Não, deixe que ele vença aqui. Jan está indeciso e preocupado.*

— Eu aceito isso. — Ela acenou com a cabeça para Sergei, Varina e ca'Damont, que ficaram sentados em silêncio durante o diálogo. — Lamento que todos vocês tenham que ter testemunhado isso. Espero que saibam que dou valor aos seus conselhos e opiniões, Sergei, Varina. Ambos são vitais para os Domínios, especialmente agora. E starkkapitän ca'Damont, sua experiência será essencial nos dias que virão. Agora... Vamos falar sobre o que Nessântico vai enfrentar e como podemos vencer...

Brie ca'Ostheim

Foram necessários dois dias para alcançar o comboio de suprimentos do exército, e mais meio dia para passar entre as aparentemente infinitas fileiras triplas de infantaria em direção ao batalhão de comando. Os soldados vibraram ao ver a carruagem se aproximar com a insígnia do hïrzg na lateral. Eles saíram da estrada para permitir a passagem do veículo, Brie acenou para os homens. Também viu cavaleiros sendo despachados para a vanguarda, galopando pelos campos e campinas ao longo da estrada, e ela sabia que a notícia de sua chegada alcançaria os offiziers, e eles informariam Jan. Brie esperava que o marido estivesse entre os soldados que a saudaram quando ela finalmente se aproximou do estandarte do hïrzg e do starkkapitän, mas foi Armond co'Weller, um chevaritt e a'offizier, que caminhou a passos largos até sua carruagem quando o condutor puxou as rédeas. Brie abriu a porta do veículo e desceu os degraus antes que os cavaleiros da Garde Brezno que a acompanhavam ou co'Weller pudessem ajudá-la.

— Hïrzgin — cumprimentou o a'offizzier.

A expressão do homem era de preocupação e ansiedade. Ele desviou o

olhar de Brie para o trio de gardai da Garde Brezno montados em volta da hïrzgin. Em volta deles, o exército parou lentamente.

— Algum problema? Seu comboio foi atacado? As crianças...?

— As crianças estão bem e já devem estar em Brezno a esta altura — ela respondeu. — Eu voltei para ficar com meu marido, só isso, e para estar ao seu lado quando ele se encontrar com a kraljica. Agradeço se puder informá-lo sobre a minha chegada. Pensei que ele estivesse aqui...

Co'Weller afastou o olhar por um momento e franziu os lábios.

— Lamento, hïrzgin, ter que informá-la de que o hïrzg, o starkkapitän ca'Damont e vários chevarittai seguiram a cavalo à frente do exército. Eles provavelmente já estão em Nessântico.

— Ah.

A imagem de Jan em chamas voltou à sua mente, acompanhada pela mulher misteriosa... Brie mordeu o lábio inferior, e isso deu a deixa para co'Weller rapidamente abrir a porta da carruagem para ela, como se esperasse que Brie fosse voltar para seu interior imediatamente.

— Sinto muito, hïrzgin. — O a'offizier voltou a olhar para os gardai em torno dela. — Eu destacarei um esquadrão de tropas adicionais para acompanhá-la de volta à Encosta do Cervo e lhe darei novos cavalos e condutor. O cozinheiro pode preparar provisões para a viagem...

— Eu não vou partir — informou Brie, fazendo co'Weller levantar as sobrancelhas, surpreso.

— Hïrzgin, este não é um lugar para a senhora. Um exército em marcha...

— Meu marido não está aqui. Isso significa que eu sou a autoridade do trono de Firenzcia, não é mesmo, a'offizier?

Por um instante, pareceu que Co'Weller faria uma objeção, mas ele balançou a cabeça ligeiramente.

— Sim, hïrzgin, acredito que sim, mas...

— Então minhas ordens estão acima das suas, eu seguirei para Nessântico com você, até que o starkkapitän e meu marido retornem. Tem algum problema com isso, a'offizier?

— Não, hïrzgin. Nenhum problema.

As palavras eram de aceitação, mas a expressão em seu rosto era de negação.

Isso não importava para Brie. Alguma coisa dizia que ela precisava estar com Jan, e ela estaria.

— Ótimo. — A hïrzgin abriu a porta da carruagem e colocou um pé no degrau. — Então não vamos deixar o exército esperando. Temos uma

longa marcha pela frente.

Niente

As águas de Axat traíram Niente. Ele podia ver muito pouco do Longo Caminho na bruma. Até mesmo os eventos pouco antes dele estavam obscurecidos. Havia muitos sinais conflitantes, muitas possibilidades, muitos poderes em oposição. Tudo estava em fluxo, todo mundo estava em movimento. Niente já não podia mais ver o Longo Caminho. Ele tinha sumido, como se Axat tivesse retirado seu favoritismo de Niente, como se Ela estivesse furiosa com o nahual pelos seus fracassos.

Niente só via uma coisa. Ele viu a si mesmo e Atl, um encarando o outro, um raio explodiu entre os dois e, dentro da bruma, Niente viu Atl cair...

Dando um grito e um golpe com o braço, Niente jogou longe a tigela premonitória. Os três nahualli que tinham trazido a tigela e a água para ele e estavam lhe auxiliando se levantaram, assustados.

— Nahual?

— Deixe-me em paz! Vamos! Saiam!

Eles se dispersaram, deixando Niente sozinho na tenda.

Sumiu. O futuro que você buscou foi tomado. Será que consegue encontrá-lo novamente? Será que ainda há tempo, será que essa oportunidade passou completamente agora?

Niente não sabia. A incerteza ardeu como fogo em seu estômago e bateu como um martelo em seu crânio.

Ele caiu no chão, enterrando a cabeça entre as mãos. A tigela tinha caído, de cabeça para baixo, sobre a grama à frente de Niente, de maneira acusadora, a água cor de laranja molhava as folhas verdes. *A grama estrangeira, o solo estrangeiro...*

Niente não sabia dizer quanto tempo tinha ficado sentado até ver uma sombra se agitar sobre o tecido, provocada pela grande fogueira montada no centro do acampamento.

— Nahual? — chamou uma voz hesitante. — Está na hora. O Olho de Axat surgiu. Nahual?

— Estou indo — respondeu ele. — Seja paciente.

A sombra recuou. Niente se levantou. Seu cajado mágico ainda estava sobre a mesa. Ele o pegou, sentindo o formigamento dos feitiços contidos na grã espiralada. *Você vai conseguir fazer isso? Você o fará?*

Niente caminhou até a aba da tenda, a abriu e saiu.

O exército tinha acampado ao longo da estrada principal, onde ela descia por uma longa colina. As tendas do nahual e do tecuhtli tinham sido montadas no topo da colina, cercadas pelas tendas dos guerreiros supremos e dos nahualli. Lá embaixo, Niente viu o brilho das centenas de fogueiras; acima, a faixa do Rio Estelar cortava o céu, ofuscada pelo brilho do Olho de Axat, olhando para eles. Os guerreiros supremos e os nahualli estavam sentados em um círculo em volta da grama pisoteada da campina. Perto da fogueira, ardendo no espaço aberto entre a tenda do nahual e a do tecuhtli, estavam o tecuhtli Citlali, Tototl e Atl. Seu filho tinha o peito nu, sua pele brilhava. Ele segurava seu cajado mágico em uma das mão, batendo sua ponta nervosamente no chão.

— Você ainda quer isso, Atl? — perguntou Niente. — Tem tanta certeza assim do seu caminho?

Atl balançou a cabeça.

— Se eu *quero*, taat? Não, não quero. Mas estou certo a respeito do caminho que Axat me mostrou e tenho confiança de que o caminho que o senhor quer que nós sigamos nos levará à derrota, apesar do que o senhor pensa. Foi o senhor quem me ensinou que, mesmo quando alguma autoridade diz que está certa, ela ainda pode estar errada; e que, para salvá-la, é preciso persistir. O senhor me disse que esse era o papel do nahual em relação ao tecuhtli, e dos nahualli em relação ao nahual. — Ele inspirou profunda e lentamente, batendo com o cajado mágico no chão mais uma vez. — Não, eu não quero isso. Não quero lutar com o senhor. Eu odeio ter que fazer isso. Mas não vejo outra escolha.

Citlali se colocou entre os dois.

— Chega de conversa. Já perdemos tempo demais com isso; e a cidade espera por nós. Façam o que for necessário, para que eu decida quem é o meu nahual, e quem está vendo o caminho corretamente. — Ele olhou de Niente para Atl — Andem com isso. Agora!

O tecuhtli se afastou e gesticulou para Niente e Atl. Niente sabia que Citlali queria que os dois erguessem seus cajados mágicos, que a noite se iluminasse subitamente com raios e fogo, que um dos dois desmoronasse no chão, derrotado, queimado e morto. Ele podia ver a ansiedade no rosto do homem, na forma como as asas da águia vermelha se mexiam nas laterais de seu crânio raspado. Os nahualli, os guerreiros supremos, todos compartilhavam a mesma avidez — todos olhavam fixamente para eles, inclinados para frente, com as bocas entreabertas em expectativa.

Ninguém tinha visto um nahual batalhar com um desafiante há uma

geração. Eles estavam ansiosos para ver a cena histórica. Mas nem Atl, nem Niente se mexiam. O nahual viu os músculos do braço do filho se retesarem e percebeu que Atl *prosseguiria*. Sabia que a visão na tigela se realizaria. Assim que Niente erguesse seu cajado mágico, o duelo começaria — e Atl morreria.

— Não! — gritou Niente, jogando o cajado mágico no chão. — Eu não farei isso.

— Se você é o meu nahual, você o fará — rugiu Citlali, como se estivesse desapontado.

— Então eu não sou o seu nahual — disse Niente. — Não mais. Atl está certo. Axat obscureceu minha visão do Caminho. Ela não me favorece mais, e eu não tenho mais a verdadeira Visão.

Ele fez uma mesura para o filho, como um nahualli para o nahual. Ele arrancou o bracelete dourado do antebraço. Ele sentiu sua pele parecer fria e nua sem ele.

— Eu me rendo.

Niente se ajoelhou e ofereceu o bracelete a Atl.

— O senhor é o nahual do tecuhtli agora. Eu sou um mero nahualli. Seu criado.

Niente pôde sentir o Longo Caminho desaparecendo da sua mente. *A Senhora o tirou de mim, Axat. Isto é culpa Sua.* Se ele já não podia mais ver, então ele trocaria a sua visão pela de Atl. Se já não havia mais Longo Caminho, então ele aceitaria a vitória dos tehuantinos.

Ele ficaria satisfeito. Não viveria para ver as consequências.

FRACASSOS

Nico Morel

Sergei ca'Rudka

Jan ca'Ostheim

Niente

Varina ca'Pallo

Rochelle Botelli

Varina ca'Pallo

Brie ca'Ostheim

Niente

Nico Morel

Cénzi...

Cénzi o tinha abandonado, Nico só podia se perguntar o que tinha feito de errado, como podia ter interpretado tudo tão mal a ponto de Cénzi permitir que isso acontecesse. Nico passou todo o tempo, desde que Sergei foi embora, de joelhos recusando a água e a comida. Ele usou as correntes em suas mãos e pernas como flagelos, para abrir as crostas das feridas que ele sofreu na batalha pelo Velho Templo, para deixar o sangue quente e a dor levarem embora todos os pensamentos do mundo exterior. Nico aceitou a dor; mergulhou nela; a ofereceu para Cénzi como uma oferenda, na esperança de que Ele falasse com Nico novamente.

O Senhor me tirou a minha mulher e roubou minha filha. O Senhor permitiu que as pessoas que me seguiam morressem de maneira horrível. O Senhor me arrancou a liberdade. Como foi que eu O ofendi? O que eu deixei de ver ou fazer pelo Senhor? Como eu ouvi errado a Sua mensagem? Diga-me. Se deseja me punir, então eu me entrego ao Senhor livremente, mas me diga, por que eu devo ser punido. Por favor, me ajude a entender...

Esta foi a prece de Nico. Isto foi o que ele repetiu, sem parar: enquanto as trompas anunciavam a Terceira Chamada, ao cair da noite, enquanto as estrelas passavam correndo e a lua surgia. Ele rezou, de joelhos, perdido em si mesmo e tentando encontrar de novo a voz de Cénzi em algum lugar em meio ao desespero.

Nico não conseguiu evitar a invasão de outros pensamentos. Sua mente vagou sem foco. Ele ouviu a voz de Sergei falando sem parar: “foi Varina quem poupou sua filha, sua vida, suas mãos e sua língua e, portanto, seu dom: alguém que não acredita em Cénzi, mas que acredita em você... foi Varina quem...” Abafado pelo silenciador, Nico gritou tentando apagar a terrível voz, fechando bem os olhos, como se, com isso, pudesse impedir a entrada da memória em sua mente e se negar sua própria visão. “Eu comentei sobre a jovem que encontrei ao vir para cá; eu lhe disse que ela ainda tinha tempo para mudar, para encontrar um caminho que não terminasse onde estou”. O embaixador insistiu. “Eu acho que é isso o que Varina acredita a seu respeito, Nico. Ela acredita em você, no seu dom, e

acredita que você pode fazer coisas melhores do que já fez com ele."

Não! Se Varina me salvou, foi porque ela cedeu involuntariamente à Sua vontade. Só pode ser. Diga-me que foi assim! Dê-me Seu sinal...

Mas o que veio à tona em sua mente no lugar do sinal de Cénzi foi o corpo de Liana quebrado e rasgado, foi a forma como seus olhos se fixaram cegamente na cúpula do Templo Antigo, e a forma como suas mãos apertaram sua barriga, tentando proteger a criança em seu interior. Ele pediu a Cénzi para mudar este fato terrível, para devolvê-la à vida, tirando sua própria vida em seu lugar, mas seu olhar ficou imóvel, seu peito não se mexeu e o sangue ficou espesso e parado ao seu redor, enquanto ele tentava acordá-la, enquanto a abraçava, enquanto os gardai o arrastavam para longe e ele gritava...

O que o Senhor quer de mim? Peça, e eu o farei. Eu pensei que estivesse *fazendo, mas se isso não for verdade, então me mostre. Tire esse tormento de mim. Faça com que eu compreenda...*

Nico pensou ter sentido uma mão tocar seu ombro e se virou, mas não havia ninguém ali. Devia ter sido o efeito da alta madrugada, quando o silêncio caía até mesmo sobre a grande cidade. Ele devia ter ficado ajoelhado por várias viradas da ampulheta, suas pernas estavam dormentes. O ar fétido e parado da cela estremeceu e Nico ouviu a voz de Varina. "Eu odeio o que você pregou e o que fez em nome de suas convicções. Mas eu não odeio *você*, Nico. Jamais odiarei".

— Por que não? — ele tentou dizer, mas sua língua estava aprisionada pelo silenciador, Nico só conseguia emitir sons abafados e ininteligíveis. — Por que você não me odeia? Como pode não me odiar?

O ar estremeceu, Nico pensou ter ouvido uma risada.

Cénzi? Varina?

Ele tentou rezar mais uma vez, mas sua mente não permitiu. Sua cabeça estava cheia de vozes, mas nenhuma era aquela que Nico tanto queria ouvir. Ele voltou no tempo em suas memórias e seguiu para frente, para o presente imundo e esquálido, voltando mais uma vez ao passado.

Nico tinha 11 anos, estava na casa em que eles moraram após Elle levá-lo embora de Nessântico, onde ficou até sua barriga inchar ao máximo com a criança lá dentro, a criança que Elle dizia que seria seu irmão ou irmã. Nico ouvia Elle gemendo ou chorando no quarto ao lado e ficava encolhido na sala comunal, assustado e com medo da dor óbvia em sua voz, rezando para Cénzi para que ela ficasse bem. Nico tinha ouvido muitas histórias sobre mulheres que morriam no parto e não sabia o que aconteceria com ele se Elle morresse — não com seu próprio vatarh e

matarh mortos, não com Varina e Karl provavelmente mortos também, até onde Nico sabia. Elle era tudo o que ele tinha no mundo, Nico rezou com todo o fervor possível para que ela vivesse. Prometeu a Cénzi que dedicaria a vida a Ele se a mantivesse viva.

Elle gemeu novamente, desta vez soltando um grito estridente e longo que foi rapidamente abafado, como se alguém tivesse colocado uma mão ou um travesseiro sobre sua boca, ele ouviu a oste-femme chamar suas assistentes. Ele saiu de seu canto, caminhou até a porta fechada e a abriu com cuidado. Viu Elle sentada na cama, apoiada pelas assistentes.

— Onde está meu bebê? — ela perguntou, chorando. — Onde... Não, fiquem calados! Eu não consigo ouvir! Onde ele está?

Nico sabia que Elle não estava falando com as pessoas no quarto, mas com as vozes em sua cabeça.

Havia muito sangue nos lençóis. Ele tentou não olhar para isso.

Uma ama de leite se sentava em uma cadeira próxima, mas os laços de sua tashta ainda estavam amarrados e seu rosto estava tenso. A oste-femme estava agachada diante de uma trouxa ao pé da cama. Ela balançava a cabeça.

— Lamento, vajica — disse a mulher. — O cordão estava... o que esse *menino* está fazendo aqui?

Nico percebeu que a oste-femme estava olhando fixamente para ele na porta.

— Eu posso ajudar — disse Nico.

— Fora daqui! — berrou a oste-femme, apontando para a porta.

A mulher gesticulou para uma das assistentes.

— Tirem o menino daqui! — ela ordenou, voltando-se para a trouxa.

Nico correu para dentro do quarto. Ele podia sentir o frio poder envolvê-lo. O sentira desde que tinha começado a rezar, e ele foi ficando cada vez mais frio e mais poderoso a cada fôlego. Agora o poder queimava seus pulmões e garganta, Nico não conseguia contê-lo. Ele se desviou quando a assistente tentou agarrá-lo, enquanto Elle gritava para ele ou para as vozes em sua cabeça ou para a oste-femme. Nos braços da mulher, Nico viu um bebê, sua pele tinha uma cor arroxeada estranha, havia uma corda cor de carne em volta de seu pescoço. Ele estendeu a mão para tocar a menina... E, ao tocá-la, Nico sentiu a energia fria sair de si, enquanto ele dizia palavras que não conhecia e suas mãos se mexiam em um padrão estranho. Seus dedos tocaram a perna do bebê, e ele conteve um grito ao sentir o poder sair todo de si, deixando Nico exausto como se tivesse corrido o dia inteiro. A perna da menina tremeu, seu

corpo entrou em convulsão e a corda se desmanchou: a boca do bebê se abriu, soltando um berro e um choro. A oste-femme, que tinha dado passo para trás quando Nico a empurrara para passar, agora gaguejava.

— A criança — disse a mulher. — Ela estava morta...

O bebê chorava agora, a ama de leite se aproximou, desfez os laços da blusa da tashta e pegou a criança nos braços.

— O que está acontecendo? — disse Elle, mas então...

...sua memória mudou. Desta vez sem a bruma suave da lembrança. Tudo estava nítido, com cores intensas, como acontecia quando Cénzi lhe enviava uma visão. Já não era mais Elle quem estava no leito do parto, mas Varina, e ela abria os braços. Nico se aninhou alegremente em seus braços. Varina acariciou seu cabelo.

— Você salvou a vida dela — ela disse. — Foi você.

— Eu rezei para Cénzi — disse Nico. — Foi Ele.

— Não — respondeu Varina/Elle baixinho, acariciando suas costas. — Foi *você*, Nico. Você sozinho. Você entrou em contato com o Segundo Mundo e pegou seu poder, que não vem de Cénzi ou de outro deus, simplesmente existe. Você pode se conectar com isso. Rochelle lhe deve a vida. Ela sempre lhe deverá isso.

— Rochelle? Esse será o nome dela?

— Sim. Era o nome da minha própria matarh — disse Varina/Elle — e eu vou ensiná-la tudo o que sei, e talvez um dia ela retribua a você o que você fez por ela.

A mulher, que ao mesmo tempo era Elle e não era Elle, abraçou Nico com força, e ele devolveu o abraço, mas agora só havia o ar vazio a sua frente. Nico abriu os olhos.

O sol tinha nascido, ele agora ouvia as trompas anunciando a Primeira Chamada, enquanto o sol descia relutantemente pela torre negra da Bastida a'Drago em direção à abertura em sua cela. De repente, ele quis olhar lá fora, ver a luz crescente. Nico tentou se levantar, mas seus pés estavam tão duros e inflexíveis quanto pedra, e quando ele tentou mexê-los, a dor fez com que ele soltasse um grito abafado pelo silenciador. Ele não conseguia se levantar. Então, ele se arrastou para frente com suas mãos acorrentadas, rastejando até a abertura que levava até a pequena plataforma da torre. Nico se levantou, apoiando-se no parapeito e gemendo por causa do formigamento intenso que ele sentia nas pernas à medida que elas voltavam à vida. Nico olhou para a manhã. Uma bruma tinha surgido sobre o A'Sele, a Avi a'Parete do lado de fora dos portões da Bastida começava a se encher de gente caminhando em direção ao templo

ou aos compromissos da manhã.

Uma figura atraiu seu olhar... Uma mulher parada em frente aos portões da Bastida, sob o sorriso malicioso da cabeça do dragão. Ela não se movia, mas encarava a Bastida, e a torre em que ele estava preso. Mesmo com essa distância, havia algo nela, alguma coisa familiar.

— Rochelle...? — murmurou Nico.

Ele não sabia se estava sonhando ou se isso sequer era possível; ele não a via há anos. Mas aquelas feições...

Nico tentou subir na sacada, mas sua mão escorregou no parapeito, suas pernas não conseguiram sustentá-lo e ele caiu. Ele se ergueu novamente, odiando que não conseguisse berrar o nome dela. Mas podia acenar, podia fazer com que a ela o visse...

Mas ela já não estava lá. Tinha sumido. Nico procurou por algum sinal dela na Avi — ali, será que era ela, correndo para o norte, sobre a Pontica? —, mas ele não tinha como ter certeza, e não podia chamá-la. A figura desapareceu na multidão, ao longe.

Nico se deixou cair novamente na plataforma.

Era ela, Cénzi? O Senhor a mandou vir até aqui por mim?

Não foi Cénzi quem respondeu. Em vez disso, ele pensou ter ouvido a risada suave de Varina.

Sergei ca'Rudka

— Há quanto tempo ele está assim?

O garda da cela de Nico deu de ombros. Seu olhar não parava de se fixar no rolo de couro sob o braço do embaixador.

— A noite inteira — respondeu o homem. — Ele começou a rezar quando o senhor saiu; não bebe, não come. Só reza.

— Abra a porta — ordenou Sergei — e entre comigo. Talvez eu precise da sua ajuda.

O garda assentiu. Sergei pensou ter visto um ligeiro sorriso se formar nos lábios do sujeito enquanto ele pegava o molho de chaves do cinto, destrancava a cela e empurrava a porta para abri-la. Ele entrou e gesticulou para Nico.

— O senhor quer que eu o arraste para dentro de novo?

Sergei meneou a cabeça e entrou na cela, passando pelo garda.

— Nico? — ele chamou.

Nico não respondeu.

Ele estava ajoelhado na plataforma da torre, o sol lançava uma longa sombra da sua figura encolhida para o interior da cela. Sergei notou que Nico tinha sujado a bashta em algum momento durante a noite.

— Nico? — ele chamou novamente, e, novamente, não houve resposta.

Sergei pisou com cuidado sobre a palha suja no piso de pedra, colocou o rolo de couro na cama e caminhou em torno de Nico para ver seu rosto. Seus olhos estavam fechados, mas o peito subia e descia com a respiração. Suas mãos estavam entrelaçadas, e sua boca se mexia em torno do silenciador como se ele estivesse rezando.

— Nico! — chamou Sergei, mais alto desta vez, colocando-se contra a luz do sol, de maneira que sua sombra encobrisse o jovem.

Nico abriu os olhos estreitos e inchados lentamente, piscando ao ver Sergei.

— Você está horrível — disse o embaixador.

Nico soltou uma risada abafada pela mordaça.

— Deixe-me tirar o silenciador. Você promete que não tentará usar o Ilmodo?

Nico meneou a cabeça lentamente, e Sergei soltou as tiras do equipamento e o tirou da cabeça do jovem. Ele tossiu e engoliu em seco, limpando o rosto na manga da bashta desajeitadamente com as mãos acorrentadas.

— Obrigado — falou Nico.

Seu olhar se fixou no rolo de couro, depois no garda parado em silêncio perto da porta, com um sorriso ansioso no rosto.

— Por que eu acho que não há comida desta vez? Você quer me ouvir gritar? É isso?

— Não precisa ser assim — respondeu Sergei. — Não é... não é o que eu quero. Não de você. Mas nós precisamos dos ténis-guerreiros e eles dão ouvidos a você.

— E você acha que pode me torturar até me fazer cooperar.

Nico se levantou lentamente, massageando as pernas e fazendo uma careta. Sergei deu de ombros.

— Eu não acho. Eu sei. Já fiz isso muitas vezes.

— Ah, caro Nariz de Prata. Você gosta disso, não é, gosta de forçar uma pessoa a fazer o que não quer? — Estranhamente, Nico ainda sorria. — Você gosta da dor.

Sergei não respondeu. Ele caminhou até a cama e desatou os laços do rolo de couro, empurrando sua ponta para abri-lo. O garda riu ao ver o

embaixador fazê-lo. Os instrumentos estavam todos ali, instrumentos estes que ele tinha colecionado e cuidado tão bem por longos anos, que tinha usado tantas vezes, com tantos prisioneiros. Sergei sabia que Nico também estava olhando para eles; sabia que o arrepio de medo estaria passando pelo corpo do jovem enquanto ele imaginava os objetos torcendo, arrancando e furando sua carne. Antes mesmo que Sergei puxasse a primeira ferramenta da presilha, Nico já estaria sentindo a dor.

Poderia ser esse o momento em que isso se alterava?

Mas não podia ser, não se ele quisesse salvar Nessântico.

Não dessa vez.

Mas Nico não estava olhando para o conjunto de instrumentos com o mesmo medo que um sem-número de prisioneiros tinha olhado. Ele olhou para os instrumentos com um olhar firme e, só então, voltou a olhar para Sergei, lentamente. Seus lábios rachados e inchados ainda se abriam em um sorriso, e através dos hematomas seus olhos não demonstravam medo.

Será que o rapaz enlouqueceu completamente?

— Qual vai ser o primeiro? — perguntou Nico. — Aquele ali?

Ele apontou para uma tenaz afiada.

— Ou aquele? — Seu dedo se moveu na direção do martelo de latão. — Você gosta muito desse, não é?

— Você vai assinar o documento? — perguntou Sergei. — Vai se postar em frente ao Velho Templo e se retratar? Dirá aos ténis-guerreiros que eles devem servir?

— Cénzi me enviou uma visão esta noite — Nico disse, informalmente, o que fez Sergei estreitar os olhos diante da evasiva. — Eu rezei viradas a fio, e Ele não me respondia. Quando Ele finalmente respondeu, foi estranho, e ainda não sei se entendi. Varina estava lá. E minha irmã.

— Nico — Sergei disse, gentilmente, como se estivesse falando com uma criança. — Preste atenção. Não há outra saída para você. Eu preciso da sua retratação. Preciso obtê-la em nome de Nessântico. Eu preciso dela para salvar vidas e para o bem de todos na cidade. Diga-me que você vai se retratar e nada disso acontecerá. Diga-me.

— Varina me disse que eu ainda possuo o Dom, que ele não foi tirado de mim.

— Nico...

Ele ergueu as mãos algemadas.

— Você disse que Varina salvou minha vida.

— Salvou, sim.

— Diga-me, meu caro Nariz de Prata, você acha que ela me salvou para isso?

O jovem apontou para a cama e os instrumentos sobre ela. As correntes retiniram sombriamente com o movimento.

— E é por causa de Varina que eu ainda não lhe forcei — explicou Sergei. — É por causa dela que ainda não forçarei; desde que você jure para mim, e por Cénzi, que se retratará. Mas não se iluda, Nico; não foi Varina quem poupou sua vida, mas a kraljica, a pedido de Varina. A kraljica permitirá que você viva se confessar seu erro; ela me deu autoridade para arrancar essa confissão de você caso se recuse, e *mesmo assim* você não...

Sergei ergueu as mãos. Ele tirou o martelo de latão da presilha, encaixando seu cabo.

— Se você não se retratar... então, depois, que eu terminar, você será entregue para o archigos. E eu posso lhe garantir que você não terá nenhuma compaixão.

— Nós dois acreditamos em Cénzi, embaixador. Ambos acreditamos que Sua vontade deve ser seguida.

— Eu não acredito que Cénzi fala comigo. — Sergei bateu com a ponta do martelo de latão em uma mão. — Eu faço o melhor que posso, mas não sou mais que um ser humano fraco. Eu faço o que acho que é o melhor para Cénzi, mas, principalmente, o que acho que é o melhor para Nessântico.

Nico assentiu. Ele virou as costas para o embaixador e arrastou os pés cuidadosamente em direção à sacada da cela. Ficou parado ali, olhando para fora.

— Eu podia me jogar — disse Nico para o ar. — Tudo estaria acabado em poucos instantes.

— Outros já fizeram isso. Se você fizer isso, eu assinarei uma confissão por você e mandarei que leiam em voz alta na praça. Não terá o mesmo efeito, mas pode ser o suficiente.

Nico sorriu, virando a cabeça para olhar para Sergei. Nesse momento, Sergei pensou que ele pularia. E não havia nada que ele pudesse fazer para detê-lo. No momento em que ele alcançasse o rapaz, seu corpo já estaria quebrado sobre as pedras do pátio abaixo e, mesmo que alcançasse, Sergei já não tinha força suficiente para segurá-lo, e ambos acabariam caindo.

Mas Nico não caiu. Ele respirou fundo, olhando para a cidade.

— Eu pensei ter visto minha irmã lá embaixo. — Nico disse para Sergei

— Varina e minha irmã, e a pobre Liana, cujo único pecado foi me amar e me seguir; foi isso o que Cénzi me mostrou quando rezei para Ele.

Nico voltou a olhar para Sergei, com o rosto triste.

— Tudo o que eu quis, tudo o que eu sempre quis, foi servi-Lo, em gratidão pelo Dom que Ele me deu.

— Então sirva a Cénzi e admita que você estava errado.

— Como fazer isso? — perguntou Nico. — Como mudar de repente o que se fez por anos? Como?

Sergei se aproximou e parou ao lado dele. O embaixador se lembrava desta plataforma; se lembrava de todas as pedras que passou a conhecer tão bem quando esteve preso aqui. Nico estava chorando, e as lágrimas grossas deixaram um rastro em suas bochechas sujas.

— Eu não sei como — respondeu Sergei. — Só sei que você deve dar o primeiro passo.

O embaixador ainda segurava o martelo de latão. Ele ergueu o instrumento e o mostrou para Nico.

— Coloque suas mãos sobre o parapeito — mandou Sergei com severidade. — Obedeça!

O garda começou a se aproximar para forçar Nico a cooperar, mas Sergei acenou para ele permanecer afastado.

Nico, com as mãos tremendo nas correntes, colocou as mãos espalmadas sobre a pedra lascada, gasta pelo tempo, com os dedos bem abertos. Sergei ergueu o martelo. Ele podia imaginar a cabeça de latão esmagando carne e osso, o grito doce, muito doce, de agonia que Nico soltaria e a onda de prazer que ele sentiria com isso.

...e ele deixou o martelo cair de suas mãos, rolar pela beirada da sacada até bater nas lajotas lá embaixo. Lascas de pedra foram soltas, o cabo de madeira se partiu em dois; o martelo abriu uma fenda profunda na pedra. Os gardai a postos nos portões levaram um susto e olharam para o pátio.

— Venha comigo — disse Sergei para Nico. — Nós vamos até o Velho Templo. Acho que você tem algo a dizer.

Nico ergueu as mãos. Olhou fixamente para elas, surpreso, e cerrou os punhos.

Ele meneou a cabeça.

Jan ca'Ostheim

Jan observava a paisagem do alto de uma colina ao longo da Avi a'Sele, cerca de 25 quilômetros de Nessântico, sua mente dava voltas.

— Pelos colhões de Cénzi... — sussurrou o starkkapitän ca'Damont ao lado do hïrzg, e o comandante Eleric ca'Talin soltou uma risada solidária ao ouvir o palavrão.

— É bastante impressionante, não é? — comentou o comandante. — Eles estão enxameando a estrada, há cerca dois ou três quilômetros de cada lado. Eu recebi relatórios dizendo que algumas companhias de guerreiros tehuantinos cruzaram o A'Sele e agora estão se aproximando pelo lado sul também. Não conseguimos fazer mais do que incomodá-los, muito menos detê-los.

Jan tinha visto exércitos marchando antes, mas raramente tinha visto uma força tão grande. Os ocidentais estavam espalhados à frente deles, parecendo pontinhos escuros como formigas caminhando pela estrada e pelos campos cultivados em ambos os lados do rio. As escamas costuradas em suas armaduras de couro e bambu reluziam sob a luz do sol. Eles fizeram o exército atrás do comandante ca'Talin parecer apenas um esquadrão solitário. A força firenzciana que chegaria tinha pouco mais que a metade de soldados que os tehuantinos.

— Eu me sinto melhor agora que nós temos ao menos alguns punhados de ténis-guerreiros conosco — continuou ca'Talin — e um abastecimento de areia negra adequado, mas esses feiticeiros ocidentais são muito poderosos, e nós já vimos o que suas armas de areia negra podem fazer contra as muralhas da cidade. Eles romperam as defesas de Villembouchure como ratos mordendo queijo cremoso; eu só consegui defender a cidade durante um único dia e tornar a vitória tão cara para eles quanto pude. Mesmo assim, eles me forçaram a recuar, ainda que somente para preservar o que sobrou das minhas tropas para que eu pudesse perturbá-los a caminho daqui.

O comandante balançou a cabeça e prosseguiu.

— Se eu achasse que tínhamos chances reais de diminuir o número de ocidentais de maneira significativa, eu teria dito para trazer nossas tropas para cá para enfrentar os tehuantinos aqui e agora, antes que eles chegassem a Nessântico. Nós temos a vantagem da altitude, e além dessas colinas, o terreno é plano diante de Nessântico, e teremos menos margem de manobra. Mas se fizermos isso e falharmos, então teremos abandonado as defesas da cidade àqueles que conseguirem sobreviver e recuar, e à Garde Kralji. Se os senhores tiverem alguma estratégia melhor, hïrzg, starkkapitän, eu adoraria ouvi-la.

Ca’Damont balançou a cabeça grisalha. Jan olhou para baixo.

— Vejam — disse ca’Talin. — Eu despachei um grupo de chevarittai para atacar o flanco esquerdo deles, perto do rio onde eles estão expostos. Eles estão naquele arvoredo...

Antes que o comandante terminasse de falar, um grupo de cavaleiros em cotas de malha saiu correndo da proteção das árvores, disparando na direção de um grupo de guerreiros tehuantinos, que se afastou ligeiramente da força principal. Eles viram os guerreiros ocidentais empunharem suas lanças e firmá-las contra o ataque. Mas o chevaritt da ponta lançou alguma coisa que brilhou sob o sol na direção das fileiras da vanguarda. Aquilo explodiu e se despedaçou ao atingi-los. Eles viram o brilho da explosão e a fumaça subir das fileiras tehuantinas antes que o som da explosão chegasse, um trovão que ecoou na encosta do morro. Havia uma brecha na fileira de lanças, havia vários tehuantinos caídos no chão. Os chevarittai entraram nessa brecha; espadas e lanças tilintaram, mas os outros guerreiros corriam em direção à brecha e feiticeiros com capacetes emplumados erguerem seus cajados mágicos. Raios brilharam, e — com uma chamada estridente de uma corneta — os chevarittai recuaram pela brecha que tinham aberto na linha. Havia apenas seis deles agora, acompanhados de dois cavalos sem cavaleiros, e mais dois cavalos abatidos. Eles correram de volta para a proteção das árvores enquanto flechas choviam sobre eles — Jan viu outro cavaleiro cair diante do ataque pouco antes deles alcançarem o arvoredo.

Então o combate acabou.

— Cinco mortos — falou ca’Talin. — Mas pelo menos o dobro desse número foi abatido entre os ocidentais. Mesmo assim... — O comandante umedeceu os lábios. — Essa não é uma margem de perda que podemos sustentar. Há bravura, e nossos chevarittai têm isso em abundância, e estupidez nessa ideia. Nós podemos eliminar os tehuantinos um punhado por vez, mas mesmo que façamos isso, eles estarão diante dos portões de Nessântico em cinco dias, nesse ritmo. Com a areia negra que eles têm, não conseguiremos impedir a entrada dos tehuantinos... e se eles conseguirem fazer em Nessântico o mesmo que fizeram em Karnmor... — Ca’Talin deu de ombros. — Eu agradeço a Cénzi por sua reconciliação com a kraljica, hïrzg Jan. Sem Firenzcia, nós estaríamos condenados. Mesmo com seu apoio, nada está garantido. Eu cedo o controle da Garde Civile ao senhor, e vou cooperar com o senhor e o starkkapitän de qualquer modo.

— Obrigado, comandante — falou Jan. — Minha matarh escolheu bem

quando lhe nomeou comandante e tem sorte de ter alguém com sua capacidade ao seu lado. Você fez tão bem quanto se podia esperar. Ninguém poderia ter feito melhor.

O starkkapitän ca'Damont concordou com a avaliação.

Jan olhou novamente para a formação mortal diante deles, depois para a terra atrás de si: para a Avi A'Sele serpenteando entre as florestas até desaparecer. Ele viu, vagamente, os telhados de Pre a'Fleuve sobre os topos das árvores distantes. Nessântico ficava a apenas alguns quilômetros de distância dali. Em algum ponto imediatamente a oeste da cidade, o exército do hïrzg estaria quase vendo Nessântico, cansado pela longa marcha acelerada desde Firenzcia.

Ao sul, o grande leito do rio A'Sele serpenteava pelo cenário ondulante, indiferente ao drama acontecendo tão perto dele. Caso os Domínios ou os tehuantinos vencessem, o rio continuaria fluindo para o mar, tranquilo e indiferente.

— Eu concordo com a sua avaliação, comandante — disse Jan. — Não podemos enfrentá-los aqui, não com as tropas que temos, embora seja uma pena, já que temos a vantagem da posição elevada. Mesmo assim, acho que ainda podemos atrasá-los. Precisamos de mais tempo para nos preparar, para minhas tropas chegarem e descansarem, e para Sergei conseguir mais ténis-guerreiros aqui também. Nós enfrentaremos a força principal dos tehuantinos fora de Nessântico porque esta é nossa única opção, mas acho que também vamos dar uma mostra do que eles vão enfrentar... ao menos para ver como os inimigos vão reagir. Starkkapitän, comandante, vamos nos recolher para as tendas e fazer nossos planos...

Niente

Nos últimos dias, os orientais tinham fustigado as forças tehuantinas, cortando seus flancos periféricos como cães raivosos e recuando, sem nunca enfrentá-las completamente. Niente ficou curioso com a tática — os orientais ainda mantinham sua posição elevada, enquanto a maioria dos guerreiros tehuantinos estava concentrada ao longo da estrada e nos campos que a ladeavam, nos vales desta terra. Ele sabia que, se Citlali fosse o general oriental, ele teria feito cair tempestades de flechas sobre eles, teria lançado feitiços dos céus em direção aos inimigos, teria enviado ondas de soldados morro abaixo. Citlali teria forçado uma batalha

decisiva contra eles enquanto mantinha a vantagem do terreno.

Mas os orientais tinham usado seus arcos apenas algumas vezes enquanto eles passavam pelos desfiladeiros. Eles enviaram somente pequenos grupos de cavaleiros que tentaram eliminar esquadrões afastados do corpo principal do exército. Raramente usavam seus feiticeiros.

Talvez Atl estivesse certo. Talvez o melhor caminho fosse aquele que levava à vitória aqui. Talvez eles conseguissem dar um golpe tão devastador no império dos orientais que os inimigos jamais conseguiriam forçar a retaliação horrível que Niente tinha visto na tigela premonitória.

Talvez.

Niente se arrastou com o resto dos nahualli no comboio do nahual Atl. Seus pés doíam, suas pernas tremiam de cansaço sempre que eles paravam, ele se perguntava se conseguiria manter esse ritmo lento até chegarem à cidade. Como nahual, Niente cavalgava, raramente andava, mas agora... A maioria dos outros nahualli o ignoravam, como se ele fosse invisível. Quando Niente era o nahual, eles se dispunham a procurá-lo, pedindo conselhos, ouvindo o que ele tinha a dizer. Não mais. Agora Niente via os nahualli bajularem seu filho como o tinham feito com ele. Ele via Atl se deleitar com a adoração dos nahualli. Viu a inveja em seus corações e a avaliação em seus olhares tentando encontrar qualquer fraqueza que pudessem explorar em Atl.

Eles se comparavam a Atl assim como tinham se comparado a Niente, para saber se um dia poderiam se tornar o nahual.

— Taat!

Niente ouviu Atl chamá-lo e apressou o passo enquanto eles andavam, passou pelos nahualli alcançou o filho — montado sobre o cavalo em que o próprio Niente tinha cavalgado —, a seis cautelosos passos atrás do tecuhtli Citlali, no meio do comboio.

— Nahual — disse Niente, percebendo-se secretamente contente ao ver a dor nos olhos do filho quando ele o chamou pelo título. — O que o senhor precisa?

— O senhor usou a tigela premonitória ontem à noite?

Niente balançou a cabeça. Ele não usava a tigela desde que abdicara ao título. Ainda sentia o peso dela na bolsa de couro pendurada no ombro. Atl franziu os lábios ao ouvir a resposta. Niente achava que o filho já parecia visivelmente mais velho desde que eles saíram de sua própria terra: o preço pelo uso da visão premonitória. Com o tempo — pouquíssimo tempo — ele ficaria tão emaciado, velho e cheio de

cicatrizes quanto Niente estava agora. Seu rosto seria um horror, uma lembrança permanente do poder de Axat. Um dia, Atl perceberia que todos os avisos de Niente eram verdadeiros.

Niente tinha esperanças de não estar vivo para ver esse dia.

— Eu vejo pouca coisa na minha própria tigela — disse Alt, sussurrando para que só os dois pudessem ouvir. — Está tudo confuso. Há tantas imagens, tantas contradições. E o tecuhtli Citlali não para de perguntar o que eu acho das estratégias dele.

Novamente, Niente sentiu uma culpa por sua satisfação.

— Você ainda vê a nossa vitória?

O filho assentiu.

— Sim, mas...

— Mas?

Atl deu de ombros, incomodado. Ele olhou para frente, desviando o olhar de Niente.

— Eu tinha tanta certeza, taat. Logo depois de Karnmor, eu quase consegui *tocar*, era tudo tão nítido. Mas, desde então, as brumas começaram a cobrir tudo, há sombras avançando sobre o futuro e forças que não consigo distinguir exatamente. A situação piorou desde, bem, desde que o senhor abdicou.

— Eu sei — disse Niente. — Eu senti essas forças, e as mudanças também.

Atl voltou a olhar para Niente, erguendo o braço direito ligeiramente, de maneira que o bracelete de ouro do nahual brilhou brevemente.

— Não era isso o que eu queria, taat. Eu preferia que o senhor ainda estivesse usando isso, essa é a verdade. Eu só... eu sei o que vi na tigela, e não era o que o senhor tinha dito que vira.

— Eu também sei disso.

— O senhor teria conseguido me matar, se tivéssemos lutado como o tecuhtli queria?

Niente assentiu.

— Sim.

Sua resposta foi rápida e certeira. Sim, ele ainda era mais poderoso que o filho com o X'in Ka. Mesmo agora. Niente tinha certeza disso.

— Mas eu não teria feito isso. Não teria matado meu próprio filho para manter o título de Nahual. Não teria conseguido.

Atl não respondeu. Ele pareceu ponderar sobre isso.

— Eu preciso da sua ajuda, taat. O senhor foi o nahual por tanto tempo. Preciso de seu conselho, da sua opinião, do seu conhecimento.

— E o terá — ele disse, e pela primeira vez em dias, Niente sorriu.

Aos poucos, Atl devolveu o gesto.

— Ótimo — disse o jovem. — Então esta noite, quando nós pararmos, ambos usaremos nossas tigelas premonitórias e conversaremos sobre o que virmos, e assim eu poderei dar o melhor conselho possível para o tecuhtli Citlali. O senhor fará isso comigo, taat?

Niente deu um tapinha na perna do filho.

— Farei.

— Ótimo. Então está combinado. Você! — Atl chamou um nahualli. — Vá encontrar um cavalo para o uchben nahual. Eu preciso falar com ele e usufruir de sua sabedoria, o uchben nahual não deve andar. Depressa!

Uchben nahual — o Velho Nahual.

Niente poderia ser isso. Poderia servir dessa forma.

Se esse era o papel que Axat tinha lhe dado, ele o encenaria.

Varina ca'Pallo

Ela talvez tivesse compreendido de maneira instintiva se tivesse tido filhos com Karl, mas isso nunca aconteceu. Mas Karl tinha filhos, em Paeti.

— É diferente com os próprios filhos — Karl tinha dito, certa vez. — Não importa o que eles façam; há muito pouco que eles possam fazer, mesmo coisas horríveis, para mudar o sentimento que se tem por eles. É possível odiar suas ações, mas é impossível odiá-los.

Varina pensou que talvez tivesse compreendido isso, finalmente.

Ela abordou Sergei após a reunião com o hïrzg Jan e puxou a bashta do velho Nariz de Prata quando os dois saíram do palácio.

— Se você machucá-lo, Sergei, eu jamais lhe perdoarei. Jamais. Não importa há quanto tempo nós somos amigos. Se você torturá-lo, eu jamais lhe chamarei de amigo novamente.

O embaixador tinha uma expressão sofrida, suas rugas estavam acentuadas em volta de seu nariz falso e dos olhos.

— Varina, os ténis-guerreiros...

— Eu não me importo — respondeu ela. — Lembre-se de que Karl e eu arriscamos nossas vidas para salvá-lo do mesmo destino. Pague a dívida agora.

Sergei apenas balançou a cabeça.

— Eu não posso prometer nada — respondeu ele. — Lamento, Varina. Nessântico precisa dos ténis-guerreiros.

Era estranho como Nico se tornara o filho que ela nunca teve. O filho que Varina não viu por anos após a primeira invasão de Nessântico. O filho que odiava tudo em que ela e Karl acreditavam e pelo que os dois lutaram por décadas. O filho que parecia perfeitamente à vontade com a ideia de matá-la por suas próprias convicções.

É possível odiar suas ações, mas é impossível odiá-los.

Ela não podia odiá-lo. Não fazia sentido, mas os sentimentos estavam ali.

O pajem veio do palácio até a Casa dos Numetodos para entregar-lhe uma carta da kraljica.

— A kraljica exige sua presença no Velho Templo em uma virada da ampulheta — disse o pajem.

Ele fez uma mesura e foi embora. A carta não informava muito mais, apenas que a própria Allesandra estaria lá, e que a kraljica exigia a presença de Varina tanto como amiga quanto como integrante do Conselho dos Ca', e que o archigos também estaria presente. Ela sabia que devia ser algo a respeito de Nico. O pensamento a aterrorizou.

Varina não tinha certeza do que faria se ele tivesse sido abusado, de como reagiria. Ela não sabia o que *podia* fazer, uma vez que Talbot já tinha começado a fabricar as chispeiras para a Garde Kralji e Garde Civile. Seu único trunfo estava perdido.

Varina ouviu o barulho da carruagem com a insígnia da Garde Kralji no espaço aberto da praça. Uma plataforma tinha sido erguida próximo à fachada frontal do Velho Templo, que estava escurecida e arruinada, com um palanque a cerca de cinco passos de distância dela. A plataforma era grande o bastante para que apenas algumas pessoas subissem; no centro, havia um pilar de madeira com correntes. Allesandra já estava sentada no palanque com uma unidade de gardai da Garde Kralji a sua volta; também havia um mar de ténis presentes. O archigos Karrol, se estivesse realmente assistindo, provavelmente estaria em outro lugar qualquer — Varina se perguntou se a kraljica insistira nisso. Atrás dos ténis havia uma grande multidão de espectadores, como se este fosse um feriado e eles estivessem ali para uma comemoração. Estavam estranhamente silenciosos, os cidadãos de Nessântico; Varina não tinha ideia do que eles poderiam estar pensando ou quais seriam suas afinidades.

Varina quis caminhar em direção à carruagem, pois sabia que Nico estaria lá dentro, mas Allesandra fez um gesto para ela do palanque e

Talbot já havia se aproximado.

— Siga-me, a'morce — falou ele.

Varina olhou novamente para a carruagem, depois acompanhou Talbot até plataforma, e os gardai abriram caminho à medida que os dois subiram o pequeno conjunto de degraus. Ela fez uma mesura para Allesandra, depois para os outros integrantes do Conselho dos Ca', que estavam sentados imediatamente atrás da kraljica.

— Sente-se aqui, minha querida — disse Allesandra, gesticulando para um assento a sua direita.

O assento à esquerda estava vago; Varina se perguntou se o archigos Karrol deveria estar sentado ali — o que também a deixou curiosa sobre o significado de colocar o archigos à esquerda, uma posição inferior, mas então Talbot se sentou ali.

A carruagem — com as janelas cerradas, para que ninguém visse seu interior, e sendo puxada por um único cavalo preto — se aproximou da lateral da plataforma menor. Gardai se aproximaram e cercaram o veículo, dois deles abriram a porta. À frente da kraljica, Sergei era ajudado a descer. Apoiado na bengala, ele fez uma mesura para o palanque com os dignitários, e deu a volta até o outro lado da carruagem. Varina vislumbrou a cabeça de Nico sobre o teto do veículo, em seguida viu o corpo dele quando subia a escada ao lado de Sergei. Nico estaria mancando ou aquilo era por causa das correntes que prendiam seus tornozelos e mãos? Havia hematomas em seu rosto, mas pareciam antigos, não recentes, e não havia mutilações notáveis. A cabeça estava livre da gaiola terrível do silenciador. Ele pareceu se inclinar na direção de Sergei quando eles chegaram ao topo da plataforma e dizer algo para o homem. Deu a impressão de quase sorrir ao olhar para a multidão — seria esta uma reação de alguém que fora torturado?

Agora Nico também encarava a kraljica, ele se curvou na direção dela, fazendo o sinal de Cénzi como pôde com as mãos algemadas.

— Kraljica, conselheiros — disse Nico.

Ele parecia vasculhar a multidão. Varina se perguntou se ele estava procurando pelo archigos.

— E, especialmente, ténis. Eu vim implorar por seu perdão e compreensão.

Sua voz era tênue e continha apenas uma reminiscência do poder de que Varina se lembrava. Ele parecia cansado e exausto, mas levantou a cabeça e encarou cada um deles, e seus olhos encontraram todos eles, um a um. Varina sentiu um choque quando o olhar de Nico chegou a ela. Ele

sorriu novamente, acenando ligeiramente com a cabeça para Varina, e ela não conteve o sorriso. Então o olhar de Nico se desviou, e Varina pensou que ele manteve seu olhar por muito tempo nos cidadãos atrás dos ténis. Ela se virou um pouco para ver quem tinha chamado a atenção de Nico, mas ele finalmente pigarreou e começou a falar novamente.

— Eu agi com a convicção de que estava fazendo o que Cénzi exigia de mim — disse Nico, mais alto. — Nada mais. Eu digo isso não para justificar meus atos, apenas para que entendam que não havia maldade neles, apenas fé. Uma fé terrivelmente equivocada.

Sua voz se inflamou com as últimas poucas palavras. Elas tremeram, pulsaram, ecoaram entre os baluartes dos prédios ao redor da praça com uma clareza impossível. Varina olhou a sua volta para tentar descobrir se havia algum téni entoando um cântico, adicionando o poder do Ilmodo às palavras, mas não notou nenhum movimento entre as fileiras de robes verdes e percebeu que isso devia estar vindo do próprio Nico. Ela se perguntou se Sergei teria se dado conta de que Nico podia usar o Ilmodo mesmo com as mãos acorrentadas, como nenhum téni podia fazer. A cabeça da própria Allesandra se moveu para trás como se tentasse escapar do som, e agora Sergei olhava para Nico, inclinando a cabeça, como se estivesse intrigado.

— Eu pensei que fosse a Voz de Cénzi — continuou Nico. — Pensei que era o Absoluto. Mas não era. Na verdade, era a minha própria voz que eu escutava, meu próprio ódio e preconceito. Peço desculpas a todos que me ouviram na ocasião, e eu lhes digo o seguinte: eu era, de maneira completamente involuntária, um falso profeta e teria sido melhor se vocês não tivessem me escutado. Eu poderia ainda ter o amor da pessoa mais importante da minha vida se não tivesse sido tão tolo.

Varina ouviu sua voz embargar e pensou em Serafina — ela tinha deixado o bebê dormindo na Casa dos Numetodos, sob os cuidados da ama de leite Belle.

— Eu peço desculpas a vocês — prosseguiu Nico — e lamento profundamente pelo que fiz. Seus pecados estão em minha cabeça, e quando Cénzi me chamar, eu vou responder por eles. Eu libero vocês. Eu lhes digo agora: sigam seu archigos. Sigam sua kraljica e seu hïrzg.

— Pronto — sussurrou Allesandra para Varina. — Foi para isso que viemos. Temos que lhe agradecer por isso, Varina...

A kraljica parecia estar pronta para se levantar e responder, mas Nico tinha tomado fôlego e agora sua voz emanava gelo e fogo ao mesmo tempo.

— Eu acreditava — ele disse. — E ainda acredito. Eu rezei durante dias pedindo pela Sua orientação. O que eu percebi é que o dom que Cénzi me deu não é limitado às leis e restrições que a fé concénziana me impingiu. A revelação de Cénzi para mim, ao despertar da minha estupidez, foi ao mesmo tempo esclarecedora e libertadora.

Nico ergueu as mãos acorrentadas como se as oferecesse para o céu.

— Eu permiti que o archigos e as pessoas da fé concénziana acorrentassem e prendessem meu dom com seus grilhões humanos quando, na verdade, Cénzi não coloca tais limitações nele. E isso os numetodos sabiam desde o princípio, justiça seja feita... — nesse momento, o olhar de Nico encontrou o de Varina novamente, e ele abriu um sorriso largo para ela. — Foi o que eu finalmente percebi e é isso o que eu demonstrarei para vocês agora.

Varina ficou de pé.

— Nico, não... — ela começou, mas sua voz não se comparava a de Nico e já era tarde demais.

As mãos dele ainda estavam erguidas, ele fez um único gesto, com ambas unidas, e berrou uma única palavra — uma palavra na língua do Ilmodo, do Scáth Cumhacht, do X'in Ka. Uma escuridão, um fragmento de noite sem estrelas e sem lua, pareceu envolvê-lo, o escondendo. Sergei soltou um grito e estendeu o braço na direção de Nico, apenas para recuar a mão soltando um grito ao tocar a escuridão. Os gardai fizeram o mesmo e, quando eles tocaram a escuridão, a noite falsa em que Nico estava envolvido de repente desapareceu.

E onde ele estava, foram encontradas apenas as correntes que o tinham prendido, caídas nas tábuas de madeira da plataforma. Nico tinha desaparecido.

Varina piscou.

— Bem — comentou ela —, parece que ele me ouviu mais do que eu esperava.

Rochelle Botelli

Rochelle observou Nico, sobrecarregado de correntes enquanto era ajudado a subir na plataforma, com o Velho Nariz de Prata a sua direita. Ela se sentiu impotente, uma sensação mais aguda agora do que quando ela viu Nico na torre da Bastida, da Avi a'Parete. Na ocasião, Rochelle não

teve esperanças de ajudá-lo. Agora, ele estava tão perto: longe das horríveis pedras negras da Bastida; sem corredores desconhecidos entre os dois; separados apenas pelos ténis e alguns gardai.

E, no entanto, Rochelle não podia ajudá-lo. Seria capturada e jogada no chão antes que pudesse chegar a Nico, ainda que vários deles morressem como consequência. Mas ela fracassaria. Era inevitável. Esta tinha sido outra lição de sua matarh. *"Certifique-se de que as chances estão a seu favor antes de agir. Às vezes, é preciso aceitar que não se pode vencer, e sequer tentar."*

Estar tão extremamente perto dele, ver o irmão novamente e não poder ajudá-lo...

Isso doía. Machucava tanto quanto o gume de uma espada. Mas havia uma coisa que Rochelle poderia fazer hoje, se tivesse a chance. A kraljica estava ali, sua mamatarh, e embora Allesandra estivesse tão bem guardada quanto seu irmão, talvez houvesse um momento, uma chance. A mão de Rochelle segurou a adaga sob sua roupa, a adaga que roubara de seu vatarh. O juramento feito para sua matarh ardia na sua cabeça.

Se ela não podia salvar uma vida, talvez pudesse tirar uma tão importante quanto.

Na plataforma, Nico se curvou para os ca' e co' em sua própria plataforma elevada.

— Kraljica, conselheiros. E, especialmente, ténis. Eu vim implorar por seu perdão e compreensão.

Sua voz soou cansada, ele olhava ao redor. O olhar de Nico passou por cada um deles, Rochelle ficou na ponta dos pés, tentando enxergar melhor sobre as pessoas à volta. Então aconteceu. Os olhos de Nico encontraram os seus. Ela *sentiu* a conexão e o reconhecimento. Nico olhava diretamente para Rochelle, e seus lábios abriram um leve sorriso, como se ele a *reconhecesse*. Nico acenou com a cabeça para ela, como se dissesse que sabia o porquê de Rochelle estar ali, como se pedisse para ela ser paciente. Ela quis acenar para o irmão, berrar seu nome, mas o olhar de Nico se voltou para os dignitários no palanque, e sua voz ganhou volume e poder. Rochelle pôde ouvir enquanto avançava na multidão para se aproximar da plataforma. A voz de Nico continuou a inflamar e pulsar; era como se a luz de sol de verão caísse sobre ela. Ela ouviu umas palavras aqui e ali:

— Eu pensei que fosse a Voz de Cénzi... Lamento profundamente pelo que fiz... Eu acreditava. E ainda acredito...

Sobre a multidão, Rochelle viu Nico erguer as mãos, e o gesto chamou

sua atenção. Ela parou, observando, curiosa.

— Eu permiti que o archigos e as pessoas dentro da fé concénziana acorrentassem e prendessem o meu dom com seus grilhões humanos quando, na verdade, Cénzi não coloca tais limitações nele. E isso os numetodos sabiam desde o princípio, justiça seja feita. Foi o que eu finalmente percebi e é isso o que eu demonstrarei para vocês agora.

Nico?

Ela não viu claramente o que aconteceu em seguida. Era como se Nico tivesse se envolvido em um manto negro. Rochelle ouviu pessoas gritando e gesticulando, viu o Velho Nariz de Prata recuar a mão da escuridão soltando com um xingamento, e então...

Nico sumiu, e as pessoas na praça estavam boquiabertas. Os gardai estavam agitados, como um enxame de abelhas cuja colmeia tivesse sido golpeada. Rochelle se moveu para a borda traseira da plataforma da kraljica, logo atrás de um anel de gardai. Eles pulavam sobre o palanque agora, cercando a kraljica e desembainhando suas espadas, e Rochelle recuou. Não havia esperança de chegar a Allesandra agora. Nenhuma. Mais uma vez, esta era uma das ocasiões em que ela deveria se permitir fracassar.

Rochelle voltou a penetrar na multidão, longe dos olhos desconfiados dos gardai, longe dos ténis de robes verdes, que pareciam tão irritados quanto nervosos.

Uma mão tocou seu ombro e ela se virou, com a adaga em punhos. Ela podia matar alguém nessa multidão facilmente e ainda escapar na confusão...

Mas sua mão interrompeu o golpe.

— Nico...

— Shhhh! — ele sibilou.

Nico tinha coberto a cabeça com um capuz; seu rosto estava visível apenas para quem olhasse diretamente para ele. Mas mesmo meio escondido como estava, Nico parecia incrivelmente exausto e tenso. A mão no ombro de Rochelle tremeu, e ela sentiu o irmão esmorecer, como se não conseguisse ficar de pé. Sob a sombra do capuz, havia olheiras mais escuras sob os olhos.

— Cénzi me disse que você estava aqui. Ele me mostrou você. Venha! — Ela olhou para a plataforma, e Nico balançou a cabeça. — Não. Agora não, Rochelle. Vamos! Eu preciso da sua ajuda.

Ele passou o braço pela irmã. Com o peso apoiado sobre Rochelle, ele a levou embora, através da lateral da multidão, onde havia menos gente,

longe da agitação crescente e da praça, até que os dois andaram por uma rua decorada com placas de lojas e cheia de consumidores, embora poucos parecessem interessados nas mercadorias exibidas nas vitrines ou pelos ambulantes das calçadas. Suas expressões eram graves e estressadas, Rochelle se lembrou das mesmas expressões nos rostos daqueles que fugiam da cidade quando ela chegou.

Nico finalmente parou perto de um café.

— Você tem dinheiro? — ele perguntou, Rochelle assentiu. — Ótimo. Eu preciso sentar e comer; eles dificilmente vão me procurar aqui.

Os dois pegaram uma mesa na parede do café e pediram vinho, queijo, pão e algumas carnes. O garçom parecia sinceramente contente por ter um freguês; sem dúvida a clientela tinha sido bem mais rara do que o normal nas últimas semanas.

Rochelle observou Nico enquanto ele comia. O irmão tinha mudado bastante. O Nico da sua memória estava sempre ansioso e apreensivo enquanto se preparava para ir ao Templo de Brezno como um acólito. Rochelle o tinha visto mais uma vez quando ele vestiu o robe verde de téni e fez o juramento a Cénzi naquele mesmo templo, e Nico parecia tão seguro de si naquela época...

O Nico que estava diante dela agora estava mais magro; suas bochechas estavam encovadas. Os traços do rosto estavam mais marcados e mais vincados, e Rochelle pôde notar a dor da vida escrita na face do irmão. Nico sempre tinha sido intenso, uma intensidade de que ela se lembrava das primeiras memórias dele, mas isso estava mudado agora. Havia se tornado uma coisa mais rígida, mais entranhada dentro dele, e mais perigosa.

Rochelle sabia que tinha mudado também. Talvez mais do que Nico. Nenhum dos dois era mais quem tinha sido naquela época. Eles podiam ser irmão e irmã, mas o tempo os tinha afastado e ela não sabia se algum dia os dois seriam próximos novamente.

— Você está me encarando. — Nico pousou a taça e se serviu de mais vinho da garrafa.

— Eu não vejo você há anos, Nico.

Ele sorriu.

— Você cresceu e se tornou uma jovem atraente. — então seu sorriso desapareceu. — Você também assumiu o legado da matarh. Ouvi rumores de que a Pedra Branca voltou. É você?

Rochelle assentiu.

— Você também ouve as vozes?

— Não. Não sou louca, Nico.

— Ainda não — respondeu ele. — Mas você não pode fazer o que faz e continuar sã. Não pode fazer o que faz e esperar algo mais que retalhadores de almas após a sua morte. Cénzi vai considerá-la abaixo das expectativas, irmã.

Isso tinha sido tão similar ao que Sergei lhe dissera que ela quis rir.

— Você vai *me* dar um sermão? — Rochelle fungou desdenhosamente. — Você estava acorrentado, Nico. Quantas pessoas morreram quando você e sua gente tomaram o Velho Templo?

Ela viu o irmão ficar vermelho com a acusação.

— Desculpe, Nico — disse Rochelle, pousando sua mão sobre a dele. — Eu esqueci. Eu queria ter conhecido Liana.

Nico meneou a cabeça, e ela notou os olhos do irmão nadarem em uma umidade repentina. Ele secou os olhos, quase que com raiva.

— Eu também queria isso. Veja bem, este foi o *meu* castigo. Minha loucura. Cénzi sempre nos dá avisos, de uma forma ou de outra. Só que às vezes nós não prestamos atenção a eles ou vemos sua verdadeira natureza.

— Você ainda acredita, depois de tudo isso? — perguntou Rochelle. — Ainda acha que seu destino está dentro da fé concénziana?

— Sim. — Ele disse com firmeza, sem hesitação, com a força retornando à voz. — E quanto a sua própria fé, Rochelle? Você ainda acredita?

— Eu não sei. Acho que sim, mas... — Ele ergueu um ombro embaixo da tashta. — Eu não sei. Mas você acredita?

— Sim — falou Nico. — Ainda. Cénzi contém tudo, Rochelle. Ele contém tudo que é bom e contém tudo que é mau também. É por isso que os moitidi lutaram entre si e contra Cénzi; porque eram Seus filhos e, portanto, todas as possibilidades estavam contidas dentro deles. E Ele trouxe você aqui, agora, por uma razão.

Rochelle deu uma risada amarga.

— Você não faz ideia de por que eu estou aqui.

— Não faço?

Nico estendeu a mão sobre a mesa e pegou uma baguete. Ele arrancou um pedaço com a mão e enfiou na boca com o indicador. Mastigou alegremente por um momento, depois tomou um gole de vinho. Em seguida, ele se inclinou na direção da irmã, de maneira conspiratória.

— Você está aqui para matar a kraljica — sussurrou Nico, se recostando novamente.

Rochelle sentiu o rosto ruborizar, e ele riu.

— Ah, não é uma revelação tão grande assim. A matarh pediu o mesmo para mim, quando eu me tornei um téni. “Você estará perto da kraljica um dia,” ela me disse. “Quando você for um a’téni ou talvez até mesmo o archigos. Estará perto da kraljica, e quero que você a mate por mim, pelo que ela fez para arruinar minha vida.” Não foi isso o que pediu a você também?

— Foi similar — admitiu Rochelle.

— Foi o que eu pensei. Mas não é por isso que você está aqui, Rochelle. Você está aqui porque Cénzi quis que me visse. Ele queria nos reunir.

Ela sentiu uma arrepio na espinha, como se uma brisa de inverno tivesse passado por ela, para lhe acariciar nesse momento, Rochelle se perguntou de onde tinha vindo essa sensação, fazendo com que ela tremesse e se abraçasse. *Ele esteve lá, depois se envolveu em escuridão e foi para outro lugar. Se eu pudesse fazer isso, ora, a Pedra Branca poderia ir a qualquer lugar. A Pedra Branca poderia matar a kraljica facilmente...*

— O que você fez lá fora... consegue fazer de novo? Pode me ensinar a fazer aquilo? — perguntou Rochelle.

— Há um mês, eu teria dito não. Eu teria dito que apenas os fiéis puros podiam e deveriam usar o Ilmodo. Mas agora... — Nico acabou com o vinho diante de si. — Eu não sei. Talvez qualquer coisa seja possível.

— E por que você acredita que Cénzi queria que ficássemos juntos?

— Eu realmente não sei ainda — respondeu ele —, mas talvez nós dois descubramos.

Varina ca’Pallo

Varina pediu desculpas para a kraljica e saiu do Velho Templo às pressas, com um quarteto de gardai designado para ela. Allesandra, os conselheiros, Sergei — todos eles estavam cercados por gardai, e todos pareciam estar em pânico. Varina, no entanto, estava tomada por uma certeza assustadora. Ela correu para a Casa dos Numetodos, com o estômago ardendo e a testa franzida de preocupação.

As correntes caídas vazias na plataforma e Nico sumido...

Varina temia saber para onde ele tinha ido.

Antes mesmo que a carruagem parasse, ela já estava quase correndo na direção da porta, algo que não fazia há anos.

— A’morce... — falou Johannes quando ela entrou na casa, parecendo surpreso com a aparição de Varina e seu estado ofegante —, nós não a esperávamos de volta...

— Onde ela está? — interrompeu ela. — Serafina... onde ela está?

Sua voz soou estridente, mas Varina não se importou.

— Ora, lá em cima, com Belle, é claro. Eu acho que...

Ela passou correndo por Johannes e subiu a escada batendo os pés, com o coração disparado. Escancarou a porta. Belle, uma jovem recruta dos numetodos e também ama de leite, pois tinha acabado de dar à luz, estava sentada em uma cadeira, próxima à janela do gabinete de Varina. Assustada, Belle se cobriu; Varina se deu conta de que ela estava amamentando o bebê.

— A’morce? Está tudo bem?

Seu coração, que pareceu ter tentado sair pela garganta, se acomodou novamente no peito. As cenas terríveis que ela imaginou a caminho de casa desapareceram aos poucos de sua mente: Belle caída no piso acarpetado, a Casa dos Numetodos pegando fogo ou arruinada, os outros amigos mortos ou feridos, e a filha de Nico desaparecida.

Como o próprio Nico.

Varina fechou os olhos por um momento, com a mão na boca.

— Eu pensei... — ela começou, balançando a cabeça em seguida, para afastar a ideia.

Seu coração começava a diminuir o passo, seu fôlego estava se recuperando, e agora Varina se sentia tola por causa do pânico.

— Nada demais, Belle. Não sei no que eu estava pensando. Como está Sera?

Belle sorriu. Ela levantou o pano sobre o ombro e mostrou para Varina o bebê que mamava no peito, com sua boquinha sugando o peito de olhos fechados.

— Faminta como um filhote de lobo — respondeu a ama de leite. — Estou me perguntando se vai sobrar alguma coisa para o meu bebê.

Belle riu, acariciando a cabeça de Sera, com a coroa de cabelo dourado.

— Eu encontrei outra ama de leite para ela; minha prima, Michelle, perdeu o bebê no parto e disse que está disposta a vir dar de mamar a Sera durante as manhãs. Juntando as duas, nós manteremos a pequenina bem alimentada. Agora que os firenzcianos estão chegando, devemos estar a salvo.

Eu queria ter tanta certeza... Varina forçou um sorriso no rosto.

— Obrigada — respondeu ela. — Diga que pagarei em dobro pelo

inconveniente.

— A senhora é muito generosa, a'morce.

Sera soltou o mamilo por um momento e começou a chorar, com lágrimas brilhando em seus olhos azuis, e Belle colocou o peito de volta na boca da bebê. Ela se acalmou novamente.

— Como foi...? — A ama de leite parou, procurando pelas palavras, e completou — O pedido de desculpas?

— Insatisfatório, infelizmente. Nico mostrou mais uma vez por que era o Absoluto dos morellis. Ele escapou. Desapareceu.

Varina viu Belle dar um abraço protetor em Sera — ela viu as suspeitas passarem pela cabeça da jovem.

— A'morce? Talvez a senhora devesse ficar aqui na Casa dos Numetodos hoje à noite até ter proteção. Podemos arrumar um lugar para o bebê...

— Eu posso lidar com Nico sozinha se precisar — disse Varina, torcendo para que sua voz tivesse soado mais confiante do que ela se sentia.

Agora que tinha se acalmado um pouco, agora que sabia que Serafina estava a salvo, Varina estava menos preocupada. Com certeza Nico estaria escondido em algum lugar; talvez até tivesse saído da cidade. Ela se dirigiu até a gaveta da escrivaninha e tirou a chispeira que ficava ali. Verificou se o tambor estava cheio de areia negra e se havia uma bala no cano. Ela enfiou a arma na faixa da tashta, embaixo do manto.

— Termine de amamentá-la que eu fico com ela — falou Varina.

Belle assentiu.

— Eu tenho que voltar para a casa da minha irmã, de qualquer forma. A essa altura, a minha pequena deve estar acordando da soneca e vai chorar por atenção. Essa aqui está quase acabando, eu acho.

A ama de leite se recostou; Sera deixou o mamilo sair da boca, abriu os olhos por um instante e depois os fechou. Sua respiração ficou lenta e silenciosa.

— Pronto, viu só? Já adormeceu, essa gulosinha. Eu coloquei uma xícara em sua escrivaninha com mais leite, caso a senhora precise. Mandarei Michelle vir amanhã, antes da Primeira Chamada. Aqui está, a'morce.

Belle se levantou, colocou Serafina nos braços de Varina e amarrou o laço da tashta para se cobrir novamente. Enquanto a ama de leite arrumava as coisas no gabinete, Varina olhou para o rosto adormecido: as bochechas fofas e rosadas; o sossego confiante e saciado com que o bebê

dormia; os dedinhos, uma mão cerrada em um punho, a outra agarrada ao cobertor em que ela estava enrolada. Varina sentiu uma... ela não sabia definir essa emoção, mas dentro dela havia uma necessidade intensa de proteger a criança, assim como uma vez sentiu o mesmo impulso com Nico.

E você fracassou nessa época. Deixou que ele escapasse de você, e aquela louca acabou levando Nico.

Varina se debruçou e beijou a testa de Serafina. Belle sorriu para ela.

— Eu vejo a senhora amanhã, a'morce. A coitadinha não merecia perder sua matarh e vatarh desta forma.

— Não — concordou Varina. — Ela não merecia.

Belle se inclinou e beijou Sera, e fez uma mesura para Varina.

— Eu vejo a senhora de manhã com minha prima.

Assim que Belle saiu, Varina se sentou na cadeira perto da janela por um tempo, balançando para frente e para trás, vendo Sera dormir enquanto ouvia as pessoas passarem no corredor lá fora ou andarem no jardim abaixo da janela. Pensou brevemente em colocar Serafina deitada e deixá-la dormir enquanto trabalhava um pouco, mas pensou melhor. Ela enrolou mais o bebê no cobertor, pegou seu próprio manto e saiu do gabinete. Ao descer as escadas, passou por Johannes e disse.

— Desculpe a minha grosseria. Eu estava preocupada.

Ele assentiu.

— Eu ouvi o que aconteceu no Velho Templo. Eu compreendo, a'morce. A senhora está indo para casa? Por que não deixa que eu ou outra pessoa a acompanhe?

— Eu ficarei bem. Ainda é cedo, e há muitas pessoas nas ruas. Vejo você amanhã de manhã. Haverá uma reunião com Allesandra sobre nosso progresso com as chispeiras.

Johannes fez uma mesura para ela, e Varina saiu da casa, cruzando rapidamente o pátio frontal e passando pelos portões, em seguida ela virou à esquerda na Avi a'Parete em direção à casa deles, a alguns quarteirões de distância. Era assim que ela ainda pensava: a casa *deles*, como se Karl ainda estivesse vivo, como se ela pudesse abrir a porta da biblioteca e encontrá-lo sentado à escrivaninha, meditando sobre algum tomo antigo. Às vezes, Varina ainda ouvia um barulho e se virava, com esperança de vê-lo, mas ele nunca estava lá.

Ela abraçou Sera com mais força enquanto caminhava. As pessoas que passaram por Varina às vezes a cumprimentavam, mas a maioria estava tensa e séria: pessoas cumprindo seus próprios afazeres e preocupadas

com a cidade e com o que aconteceria. A escassez do tráfego fez parecer que era bem mais tarde do que era na verdade; em geral o trânsito na Avi atingia o pico de barulho e de pessoas entre a Segunda e a Terceira Chamada, mas não hoje.

Varina virou a esquina, entrando na própria rua, descendo a alameda curva em direção ao A'Sele. Ela chegou ao portão da mansão e o destrancou, sem se preocupar em chamar um dos criados. Varina fechou o portão ao entrar.

— Varina.

A voz, que tinha surgido da esquerda, provocou um susto e fez Varina segurar Sera com tanta força que fez o bebê chorar. Ela se virou lentamente e viu duas figuras envoltas nas sombras da trepadeira enroscada no pilar de pedra do portão.

— Nico — disse Varina. — Você não deveria estar aqui.

Atrás de Nico, uma jovem a encarava atentamente. Ele sorriu.

— É possível — concordou Nico. — Mas você tem algo que preciso ver.

Varina deu um passo para trás. Ela sentiu o peso da chispeira sob o manto; sentiu a energia dos feitiços em sua mente, esperando para serem lançados. Sera se agitou em seus braços, agora acordada.

— Nico, eu estou lhe avisando. Não vou entregá-la a você. Se você tentar levá-la, eu vou lutar com você para protegê-la.

— Eu não quero tirá-la de você — ele respondeu. — Estou feliz que você tenha ficado com ela, por enquanto, já que eu sei que você faria exatamente o que acabou de dizer que faria. Eu só quero vê-la; só quero ver minha filha. Por favor, Varina?

— Eu não vou deixar você segurá-la.

— É justo.

— E diga para esta mulher ficar bem para trás.

Nico acenou com a cabeça para a companheira, que deu alguns passos para trás. Varina tirou o pano do rosto do bebê quando Nico se aproximou dela. Sera olhou para o rosto de Nico olhando para ela; o bebê viu o rosto dele abrandar, seus lábios formarem um sorriso, e Nico dar uma risadinha ao vê-la.

— O formato do rosto... eu consigo enxergar a Liana — falou ele roucamente.

Nico estendeu a mão para tocá-la, e Varina apertou o bebê contra o corpo ainda mais. Ela sentiu a energia de um feitiço fervilhar em sua cabeça. Mas Nico só acariciou a bochecha da menina com o dedo, rindo novamente quando Sera ergueu a mão e apertou seu dedo.

— Ela é forte também — ele comentou. — Isso é bom. Ei, Serafina. Eu sou seu vatarh...

Ele olhou brevemente para Varina.

— Serafina é um bom nome.

— Nico, se eles pegarem você novamente... não serão tão gentis da próxima vez.

— Então eu preciso ser cuidadoso, não é? Você vai sair de Nessântico?

Varina balançou a cabeça.

— Não? — Nico pareceu desapontado ou talvez preocupado. — Mesmo com o bebê?

— Se a situação chegar a este ponto, eu mandarei Sera embora com alguém em quem confio. — Varina fez uma pausa. — E não será você, Nico. Lamento.

Ele inclinou a cabeça. Uma tristeza acentuou as rugas em volta dos olhos.

— Eu compreendo. Mas... na sua idade, Varina, temos que ser realistas. E não é apenas a idade; olhe para você: o estudo de magia cobrou seu preço. O bebê precisa de uma matarh que seja mais jovem.

Varina pensou que Nico tivesse olhado de relance para a jovem que o acompanhava. Varina também olhou para ela. Não reconheceu seu rosto, mas havia algo na jovem, alguma coisa vagamente familiar... Varina balançou a cabeça.

— Estou ciente de que tenho idade para ser a mamatarh de Serafina e sei o que meus estudos fizeram comigo. Eu vejo meu rosto no espelho. Já fiz minhas consultas. Mas, por enquanto, Sera está sob minha responsabilidade, e eu *vou* protegê-la. Eu falo sério, Nico.

— E isso está claro — disse Nico. — Eu já disse que estou feliz que você tenha ficado com Serafina. Você sempre foi boa para mim, naquela época. Às vezes eu queria...

Ele olhou mais uma vez para a mulher que o acompanhava, respirando fundo.

— Mantenha Serafina a salvo. Talvez algum dia eu realmente possa ser o vatarh dela.

— Você *é* o vatarh dela — falou Varina. — E eu vou contar sobre você para Sera. Ela vai saber quem você é. Eu prometo.

Ele assentiu mais uma vez. Ele tirou o dedo da mão do bebê, e Sera se agitou. Nico acariciou sua bochecha de novo.

— É hora de ir — disse ele. — Adeus, pequena Serafina.

Nico se inclinou e deu um beijo na filha, ajeitando as costas a seguir. A

mulher que o acompanhava já estava no portão.

— Deixe-me destrancá-lo para você — disse Varina, mas a jovem lhe lançou um olhar de desdém.

Ela retirou dois pedaços finos de aço de algum lugar do manto, se inclinou e, um momento depois, o portão estava aberto. A mulher sorriu para Varina. Nico fez uma mesura, quase como se estivesse saindo da casa após uma visita.

Um instante depois, ele e a companheira tinham ido embora. Varina fechou o portão novamente, ouvindo o clique da tranca. Sera estava chorando.

Ela abraçou a bebê e a embalou em seus braços até que se acalmasse de novo.

Brie ca'Ostheim

Os bumbos batiam em cadência enquanto o exército se aproximava da cidade. Os a'offiziers, que seguiam as ordens do starkkapitän ca'Damont conduziam o exército em direção aos campos ao norte da Avi a'Firenzcia, sem entrar na cidade em si. Os cidadãos das vilas imediatamente fora dos portões aplaudiram os batalhões que avançavam com seus estandartes negros e prateados tremulando sobre eles. E aplaudiram especialmente a hïrzgin que os acompanhava.

Brie acenou de volta para os cidadãos e abriu o sorriso aperfeiçoado com os anos de experiência em negócios de Estado, uma máscara atrás da qual ela podia esconder seus medos e incertezas, um gesto alegre para a multidão, desvinculado de qualquer sensação genuína. Nos campos mais próximos ao local onde o exército deveria acampar, uma tenda havia sido montada, com os estandartes de Nessântico e Firenzcia, azul e dourado misturados ao preto e prata. Quando a carruagem de Brie se aproximou, as abas da tenda tinham sido abertas e uma figura coroada apareceu, flanqueada por gardai da Garde Brezno com o uniforme dos Domínios, a hïrzgin viu Sergei ca'Rudka parado atrás da figura coroada. Brie reconheceu a mulher imediatamente, pelos quadros que tinha visto dela: Allesandra. A kraljica caminhou a passos largos e braços abertos em direção a ela, abrindo um sorriso largo. Sergei mancou atrás dela.

— Onde está minha filha-por-casamento? — disse Allesandra ao se aproximar da carruagem de Brie. — Onde está a hïrzgin?

Os soldados correram para abrir as portas do veículo e colocar um degrau para que ela descesse. Brie tomou a mão oferecida e saiu para o sol, piscando e mantendo o sorriso grudado no rosto. A hïrzgin deixou que a kraljica a envolvesse no abraço, levou um beijo numa bochecha, depois na outra. Allesandra cheirava a rosas e romãs; seu abraço era surpreendentemente forte e genuíno.

— Este momento deveria ter acontecido há anos — sussurrou ela no ouvido de Brie. — Eu peço desculpas por isso; a culpa foi minha. Eu queria ter conhecido você e seus filhos há tanto tempo...

Sua voz evanesceu. Brie segurou as mãos de Allesandra. Ela encarou os olhos da mulher, reparando nas dobras em volta, no pó na pele e nas sombras azuis sob as sobrancelhas pintadas e feitas. Ela podia enxergar Jan no formato dos olhos e nos traços da face; viu um reflexo de Elissa, Kriege, Caelor e Eria também. Até mesmo a voz, menos aguda...

— Eu também queria que esse momento tivesse acontecido antes — respondeu Brie. — Há mais tempo do que a senhora imagina, kraljica. Temos tanto o que conversar.

A hïrzgin sabia que Jan lhe chamaria a atenção pelo que ela diria em seguida, mas Brie não se importava. Ela olhou o rosto de Allesandra e não viu nenhum monstro ali.

— Eu quero que meus filhos vejam a mamatarh como ela é, não como Jan a descreveu.

Brie percebeu o sofrimento no rosto de Allesandra.

— Se não me engano, foi o Venerável Carin, no Toustour, que disse que o incômodo da verdade é sempre preferível ao bálsamo da mentira — disse a kraljica. — Ainda assim, há ocasiões em que eu acho que todos nós preferimos as mentiras. Estou certa de que Jan, na cabeça dele, disse o que pensava ser a verdade sobre mim. Infelizmente, eu nem sempre fui uma boa matarh para Jan, e fiz coisas...

Brie se apressou a interromper qualquer confissão que Allesandra pretendesse fazer ao apertar as mãos da mulher.

— Eu tenho certeza de que a senhora fez o que precisava fazer como kraljica. E sei que o Venerável Carin também disse que o passado não pode ser mudado, apenas o presente. Vamos nos apegar a esse momento, kraljica, a senhora e eu, e tornar bom o presente.

Allesandra sorriu novamente.

— Eu espero que meu filho dê valor a esposa e conselheira que tem.

Brie apenas devolveu o sorriso, perfeito e ensaiado.

— Ele dá o máximo valor de que é capaz — respondeu ela — e o

mínimo com que consegue escapar impune.

Allesandra riu.

— É assim que as coisas são? — exclamou ela.

A kraljica abraçou a hïrzgin novamente, pegando em sua mão. Ela a ergueu e se voltou para os soldados e chevarittai ao redor.

— Esta é a hïrzgin Brie — proclamou Allesandra — e eu lhe dou boas-vindas a Nessântico como minha filha-por-casamento e como a esposa do próximo kraljiki e matarh de seus herdeiros.

Uma aclamação irrompeu nas fileiras em torno deles, Brie se curvou e acenou para o agrupamento. A hïrzgin se perguntou se eles ainda estariam aclamando em alguns dias.

— Você está com fome? — perguntou Allesandra. — Há um jantar à nossa espera na tenda...

Brie permitiu que Allesandra a acompanhasse até a tenda. Ao passar por Sergei, ela parou e fez o sinal de Cénzi para o homem.

— Hïrzgin — falou o Nariz de Prata. — É bom vê-la novamente.

O embaixador se aproximou dela, e a voz era um sussurro rouco e singelo.

— E eu tenho coisas para lhe contar também.

Dito isso, ele se afastou novamente, sorrindo para Brie e fazendo um gesto para que ela entrasse na tenda, no rastro de Allesandra.

— Você tem certeza de que a garota era Rhianna?

— Rochelle, é o verdadeiro nome; pelo menos é o que ela alega. Mas sim, era a mesma jovem. Tenho certeza.

— E ela também alega ser a filha da Pedra Branca e de Jan?

Sergei assentiu, em silêncio. Brie se recostou na cadeira e balançou a cabeça, sem saber como responder. Ela queria negar, queria chorar, queria gritar de raiva.

Isso explicava tanta coisa. Jan ainda é apaixonado por ela, depois de todos esses anos.

Allesandra tinha retornado para a cidade; Sergei tinha ficado no acampamento após o jantar, dizendo para a kraljica que ele mesmo acompanharia a hïrzgin até o palácio assim que ela estivesse pronta. A mesa onde o jantar tinha sido servido ainda permanecia entre eles, embora os criados tivessem tirado tudo, exceto uma garrafa de vinho e um pouco de pão e queijo. Brie se inclinou, virou a garrafa na taça e ficou observando o vinho espirrar no fundo. Ela se recostou novamente e bebeu.

— E eu acho que é bem possível que a jovem esteja falando a verdade — continuou Sergei. — Eu estou bastante certo disso, na verdade. Eu sei que não é o que a senhora deseja ouvir, hïrzgin, mas temos que considerar que, dada a história que ambos conhecemos, é plausível.

— Mas não é certo.

O embaixador abriu um sorriso sob o nariz de prata.

— Não, não é certo. Eu mandei um pessoal fazer uma investigação e verificar algumas das referências que ela me deu, mas levará algum tempo até que eles me informem alguma coisa, dada a situação atual, e talvez sequer saibamos o suficiente para provar os fatos, de qualquer forma. — Ele deu de ombros. — Mas *é* nisso que Rochelle acredita, seja isso verdade ou não.

— E ela está *aqui*.

— Está.

Brie ponderou. *Será que ela e Jan planejaram isso? Ou é apenas coincidência?*

— Jan sabe? E Allesandra?

Sergei meneou a cabeça negativamente.

— Allesandra definitivamente não sabe, nem eu falei com Jan. Queria contar para a senhora primeiro. Mas eles também precisam saber. — Sergei respirou fundo pelo nariz de metal; o som assobiou um pouco. — A garota é perigosa, hïrzgin. Ela assumiu o papel da Pedra Branca. Diz que foi ela quem matou Rance; contratada por um homem cuja filha a senhora despachou por algum motivo.

— Ah.

A declaração caiu como um golpe em seu estômago. Brie pousou o vinho, levando a mão à garganta.

— Por Cénzi, não... Mavel co'Kella; ela estava grávida. Grávida de Jan. Eu tinha que tirá-la da corte e mandá-la embora. Deve ter sido o vatarh de Mavel co'Kella. Ele estava pleiteando se tornar um chevaritt, mas depois disso... — Ela olhou para Sergei, atormentada. — *Eu* causei a morte de Rance. Foi por minha culpa.

— Foi o vatarh da garota — respondeu o embaixador. — Não a senhora. A senhora não é responsável pelas ações dele.

— E Rhianna, ou Rochelle... Ela esteve no palácio esse tempo todo, cuidando de mim e dos meus filhos, e Jan...

Brie se calou. Sergei não disse nada. Ela se sentiu observada pelo embaixador. *A mulher no meu pesadelo. Seria ela Rochelle?*

— Estou enojada — falou a hïrzgin. — Aquela garota, *filha* de Jan, meia-

irmã dos meus próprios filhos...

— Ela é uma bastarda. Não tem direito real ao trono.

— Eu sei. Há bastardos o bastante — respondeu a hïrzgin, abrindo um sorriso sarcástico e irônico. — Mesmo assim, ela foi a primeira, e Jan...

Brie se deteve, encarando Sergei.

— Eu soube que você chegou a conhecer a Pedra Branca.

— Não — respondeu o embaixador. — Não conheci. Mas eu fui a Brezno não muito tempo depois de ela, bem, depois de ela ter assassinado o hïrzg Fynn. Pelo que eu me lembro, Rochelle deve se parecer muito com a matarh dela, na ocasião.

Brie sentiu o coração bater forte no peito. Sentiu o vinho e o jantar se revirarem no estômago. Mais uma vez, a compreensão emergiu dentro dela: *Jan ainda ama Elissa, nunca deixou de amar.*

— Elissa. Era como a Pedra Branca se chamava na época. Eu não conhecia a história quando Jan quis batizar nossa filha. Só pensei que fosse um nome que ele gostasse... — A hïrzgin soltou uma risada amarga. — Eu não soube por um ano ou mais, quando já era tarde demais para mudar. Nunca consegui perdoá-lo por isso.

— A senhora quer que eu conte para Allesandra e Jan sobre Rochelle?

Brie sentiu um arrepio de frio repentino.

— Você pode contar para Allesandra, mas eu quero contar para Jan. Quero ver a cara dele quando descobrir.

Sergei inclinou a cabeça e se levantou da cadeira.

— Então eu deixo o hïrzg com a senhora. Mandarei preparar sua carruagem, hïrzgin. A kraljica deve estar se perguntando o que aconteceu conosco.

— Sim — respondeu Brie. — Faça isso. Eu irei em um instante.

Sergei fez uma mesura e saiu da tenda. A hïrzgin se serviu de outra taça de vinho. Ficou sentada ali por vários instantes, encarando o líquido vermelho reluzir na superfície dourada. *Eu quero ver a cara dele...*

Brie se perguntou como contar para Jan.

Niente

Niente começava a acreditar que eles talvez chegassem a ver as muralhas da grande cidade incontestes.

O exército tehuantino descia as colinas de um vale verde e exuberante,

exalando o cheiro das estranhas árvores da região, pontilhada por bolsões de fazendas e vinhedos entalhados na floresta. Era um terreno do qual Niente se lembrava, um terreno que Niente frequentemente revia em seus sonhos. O exército se separou em três forças, como Atl tinha visto na tigela — a força ao sul cruzou o rio, a força ao norte seguiu em direção ao alto da estrada, e o restante do exército continuou seguindo a estrada paralela ao rio.

Era lá que o tecuhtli Citlali estava abrigado; foi para lá que Atl, como nahual, e Niente seguiram.

Eles sabiam que estavam sendo acompanhados pelos orientais. Ocorreram algumas estranhas escaramuças breves com os guerreiros a cavalo, que vinham gritando, desafiando e se lançando loucamente contra as fileiras — até mesmo os guerreiros supremos estavam comentando sobre a bravura incontestável dos orientais, ao mesmo tempo em que criticavam suas táticas inúteis e imprudentes. Algumas chuvas de flechas ocasionais caíram sobre eles conforme passavam pelos vales sinuosos, mas os escudos dos guerreiros tinham aparado a maioria, e os nahualli tiraram grande proveito de seus cajados mágicos. Não havia sinal dos feiticeiros orientais, nem dos ténis-guerreiros.

Todas as tentativas orientais de impedir o avanço dos tehuantinos foram comparáveis ao zumbido de moscas importunando o exército.

Eles acompanharam a curva do rio, com vista escassa para as torres de um vilarejo sobre o topo das árvores. Passaram por uma paisagem pastoral, com seus campos cultivados esvaziados de colheitas e gado. Certamente uma tática, para que o exército tehuantino tivesse que colher alimentos mais adiante, o que eles fizeram — destacamentos de saqueadores foram enviados para longe das forças, eles roubaram o gado bovino e limparam os campos como gafanhotos, e toda a comida foi trazida de volta para alimentar os estômagos exigentes dos guerreiros. A casa de fazenda ou mansões ocasionais que os tehuantinos encontravam estavam abandonadas e silenciosas. Os sons do exército abafavam os sons que Niente imaginava que eles talvez ouvissem se estivessem cavalgando desacompanhados pela estrada: os chamados dos pássaros orientais, o vento soprando as folhas, o mugido do gado.

Mesmo assim, a paisagem parecia quieta *demais*. Niente começou a espiar em volta, nervoso; ele notou que Citlali e os guerreiros supremos ao redor fizeram o mesmo e se deu conta de que os cavaleiros da vanguarda, que já deveriam estar de volta, ainda estavam ausentes.

Ouviu-se um movimento nos cumes baixos em volta do exército

tehuantino: sob o sol vespertino, brotos reluzentes de homens surgiram do solo.

— Atl! — gritou Niente, pegando seu cajado mágico, mas o alerta chegara tarde demais.

Bolas de fogo desenharam um arco no céu em direção aos tehuantinos, deixando um rastro de fumaça negra para trás, o ar ficou encoberto pelas hastes de flechas. Elas caíram assobiando, e os guerreiros ergueram seus escudos imediatamente para conter as flechas; mesmo assim, Niente viu vários guerreiros caírem, ao mesmo tempo em que ele lançava contrafeitiços em direção às bolas de fogo. A mais próxima explodiu muito acima deles, emitindo um estrondo que fez Niente querer tapar os ouvidos com as mãos. Atl também entoava gatilhos de feitiços, e outra bola de fogo foi desviada descontroladamente para o lado, rasgando a campina e cuspindo lama, grama e fogo líquido onde caiu. Mas outra bola de fogo veio rápido demais na direção dos estandartes do tecuhtli; Niente jogou um contrafeitiço, mas era tarde demais. Niente pôde sentir o calor do feitiço de guerra irrompendo em gotas pegajosas de fogo, e o abalo se apoderou dos tehuantinos. Niente atirado de seu cavalo, enquanto gritos eram emitidos dos guerreiros mais próximos. Niente ficou preso por um instante sob o animal enquanto o cavalo tentava se levantar novamente. A grama estava em chamas de ambos os lados da estrada de terra. Trompas orientais soaram uma sequência crescente de notas, seguidas pelo rufar de soldados em resposta e os gritos dos guerreiros supremos conforme tentaram restaurar a ordem para as fileiras assustadas e desorganizadas.

O ruído de metal retinindo soava enquanto Niente lutava para se levantar, usando o cajado mágico como bengala. Ele sentiu uma mão pegar em seu braço e o puxar: Atl, com o rosto manchado e sujo de fuligem.

Tudo em torno dele era um caos. Havia um grande número de guerreiros mortos perto da estrada, onde a bola de fogo havia caído, mas o tecuhtli Citlali e o guerreiro supremo Tototl ainda estavam vivos. Os dois gritavam e gesticulavam para a esquerda, onde uma batalha em grande escala acontecia entre as forças orientais e tehuantinas. *Eu nunca tinha visto este ataque*, Niente se deu conta. *Isso é novo...* Urrando, com a lança em riste, Citlali montou novamente no cavalo, auxiliado por dois guerreiros.

— Nahual Atl! — Niente ouviu Citlali gritar. — Comigo! Comigo!

A mão esquerda de Atl soltou o braço de Niente. Ele deu um pulo e montou em seu próprio cavalo.

— Nahualli! — chamou Atl. — Ao tecuhtli!

Citlali e Tototl já estavam galopando em direção à linha de frente da confusão, Atl agora estalava as rédeas do cavalo em perseguição. Niente procurou por seu próprio cavalo e viu o animal de cabeça baixa a alguns passos de distância. Ele caminhou até o animal — mancando, sentindo a dor de seus músculos distendidos por toda a lateral do corpo. O cavalo se afastou quando Niente se aproximou, ele notou que sua pata dianteira estava quebrada; o animal não podia apoiar peso nela. Niente praguejou. Ele começou a correr arrastando os pés e se juntou aos guerreiros seguindo em direção à linha de batalha no meio da campina. À sua frente, Niente viu os nahualli lançando seus feitiços de guerra em direção às fileiras inimigas, ele ergueu seu próprio cajado mágico para se juntar ao bombardeio enquanto corria, berrando os gatilhos.

Fogo e raios caíram de nuvens baixas e repentinas. Eles bateram no chão bem acima do cume e em meio aos orientais. Os guerreiros rugiram — um grito de guerra para Sakal, invocando a fúria do deus-sol — e avançaram. Niente viu os estandartes do Citlali subindo a encosta com os orientais em retirada diante do tecuhtli; as linhas de frente foram rompidas, e os feridos estavam sendo arrastados de maneira vergonhosa. A retirada foi humilhante e completa. Citlali deu ordem para interromper o contra-ataque enquanto os orientais sumiam nas florestas e nas faixas de área arborizada entre os campos. Trompas orientais soaram uma sequência de retirada. O estandarte do tecuhtli tremulou brevemente no topo do cume — Niente viu Atl ao lado dele —, e Citlali começou a descer o morro a meio galope em direção à estrada novamente, acompanhado por Tototl. Niente não conseguia enxergar o rosto através da águia vermelha tatuada na face e do sangue espalhado sobre ela. Ele avançou entre os guerreiros em direção ao lugar em que Citlali estava desmontando. A lâmina da espada do tecuhtli estava coberta de sangue.

Agora Niente pôde ver a expressão no rosto de Citlali: ele estava olhando para corpos dos guerreiros mortos e feridos, furioso, enquanto os curandeiros corriam para cuidar dos vivos, e os sacerdotes davam a extrema unção aos mortos. Citlali se agachou ao lado de vários guerreiros, tocando os rostos daqueles que ele e Niente conheciam há anos. O cheiro de carne queimada era forte, e a grama da campina ainda estava em chamas entre vários deles.

Atl não estava muito longe de Citlali e Tototl. O cajado mágico pendia de sua mão, como se estivesse exausto. A cabeça balançava, como se não quisesse acreditar.

— Eu não vi isso, taat — disse o jovem quando se aproximou de Niente. — Eu procurei, mas isso estava escondido. Por que eu não vi isso?

— Por que, realmente?

Uma voz o interrompeu antes que Niente pudesse responder. Citlali tinha se virado para os dois.

— Eu tenho dois nahualli que são considerados os mais poderosos na visão premonitória desde Mahri e, no entanto, nenhum deles me deu qualquer pista sobre isso. Eu não estou triste pela perda; nossos guerreiros morreram a morte boa, a morte da batalha, como deveriam. Mas você, Atl, me disse que os orientais não nos enfrentariam frontalmente até chegarmos à grande cidade. — Seu olhar colérico se virou para Niente. — E você disse que não conseguia quase nada. Por quê? Axat nos abandonou?

Niente e Atl balançaram a cabeça simultaneamente.

— Alguma coisa mudou — falou Niente. — Eu lhe disse muitas vezes antes, tecuhtli, que Axat mostra o que *pode* ser, não o que *será*. Alguma coisa mudou entre os orientais.

Citlali bufou desdenhosamente.

— Isso ficou bem claro — ele disse acenando para a fumaça e os corpos ao redor. — Descubram o que mudou e o que isso significa para nós. Descubram agora.

O círculo dourado do sol morria no oeste, e a bruma verde do futuro surgiu em volta do rosto deles. Os nahualli observavam os dois, em silêncio; o tecuhtli Citlali também os observava, com os guerreiros supremos agrupados em volta dele.

Na tigela premonitória, o presente se dividiu e rasgou, e os retalhos do futuro se esvaiam, se contorcendo e se enroscando. Niente os perseguiu na sua mente; ao lado dele, Atl fazia o mesmo. A perseguição era tão exaustiva quanto uma perseguição física. Próximo ao presente, os fios de possibilidades se embolavam e entrelaçavam. As imagens não paravam de surgir na bruma, era difícil vê-las por tempo o bastante para compreender os significados.

Ali: o rosto de um rei, ou era o que Niente tinha presumido pela faixa dourada envolvendo sua cabeça, que brandia uma espada com uma multidão vestida em preto e prata atrás dele, em vez do uniforme azul e dourado do exército da grande cidade. Niente se lembrava daquelas cores — as cores do exército que tinha vindo socorrer a cidade após ser tomada pelo tecuhtli Zolin. Niente tremeu ao ver isso...

Mas a bruma envolveu o rei, e Niente agora viu uma rainha sentada em um trono brilhante com fogo vermelho em torno de si. Uma jovem erguia uma faca reluzente sob o brilho do fogo, havia também um homem perto do trono, e as labaredas furiosas dentro da sala pareciam sair de suas mãos erguidas...

Uma bruma fria apagara o fogo e o levara embora. Niente encarava agora fileiras de gente, mas não eram soldados em armaduras reluzentes, mas pessoas comuns, elas estavam apontando instrumentos estranhos para Niente, parecidos com as garras de águia que os nahualli usavam para fazer sacrifícios. Os instrumentos cuspiram fumaça e fogo, e abelhões negros foram disparados por eles, correndo na direção de Niente...

Mas a bruma também os levou.

Um vento soprou a bruma, e ali diante de Niente, por um momento tentador, ele vislumbrou novamente o Longo Caminho. Ele havia mudado desde a última vez que Niente o tinha visto. O futuro ainda continuava tomado pelos estandartes caídos dos tehuantinos. Mais adiante no caminho, ele viu os estandartes dos tehuantinos tremulando ao lado dos estandartes azuis e dourados dos orientais, e duas pessoas sob eles, um homem com a tatuagem da águia vermelha do tecuhtli e uma mulher com as roupas dos orientais e um cetro dourado na mão. Os dois estavam juntos e sorriam um para o outro, e não havia animosidade alguma entre eles.

A bruma escondeu o Longo Caminho, mas perto de Niente, as brumas agora se abriram, e ele viu Citlali, morto, com um nahualli ao seu lado. Niente se debruçou sobre a tigela. No braço jovem e musculoso do nahualli, havia um brilho dourado: o bracelete do nahual. Ao lado dos dois, como se tivesse sido responsável pelas mortes, ele viu as costas de outro nahualli: a careca de um velho, com alguns poucos fios de cabelo e — quando o nahualli se virou — o semblante enrugado e cheio de cicatrizes, com um olho esquerdo cego.

Niente recuou e conteve um grito...

— Não... — sussurrou ele.

O sopro da negação fez a bruma mudar, de maneira que o Longo Caminho desapareceu para revelar ainda outro Longo Caminho. No fim deste rumo, Niente viu Tlaxcala, mas a cidade flutuante ardia no centro de um lago e as grandes pirâmides estavam em ruínas. Assim como na visão anterior do Longo Caminho, os meios para se chegar a ele estavam obscurecidos, mas as imagens tremularam mais perto dele. Ali o tecuhtli

Citlali estava sentado em um trono brilhante sob um teto abobadado, com o estandarte azul e dourado no piso de ladrilhos diante dele e vários orientais prostrados à sua frente, como se estivessem prontos para serem sacrificados para Axat e Sakal, para que o resto de seu povo pudesse viver.

Niente respirou de novo, e os vapores frios e verdes envolveram seu rosto. Ele sentiu sua face ficar molhada e se deu conta de que tinha tocado a água da tigela premonitória. Com o toque, as visões se dissolveram e Niente encarava apenas a tigela.

Ele voltou à realidade devagar, ofegante, como se tivesse voltado de uma longa corrida. Carrancudo, o tecuhtli Citlali olhava fixamente para Niente, à sua esquerda, Atl já havia levantado o rosto de sua própria tigela. Vários nahualli de baixo escalão se aproximaram rapidamente e recolheram as tigelas e as mesas.

— Bem? — perguntou Citlali. — O que Axat mostrou para vocês?

Niente não falou nada; pelo canto de olho, ele viu Atl lançar-lhe um olhar furtivo.

— A visão ainda mostra a nossa vitória, tecuhtli — respondeu o jovem. — Eu vi o senhor no trono dos orientais.

O olhar de Citlali ainda estava fixo em Niente.

— E você, uchben nahual? Você também viu isso?

Niente ergueu a cabeça. Sentindo suas mãos tremerem, um nahualli de baixo escalão tinha corrido lhe entregar seu cajado mágico. Ele aceitou agradecidamente e se apoiou pesadamente sobre o objeto. Niente piscou para tentar limpar a mente das visões. *O Longo Caminho... Axat lhe presenteou com duas escolhas...*

— Eu vi a mesma coisa, tecuhtli — ele respondeu honestamente.

— Rá! — O tecuhtli Citlali se levantou e bateu o pé uma vez no chão enquanto Tototl e os outros guerreiros supremos urravam de aprovação. — Então nós seguiremos em frente e tomaremos a grande cidade dos orientais, e transformaremos suas esposas em viúvas e as crianças em órfãs, se eles resistirem a nós.

RESSURREIÇÕES

A Ameaça da Tempestade

A Fúria da Tempestade

A Passagem da Tempestade

A Aurora

A Ameaça da Tempestade

Jan fedia a cavalo, suor, fumaça e sangue. O starkkapitän ca'Damont e o comandante ca'Talin também. Não houve tempo para tomar banho ou trocar de roupa. Eles tiraram a armadura depois do confronto com os ocidentais e cavalgaram rapidamente de volta a Nessântico, deixando a retirada relutante da Garde Civile com os a'offiziers. Suas botas — sujas, cheias de lama e deslocadas — faziam barulho nos ladrilhos encerados do Palácio da Kraljica na Ilha; os gardai no salão e os criados e os cortesãos se agitando nos corredores encararam o trio com apreensão, como se tentassem medir pelos rostos e pela atitude a gravidade da ameaça à cidade.

Se conseguissem interpretar aquelas expressões corretamente, ficariam assustados.

O assistente de Allesandra, Talbot, encontrou Jan quando os três passaram pela câmara de recepção externa e os acompanhou pelo corredor privativo da criadagem até a câmara do Conselho dos Ca'. Ele gesticulou para o gardai do corredor abrir as portas quando o grupo se aproximou. O burburinho de conversa no interior parou. Allesandra esperava por eles ali, com Sergei ca'Rudka e os conselheiros; havia um mapa das cercanias aberto sobre a mesa.

Todos olharam para Jan esperançosamente.

— Se vocês estão esperando ouvir boas notícias — falou o hïrzg sem preâmbulos —, eu não tenho nenhuma.

Ele parou. Uma mulher ao lado de Allesandra parou de examinar o mapa para encará-lo.

— Brie? Eu pensei...

Brie caminhou até Jan e abraçou o marido tão abertamente como se ele estivesse em trajes de gala para um baile. Jan tentou se afastar, por causa de seu estado, mas se a hïrzgin sentiu alguma repulsa pelo cheiro ou pela aparência, não demonstrou. Brie deu um beijo na bochecha de barba rala, depois na boca de Jan, que devolveu o beijo um instante depois.

— Eu vim com seu exército, meu querido — falou ela. — As crianças estão em Brezno, mas senti que meu lugar era aqui, com meu marido na

cidade que ele governará um dia.

— Você não deveria ter vindo, Brie.

— *Por que* eu não deveria ter vindo? — perguntou a hïrzgin com a cabeça inclinada.

Seu tom de voz era estranho — quase evasivo e ameno demais. Ele sentiu que havia uma outra pergunta nas entrelinhas, uma que ela não estava fazendo.

— Não é óbvio? — respondeu Jan. — É perigoso para você.

— Eu pensei que fosse mais perigoso eu *não* estar aqui — argumentou Brie.

O hïrzg pôde notar um conteúdo oculto nas palavras, mas o significado lhe escapou. A esposa sorriu para ele: novamente com a mesma estranheza.

— Eu estou aqui, meu marido, e trouxe seu exército comigo. Ora, você deveria estar feliz.

Jan assentiu — sim, havia algo mais em Brie do que existia na superfície, mas não havia tempo para descobrir agora, e tentar fazê-lo só o deixaria irritado. Ele deu um beijo em Brie, mecanicamente, depois olhou em volta para os demais no ambiente.

Concentração...

— Kraljica, embaixador, conselheiros: os ocidentais têm uma força consideravelmente maior do que a nossa, mesmo com a adição firenzciana — informou Jan.

Ele caminhou até o mapa e passou a mão pelos pontos salientes desenhados.

— Eles avançam por uma linha de frente que os fará chegar a Nessântico pela borda oeste no lado norte do A'Sele, pelas margens do A'Sele, acima da Avi a'Nostrosei ou mesmo pela Avi a'Nortegate. Isso já é bem ruim, mas nossos batedores nos dizem que eles mandaram outra força cruzar o rio para atacar a cidade ao sul. No momento, não temos mais que vinte ténis-guerreiros, todos de Nessântico; precisamos de pelo menos algumas centenas para ao menos tentar nos equiparar aos ocidentais nesse aspecto. E, julgando pelo que fizeram em Villembouchure, os tehuantinos também têm um estoque decente de areia negra, o que significa que nenhum dos prédios daqui está a salvo se eles se aproximarem. Quanto ao que fizeram em Karnmor, bem, nós só podemos torcer para que os inimigos não tenham como repetir esse horror. Se tiverem, então não há esperança alguma.

— Você faz parecer como se já tivéssemos perdido e devêssemos sair

da cidade — disse sua matarh. Jan balançou a cabeça.

— Não, matarh — disse o hïrzg. — Não é o que estou dizendo. Nessântico não está perdida, mas *está* em perigo sério e imediato, e não podemos subestimar isso. Eu vi os ocidentais e entrei em combate com eles para testá-los. E isso fez com que percebêssemos que precisamos de todas as forças que pudermos reunir: todos os ténis-guerreiros, todo cidadão apto fisicamente, todos os recursos possíveis. Mesmo com tudo isso, também precisaremos da graça de Cénzi, ou veremos Nessântico queimar mais uma vez.

O silêncio que se seguiu durou bastante.

— Não é isso o que nenhum de nós quer. Eis o que o starkkapitän, o comandante e eu propomos — o hïrzg disse, finalmente, apontando para o mapa. — O A'Sele faz uma curva para o norte logo após Pré a'Fleuve; isso necessariamente vai comprimir as forças tehuantinas. Eu sugiro estacionar nossas tropas aqui logo depois do rio Infante, a partir da vila de Certendi, ao sul. Vamos segurá-los lá o máximo que pudermos, depois destruiremos as pontes se precisarmos recuar para o outro lado. Eu quero que barreiras de terra sejam erguidas da Avi a'Certendi para o A'Sele, seguindo a margem leste do Infante. O comandante ca'Talin, o starkkapitän ca'Damont e eu faremos os ocidentais lutarem por cada pedaço de terra entre o Infante e Nessântico, e espero que consigamos mantê-los completamente afastados da cidade na Margem Norte. Quanto à Margem Sul...

Ele acenou com a cabeça para Allesandra e Sergei.

— Eu deixo nas suas mãos.

— ...existe um Longo Caminho, Atl. Um rumo que leva a um lugar melhor para nós, embora não pareça assim inicialmente, e Citlali nunca acreditaria em mim. Mas você tem que acreditar em mim. A vitória aqui não é só uma vitória; ela significará uma derrota para nós, com o tempo. A própria Tlaxcala pode cair.

Atl balançava a cabeça enquanto ouvia a explicação de Niente.

— Eu sei que o senhor não para de dizer isso, taat, mas não é o que eu vejo. Mesmo que eu quisesse acreditar no senhor... — Ele abanou a mão em desespero, soltando um suspiro. — Eu não vejo absolutamente nada deste Longo Caminho.

— Você não está olhando suficientemente o distante. Não é algo que você consiga fazer ainda.

Isso foi um erro. Ele notou na forma como a luz da fogueira na tenda refletiu no rosto carrancudo do filho.

— Eu *sou capaz* de ver os caminhos de Axat, taat. Acho que posso vê-los melhor que o senhor. O senhor só não quer admitir isso. Eu vou para a minha tenda. Encha seu cajado mágico e durma um pouco, taat. Eu farei o mesmo.

Ele cumprimentou Niente com a cabeça e ia sair, mas Niente o segurou pelo braço, os seus dedos apertaram o bracelete de ouro do nahual que tinha estado em volta do próprio antebraço.

— Atl, isso é muitíssimo importante. Eu *vi* o Longo Caminho; eu vi com extrema nitidez em Tlaxcala e mesmo aqui, por um instante. Eu pude vê-lo desde então; há tantos elementos prejudicando as brumas, como você mesmo sabe. Mas ele está lá; tem que estar. Nós dois juntos talvez possamos encontrá-lo novamente. Se o vislumbrarmos só mais uma vez, se pudermos ver como temos que reagir...

Niente vasculhou a bolsa e tirou dois passarinhos de madeira entalhados de forma crua e pintados de vermelho intenso, com traços simples e brutos. Ele entregou um para Atl.

— Eu fiz esses aqui mais cedo hoje à noite. Coloquei um feitiço dentro deles, para que, se nos separarmos na batalha, ainda possamos mandar uma mensagem um para o outro. Se um de nós vir o rumo, então podemos contar para o outro que o Longo Caminho está aberto.

Atl olhou para o pássaro.

— Eu não preciso...

Ele ia devolvê-lo, mas Niente fechou os dedos do filho em volta da escultura.

— Por favor — disse ele para Atl. — Por favor, aceite.

Atl suspirou; como suspirava quando criança, quando seus pais insistiam que ele fizesse algo que não queria fazer.

— Está bem, eu fico com isso. Mas, taat, não existe Longo Caminho. Eu não sei aonde essa guerra nos levará, nenhum de nós sabe, mas eu *sei* que podemos ser vitoriosos aqui. Eu vi isso, e pretendo conduzir o tecuhtli Citlali até esse momento.

Ele olhou para Niente, e a luz da fogueira refletiu em seus olhos negros.

— Encha seu cajado mágico — disse Atl, como se se dirigisse a um nahualli de baixo escalão. — O senhor vai precisar em breve. Eu mesmo preciso usar a tigela premonitória esta noite.

Atl caminhou até a aba da tenda e a abriu. Lá fora, a lua brilhava sobre seu ombro.

— Não há um Longo Caminho, taat. Tenho certeza disso — falou ele. —

O senhor está vendo o que quer ver, não o que Axat está disposta a mostrar.

Atl deixou a aba da tenda cair atrás dele sair.

— Você cruzará o rio hoje de manhã com Tototl e se juntará à força ao sul com dois punhados de nahualli sob seu comando.

Essa foi a ordem que Niente recebeu do tecuhtli Citlali. Atl e Tototl estavam ao lado do guerreiro quando ele deu o comando. O rosto do filho tinha uma expressão ilegível e atormentada, Niente ficou curioso para saber — após a conversa da noite anterior — se a ordem tinha vindo de Citlali ou de Atl. Ele tinha que admitir que fazia sentido — deixar que o antigo nahual ficasse ao lado do tecuhtli para questionar o novo nahual levaria a hesitação e contradições. Ao sul, Niente não teria rivais... nem Atl, que seguiria com a força principal. Ao sul, Niente seria um recurso poderoso para os nahualli e um líder comprovado. Se Niente ainda fosse o nahual, se estivesse procurando por uma vitória esmagadora aqui, em vez da quimera de seu Longo Caminho, ele talvez tivesse sugerido alguma coisa parecida, como mandar Atl com o braço sul do exército.

Citlatli não lhe deu chance de contestar.

— Uchben nahual, o bote com os outros nahualli está à sua espera na margem — falou ele. — Você partirá assim que recolher suas coisas. Nahual Atl, quero discutir nossa estratégia com você...

Com essa dispensa, o tecuhtli Citlali deu as costas para Niente e gesticulou para Atl segui-lo. O jovem olhou uma única vez para o antigo nahual.

— Taat — ele disse —, vejo o senhor de novo na grande cidade. Mantenha-se a salvo.

Atl acenou com a cabeça e depois seguiu Citlali.

Pouco tempo depois, Niente se viu em um bote com outros três tehuantinos cruzando o A'Sele, a água marrom se agitava e ficava momentaneamente branca com o bater dos remos dos jovens guerreiros. O cheiro de água doce entrou em seu nariz, as árvores na outra margem distante estavam obscurecidas pela névoa da visão pobre de seu olho são. Ele podia sentir os olhares dos outros nahualli que o acompanhavam sobre si, podia sentir a avaliação ao se agachar na popa da pequena embarcação.

Niente olhou para oeste, rio abaixo — os tehuantinos receberam uma mensagem do comandante da frota informando que o rio tinha sido liberado e que ele estava subindo o rio com os navios de guerra para

encontrá-los. Niente não tinha visto vela alguma ainda, mas o rio fazia uma curva ali perto, e a frota talvez estivesse logo ali atrás daquela curva. O guerreiro supremo Tototl, em outro dos botes, olhava apenas à frente, na direção da outra margem.

O que eu faço agora? Esta estratégia não estava em nenhum dos caminhos que vislumbrei. Ele se perguntou se Atl tinha visto isso e se sabia para onde esse caminho levava. Niente se sentiu perdido, sendo levado pelas correntezas do presente. *Será que consigo encontrar o Longo Caminho nesta situação, e se conseguir, será que arrisco segui-lo?* Ele já tinha desistido do Longo Caminho uma vez devido a seu alto custo. Essa visão tinha sido nítida, como se Axat quisesse que Niente soubesse. A morte de Citlali pouco importava para ele; um guerreiro esperava, e até mesmo recebia, pela morte de braços abertos na batalha. Mas Niente também estava morto nessa visão; ele realmente *faria* isso, se Axat cobrasse seu preço? E se Axat exigisse a vida de Atl também, como Ela tinha dado a entender...

Suas mãos estavam tremendo, e não era por causa do frio úmido da manhã.

Será que Atl viu isso? Será que foi por isso que ele mandou você embora?

Niente queria falar desesperadamente com Atl, mas não era mais possível. Ele tocou na bolsa para sentir o pássaro entalhado. O toque não lhe deu nenhum alívio.

A margem estava se aproximando; Niente quase conseguia identificar uma árvore ou outra se aproximando em vez dos borrões verdes e vislumbrou uma meia dúzia de guerreiros reunidos sob a cobertura verdejante, prontos para escoltá-los até a estrada. A proa do bote atracou na lama da margem escondida sob os juncos, assustando Niente. Os guerreiros que os aguardavam desceram a margem correndo para ajudá-los a sair. Ele ouviu Tototl berrar ordens. Niente esperou que os guerreiros os puxassem para a terra seca. No topo da margem, ele olhou para o outro lado do rio mais uma vez. Entre a névoa da catarata, Niente pensou ter visto algumas figuras se movendo.

Ele se perguntou se uma delas era Atl.

— Por Cénzi, então é verdade...

A mão de Jan cofiou a barba. Seus olhos se arregalaram, e Brie podia jurar que havia um espanto genuíno neles, não uma surpresa fingida. Talvez ela estivesse enganada e Jan realmente não tivesse mandado a garota à frente deles para encontrá-la mais tarde na cidade.

— Eu juro, Brie, eu não sabia que ela estava aqui. Eu juro por Cénzi. Eu sei que você deve estar pensando que mandei Rhianna para cá, ou Rochelle, ou seja lá qual for seu nome verdadeiro, mas eu nunca pensei...

— Não, você não pensou — ralhou Brie.

Ela continuou observando o rosto do marido. O espanto em sua expressão pareceu genuíno o bastante quando ela deu a notícia que Sergei lhe contara.

— Ela alega ser sua *filha*, Jan.

— Ela também me disse isso.

— Ela disse isso para *você*? Quando?

— Quando tirou a faca da matarh de mim. Foi seu golpe de despedida antes de fugir. — Jan passou os dedos pelo cabelo recém-molhado do banho rápido. — Ela matou Rance. Eu *sabia* disso, mesmo na ocasião. Ela parece tanto com El...

Ele se deteve e olhou de relance para a esposa.

— Com a matarh dela — terminou o hïrzg.

— Então é possível que ela esteja dizendo a verdade, que seja sua filha?

Jan murchou. Agora suas mãos mexiam nervosamente no cabelo.

— Eu creio que sim. Ela tem a idade certa.

— Você chegou a... com Rhi... Rochelle?

Ele balançou a cabeça com raiva, sua mão fez um gesto de negação, movimentando o ar próximo à bochecha de Brie.

— Não! Eu juro, Brie. Ela nunca me deixou... — Jan suspirou alto. — Por um bom motivo, evidentemente.

O hïrzg andou de um lado para o outro nos aposentos que Allesandra tinha cedido a eles no palácio, enquanto abotoava a túnica acolchoada que ficava sob o uniforme da Garde Civile.

— Brie, eu lamento, mas não posso me preocupar com isso. Não agora. Eu não sei por que Sergei não a jogou na Bastida quando teve a oportunidade.

Brie caminhou até o marido e afastou suas mãos para o lado enquanto ele se atrapalhava com os laços da túnica.

— Aqui, deixe-me fazer isso. É isso o que você quer para ela? — perguntou a hïrzgin. — A Bastida? Quer que ela seja julgada pelos crimes que cometeu?

Brie sentiu o peito do marido inflar e desinflar sob suas mãos.

— Sim. E não. Eu não sei o que quero, Brie. Se ela for minha filha com a Pedra Branca...

— Ela não é sua filha. É mais uma bastarda que você gerou. — Ela terminou de dar os laços e se afastou.

— Naquela época, eu teria me casado com Elissa.

Desta vez Jan pronunciou o nome sem hesitação, Brie percebeu que doía ouvi-lo, ouvir o nome de sua própria filha atrelado àquela mulher. As palavras do marido eram dolorosas.

— Eu teria me casado com ela sem hesitação e sem a permissão de meus pais, se eles não a dessem — continuou ele. — A menina não seria uma bastarda. Eu já tinha pedido para a matarh entrar em negociação com a família de Elissa... ou pelo menos a família da qual ela alegava fazer parte. Ah, aposto que a matarh está achando essa situação uma piada maravilhosa.

Brie teve a certeza de que a intenção de Jan era magoá-la com aquelas palavras; ela se forçou a não ter reação alguma.

— Sua matarh fez o que achou que era necessário para proteger a família. Assim como eu, quando necessário.

— Sim, sem dúvida, e foi por isso que a matarh contratou a Pedra Branca para matar Fynn; para proteger a família. — Jan terminou de colocar o restante do uniforme e se sentou em uma cadeira para calçar as botas. — Brie, eu preciso encontrar com ca'Damont e ca'Talin em uma marca da ampulheta. Você precisa tomar cuidado; eu não sei do que essa Rhianna ou Rochelle pode estar atrás. Somente Cénzi sabe de quem a Pedra Branca pode estar atrás. Eu ficaria mais tranquilo se você saísse da cidade de uma vez por todas.

E assim você estaria livre para fazer o que quisesse. Brie teria ficado mais satisfeita se achasse que a preocupação dele era genuína, e não em causa própria. *Como a matarh de Jan — suas vontades sempre estavam em primeiro lugar.*

— Eu vou ficar, meu marido — ela disse com firmeza. — Você tem o seu dever; eu tenho o meu. Allesandra conduzirá a defesa ao sul; e eu vou ajudá-la.

— Brie... — Ele se levantou para afivelar e ajeitar o cinto da espada.

— Não, estou falando sério, Jan. Eu treinei com meus irmãos, e posso me sair bem contra eles com uma espada. Você sabe disso. Meu vatarh me educou em estratégia militar e até me consultou várias vezes no passado, quando saqueadores de Shenkurska invadiram a nossa fronteira. A própria Allesandra comandou exércitos; eu ouvi seus gritos de frustração por causa de algumas táticas e estratégias que ela usou nos últimos anos. Eu não estou menos a salvo aqui em Nessântico do que estaria viajando

pelas estradas, mesmo com uma escolta.

Jan balançou a cabeça.

— Eu conheço essa sua expressão agora. Não adianta discutir com você.

— Então por que ainda está discutindo? — perguntou Brie, sem saber se ele estava irritado ou se era só estresse. — Eu não *quero* discutir com você, meu amor. Nós precisamos um do outro, eu só quero que você esteja o mais seguro possível. Você tem um destino, Jan: você vai ser o próximo kraljiki. Eu quero ver isso acontecer; pretendo sentar ao seu lado no Trono do Sol.

Ela limpou fios imaginários dos ombros do marido e sorriu para ele: o sorriso ensaiado, o sorriso exigido.

— Agora... vá se encontrar com o starkkapitän e o comandante. Você e eu nos preocuparemos com Rochelle mais tarde, quando os tehuantinos não forem mais uma ameaça.

— E você?

— Eu tenho a minha própria reunião com Allesandra.

— Com Sergei também?

Brie deu de ombros.

— Ele disse que tinha outros compromissos hoje à noite. — Ela ficou na ponta dos pés e beijou a bochecha de Jan. — Vá.

— Você não pode usar o robe verde — Rochelle disse para Nico.

Um sorriso indulgente tocou seus lábios e sumiu um instante depois. Seus lábios pareciam não se lembrar mais de como sorrir de verdade. A alegria parecia ter desaparecido de sua vida, quando antes ela a preenchia.

— Há uma grande diferença entre "não é permitido" e "não poder" — respondeu Nico. — Eu sou um téni, e é meu direito usar o robe. *Mais* do que um direito; é minha obrigação. Eu sigo Cénzi, não um idiota semimorto que se chama de archigos. Está na hora de eu me afirmar completamente e parar de me esconder como um criminoso.

— Você *é* um criminoso aos olhos dos Domínios e da fé concénziana. Eles matarão você, se puderem.

— Eles podem tentar. — Nico tentou sorrir novamente, mas o sorriso desvaneceu. — E há uma grande diferença entre "tentar" e "matar" também. Você não precisa ficar tão preocupada, irmãzinha.

Rochelle deu de ombros. Eles estavam no segundo andar de um dos esconderijos dos morellis no Velho Distrito; o proprietário — um

vendedor de tecidos — ficou visivelmente aflito ao ver Nico ali, mas dispensou os aprendizes pelo resto do dia, mandou a família visitar primos a duas ruas dali e concordou em avisar o resto da seita dos morellis que o Absoluto desejava se encontrar com eles.

Nico também descobriu que Ancel esteve entre os capturados e executados após a invasão ao Velho Templo — outra alma a seus pés, outra morte pela qual ele devia expiar. Havia tantas, e faziam tanto peso sobre seus ombros que Nico queria cair de joelhos sob elas.

Liana, Ancel, eu lhes prometo — eu encontrarei paz para vocês...

Nico ainda podia ver a filha que teve com Liana aninhada nos braços de Varina. Sentia os dedos de Sera em volta dos seus, agarrando Nico como se soubesse que pertencia a ele. Aquela memória e a memória de Liana e Ancel e de todos aqueles que morreram por ele fizeram lágrimas se acumularem em seus olhos novamente. Nico as secou.

No andar debaixo, entre os tecidos pendurados em cabides à espera de serem arrumados em peças, Nico pôde ouvir o agito e o barulho de conversa através das tábuas do assoalho: vários ténis-guerreiros saíram de mansinho do templo para encontrá-lo; também havia, tinham dito para ele, vários ténis-guerreiros de Brezno presentes, eles tinham chegado à cidade pouco depois do comboio do exército firenzciano. Nico já tinha conversado com alguns deles — o archigos Karrol declarara que todos os ténis-guerreiros seriam enviados para o campo de batalha com o hïrzg Jan no dia seguinte.

— *Nós não iremos se o senhor nos mandar, Absoluto.* — Foi o que todos lhe disseram. Todos juraram que o seguiriam no lugar do archigos, se Nico pedisse. A lealdade dos ténis-guerreiros o satisfazia e, ao mesmo tempo, aumentava a culpa que ele carregava.

Como vocês podem me seguir depois do que eu fiz, depois dos meus fracassos? Como ainda podem ter fé quando eu luto com isso?

Nico ainda não sabia ao certo o que dizer para eles. Ele deixaria isso com Cénzi, mas suspeitava que já sabia o que diria. As escolhas diminuíram com a chegada dos ocidentais, Nico tinha passado a noite anterior rezando para Cénzi, pedindo por orientação enquanto Rochelle o observava, com uma expressão mais curiosa do que devota. Ela se parecia com Elle, a matarh de Rochelle, e a matarh adotiva de Nico. *O que você fez com ela, Elle? Você a corrompeu além da redenção?*

Mas Nico não podia se preocupar com Rochelle agora. Ainda não. Seus seguidores, aqueles que sobraram, esperavam por ele, e as palavras de Cénzi ardiam dentro de Nico.

— Vamos — ele disse para Rochelle, estendendo sua mão. — Está na hora.

Nico permitiu que a irmã descesse primeiro, acompanhando-a a seguir escada abaixo. O cheiro adstringente de corantes e fixadores no único cômodo do andar debaixo era forte, o ambiente que também funcionava como loja e mostruário para o vendedor de tecidos.

Havia pelo menos dez punhados de pessoas confinadas no espaço, tão apertados que o ar tinha se aquecido pela presença. Nenhuma saudação abrandou a atmosfera quando ele apareceu; todos pareciam tão sombrios quanto Nico. Ele fez o sinal de Cénzi e se curvou humildemente, os morellis devolveram o gesto. Algumas lâmpadas instaladas nas paredes do vendedor eram a única fonte de luz, mas Nico podia ver vários robes verdes iguais ao que ele estava usando, embora a maioria deles fossem desconhecidos para ele. Nico sentiu seus olhares observarem seu rosto machucado e com hematomas, as manchas roxas cobrindo seus antebraços, a forma como ele mancava ao descer a escada. E também notou os olhares curiosos para Rochelle.

— Que Cénzi abençoe a todos vocês — disse Nico, espalmando as mãos.

Ele sentiu o carinho de seus seguidores, e devolveu o sentimento; o cômodo estava tomado por um brilho pálido que não emanava de lugar nenhum e de todos os lugares.

— Eu não mereço que vocês tenham vindo, e menos ainda que ainda escutem o que tenho a dizer.

— O senhor ainda é a Voz de Cénzi, Absoluto — alguém disse no meio dos morellis. — Nós seguimos o senhor. Vimos Cénzi operar o milagre na praça. Vimos o senhor desaparecer sem lançar um feitiço; vimos as correntes vazias.

Os outros concordaram em meio a murmúrios, e o som fez Nico querer abraçar a todos, para tentar extinguir a tristeza e a perda no calor de sua aprovação e apoio.

Ele entrelaçou as mãos em frente ao corpo como se fosse rezar.

— Sim, Cénzi veio a mim quando eu estava diante da kraljica, e Ele me soltou dos grilhões que a vida colocou em mim. Mas... — Nico parou e balançou a cabeça. — Cénzi também me mostrou que eu deixei meu próprio orgulho me afastar de Seu caminho, e Ele me puniu por isso. Ele tomou para Si muitos daqueles que eu amava, enviou muitos outros para a dor e o sofrimento, e me encheu de tristeza e arrependimento. A dor dos morellis foi causada por sua dedicação a mim. Eu entendo agora que

devo me tornar o instrumento de Cénzi, que devo me entregar completamente a Ele e devo aceitar o que Ele quiser que eu suporte. Eu entendo que não sou nada.

Nico ergueu a cabeça e abaixou as mãos, seu olhar varreu os seguidores, encarando cada um deles no cômodo.

— Vocês também devem entender isso. Esta também é a sua tarefa, como sempre foi a tarefa dos ténis: realizar a vontade de Cénzi e nada mais.

— O que Cénzi quer que façamos? — alguém perguntou. — Diga-nos, Absoluto.

Nico hesitou, embora se sentisse tomado pelas palavras. *Eu estou certo desta vez, Cénzi? Estou ouvindo o Senhor, e não a mim mesmo? É isso, verdadeiramente, o que o Senhor quer que eu diga a eles?* As palavras martelavam em sua mente, e Nico só poderia se livrar delas ao dizê-las.

— Nossa Fé está sendo ameaçada — falou ele. — Os ocidentais estão prestes a dominar Nessântico e os Domínios e, se isso acontecer, os fiéis sofrerão imensamente. Eu rezei, me abri para Cénzi e O escutei, e isso é o que Ele me diz.

Nico fez uma pausa e respirou várias vezes, olhando para cada um deles.

— Agora é a hora de deixarmos de lado nossas lutas com os falsos líderes da fé concénziana; não para sempre, mas por um curto período de tempo. Nós precisamos primeiro expulsar os pagãos e hereges que nos ameaçam antes que possamos olhar para a heresia dos Domínios e da Coalizão.

Ele fez outra pausa, acenando com a cabeça para eles.

— Eu disse isso naquele dia na praça e repito aqui: por enquanto, vocês devem obedecer ao archigos. Ténis-guerreiros, vão à guerra. Ténis, cumpram qualquer tarefa que recebam. O restante, façam o que for preciso. Obedeçam às autoridades que estão acima de vocês. Por enquanto.

Nico esperou. O brilho no aposento aumentou.

— Façam isso, por enquanto. E depois... depois, nós voltaremos a olhar para dentro. Voltaremos a nossa atenção para a reforma da fé concénziana. Tomaremos a glória que merecemos e moldaremos a Fé, como Cénzi deseja, como o Toustour e a Divolonté exigem, e não daremos ouvidos às ordens de ninguém, *ninguém*, que não esteja conosco. Isso é tudo o que tenho a dizer esta noite.

O brilho no cômodo esmaeceu, e a luz das lâmpadas agora parecia

descarnada. Os seguidores se remexeram, hesitaram, se entreolharam fixamente. Então alguém abriu a porta; um a um, eles fizeram o sinal de Cénzi e saíram do cômodo arrastando os pés. Nico devolveu o sinal para cada um dos seguidores e murmurou uma bênção a cada um. Assim todos saíram, ele sentiu a mão de Rochelle pousar em seu ombro.

— Eles não ficaram satisfeitos — comentou ela. — Você não disse a eles o que eles queriam ouvir. Ficaram desapontados.

— Eu sei — respondeu Nico. — Mas era tudo o que eu tinha a dizer.

Rochelle assentiu.

— Você está cansado.

— Exausto — admitiu Nico; ele olhou para as escadas que levavam para o segundo andar. — Mas ainda há mais uma reunião antes que eu possa dormir.

— O que você quer dizer? — perguntou Rochelle.

Nico não disse nada, apenas gesticulou para que ela o seguisse. Ele subiu penosamente, sentindo seus pés pesados pisando os degraus. A luz de uma lâmpada vinha do quarto dos fundos, onde antes não havia luz. Nico ouviu a lâmina da faca de Rochelle sair da bainha e balançou a cabeça para ela.

— Você não vai precisar disso. Não ainda.

Ele andou tranquilamente pelo corredor até o quarto e empurrou a porta para abri-la.

— Você ouviu o que queria ouvir? — perguntou Nico para a pessoa no quarto.

— Você ouviu o que queria ouvir? — disse Nico, e Sergei deu de ombros.

— No geral, sim — respondeu o embaixador. — Você simplesmente salvou a si mesmo e aos ténis-guerreiros.

— Minha segurança não está em suas mãos, Nariz de Prata — disse Nico, mas a bravata soou cansada e sem ânimo.

— Ah, mas na verdade está, sim — disse Sergei.

Ele vislumbrou um movimento atrás de Nico e viu um rosto.

— Rochelle. Por favor, por que vocês dois não entram e se sentam? Não há motivo para não termos uma conversa civilizada, só nós três.

Nico deu de ombros e entrou, se sentando na beirada da cama no quarto. Sergei percebeu que o rapaz lançou um olhar furtivo para a porta do outro lado, nos fundos da casa. Sergei a tinha deixado aberta, mostrando a escada que descia até um beco atrás da casa do vendedor de tecidos. Rochelle entrou e imediatamente encostou as costas na parede

lateral da porta do corredor, ficando de pé e encarando Sergei, com olhos concentrados e perigosos. O embaixador ergueu as mãos dos braços da cadeira, a direita segurava a bengala. Nico pensou ter podido sentir o feitiço de Varina escondido dentro da madeira.

— Pronto, viu só. Eu não sou ameaça para nenhum de vocês, no momento.

A boca de Nico se contorceu, dando um leve indício de um sorriso.

— E nenhum de nós acredita nisso.

— Eu não esperava que acreditassem — respondeu Sergei.

Mentalmente, o embaixador repetiu o gatilho do feitiço que Varina colocara na bengala para que ele estivesse na ponta da língua, se precisasse usá-lo. Ele se perguntou se seria eficiente contra Nico — Sergei suspeitou que não seria tanto quanto ele esperava.

— Você tem uma rede de informações melhor do que eu pensava, Sergei.

— Eu tive sorte. Alguns de seus ténis morellis tinham as consciências pesadas. Depois da disputa no Velho Templo, eles não confiam mais tanto assim em você, Nico. Eles vieram me contar onde você estaria.

— Não posso dizer que os culpo. — Nico se recostou na cama. — Eu mesmo não confio em mim. O que você teria feito se eu não tivesse mandado os ténis-guerreiros obedecerem ao archigos?

— Há gardai, ténis leais e feiticeiros numetodos suficientes nas ruas para prender o dobro de pessoas que você conseguiu reunir aqui, mesmo com os ténis-guerreiros. — Sergei fechou os olhos e imaginou a cena. — Deixe-me dizer o que teria acontecido. Eles estão esperando pelo meu sinal. Eu teria levado todos vocês imediatamente para o pátio do lado de fora do Palácio da Kraljica, conduzindo o grupo pela Avi A'Parete como uma vara de porcos ao matadouro, para que todos vissem vocês. Quando vocês chegassem ao palácio, haveria uma enorme multidão de cidadãos lá para assistir ao espetáculo, e eu colocaria você e sua gente na frente. Eu arrastaria você, Nico, com torniquetes apertados nos antebraços. Eu diria aos cidadãos que você e os ténis-guerreiros que lhe seguem preferem ver Nessântico queimar e todos eles mortos a cumprir seus juramentos a Cénzi, à fé concénziana e ao povo. Eu teria entregado o machado do carrasco para um voluntário entre os cidadãos... e haveria muitos voluntários, Nico. Eu mandaria essa pessoa arrancar as mãos dos seus braços. Seus gritos ecoariam pelas muralhas do palácio, tão alto que você acharia que Nessântico inteira poderia ouvi-los. Então eu faria com que outro cidadão puxasse a língua da sua boca e a cortasse com uma tesoura

incandescente, para que a ferida fosse imediatamente cauterizada. Eu não quereria que você morresse. Não ainda. Eu diria para todos eles — os cidadãos e ténis-guerreiros assistindo — que esse era o castigo da fé concénziana, e que então eu mostraria o castigo do Trono do Sol. Eu amarraria você a um poste e mandaria um garda da Bastida abrir seu estômago e puxar um pedaço dos seus intestinos. Eu amarraria esse pedaço a um molinete e faria o garda extrair suas entranhas aos poucos, com o molinete rangendo e girando. Se você ainda estivesse vivo depois disso, então eu mandaria que você fosse esfolado, sua pele seria arrancada de seu corpo vivo. Quando você finalmente morresse, com sofrimento e tormento, seu corpo seria colocado em uma jaula e exposto, com as mãos e a língua pregados ao crânio.

Nenhum dos dois falou durante a longa história. Sergei abriu os olhos. Nico ainda estava na cama, olhando para o embaixador, mas sua expressão continha uma máscara inescrutável. Rochelle parecia horrorizada. Sua boca estava ligeiramente aberta, e ela evitava olhar diretamente para Sergei.

— Você se deleita com essa fantasia — disse Rochelle, com raiva.

— Sim, me deleito — admitiu Sergei.

O embaixador lançou um olhar breve para Rochelle antes de voltar a atenção para Nico. Ele coçou a base do nariz de metal com o indicador e continuou.

— Eu diria para os ténis-guerreiros que eles teriam duas escolhas. Uma seria renunciar você, obedecer ao archigos e servir a Nessântico, e eles talvez vivessem. A outra seria sofrer seu destino imediatamente. Eu daria essa escolha a cada um. Quantos você acha que teriam seguido você no martírio, Nico?

— Eu não sei. Nem acho que sirva para alguma coisa especular a respeito disso, já que isso não aconteceu. Eu mandei que os ténis-guerreiros obedecessem ao archigos e você os deixou partir. O que importa é o que acontece a partir de agora. — Nico mudou de posição e se sentou de costas eretas na beirada da cama. — Então, o que acontece agora, *de fato*, Sergei? Você vai tentar me prender de novo?

— Eu posso tentar — respondeu o embaixador, levantando a mão quando Nico começou a contestar. — Apesar da minha fantasia — ele parou e sorriu para Rochelle —, depois de seu espetáculo na praça, eu realmente duvido que eu conseguisse fazê-lo

— Eu não faço ideia de como aquilo aconteceu — disse Nico. — Aquilo foi Cénzi, não eu.

— Então talvez Cénzi, se realmente for Ele, torne ao mesmo tempo difícil e custoso prender você, e é perfeitamente possível que eu não sobreviva à tentativa. Mas há gardai e utilinos suficientes aguardando a minha ordem, estou certo de que, com o tempo, nós teríamos sucesso, mesmo com Cénzi.

— Isto é blasfêmia — disparou Nico.

— Talvez fosse, se eu realmente achasse que Cénzi seria o responsável. Mas...

— Por que você está aqui então, se não é para me prender?

— Estou aqui porque Varina é minha amiga, e ela me pediu para vir. Pessoalmente, eu considero que Varina é indulgente demais com você, mas ela acha que você merece ser salvo, que você *pode* na verdade se redimir, e também acha que nós precisamos de você. Eu mesmo não tenho tanta certeza. — Sergei bateu com a bengala no tapete sob a cadeira. — O que *você* quer, Nico?

— Isso é fácil — respondeu o jovem. — Eu quero continuar a servir Cénzi.

— E, por enquanto, o que Cénzi exige de você, na sua cabeça? Seria ajudar a defender Nessântico, como você mandou que os ténis-guerreiros fizessem?

Nico tinha entendido; Sergei pôde ver.

— Se esse fosse o caso, se por acaso eu acreditasse nisso, o que eu ganharia com isso?

— Você ainda precisa responder por muita coisa, Nico — disse o embaixador. — A morte da a'téni ca'Paim, a morte de todos os que tentaram defender o Velho Templo, a destruição, os ferimentos. Varina pode estar disposta a deixar tudo isso passar, mas não a kraljica. Não completamente. Mas... talvez possa se argumentar que a morte de ca'Paim foi acidental e não premeditada, que os gardai que morreram estavam cumprindo seu dever, e que, se os morellis e seu Absoluto servirem bem aos Domínios e jurarem trabalhar com os Domínios no futuro, então talvez grande parte do que aconteceu possa ser perdoado. Não esquecido, jamais esquecido, é claro, mas saberíamos que tudo isso foi imensamente *lastimável*.

— Você faz uma promessa que não tem autoridade para cumprir, Sergei, nem Varina.

— Mas eu tenho a autoridade para oferecê-la em nome de quem tem — respondeu o embaixador. — A escolha é sua, considerar ou não a promessa.

Nico fez *hum* baixo na garganta.

— O archigos concorda com isso?

— O archigos não tem nada a ver com isso. É uma questão puramente secular. Você e a fé concénziana terão que chegar a seu próprio acordo, mas se você servir ao Estado, ele vai cuidar para que a Fé não faça nada que, bem, comprometa as suas habilidades. — Sergei bateu a bengala novamente, com mais força desta vez. — Nessântico precisa da sua ajuda, Nico. Eu vi o que você é capaz de fazer. Você seria o mais formidável téni-guerreiro que nós teríamos.

Sergei esfregou o nariz novamente e completou.

— Se isso for o que Cénzi deseja.

— Não faça piada disso, Sergei.

— Eu lhe garanto que estou sendo completamente sério.

— Eu preciso rezar primeiro. Não posso lhe dar uma resposta agora.

O embaixador suspirou.

— E eu não posso esperar, Nico. Lamento.

Sergei gemeu ao se levantar e caminhou até a porta dos fundos. Ele ergueu a bengala; lá fora no beco, figuras se mexeram, e ele ouviu passos correndo no primeiro andar, se deslocando pela casa. Sergei se voltou para o quarto.

— Eu realmente lamen...

Ele ia dizer, mas foi atingido pelo frio do Ilmodo e viu a escuridão no meio do quarto, quando ela se dissipou, nem Nico, nem Rochelle estavam mais lá. Um garda meteu o rosto pela porta.

— Embaixador?

— Parece que o Absoluto mentiu para mim — ele disse para o homem.

Varina embalava Sera em seus braços, de um lado para o outro, em frente à janela. Lá fora, na rua após o pátio na frente da casa, uma fila aparentemente infindável de tropas em uniformes preto e prateado marchava para o oeste. Suas botas soavam uma cadência fúnebre e solene pela Avi a'Parete, como se a cidade em si fosse um tambor. Eles estavam marchando já há uma virada da ampulheta, desde a Primeira Chamada, e o barulho das cornetas que anunciavam a chegada das tropas tinha acordado Serafina. Varina aninhara a criança para sossegar sua agitação. Ela beijou a testa do bebê e sentiu a maciez sedosa do cabelo de Sera em seus lábios.

— Não fique assustada, Sera — sussurrou Varina contra o trovão baixo das botas nos paralelepípedos. — Eles estão aqui para nos proteger,

querida. Estão aqui para manter você a salvo.

Ela ouviu uma batida suave na porta do quarto, seguida do rangido de dobradiças.

— A'morce, desculpe o atraso. As ruas estão uma confusão, como a senhora pode imaginar. Eu tive que vir pelos fundos... — A ama de leite, Michelle, entrou no quarto, a passos largos e soltando os laços da blusa. — A pobrezinha deve estar faminta. Aqui, deixe-me pegá-la um pouco...

Varina entregou Sera para Michelle e viu o bebê se agitar por um instante antes de a boca procurar e encontrar o mamilo e começar a sugar.

— Isso mesmo, não estamos famintas? — disse Michelle, sorrindo para Sera antes de olhar para Varina. — Parece tão...

A ama de leite se deteve, e Varina viu os olhos de Michelle ficarem úmidos.

— Desculpe — falou a jovem. — Às vezes, quando eu seguro Sera, eu penso no meu próprio...

Ela parou novamente e engoliu em seco.

— Eu não consigo imaginar a dor que você sentiu ao perder seu bebê — disse Varina. — Lamento muito, Michelle.

A ama de leite assentiu.

— A cidade inteira está em alvoroço — disse a jovem.

A mudança de assunto foi abrupta e, Varina sabia, completamente deliberada. Michelle ergueu o ombro e abaixou a cabeça para secar as lágrimas. Sera se remexeu e se ajeitou novamente em seus braços.

— Dizem que já é possível ver os ocidentais do topo da torre da Bastida. Não sei se é verdade, mas... — Michelle sentiu um arrepio, e Sera parou de mamar por um instante, seus grandes olhos azuis se abriram e se fecharam novamente, e ela voltou a se apegar ao seio. — A'morce, meu marido quer que eu vá para a casa do meu irmão em Ile Verte. Eu pensei, bem, pensei que, se a senhora quisesse... eu poderia...

Varina suspirou e acariciou a cabeça de Sera. Os olhos da criança se abriram novamente, encontrando o olhar de Varina. Sera sorriu por um momento em volta do mamilo, e uma bolha branca escapou de seus lábios antes de voltarem a mamar.

— Acho que seria uma excelente ideia, Michelle. Se você não se importar.

— De maneira alguma. Seria um prazer cuidar dela. A'morce, a senhora deveria vir também. Meu irmão tem uma casa grande lá, e tenho certeza...

Varina negou com a cabeça. Ela lançou um olhar para o exército

marchando novamente: era o comboio de suprimentos da retaguarda agora — carroças e cavalos.

— Meu lugar é aqui — respondeu Varina. — Quando você pretende ir?

— Hoje à noite, depois da Terceira Chamada.

— Então por que você não vem pegar Sera na Segunda Chamada? Eu aprontarei as coisas dela para você então.

Michelle assentiu.

— Ela é linda. Foi uma pena o que aconteceu ao vatarh e à sua pobre matarh. Sera tem sorte de ter a senhora, a'morce.

Varina tentou sorrir e descobriu que não conseguia. Ela acariciou a cabeça do bebê novamente.

— Michelle, se alguma coisa acontecer comigo...

— Nada vai acontecer — respondeu a ama de leite rapidamente, sem deixar que ela terminasse.

Varina balançou a cabeça.

— Nós não sabemos disso. Caso alguma coisa aconteça, alguma coisa que signifique que eu não possa cuidar de Sera, você ficaria com ela? Belle fala tão bem de você, e talvez possa amenizar a sua perda, ao menos um pouco.

Michelle estava chorando agora, com a cabeça abaixada ao ver Serafina em seu seio.

— A'morce...

— Só diga sim. — Varina acariciou Sera mais uma vez. — Só isso.

Michelle assentiu de novo, e Varina abraçou as duas de leve.

— Ótimo — disse ela. — Isso me deixa mais tranquila.

Jan viu os offiziers posicionarem suas tropas. Ele, o starkkapitän ca'Damont e o comandante ca'Talin se posicionaram na sacada do segundo andar de uma casa de fazenda, situada em uma pequena elevação a algumas centenas de passos do rio Infante. No telhado da casa, Jan postou pajens com bandeirolas com mensagens, assim como corneteiros com trompas e zinks. Um buraco tinha sido aberto no teto do aposento atrás deles, com uma escada que levava até o telhado para que os pajens pudessem subir do posto de comando até o telhado e ordens pudessem ser dadas lá para cima. Desse ponto de observação, eles podiam ver as companhias sendo dispostas deste lado do rio, assim como os sapadores que colocavam obstáculos ao longo da margem para tentar impedir a travessia dos ocidentais.

Do outro lado do rio, mais perto de Nessântico, trabalhadores cavavam

uma linha dupla de barricadas, para onde o exército — caso precisasse recuar — poderia retroceder e resistir à vontade.

Jan torcia para que as trincheiras não precisassem ser usadas, mas suspeitava que seriam.

As tropas ocidentais estavam visíveis no verzehen — um tubo com lentes, criado pelos numetodos, que permitia que a pessoa enxergasse a uma grande distância. Através da imagem circular distorcida e um pouco borrada captada pelo verzehen, Jan observou os offiziers dos tehuantinos, os guerreiros supremos, darem suas ordens. Viu o estandarte de cobra em um campo esmeralda. As tropas marchavam por campos, que antes tinham sido fazendas e bosques. As próprias árvores das florestas que cercavam os campos pareciam balançar com o passar do vasto número de ocidentais. Eles já se aproximavam da vila de Certendi.

Eram inimigos demais. Demais. Como uma colônia de formigas escarlate de Daritria, parecia que eles poderiam cruzar o Infante sobre os corpos dos mortos empilhados na água. Jan passou o verzehen para ca'Talin.

— Eles estão aqui. Chegarão à distância de uma flechada de nossas fileiras à noite. Se eu fosse o general dos tehuantinos, eu pararia ali para reunir as tropas e atacar na nova luz, mas... — O hïrzg deu de ombros. — Eles já fizeram o contrário antes. Nós talvez lutemos no escuro. Os ténis-guerreiros estão aqui?

— A maioria deles chegou ontem à noite, hïrzg — informou ca'Damont. — Praticamente todos do grupo dos Domínios, e a maioria dos nossos. Eles disseram que Nico Morel mandou que viessem.

— Então Sergei cumpriu sua palavra — respondeu Jan. — Excelente. Cénzi sabe que precisaremos de todos eles.

Ele gesticulou para um dos pajens; o menino veio correndo.

— Mande as trompas chamarem os a'offiziers de volta.

O pajem prestou continência e subiu a escada correndo; alguns instantes depois, eles ouviram o chamado nítido e estridente das cornetas.

— Estamos prontos então — falou o hïrzg. — Falaremos com os offiziers e, em seguida, vocês deverão se juntar a seus comandos e se aprontar. Veremos se estamos com as peças posicionadas onde precisam estar. Rezemos para Cénzi que este seja o caso.

Ele olhou através do verzehen mais uma vez e viu as figuras borradas dos guerreiros se aproximando. Jan duvidou que quem estivesse no comando dos tehuantinos sentisse a mesma dúvida que ele.

— Vamos detê-los ali — disse o hïrzg — precisamos fazê-lo.

A grande alameda em forma de anel da Avi a'Parete antigamente definia os limites da cidade de Nessântico, com uma muralha fortificada que percorria toda a sua extensão, exceto pela Ilha a'Kralji, adequadamente protegida pelas águas do A'Sele. Nessântico inteira cabia dentro dessa muralha — e essa muralha tinha sido imprescindível durante as guerras infindáveis entre os feudos de Nessântico e os feudos vizinhos.

Agora, a maior parte dessa muralha antiga tinha sumido, as grandes pedras tinham sido enterradas ou reutilizadas nos prédios da cidade, apenas algumas pequenas seções da construção ainda estavam de pé. Nessântico crescera para muito além dos limites da Avi a'Parete, embora bem mais em outras direções que ao sul. Próximo ao lado de fora das ruínas do velho Sutegate da cidade, ainda havia campos abertos e fazendas, e era ali que Allesandra observava o novo corpo de chispeiros treinar. Eles estavam vestindo roupas cotidianas, a maioria parecia ter sido tirada das ruas do Velho Distrito — o que era o caso, na verdade. Talbot se afastou do grupo assim que a kraljica se aproximou. Ele ajudou Allesandra a descer da carruagem, ainda vestido com o uniforme do palácio. Ela olhou para os homens no campo.

— Perdoe a aparência deles, kraljica — disse Talbot ao se dar conta do aspecto dos homens. — Eu só tive dois dias para trabalhar com eles.

— Onde está Varina? Eu pensei que estes instrumentos fossem ideia dela — perguntou Allesandra.

— Ela está resolvendo as coisas com a criança. Depois ela vai para a linha de frente ao norte com o hïrzg, juntamente com a maior parte dos numetodos. Eu pensei que a senhora soubesse. O hïrzg pediu o máximo de feiticeiros disponíveis.

Allesandra assentiu — Varina tinha lhe contado isso ou ela tinha esquecido? Alguém no grupo de chispeiros berrou a ordem para "disparar". O estampido das chispeiras espocou, e uma fumaça branca eclodiu na ponta dos tubos de metal. Do outro lado do campo, alvos de papel presos em fardos de palha se agitaram ao serem atingidos pelas balas de chumbo.

Os cavalos levaram um susto nos tirantes da carruagem e arregalaram os olhos. O condutor puxou as rédeas e gritou seus nomes.

Allesandra notou que ela mesma deu involuntariamente um passo para trás diante da violência do som e quase caiu para trás, dentro da

carruagem.

— A senhora deveria enfiar um pouco de papel nas orelhas, kraljica — sugeriu Talbot. — Esses instrumentos fazem uma algazarra infernal.

— A menos que o nosso inimigo esteja imóvel, parece que um tiro é tudo o que nosso corpo de chispeiros terá antes de os guerreiros estarem em cima deles — comentou Allesandra; todos os chispeiros estavam recarregando suas armas, e o processo parecia tomar um tempo excessivo. — Os tehuantinos estão acostumados com o barulho da areia negra; eles não vão se assustar com isso.

Talbot sorriu.

— Essa foi a minha preocupação, kraljica. Nós fizemos algumas pequenas modificações no projeto original de Varina. A carga de areia negra e balas é pré-fabricada, então não são necessárias medidas no campo. Nós também pensamos que, se estendêssemos um pouco o cano, poderíamos aumentar a distância e a precisão do tiro. E parece que isso deu resultado, embora isso tenha tornado a arma mais pesada e volumosa.

Lá fora no campo, alguns homens trocavam os alvos por novos. Os chispeiros ainda estavam recarregando suas armas.

— Preciso ou não, ainda é um só tiro. Se tudo o que eu tivesse fosse um único golpe de espada enquanto o inimigo podia atacar livremente, então a batalha acabaria rapidamente. Não faria diferença se eu tivesse a arma mais afiada.

— De fato — concordou Talbot. — Por isso eu pensei um pouco sobre a tática. Deixe-me demonstrar... Cartier, forme um esquadrão com fileiras de quatro.

Um dos homens fez uma leve mesura para eles e berrou mais ordens. Doze homens formaram três fileiras espaçadas com quatro homens, organizadas por Cartier. Talbot deu um passo na direção delas.

— Primeira fileira, ajoelhar! — gritou ele. — Primeira fileira, atirar!

Quatro chispeiras foram disparadas, e os estampidos ecoaram no campo. Os homens da primeira fileira se levantaram, cada um deu um passo para a esquerda e voltou para a retaguarda. Eles começaram a recarregar as armas.

— Segunda fileira, ajoelhar! — berrou Talbot. — Segunda fileira, atirar!

Novamente, soaram os estampidos e a fumaça branca foi levada pelo vento. Os homens se levantaram e foram para trás da primeira fileira.

— Terceira fileira, ajoelhar! — gritou ele. — Terceira fileira, atirar!

Outra série de trovões, e a terceira fileira recuou. A primeira fileira já tinha recarregado suas armas a esta altura.

— Primeira fileira, ajoelhar! Primeira fileira, atirar!

Outra saraivada, e Talbot sorriu para Allesandra.

— Alto! — berrou ele para os chispeiros, e se virou para Allesandra. — Kraljica?

Os flancos dos cavalos tremiam e puxavam as rédeas ansiosamente, e o condutor fazia um grande esforço para evitar que os animais saíssem correndo. Os ouvidos de Allesandra zumbiam com o barulho das armas.

— Isso foi impressionante, Talbot — disse a kraljica, e o sorriso dele aumentou.

— Um esquadrão com três fileiras pode disparar três saraivadas em alguns segundos e continuar atirando até acabarem as cargas de areia negra, apesar de, após vários tiros, as chispeiras ficarem quentes demais para dispararem com segurança.

— Mas uma coisa é ficar ali com nada além de fardos de palha para encarar, outra é ver o inimigo avançando com a intenção de matá-lo — continuou Allesandra. — Esses homens não são soldados, Talbot. Não são chevarittai. Sequer são numetodos. Eles parecem padeiros e doceiros, açougueiros e boticários.

— Sim, a maioria deles é composta por civis — admitiu Talbot. — Eu *não* sei como eles reagirão quando o momento chegar. Mas a eficácia... As armas de areia negra que usamos antes exigiam grandes quantidades de material, e não eram precisas: a explosão poderia matar várias pessoas ou ninguém, ou poderia matar os próprios aliados se a pessoa não tomasse cuidado. Os feitiços têm um alto custo em tempo e exaustão, e exigem anos de treinamento antes que se consiga usá-los bem. Usar uma espada ou lança eficazmente também exige semanas ou meses de treinamento. Estas...

Ele gesticulou para o campo e concluiu.

— As chispeiras de varina usam pouquíssima areia negra, são precisas como um feitiço e exigem apenas uma virada ou duas de treinamento para serem usadas. Elas mudam toda a equação.

— É disso que tenho medo — interrompeu Allesandra. — O poder que você deu à ralé destreinada...

— Infelizmente, a ralé é praticamente tudo que temos entre nós e os tehuantinos no momento, kraljica, a não ser que a senhora ache que a Garde Brezno pode fazer o impossível.

A kraljica franziu a testa e respondeu.

— Eu sei. Mesmo assim, alguma coisa nessa equação... — Ela deu um tapinha no ombro de Talbot. — Desculpe, Talbot. Eu só estou preocupada com o que isso pode significar no futuro: para os Domínios, para a fé concénziana, para a nossa sociedade.

Allesandra franziu os lábios e interrompeu o pensamento.

— Você fez um belo trabalho — disse ela. — Tudo que pedimos e mais. Só espero que isso funcione quando o momento chegar... e terá que funcionar.

A kraljica se empertigou e subiu no degrau da carruagem.

— Continue com o trabalho. Enquanto isso, eu preciso falar com Sergei e verificar a Garde Brezno.

Talbot fez uma mesura; ela entrou completamente na carruagem e gesticulou para o condutor. Ele estalou as rédeas no lombo dos cavalos, e com um ruído das rodas, a carruagem partiu aos solavancos.

Seus pés doíam e suas costas latejavam a cada passo. Os tehuantinos tinham passado por três vilarejos até o momento, enquanto marchavam, desertos — Tototl permitiu que os guerreiros procurassem comida e suprimentos, depois ordenou que as casas fossem queimadas. A fumaça ainda manchava o céu atrás deles.

Niente não queria nada além de se deitar e deixar que os guerreiros e nahualli o abandonassem na terra. Ficou agradecido quando Tototl mandou interromper a marcha acelerada. Ele desmoronou na grama ao lado da estrada e aceitou o pão, o queijo e a água que tinham sido oferecidos por um nahualli, sorvendo o frescor agradável. Niente viu uma sombra crescer e se aproximar dele. Tototl o observava.

— Eu vou lhe arranjar um cavalo, uchben nahual.

— Eu ficarei bem em um instante, guerreiro supremo.

— Eu vou lhe arranjar um cavalo — Tototl repetiu. — Eu preciso que o uchben nahual esteja pronto quando começarmos o ataque hoje à noite.

Niente raramente falava com Tototl, uma vez que os guerreiros supremos, com a exceção do tecuhtli com o nahual, raramente interagiam com os nahualli. Ele percebeu que estava olhando para o rosto pintado do homem se perguntando no que o guerreiro estaria pensando.

— Estamos assim tão próximos então?

— Veremos o topo das casas quando cruzarmos a próxima elevação. Os batedores me disseram que há tropas se aprontando para nos enfrentar. A batalha começará muito em breve agora.

Por alguns instantes, Tototl ficou em silêncio, e Niente ficou satisfeito

em poder se sentar na margem de grama da estrada. A brisa tinha o cheiro da fragrância desta terra. Então Tototl se mexeu.

— O que você viu quando olhou na tigela premonitória, uchben nahual? Eu o observei, observei seu rosto, e não acredito que tenha dito tudo para o tecuhtli Citlali.

— Eu disse a verdade — insistiu Niente. — O nahual Atl viu a mesma coisa.

A boca de Tototl se contorceu sob a pintura da tatuagem que adornava seu rosto.

— Seu filho não é você, uchben nahual. Ele pode vir a ser um dia, mas ainda não é. Você está omitindo alguma coisa, alguma coisa que lhe assustou. Eu vi no seu rosto, Niente. Quero saber: você nos viu derrotados?

Niente balançou a cabeça. *Eu vi a nossa vitória aqui e seu preço terrível. Vi que isso poderia ser evitado e que esse futuro era confuso e emaranhado demais para ser previsto.*

— Não — respondeu ele.

— Eu não tenho medo de morrer. — Tototl estava olhando ao norte na estrada, como se já pudesse ver a cidade. — Morrer em batalha é um fim que todo guerreiro supremo busca. Não é o medo de morrer; estou com medo do preço que isso cobrará dos tehuantinos.

Tototl olhou novamente para Niente, e uma esperança brotou dentro dele, uma esperança de que o guerreiro pudesse entender o que Citlali não entendia.

— É disso que você também tem medo, uchben nahual?

A garganta de Niente pareceu se fechar com o olhar fixo de Tototl. Ele concordou em silêncio.

— Então você viu alguma coisa.

Dessa vez Tototl falou com convicção. Niente balançou a cabeça.

— Eu não sei — respondeu ele. — Eu vi muitos caminhos, guerreiro supremo. Vários, e todos eles incertos. Mas...

Niente respirou profunda e lentamente. *Será que você pode confiar neste homem? Será que isso é uma armadilha preparada por ele, talvez até mesmo por Citlali e Atl?*

— Deixe-me perguntar uma coisa: se você matasse um guerreiro em um desafio, poderia alegar que conquistou uma vitória. Mas se, ao matar esse guerreiro, você, por sua vez, enfurecesse tanto o filho dele que, quando *este* se tornasse um guerreiro e trouxesse um exército destruindo tudo o que você construiu, destruindo completamente tudo o que você

ama, sem possibilidade de recuperação? Essa vitória inicial valeria a pena?

— Isso dependeria — respondeu Tototl —, se você pudesse dizer, sem dúvida, que o filho faria tudo isso.

Niente balançou a cabeça.

— O futuro nunca está completamente garantido. Mesmo o que acontecerá daqui a um instante pode ser mudado se Axat quiser. Mas, se eu dissesse que este era o resultado provável? Você conteria o golpe da espada?

— Se esse golpe da espada me custasse a própria vida talvez não — disse Tototl. — Nenhum guerreiro quer oferecer sua vida de graça para o inimigo. Eu acho que a mesma coisa valeria para um nahualli.

— Eu diria o mesmo no seu lugar — falou Niente.

Tototl inclinou a cabeça ligeiramente. Ele resmungou alguma coisa que pareceu ter sido um assentimento.

— Já que você diz que o futuro é sempre incerto, *você* apoiaria um guerreiro supremo plenamente, uchben nahual, mesmo que pensasse que esse seria o caminho errado?

— Esse é o dever de um nahualli — respondeu Niente.

Um rápido sorriso se formou no rosto de Tototl, e Niente percebeu que o guerreiro entendeu que ele não tinha respondido completamente à pergunta.

— Eu vou lhe arranjar um cavalo, uchben nahual — disse Tototl.

— Ela estava com ele? Você tem *certeza* de que era ela?

Sergei concordou com a cabeça.

— Era Rochelle, hïrzgin. Então ao menos essa parte da história que ela me contou parece ser verdade. Rochelle foi criada como irmã de Nico pela Pedra Branca. Se ela sabe ou não se ele é de fato seu irmão...? — Sergei ergueu um ombro cansado. — Eu não tenho certeza de que Rochelle entende isso.

Ele e Brie estavam montados em seus cavalo, olhando para os campos em volta da Avi a'Sutegate onde a Garde Kralji estava acampada. Sergei sabia que havia poucos homens — dados os relatórios que os batedores tinham informado sobre o tamanho das forças ocidentais que avançavam na direção deles. Embora os offiziers tivessem ensaiado manobras com os gardai, suas tropas pareciam morosas e confusas. Elas não tinham sido treinadas para isso: combate aberto em grande escalada contra outra força organizada e treinada. Isso tinha sido demonstrado na disputa do Velho Templo, quando até mesmo os igualmente destreinados morellis

foram capazes de contê-los por um tempo considerável. A Garde Kralji era uma guarda pessoal e unidade policial, não um batalhão do exército.

A batalha não será vencida aqui, Sergei pensou consigo mesmo. *Será vencida do outro lado do rio A'Sele, com o hïrzg e a Garde Civile. Só temos que nos defender aqui, detê-los por tempo suficiente para que a Garde Civile retorne e nos salve.*

O embaixador estava bastante certo de que eles precisariam desse resgate e não tinha muitas esperanças de que o socorro viria.

— Eles parecem muito atrapalhados e lentos, e eu não estou nada impressionada com os offiziers — disse Brie ao lado de Sergei, como se tivesse ouvido os pensamentos do embaixador.

Ela estava vestida com uma armadura completa sobre uma tashta acolchoada e carregava uma espada na lateral, embora o elmo ainda estivesse amarrado à sela. Seu cabelo estava preso em uma trança que lhe caía pelas costas. A hïrzgin parecia estar completamente à vontade no traje marcial — assim como, pensou Sergei, Allesandra parecia quando comandava as tropas em campanha. Era uma pena, pensou o embaixador, que ambas não tivessem se conhecido há tanto tempo. O filho de Allesandra se casara com alguém muito parecida com sua matarh, consciente ou inconscientemente.

— Eu queria ter trazido a Garde Brezno também. A Garde Kralji vai precisar de uma liderança forte em campo ou vão debandar assim que o combate se torne difícil.

— Realmente — respondeu Sergei. — A kraljica e a hïrzgin estarão no comando. O comandante co'Ingres, infelizmente, ainda sofre com os ferimentos, e o a'offizier ci'Santiago é, bem, digamos apenas que ele é inexperiente.

— Onde *está* a kraljica?

— A caminho, eu espero. Ela deve estar chegando a qualquer momento agora.

Brie assentiu, emitindo um ruído. Sergei viu a hïrzgin se debruçar na sela e ouvir o couro ranger. Ela olhava para o sul.

— Aquele é outro de nossos batedores? Ele está cavalgando rápido...

Brie apontou, e o embaixador viu uma nuvem de poeira ao longe, na Avi. Ele já não enxergava, e não pôde distinguir o cavaleiro ou as cores de seu uniforme.

— Pode ser — respondeu Sergei. — Seja quem for, está vindo rápido. Deve estar trazendo notícias.

Os dois estalaram as rédeas dos cavalos e desceram a meio galope até a

estrada para encontrar o cavaleiro. O a'offizier ci'Santiago se juntou a eles quando o cavaleiro se aproximou galopando na montaria agitada. O cavaleiro prestou continência para eles.

— Os ocidentais — disse o homem, ofegante. — Não muito longe, na estrada... Mil ou mais... Todos na estrada.

Ele parou e recuperou o fôlego.

— Algumas viradas da ampulheta e os ocidentais estarão aqui — disse o cavaleiro. — Estão vindo em marcha acelerada e têm vários feiticeiros com eles, e também peças de máquinas de fazendas. Precisamos estar prontos.

Ci'Santiago assentiu, mas não teve reação. Sergei suspirou.

— Precisamos chamar Talbot e os chispeiros; a'offizier, talvez o senhor possa dar um cavalo novo para este homem e mandar que ele passe a mensagem adiante. Hïrzgin...

— Eu assumirei o comando de campo das tropas até a kraljica chegar — disse Brie. — Embaixador, você e o comandante co'Ingres podem cuidar da estratégia principal aqui nas tendas de comando.

Sergei notou que a hïrzgin já olhava para a paisagem e decidia onde colocar as tropas para melhor proveito.

— Vou precisar de sinalizadores, corneteiros e mensageiros, e quero falar com os offiziers. A'offizier ci'Santiago, preciso que você cuide disso imediatamente. O que você está esperando? Não há tempo, homem. Ande!

Ci'Santiago olhava boquiaberto para Brie, um instante depois, ele fechou a boca e prestou continência enquanto Sergei prendia o riso. O homem virou o cavalo e foi embora a galope, seguido pelo batedor. A hïrzgin olhava para o sul, com a boca franzida. Sergei pensou ter visto fumaça surgindo no horizonte.

— Eu acho que a senhora assustou o pobre homem — disse o embaixador, e Brie soltou uma gargalhada. — A esta altura ele provavelmente já deve estar reclamando da mulher demoníaca de Firenzcia.

— Se sobrevivermos a isso, eu ficarei satisfeita em ser a demoníaca. Você acha que sobreviveremos, embaixador?

— Eu estaria aqui se não achasse? — respondeu Sergei, torcendo para que ela não percebesse a mentira.

Nico ouviu a tranca dos portões da casa ser aberta levemente por Rochelle; ela sorriu para o irmão enquanto guardava as peças finas de

metal dentro do embrulho.

— Fácil — disse Rochelle ao empurrar os portões para abri-los.

Nico entrou de mansinho na frente dela, mas sentiu Rochelle colocar a mão em seu ombro quase que imediatamente. Sob o capuz que ocultava seu rosto, ele olhou para a irmã; o manto pesado escondia o robe verde.

— Tem algo errado aqui — alertou Rochelle.

— O que você quer dizer?

— Escute — respondeu ela.

A rua do lado de fora dos portões estava lotada de gente saindo da cidade. Eles ouviram as vozes: os berros, as discussões, os gritos de crianças pequenas demais para compreender o pânico dos pais e parentes. Ela ouviu o estalo e os rangidos de carroças, os pés sendo arrastados no pavimento, os apitos dos utilinos que tentavam em vão direcionar o trânsito e impedir os confrontos inevitáveis.

— Tem todo esse barulho lá fora — disse Rochelle. — Mas aqui dentro... os funcionários deveriam estar correndo, preparando as coisas para sei lá o que, mas não se ouve *nada*. As persianas das janelas estão todas fechadas e provavelmente trancadas, e eu não ouço nada. Está silencioso demais aqui.

— O que você quer dizer?

Nico sussurrava. Ele já sabia a resposta, e sentiu o desespero se alojar em seu estômago.

— Eu acho que ela não está aqui, Nico. Acho que já foi embora. Lamento.

Irritado, Nico empurrou Rochelle e caminhou a passos largos em direção à porta da frente da casa de Varina. Estava trancada, em vez de esperar pela irmã, ele deu um chute forte e a madeira em volta da tranca rachou. Nico deu mais um chute e a porta se abriu.

— Sutil — disse Rochelle atrás dele.

Nico a ignorou e deu um passo na entrada de mármore. Agora ele sabia que Rochelle estava certa; os criados teriam vindo correndo, prontos provavelmente para defender a casa, mas não havia ninguém visível.

— Varina? — chamou Nico.

Ele pensou ter visto um gato cruzar o corredor a sua frente. Exceto pelo gato, não houve resposta. Nico ouviu Rochelle entrar na casa atrás dele e percebeu que ela empunhava uma faca, com a lâmina exposta.

— Não vamos precisar disso — falou Nico.

— Provavelmente, não. Mas me faz sentir melhor.

Ele deu de ombros. Nico andou devagar pelo corredor e espiou as salas

de visitas em ambos os lados. A mobília ali estava coberta por lençóis; o gato olhou fixamente para ele de cima de uma poltrona coberta, depois voltou a lamber as patas dianteiras. Nico continuou a percorrer a casa: o solário, a biblioteca, as cozinhas — todos estavam igualmente vazios, não parecia que Varina esperava retornar em breve. Ele ouviu o chamado de Rochelle do segundo andar e seguiu o som da voz dela. Ela havia tinha embainhado a faca e estava parada na porta do que só poderia ser o berçário. A mobília ali também estava coberta. Rochelle abriu as gavetas da cômoda em uma parede.

— Vazias — disse ela. — Eu disse: Serafina não está aqui, Nico. Os numetodos a levaram para outro lugar.

Nico balançou a cabeça.

— Varina ainda está na cidade. Eu posso *sentir*.

Rochelle ergueu uma sobrancelha.

— Bom, se está, não está aqui, e o bebê também não.

— Ela despachou Sera — falou Nico.

— Isso eu inferi. Então, será que Cénzi pode lhe dizer para onde?

Ele fez uma careta para Rochelle, ele ia alertá-la sobre a blasfêmia em seus lábios, mas se conteve. Ela pareceu notar também e ergueu a mão.

— Muito bem, então você não sabe. O que nós sabemos para valer? — perguntou Rochelle, mas Nico só conseguiu balançar a cabeça.

— Eu não sei.

Após o confronto com Sergei, ele esperava pegar Sera, sair da cidade com a filha e a irmã e encontrar um lugar para pensar e rezar: para saber o que Cénzi queria dele, para saber como amenizar a culpa e a dor que carregava... Nico esperava — e rezava — que Cénzi lhe desse sua filha, mas parecia que Cénzi ainda tinha planos para ele. Nico olhou para cima.

— Cénzi, o que o Senhor está tentando me dizer?

Ele prestou atenção aos sussurros em sua cabeça e coração, seu rosto ficou sério.

— Acho que chegou o momento de nos separarmos por um tempo — Nico disse para Rochelle.

A Fúria da Tempestade

O sol estava se pondo a oeste no fim da tarde, mas onde antes havia um céu claro, agora uma tempestade se anunciava do outro lado do rio

Infante. Uma massa de relâmpagos e trovões se exibia alto no céu, embora houvesse nuvens espreitando perto do solo, de maneira inacreditável. O exército dos tehuantinos estava envolvido por suas sombras, e a tempestade caminhava a passos irregulares com seus raios inconstantes.

As nuvens negras e turbulentas estavam se espalhando ao sul e seguindo a linha de frente estabelecida pelos tehuantinos. O cavalo de Jan se agitou embaixo dele e bufou quando o trovão baixo rosnou como uma grande fera. Havia um odor intenso no ar que fez Jan franzir as narinas.

— Tempestade de guerra — murmurou um chevarittai ao lado de Jan. — Que covardes... eles nem ao menos nos darão a oportunidade de lutar corpo a corpo honrosamente primeiro.

Jan concordou — ele já tinha ouvido falar das tempestades de guerra dos tehuantinos, invocadas pelos feiticeiros: um feitiço cooperativo. Os ocidentais usaram as tempestades de guerra com grande efetividade da última vez que estiveram aqui, assim como durante as batalhas com os Domínios nos Hellins, mas Jan nunca tinha visto uma. Ele duvidava que fosse gostar da experiência em primeira mão.

— Alertem os ténis-guerreiros — ordenou o hïrzg dando um tapinha no pescoço do cavalo para acalmá-lo. — Vamos precisar deles. O ataque está começando.

Jan, seguido por várias companhias de tropas e chevarittai firenzcianos, estava a oeste do rio Infante, logo abaixo da vila de Certendi. A ponte sobre o rio estava às suas costas. Ao leste do rio, ele podia ver as barricadas que tinham sido construídas; o hïrzg tinha pouca esperança de que eles conseguissem dominar a margem oeste por muito tempo. O starkkapitän ca'Damont estava mais perto do leito do rio, com o restante do exército firenzciano; e o comandante ca'Talin, junto à Garde Civile dos Domínios, estava ao extremo sul da linha de frente, perto do ponto onde o Infante se reunia ao A'Sele.

— Diga aos seus homens que eles precisam resistir — disse Jan para os chevarittai.

Ele puxou as rédeas do cavalo e galopou colina abaixo através das fileiras de infantaria e arqueiros.

— Resistam! — Jan disse para todos eles. — Nós precisamos resistir aqui.

À medida que a tempestade de guerra avançava e o rugido da grande nuvem ficava mais alto e sombrio, os ténis-guerreiros avançavam. Jan gesticulou para os robes verdes.

— É aqui que vocês começam a receber seu perdão. Aquela tempestade tem que ceder.

A tempestade se aproximava a cada instante. O ar tinha cheiro de raios, mas não de chuva. À frente das tropas, no que tinha sido um campo com plantação de trigo e grãos, o hïrzg tinha mandado construir armadilhas para os guerreiros tehuantinos: espetos afiados de ferro fincados no chão, buracos encobertos com os fundos cheios de estacas de madeira, pacotes de areia negra que Varina e os numetodos tinham encantado para que explodissem quando alguém pisasse perto deles. A tempestade marchava pelo campo, mas não ainda os guerreiros ocidentais. Os raios rasgavam o solo, arrancavam os espetos e expunham os buracos, jogando terra para todos os lados e fazendo os pacotes de areia negra explodirem inofensivamente.

Jan praguejou para os ténis-guerreiros.

— Agora! — berrou ele. — Agora!

Os ténis-guerreiros começaram a entoar seus cânticos e disparar a energia do Ilmodo na direção da falsa tempestade. A cada feitiço lançado, a tempestade começava a se desmanchar, e mais abaixo, eles puderam ver os guerreiros tehuantinos escondidos, marchando gradualmente em sua direção.

— Arqueiros! — gritou Jan.

Atrás dele, as cordas dos arcos rangeram ao serem tensionadas, uma leve saraivada de flechas desenhou um arco no alto, caindo como uma chuva sobre os ocidentais. Eles ergueram seus escudos imediatamente. Jan viu vários guerreiros caírem, apesar da proteção, ainda que, sempre que um caía, outro tomava seu lugar. Ao sul, a tempestade se assomava sobre as fileiras dos Domínios, e o hïrzg ouviu gritos de dor e susto quando seus raios atacaram os soldados de lá. Mas a tempestade já começava a se desmanchar — o poder que a mantinha fora gasto. Agora Jan ouviu os berros guturais dos feiticeiros ocidentais; bolas de fogo guincharam como moitidis furiosos na direção deles. Os ténis-guerreiros entoaram os contrafeitiços; o hïrzg viu várias bolas de fogo explodirem inofensivamente no ar, mas outras passaram e colidiram contra as fileiras, cuspindo sua terrível destruição flamejante e abrindo brechas na linha de frente. O cavalo de Jan empinou, aterrorizado.

— Avancem as fileiras! Tapem as brechas! — berrou o hïrzg enquanto tentava acalmar seu cavalo.

Os offiziers gritaram instruções; as bandeirolas de sinalização foram sacudidas.

Então, com um grande grito, os guerreiros avançaram, havia pouco tempo para se pensar em qualquer coisa. Jan desembainhou a espada e esporeou o cavalo para seguir em frente. Os chevarittai soltaram um berro de fúria e seguiram o hïrzg, os gardai da infantaria avançaram como uma onda preta e prateada para encarar os ocidentais.

Eles colidiram em um turbilhão de espadas, lanças e piques.

Jan tinha lutado contra as legiões de Tennshah. Esses ocidentais eram igualmente ferozes enquanto guerreiros, mas bem mais disciplinados. O hïrzg ouviu os offiziers dos tehuantinos berrarem ordens expressas na língua deles, e os feiticeiros estavam entre eles, brandindo seus cajados estalando e brilhando com os feitiços. Dessa parte Jan se lembrava. Ele golpeou um mar de rostos marrons pintados de vermelho e preto com sua espada, e sempre que derrubava um, outro guerreiro surgia para tomar seu lugar. Eles estavam sendo repelidos aos poucos, e, mesmo assim, os ocidentais continuavam surgindo. Jan percebeu que eles não resistiriam deste lado do rio — se fossem repelidos tão próximo ao rio, não haveria uma retirada organizada; eles seriam massacrados.

— Recuar! — berrou o hïrzg. — Para a ponte! Para a ponte!

Os offiziers atenderam ao grito; os porta-estandartes sacudiram as bandeirolas de sinalização, as cornetas tocaram o sinal. As tropas firenzcianas, disciplinadas e precisas como sempre, cederam terreno, como tinham sido treinadas, a contragosto, permitindo que os arqueiros e ténis-guerreiros cobrissem a retirada e carregassem os feridos, sempre que possível.

Os mortos, eles deixaram.

Ali, havia duas pontes que cruzavam o Infante, com oitocentos metros de distância uma da outra. A ponte norte, que corria pela Avi a'Nostrosei, já tinha sido destruída. A ponte da Avi a'Certendi ainda estava em pé. O Infante podia ser cruzado, mas não seria fácil, pois a correnteza era rápida e havia poças profundas que apenas os locais conheciam. Os arqueiros e ténis-guerreiros foram os primeiros a passar pela ponte enquanto a infantaria e os chevarittai continham os ocidentais, sob as ordens dos offiziers para correr em direção às barricadas que tinham sido erguidas do outro lado. Jan permaneceu com os homens, sua armadura estava manchada de sangue e amassada, o aço cinzento da sua espada firenzciana estava sujo de sangue seco, até que a ponte estivesse liberada e os arqueiros tivessem entrado novamente em formação do outro lado.

— Fujam! — ele gritou, finalmente, quando ouviu as trompas do outro lado do Infante.

Eles correram em direção à ponte. Jan se virou ali novamente e conteve os guerreiros que o perseguiam, urrando. O chão em torno dele e dos chevarittai estava coberto de corpos. Um feiticeiro brandiu seu cajado, e o chevaritt ao lado do hïrzg caiu, emitindo um berro e emanando cheiro de enxofre, mas o feiticeiro foi abatido no momento seguinte. A maior parte da infantaria estava do outro lado.

— Cruzem a ponte! — gritou Jan. — Chevarittai, cruzem!

Eles viraram seus cavalos e fugiram. Os cascos dos cavalos de guerra bateram nas tábuas da ponte, e o hïrzg gesticulou para os ténis-guerreiros que esperavam do outro lado. Os tehuantinos os perseguiram, estavam perto demais. Os guerreiros já estavam na extremidade oeste da ponte.

— Agora! — berrou Jan ao chegar à terra firme do outro lado. — Derrubem a ponte!

— Hïrzg, não antes de estarmos atrás das barricadas — disse alguém.

Jan ficou de pé nos estribos, furioso, e rugiu.

— Derrubem a ponte *agora*!

Os ténis-guerreiros entoaram os cânticos e o fogo começou a subir pelas vigas de madeira. As chamas lamberam o papel que embrulhava a areia negra amarrada ali.

A explosão atirou pedaços da ponte para o alto, pedaços enormes de vigas se contorceram, os tijolos e pedras das pilastras cortaram o ar. Os guerreiros e gardai foram igualmente golpeados. Um dos tijolos bateu em Jan, e o impacto o derrubou do cavalo. Ele ouviu o cavalo relinchar também, um som horrível. Ao cair, o hïrzg viu o centro da ponte entrar em colapso e cair no Infante devolvendo um imenso espirro d'água, levando uma massa de guerreiros ocidentais com ela.

Então Jan caiu no chão. Por um momento, tudo ficou preto a sua volta. Quando recuperou a consciência, ele viu rostos e mãos sobre si.

— Hïrzg, o senhor está ferido?

Jan permitiu que o ajudassem a levantar. Seu peito doía como se o cavalo tivesse caído sobre ele, e a armadura onde o tijolo o tinha atingido estava amassada. Seu peito ardia a cada inspiração; ele teve que respirar aos poucos enquanto se livrava das mãos sobre si. O cavalo se debatia no chão, com uma tábua enterrada em seu flanco.

A ponte tinha sido destruída. O sol já tinha se posto ao nível das árvores e projetava longas sombras sobre o campo de batalha. Os ocidentais tinham recuado para o limite da água para sair do alcance das flechas. Jan mancou até o cavalo. Uma das patas dianteiras do garanhão

estava quebrada, e sangue espirrava do longo ferimento em seu flanco.

— Minha espada? — pediu ele, e alguém lhe entregou a arma.

O hïrzg se ajoelhou ao lado do cavalo e acariciou seu pescoço.

— Descanse — falou Jan. — Você serviu bem.

Com um gemido de dor, ele ergueu a espada e golpeou com força, abrindo um corte profundo no pescoço do animal. O cavalo tentou se levantar uma última vez, depois ficou imóvel. O mundo parecia dançar em volta de Jan, sua visão periférica se escureceu novamente. Ele se forçou a ficar de pé, apoiado na espada.

— Formem as fileiras atrás das barricadas — disse o hïrzg para quem estava ao redor. — Cuidem dos feridos e organizem as vigias. Mandem os a'offiziers virem até mim e avisem o starkkapitän e o comandante sobre o que...

Aconteceu aqui...

As palavras estavam em sua mente, mas não pareciam sair. A escuridão tomou conta dele demais, apesar do sol ainda estar visível no céu.

Ele se sentiu cair.

Não havia nahualli suficiente com Niente para criar uma tempestade de guerra. À frente deles, sob a luz dourada do fim de tarde, os tehuantinos viram as tropas orientais dispostas nas encostas dos morros, em ambos os lados da estrada. O número de guerreiros parecia ser muito maior que a quantidade de orientais, a menos que eles tivessem tropas reserva escondidas do outro lado da encosta.

Tototl bufou desdenhosamente.

— Isso é tudo que eles têm contra nós? — comentou ele, e os guerreiros próximos riram. — Uchben nahual, chegou o momento de fazer o que conversamos.

Niente assentiu para Tototl, virou o cavalo e cavalgou de volta ao abrigo dos nahualli entre os guerreiros. Ele mandou que os nahualli enchessem seus cajados mágicos como de costume na noite anterior, para que pudessem realizar o feitiço quando fosse necessário e ainda estarem descansados para a batalha. Eles não podiam criar a tempestade de guerra, mas *podiam* criar uma nuvem grande o suficiente para encobri-los. Foi o que fizeram agora: o cântico em massa reuniu o poder do X'in Ka, a energia se condensou no ar e se tornou visível. Filetes de nuvem começaram a flutuar em frente aos guerreiros, da estrada até quase às margens do rio, uma bruma espessa se formou e adensou, uma muralha formada pelos nahualli para que os orientais não pudessem mais vê-los.

Essa muralha não acompanharia as tropas, nem geraria os raios da tempestade de guerra. Niente gesticulou quando não conseguiu mais ver as tropas orientais à frente deles, nem os morros onde elas estavam, e os nahualli interromperam o cântico.

Niente cambaleou, como se tivesse corrido até o rio e voltado: o preço do cântico e da canalização de energia, mas ele se forçou a se manter de pé, embora muitos jovens nahualli tivessem desmoronado, ofegantes. Usar o X'in Ka desta forma — para criar um feitiço sem se dar tempo de recuperar o esforço — tinha um preço alto; Niente não compreendia por que os feiticeiros orientais geralmente faziam magia dessa forma, em vez de estocar os feitiços para serem lançados mais tarde.

— Levantem-se — falou ele. — Peguem os cajados mágicos. Ainda há uma batalha a ser travada.

Com a muralha de bruma impedindo a visão das tropas orientais, Tototl berrou ordens, gesticulou para os guerreiros de menor escalão e os guerreiros supremos responsáveis por eles. Duas companhias seguiram para a esquerda, em direção ao rio — elas contornariam os orientais que avançariam contra os inimigos em sua retaguarda e nas laterais. Tototl esperou até o braço do flanco se afastar e Niente cavalgar até ele.

— Se isto é tudo o que está entre nós e a cidade, nós chegaremos lá esta noite, uchben nahual — falou o guerreiro supremo. — Parece que seu filho enxergou bem: nos mandar cruzar o rio é o caminho para a vitória. Eles não estavam preparados para isso. Nós avançaremos até a cidade e surgiremos contra o restante do exército oriental pela retaguarda, enquanto Citlali e o nahual Atl atacam pela vanguarda. Eles serão esmagados por nós como uma noz com casca entre pedras.

O comentário só fez Niente fechar a cara. Ele tentou usar a tigela premonitória na noite anterior: tudo estava confuso, e os poderes se mexiam do lado dos orientais, de maneira que não foi possível ver claramente, e o Longo Caminho lhe escapou completamente. Tototl pareceu achar graça na irritação de Niente; ele riu.

— Não se preocupe, uchben nahual — falou o guerreiro supremo. — Eu ainda tenho fé em você. Seu cajado mágico está cheio?

Niente levantou o cajado de madeira de lei de ébano que ele tinha entalhado com tanto cuidado há décadas com seus símbolos de poder. Com os anos, suas mãos poliram o punho nodoso e o centro do cajado, deixando um acabamento acetinado e reluzente. O objeto parecia fazer parte dele; Niente sentia a energia em seu interior, esperando para pronunciar os gatilhos para provocar fúria e morte. No entanto, mesmo

mostrando o cajado para Tototl, e enquanto os guerreiros e nahualli ao redor gritavam em afirmação, Niente sentiu pouca coisa além de desespero.

Não havia vida nesta vitória, se é que seria uma vitória. Nenhuma alegria. Não se ela levasse para o lugar que ele vislumbrara uma vez.

Tototl desembainhou a espada e a ergueu, juntamente com o cajado de Niente, e os gritos redobraram.

— É o momento de sangue! — declarou o guerreiro supremo. — É o momento de morte ou glória!

Ele apontou para a margem da nuvem com a espada.

— Por Sakal! — rugiu Tototl.

Os tehuantinos berraram com ele ao avançarem. Niente foi levado pela onda, mas estava calado.

Eles entraram no vazio frio e cinzento da nuvem e saíram para o sol, o calor e a batalha.

Brie havia posicionado as tropas nas duas encostas de morro que flanqueavam a estrada, com apenas uma única companhia na estrada em si, e arqueiros em posição de ambos os lados — eles ao menos teriam a vantagem da altura do terreno para começar esta batalha. Os ocidentais teriam que avançar morro acima se quisessem enfrentá-los.

Se tivessem chevarittai, eles poderiam descer a toda velocidade, como uma gigantesca lança sendo enfiada em meio aos ocidentais. Mas eles não tinham chevarittai, e tinham poucos arqueiros, apenas três numetodos — de quem Brie desconfiava ligeiramente, pois não havia numetodos em Firenzcia; pelo menos nenhum que se revelasse abertamente — e nenhum téni-guerreiro.

Allesandra tinha chegado há uma virada, ela vestiu sua armadura, e Brie cedeu o comando de campo para ela, como era apropriado, uma vez que a Garde Kralji era da kraljica.

— Vejo que você teve uma bela educação — disse Allesandra. — Eu não esperava menos de você.

Brie e a kraljica, juntamente com Sergei e o comandante co'Ingres, observavam a aproximação das tropas ocidentais, sob o estandarte de cobra com asas. A hïrzgin ficou séria ao ver o tamanho assustador da força inimiga; ficou ainda mais preocupada quando viu os feiticeiros — a salvo, fora do alcance dos arqueiros deles — colocarem uma muralha de bruma entre eles para mascarar a formação.

Brie não conseguiu conter um arrepio diante da cena.

— Kraljica, embaixador, existe algum terreno melhor e mais defensável entre o Sutegate e aqui? Talvez devêssemos tentar incomodá-los em vez de detê-los. Podemos mandar grupos menores contra os flancos, criar uma muralha defensiva na cidade...

Allesandra lançou um olhar para Sergei e co'Ingres, e nenhum dos dois falou.

— É tarde demais para isso, hïrzgin — respondeu a kraljica. — Nós temos que resistir aqui, precisamos detê-los o máximo de tempo possível, e temos que fazê-los pagar por cada passo de terreno que eles tomam.

Brie cerrou as mãos em volta das rédeas do cavalo de guerra.

— Então eu estarei ao seu lado, kraljica, na vanguarda.

— Não. — Allesandra balançou a cabeça. — Esse lugar e responsabilidade são meus, Jan jamais me perdoaria se você fosse ferida. Eu quero que você assuma o flanco do rio com os chispeiros de Talbot. Eles precisarão de uma coragem inabalável e de um comandante firme para guiá-los. Talbot pode ficar com você, mas eu preciso dos outros numetodos aqui; temos poucos, uma vez que a maioria seguiu com o comandante ca'Talin.

Brie queria discutir — em sua cabeça, a Garde Kralji também precisava de uma liderança forte ou debandaria, mas ela assentiu, a contragosto.

— Como queira, kraljica...

Relutante, ela cavalgou em direção ao oeste na estrada e subiu o morro, passando pela Garde Kralji — que olhou para a hïrzgin com preocupação — até a retaguarda, onde os chispeiros tinham sido posicionados. Brie balançou a cabeça ao vê-los, vestidos com o que quer que tivessem no corpo. Os chispeiros não vestiam nenhuma armadura, exceto por alguns, que usavam pedaços de couraça de metal enferrujado e cota de malha rasgada e mal ajustada. A não ser pelos estranhos apetrechos que cada um portava, eles estavam armados apenas com espadas antigas, instrumentos de fazenda e cutelos. Os chispeiros pareciam mais uma turba do que uma força de combate — uma turba que um simples esquadrão da Garde Brezno teria sido capaz de afugentar, fazendo-os correr aos berros.

Brie repassou as ordens da kraljica a Talbot; o homem parecia tão preocupado com os chispeiros quanto ela, mas tinha enviado seus colegas numetodos lá para baixo, para onde o estandarte da kraljica tremulava do lado leste da estrada.

— Eu sou o assistente dela — comentou ele ao observar os numetodos seguindo em direção ao estandarte da kraljica. — Eu deveria ter ido com

eles. Isto é loucura.

— É por isso — disse Brie — que ela nos quer na retaguarda. Ela sabe quais são as chances. Esses chispeiros têm mesmo um propósito?

Em resposta, Talbot ensaiou os exercícios, formando os chispeiros em fileiras e recuando os homens em sequência. Brie tentou imaginar as chispeiras disparando, tentou imaginar o grupo não debandando e fugindo aterrorizado ao ver o inimigo. Enquanto Talbot berrava ordens, a hïrzgin também observou a massa inacreditável de bruma que cobria a estrada abaixo e passava ao lado do morro onde ela estava.

A muralha cinzenta estava em silêncio.

— O que acontece quando eles "atiram"? — perguntou ela.

— As chispeiras disparam. Elas são bastante eficientes, na verdade. Foram inventadas por Varina. — Ele inclinou a cabeça ligeiramente para Brie. — Não há magia alguma envolvida, hïrzgin, se é isso o que lhe preocupa. Nenhuma ostentação do "Dom de Cénzi", como vocês da fé concénziana poderiam chamar.

Ela ia responder, mas aí...

— Talbot... — Brie apontou para o morro abaixo.

Começou como um rugido abafado atrás da nuvem: o som de armaduras batendo e guerreiros berrando. Da bruma, os tehuantinos saíram correndo em direção a eles, onda atrás de onda tomando a estrada, assim como os campos de ambos os lados. Brie, do ponto de observação, ouviu Allesandra mandar os arqueiros dispararem, e os numetodos lançarem bolas de fogo e raios estalando em direção aos tehuantinos. Os feitiços e as flechas abriram breves brechas nas fileiras, que foram imediatamente cobertas, e agora os feiticeiros ocidentais erguiam seus cajados mágicos e lançavam seus próprios raios em direção a Allesandra e às tropas. Explosões e gritos eram ouvidos em ambos os morros.

O clamor ficou mais alto; as fileiras se aproximaram...

... e colidiram, emitindo o tilintar de metal. Da altura onde os chispeiros estavam, Brie conseguiu ver a batalha exposta diante de si, a miríade dos dois exércitos sobre a paisagem parecia uma praga de insetos. Alguns chispeiros estavam visivelmente assustados com o que viam, outros recuaram morro acima — para o norte, em direção à cidade. Talbot e Brie berraram para que eles parassem, e a hïrzgin virou o cavalo para interceptá-los, como um cão pastor com seu rebanho.

— Recuem e eu mato vocês — gritou Brie para os chispeiros, com sua espada erguida e seu cavalo de guerra trotando em resposta a sua

agitação. — Talbot, vamos levá-los para baixo para podermos...

Ela ia dizer, mas de repente se calou.

Brie notou que a batalha já estava sendo perdida lá embaixo. A linha de frente da Garde Kralji já tinha entrado em colapso, e o estandarte de Allesandra seguia a norte da estrada, cedendo terreno. Os ocidentais já não estavam mais encobertos pela muralha de bruma e, apesar da quantidade, parecia haver menos inimigos do que Brie se lembrava. Ela olhou para Talbot, preocupada e subitamente desconfiada.

— Fique aqui — disse a hïrzgin.

Ela fez o cavalo subir a encosta do morro em direção ao cume, permanecendo sob a cobertura das árvores. Quando chegou ao cume, Brie olhou para baixo. Ela viu a muralha cinzenta de bruma seguindo em direção à margem do rio. E ali, na outra margem...

— Ah, não... — Brie engoliu uma imprecação.

Na encosta do morro, já subindo encosta acima, se aproximava o restante do exército ocidental.

A tempestade de guerra era ao mesmo tempo assustadora e mortal, mas era apenas uma quimera: um fantasma do Segundo Mundo. Ao mesmo tempo que cortava a tempestade com o Scáth Cumhacht, Varina admirava seu poder, precisão e criação. Ela podia sentir os vários fios individuais da tempestade, como eles se entrelaçavam a partir dos feitiços de vários feiticeiros e se formavam em um único encantamento: uma presença especialmente forte, se aproximando dela.

Isso não era nada que os ténis da fé concénziana conseguissem fazer, nem os numetodos — outra habilidade que os habitantes do mundo oriental não tinham. Ao mesmo tempo em que dilacerava as nuvens e dissipava os fios mágicos que as mantinham coesas, Varina se deu conta de que estava pensando como preparar um feitiço como aquele.

Se sobreviver, isto é algo em que você deveria trabalhar, para que os numetodos aprendam a fazer também.

Se você sobreviver...

E isso, ela receava, não era uma certeza.

Ela estava junto à Garde Civile, do comandante ca'Talin, na extremidade sul da frente de batalha, no triângulo cada vez mais estreito entre o rio Infante e o rio A'Sele. Aqui, o Infante se dividia em dois braços ao se juntar com o A'Sele, e a Avi a'Sele cruzava o rio com duas pontes. Assim como o comando do starkkapitän ca'Damont, ao norte, e com o comando do hïrzg Jan, na extremidade norte da linha de frente, eles

tinham se posicionado a oeste do Infante. Os tehuantinos estavam dispostos em uma longa fileira curva, se espalhando pela Avi a'Sele em direção à Avi a'Nostrosei, com cerca de três quilômetros de comprimento.

A tempestade de guerra, pelo que Varina pôde notar, podia ter coberto toda essa extensão.

Os outros numetodos também estavam cortando a tempestade de guerra juntamente com ela. Os raios evanesceram, a nuvem negra tinha sido desfiada e interrompida. Eles puderam ver alguns homens se movendo atrás dela, avançando.

— Recuem, recuem! — gritou o comandante ca'Talin para Varina e os demais. — Fiquem atrás da linha de frente. Arqueiros, disparar!

Bandeiras tremularam, cornetas soaram no ar, e por toda a extensão da linha de frente, saraivadas de flechas foram lançadas contra a tempestade de guerra. Varina viu os escudos dos guerreiros serem erguidos e a maioria das flechas ser cravada em escudos. Golpes de espada arrancaram as flechas presas nos escudos, e os tehuantinos mandaram uma chuva de flechas em resposta. Varina ouviu Mason berrar perto dela e cair com uma flecha de penas cinzas encravada em seu peito. Outra flecha acertou o chão a seus pés.

— Recuem! — berrou ca'Talin novamente.

Desta vez eles obedeceram. Johannes e Niels arrastaram Mason com eles.

Varina podia ver pouco mais que corpos colidindo à sua volta em meio à batalha, mas podia ouvir muito bem: o choque do aço contra o aço, os gritos dos soldados de ambos os lados, os toques estridentes das trompas. Também podia sentir o cheiro da fumaça dos fogos mágicos, do sangue, e de enxofre, torcendo o nariz. Mas à sua frente havia apenas uma massa agitada de soldados. Ca'Talin, a cavalo, cercado por chevarittai, se enfiou em meio ao caos e, por um momento, Varina e os outros ficaram sozinhos. Eles dispararam feitiços de fogo por cima dos gardai em direção às fileiras tehuantinas do outro lado; usaram contrafeitiços para destruir o fogo jogado pelos feiticeiros ocidentais sobre eles. A areia negra explodiu à sua direita, lançando terra e partes de corpos para o alto e a deixando ligeiramente surda.

Varina sentiu o terrível cansaço pelo uso contínuo do Scáth Cumhacht. Todos os feitiços que ela tinha preparado na noite anterior acabaram, e sua mente estava cansada e confusa demais para criar novos com facilidade. Varina estava acabada; estava vazia.

Se você sobreviver...

Ela tinha menos certeza disso agora do que nunca.

As cornetas mudaram o toque. Varina viu o comandante e os chevarittai saírem em meio à fumaça e a confusão da batalha. Atrás deles, gardai recuavam e fugiam para o leste.

— Para as pontes! — gritou ca'Talin ao passar por eles. — Para as pontes!

Varina foi levada por eles, impotente. A retirada seguiu em debandada, uma confusão. Ela estava sendo empurrada, tropeçando e quase caindo. À sua volta, as pessoas se acotovelavam, e Varina não conseguia se levantar. Seria fácil, ela pensou, se deitar ali e deixar tudo acabar. Varina sentiu que começava a cair novamente.

Uma mão a abraçou pela cintura.

— Aqui, levante-se.

Ca'Talin havia retornado. Ele puxou Varina para a sela de seu cavalo de guerra. Os braços e ombros da a'morce doíam. Ela viu as pontes à frente, lotadas de gardai fugindo em direção às barricadas do outro lado.

— Perdemos aqui — ca'Talin meio que gritou para ela enquanto eles mergulhavam na multidão de homens — Os ocidentais tomaram este lado do rio até o norte. Que Cénzi nos preserve para amanhã.

Ao ver os tehuantinos avançarem até o outro lado da colina em direção a eles, Brie virou seu cavalo e galopou duramente até os chispeiros; o animal jogava rochas e pedras a sua frente.

— Talbot! Por aqui! — gritou ela. — Traga seu pessoal e me siga!

Assim que viu a confirmação de Talbot, vendo o homem berrar ordens e empurrar os chispeiros a sua volta, a hïrzgin subiu a encosta novamente até chegar ao cume. Os tehuantinos ainda subiam o morro, com a óbvia intenção de ladear a batalha principal e atacar a Garde Kralji pelo flanco e pela retaguarda enquanto os gardai estavam concentrados no ataque principal pela estrada. O cume do morro era plano e quase sem árvores; os ocidentais avançavam por uma campina. A essa altura, Brie também tinha sido vista; ela ouviu uma flecha passar assobiando por sua cabeça e recuou levemente morro abaixo.

Talbot e os chispeiros estavam quase no topo; a hïrzgin contou para ele o que viu rapidamente. Os dois arrumaram as fileiras imediatamente abaixo do cume; os chispeiros verificaram suas armas novamente, para garantir que estavam carregadas e abriram as bolsas de couro onde carregavam, segundo Brie tinha sido informada, as pequenas recargas de

areia negra para recarregar as chispeiras. Ela tinha visto as recargas; estavam longe de ser impressionantes, o que apenas aumentava suas dúvidas quanto à eficiência da chispeira enquanto arma.

Mas ela não tinha escolha. Ela só podia torcer para que Talbot não tivesse lhe contado uma mentira elaborada.

— Muito bem — falou a hïrzgin. — Ao meu comando, nós subiremos até o cume. Talbot, prepare-se para disparar assim que estiver lá; eles têm arqueiros, portanto vocês também estarão sob ataque.

Ela viu os homens empalidecerem ao ouvir isso.

— Vocês possuem o terreno elevado como vantagem. Ataquem para valer, e os arqueiros serão inúteis — disse Brie, apesar de não acreditar nisso; ela achava que os arqueiros inimigos transformariam os chispeiros em uma parede de corpos sobre o cume. — Agora, avancem!

Quase de má vontade, os homens subiram até o cume, juntamente com Brie e Talbot. Ela ouviu os chamados na estranha língua ocidental quando eles apareceram, mas Talbot já ditava a sequência antes das primeiras flechas os alcançarem.

— Primeira fileira, ajoelhar! Primeira fileira, atirar!

O barulho emitido fez o cavalo de Brie empinar, aterrorizado. Uma fumaça branca e pungente floresceu ao longo da fileira, e pelo morro abaixo... A hïrzgin mal podia acreditar no que via: os ocidentais derrubados como se uma lâmina divina tivesse ceifado as fileiras inimigas. Ela soltou um grito de surpresa, quase uma risada.

— Segunda fileira, ajoelhar! Segunda fileira, atirar!

Novamente, os estampidos das chispeiras ecoaram; novamente, mais ocidentais caíram; seus corpos rolaram morro abaixo ou se amontoaram onde estavam. Agora, algumas flechas também atingiram os chispeiros, Brie viu três ou quatro homens caírem.

— Droga, resistam, seus bastardos! — gritou Talbot para as fileiras, que fraquejaram e começaram a se desmanchar.

Brie galopou atrás deles enquanto a fileira da retaguarda titubeava e tentava debandar em vez de recarregar as armas.

— Não! — disse ela. — Fiquem e lutem, ou vocês sentirão o aço da minha espada! Fiquem!

— Terceira fileira, ajoelhar! Terceira fileira, atirar! — berrou Talbot.

Desta vez a saraivada soou mais como uma gagueira do que uma explosão coordenada, mesmo assim, mais tehuantinos caíram. Brie notou que o inimigo titubeava.

— Mais uma vez! — ela gritou para Talbot. — Rápido!

— Primeira fileira, ajoelhar! Primeira fileira, atirar!

Outra gagueira, alguns homens sequer conseguiram disparar, tentando recarregar as armas atabalhoadamente, com mãos trêmulas. Mesmo assim, mais tehuantinos caíram, e o disparo de flechas parou completamente. Morro abaixo, guerreiros feridos e moribundos gritavam em sua língua, e outros guerreiros pintados berravam em resposta.

— Segunda fileira, ajoelhar! Segunda fileira, atirar!

Mais uma vez, as chispeiras rugiram, e quando mais guerreiros caíram, os tehuantinos finalmente cederam. Os guerreiros recuaram e começaram a descer correndo o morro, apesar dos esforços dos offiziers para contê-los, subitamente eles bateram em retirada em pânico. O grupo de chispeiros soltou um grito de triunfo, alguns deles, sem que Talbot desse a ordem, dispararam as chispeiras dos inimigos, recuando. No topo do morro, havia punhos erguidos em triunfo.

Brie gritou "urra" com os chispeiros, mas então olhou para trás e a alegria morreu em sua garganta. Bem abaixo, na estrada, a Garde Kralji estava em plena fuga. Ela viu o estandarte de Allesandra balançando e ouviu as cornetas soando o toque de retirada. Atrás deles, os guerreiros tehuantinos os seguiam em perseguição: uma onda negra que se espalhava pela estrada ao longo de ambos os morros, uma onda que sobrepujaria a unidade de chispeiros se eles ficassem ali.

— Talbot! — gritou Brie. — À kraljica! Não podemos ficar aqui.

Eles podiam ter tido uma pequena vitória nessa escaramuça, mas não haveria vitória maior aqui. A hïrzgin conduziu Talbot e os chispeiros morro abaixo para se juntar à kraljica na fuga.

Niente pensou que Tototl fosse perseguir os orientais diretamente até a cidade deles ou mesmo atropelaria a retirada dos inimigos e os mataria ali. E ele talvez tivesse feito exatamente isso, se não fosse por um guerreiro supremo ter voltado, ofegante, falando sem parar a respeito de um massacre: o grupo que fora despachado para o flanco ocidental tinha sido praticamente destruído. Tototl deteve o avanço e enviou apenas alguns esquadrões em perseguição aos orientais em fuga. Tototl e Niente seguiram o guerreiro supremo e deram a volta até o outro lado do morro. Agora Niente estava vendo uma terrível carnificina na encosta à frente dele — embora ele tivesse visto coisas piores em suas longas décadas de guerra, certamente. Niente tinha testemunhado homens cortados em pedaços, tinha visto cadáveres empilhados sobre mais cadáveres. Mas aquilo: havia uma quietude assustadora ali, e os corpos estavam

estranhamente inteiros. Havia pouco sangue.

Tototl pulou do cavalo e caminhou entre os corpos espalhados pela encosta coberta de grama.

— Que magia fez isso? — ele exigiu saber.

Niente balançou a cabeça.

— Uma magia que eu não nunca vi antes.

— Por que você não *viu* isso? — disse Tototl furioso.

Niente só podia continuar balançando a cabeça. Suas mãos tremiam. Ele sentiu o cheiro de areia negra no ar.

Areia negra.

Isso não era magia... A ideia não parava de lhe ocorrer, juntamente com o cheiro de areia negra. O fato da areia negra não ter sido criada a partir do X'in Ka era algo que Niente tinha omitido do tecuhtli e dos guerreiros. Ele queria que os guerreiros acreditassem que a areia negra era mágica. Não queria que eles soubessem que *qualquer um* poderia fazê-la se soubesse os ingredientes, as medidas da fórmula e o método de preparo. Niente e os poucos nahualli a quem ele confiou o segredo mantiveram o sigilo — todos eles suspeitavam que, se os guerreiros pudessem fazer a areia negra sozinhos, eles poderiam decidir que não precisavam dos nahualli.

Isso não era magia...

Niente sabia, mas não podia admitir para Tototl.

Se Atl também estiver vendo isso... O medo o regelou e ele quase pegou o pássaro entalhado, quase pronunciou a palavra que permitiria a comunicação com o filho, para avisá-lo. Mas seria tarde demais: a batalha já estaria, sem dúvida, em andamento. Tarde demais. E ainda que os orientais tivessem essa habilidade mortal, ela ainda não tinha feito a diferença nesta batalha. Os inimigos eliminaram as tropas do flanco, mas ainda assim foram derrotados.

Mas Tototl estava certo em um aspecto: ele não tinha visto isso. *O que a tigela premonitória diria agora?*

— Os orientais aprenderam um feitiço que nunca tinham nos mostrado antes — respondeu Niente.

Os feridos sangravam por buracos profundos e irregulares, mas quase circulares. Os mortos estavam piores — parecia que eles tinham sido atingidos por flechas invisíveis que, inacreditavelmente, vararam armaduras de metal e bambu para mergulhar profundamente em seus corpos, muitas vezes atravessando-os completamente. E no topo do morro, de onde os guerreiros sobreviventes tinham dito que a terrível

saraivada viera, não havia nenhum corpo e haviam poucos sinais de sangue, embora houvesse algumas flechas tehuantinas no chão. Mas o solo estava inalterado, como não estaria se os inimigos tivessem precisado arrastar corpos. Os orientais conseguiram infligir esse dano nos tehuantinos sem perder homens de maneira substancial.

Será que eles fariam isso com as tropas principais? Será que estão escondendo esse poder, à espera de um lugar melhor para usá-lo?

Podia não ter sido magia, mas alguma coisa tão horrível quanto inacreditável tinha acontecido aqui. Eles usaram a areia negra de uma forma que Niente não conseguia compreender.

— Eu preciso usar a tigela premonitória novamente — falou ele. — Alguma coisa mudou, alguma coisa que Axat não tinha mostrado antes. Isso é importante. Estou preocupado com o tecuhtli.

O Longo Caminho: será que ainda estaria ali? Será que mudou também? Ou tudo mudou? Será que Atl viu isso? Niente tinha que saber. Tinha que descobrir. Ele não estava entendendo algo fundamental para a compreensão dessa situação — ele podia senti-lo em seu estômago revirando, uma queimação. Sentiu-se velho, gasto, inútil.

— Não há tempo — respondeu Tototl. — O tecuhtli cuidará de si mesmo, e ele está com o nahual. A cidade está aberta para nós. Tudo o que precisamos fazer é persegui-los. Eles estão fugindo. Não posso lhes dar tempo para se reagruparem.

— Então o mais breve possível, assim que chegarmos à cidade — disse Niente. — Olhe para isso! Você quer que isso aconteça conosco ou com Citlali?

Tototl franziu as sobrancelhas.

— Jogue óleo nos corpos e queime-os — ele ordenou aos guerreiros. — Depois se juntem a nós. Niente, venha comigo; a cidade nos aguarda.

Ele cuspiu no chão. Depois, franzindo a testa mais uma vez, montou em seu cavalo. Niente ainda estava olhando para o cenário, tentando entender o que tinha acontecido.

— Venha, uchben nahual — falou Tototl. — As respostas que você quer ficam mais longe de nós enquanto ficamos parados aqui.

Nisso, o guerreiro tinha razão. Niente suspirou e, em seguida, caminhou até seu próprio cavalo e — com a ajuda de um guerreiro — montou na sela.

Eles seguiram adiante, e Tototl já berrava para retomarem o avanço.

Se o dia tinha sido terrível, a noite foi odiosa. Varina estava encolhida

com a Garde Civile, pressionada entre duas barricadas que tinham sido erguidas nos últimos dias, e à noite choveram fagulhas e fogo, como se se estivesse arrancando as próprias estrelas dos céus e lançando na terra. Ambos os lados agora usavam catapultas para disparar o fogo da areia negra uns nas fileiras dos outros. As explosões trovejavam de poucos em poucos instantes: às vezes ao longe, às vezes preocupantemente perto.

Não houve descanso nem sono nessa noite. Ela viu as bolas de fogo desenharem arcos no céu e caírem a oeste, e se encolheu com medo quando a saraivada em resposta bateu nas barricadas. Varina tentou bloquear os sons dos berros e lamentos sempre que um projétil dos tehuantinos os atingia.

Isso era pior que o combate aberto. Ao menos lá, ela tinha a ilusão de controle. Não havia controle aqui: a vida de Varina e de todos a sua volta estavam reféns dos caprichos do destino e do acaso. A próxima bola de fogo poderia cair sobre ela, e estaria tudo acabado, ou poderia acertar e tirar a vida de outra pessoa. Varina se sentiu impotente e indefesa, encolhida com as costas contra a sujeira fria, tentando recuperar o máximo de força possível para que pudesse repor os feitiços para o ataque que viria pela manhã.

E ele viria. Todos sabiam.

As notícias do norte eram desanimadoras. Nem o starkkapitän ca'Damont, nem o hïrzg Jan, com as tropas firenzcianas, conseguiram manter a margem oeste do Infante. Ambos foram forçados a recuar e cruzar o rio. Pior, disseram que o hïrzg Jan tinha sido ferido durante a retirada, no momento em que a ponte a'Certendi foi destruída. Os rumores eram descontrolados e variados: Varina ouviu que Jan estava morrendo; que ele tinha sido levado de volta à cidade, para os curandeiros; que o hïrzg estava comandando a defesa do leito na tenda; que Jan tinha se amarrado ao cavalo para não parecer ferido enquanto cavalgava e encorajava seus homens; e ouviu que seus ferimentos eram leves e que ele estava bem.

Varina não fazia ideia de quais rumores eram falsos e quais eram verdadeiros. O que ficou claro foi que a batalha do dia anterior tinha sido apenas um prelúdio. O Infante seria cruzado; todos eles sabiam disso. Os tehuantinos descobririam seus pontos rasos e cruzariam assim que houvesse luz.

Varina tremeu e fechou os olhos quando outra bola de fogo passou estridente acima dela, explodindo à sua esquerda. Se acreditasse em Cénzi, ela teria rezado — certamente havia preces sendo murmuradas ao

seu redor. Varina quase sentiu inveja do alívio que os soldados pudessem encontrar com elas.

— Varina?

O comandante ca'Damont se ajoelhou ao lado dela. Em meio ao barulho, Varina não tinha ouvido sua aproximação. Ela ia se levantar, mas ele balançou a cabeça e fez um gesto para que ficasse abaixada.

— Desculpe — falou Varina. — Eu estava tentando descansar.

Ele sorriu palidamente.

— Não há muito descanso por aqui. Eu queria lhe contar que os curandeiros dizem que Mason, o vajiki ce'Fieur, vai se recuperar. Eles vão levá-lo de volta à cidade.

— Ótimo. Obrigada. Obrigada por me contar.

— Eu quero que você vá com ele — continuou ca'Damont. — Este não é um lugar para você.

Uma velha frágil... Varina quase podia ouvir o que não tinha sido dito.

— Não — respondeu ela. — Você precisa de mim aqui. Eu sou a a'morce dos numetodos; aqui é o meu lugar.

— Chegaram mais ténis-guerreiros. Dois punhados. E ainda há os outros numetodos que você trouxe. Você provou sua coragem mais cedo, Varina. Ninguém pode exigir mais de você. E você tem uma criança com quem se preocupar.

Varina queria concordar. Queria aceitar a oferta e voltar correndo para a cidade — mas mesmo lá ela não estaria a salvo. Ela podia fugir o quanto quisesse, podia pegar Serafina e ir para leste ou norte, mas se eles perdessem aqui — e Varina não conseguia ver uma maneira de vencer —, ela sempre se perguntaria se deveria ter ficado, se sua presença teria feito a diferença.

Karl não teria fugido. Ele teria ficado, mesmo que pensasse que a batalha estava perdida. Disso ela tinha certeza.

— A maioria dos gardai tem crianças com quem se preocupar — disse Varina, com firmeza. — É *por isso* que eles estão aqui.

— Mesmo assim...

— Eu não vou embora — disse ela.

O comandante assentiu. Ele se levantou e prestou continência para Varina.

— Tem certeza?

Varina deu uma risada nervosa quando outra bola de fogo passou rugindo. A luz das chamas brilhou e as sombras se mexeram quando ela explodiu.

— Não — respondeu Varina. — Mas eu vou ficar, e você está interrompendo meu descanso.

Eles ouviram o rugido baixo de outra explosão em algum lugar atrás da barricada.

— Descanso? — disse o comandante. — Eu duvido que qualquer um de nós descanse esta noite. Mas tudo bem. Fique, se quiser. Cénzi sabe que nós precisamos de toda ajuda possível.

Ele pareceu se dar conta do que disse e abriu um sorriso meio irônico.

— Desculpe, a'morce.

— Não peça desculpas. Se seu Cénzi existir, espero que Ele esteja lhe escutando.

Não era para ter sido assim. Sergei tinha rezado para Cénzi, mas Cénzi não tinha atendido — não que ele esperasse alguma ajuda desse lado. Os tehuantinos perseguiram Allesandra e a Garde Kralji até o interior da cidade. A kraljica tentou se reagrupar e resistir no Sutegate, mas os tehuantinos avançavam por uma área muito ampla agora e entravam na cidade por todos os lados ao sul. Allesandra não tinha tropas suficientes para cobrir toda a fronteira sul da cidade. Ficou imediatamente óbvio que eles não conseguiriam controlar a Margem Sul: não com a Garde Kralji, nem mesmo com os chispeiros, que se provaram estranhamente eficazes durante a retirada. Eles recuaram ainda mais e abandonaram toda a Margem Sul através da Ilha a'Kralji.

Eles *podiam* evitar que os tehuantinos passassem pelos gargalos das duas pontes.

Sergei tinha insistido que Allesandra destruísse a Pontica a'Brezi Veste e a Pontica a'Brezi Nippoli completamente, para que os tehuantinos não pudessem cruzar a confluência sul do A'Sele sem precisar de barcos. Ela se recusou.

— As Ponticas continuarão de pé — falou Allesandra. — Eu não abrirei mão de metade da cidade. As pontas continuarão de pé, nós as defenderemos esta noite, e amanhã nós voltaremos a cruzá-las para recuperar nossas ruas.

Sergei discutiu veementemente com ela, e o comandante co'Ingres concordara com o embaixador; nenhum dos argumentos convenceram Allesandra a mudar de ideia.

E foi na Pontica a'Brezi Veste e na Pontica a'Brezi Nippoli que os chispeiros realmente se destacaram. Com a orientação de Brie e Talbot, o grupo conseguiu controlar os pequenos espaços. Embora os ocidentais tivessem avançado onda atrás de onda contra eles durante o fim da tarde e até o anoitecer, eles deixaram ambas as pontes repletas de corpos. Após várias tentativas em vão, e com a luz do sol morrendo, os ocidentais finalmente recuaram.

Do telhado do Palácio da Kraljica, Sergei podia ver a queima de fogos na Margem Sul, onde antes os ténis acendiam lanternas ao longo da Avi a'Parete. As chamas amarelas eram um escárnio. A oeste e ao norte, do outro lado do A'Sele, mas ainda fora da cidade, rugidos constantes e clarões de explosões ainda prorrompiam, como se um temporal de relâmpagos sem chuva ou nuvens tivesse ocupado o lugar. Abaixo, além das muralhas externas dos pátios e da entrada do palácio, na Avi, Brie ainda estava acordada, sem seu cavalo agora. Sergei pôde ouvir a voz da hïrzgin no silêncio aturdido do palácio: dispondo as vigias na ponte e aconselhando os chispeiros a cuidarem de suas armas e descansarem o quanto fosse possível, mas para estarem prontos para reagir quando fosse necessário.

A hïrzgin Brie se provara tão valiosa quanto seu marido nesta luta. Talvez até mais.

Sergei sentiu Allesandra se aproximar dele. A kraljica ainda vestia a armadura, agora não mais reluzente e lustrosa: sob o luar, ele notou as marcas de arranhões e queimaduras da batalha. Seu cabelo grisalho estava grudado na cabeça. Um sexteto da Garde Kralji a acompanhava, bem como os poucos integrantes remanescentes do Conselho dos Ca' que não tinham fugido da cidade.

— Amanhã — falou Allesandra para Sergei e os conselheiros —, retomaremos a Margem Sul.

— Tentaremos o melhor possível — respondeu Sergei, seu tom traiu seu sentimento quanto ao sucesso da empreitada.

— Nós *retomaremos* — respondeu Allesandra gravemente.

Os conselheiros pareciam assustados, Sergei sabia que todos achavam isso quase tão improvável quanto ele. Um clarão e — com atraso — outro rugido ecoaram a oeste. O embaixador sentiu o prédio tremer sob seus pés com o barulho. Os conselheiros olharam ao redor como se procurassem abrigo; os gardai se remexeram nervosamente, apertando suas lanças.

— Um mensageiro veio da Margem Norte — disse a kraljica. — Os

tehuantinos tomaram o lado oeste do Infante, e a Garde Civile recuou para as barricadas. Eles estão a salvo, por enquanto. Os tehuantinos tentarão cruzar o rio amanhã e nós os repeliremos. Deixem o Infante e o A'Sele levarem seus corpos de volta para o mar.

— Nós tentaremos, estou certo disso — respondeu Sergei novamente. — A senhora ouviu mais notícias do hïrzg?

O rosto de Allesandra ficou tenso.

— Eu fui informada que o hïrzg Jan se recusou a voltar para a cidade. Quanto à gravidade de seus ferimentos... — Ela deu de ombros. — Ninguém disse nada. Ele é meu filho e é um soldado. Vai continuar a lutar enquanto puder.

Sergei desceu o olhar para onde Brie estava patrulhando.

— *Ela* sabe?

— Eu mesma contei para Brie. Eu disse que ela podia ir até ele enquanto é possível. Brie disse que seu lugar era aqui por enquanto, e que Cénzi poderia manter Jan a salvo melhor do que ela. — Allesandra quase sorriu. — Acho que ela passou a sentir um carinho por aqueles chispeiros.

Sergei grunhiu.

— Espero que ela tenha razão. Não podemos conter os tehuantinos, kraljica. Em breve, eles começarão a nos bombardear com areia negra até que não consigamos mais posicionar os chispeiros nas cabeças de ponte, e assim que os chispeiros recuarem, os tehuantinos cruzarão. Precisamos derrubar as Ponticas na Margem Sul para isolá-los. Deixe que joguem o que quiserem sobre nós, mas eles não poderão cruzar... não até que construam barcos.

Allesandra recuou, estreitando os olhos e franzindo os lábios.

— Você já disse isso vezes demais, Sergei. Eu não abrirei mão da Margem Sul. Eu *não* abandonarei a minha cidade. Não enquanto eu respirar. Não. — A kraljica inspirou, emitindo um som alto no silêncio da noite. — Eu pedi que o comandante ca'Talin ou o starkkapitän ca'Damont nos mandassem uma companhia ou duas de gardai para ajudar.

— Kraljica, eles não podem abrir mão desses homens. Não com a força tehuantina que os dois estão enfrentando. A senhora não pode pedir isso a eles.

— A mensagem já foi enviada. Eu disse que eles teriam que avaliar bem se podiam abrir mão das tropas ou não. Eles vão mandá-las — disse Allesandra com firmeza.

Ficou claro para Sergei que ele não convenceria a kraljica. Ele também

sabia que, independentemente do reforço de gardai, a Garde Kralji não seria suficiente para retomar a Margem Sul. Se as pontes continuassem de pé, eles não seriam suficientes sequer para manter a Ilha, mesmo com a ajuda dos chispeiros. O embaixador bateu com a ponta da bengala nos ladrilhos do telhado, inquieto. A oeste, irromperam mais clarões.

— Se a senhora me dá licença, kraljica, eu preciso encontrar Talbot...

Ele deixou Allesandra ainda no telhado com os gardai e os conselheiros. Encontrou Talbot no térreo do palácio, parecendo exausto e furioso, vociferando ordens para um quarteto de funcionários do palácio. Eles saíram correndo assim que Sergei se aproximou.

— Eu não tenho gente suficiente aqui — falou Talbot. — Três quartos dos funcionários evidentemente fugiram da cidade assim que saímos daqui ontem.

— Você não pode culpá-los, meu amigo. Qualquer um com mais bom senso do que lealdade teria ido embora.

— Eu sei, mas como posso administrar o palácio sem pessoal? — Ele passou os dedos pelos cabelos. — Olhe para mim: eu acabei de correr meia Nessântico fugindo dos tehuantinos; consegui sobreviver a feitiços, flechas e espadas, e estou aqui preocupado se as camas estão feitas e se as refeições estão sendo servidas.

— É o seu trabalho.

— Não parece importante, dadas as circunstâncias. Por Cénzi, estou exausto.

— Você pode dormir depois. Nós dois podemos dormir depois. Venha comigo.

— Para onde?

Sergei esfregou o nariz.

— Você sabe onde a areia negra da Garde Kralji está guardada? Tem as chaves do paiol?

— Sim, mas...

— Então venha comigo.

Uma virada da ampulheta depois, ele e Talbot se aproximaram da Pontica a'Brevi Veste acompanhados por gardai carregando vários pacotes de areia negra. Brie os saudou e olhou para os pacotes, inclinando a cabeça.

— Eu pensei que a kraljica tivesse dito que as Ponticas deveriam ficar intactas.

Sergei ergueu o olhar na direção do telhado do palácio, para as sacadas cravadas na parede sul. Não havia ninguém ali.

— Eu consegui convencer a kraljica de que talvez fosse preciso derrubar as pontes se nosso ataque amanhã não se saísse bem. Temos que colocar a areia negra nas pilastras deste lado, para que possamos acioná-las quando for necessário. Isso é tudo.

Brie assentiu.

— Parece um bom plano para mim. Eu vou mandar os chispeiros ajudarem.

Mais uma virada da ampulheta, e Sergei e Talbot, carregando o restante da areia negra, seguiram para a Pontica a'Brezi Nippoli. O embaixador contou para o offizier no comando da Garde Kralji o mesmo que tinha contado a Brie. Assim como na ponte anterior, ele supervisionou a colocação das cargas de areia negra, cuidando para que estivessem ligadas por cordas de algodão embebidas em óleo misturado com areia negra, de maneira que o acendimento da ponta do pavio causasse a explosão de todas as cargas ao mesmo tempo.

Sergei segurou o pavio erguido na mão; uma lanterna queimava aos seus pés, na grama da margem do rio.

— Acabamos por aqui — ele disse para Talbot. — Agora, mande todos recuarem.

Sergei não conseguiu ver o rosto de Talbot, que estava mais adiante na barragem, a luz da lua batia quase diretamente nas costas dele.

— Recuar? Sergei, você ficou maluco? A kraljica deu ordens específicas...

Sergei se abaixou, enfiou a bengala debaixo do braço, pegou a lanterna e abriu sua tampa de vidro, enquanto segurava o pavio na outra mão.

— Quando um dente fica podre, não há escolha senão arrancá-lo — disse o embaixador. — Se você deixa o dente lá, ele só vai causar mais dor e sofrimento, e no fim, o dente vai apodrecer todos os outros.

— Você não pode fazer isso — protestou Talbot. — A kraljica disse...

— A kraljica e eu discordamos. Seja franco, Talbot: você acha que podemos tomar a Margem Sul dos ocidentais amanhã? A melhor defesa para a Ilha e para a cidade inteira é derrubar as Ponticas e deixar os ocidentais presos.

— Não cabe a você tomar essa decisão — respondeu Talbot.

Sergei sorriu para ele, erguendo a lanterna.

— No momento, parece que é.

O embaixador encostou a ponta do pavio na chama. Ele assobiou e soltou fagulhas, e o fogo começou a percorrer a extensão do pavio. Sergei soltou o pavio e começou a subir a margem o mais rápido possível, se

apoiando em sua bengala.

— Pelos colhões de Cénzi — praguejou Talbot; ele ficou parado por um instante, como se considerando descer a margem correndo atrás do pavio, depois gesticulou para os gardai nos pivôs da ponte. — Recuem! Saiam da ponte! Abriguem-se!

Talbot desceu um pouco a barragem e puxou Sergei pelo braço. Juntos, eles fugiram enquanto o pavio assobiava e espocava e o brilho azul do fogo seguia em direção à ponte.

A explosão quase levantou Sergei do chão. A concussão atingiu o embaixador como uma parede caindo; ele sentiu o calor queimar suas costas, e o som... Sergei ouviu as vigas se romperem enquanto rochas e tábuas caíam como uma chuva intensa e perigosa e batiam no chão em volta deles. Sergei e Talbot se encolheram, cobrindo suas cabeças. Quando tudo terminou, o embaixador se virou, seus ouvidos ainda zuniam. A ponte desabou, sua extensão mergulhou inclinada nas águas do A'Sele a meio caminho do vértice. Os tocos da estacaria e das pilastras surgiam da água como dentes quebrados.

Sergei sorriu.

— Eles não cruzarão por ali tão cedo. Todos aqueles homens posicionados ali podem descansar. Agora, vamos terminar o serviço...

Talbot balançou a cabeça.

— Lamento, Sergei, mas não posso permitir. Você mentiu para mim. Você desobedeceu às ordens expressas da kraljica.

— Eu estou tentando salvar a droga da cidade — retrucou Sergei.

— Ela não é a *sua* droga de cidade.

Ah, mas é sim... Sergei sabia que Talbot compreendia o valor do que ele tinha feito. Sabia que Talbot concordava com ele, afinal.

— Talbot, você sabe que eu estou certo.

— O que eu sei não importa — respondeu o homem. — Eu sou o assistente da kraljica, não o kraljiki. Que os retalhadores de almas te carreguem, Sergei...

Talbot balançou a cabeça e olhou as ruínas da ponte. A Garde Brezno se aproximava da borda e encarava a destruição. Gritos e lanternas se aproximavam deles.

— Allesandra ficará furiosa.

— Ela ficará ainda mais furiosa quando derrubarmos a outra Pontica — respondeu Sergei —, mas também não poderá desfazer isso.

Mas Talbot não admitiria que o embaixador estava certo. Ele sabia antes de o assistente responder, sabia pela maneira como seu rosto

magro se fechou.

— Isso não vai acontecer. — Talbot olhou para as pessoas se aproximando deles. — Sergei, você ainda pode sobreviver a esta situação: admita que desobedeceu à kraljica e colocou as cargas de areia negra, mas que fez isso no caso de termos de recuar amanhã e não haver outro jeito de impedir que os tehuantinos cruzassem a ponte para a Ilha e para a Margem Norte. Você pode dizer que isso foi um acidente, que sua lanterna acendeu o pavio. Ela não vai acreditar em você e ficará terrivelmente furiosa com o que você fez, mas não poderá provar nada. Eu o apoiarei até aí, Sergei. Mas não vou além disso. A outra ponte permanece de pé.

— Talbot...

— Não — disse o assistente com firmeza, interrompendo Sergei. — Ou isso ou eu conto exatamente o que aconteceu aqui e que você pretendia esse golpe o tempo todo. Então, a kraljica o executará como traidor, Sergei, e eu não posso culpá-la. O que vai ser? Você decide.

Talbot estava certo. Sergei sabia disso, conhecia Allesandra bem o suficiente para perceber que, mesmo que ela entendesse seu raciocínio, ele tinha ultrapassado os limites do perdoável se a kraljica soubesse toda a verdade. Morto, Sergei não poderia fazer nada pela cidade. Morto, ele não poderia fazer mais nada para expiar tudo o que fez em vida. Morto, não poderia derrubar a outra ponte.

— Está bem — respondeu o embaixador. — Eu aceito sua proposta.

Ela acompanhou Nico de volta ao labirinto do Velho Distrito, para outra casa anódina em outro beco estreito anódino. Não havia ninguém ali, ninguém respondeu à batida de Nico. A porta estava trancada, mas isso não era um problema — não para Rochelle. Ela arrombou a porta e eles entraram. Nico disse quase que imediatamente que precisava rezar. Rochelle disse que ambos precisavam comer — mas não havia nada na casa. Ela saiu para procurar por comida e encontrou pão velho em uma padaria abandonada, e queijo mofado por toda parte, e pegou água do poço mais próximo. Quando Rochelle voltou à casa, Nico estava na sala principal, de joelhos. Ele não lhe deu atenção quando ela tentou convencê-lo a comer, tentou dar-lhe água à força entre os lábios rachados e machucados, enquanto o sacudia e gritava para tentar chamar sua atenção.

O irmão estava perdido e impassível, murmurando preces ininteligíveis para Cénzi. Nico a ignorou, como se não se importasse, ou mesmo

soubesse que Rochelle estava ali. Ela não conseguiu arrancar reação alguma do irmão. Ele parecia estar em transe.

Tudo bem. Rochelle estava acostumada com loucura. Ela tinha lidado bastante com isso com sua matarh.

Rochelle dormiu um pouco no chão ao lado de Nico, mas não por muito tempo. Ela acordou, escuro, com Nico ainda rezando a seu lado. A essa altura, pensou Rochelle, deviam faltar poucas viradas para a Primeira Chamada.

— Nico? Nico, fale comigo.

Não houve resposta. Ele se encontrava na mesma posição viradas a fio. Então, Nico também a abandonara — bem, Rochelle estava acostumada a ficar sozinha, a tomar suas próprias decisões. Ela não podia ajudá-lo, não podia encontrá-lo onde quer que ele estivesse, mas ainda havia o que ela poderia fazer, o que deveria fazer. Rochelle tocou o cabo da faca que tinha roubado de seu vatarh, alisando o punho adornado.

Prometa para mim que você fará o que eu não consegui. Prometa para mim...

— Eu farei — ela disse para o fantasma da matarh. — Eu farei.

Rochelle se voltou para Nico, se ajoelhando no piso de madeira nua. As pernas do irmão deviam estar dormentes há muito tempo. Suas mãos estavam entrelaçadas, fazendo o sinal de Cénzi, sua cabeça estava abaixada sobre elas, seus olhos fechados. Ela notou que ele murmurava.

— Nico? — disse Rochelle, tocando seu ombro. — Nico, eu preciso que você me responda.

Ele não respondeu. O murmúrio continuou, sem diminuir. Ela abraçou o irmão e disse.

— Então reze por mim. Reze por nós dois.

Ele não deu sinal de tê-la ouvido. Ela se levantou, observou Nico e finalmente saiu da sala. Fechou a porta atrás de si, saindo em direção às ruas do Velho Distrito. De manhã cedo, as ruas estavam escuras e desertas. A maioria dos moradores, os que puderam, tinha fugido da cidade, para o leste. Clarões estranhos irrompiam no céu a oeste, acompanhados por trovões distantes e, ao sul, nuvens de fumaça tocadas pelo brilho de fogueiras.

Sul. Rochelle seguiu nessa direção, se escondendo facilmente nas sombras provocadas pela lua.

Ela não fez ideia de quanto tempo tinha levado até chegar à Pontica Kralji, que ligava a Margem Norte à Ilha. Não havia gardai na ponte, nenhum trânsito. A lua estava se pondo, e o céu começava a clarear no

leste e extinguir as estrelas no apogeu. As águas do A'Sele estavam turvas em volta da estacaria, escuras e misteriosas. O cheiro de madeira queimada se misturava ao odor da lama e da água do rio.

Alguma coisa brilhante espocou no céu a sua frente, deixando um rastro de fagulhas e pintando a correnteza do A'Sele com reflexos reluzentes. A aparição se iluminou e inchou, descendo rapidamente. Rochelle a viu cair, sentindo o impacto sob a sola das botas, vendo o fogo da explosão. Alguém gritou de dor ao longe, e o susto e o cheiro de queimado aumentaram, cobertos agora pelo fedor de enxofre. Outra bola de fogo passou guinchando no céu ao sul; esta explodiu bem acima da Ilha, mandando as sombras negras embora.

Um cavaleiro apareceu na extremidade da Pontica que saía da Ilha A'Kralji galopando em direção à Rochelle, com a capa tremulando atrás de si. Ela se encolheu nos pilares da ponte; o cavaleiro passou disparado sem olhar e fez uma curva fechada à esquerda, em direção ao Mercado do Rio. Rochelle notou a bolsa de couro em volta do corpo: um mensageiro rápido levando uma mensagem.

Isso significava que a kraljica provavelmente estava na Ilha. Allesandra. Sua mamatarh. A voz da matarh pareceu sussurrar em seu ouvido.

— *Prometa para mim...*

Outra bola de fogo surgiu como um sol falso e também caiu na terra, em algum lugar da Ilha. Ela ouviu as trompas do Velho Templo soarem um alarme ao longe.

Rochelle atravessou a Pontica correndo, meio que esperando que alguém berrasse para ela ou que fosse atingida por uma flecha. Nada aconteceu. Rochelle chegou à Avi a'Parete na Ilha. Ao seu redor, os grandes prédios da Ilha se erguiam, com destaque para o Palácio da Kraljica, diretamente à esquerda. Ela seguiu lentamente para lá, por uma rua cheia de prédios do governo. Mais adiante, ao sul, Rochelle pôde ouvir o som das atividades: trompas soando, pessoas gritando. Ela fez a curva e seguiu para o sul novamente; a sua frente, viu pessoas no fundo na outra extremidade da rua. Ela correu na direção do muro que envolvia o palácio. Havia uma porta da criadagem ali, na lateral. Rochelle bateu, esperou, bateu novamente. Ninguém respondeu. Ela se abaixou e pegou suas ferramentas para arrombá-la. Alguns instantes depois, Rochelle empurrou a porta e entrou em suas dependências.

Ela se viu nos jardins do palácio. O cheiro de flores era forte, e Rochelle ouviu uma fonte jorrando água por perto. Não havia ninguém nos jardins, e poucas janelas do palácio estavam acesas.

Outra bola de fogo mostrou sua cara brilhante sobre o muro do outro lado do terreno. Parecia vir na direção de Rochelle e do palácio, mas no último instante, quando parecia que acertaria o próprio palácio, ela se estilhaçou em mil fragmentos, cada um assobiando e brilhando ao cair — um contrafeitiço deve ter alcançado a bola de fogo. Rochelle se perguntou quantos incêndios essas fagulhas provocariam, e se os ténis-bombeiros viriam apagá-los.

Ela correu para a porta do palácio mais próxima. Trancada: novamente, Rochelle tirou as gazuas e manipulou as ferramentas até ouvir o clique do mecanismo se abrindo. Ela empurrou a porta apenas o suficiente para entrar sorrateiramente.

Rochelle se viu no que deveria ser o corredor da criadagem: um corredor estreito e simples, com corredores transversais se abrindo de ambos os lados e uma porta grande ao final. Se este palácio fosse como o Palácio de Brezno, como ela esperava, a maioria dessas portas estaria destrancada. Os criados precisavam ter acesso a todas as alas do palácio para servir a seus senhores e senhoras da maneira mais discreta possível. Sem dúvida, o palácio estaria cheio de passagens assim.

Mas nos corredores de serviço do Palácio de Brezno havia uma atividade frenética. Aqui estava tudo quieto, e Rochelle achou isso estranho. Ela seguiu rapidamente até a porta principal, abrindo lentamente uma fresta. Ela vislumbrou um dos principais corredores públicos do palácio; também ouviu vozes. Havia várias pessoas saindo apressadamente de outro aposento um pouco à frente. Ela reconheceu um dos homens imediatamente: Sergei ca'Rudka, com seu nariz de prata reluzindo em seu rosto enrugado e pálido, e a bengala batendo em um ritmo irregular nos ladrilhos. A mulher a seu lado falava com ele em um tom apressado e irritado.

— ...não me importo com o que você estava pensando ou quais eram as suas razões. Eu estou *furiosa* com você, Sergei. Absolutamente furiosa. E Talbot; por que em nome de Cénzi você não confirmou comigo? Você sabia que eu tinha mandado as ponticas permanecerem de pé.

— Eu peço mil desculpas, kraljica — disse Sergei, embora Rochelle pensasse que ele parecia mais contente que arrependido.

Então aquela era a kraljica. *Mamatarh, eu estou aqui por você...* Mas não agora. Não ainda. Havia muitas pessoas em volta dela: Sergei, o sujeito chamado Talbot, bem como um quarteto de gardai.

— Seu "acidente", se é que isso foi mesmo um acidente, pode ter prejudicado nossa chance de ataque aos tehuantinos na Margem Sul.

Agora só temos uma rota para cruzar o rio, então...

Suas vozes foram ficando ininteligíveis à medida que eles desciam o corredor. Rochelle arriscou abrir mais a porta. Havia dois gardai posicionados na porta de onde o grupo tinha saído. Ela recuou para o corredor de serviço e entrou no corredor que levava para o aposento em que os gardai estavam, contando os passos para calcular sua distância. Havia outra porta a alguns passos, corredor adentro. Rochelle abriu a porta.

Ela entrou no Salão do Trono do Sol. A massa cristalina do Trono do Sol sobre a plataforma dominava o salão. Muito bem. Isso serviria: a kraljica deve voltar para cá em breve, e Rochelle poderia cumprir sua promessa.

Ela viu um lampejo de luz através das janelas altas do salão, e o palácio tremeu quando um trovão rugiu. Ela pôde sentir o cheiro de fumaça de madeira das janelas do palácio ascendendo em uma alvorada de chamas.

Rochelle se acomodou para esperar.

Niente polvilhou o pó alaranjado sobre a água na tigela premonitória e entoou um feitiço para abrir sua mente para Axat. A bruma verde começava a surgir, e ele inclinou a cabeça sobre a tigela.

Os tehuantinos estavam acampados na própria cidade, os guerreiros estavam protegendo as ruas e sacando as casas e os prédios atrás de comida e suprimentos, cumprindo as ordens de Tototl, mas Niente sabia que muitos guerreiros também estavam pegando todo o tesouro que pudessem carregar. Outros estavam ocupados construindo uma catapulta, e Niente tinha ordenado que os nahualli encantassem os sacos de areia negra que a catapulta lançaria na ilha para que explodissem com o impacto. Os cânticos dos nahualli e o martelar dos guerreiros engenheiros preencheram a grande alameda do lado de fora da fortaleza na beira do rio. Dos portões do edifício, o crânio de uma criatura horrível com dentes afiados, lançava um olhar malicioso para Niente — quase como a cabeça da serpente alada que tremulava no estandarte do tecuhtli. Isso, pensou ele, era quase uma ironia. O Olho de Axat nasceu e parecia observar Niente enquanto ele realizava o ritual, com tanta intensidade quanto Tototl.

As visões apareceram rapidamente, passando por ele quase rápido demais para que ele pudesse acompanhá-las. Os caminhos do futuro se entrelaçavam e mesclavam. Niente ainda podia ver a vitória no caminho mais nítido e próximo, mas agora era uma vitória conquistada a um preço muito alto. Havia mudanças provocadas no cenário, potências

emergentes que ele não tinha visto antes ou que tinham sido apenas insinuadas em remotas possibilidades: o rei de preto e prata; a velha que cheirava a areia negra; o jovem com o poder estranho e descontrolado. Esta última... a mais difícil de todas de se ver, estava envolvida em bruma e mistério. Em torno do jovem, todos os caminhos possíveis do futuro pareciam estar espiralados. Niente queria ver mais a respeito do jovem, mas as brumas continuavam a afastá-lo, não importava o quanto ele tentasse acompanhá-lo.

Na bruma, Niente também sentiu a presença de Atl, tão perto que quase pensou que o filho estivesse a seu lado, espiando a tigela ao mesmo tempo que ele. Aqui. Ele tentou lançar os pensamentos na direção de Atl. *Veja o que eu vejo. Deixe-me encontrar o Longo Caminho, espero que você o veja também...*

Mas não houve resposta. Niente não conseguiu mostrar o que tinha visto para Atl, nem conseguiu ver o que Atl via. Na bruma, os dois permaneciam separados.

— Eles vão derrubar a outra ponte? — perguntou Tototl. — Se fizerem isso...

— Se fizerem isso, não poderemos cruzar o rio para ajudar o tecuhtli Citlali. Eu sei. Agora, deixe-me ver...

Niente já tinha visto isso: no caminho principal, os orientais inexplicavelmente não destruíam a outra ponte. Ele não entendeu isso. Com as pontes em pé, Tototl conquistaria a Ilha, ainda que pagasse um preço terrível. As estranhas armas de areia negra dos orientais derrubariam guerreiros demais antes que eles conseguissem, inevitavelmente, sobrepujá-los. Eles alcançariam Citlali e esmagariam ainda mais orientais entre eles, mas esta já não era a vitória que Niente tinha visto em Tlaxcala. Tudo mudara.

O que significava que o Longo Caminho também tinha mudado. Isso se o Longo Caminho ainda existisse.

Niente inclinou a cabeça sobre a bruma novamente, procurando. *Por favor, Axat. Mostre-me...*

E Ela mostrou.

A Passagem da Tempestade

— E então? — perguntou Tototl enquanto Niente jogava a água da

tigela premonitória nos paralelepípedos da alameda.

Ele limpou a tigela com a manga da camisa e olhou solenemente para o guerreiro supremo.

— Você se lembra, Tototl, da conversa que tivemos sobre uma vitória parecer uma vitória, mas não ser?

O semblante pintado do guerreiro supremo continuava impassível.

— Eu me lembro de você ter dito isso. E me lembro de ter dito que achava que você tinha visto mais coisas na tigela do que estava contando para o tecuhtli Citlali. Então, me diga agora, uchben nahual, o que você viu? Diga-me a verdade.

Niente recolocou a tigela premonitória na bolsa e sentiu a textura dos desenhos gravados na borda. Ele pegou seu cajado mágico, sentindo a energia do X'in Ka pulsando na madeira, capturada e pronta para ser solta. Os odores de madeira queimando, da água doce, do fedor de roupa usada por muito tempo invadiram suas narinas. Niente engoliu em seco e sentiu o gosto forte e persistente da bruma verde que tinha inalado. Seus sentidos pareciam estar plenos e aguçados demais. Ele ergueu seu olhar para o crânio malicioso no muro sobre si e imaginou a criatura viva, com seus dentes afiados como facas de marfim rasgando uma vítima presa em suas mandíbulas poderosas.

— Preste atenção, Tototl — falou Niente. — Eu não disse nada para o tecuhtli Citlali porque ele não vê nada além do presente e de suas próprias ambições. Você tem a imaginação para fazê-lo. Você pode se tornar um grande tecuhtli. Um tecuhtli cujo nome ecoaria por gerações.

Tototl não conseguiu esconder totalmente a ansiedade provocada por essas palavras: Niente notou no leve movimento da boca do guerreiro, na sutil abertura dos olhos cercados por tinta vermelha. O guerreiro tinha ambição.

— Você viu isso?

Niente assentiu.

— É um dos futuros. Uma possibilidade.

Ele fez uma pausa. Olhou para a catapulta, quase terminada agora. Olhou para a ponte perto deles, no fim da alameda, para o grande prédio que surgia logo atrás dela, para o domo dourado que aparecia sobre os outros telhados, no meio da ilha.

— Tototl, a vitória neste momento está por um fio. Você é o fio, Tototl, sem você, não há vitória nenhuma. Eu vi isso.

— O que eu devo fazer?

— Você deve conquistar a ilha e chegar ao outro lado, como eu disse

antes. Tem de avançar com nossos guerreiros contra os orientais pela retaguarda. Se você quer a vitória, é isso o que deve fazer.

— E por que eu não faria isso? É por isso que viemos para cá: para tomar a cidade e vingar nossa derrota com o tecuhtli Zolin, para governar esta terra.

Niente se perguntou se deveria contar para ele. Certamente Citlali não teria ouvido nada disso; ele já teria interrompido Niente, e Niente — ele tinha que admitir — teria se curvado para o tecuhtli. *Eu vencerei aqui...* Era tudo o que Citlali queria ouvir. Ele desdenharia do Longo Caminho; não se importaria com o que acontecesse anos depois. Mas Tototl talvez pensasse da mesma forma. Niente respirou fundo. Ele viu os nahualli colocarem a primeira carga de areia negra no cesto da catapulta enquanto os guerreiros acionavam o guincho para abaixar a haste.

— A vitória de Citlali aqui terá um preço muito alto para nós no fim — falou Niente. — Ele ainda pode tomar a cidade, mas não poderá controlá-la por muito tempo. Outros exércitos orientais virão dos lugares mais distantes do império deles. Esta terra é imensa, e nós temos poucos guerreiros aqui e pouco tempo para trazer mais homens do outro lado do mar. E quando os orientais matarem a todos os que sobreviverem, eles olharão para a nossa terra natal e voltarão com um exército ainda maior do que o que levaram antes. Eles vão nos caçar até ter certeza de que nós jamais causaremos problemas outra vez.

— Você *tem certeza* disso?

Niente balançou a cabeça.

— Não — ele admitiu. — Mas é o futuro que vejo; o provável.

— O novo nahual também viu isso?

Niente balançou a cabeça novamente.

— Não. Mas Atl está aprendendo. Ele só vê o futuro próximo, não o Longo Caminho.

—*Você* viu uma vitória fácil antes. Disse isso antes mesmo de sairmos da nossa própria terra.

— Eu vi — admitiu Niente. — E nesse momento, era a verdade. Mas isso mudou. Há forças aqui que estavam ocultas de mim, situações que mudaram de figura desde que consultei Axat pela primeira vez. Nada no futuro é sólido e fixo.

— Então esse futuro que você vê também pode mudar. Também *mudará*.

— Pode ser. Mesmo assim... Tototl, eu diria para você pegar os guerreiros aqui e ir embora. Encontre nossos navios; a essa altura eles

devem estar perto da cidade. Pegue os navios e volte para casa. Eu diria para você se tornar o tecuhtli para que, quando os orientais voltassem à nossa terra, e eles *voltarão*, nós ainda estivéssemos fortes o suficiente para resistir. Os orientais perceberão que, assim como nós não conseguimos conquistá-los, também não conseguirão nos conquistar, e nossos impérios terão que lidar um com o outro como iguais.

Tototl meneava a cabeça em negação.

— Eu não fugirei — falou o guerreiro supremo. — Eu não abandonarei Citlali. Não sem saber que não tenho outra escolha.

— Então, aqui estão os sinais, Tototl. Quando a magia for retirada de todos os nahualli, quando você me vir cair diante de uma arma que não deveria matar: estes são os sinais de que o que eu disse é verdade. Você recuará então, Tototl? Ouvirá o meu conselho, como o tecuhtli Citlali não ouviu?

Tototl pareceu rir.

— Você parece um pedaço de bife defumado, uchben nahual, velho e duro demais para morrer. E quem poderia retirar o poder dos nahualli?

— Se isso acontecer — implorou Niente — se você vir os sinais, você irá embora?

— Se isso acontecer — respondeu o guerreiro supremo —, eu me lembrarei do que você disse e farei o que achar que é necessário.

Enquanto Tototl dizia essas palavras, a catapulta cantava sua canção mortal, e uma bola de fogo cruzou o rio em direção à ilha. Ambos viram a bola cair e explodir, emitindo um rugido de chamas laranjas.

Jan se perguntou se esse seria seu último dia.

A fumaça manchava o céu a sudeste, emergindo dos incêndios que ardiam sem controle na Margem Sul da cidade. Mensageiros enviados por sua matarh vieram durante a noite com uma mensagem: os tehuantinos estavam na Margem Sul; eles tentariam repelir os inimigos de novo, pela manhã; envie uma companhia de gardai se puder abrir mão deles.

Mas ele não podia abrir mão dos gardai. Eles já não eram suficientes para a tarefa que tinham pela frente. A noite anterior tinha sido terrível, o chão tremera enquanto areia negra era lançada de ambos os lados. Agora o céu a leste estava rosa e laranja, e os tehuantinos recomeçariam o ataque terrestre. Jan sabia disso; ele mesmo o teria feito.

Um pajem ajudava o hïrzg com sua armadura, e Jan fez uma careta quando o menino apertou as tiras da couraça — um armeiro desamassara a mossa da armadura na noite anterior.

— Vamos — ele disse para o pajem. — Aperte bem. A armadura não pode cair no meio da batalha.

Qualquer movimento doía. Respirar doía. Jan tossiu sangue na noite anterior assim que recobrou a consciência, embora isso, ainda bem, tivesse parado. Prender o peito com a armadura na verdade fez bem a ele, mas ele se perguntou se suportaria um golpe de espada sem desmoronar. E se perguntou se poderia liderar os homens como um hïrzg deveria: na linha de frente contra o inimigo.

— Traga o meu cavalo — disse Jan.

O pajem prestou continência e saiu correndo.

Jan tinha passado a noite na tenda atrás da segunda muralha de barricadas. A maior parte da areia negra caiu bem longe do acampamento, mas ainda havia crateras de terra negra aqui e ali, e fumaças de incêndios na grama que tiveram que ser extintos. Os offiziers tinham relatado as baixas meia virada da ampulheta depois de fazerem as chamadas. O hïrzg ficou estarrecido. Ele tinha trazido quatro mil gardai e cerca de trezentos chevarittai a Nessântico. Ele e o starkkapitän ca'Damont dividiram os homens de maneira praticamente igual. Jan agora contava com menos de mil gardai e dez punhados de chevarittai; ca'Damont tinha menos.

Não, ele não podia mandar uma companhia para a kraljica. Ele teria sorte se voltasse para Nessântico com uma companhia inteira. Jan leu a mensagem de ca'Talin: *Perspectiva ruim. Recomendo resistir o máximo possível, depois recuar para a cidade*. Abaixo, com sua letra fina e alongada, ca'Damont adicionara um breve *concordo*. Jan enviou uma resposta aos dois.

Concordo. Faça o inimigo pagar por terem cruzado o rio, depois recuem para o Mercado do Rio. Reagruparemos lá e nos reuniremos com a kraljica.

O pajem voltou conduzindo um cavalo de guerra que tinha sido a montaria de um dos chevarittai mortos. O menino colocou um degrau perto do cavalo e ajudou o hïrzg a montar na sela. Ele conseguiu se sentar sem gemer alto.

— Obrigado — disse Jan para o menino, prestando continência.

O hïrzg seguiu a meio galope, fazendo careta a cada passo, sacudindo o corpo. Ele subiu a pequena elevação até o topo da segunda barricada. Esperou ali por vários instantes, examinando o cenário.

A maior parte das tropas estava reunida lá embaixo, na ampla vala entre as barricadas serpenteando ao sul e ao comando do starkkapitän ca'Damont, e pouco a frente estava o comandante ca'Talin, com sua tropa

se estendendo ao norte por cerca de oitocentos metros até a Avi a'Nostrosei. Após a elevação da primeira barricada em frente a Jan, havia cerca de quatrocentos metros de terreno plano entre as barricadas e o rio Infante — o campo tinha sido revirado pelos cavalos e pelas botas dos soldados e esburacado com as crateras que o bombardeio de areia negra tinham aberto. Do outro lado do Infante, Jan pôde ver o exército dos tehuantinos. Os offiziers inimigos já estavam organizando suas formações, e o hïrzg conseguiu ver pequenas bandeiras fincadas aqui e ali ao longo da margem oposta do rio — ele presumiu que os batedores tinham marcado as partes rasas onde o rio podia ser cruzado.

Havia muitas bandeiras. O Infante não era fundo nem largo como o A'Sele; havia muitos lugares por onde os tehuantinos podiam cruzá-lo. Na noite anterior, Jan pedira para um dos gardai locais mapear os pontos por onde a infantaria poderia cruzar, e posicionou arqueiros diante desses possíveis trechos.

Faça o inimigo pagar por cruzar o rio... Ele podia não conseguir detê-los, mas podia cobrar um preço caro.

Alguns arqueiros ocidentais dispararam flechas inúteis na direção do hïrzg; eles erraram o alvo, e Jan fez um gesto obsceno para eles.

— Vamos! — berrou o hïrzg, fazendo seu peito arder com o esforço. — Vamos; estamos esperando por vocês, bastardos! Estamos prontos para transformar suas esposas em viúvas e seus filhos em órfãos!

Ele disse em voz alta, para que os gardai na trincheira entre as barricadas ouvissem; os homens ergueram seus olhares para ele e vibraram. Jan duvidava que algum ocidental tivesse realmente entendido suas palavras, ainda que tivessem entendido o tom. Ele queria se debruçar por causa da dor lancinante em seu peito quando berrou a provocação, mas, em vez disso, ele sorriu e gesticulou novamente para os tehuantinos. A algumas centenas de passos de distância, Jan viu seus estandartes, prestou continência para os homens e seguiu até onde os offiziers estavam reunidos.

— Outro nascer do sol — falou o hïrzg. — Isso é sempre um bom sinal. O sol está nas nossas costas e nos olhos dos inimigos. Vamos fazer com que esse seja o último dia que eles veem.

Allesandra desfilou sobre o cavalo de guerra diante das pessoas reunidas no pátio do palácio. Sob a luz da falsa alvorada, sua armadura brilhava, o sangue do dia anterior tinha sido lavado e o aço lustrado. Brie, Talbot e o maldito e tolo Sergei estavam atrás dela em seus próprios

cavalos, observando enquanto ela percorria a fileira. A kraljica colocou sua fúria e frustração em suas palavras.

— Nós não temos escolha. É o meu dever, é o *nosso* dever, proteger esta cidade, e eu não permitirei que nós traiamos essa confiança. Neste momento, os ocidentais controlam a Margem Sul. Eles andam pelas ruas que deveriam ser consideradas seguras para nossos cidadãos, saqueiam nossas casas e templos, matam e estupram quem quer que tenha ficado para trás. As forças do hïrzg e nossa própria Garde Civile estão enfrentando o exército inimigo principal na Margem Norte; eles nos encarregaram de proteger a retaguarda e manter a cidade em segurança para quando voltarem. Nós temos que controlar a Margem Sul. Eu *controlarei* a Margem Sul.

Allesandra fez uma pausa enquanto outra bola de fogo cruzou zunindo o céu que se iluminava — todos assistiram a isso. O cavalo tremeu sob ela, que acariciou seu pescoço musculoso para acalmá-lo enquanto a bola de fogo caía no solo atrás deles, do outro lado da Avi.

— Viram só? Os tehuantinos não querem nada além da destruição dos Domínios e de Nessântico. Fiquem aqui, e todos vocês morrerão. E, se é para morrer, eu prefiro que seja com a espada na mão e o inimigo sangrando aos meus pés.

O grito ecoou alto, mas irregular. Mesmo aqueles que gritaram pareciam hesitantes. Os chispeiros, de um lado, se remexeram inquietos; Allesandra notou que Brie os encarava.

— Nós marchamos hoje para a glória — disse a kraljica, sacando a espada da bainha e a erguendo. — Nós marchamos pelos Domínios. Marchamos por Nessântico. E eu marcharei com vocês, na vanguarda.

Uma carruagem sem teto, conduzida por ténis, se aproximou chacoalhando pelas ruas através da fumaça, dando a volta devagar pelos destroços no caminho; Allesandra viu o símbolo do globo partido de Cénzi nas portas do veículo.

— Hoje, o próprio archigos marchará conosco — acrescentou ela. — Preparem-se. Começaremos o ataque em duas marcas da ampulheta e mostraremos para esses ocidentais como os Domínios reagem contra quem os ameaça.

Eles vibraram novamente porque — Allesandra sabia — era o que se esperava, porque queriam acreditar na kraljica, mesmo que o medo gelasse seus estômagos. Ela cavalgou em direção à carruagem do archigos com Brie, Talbot e Sergei a seguindo. A cabeça calva do archigos Karrol espiou sobre a lateral do veículo; ele não parecia estar contente de estar

ali. Dois rostos pálidos e mais jovens podiam ser vistos atrás do homem.

— Archigos, estou feliz em vê-lo — disse a kraljica. — Por mais atrasado que esteja.

— Não vamos fingir que a senhora ou o hïrzg tenham me dado alguma escolha, kraljica — respondeu Karrol. — Mas eu estou aqui.

— E os ténis-guerreiros?

— Mais quatro chegaram hoje do leste. Eu enviei dois para o hïrzg; os outros dois estão comigo. Eles sabem das consequências se deixarem de servir.

O archigos gesticulou para os outros dois ténis na carruagem.

— Ótimo — respondeu Allesandra. — Espero que estejam bem descansados. Precisamos deles agora. Talbot, por gentileza, cuide dos ténis-guerreiros e dos arqueiros. Brie, você fica com os chispeiros.

Ela encarou Sergei, ainda com raiva pela insolência do homem em descumprir suas ordens.

— Sergei, você fica comigo e o archigos.

Eles se reuniram rapidamente. Embora Allesandra ainda estivesse furiosa com Sergei por ter destruído a ponte leste, ela tinha que admitir que um ataque em duas frentes, nas duas pontas, teria dividido e enfraquecido muito suas forças. Mesmo assim, o problema agora estava no fato de todos eles precisarem cruzar a Pontica a'Brezi Veste. E no fato de que os tehuantinos tinham mantido a ponte de pé, e não a destruíram do lado deles, Allesandra sabia que os inimigos queriam que a ponte permanecesse intacta tanto quanto ela — para que pudessem se encontrar com o restante de seu exército na Margem Norte. A insistência de Sergei para que eles recuassem para a Ilha e a Margem Norte e destruíssem as pontes que cruzavam o A'Sele ao sul — a fim de isolar esta tropa de tehuantinos — fazia sentido taticamente.

Allesandra sabia disso intelectualmente, mas emocionalmente...

Esta era a sua cidade, a sede dos Domínios. A kraljica *não* permitiria que Nessântico fosse tomada dela. Allesandra teve que reconstruir a cidade uma vez; não queria ter que fazer isso novamente. Preferia cair aqui e deixar que seu sucessor — quem quer que fosse — o fizesse.

O ataque começou com uma saraivada de feitiços lançados por Talbot e alguns numetodos, bem como pelos novos ténis-guerreiros e o archigos. Quase todos os feitiços foram neutralizados ou desviados pelos feiticeiros tehuantinos, mas os que passaram fizeram os inimigos se afastarem correndo da Bastida e da área imediatamente a volta da outra extremidade da ponte, na Margem Sul.

— Agora! — berrou Allesandra.

Ela liderou o ataque da Garde Kralji pela ponte, enquanto Talbot direcionava os arqueiros para darem uma cobertura com suas flechas à frente deles. Sergei estava atrás da kraljica, e a carruagem do archigos veio a seguir, se chacoalhando sobre as tábuas. Os tehuantinos dispararam sua própria chuva de flechas na direção deles, mas o archigos entoou e gesticulou em seu assento, e as flechas foram varridas por um vento mágico, caindo inofensivamente no A'Sele.

Em poucos instantes, eles cruzaram o rio. Os guerreiros avançaram berrando contra eles.

— Para a Bastida! — berrou Allesandra para os gardai.

Eles avançaram e passaram a cavalo pelos portões abertos da prisão, sem se importar em deixar a Avi cheia de tehuantinos para atrás, pois estavam cercados.

Atrás da Garde Kralji, Brie conduziu os chispeiros pela Pontica. Ao pé da ponte, eles entraram em formação e suas armas bradaram o chamado ritmado da morte. Os guerreiros na Avi começaram a cair, e nenhum deles conseguiu alcançar os chispeiros para detê-los. Dos portões da Bastida, Allesandra viu Brie, desmontada, andando atrás dos chispeiros, estimulando-os a ficarem, a manterem a formação, a andarem mais rápido. Sua voz forte dava os comandos e o rugido irregular das chispeiras ecoava pela Avi. Os tehuantinos recuaram. Allesandra e os gardai não estavam mais cercados por todos os lados.

— Sigam-me! — berrou a kraljica, liderando a Garde Kralji em um ataque furioso, saindo dos portões da Bastida.

A noite tinha sido terrível, e a aurora simplesmente brutal. Quando o sol surgiu sobre as árvores e os telhados de Nessântico, os ocidentais avançaram: entoando rugidos e gritos, brandindo suas espadas e lanças e lançando saraivadas de areia negra e feitiços violentos e estridentes. Eles se lançaram nas águas do Infante. A água lançou espirros altos e brancos em torno dos tehuantinos, enquanto as flechas da Garde Civile choviam sobre eles. A princípio, o ataque resultou em um massacre, e os gardai gritaram de alegria e alívio, mas havia mais e mais inimigos, e eles simplesmente não paravam de vir, e agora os nahualli lançavam encantamentos que transformavam as flechas em cinzas no ar.

Os ocidentais cruzaram o Infante, e mais guerreiros chegavam a cada instante. Os ténis-guerreiros e os numetodos lançaram fogo sobre eles; isso não deteve o avanço. Punhados e mais punhados de guerreiros

tehuantinos caíam mortos no chão, e, mesmo assim, eles avançavam, implacáveis.

— Recuar! — os offiziers e as cornetas chamaram.

A Garde Civile saiu do meio da muralha dupla de barragens e recuou para o cume da segunda barricada. Enquanto recuavam, os gardai derramavam barris de óleo trazidos da cidade, encharcando o solo e deixando poças escuras para trás. Quando os tehuantinos chegaram ao cume da primeira barricada, eles foram recebidos novamente por disparos de flechas. Corpos rolaram para a trincheira oleosa diante deles, mas agora mais companheiros, ilesos, vieram com eles.

Os feitiços preparados martelavam na cabeça de Varina e de todos os numetodos nas barricadas.

— Esperem! — Varina ouviu a ordem de ca'Damont para os ténis-guerreiros e numetodos. — Não ainda! Esperem!

Os tehuantinos chegaram à trincheira e começaram a subir a segunda barragem, onde as tropas da Garde Civile aguardavam.

— Agora! — berrou ca'Damont.

Varina gesticulou e pronunciou o gatilho do feitiço, assim como dois numetodos a seu lado, Leovic e Niels, e os ténis-guerreiros mais adiante na linha de frente. Suas mãos lançaram arcos de fogo. O solo encharcado de óleo entre as barricadas se acendeu, criando um poço de chamas flamejantes e sibilantes. Os que caíram nesse inferno gritaram — Varina viu os guerreiros se contorcerem, em chamas. O calor lambeu sua pele quando soprou o terrível fedor de carne queimada. Abaixo dela, um guerreiro saiu cambaleando às chamas, com o corpo horrivelmente carbonizado e chamas ainda lambendo sua armadura e roupa. Varina viu seu rosto, terrivelmente jovem, sua boca aberta gritando em sua própria língua. Ela não sabia se ele berrava por ajuda, por seu deus ou simplesmente de dor. Varina podia imaginá-lo em casa, abraçando sua esposa ou segurando os filhos, rindo de alguma piada que um deles tivesse contado. Ela mal notou a espada que o guerreiro segurava ou o fato de que ele erguia a arma sobre ela.

Flechas brotaram à frente do homem, e ele desmoronou, calando-se para sempre. Varina sentiu ânsia e vomitou no chão, caída de joelhos ao lado do guerreiro morto. Enquanto cuspia sua bile, ela ficou curiosa: *que estranho, eu vi centenas de pessoas morrerem nos últimos dias, e este rosto foi o que mais me abalou...*

— Você tem que vir conosco, a'morce!

Leovic e Niels cercaram Varina, a levantaram e quase a arrastaram

encosta abaixo, até o lado oposto. Os tehuantinos recuaram momentaneamente enquanto o fogo queimava na trincheira, mas as chamas morreram rapidamente à medida que o óleo era consumido. Eles avançaram novamente, transbordando sobre a barricada pelo outro lado. Os gardai da Garde Civile à espera sacaram suas espadas, e Varina, juntamente com os outros numetodos e os ténis-guerreiros, recuaram enquanto o combate corpo a corpo irrompia sobre o cume. Varina ouviu as cornetas berrando e viu as bandeiras tremulando, mas elas pouco significavam alguma coisa para ela agora que Leovic e Niels continuavam a ajudá-la a recuar, um em cada braço. Varina simplesmente caminhou em meio ao fluxo de pessoas em uniformes azuis e dourados: de volta à cidade, sempre de volta. A retirada foi lenta a princípio, depois ganhou ímpeto e, subitamente, eles já não estavam andando, mas correndo, dando as costas aos tehuantinos ao fugir. Ela ouviu a batida dos cascos dos cavalos dos guerreiros, viu pessoas caírem a sua volta, atingidas por flechas ou abatidas por feitiços.

Leovic e Niels quase que carregavam Varina enquanto corriam. Ela não ousou olhar para trás. Não queria fazer isso.

— Andem, andem, andem! — berrou Brie para os chispeiros ao ver a kraljica e Sergei em seus cavalos, o archigos em sua carruagem, e a Garde Kralji saírem em debandada do breve abrigo da Bastida. — Vamos! Mantenham o ritmo!

Eles transformaram a Avi em um abatedouro, na cabeça da ponte. Os chispeiros correram sobre os paralelepípedos escorregadios de sangue, e sobre corpos que ainda gemiam e se contorciam. Os rostos dos chispeiros alternavam expressões de horror e alegria diante da carnificina que tinham causado, mas Brie não lhes deu tempo para refletir ou comemorar. A hïrzgin fez com que eles avançassem em direção aos portões da Bastida.

Em campo aberto, os chispeiros ficariam vulneráveis; eles atuavam melhor defendendo um espaço confinado. E se as fileiras fossem rompidas, os chispeiros seriam rapidamente sobrepujados. Brie os orientou aos berros, não permitindo que se separassem.

O pessoal de Allesandra avançou contra um aglomerado de guerreiros em uma das extremidades das muralhas da Bastida. Mais ocidentais saíram correndo das ruas laterais, liderados por um guerreiro montado, com o rosto pintado de vermelho e o crânio totalmente raspado. Brie viu um feiticeiro com ele: um velho cujo rosto fora devastado por alguma

doença, com o olho esquerdo branco e cego. No momento em que a hïrzgin alinhou os chispeiros perto do portão da Bastida para lidar com o ataque renovado, ela viu o archigos entoando e movendo as mãos encarquilhadas moldando um novo feitiço, fazendo seu robe verde e dourado balançar. O feiticeiro ocidental ergueu o cajado de madeira e berrou uma única palavra em sua língua estranha.

O feitiço dele foi lançado imediatamente.

O archigos e a carruagem foram envolvidos em chamas. O téni-condutor caiu do assento, berrando e batendo no robe em chamas com as mãos. Ela ouviu o velho guinchar de surpresa e agonia. Karrol empurrou a porta e caiu da carruagem para a rua, seu robe parecia pingar chama líquida. Ele rolou no pavimento, emitindo um longo e tênue lamento que parou subitamente, mas Brie já não conseguia ver o archigos, não em meio à confusão da batalha. Enquanto berrava para os chispeiros, para tentar alinhá-los corretamente, a hïrzgin vislumbrou o guerreiro de crânio vermelho surgir com uma lança na mão, incitando o cavalo em um galope em direção à Allesandra. A kraljica ergueu a espada, mas a estocada de lança do guerreiro pintado de vermelho foi mais rápida; horrorizada, Brie viu a ponta da arma entrar com força e atravessar a armadura de Allesandra. O guerreiro pulou do cavalo, ainda segurando a lança que empalou a kraljica, jogando-a no chão. Berrando desesperadamente para os chispeiros, a hïrzgin viu Sergei pular do cavalo como se fosse um jovem.

Eles, também, desapareceram na luta.

Os feiticeiros de ambos os lados lançavam feitiços, e ainda mais guerreiros chegavam e ocupavam as ruas. Brie podia sentir o frio do Ilmodo em volta deles.

— Fogo! — ela berrou para os chispeiros, que olhavam atônitos para a confusão. — Fogo!

Mas então tudo mudou.

Nico tinha sido abandonado. Destituído. Até mesmo Rochelle o tinha deixado em algum momento durante a noite. Ele pôde sentir sua partida, mesmo que não tivesse respondido para ela.

Nico estava orando há um dia inteiro agora, sem comer, beber ou dormir, e Cénzi permanecera em silêncio. Ou talvez Ele estivesse dizendo muito. Nico foi atormentado por visões, mas não sabia dizer se elas emanavam de Cénzi, dos sons que ele ouvia lá fora ou da própria imaginação febril. Ele estava tremendo de frio, como se estivesse

envolvido por um inverno impossível, tão frio quanto o próprio Ilmodo. Sobre seus olhos fechados, Nico teve a impressão de ter visto a batalha no oeste quando o sol o tocou através da janela do casebre no Velho Distrito. Ele viu as tropas fugindo dos ocidentais, viu os chevarittai montados tentando em vão proteger a retaguarda daqueles que recuavam dos supremos guerreiros montados, com seus rostos pintados e suas armaduras estranhas. Os homens em preto e prata, os homens em azul e dourado estavam fracassando; muitos deles estavam sendo abatidos por flechas ou pelos guerreiros a cavalo.

Nico testemunhou isso ao ser levado para o campo de batalha pelos braços gelados das suas preces, olhando para a cena do alto. Ele era um pássaro, um falcão, sendo levado pelo vento frio. Ele viu o estandarte do comandante ca'Talin e, mais ao norte, os estandartes do starkkapitän e do hïrzg. Todos estavam recuando para a cidade, com o homem mais à frente deles já nas ruas perto da Avi a'Certendi, a parte mais a oeste da imensa cidade.

Nico pairava sobre tudo isso, observando...

... então ele a viu: Varina. Ela estava exausta e sendo puxada por outros dois hereges numetodos; o trio estava perigosamente separado da massa principal da Garde Civile. Os guerreiros montados se aproximavam, a apenas alguns passos de distância, e a sinistra infantaria dos tehuantinos não vinha muito atrás. Eles seriam atropelados e mortos. Em breve.

Por que o Senhor me mostra isso, Cénzi? Por que me mostra a herege com tanta clareza?

Enquanto observava Varina, Nico sentiu o abraço frio envolver seu corpo mais intensamente. Ele estava caindo, rolando na direção de Varina no momento em que viu os guerreiros montados nos cavalos de guerra avançarem contra ela. Seus companheiros se viraram para lançar feitiços inúteis contra os agressores, que cercaram Varina.

Agora Nico estava *ali*, no solo e não muito longe de Varina. Ele pôde ouvi-la conter um grito e chamar seu nome — "Nico?" —, mas havia tanta energia ali que ele mal podia ouvir. O Segundo Mundo pareceu se abrir no céu e jorrar um fogo frio, o poder gelado do Ilmodo. Nico podia sentir todos puxando a energia sobre eles: os ténis-guerreiros, os hereges, os feiticeiros dos tehuantinos, até mesmo quem estava do outro lado do A'Sele, na cidade. Ele podia sentir o poder guardado nos cajados mágicos dos tehuantinos, nas mentes dos numetodos.

Todos canalizavam o Ilmodo do Segundo Mundo, onde Cénzi ainda vivia.

Nico se sentiu vasto. Ele podia esticar os dedos e tocar os fios de todas as conexões com o Ilmodo; podia puxá-los e tomá-los para si...

E foi o que Nico fez.

Não foi um movimento consciente. Ele agiu como se alguém tivesse o controle de seu corpo, sem escolha. Ele ouviu a si mesmo dizer palavras que não compreendia, sentiu as mãos se mexerem em um gestual que ele nunca tinha usado antes. *Cénzi?* Se era Cénzi, não houve resposta.

Nico gritou as palavras finais, executando o gestual final. Ele arrancou as cordas de poder que amarravam os ocidentais ao Segundo Mundo, mas manteve as cordas dos ténis e até mesmo a dos numetodos. Nico estava parado no campo de batalha com os braços abertos, sendo tomado pelo Segundo Mundo como nunca tinha acontecido antes.

Ele nunca tinha se sentido tão cheio do poder do Ilmodo. O poder o preencheu, queimando e perigoso demais para ser manipulado por mais que um instante. Nico absorveu tudo, inspirando o dom de Cénzi e o exalando novamente, soltando um grito.

O que eu faço com isso? Ele perguntou para Cénzi, e ouviu a resposta:

Faça o que deve fazer...

A onda de energia saiu pulsando de Nico, irradiando para o norte e o oeste ao longo da linha de batalha. Onde a onda tocou, os tehuantinos foram jogados para trás, sendo atirados violentamente sobre suas próprias fileiras. Eles foram derrubados como peças de um jogo varridas por uma mão furiosa.

Os guerreiros montados prestes a matar Varina e seus companheiros foram levados pela tempestade, tanto as montarias quanto os cavaleiros foram lançados longe.

— Vão! — disse Nico para eles. — Este é o Dom de Cénzi!

Sua voz ecoava como a de Cénzi; ela rugia, um trovão que pôde ser ouvido por todas as fileiras.

— Vão!

Então, acabou. Os fios de poder se romperam; o Segundo Mundo se fechou, soltando um trovão alto. Nico foi tomado por uma exaustão terrível, tão avassaladora que não conseguiu ficar em pé. Suas pernas cederam, e ele caiu na escuridão gelada.

— Deixem que eles cruzem o rio — disse Tototl. — Assim que eles estiverem na alameda, serão alvos fáceis, vamos atacá-los por todos os lados ao mesmo tempo.

A tática tinha funcionado a princípio. Os orientais usaram seus feitiços assim que o sol nasceu; Niente mandou os nahualli deixarem seus

inimigos gastarem energia, mesmo que eles pudessem ter anulado a magia inimiga facilmente com os feitiços em seus cajados mágicos. Os guerreiros recuaram, abandonando a catapulta. Niente esperou no cavalo ao lado de Tototl, ao fim da primeira grande rua transversal da grande alameda. Os arqueiros disparavam saraivadas no céu; um velho nahualli oriental andando sobre uma carruagem mostrou sua força e tornou as flechas inofensivas ao desviá-las. A tecuhtli dos orientais — a mulher vestida de aço — escoltava os guerreiros de um lado ao outro do rio.

Eles ouviram o avanço dos guerreiros escondidos próximo ao rio e no pátio, onde o crânio do monstro tinha sido posto, mas Tototl ergueu a mão quando os guerreiros atrás dele seguiram em frente, ansiosos para se juntar à batalha.

— Esperem — ele ordenou. — Ainda não.

Através do vão entre os prédios, Niente viu os orientais avançarem pela rua, e a mulher, estranhamente, levou seus homens para o interior do pátio de onde os guerreiros tinham saído. Ele se perguntou o porquê disso, então veio a resposta: o terrível barulho estridente das armas de areia negra, que, estranhamente, soavam como as garras de águia que eles usavam no sacrifício de prisioneiros. Eles ouviram os gritos a seguir e viram os guerreiros caírem como milho sendo colhido. O tecuhtli oriental berrou, e os guerreiros inimigos voltaram à alameda em debandada, repelindo os guerreiros remanescentes ali.

— Agora! — gritou Tototl.

Eles avançaram contra a confusão como uma onda. Tototl avançou diretamente contra a mulher, arrancando sua lança de cavalaria da bainha na sela; sua espada permaneceu embainhada. Niente tentou segui-lo. O feiticeiro oriental na carruagem, vestido de verde e dourado, e mais velho que Niente, estava entoando um cântico e gesticulando de um jeito conhecido. Niente sentiu o poder envolvendo o homem crescer, e ergueu o cajado mágico, gritando o gatilho do feitiço. O X'in Ka disparou uma rajada solar de seu cajado, envolvendo o feiticeiro em chamas azuis. O homem gritou, e a rajada encobriu a carruagem e o passageiro.

Tão lenta. A magia oriental era tão lenta.

Niente viu a lança de Tototl empalar a tecuhtli oriental como um pedaço de carne. O guerreiro supremo pulou do cavalo ainda segurando a lança nas mãos e arrancando a pobre mulher do cavalo para os paralelepípedos. Tototl berrou em triunfo. Niente ouviu o impacto do corpo da mulher ao cair no chão.

Ele sentiu que os feiticeiros inimigos preparavam feitiços, ouviu a

mulher no comando das terríveis garras de águia berrar ordens para seus homens, com uma longa trança marrom balançando sob seu elmo. Niente ergueu seu cajado mágico, pronto para abater a mulher de trança — para ele, ela era a mais perigosa dos inimigos.

Ele gritou o gatilho do feitiço, mas nesse mesmo instante, uma força terrível o puxou, puxou todos os nahualli. O ar gelado do X'in Ka girou em volta e por cima de Niente, varrendo o feitiço — e ele soube que tinha visto isso, embora não tivesse acreditado que fosse possível.

O homem da bruma, o homem escondido — ele tinha tomado uma decisão. Tinha agido.

O Longo Caminho estava aberto.

Niente engasgou. Esta era uma força bruta que ele nunca tinha sentido antes.

Um vórtice invisível pairou sobre eles, como a boca faminta de um tornado implacável, e sugou a energia do cajado de Niente, de *todos* os cajados mágicos, arrancando os poderes estocados neles e deixando os cajados vazios, como se todos os feitiços preparados para serem colocados dentro dos objetos na noite anterior com tanto trabalho tivessem sido lançados. Não foram apenas os nahualli que sentiram isso: ele notou que todos pararam e olharam para o céu, à procura de alguma coisa que eles não podiam ver. Tototl tinha arrancado a lança do corpo da tecuhtli; ele se aproximou dela, posicionando a lança para golpeá-la novamente, e também hesitou.

Então o vórtice desapareceu, sumiu, e Niente agora segurava apenas um pedaço de madeira vazio. Ele viu os outros nahualli se entreolharem, surpresos, ou soltarem seus cajados, assustados.

— Niente! — gritou Tototl sobre os paralelepípedos, com a lança ainda erguida.

Niente mostrou o cajado para ele e disse, surpreso:

— Eu não tenho nada. A magia foi retirada de todos os nahualli. Tototl, eu vi isso... eu lhe disse...

— Você ainda está vivo — resmungou o guerreiro supremo. — Nós ficaremos. Nós lutaremos!

Ele ergueu a lança novamente. Niente, então, viu a estranha cena: um velho com um nariz de prata avançando contra Tototl. O homem não brandia uma espada, mas uma bengala, enquanto berrava para o guerreiro supremo, e no entanto...

Niente sentiu a ameaça do pedaço de pau. Tototl também viu o homem, mas não fez nada, apenas sorriu. Niente gritou quando o homem apontou

a bengala na direção de Tototl e saltou entre os dois, tentando afastar a bengala com seu cajado, mas ele não era forte o bastante. E a bengala tocou o corpo do próprio Niente.

O impacto pareceu com o punho de Axat. Niente pensou ter visto o rosto Dela sobre ele, acenando com a cabeça enquanto Niente caía. Ele viu um pássaro entalhado voando na frente de Axat.

Uma última dádiva...

Sergei viu a estocada cruel da lança do guerreiro trespassar a armadura de Allesandra. Viu a boca da kraljica se abrir em silêncio, surpresa e abalada, viu o guerreiro usar a haste da lança para arrancar a kraljica do cavalo. O homem se aproximou dela e arrancou a lança de seu corpo, seu sangue jorrava enquanto ele se preparava para estocar novamente a figura caída. O guerreiro berrou alguma coisa para um antigo feiticeiro ocidental perto dele.

Sergei se deteve. Alguma coisa parecia estranha: um vento frio furioso varreu a Avi, e a fúria dos feitiços de todos os lados pareceu ter se esvaído.

O embaixador se remexeu. Ele mancou até Allesandra, com a bengala em uma mão e o florete na outra. Mais um ocidental se aproximou a sua esquerda, e Sergei estocou por baixo do golpe cortante do homem, a lâmina fina do florete encontrou uma brecha entre as ripas de bambu da armadura e se enfiou no abdômen. O ocidental dobrou o corpo e caiu, e o movimento arrancou a espada da mão de Sergei. Ele deixou a arma ali; não tinha força para segurá-la.

— Não! — berrou o embaixador para o guerreiro parado diante da kraljica.

Sergei brandiu a bengala para o homem, que olhou para ele e parecia quase rir.

Sergei rezou para que se lembrasse da palavra que Varina lhe tinha ensinado, para que a pronunciasse corretamente, para que o feitiço que ela disse ter colocado dentro da bengala realmente funcionasse.

— Scaoil! — berrou o embaixador, apontando a ponta de latão da bengala na direção do guerreiro.

Mas no mesmo instante, o antigo feiticeiro se moveu com uma velocidade impressionante para sua idade e se colocou entre Sergei e o guerreiro, brandindo seu cajado mágico. A bengala acertou o feiticeiro. Assim que a bengala o tocou, sua ponta de latão pareceu explodir. Um som alto e percussivo quase ensurdeceu Sergei. A rajada fez lascas da

bengala saírem voando, lançando o velho feiticeiro para trás juntamente com um jato de sangue e tripas; moribundo, se é que já não estava morto. Um pássaro vermelho entalhado saiu voando da bolsa rasgada do feiticeiro, posando novamente no peito do velho. O feiticeiro segurou o pássaro, pareceu sussurrar para ele e, em seguida, sua cabeça pendeu para o lado.

O guerreiro pintado de vermelho deixou a lança cair de sua mão olhando fixamente para o corpo do feiticeiro, caído na Avi perto de Allesandra, ferida.

O tempo parou para Sergei. O guerreiro estava imóvel, com a boca contraída no rosto pela fúria da batalha. O embaixador pensou que o homem levaria a mão ao lado de seu corpo e sacaria a espada, que abateria Sergei no instante seguinte. Não havia gardai para salvá-lo, nenhum chispeiro perto o suficiente.

Ele se perguntou qual seria a sensação de morrer.

Mas o guerreiro olhou fixamente para o corpo do feiticeiro, balançando a cabeça. Ele berrou alguma coisa que Sergei não compreendeu: uma prece, uma maldição, uma pergunta. O homem deu um passo para trás e se afastou do embaixador, depois deu mais um e mais outro. Então se virou completamente e rugiu uma ordem que ecoou na rua. Os guerreiros na Avi começaram a ceder terreno, devagar a princípio, depois mais rapidamente. Sergei viu Brie e Talbot persegui-los com os chispeiros, e chamou os dois.

— Esperem! A kraljica...

Ele se ajoelhou ao lado de Allesandra.

— Sergei — ela disse. — Dói...

— Eu sei — respondeu o embaixador.

Alguns gardai se reuniram a sua volta — sangrando, exauridos e aparentemente atordoados. Todos olharam espantados para a kraljica e para o corpo destruído do feiticeiro.

— Ajudem-me — disse Sergei para os homens. — Ajudem-me a levá-la de volta para o palácio...

Jan, com os chevarittai e alguns ténis-guerreiros lutavam na retaguarda para proteger a retirada, eles enfrentaram os guerreiros montados e mantiveram a infantaria ocidental longe dos retardatários. Como comandante do exército firenzciano, Jan raramente tinha precisado coordenar uma retirada em grande escala, mas ele tinha estado do lado vencedor várias vezes, e sabia que a retirada, em geral, era o momento

mais perigoso para as tropas, pois a força avançando poderia eliminar os retardatários, lançar flechas e feitiços para dizimar ou até mesmo obliterar as companhias da retaguarda. Frequentemente, o exército em progressão podia sobrepujar o inimigo exausto e desmoralizado e causar baixas terríveis.

A retirada talvez permitisse que o comandante lutasse outro dia, mas também podia levar a uma derrota completa e infame. Eles nem ao menos estavam recuando para fortificações, mas para uma cidade aberta e desprotegida.

Os feiticeiros ocidentais lançaram feitiços contra eles que os ténis-guerreiros tiveram pouco tempo e energia para desviar. Os arqueiros cobriram o céu com suas flechas. As tropas montadas — felizmente poucas — avançaram as suas costas, abatendo os gardai correndo. A vanguarda do exército inimigo avançou com tudo. Jan vislumbrou, entre a fumaça e a confusão do campo de batalha, os estandartes do comandante tehuantino: a serpente alada que voava em um evoaçante pano de tom verde intenso. A maior parte dos feitiços parecia vir do grupo à volta daquele estandarte.

Jan estava exausto e sentindo uma dor terrível. Seus dedos queriam libertar o fardo do aço firenzciano pesado, o cabo da espada já escorregadio com sangue. O hïrzg oscilou na sela, quase caindo do cavalo quando um relâmpago mágico surgiu, sibilante, explodindo diretamente à frente, fazendo seu cavalo de guerra empinar. Ele acalmou o animal.

— Hïrzg!

Jan ouviu alguém chamar, e um chevaritt à direita apontou para um quarteto de guerreiros montados prestes a atropelar um grupo de gardai.

Ele suspirou. Obrigou seus dedos a segurarem firme a espada. Jan ignorou a dor lancinante em seu peito. Ele esporeou o cavalo, galopando em direção aos guerreiros.

Você não vai sobreviver a isso. Esta será sua última batalha.

O ideia lhe ocorreu como uma certeza. Uma profecia. Ele estremeceu ao soltar um grito de encorajamento para os chevarittai, ao mesmo tempo em que eles cavalgavam em direção aos guerreiros.

Então...

Uma onda de frio intenso tomou conta dele, como se o inverno tivesse chegado mais cedo; quando a sensação se esvaiu, Jan percebeu, mesmo com a fúria de seu ataque, que a chuva constante de feitiços das forças tehuantinas tinha parado. Os guerreiros à frente também o notaram. Eles puxaram as rédeas de seus cavalos e voltaram seus olhares para suas

próprias fileiras. O hïrzg ficou preocupado que os feiticeiros estivessem preparando outro feitiço em massa, como a tempestade de guerra. Mas, em vez disso, uma onda visível varreu a terra de leste a oeste, uma onda que fez Jan puxar as rédeas, espantando. Todos podiam vê-la: no ar fugidio, na poeira erguida pela onda ao passar. Onde tocou o avanço da linha de frente dos ocidentais, os guerreiros foram jogados e lançados para trás, sem tocar nos homens no próprio hïrzg. Jan ouviu gritos e gemidos, depois uma única voz, mais alta.

— Vão! Este é o Dom de Cénzi! Andem!

O grito pareceu vir de todos os lugares e de lugar nenhum.

Jan sentiu subitamente uma tênue esperança. A bola de fogo de um téni-guerreiro saiu voando sobre os tehuantinos. Não houve reação ao feitiço: nenhum desvio, nenhuma implosão impotente acima deles. A bola de fogo anunciou a morte com um som estridente, penetrando nas fileiras ocidentais e explodindo, intacta. Outra veio atrás desta, e mais outra — todas penetraram. A esperança dentro do hïrzg aumentou, seus ferimentos já não importavam.

— Virem-se! — berrou ele para as tropas, para os offiziers. — Virem-se! Sigam-me!

Jan ergueu sua espada quando os chevarittai atenderam ao chamado. Ele ouviu a ordem ecoar entre as fileiras, e a retirada parou, virando-se lentamente. O hïrzg já estava cavalgando rapidamente em direção aos tehuantinos. Por todo o campo de batalha, até o ponto ao sul onde sua visão alcançara, a retirada se voltava para ele. As cores preto e prata começaram a fluir em direção ao oeste.

Com os chevarittai em volta de si, Jan penetrou na linha de frente atordoada dos ocidentais e seguiu em direção ao estandarte da cobra alada. Os primeiros guerreiros por quem ele passou estavam espalhados no chão; se estavam mortos ou inconscientes devido ao enorme feitiço desconhecido, Jan não sabia. Então o hïrzg encontrou resistência e avançou pelo mar de lâminas reluzentes, esquecendo suas dores em meio à fúria da batalha. Os chevarittai gritavam ao mesmo tempo que derrubavam os ocidentais e seguiam em direção ao comandante inimigo, todos avançando. Eles ouviram o rugido dos gardai correndo atrás de si.

Não houve resposta da parte dos feiticeiros tehuantinos. O que quer que tenha acontecido, roubou a magia deles. Mas os guerreiros tehuantinos — ao menos aqueles distantes da onda inicial não tinham sido afetados. Eles lutaram tão ferozmente como nunca, e agora que a euforia inicial tinha passado, a exaustão e a dor se fizeram sentir

novamente. O ataque diminuiu, embora os estandartes de serpente alada agora estivessem dolorosamente próximos. Cada golpe de espada na massa de guerreiros disparava um choque que subia pelo braço de Jan. Suas pernas doíam, e ele mal conseguia se manter montado no cavalo de guerra. Suas costelas o apunhalavam como adagas de marfim a cada fôlego.

Ele se perguntou onde Brie estaria. Perguntou-se quem contaria a seus filhos e o que eles diriam.

Você tem ao menos que fazer essa história valer a pena ser contada.

Gemendo, Jan ergueu a espada para proteger a lateral do corpo de uma estocada, e a lâmina desviou o ataque, cortando o pescoço do guerreiro. O hïrzg viu o homem escancarar a boca e arregalar os olhos. Algo golpeou sua coxa na esquerda, ele se virou para enfrentar o guerreiro com a lança, cuja ponta estava cravada na sua perna logo acima da couraça. Jan puxou as rédeas com força para a esquerda e o cavalo de guerra ergueu os cascos, que acertaram e pisotearam o agressor enquanto a ponta da lança era arrancada de sua coxa. Ele sentiu seu sangue jorrar, molhando o acolchoamento sob a couraça.

Jan estava mais perto. Ele podia ouvir o estandarte da cobra tremulando.

— A mim! — gritou o hïrzg para os chevarittai, mas não ouviu resposta.

Jan não sabia onde eles estavam, não tinha tempo de procurá-los. Carrancudo, ele avançou, atropelando os guerreiros à frente com seu cavalo. Jan alcançou uma pequena clareira, viu o líder tehuantino, com o crânio raspado decorado com uma águia vermelha cujas asas se abriam em suas bochechas. O homem era mais velho que Jan, volumoso na armadura ocidental e montado em seu próprio cavalo, um magnífico animal malhado. Perto do líder, havia um feiticeiro ocidental, jovem, com o cajado mágico na mão e um bracelete dourado no braço.

Jan reuniu todas as forças que ainda tinha, ergueu a espada e gritou em desafio. Ele esporeou o cavalo de guerra para seguir adiante.

Do esconderijo atrás das tapeçarias na parede dos fundos, Rochelle viu a kraljica ser carregada para o salão. A armadura de Allesandra estava manchada de vermelho, e havia um buraco aberto no peitoral de onde o sangue ainda jorrava. Seu rosto estava pálido e contraído, o cabelo grisalho desalinhado e duro como palha em volta do rosto.

— Coloquem-me no trono — ela ouviu o sussurro da kraljica.

A voz da mulher era áspera e baixa, exausta e esquelética. Os gardai que a levavam obedeceram e a colocaram no Trono do Sol. Rochelle esperava que o trono se acendesse assim a kraljica se sentasse no abraço cristalino, como diziam as histórias, mas o trono respondeu apenas com o mais pálido dos brilhos, praticamente invisível na luz do sol.

Ela se perguntou se era porque a kraljica estava à beira da morte.

— Alguém vá procurar pelos curandeiros da kraljica — ela ouviu Sergei dizer. — O restante, procurem a hïrzgin para receber suas ordens; ela está no comando. Andem!

Eles se dispersaram. Rochelle viu Sergei se ajoelhar ao lado do trono.

— O que eu posso fazer pela senhora, kraljica? — perguntou o embaixador.

— Água, Sergei — sussurrou Allesandra. — Estou com tanta sede.

Ele mancou até um balcão perto da porta de serviço; Sergei estava sem a bengala e andava devagar. Rochelle saiu de trás da tapeçaria. Com alguns passos resolutos, ela alcançou a plataforma, com a faca na mão. Sergei a ouviu e berrou seu nome — "Rochelle!" — mas ele estava muito longe e era lento demais para detê-la. A pedra branca — dentro da bolsinha em volta do pescoço de Rochelle — parecia pulsar incandescente contra sua pele.

Você vai matá-la e, enquanto ela morre, você vai contar o porquê, para que ela vá para Cénzi sabendo...

Allesandra olhou para Rochelle com um olhar confuso e sofrido.

— Olá, mamatarh — disse ela. — Eu sou Rochelle.

— Rochelle? Mamatarh?

A confusão aumentou na expressão da mulher. Ela viu a faca e franziu os olhos.

— Eu conheço essa arma — Allesandra disse, umedecendo os lábios secos.

Ela tossiu, cuspindo bolhas de espuma vermelha dos cantos da boca.

— Eu matei Mahri com isso. Onde você...?

— Do seu filho — respondeu Rochelle. — Do meu vatarh.

A kraljica estreitou os olhos novamente.

— Seu vatarh? Jan?

— Rochelle, não faça isso — disse Sergei.

Ele deu passos vacilantes em direção à plataforma, com a mão estendida na direção dela. Rochelle ignorou o embaixador. Um corte com a lâmina, e ela poderia passar por qualquer uma das portas e estar longe antes que ele pudesse fazer qualquer coisa para detê-la.

— Sim, Jan é meu vatarh — contou Rochelle para Allesandra.

Sua mão livre segurou a pequena bolsinha de couro com o seixo quase branco e chato que continha sua matarh e todas as vítimas dela.

— E minha matarh... ela era a Pedra Branca. Elissa, era assim que ela se chamava nessa época, embora esse não fosse seu nome de verdade.

— Elissa... — Os olhos de Allesandra se fecharam por um momento; sua respiração se agitou e seus olhos se abriram novamente. — Jan...

— Ela o amava — disse Rochelle ao se inclinar sobre a kraljica.

Ela aproximou a lâmina do pescoço de sua mamatarh. Allesandra pôs a mão sobre a de Rochelle, mas não havia força no aperto. Sua pele era tão enrugada quanto um pergaminho.

— Rochelle, a mulher já está morta — falou Sergei. — Você não precisa fazer isso. A Pedra Branca está morta. Deixe-a morrer em paz.

Rochelle olhou para ele.

— Por que você se importa, embaixador? Suas mãos estão bem mais ensanguentadas que as minhas.

— Eu lhe disse na carruagem: não é tarde demais para você, Rochelle. Você não é a sua matarh. Não precisa se transformar no que ela se tornou.

A faca tremeu em sua mão. *Prometa para mim...*

— Faça isso — continuou Sergei — e você será para sempre a Pedra Branca, a assassina odiada que matou a kraljica. Será caçada pelo resto da sua vida curta e miserável. Jamais se sentirá segura, jamais ficará à vontade. Eventualmente, você cometerá um erro e será capturada, depois será arrastada para cá acorrentada e será executada. Este é o seu destino, Rochelle, o único que terá se fizer isso.

— E se eu não fizer? Eu ainda não sou a Pedra Branca, que matou Rance e os outros?

Sergei deu de ombros.

— Eu não sei. Sua vida será um livro que você mesma escreverá. Se a Pedra Branca desaparecer, não há ninguém a ser perseguido.

A mente de Rochelle estava atormentada. A faca pressionada contra a pele de Allesandra, o gume afiado, o sangue. Tudo o que ela tinha a fazer era pressionar com um pouco mais de força. Só precisava se debruçar levemente sobre a mulher; a faca faria o resto. Os dedos de Allesandra apertavam os de Rochelle, quase como se a kraljica quisesse que ela fizesse aquilo.

— Minha matarh amava Jan — disse Rochelle para sua mamatarh, com uma voz mais trêmula do que as mãos.

— Eu sei. — Os lábios de Allesandra estavam molhados de sangue, e um longo filete escorria pelo canto da boca. — E Jan a amava. Eu sei disso também.

A kraljica gorgolejou, o cheiro de seu hálito era horrível.

— Eu lamento.

— Lamenta? — Rochelle praticamente gritou, quase enfiou a faca no pescoço de Allesandra com violência. — Você deveria ter dito isso para *ela*.

A kraljica não respondeu. Sua respiração ficou fraca, seu corpo se contorceu em um espasmo. Ela olhou fixamente para Rochelle, piscando muito.

— Rochelle...

Ela tirou a faca do pescoço de Allesandra e embainhou a arma. *Mate-a...* Rochelle ouviu o sussurro de sua matarh, mas seu som foi fraco, e ela descobriu que não tinha vontade de fazê-lo. Não mais. Toda a raiva tinha abandonado Rochelle, toda a certeza.

— Eu quero ver você morrer — ela disse para a kraljica, olhando para Sergei. — Eu preciso ver isso.

— Está bem. — Sergei subiu os degraus da plataforma pesadamente para ficar ao lado dela. — Nós assistiremos juntos.

A boca de Allesandra se abriu, como se ela fosse protestar, mas não disse nada. Os dois ouviram sua respiração se esgotar. A kraljica olhava para Sergei.

— Nessântico...

Sua voz soou quase tão fraca quanto um zéfiro. O olhar cego da kraljica se fixou em algum ponto entre os dois.

— Sergei, ela está a salvo?

— Sim — respondeu Sergei. — Ela está a salvo.

Allesandra não esboçou reação. Após um tempo, eles perceberam que ela já não respirava. Seus olhos continuavam abertos. Rochelle tirou a pedra branca da bolsinha e colocou sobre o olho direito da kraljica.

— Pronto, matarh — disse Rochelle. — Ela é sua...

Rochelle começou a descer da plataforma.

— Espere — chamou Sergei, atrás dela. — A pedra...

— Deixe aí. Guarde como lembrança. Jogue fora. Eu não me importo. Não preciso dela.

Rochelle saiu do salão no momento que os curandeiros — tarde demais — entraram.

A onda de frio, seguida do pulso que passou por eles inofensivamente, mas que colidiu contra os ocidentais...

A presença de Nico e sua voz, inacreditavelmente alta...

O silêncio que pareceu durar vários instantes, quando eles perceberam que nenhum dos ocidentais lançava feitiços em sua direção...

O que aconteceu?

Varina ainda podia sentir o Scáth Cumhacht dentro de si. Tinha sentido alguma coisa — alguém? — puxar os feitiços que ela tinha guardado na mente, como se quisesse roubá-los, mas a presença passara por Varina sem tocá-la. Bem ao norte, ela viu a bola de fogo de um téni-guerreiro cruzar o horizonte em direção ao inimigo, depois outra e mais outra, esta de um téni perto dela. Nenhum deles foi tocado.

Varina ouviu os offiziers gritando para virar os gardai para o oeste mais uma vez. A maré que os arrastou pelo caminho diminuiu, parou e depois começou a fluir para o outro lado. Eles ficaram parados em meio à correnteza. Leovic e Niels ainda seguravam seus braços, mas Varina percebeu que eles observavam.

— Vão — ela disse para os dois. — Eles precisam de vocês. Eu seguirei como puder.

— A'morce — reclamou Niels.

— Vão — repetiu Varina.

Eles a deixaram e correram na direção de um dos offiziers chevarittai. Varina viu Leovic e Niels serem levados pela multidão. Ela seguiu depois, bem mais lentamente, mancando. Uma multidão de gardai passou por Varina, gritando. Ela ouviu o barulho da batalha recomeçar adiante, mas todos os feitiços pareciam estar vindo dos ténis-guerreiros da fé concénziana e dos numetodos, não dos ocidentais.

Varina estava entre os corpos dos que caíram durante a retirada, a maioria vestindo uniforme azul e dourado. Era difícil ignorá-los. O pior era ver aqueles que não tinham morrido, mas que estavam feridos demais para andar, estendendo suas mãos, pedindo socorro enquanto ela passava ou rastejando em direção à cidade. Para esses, Varina só podia dizer que a ajuda estava chegando em breve para resgatá-los — e torcer para que fosse verdade.

Mas ela estava procurando por uma pessoa em especial.

Varina viu um corpo a sua frente, à esquerda, vestindo um robe verde de téni. Pensou que pudesse ser um dos ténis-guerreiros, mas então viu o rosto.

O rosto de Nico.

Ignorando as pernas doloridas, Varina correu até ele, se ajoelhando a seu lado. Nico parecia ileso: não havia sangue em seu robe, seu rosto sujo e escuro tinha velhos cortes e hematomas, mas tirando isso parecia incólume.

— Nico? — ela disse, rolando seu corpo sobre suas costas procurando desesperadamente por algum sinal de ferimento.

Ele abriu os olhos, e sorriu.

— Oi, Varina. Acho que dormi. Você viu minha matarh?

Era a voz de um menino. A voz de uma criança. Nico se sentou e olhou a sua volta, arregalando os olhos ao perceber os gardai correndo aos gritos e brandindo espadas; os corpos caídos ao redor; os vapores e a fumaça do campo de batalha; a terra pisoteada que um dia tinha sido o campo de um fazendeiro. Ele se ajeitou e ficou sentado com as costas eretas.

— Varina — disse Nico com a voz trêmula, obviamente com medo, ele pegou os braços dela com força. — Estou assustado, Varina. Leve-me para casa. Por favor. Eu não quero ficar aqui.

— Nico, o que você fez?

Ele parecia amedrontado com a pergunta e se afastou de Varina.

— Eu não fiz nada, juro. Só quero ir para casa. Quero ver a minha matarh. Quero ver Talis.

Varina o abraçou.

— Nico, Talis e Serafina... partiram.

— Para onde eles foram? — ele perguntou.

Não havia malícia em seus olhos, só a pergunta inocente.

— Nico...

Ela não podia responder. Varina o abraçou de novo. O que quer que Nico tivesse feito, seja lá como o fez, o esforço obviamente lhe custara a mente. Este não era mais o Absoluto dos morellis. Este não era mais Nico, o grande téni. Ele se agarrou a Varina como uma criança a sua matarh, e ela sentiu seu corpo tremer de pânico e angústia.

Gardai ainda passavam por eles; o barulho da batalha e os trovões dos feitiços dos ténis-guerreiros eram ensurdecedores.

— Nico, vamos — falou Varina. — Vamos sair daqui. Não é seguro. Você pode vir pra minha casa. Gostaria disso?

Ele assentiu urgentemente, abraçado a ela. Varina o levantou.

Juntos, eles seguiram cambaleando para leste, em direção à cidade.

Atl se sentiu nu e desprotegido, seu cajado mágico tinha sido esvaziado em poucos instantes por aquele terrível feitiço do leste, e agora a batalha

tinha sido subitamente renovada, quando já deveria estar acabada.

Em vitória. Na vitória que Atl tinha visto. Na vitória que Atl tinha dito para o tecuhtli que seria dele. Atl se lembrava da visão do taat, aquela que Niente alegara ter visto, o caminho que Atl tinha sido incapaz de ver, que ele pensava que era mentira do taat. Isso não era possível.

Citlati se enfureceu com Atl enquanto bolas de fogo dos nahualli orientais caiam perto dos dois.

— Detenham-nos! — berrou o tecuhtli. — Maldito seja, nahual! Detenham-nos!

Mas tudo o que Atl pôde fazer foi balançar a cabeça.

— Eu não tenho poder, tecuhtli. Nenhum dos nahualli tem. Ele foi tirado de nós.

Os feitiços sumiram, e não havia tempo agora para preparar novos e colocá-los nos cajados mágicos.

— Você me prometeu a vitória, nahual! Você me prometeu a cidade!

Citlali choramingou como uma criança sem seu brinquedo favorito, mas não havia nenhuma resposta para essa situação. Seu rosto ficara tão vermelho de raiva que a águia vermelha pareceu se misturar a sua pele.

Não haverá uma vitória, Atl queria dizer para ele*. Ou, se houver uma, não será a vitória que eu vislumbrei na tigela. Os caminhos da tigela premonitória tinham sido apagados. Tudo mudou. Eu nunca tinha visto esse caminho antes. Não sei para onde ele leva.*

Como seu taat tinha avisado. Sua mão tateou a bolsa, onde o pássaro entalhado que o taat lhe dera estava aninhado. *Se um de nós vir o rumo, então podemos contar para o outro que o Longo Caminho está aberto...* Será que Niente estava certo: será que esse Longo Caminho existia, aquele que Atl não conseguia ver?

Ele desejou que seu taat estivesse ali.

Citlali ainda estava furioso, mas a atenção de Atl estava voltada para o pássaro entalhado na bolsa. Ele pareceu farfalhar, como se estivesse vivo e batendo as asas em pânico. Atl abriu a aba de couro e meteu a mão dentro. Sim, a coisa estava se mexendo. O pássaro ficou imóvel quando Atl o tirou para fora, e, assim que o fez, ele pôde ouvir a voz inconfundível de Niente.

— *Tototl está voltando para os navios. Você tem que ir também! O Longo Caminho está aqui.*

— Taat?

Não houve resposta. Atl soltou o pássaro entre seus dedos que há muito tinham perdido a força. Ele viu o objeto cair no chão, se perdendo

entre os caules dos grão pisoteados na terra. A voz de seu taat soara tão fraca, tão perdida, e Atl foi tomado pela certeza de que jamais a ouviria novamente.

— Tecuhtli — chamou Atl. — Temos que recuar e encontrar os navios. Estamos sem magia. Não teremos nenhuma até que possamos descansar novamente.

— Não! — disparou Citlali. — Eu tomarei a cidade hoje.

— Não é possível agora — respondeu Atl.

— Como você sabe? — disse Citlali, com desprezo. — Nada do que você me disse era verdade. Você não é mais o nahual. Eu encontrarei outro. Farei de Niente o nahual novamente.

Citlali ergueu a espada contra Atl, como se estivesse prestes a atacá-lo, Atl ergueu seu cajado mágico inutilmente.

Alguém gritou na língua dos orientais para os dois, e um cavalo de guerra rompeu o anel em volta de Citlali e Atl, conduzindo um guerreiro coberto de sangue e terra, sem elmo e com uma espada chanfrada na mão. Ele investiu diretamente contra Citlali, e o tecuhtli deixou Atl de lado para aparar o golpe do homem. O aço retiniu em aço, e Atl viu uma lasca da lâmina de Citlali sair voando e girando. Quando os cavalos de guerra se aproximaram, Citlali empurrou o oriental, e o homem caiu do cavalo. O tecuhtli riu.

— Viu só? — disse ele. — Viu só como eles caem facilmente? E você me diz para *recuar*?

O oriental estava lutando para ficar de pé, meio aturdido, apoiando-se em uma perna. Parecia que ele não seria capaz sequer de erguer sua espada. A sua volta, Atl viu os uniformes pretos e prateados e azuis e dourados dos orientais, embora os três permanecessem sozinhos em um nexo tranquilo em meio ao caos. Vários guerreiros caíam sob a pressão, os feiticeiros inimigos lançavam sua magia, e os nahualli eram incapazes de reagir. Citlali pulou do cavalo; Atl viu sua bota pisar sobre o pássaro vermelho entalhado no chão revirado e lamacento. O tecuhtli ergueu a espada novamente. O golpe, Atl viu, arrancaria a cabeça do oriental.

Atl ergueu seu cajado mágico vazio novamente, e o desceu com força no crânio de Citlali. O som emitido foi estranhamento baixo, como um pau batendo em um melão maduro, mas o tecuhtli caiu inconsciente aos pés atordoados do oriental. O homem olhou para Atl, que devolveu o olhar. Por um instante, nenhum dos dois se mexeu, então, enquanto Atl observava, montado em seu cavalo, o oriental ergueu sua espada e a enfiou no pescoço de Citlali.

— Perdemos o tecuhtli! — Atl gritou alto para que os guerreiros perto dele pudessem ouvi-lo. — Perdemos o tecuhtli. Recuar! De volta para os navios!

Enquanto os guerreiros reagiam, enquanto começavam a abandonar o combate e recuar, enquanto os orientais berravam em triunfo, Atl encarava o oriental. O homem se apoiava na espada, ainda cravada no pescoço de Citlali. Atl o cumprimentou com a cabeça.

Em seguida, ele puxou as rédeas do cavalo e começou a longa fuga para o oeste.

A Aurora

Eles foram perseguidos pelo exército de azul e dourado e preto e prata, foram caçados enquanto recuavam em direção ao rio e aos navios à espera, mas não intensamente. Os retardatários tinham sido abatidos, mas os exércitos principais não foram enfrentados novamente. Ficou claro que os orientais estavam felizes em escorraçá-los de sua terra, mas não exigiriam o extermínio do inimigo se eles estivessem dispostos a ir embora.

O exército vislumbrou os mastros dos navios da frota no segundo dia, a cerca de quinze quilômetros rio acima a partir de Nessântico, os tehuantinos subiram a bordo o mais rápido possível. Tototl, que se nomeara como tecuhtli, entrou no *Yaoyotl* e virou a frota para oeste assim que os guerreiros sobreviventes e os nahualli subiram a bordo. Ele afundou os barcos vazios, em grande número, no meio do rio para desencorajar a perseguição por parte de qualquer embarcação da marinha dos Domínios.

Eles navegaram A'Sele abaixo, sendo levados rapidamente pela correnteza em direção ao mar.

De volta para casa.

Atl, a bordo do *Yaoyotl*, olhou fixamente para a bruma verde da tigela premonitória. Tototl o observava atentamente; seu crânio agora estava pintado com o desenho da águia que em breve seria permanentemente tatuado em sua pele.

A miríade de futuros se espalhou diante de Atl; eles não estavam mais encobertos e difusos como tinham estado. Era como se Axat tivesse tirado um véu diante do rosto de Atl. Ele podia ver com mais clareza agora,

todas as incertezas que encobriram as possibilidades por tanto tempo tinham sido sopradas para longe como nuvens tempestuosas. Os futuros estavam abertos para o nahual, todas as possibilidades.

O que ele viu o fez ofegar. *O Longo Caminho... Este era o futuro que seu taat tinha visto, que ele sempre dizia que estava lá.* Atl percebeu então que Niente sabia que preço que o Longo Caminho cobraria: para alcançá-lo, ele devia morrer, e o tecuhtli Citlali também seria morto, se ele quisesse que esse futuro se concretizasse; e um grande número de guerreiros também deveria morrer. *Por quanto tempo o senhor manteve esse segredo, taat? O senhor sabia antes mesmo de nós partirmos?*

Atl suspeitava que sim. Isso explicava muita coisa. Explicava por que Niente nunca quis que ele usasse a tigela premonitória. Esse tinha sido o gesto de um pai protetor, não o de um nahual enciumado. Essa compreensão fez Atl lamentar as palavras duras que os dois tinham trocado.

— Eu voltarei a esta terra? — perguntou Tototl duramente, interrompendo os pensamentos de Atl e fazendo com que a bruma verde oscilasse com sua respiração a ponto de Atl quase perder a visão. — Eu vingarei nossa derrota?

Atl também pôde ver esse futuro: os navios novamente carregados com um exército, um ainda maior que o de Citlali, voltando pela terceira vez àquelas praias. Mas, dessa vez, os exércitos dos Domínios eram um só e os atacaram prematura e furiosamente; a maioria dos homens estava armada com armas terríveis, como aquelas que Tototl e Niente tinham testemunhado durante suas batalhas. Os guerreiros tehuantinos foram abatidos como trigo por uma foice e a terra bebeu seu sangue.

Era um futuro terrível, mas um futuro que poderia facilmente acontecer.

Mas o outro... aquele que se estendia até ser engolido pelas brumas. *Este* também era possível, se Atl direcionasse Tototl para esse caminho. Seria necessária habilidade e exigiria sacrifício, mas o futuro estava lá, e ele podia ver a mão de Niente sobre ele.

— O senhor fará mais do que isso, tecuhtli — respondeu Atl. — Um dia, o senhor promoverá a paz com os orientais. Seu nome será homenageado em todas as partes da nossa terra. Todos os tecuhtli que vierem depois serão comparados ao senhor. O senhor será eternamente conhecido como o Grande Tecuhtli.

As brumas enfraqueceram agora, Atl pegou a tigela e jogou a água em seu interior sobre a lateral do navio. Ele entregou a tigela para um

nahualli de menor escalão.

— Limpe isto — ele disse para o homem — e coloque de volta na minha cabine.

Ele podia sentir o cansaço do X'in Ka martelar seu corpo, e seu olho esquerdo piscar incomodamente. Atl apertou bem os olhos e os abriu novamente. Tototl o observava.

— Paz? Como um guerreiro encontra honra na paz? Como um guerreiro se torna grande sem guerra e vitória?

Atl respirou profundamente. Olhou para o oeste, para a fumaça e os vapores de Nessântico, para o lugar onde o corpo de Niente jazeria para sempre.

— Eu vou lhe mostrar — disse o nahual. — Juntos, nós nos manteremos naquele caminho.

— Veja-me fazer — ela disse para Nico. — Aí eu quero que você tente fazer sozinho. Está vendo? Olhe só, você faz um laço com o cadarço assim, depois pega a outra ponta e passa uma vez pela base do laço, e...

Ela ouviu uma batida na porta do quarto enquanto amarrava as botas de Nico.

— A'morce?

— Entre — respondeu ela.

Michelle entrou, com Serafina no colo. O bebê estava enrolado em renda, e Michelle segurou a criança com um gesto protetor ao olhar desconfiada para Nico, que estava sentado na cama. Ele virou o rosto ingênuo para olhar para a ama de leite.

— Esta é Serafina? — Nico perguntou para Varina, com ansiedade na voz.

— Sim.

Ele baixou o olhar, quase envergonhado.

— Posso... posso segurá-la?

Michelle balançou a cabeça ligeiramente, mas Varina sorriu para ele.

— Só um pouquinho. E você precisa tomar muito cuidado com ela.

Varina acenou com a cabeça para Michelle que, ainda com a testa franzida, deu um passo para frente, colocando o bebê nos braços esticados de Nico.

— Segure bem a cabeça dela — disse Varina. — Sim, desse jeito. Muito bem...

Nico sorriu ao embalar Serafina nos braços. O bebê se agitou por um momento, mas depois se aquietou, sendo embalado por Nico até dormir.

Ele encarou o rosto da criança.

— Os olhos são tão grandes — perguntou Nico com um ar de admiração. — E as mão são muito pequenininhas. Ela é mesmo minha filha?

— Sim. Sua e de Liana.

Varina acariciou a cabeça de Sera. Seu cabelo era fino como uma penugem, a pele macia e quente. Sua mãozinha se sacudiu, encontrando o dedo de Varina e o agarrando. Ela riu.

Nico balançou a cabeça, observando a interação.

— Eu não me lembro de Liana. Eu não sei como...

— Eu conto para você um dia — disse Varina. — Agora, nós temos que nos aprontar para ir ao funeral da kraljica. Aqui...

Ela estendeu as mãos, e Nico colocou Serafina ali com cuidado. Varina ouviu o suspiro audível de alívio de Michelle. Ela beijou a testa de Sera e a abraçou por alguns instantes antes de devolvê-la para a ama de leite?

— Ela está alimentada?

— Alimentada, vestida e pronta para ir — respondeu Michelle. — Eu tenho uma muda de roupas e fraldas. Eu subi para dizer para a senhora que a carruagem do palácio já chegou.

— Ótimo — disse Varina. — Vá na frente, entre com Sera e a acomode. Nico e eu desceremos em breve. Eu só tenho que terminar as botas dele.

Michelle olhou furtivamente para Nico novamente.

— A'morce, esse rapaz é perigoso. O que ele fez...

— O que ele fez com os tehuantinos nos salvou — respondeu Varina. — E ele pagou um preço mais caro do que a maioria de nós estaria disposta a pagar.

— Ele pode estar fingindo esse distúrbio ou recuperar a capacidade mental. E aí?

Nico não disse nada enquanto elas discutiam sobre ele, apenas olhava de uma mulher para a outra enquanto as duas falavam.

— Aí — falou Varina —, nós cuidaremos disso quando acontecer.

Ela já tinha ouvido essa mesma pergunta uma dezena de vezes ou mais. Havia aqueles dentro do Conselho e entre os ca' e co' da cidade e os ténis da Fé que queriam que Nico fosse julgado e executado pelas mortes que causou e pelo dano ao Velho Templo durante a tomada dos morellis. Quanto a isso, uma parte da própria Varina ainda estava furiosa com ele pela destruição e pelas mortes que ele tinha, assumidamente, causado a seus próprios amigos durante o funeral de Karl.

Nico, na verdade, tinha que responder por muita coisa, mas ele salvara

a cidade praticamente sozinho quando ela estava prestes a cair. Também não havia como negar isso — ou o fato de que o preço pelo esforço fora alto, e talvez, talvez fosse castigo suficiente. O Nico diante de Varina não parecia se lembrar de nada desse dia ou de sua vida anterior. O Nico diante dela era um inocente — ele podia habitar o mesmo corpo, mas não era o Nico que alegava ser o Absoluto. Talvez o kraljiki exigisse um castigo por seu passado, mas Varina lutaria contra isso, com todas as forças que pudesse reunir.

— Por enquanto, ele é uma criança e precisa ser tratado como tal.

— Como a senhora mandar, a'morce — respondeu a ama de leite.

Serafina chorou, e Michelle a embalou com delicadeza.

— Eu vou acalmá-la novamente, nos vemos na carruagem.

Quando Michelle saiu do quarto, Varina se abaixou de novo para amarrar os cadarços das botas de Nico, que a observava com o cenho franzido.

— Está tudo bem Nico — disse ela. — Michelle não está chateada com você. Está apenas preocupada, como eu. Agora, veja como eu faço e vamos ver se você consegue amarrar o outro cadarço. Faça um laço assim, depois passe a outra ponta em volta dele...

Os ténis já estavam presentes no Templo do Archigos. A a'téni Valerie ca'Beranger, de Prajnoli, realizaria a cerimônia — os rumores diziam que ela provavelmente seria eleita como archigos quando o Colégio A'téni se reunisse em poucos dias. Brie conduziu os filhos pela nave ladeada por e'ténis de robe branco — a cor do luto — com bordas verdes. Os ténis a observavam, em silêncio: como fileiras de ossos brancos apontando na direção da Pedra de Cénzi, enquanto Brie e os filhos subiam à plataforma e se aproximavam do altar e da grande Pedra de Cénzi, coberta por um pano azul-celeste reluzente.

— Ali — sussurrou Brie para Elissa, Kriege, Caelor e Eria.

Sua voz soou alta sob o domo, e ela ergueu os olhos uma vez para os afrescos de Cénzi e dos moitidis bem acima delas.

— Esta é sua mamatarh, Allesandra. Ela foi uma grande mulher e me disse que queria muito ter conhecido todos vocês. Eu gostaria que vocês a tivessem conhecido quando ela estava viva.

Não era assim que Brie pretendia que os filhos conhecessem sua mamatarh. Ela tinha tido esperanças de apresentá-los à mulher, não ao corpo morto. Ela se perguntou se não teria sido melhor ter deixado as crianças em Brezno durante o funeral, mas então elas teriam perdido a

coroação do vatarh.

— *Aqui é* feio — *dissera Elissa ao desembarcar da carruagem no palácio; a menina olhou em volta para os prédios destruídos e marcados pelo fogo e pela guerra. — Tem um cheiro horrível também. Brezno é bem mais bonito, matarh. Por que nós não podemos ficar lá?*

— *Nessântico é nosso lar agora — respondera Brie. — E nós faremos a cidade ficar mais bonita e impressionante do que Brezno, como ela era antes. Todos nós ajudaremos seu vatarh a fazer isso.*

Ela esperava que isso não fosse uma mentira.

Agora, no Templo do Archigos, eles olhavam para mais uma ruína, a da kraljica.

Eria ficou para trás, com um polegar plantado na boca. Ela se recusou a sequer se aproximar do esquife e se contentou em olhar para o corpo enquanto se agarrava à tashta de Brie. Caelor só se aproximou de maneira hesitante e se afastou rapidamente em direção a sua matarh. Kriege caminhou para a frente de mansinho, com uma expressão séria no rosto, e olhou para a face pintada de branco, dando um passo para trás em seguida, fungando como se pudesse sentir o cheiro mesmo com o escudo antiodor que os ténis tinham colocado em volta do corpo. Elissa, que tinha se aproximado com Kriege, permaneceu ali, olhando para o corpo como se tentasse memorizar cada detalhe dele: as rugas na face da mamatarh; a máscara funerária dourada que os ténis colocariam no rosto de Allesandra em apenas uma virada da ampulheta, quando as portas do Templo do Archigos seriam abertas para que o funeral pudesse começar; o cetro de ferro do kraljiki Henri VI em sua mão esquerda; o anel com o sinete dos kralji à mostra na palma direita, virada para cima, que Jan pegaria quando o ritual do funeral tivesse acabado. O pano azul sobre o altar estava coberto por coroas de flores amarelas. Sete candelabros estavam dispostos em volta da pedra, acesos não com chamas, mas com as luzes brilhantes dos ténis, banhando o corpo com uma iluminação branco-amarelada tão intensa que parecia que o domo do templo tinha sido levantado para que o sol pudesse brilhar sobre a kraljica.

Elissa tocou o braço de Allesandra com um dedo hesitante, depois olhou para sua ponta como se fosse um objeto estranho.

— Ela está fria — relatou Elissa. — E meio dura.

— É o que acontece quando alguém morre.

— Ah! — Elissa pareceu considerar aqui. — Mas o rosto está bonito.

Brie ouviu a voz de Jan, conversando com Sergei ca'Rudka, o starkkapitän ca'Damont e o comandante ca'Talin na lateral do coro.

Talbot, o assistente de Allesandra, que tinha concordado em permanecer como assistente de Jan, pigarreou perto dos bancos.

— Hïrzgin, eles já estão prontos para deixar os ca' e co' entrarem no templo. Eu vou avisar o hïrzg e os demais; a senhora ainda tem um algum tempo, mas...

Ela assentiu, e Talbot se retirou.

— Não toque nisso — disse Brie para Elissa, que estendeu uma mão hesitante em direção ao anel; ela recolheu a mão como se a tivesse queimado.

— Eu não ia tocar — disse ela. — Esse vai ser o anel do vatarh?

— Sim, em breve — respondeu a matarh.

— E será meu algum dia?

Kriege encarou Elissa.

— Não é *justo*, matarh — ele gritou, ecoando sua voz estridente sob o domo.

Brie viu as fileiras de ténis se mexerem, e alguém riu, um som rápido, brevemente sufocado.

— Ela fica com *tudo*.

A hïrzgin podia ouvir Talbot rindo enquanto percorria a nave em direção a Jan. Ela riu também.

— Ninguém vai ficar com o anel; ao menos não por muito tempo, até que vocês todos estejam crescidos. Veremos na ocasião, então. Pode ser que nenhum de vocês dois queira.

— Então eu fico com ele — interrompeu Caelor. — É um anel bonito.

Brie riu.

— Vamos — ela falou para os filhos. — Precisamos tomar nossos lugares...

As trompas tocaram um lamento grave e fúnebre que fez os pombos irromperem em revoada do chão da praça, do lado de fora. Lá dentro, Rochelle podia sentir a parede do templo pulsar em suas costas. Ela tinha entrado no templo sorrateiramente por uma porta traseira, tinha arrombado a fechadura bem antes da aurora, deslizando pelo mezanino do coro ao longo de um canto nas sombras, atrás do arco de um dos pilares, onde poderia olhar o coro, o esquife e os bancos mais próximos.

Rochelle pensou ter sentido o cheiro de fumaça dali: não apenas o aroma pungente dos incensários no altar, mas da fumaça remanescente do bombardeio de areia negra dos tehuantinos, impregnado sob os arcos pintados do domo. Ela tinha se sentado, escondida, ali por várias viradas,

esperando. Ela tinha visto os ténis de robe branco formando suas fileiras; o coro se instalando nos assentos não muito longe dela.

Ela tinha visto seu vatarh e sua família entrarem para ver o corpo no meio da manhã, tinha visto Brie conduzir as crianças à frente, depois dela e Jan prestarem sua homenagem.

Os filhos... O pensamento deveria ter sido sua matarh e ela lhe ocorreu, se ao menos as coisas tivessem sido diferentes, mas então Rochelle balançou a cabeça. *Não*, ela disse para si mesma, com firmeza. *O relacionamento deles jamais teria sobrevivido com as mentiras e a loucura da matarh. Jamais teria acontecido. Esse nunca foi meu destino. Não minta para si mesma. Você só pode ser a filha bastarda, nunca a legítima.*

Rochelle se perguntou o que seu futuro lhe reservava, e ela não tinha resposta para isso. Sua mão desceu para o cabo adornado da adaga que ela tinha roubado de seu vatarh, a adaga com a qual ela esperava matar sua mamatarh. A madeira lisa do pomo pareceu pulsar sob seus dedos.

A família se afastou do esquife. Ela os viu se acomodarem em seus bancos, ouviu as portas se abrirem assim que as trompas começaram a soar o chamado fúnebre e doloroso mais uma vez, e os ca' e co' entraram no templo. O coro a assustou quando começou a cantar uma das obras etéreas e fúnebres de Darkmavis. Os tons ascendentes e as harmonias opressivas ecoaram, altas e insistentes, passando por ela e se propagando para o domo do templo, e a envolveram como um manto.

Pareceu levar uma eternidade para o público do funeral entrar entre as fileiras de ténis de robe branco e se acomodar nos bancos. De seu esconderijo, Rochelle observou os bancos da frente, viu seu vatarh e seus meios-irmãos, assim como a mulher que tinha tomado o lugar de sua matarh: Brie, a quem agora chamavam de a Vitoriosa da Margem Sul e a quem a multidão saudava tão alto quanto Jan. Ela viu Sergei na fileira atrás dele, sentado ao lado da mulher numetodo, carregando uma criança nos braços.

E ao lado dela estava Nico, irrequieto como uma criança entediada. A a'morce não parava de se virar para falar com ele baixinho, e Rochelle notou que Sergei observava o jovem com atenção. Nico — ela se perguntou se era verdade o que diziam sobre seu irmão, que ele tinha perdido a sanidade mental e não era mais que uma criança. Vê-lo daquela maneira doía mais do que tudo, pensou Rochelle.

A a'téni ca'Beranger finalmente surgiu detrás do coro e começou a cerimônia, auxiliada por um grupo de ténis do alto escalão se movendo em torno dela com incensários, taças, o cajado do globo partido e os

pergaminhos do Toustour e da Divolonté. Rochelle quase cochilou durante a maior parte da cerimônia e se mexeu apenas quando Jan se levantou para dar a Admoestação. Ela viu seu vatarh caminhar até o Alto Púlpito — andando como um velho, apoiado em uma bengala segurada com firmeza junto ao corpo. Talbot se mexeu para ajudá-lo, e ela notou que Jan balançou a cabeça para o homem. Lentamente, ele subiu os degraus do Alto Púlpito, se recusando a deixar que seus ferimentos o detivessem. Ela viu Jan olhar para a plateia e, em seguida, encarar o corpo de sua matarh por vários instantes antes de falar.

— É costume dizer o quanto uma matarh foi gentil e maravilhosa em vida — ele disse, finalmente, e sua voz de barítono ecoou na ótima acústica do templo. — Eu não vou dizer essa mentira. Ela talvez não tenha sido a melhor matarh que eu poderia ter. Eu era seu filho único, mas não era o filho com o qual a kraljica Allesandra mais se importava.

"Esse filho, o único filho que ela teve, era Nessântico. Os Domínios. Para Nessântico, ela foi uma excelente matarh: uma matarh forte e vigorosa, que realizou o que poucos conseguiriam. A kraljica Allesandra restaurou Nessântico quando a cidade estava em ruínas. Evitou que os Domínios se partissem quando, em mãos menos capazes, eles teriam desmoronado e se dissolvido. Ela protegeu Nessântico quando, pela segunda vez, a cidade foi atacada por invasores estrangeiros. A kraljica Allesandra deu todo o amor, energia e atenção para essa cidade e esse império, e quando foi exigido seu sacrifício, ela se dispôs a dar sua vida para Nessântico como pagamento final.

Jan fez uma pausa longa, respirando profundamente, como se falar o esgotasse. Rochelle se debruçou. *Eu estava disposta a tirar a vida da kraljica. Eu teria feito isso, matarh, mas cheguei tarde demais.* Sua mão ainda estava no cabo da faca. O vatarh ergueu seu olhar, como se tivesse visto um movimento ou pudesse, de alguma forma, sentir a atração da faca que Rochelle lhe tinha roubado. Ela recuou para as sombras. Seus olhos, bem abaixo, pareciam encará-la, apesar da distância.

— Celebrem Allesandra ca'Vörl — continuou Jan, voltando a olhar para a plateia. — Celebrem sua gestão dos Domínios, pois quando os Domínios estiveram à beira do abismo, ela evitou que o império caísse. Isso foi um golpe de mestre. Isso foi genial. Isso foi passional. *Estas* eram qualidades que minha matarh possuía em abundância. E essas eram exatamente as qualidades que Nessântico precisava, e ela chegou no exato momento em que Nessântico exigiu sua presença. Nessântico teve sorte em tê-la, com suas habilidades e nesse momento. Ainda que eu não tivesse dado valor

na maior parte do tempo.

Uma risada fraca percorreu a plateia nesse momento, soando deslocada no templo.

— Nós saímos vitoriosos de uma guerra terrível — continuou Jan —, em grande parte por causa das atitudes da kraljica Allesandra. Eu só posso esperar, seguindo seus passos, que eu seja capaz de fazer o mesmo, que eu *possa* ser seu filho e que eu construa a partir de seu legado. Os Domínios foram unificados novamente, a Fé foi unificada novamente, mas há desafios a nossa frente que vão nos testar, a todos nós. Eu sei que ela está nos observando nos braços de Cénzi. Espero que nós possamos fazê-la sentir orgulho pelo que conquistamos.

Jan abaixou a cabeça. Rochelle pensou que ele fosse falar mais, mas ele fez o sinal de Cénzi para a plateia e saiu do Alto Púlpito — lentamente, mais uma vez, ecoando o som alto da bengala no silêncio. Ele voltou para seu lugar enquanto a a'téni e seus assistentes retornavam ao altar. Quando eles começaram a circular o esquife, entoando e balançando os incensários, Rochelle recuou para o nicho, recostando sua espinha sobre a pedra fria.

O que eu faço, vatarh? O que eu faço para o senhor ter orgulho de mim?

Ela podia sentir a pressão do cabo da adaga na lateral de seu corpo ao se agachar, se apoiando no pilar do templo. Se Nessântico passasse a ser a paixão do vatarh, como tinha sido a de Allesandra, se — o que ele disse sobre Allesandra fosse verdade — os Domínios passassem a ser seu filho único, então ela compartilharia essa paixão com Jan. A matarh de Rochelle lhe ensinara uma habilidade ímpar; e ela a usaria, então.

Eu não serei a Pedra Branca, não, eu me tornarei a Adaga de Nessântico.

Rochelle assentiu. Ela permaneceria nas sombras. Seria genuinamente a filha de Jan. Serviria aos Domínios da sua própria maneira.

Sim.

O coro começou a cantar mais uma vez, e Rochelle fechou os olhos, se permitindo mergulhar no som etéreo, tão insubstancial e misterioso quanto ela seria.

A procissão em volta do anel da alameda da Avi a'Parete foi longa e lenta e — Jan podia ver a multidão se alinhar pela Avi, esperando pela passagem da kraljica — necessária. A multidão se estendia pela alameda em várias fileiras de ambos os lados da Avi, até onde sua visão podia alcançar. Suas expressões eram solenes: muitos choravam abertamente. Jan se deu conta de que, assim como Allesandra amara a cidade, a cidade

passou a amá-la e a valorizá-la em retribuição.

Jan só podia esperar que fizessem o mesmo por ele nos próximos anos.

Jan fez uma careta quando a carruagem em que estava encontrou um buraco irregular no pavimento; o impacto comprimiu suas costelas, irradiando a dor até seus ombros. Ele sentiu os cortes que os curandeiros tinham costurado há dias se repuxarem quando ele tentou se ajeitar no assento. Ele lutou para demonstrar o mínimo de incômodo possível para as multidões. Jan sorriu e acenou. Em sua mão, o anel com o sinete dos kralji reluziu.

O cortejo fúnebre de Allesandra lembrou o da grande e amada kraljica Marguerite. Nenhum dos kralji, entre Marguerite e Allesandra, tinham recebido uma manifestação tão formal. O kraljiki Justi, filho de Marguerite, tinha sido ironizado e desprezado; o povo da cidade na verdade *ficou feliz* com sua morte, e seu esquife saíra diretamente do Templo do Archigos para o palácio. O reinado do filho de Audric tinha sido ainda pior, embora a curta regência de Sergei tivesse mantido a cidade estável. Mas assim que a regência terminou prematuramente, a loucura de Audric e seu comportamento excêntrico prejudicaram ainda mais os Domínios, e o assassinato do kraljiki foi — muitos consideraram — uma bênção. A kraljica Sigourney, sucessora de Audric, cometera suicídio quando os tehuantinos saquearam e queimaram a cidade, e seu corpo fora profanado pelos ocidentais: Jan se lembrava disso muitíssimo bem.

Com a morte de Sigourney e a cidade em ruínas fumegantes em volta de Jan, ele poderia ter tomado o título de kraljiki para si; em vez disso, ele escolheu dar Nessântico e os Domínios para sua matarh: um gesto irônico.

E ela transformou essa ironia em uma verdadeira dádiva, Jan tinha que admitir. Isso estava claro para ele agora.

A carruagem de Jan, puxada por três cavalos brancos em um arnês de quatro cavalos, seguiu imediatamente atrás do esquife. Ele ouviu o cântico dos ténis caminhando ao lado do esquife, que parecia flutuar em uma nuvem branca. Sobre o corpo, imagens enormes da kraljica apareciam e desapareciam: exibindo suas imagens como era representada pelo quadro oficial; na inauguração do domo reconstruído do Velho Templo; sorrindo ao descer da sacada durante o Gschnas.

O cheiro das flores a acompanhava, assim como o som dos músicos na carruagem sem teto a frente do esquife, tocando Darkmavis e ce'Miella: uma fusão do antigo com o moderno.

O velho cedendo o lugar para o novo. Jan considerou aquilo fascinante.

— Olhe, eles estão aplaudindo o senhor, vatarh — disse Elissa com alegria, enquanto ela mesma apontava e acenava.

E era verdade: à medida que o esquife passava, e logo depois da carruagem sem teto, o luto virava aplausos e sorrisos.

— Eles gostam do senhor.

— Eles estão aplaudindo porque não têm escolha — respondeu Jan, e Brie franziu a testa.

— Jan...

— É verdade, e as crianças devem saber disso — respondeu ele.

Jan se inclinou na direção de onde os filhos estavam sentados, ignorando o puxão dos pontos e a pontada no peito.

— As pessoas aplaudem desde que pensem que você vai manter a comida em suas barrigas e um teto sobre a cabeça delas. Elas também aplaudem quando temem você, porque têm medo de que, se não aplaudirem, sejam punidas. Não confundam os sorrisos e aplausos com algo mais do que uma fachada.

Ele sentiu a mão de Brie apertar seu braço.

— Querido, por favor. Eles não entendem o que você está dizendo, e você apenas está assustando as crianças. E não deveria ser tão cínico. Não hoje, entre todos os dias.

Ela estava certa, e Jan sabia disso. Ele viu o cabo adornado da chispeira dentro de uma bainha de couro estampada em relevo: a linda chispeira com que Varina e os numetodos a tinham presenteado após a batalha. Os cidadãos de Nessântico *estavam* aplaudindo sua esposa, Jan sabia: o sucesso do grupo de chispeiros já era uma lenda na cidade, e parecia que a a'hïrzg se tornara uma favorita da cidade.

— Desculpem-me — ele disse para a esposa e os filhos. — Você está certa...

Eles continuaram a dar a volta pela alameda circular, e Jan continuou a sorrir e a acenar. Porque era o que se esperava dele. Porque era seu dever. Eles passaram ruidosamente pela Pontica a'Kralji onde, em jaulas de ferro, o esqueleto do téni-guerreiro ocidental que Sergei matou e dos tehuantinos ocidentais expunham seu triunfo sangrento. Jan mal olhou para os corpos.

A procissão terminou no pátio do Palácio da Kraljica ao anoitecer. O esquife flutuou na nuvem mágica até o pico de uma pilha de toras embebidas em óleo, colocada bem longe das alas do palácio, no centro dos jardins da kraljica: a pira mandaria a alma de Allesandra para os

braços de Cénzi. Os ca' e co' da cidade, dos Domínios e da Coalizão, os chevarittai em seus uniformes de gala azuis e dourados e negros e prateados, Sergei ca'Rudka, o starkkapitän ca'Damont, o comandante ca'Talin da Garde Civile: todos viram Jan e sua família descer da carruagem.

Jan olhou uma última vez para o corpo de sua matarh. Ele acenou com a cabeça para Talbot, que gesticulou para os ténis-bombeiros dispostos em volta da pira. As mãos dançaram juntas um balé elaborado; as vozes se juntaram em um cântico lento. Uma chama alaranjada brotou de suas mãos enquanto os ténis-bombeiros gesticulavam, como se jogassem pétalas em direção à pira. As chamas estalaram e assobiaram furiosamente, lambendo o óleo e se inflamando rapidamente. A nuvem mágica desapareceu sob um cortina branca que se contorceu e subiu à altura do telhado do palácio até ser espalhada no céu pelo vento. As chamas tocaram o esquife; Jan viu as flores se contorcerem e se enroscarem enquanto o corpo de Allesandra se perdia em uma onda de calor e fumaça. Os furiosos estalos das chamas ecoaram nos muros do palácio e o calor insistente fez todos se afastarem a alguns passos da pira.

Um pedaço de lenha entrou em colapso na pira, disparando fagulhas frenéticas para o alto. Jan se deu conta de que tinha ficado assistindo ao fogo por mais tempo do que pensava, de que o céu estava ficando escuro.

— Podemos ir agora, kraljiki — disse Talbot; o título soou estranho para Jan. — Eles já estão no salão...

O Salão do Trono do Sol estava lotado. As janelas do longo aposento reluziam com as chamas vermelhas da pira, e a grande janela atrás do trono mostrava o céu do crepúsculo, com um tom intenso de violeta e as primeiras estrelas começando a brilhar. O Conselho dos Ca' estava sentado à frente do trono, com outros dignitários. A a'téni ca'Beranger esperava com Talbot ao lado do Trono do Sol. Brie deixou as crianças com as babás e se aproximou da plataforma do trono, ao lado de Jan.

O Trono do Sol. A enorme cadeira esculpida a partir de um único cristal enorme que tinha a altura de mais de dois homens e um tom branco semitransparente e sarapintado. Ele se avultava diante de Jan e Brie. Enquanto olhava para o trono, ele girava o anel com o sinete na mão, sentindo a superfície lisa e fria do metal dourado e prateado na pele.

— Este é o seu destino, meu marido — sussurrou Brie.

Jan olhou para ela, percebendo que a esposa olhava para suas mãos.

— Você sabe disso — falou Brie. — E sua matarh também sabia.

— Ela demonstrou de um jeito estranho.

— Esse era o destino dela também. Esse era o problema. — Ela gesticulou para o trono. — Lá está ele. É seu, meu amor.

Jan olhou para Talbot. O assistente aquiesceu com a cabeça. Atrás de uma porta no fundo do salão, logo atrás do trono, dois ténis-luminosos entoavam um cântico. Talbot tinha lhe contado que, no último século, o Trono do Sol quase não reagia ao anel com o sinete e que agora a reação era criada por ténis-luminosos especialmente habilidosos e de confiança, que asseguravam que o trono se acendesse quando o kralji se sentava no cristal.

Jan riu ao saber da revelação — outro truque, outro espetáculo.

Ele subiu na plataforma, recebendo o sinal de Cénzi da a'téni ca'Beranger ao passar por ela. Ao chegar ao trono, Jan se virou para encarar a multidão. Todos o observavam.

Jan se sentou. O cristal a sua volta se acendeu com uma luz amarela intensa que parecia emergir das profundezas ocultas do trono. Ele ficou sentado, sendo banhado pela luz, enquanto a plateia se levantava e o aplaudia, retumbante.

— Eu sempre me pergunto o que teria sido dos Domínios se a senhora tivesse vivido — Sergei disse para o quadro da kraljica Marguerite. — Eu adoraria saber o que a senhora acha das coisas agora.

O vinho que ele bebeu estava fazendo sua cabeça girar um pouco. Lá embaixo, no palácio, a celebração do novo kraljiki ainda estava em andamento; lá fora, as brasas da pira de Allesandra lançavam um brilho vermelho na noite. Sergei saiu sorrateiramente das festividades através dos corredores de serviço para ir para lá, para os aposentos que tinham sido de Allesandra, e agora eram de Jan. Ele ainda segurava uma taça de vinho na mão, que ele ergueu para o retrato de Marguerite enquanto descansava em uma cadeira. Uma chama tênue — acesa para espantar o frio da noite — estalava na lareira sob o quadro; a chama e as velas acesas de ambos os lados davam uma iluminação agitada que animava o rosto pintado e austero de Marguerite. Sergei pensou que a kraljica tivesse se mexido e aberto a boca para falar com ele...

Era uma sensação perturbadora, que trouxe lembranças de Audric e sua loucura.

Sergei tomou um bom gole do vinho e enfiou a mão livre no bolso da bashta. Retirou um seixo liso e branco e manipulou sua superfície lustrosa entre seus dedos. Com o movimento, o vinho espirrou pela borda da taça, jogando gotículas em sua bashta. Ele não se importou.

— Marguerite, nós dois amamos tanto esta cidade e este império que estivemos dispostos a fazer qualquer coisa por ela. Eu me pergunto... Será que Nessântico nos ama por nossa paixão e fé? Será que ela se importa? A senhora às vezes se arrepende da vida que levou, como eu? Hum... De alguma forma, conhecendo a senhora como eu conheço, eu duvido. A senhora sempre foi tão segura de si.

Sergei ergueu a taça em brinde, depois a levou à boca, a virou e acabou com o vinho em um longo gole. Ele pousou a taça na mesa ao lado, pegou sua nova bengala e se levantou da cadeira, soltando um resmungo e um gemido.

— A senhora tem um novo parente para ficar olhando à noite — disse o embaixador para Marguerite. — vamos esperar que ele seja um bom governante, tão forte quanto a senhora foi.

Ele percebeu que ainda segurava a pedra. Ele a levou ao ouvido.

— Eu não ouço ninguém.

Sergei bateu com o seixo no nariz e ouviu o som de pedra no metal. Ele riu, cambaleou um pouco ao ficar em pé ali, e recolocou a pedra no bolso.

— O que acontece conosco quando morremos? — perguntou o embaixador para o quadro. — Cénzi realmente nos espera para nos julgar? Eu agradeceria um sinal, Marguerite. Realmente agradeceria.

O quadro olhou fixamente para Sergei à luz da lareira. O olhar pintado de Marguerite se recusava a deixá-lo ir. Finalmente, o embaixador esfregou o nariz e fungou.

— Sem resposta, hein? A senhora sempre manteve seus segredos. Bem, acho que eu vou descobri-los muito em breve.

Sergei fez uma mesura para o quadro e quase caiu. Ele tocou na pedra dentro do bolso. Saiu do aposento, deixando a taça sobre a mesa e, cambaleando, desceu pela escada de serviço novamente. Ao chegar ao corredor da criadagem perto do Salão do Trono do Sol, Sergei ouviu o barulho dos foliões, ainda conversando. Ele seguiu na outra direção e saiu no jardim. O ar fresco da noite pareceu arejar sua mente. Sergei podia sentir o cheiro de cinzas e madeira queimada — bem longe no jardim, criados estavam mexendo e espalhando os carvões da pira. Ele balançou a cabeça e esfregou a barba rala das bochechas. O embaixador deu a volta por esse lado do palácio em direção à Avi a'Parete, ainda apinhada de pedestres e carruagens, mesmo a altas horas. Do outro lado da Pontica a'Brezi Veste, ele viu a torre e as muralhas da Bastida.

Sergei respirou fundo. Contra as nuvens iluminadas pelo luar, a torre estava escura, e uma pequena luz brilhava em uma das janelas

superiores, parecendo chamá-lo. A mão de Sergei, no bolso da bashta, tocou novamente o seixo da Pedra Branca.

Ele suspirou e começou a caminhar na direção contrária.

Epílogo: Nessântico

Havia outro kraljiki sentado no Trono do Sol, banhado pela luz dourada — mais um parente da grande kraljica Marguerite. Os Domínios estavam unificados novamente, e o novo kraljiki também sustentava o título de hïrzg de Firenzcia. Havia um novo archigos sentado no trono do Templo do Archigos, onde os archigi se sentavam por séculos, mas esta era uma fé concénziana alterada e enfraquecida, e muitos dos que andavam pelas ruas de Nessântico não eram mais fiéis.

No oeste distante, do outro lado do Strettosei, havia um novo tecuhtli, com um jovem nahual a seu lado.

Uma criança que se tornara um jovem poderoso voltou a ser pouco mais que uma criança novamente. E a Pedra Branca desapareceu mais uma vez, talvez para voltar ou para cair completamente em esquecimento.

Nessântico — a cidade, a mulher — não se importava. Tais movimentos não a incomodavam. A história não estava encerrada. Haveria mais discussões, mais conflitos. Tronos passariam. Vitórias e derrotas, os gêmeos rivais da guerra, se enfrentariam com novos jogadores.

Ela não se importava. A história não estava encerrada porque a história nunca termina. Não pode terminar.

As pessoas que andavam pelas ruas de Nessântico nasceriam e morreriam, para serem substituídas por outras. O Trono do Sol sentiria o peso de dezenas de futuros kralji ainda não nascidos, e eles seriam bons ou maus líderes, mas com o tempo, todos eles — independentemente de quão bons ou maus eles fossem — eventualmente sairiam da longa e infinita história.

Mas *ela* nunca sairia. Nessântico esteve na história desde o início. A história era dela, e não terminaria até que Nessântico chegasse ao seu fim, e ela...

Era imortal.

Sua sorte tinha mudado mais uma vez. De um reino estilhaçado, um novo e mais forte surgiria. O rosto que o A'Sele refletia de volta para Nessântico mudaria. Algum dia até mesmo a própria linhagem dos kralji talvez desaparecesse. Talvez.

Mas não ela. Ela nunca.

Nessântico continuaria. Ela entraria naquele longo futuro a passos largos: viva, respirando, eterna, a personagem central da história da terra. Seu rosto seria reescrito, as velhas rugas seriam arrancadas e substituídas por novas. Nessântico envelheceria; seria remoçada, sem parar.

A história não terminaria.

A história não podia terminar até que ela mesma tivesse morrido.

E isso, Nessântico dizia para si mesma, jamais poderia acontecer.

APÊNDICES

PERSONAGENS PRINCIPAIS

(por status, depois por ordem alfabética pelo sobrenome)

Varina ca'Pallo *[Vah-REE-nah Kah-PAHL-low]*
A'morce (líder) dos numetodos e integrante do Conselho dos Ca'. Esposa de Karl ca'Pallo.
Sergei ca'Rudka *[SARE-zhay Kah-ROOD-kah]*
Conselheiro de Allesandra e embaixador dos Domínios em Firenzcia.
Allesandra ca'Vörl *[Ahl-ah-SAHN-drah Kah-VOORL]*
Kraljica de Nessântico; matarh de Jan ca'Ostheim.
Brie ca'Ostheim *[Bree Kah-OHST-hime]*
Esposa de Jan e hïrzgin de Firenzcia.
Jan ca'Ostheim *(nome de solteiro ca'Vörl) [Yahn Kah-OHST-hime]*
Hïrzg de Firenzcia, filho de Allesandra.
Nico Morel *[NEE-koh Mohr-ELL]*
Ex-téni destituído, e líder carismático de um movimento fundamentalista.
Rochelle Botelli *[Row-SHELL Bott-TAHL-lee]*
Meia-irmã de Nico Morel, que atua como a "Pedra Branca", uma assassina de aluguel.
Niente *[Nee-EHN-tay]*
Nahual (feiticeiro-chefe) dos ocidentais.

ELENCO COADJUVANTE

(por status, depois por ordem alfabética pelo sobrenome)

Os ca':
Karrol ca'Asano *[CARE-ohl Kah-ahh-SAH-noh]*
Archigos em Brezno.
Valerie ca'Beranger *[VAVALL-err-ee Kah-BEHR-enn-jer]*
A'téni de Prajnoli.
Audric ca'Dakwi *[AHD-ric Kah-DAWK-whee]*
Kraljiki de 544-548.
Simon ca'Dakwi *[See-MOHN Kah-DAWK-whee]*
Integrante do Conselho dos Ca'.
Armen ca'Damont *[AH R-mehn Kah-DAH-mon]*
Starkkapitän da Garde Civile firenzciana.
Anaïs ca'Gerodi *[Ahn-ahh-EES Kah-ger-OH-dee]*
Integrante do Conselho dos Ca'.
Edouard ca'Matin *[EDD-ooh-ard Kah-Mah-TEEN]*
Integrante do Conselho dos Ca'.
Karl ca'Pallo *(nome de solteiro ca'Vliomani) [Karhl KPahl-low]*
A'morce (líder) dos numetodos em Nessântico; marido de Varina.
Caelor ca'Ostheim *[KAY-lohr Kah-OHST-hime]*
Terceiro filho de Jan e Brie, com 8 anos de idade.
Elissa ca'Ostheim *[Eh-LISS-ah Kah-OHST-hime]*
Primogênita de Jan e Brie, agora com 11 anos de idade.
Eria ca'Ostheim *[EHR-ree-ah Kah-OHST-hime]*
Filha caçula de Jan e Brie, com 3 anos de idade.
Jan ca'Ostheim *[Yahn Kah-OHST-hime]*
Segundo filho de Jan e Brie, com 9 anos de idade. Geralmente tratado como "Kriege" em vez de Jan.
Soleil ca'Paim *[Soh-LAYAY Kah-PAYAYM]*

A'téni de Nessântico.
Jager ca'Schisler *[YAY-ger Kah-SIS-lehr]*
Embaixador da Coalizão nos Domínios de Nessântico.
Ana ca'Seranta *[AHN-ah Kah-sir-AHN-tah]*
Antiga archigos de Nessântico.
Henri ca'Sibelli *[AHN-ree Kah-Sah-BEH L-lee]*
Integrante do Conselho dos Ca'.
Eleric ca'Talin *[EH L-eh-ric Kah-TAHTAH L-inn]*
Comandante da Garde Civile em Nessântico.
Erik ca'Vikej *[AI R-ick Kah-VEE -kahg]*
Postulante ao trono de Magyaria Ocidental e pretendente de Allesandra.
Stor ca'Vikej *[STOHR Kah-VEE -kahg]*
Vatarh de Erik e autoproclamado gyula de Magyaria Ocidental, morto na Guerra da União (561-562).

Os co':
Eris co'Bloch *[AIR-ess Koo-BLOCK]*
Comandante da Garde Brezno.
Co'Brunelli *[Koo-Broon-ELL-ee]*
Famoso arquiteto dos Domínios, responsável pelo projeto do grande domo do Velho Templo.
Talo co'Ingres *[TAH-low Koo-AHNG]*
Comandante da Garde Kralji em Nessântico.
Josef co'Kella *[YOH-seff Koo-KEHL-lah]*
Negociante ambicioso em Brezno que contrata a Pedra Branca.
Mavel co'Kella *[Mah-vehl-ah Koo-KEHL-lah]*
Filha de Josef co'Kella, amante do hïrzg Jan.
Colin co'Mullin *[KOHL-inn Koo-Muhl-linn]*
Filho de Karl ca'Pallo (nome de solteiro ca'Vliomani), que mora na Ilha de Paeti.
Armond co'Weller *[ARRH-mohnd Koo-WEHL-lerr]*
Chevaritt e a'offizier da Garde Civile firenzciana.

Os ci':
Aaros ci'Bella *[AH R-roos Kee-BEHL-lah]*
Acusado de espionagem preso na Bastida.
Sinclair ci'Braun *[Sin-CLAHR Kee-BRAWN]*
Goltschlager (fabricante de folhas de ouro) em Brezno.
Rance ci'Lawli *[Rahns Kee-LAWH-lee]*

Secretário-chefe e assistente do hïrzg Jan em Brezno.
Talbot ci'Noel *[TAHL-bott Kee-no-ELL]*
Assistente-chefe de Allesandra.
Edouard ci'Recroix *[EDD-ward Kee-reh-KROI]*
Um famoso artista.
Pierre ci'Santiago *[Pee-AIR Kee-Sahn-tee-AHH-goh]*
A'offizier da Garde Kralji.
Paulus ci'Simone *[PAHL-us Kee-See-MOHN]*
Assistente de Rance ci'Lawli.
Timos ci'Stani *[TEE -mohs Kee-STAH-nee]*
Téni-guerreiro e simpatizante morelli.

Os ce':
Johannes ce'Agrippa *[Yoh-HAHN-ess Keh-Ahh-GREEP-ahh]*
Um feiticeiro numetodo.
Ancel ce'Breton *[ANN-cehl Keh-Breh-TAHN]*
Um seguidor de Nico Morel.
Leovic ce'Darci *[LEE -oh-vik Keh-DARR-cee]*
Um arquiteto e engenheiro numetodo.
Ari ce'Denis *[AIR-ee Keh-DEHN-nees]*
Capitão da Bastida a'Drago em Nessântico.

Mason ce'Fieur *[MAYAY-sohn Keh-FEARH]*
Um numetodo.
Belle ce'Josse *[Bel Keh-JOSS-eh]*
Uma jovem numetoda.
Liana ce'Kein *[Lee-AHN -ah Keh-KINE]*
Uma seguidora de Nico Morel, e sua amante.
Ari ce'Miella *[AHH-ree Keh-Me-ELL-ahh]*
Um famoso compositor da época.
Henri ce'Mott *[AHN-ree Keh-MOHT]*
Um dourador em Brezno.
Martin ce'Mollis *[MAHR-tinn Keh-MOHL-liss]*
Um pescador de Karnmor.
Niels ce'Sedgwick *[NEE LS Keh-SEDGH-wick]*
Um geólogo numetodo.
Emerin ce'Stego *[EMM-air-inn Keh-STEH-goh]*
Integrante da Garde Brezno, posicionado no Palácio de Brezno. Também amante de Rochelle Botelli.

***Sem sobrenome de status**:*
***Elle Botelli** [ELL-ahh Boe-TELL-ee]*
A Pedra Branca original, a matarh de Rochelle Botelli e "matarh-postiça" de Nico Morel. Também usou o nome de Elissa ca'Karina, e "Elle Botelli" pode ou não ser seu nome verdadeiro.
***Pierre Gabrelli** [Pee-AI R Gah-BRELL-ee]*
Um artesão dos numetodos.
***Serafina Morel** [Sair-ah-FEEN-ah more-ELL]*
Matarh de Nico Morel.
***Serafina Morel** [Sair-ah-FEEN-ah more-ELL]*
Filha de Nico Morel e Liana ce'Kein.
***Albertus Paracel** [Al-BERT-us PAIR-ah-sell]*
Escriba e bibliotecário numetodo.
***Nicolau Petros** [NEE-koh-low PET-rohs]*
Astrônomo numetodo.
***Talis Posti** [TATAWL-iss POHS-tee]*
Vatarh de Nico Morel, um tehuantino.
***Atl** [AH -tull]*
Filho de Niente e Xaria.
***Citlali** [See-TAHTAH L-lee]*
Tecuhtli (rei-guerreiro) dos tehuantinos.
***Darkmavis** [Dark-MAYAY-viss]*
Um conhecido compositor.
***Tototl** [Toe-TOE-tull]*
Guerreiro supremo dos tehuantinos, abaixo do tecuhtli Citlali.
***Xaria** [SAHR-ee-ahh]*
Esposa de Niente.

DICIONÁRIO

A'Morce *[Ah-MORS]*
Um título genérico que significa "chefe" ou "líder". Veja também "Téte."
A'Sele *[Ah-SEEL]*
O rio que divide a cidade de Nessântico.
Acal
Uma pequena embarcação tehuantina parecida com uma canoa.
Archigos *[ARR-chee-ghos]*
O líder da fé concénziana; o plural é "archigi."
Avi a'Parete *[Ahh-VEE Ah-pah-REET]*
A ampla avenida que forma um círculo dentro de Nessântico e que também serve como concentração para os eventos da cidade.
Axat *[Ahh-SKIAT]*
A deusa-lua dos tehuantinos.
Bashta *[BAASH-tah]*
Uma peça única de blusa e calças, geralmente presa por um cinto largo na cintura, e solta e esvoaçante nos demais lugares. Bashtas são geralmente usadas por homens, embora haja versões femininas, e podem ser simples ou ter decoração extravagante, dependendo do status da pessoa e da ocasião.
Bastida a'Drago *[Bahs-TEEdah Ah-DRAH-goh]*
A "Fortaleza do Dragão", uma antiga torre que agora serve como prisão de Nessântico. Originalmente construída pelo kraljiki Selida II.
Besteigung *[BEHZ-tee-gung]*
"*Ascensão*". A cerimônia onde um novo hïrzg ou nova hïrzgin de Firenzcia é oficialmente reconhecido(a) depois do período de luto prescrito por lei do antigo governante.
Braceleira
Armadura que protege o antebraço.

Os "ca' e co'" *[Kaw-and-Ko]*
O termo para as famílias de alto status nos Domínios. Os ricos. Veja: Sobrenomes.

Cabasab *[KAW-bah-sahn]*
O título do governanete de Daritria.
Calli
O termo tehuantino para “casa.”
As “Chamadas”
Na fé concénziana, há Três Chamadas para reza durante o dia. A Primeira Chamada ocorre de manhã, quando o sol surge acima do horizonte à distância de um punho esticado. A Segunda Chamada é feita quando o sol atinge seu apogeu. A Terceira Chamada ocorre quando o sol está à distância de um punho esticado acima do horizonte no poente.
Calpulli
A palavra em tehuantino para “bairro,” as subdivisões de suas cidades.
Camareiros
Criados cuja tarefa é atender ao kraljiki ou à kraljica nos quartos de dormir. Apenas os criados mais confiáveis recebem essa atribuição.
Cénzi *[SHEN-zee]*
Principal deus no panteão de Nessântico e o patrono da fé concénziana.
Chevaritt /Chevarittai *[Sheh-vah-REE/Sheh-vah-REE-tie]*
Os “cavaleiros” de Nessântico, homens das famílias ca’ e co’. O título de “chevaritt” é concedido pelo kraljiki ou kraljica, ou pelo governante nomeado dos vários países dentro dos Domínios; em tempos de guerra, os chevarittai (o plural da palavra) são convocados para provar sua lealdade e coragem. Os chevarittai seguem (geralmente) as ordens do comandante da Garde Civile, mas não necessariamente aquelas dos offiziers comuns da Garde Civile. O status interno é predominantemente baseado na importância familiar. No passado, conflitos ocasionais foram decididos por uma batalha honrosa entre chevarittai enquanto os exércitos assistiam.

Coalizão Firenzciana
A aliança informal entre Firenzcia e os estados que se separaram dos Domínios: Firenzcia, Sesemora, Miscoli e Magyaria Ocidental e Oriental.
Colégio A’téni
A reunião de todos os a’ténis da Concénzia. Um Colégio A’téni é convocado para eleger um novo archigos e fazer mudanças na Divolonté.
Comté
O governante de uma cidade, geralmente um ca’ e um chevaritt.
Concénzia
A principal teologia em Nessântico, cuja principal divindade é Cénzi,

embora Cénzi simplesmente seja o deus-chefe de um panteão.

Corneta

Um instrumento de sopro comprido feito de madeira ou latão, tocado como um trompete.

Cores

Cada um dos vários países dentro dos Domínios manteve suas cores e bandeiras. Aqui estão as estruturas básicas dos estandartes:

Magyaria Ocidental: faixas horizontais de laranja, vermelho e azul
Magyaria Oriental: faixas horizontais de vermelho, verde e laranja
Firenzcia: faixas verticais alternadas de preto e prata
Graubundi: um campo amarelo com estrelas negras
Hellin: campos rubro-negros divididos diagonalmente
Il Trebbio: um sol amarelo sobre um campo azul
Miscoli: uma estrela branca solitária em um campo azul-escuro
Namarro: uma lua crescente vermelha em um campo amarelo
Nessântico: campos azuis e dourados divididos diagonalmente; usado tanto por Nessântico do Norte quanto por Nessântico do Sul
Paeti: faixas verticais de verde, branco e laranja
Sesemora: um campo prateado com uma manopla fechada no centro
Sforzia: um campo branco com uma barra diagonal azul

Dias da semana

Os seis dias da semana em Nessântico levam os nomes das principais divindades do Toustour. A semana começa com cénzidi (dia de Cénzi) e segue com vuctadi, mizzkdi, gostidi, draiordi e parladi.

Divolonté *[Dee-voh-LOHN-tay]*

"A vontade de Deus", as regras e regulamentos que compõem os dogmas seguidos pelos fiéis concénzianos.

Febre do sul

Uma doença que mata um grande percentual dos enfermos. A febre causa o inchaço do cérebro, o que provoca demência e/ou coma, enquanto os pulmões ficam cheios de líquido da infecção e provocam sintomas parecidos com a pneumonia. Muitas vezes, mesmo que a vítima fique boa da tosse, restam sequelas no cérebro.

Fjath *[Phiy-AHTH]*

O título do governante de Sforzia.

Garda

"Guarda" ou "soldado" (uso intercambiável). O plural é gardai.

Garde Brezno *[GAR-duh BREHZ-noh]*

A guarda municipal de Brezno em Firenzcia.

Garde Civile *[GAR-duh Sih-VEEL]*

O exército nacional de Nessântico. Não é a maior força (que é o exército de Firenzcia), mas a Garde Civile comanda todos os exércitos dos Domínios em situações de guerra.

Garde Kralji *[GAR-duh KRAHL-jee]*

A guarda municipal de Nessântico. Com base na Bastida, a insígnia é o crânio de um dragão de bronze. As patentes mais baixas são "gardai" (com prefixos que vão de e' a a'), os oficiais são "offizier" (também prefixos que vão de e' a a'). A mais alta patente na Garde Kralji é comandante.

Gardes a'Liste *[GAR-dess Ah-LEEST]*

A organização burocrática responsável por manter a lista dos sobrenomes e por designar os prefixos oficiais de status a eles.

Généra *a'Pace [Jhen-AH-rah Ah-pah-SAY]*

"Criadora da Paz", o título popular da falecida kraljica Marguerite I. Durante três décadas de seu reinado, não houve grandes guerras dentro dos Domínios.

Gibanete

Um gibão curto de cota de malha.

Grandes Horizontales *[GRAHN-days Hor-eh-ZHON-tah-leh]*

O termo para as cortesãs de alta classe entre os clientes ca' e co'.

Greva

Armadura da perna.

Gschnas *[Guh-SHWAZ]*

O baile do "Falso Mundo" que ocorre anualmente em Nessântico.

Gyula *[G-YUH-lah]*

Governante da Magyaria Ocidental. A Magyaria Oriental usa o mesmo título.

Hïrzg *[HAIRZG (quase duas sílabas)]*

O título do governante de Firenzcia. "Hïrzgin" é o feminino, e "a'hïrzg" serve tanto para o herdeiro quanto para a herdeira.

Ilmodo *[Eel-MOH-doh]*

"O Caminho." O Ilmodo é uma energia predominante que pode ser moldada através de cânticos rituais, aperfeiçoados e compilados pela fé concénziana. Os numetodos chamam o Ilmodo de "Scáth Cumhacht." Outras culturas que reconhecem sua existência chamam por outros nomes. Os tehuantinos chamam de "X'in Ka."

Instruttorei *[Inn-struh-TORR-ay]*

Instrutor.
Kraljica *[Krahl-JEE-kah]*
Título mais parecido com "imperatriz." O masculino é "kraljiki" (kralh-jee-kee). Para se referir ao governante sem citar o sexo, usa-se geralmente "kralji", que também é o plural.

Kusah *[KOO-sah]*
O título do *governante* de Namarro.
Lago Ixtapatl *[Ish-tah-PAH-ull]*
O grande lago de água salgada onde fica a cidade insular de Tlaxcala.
Marca
O documento dado a um acólito que deve entrar para a Ordem dos Ténis e ser colocado a serviço da fé concénziana.
Matarh *[MAH-tarr]*
"Mãe."
Mamatarh *[mah-MAH-tarr]*
"Avó."
Moitidis *[Moy-TEE-dees]*
Os "meio-deuses", os semideuses criados por Cénzi, que por sua vez criaram todas as coisas vivas.
Montbataille *[Mont-bah-TEEL]*
Uma cidade nas grandes encostas de uma montanha na região leste de Nessântico do Norte; também o famoso local de uma batalha entre Nessântico e a província de Firenzcia, e a única boa passagem pelas montanhas entre os rios Clario e Loi.
Morellis
Os discípulos e seguidores do autoproclamado profeta Nico Morel.
Muralha dos Picos Brancos
O nome tehuantino da cadeia de montanhas entre o império tehuantino e os Hellins.
Na' *[NAHH]*
"Mãe" na língua tehuantina.
Nahual *[NAH-hu-all]*
O título correto do feiticeiro-chefe dos tehuantinos. Os feiticeiros subalternos são chamados de "nahualli", que serve tanto para o singular quanto para o plural.

Namarro [Nah-MARR-oh]
A província no extremo sul dos Domínios de Nessântico.

Nessântico *[Ness-ANN-tee-ko]*
A capital dos Domínios governados pelo kraljiki. Os habitantes ou naturais de Nessântico são nessanticanos.
Nota de Dispensa
Um documento que dispensa um acólito do ensino para entrar na Ordem dos Ténis. Normalmente cinco por cento ou menos dos acólitos completam o treinamento e são aceitos na ordem. A grande maioria receberá uma nota.
Onczio *[AHNK-zhee-oh]*
"Tio."
Oste-femme *[OHS-tah-femm]*
Parteira.
Offizier *[OFF-ih-zeer]*
"Oficial." As várias patentes de oficiais acompanham a hierarquia dos ténis. Em ordem ascendente: e'offizier, o'offizier, u'offizier, a'offizier. Muitas vezes um offizier em um dos exércitos também é um chevaritt.
Passe a'Fiume *[PASS-eh ah-fee-UHM]*
A cidade na principal passagem do rio Clario na região leste de Nessântico.
Pedra
Uma medida de peso para produtos têxteis. Exige-se que os comerciantes tenham um conjunto de pesos, certificados pela câmara de comércio local. Uma pedra pesa aproximadamente 675 gramas em nossas medidas.
Pjathi *[Peh-HAH-thee]*
Título do governante de Sesemora.
Pontica a'Brezi Nippoli *[Phon-TEE-kah Ah-BREHZ-ee Nee-POHL-ee]*
Uma das quatro pontes de Nessântico.
Pontica a'Brezi Veste *[Phon-TEE-kah Ah-BREHZ-ee VESS-tee]*
Uma das quatro pontes de Nessântico.

Pontica Kralji *[Phon-TEE-kah KRAWL-jee]*
Uma das quatro pontes de Nessântico.
Pontica Mordei *[Phon-TEE-kah MHOR-dee]*
Uma das quatro pontes de Nessântico.
Quibela *[Qwee-BELL-ah]*
Uma cidade na *província* de Namarro.
Sakal *[Sah-KHAL]*
O deus-sol dos tehuantinos.
Sapnut

O fruto da árvore sapnut, de onde é feito um corante de tom amarelo intenso.

Scáth Cumhacht [*Skawth Koo-MOCKED]*

O termo dos numetodos para o Ilmodo.

Sesemora *[Say-seh-MOHR-ah]*

Uma província na região nordeste dos Domínios de Nessântico.

Sistema monetário

Existem três moedas em Nessântico: as "folias" de bronze (um décimo é uma d'folia, e meia folia é uma se'folia); os "siqils" de prata (meio siql é um se'siqil); e as "solas" de ouro (meia sola é uma se'sola). Vinte folias valem um se'siqil; 50 siqils (ou 2.000 folias) valem uma se'sola. Um simples trabalhador recebe por dia geralmente uma folia; um artesão competente pode chegar a ganhar 4 ou 5 folias por dia ou um se'siqil por semana. O preço (e tamanho) de um pãozinho integral em Nessântico é tabelado em uma d'folia.

Sobrenomes

Dentro de Nessântico e da maioria dos Domínios, os sobrenomes seguem a linhagem feminina. Ao se casar, um homem (exceto em casos raros) toma o sobrenome da esposa e todas as crianças (sem exceção) recebem o sobrenome da matarh. Em caso de morte da esposa, o viúvo geralmente mantém o sobrenome dela até se casar novamente. O status na sociedade é determinado pelo prefixo do sobrenome. Em ordem crescente, eles são: nenhum, ce', ci', co' e ca'.

Starkkapitän *[Starkh-KAHP-ee-tahn]*

"Alto Capitão", o título do comandante das tropas firenzcianas.

Strettosei [STRETT-oh-see]

O oceano a oeste de Nessântico.

T'Sha *[Ti-SHAH]*

O governante de Tennshah.

Taat *[Taaht]*

"Pai" na língua tehuantina.

Ta'Mila *[Tah-MEE-ah]*

O governante de Il Trebbio.

Tantzia

"Tia."

Tashta *[TAWSH-tah]*

Uma vestimenta parecida com um robe que está na moda em Nessântico.

Tecuhtli *[Teh-KOO-uhl-ee]*

O título para "lorde" ou "rei-guerreiro" na língua tehuantina.

Tehuantinos *[Teh-WHO-ahn-teen]*
"O Povo", como os ocidentais se chamam.
Téni *[TEHN-ee]*
"Padre." Os fiéis concénzianos que foram testados no domínio do Ilmodo, que fizeram seus votos e estão a serviço da igreja. O corpo dos ténis também usa uma hierarquia similar às famílias de Nessântico. Em ordem ascendente, os escalões são e'téni, o'téni, u'téni e a'téni.
Téni-guerreiro
Téni cujas habilidades com o Ilmodo foram voltadas para a guerra.
Teocalli *[Teh-o-CAH L-ee]*
O termo tehuantino para "templo." O plural é teocaltin.
Téte *[teh-TAY]*
"Cabeça", um título usado para os líderes de uma organização, como os Guardiões da Fé ou o Conselho dos Ca'. Outro título para o líder de uma organização é "a'morce" (usado pelos numetodos, entre outros...).
Tlaxcala *[Tlash-TAH-lah]*
A capital de todas as nações tehuantinas.
Toustour *[TOOS-toor]*
O "Conto Supremo", a bíblia da fé concénziana.
Utilino *[Oo-teh-LEE-noh]*
Uma mistura de zelador e vigia que patrulha uma pequena área (não mais do que um quarteirão) da cidade. O utilino, que também é um téni da fé concénziana, está ali para resolver pequenas tarefas (por um preço) bem como manter a ordem, e é considerado parte da Garde Kralji.
Vajica *[Vah-JEE-kah]*
Título mais parecido com "madame", usado para se dirigir educadamente a adultos sem algum outro título ou quando o título é desconhecido. O masculino é "vajiki." Os plurais são "vajicai" e "vajik."
Vatarh *[VAH-ter]*
"Taat."
Vavatarh *[vah-VAH-ter]*
"Tataat."
Venerável Carin
Um dos livros contidos no Toustour.
Verzehen *[Ver-ZAY-hehn]*
Termo tehuantino para um telescópio.
Ville Colhelm *[VEE-ah KOHL-helm]*
Uma cidade na fronteira de Nessântico e Firenzcia, no rio Clario.
Virada da ampulheta

Uma hora. Os lados da ampulheta são geralmente marcados com linhas que representam os quartos de hora. Portanto, uma “marca da ampulheta” significa aproximadamente 15 minutos.

Zink

Um instrumento de sopro similar a uma corneta, só que curvo em vez de reto.

A LINHAGEM RECENTE DOS KRALJI:

471–521: **Marguerite ca'Ludovici** [Marhg-u-REET Kah-loo-doh-VEE-kee] — também conhecida como "Généra a'Pace".
521–544: **Justi ca'Dakwi** [JUSS-tee Kah-DAWK-whee]
(nome de solteiro ca'Ludovici, nome de solteiro ca'Mazzak) — também conhecido "Perneta." Filho de Marguerite.
544–548: A Regência de Sergei ca'Rudka, em nome do **Kraljiki Audric ca'Dakwi** [AH D-ricKah-DAWK-whee], filho de Justi, que ainda era menor de idade.
548–548: **Audric ca'Dakwi** [AH D-ric Kah-DAWK-whee] — nos últimos meses do reinado de Audric, antes de seu assassinato, o regente ca'Rudka é dispensado e Audric (mais tarde conhecido como "O Louco") ocupa o Trono do Sol.
548–548: **Sigourney ca'Ludovici** [Si-GOHR-nee Kah-loo-doh-VEE-kee] — sobrinha-bisneta de Marguerite.
548–hoje: **Allesandra ca'Vörl** [Ahl-ah-SAHN-drah Kah-VOORL] — sobrinha-bisneta de Marguerite.

A LINHAGEM RECENTE DOS HÏRZG:

493–516: **Karin ca'Belgradin** [KAH-reen Kah-bell-GRAH-deen]
516–548: **Jan ca'Vörl** [Yahn Kah-VOORL] — Filho de Karin. Separou-se dos Domínios em 522 para formar a Coalizão de Firenzcia.
548–548: **Fynn ca'Vörl** [Finn Kah-VOORL] — Filho de Jan. Assassinado pela Pedra Branca.
548–hoje: **Jan (II) ca'Vörl** [Yahn Kah-VOORL] — Neto de Jan (com Allesandra).

A LINHAGEM RECENTE DOS ARCHIGI:

503–521: **Dhosti ca'Millac [**DOST-ee Kah-MEE-lok] — "O Anão." Cometeu suicídio (embora ainda haja rumores de que ele foi assassinado).
521–521: **Orlandi ca'Cellibrecca** [Orh-LAHN -dee Kah-sell-eh-BREK-ah] — Abandonou o trono para se juntar a Firenzcia durante a Guerra de Secessão. Esse fato começou a Divisão da Fé (521–548).

A linhagem em Nessântico:

521–548: **Ana ca'Seranta [**AHN-ah Kah-sir-AHN-tah] — Assassinada por um feiticeiro tehuantino sob ordens do archigos Semini.
548–548: **Kenne ca'Fionta** [KENN-ah Kah-fee-ON-tah] — Torturado até a morte pela kraljica Sigourney.

A linhagem em Brezno:

521–525: **Orlandi ca'Cellibrecca** [Orh-LAHN-dee Kah-sell-eh-BREK-ah] — Morreu de causas naturais.
525–548: **Semini ca'Cellibrecca** [SEH-meen-eh Kah-sell-ee-BREK-ah] — Genro de Orlandi.

A linhagem da Fé Reunificada:

549–hoje: **Karrol ca'Asano** [CARE-ohl Kah-ahh-SAH-noh] — Nomeado archigos após a deposição de Semini ca'Cellibrecca. Esta linhagem tem sede em Brezno, em vez de Nessântico.

PERSONAGENS HISTÓRICOS

Falwin I *[FAHL-win]*
O hïrzg Falwin de Firenzcia liderou uma breve e malsucedida revolta contra o kraljiki Henri VI, que foi rápida e brutalmente debelada.
Henri VI *[OHN-ree]*
Primeiro kralji da linhagem ca'Ludovici (413-435), de quem Marguerite I foi descendente.
Kalima III *[Kah-LEE-mah]*
Archigos de 215 a 243.
Kelwin *[KEHL-win]*
Primeiro hïrzg de Firenzcia.
Levo ca'Niomi *[LEHV-oh Kah-nee-OH-mee]*
Liderou um golpe em 383 e foi kraljiki por três dias. Retirado à força do poder, foi aprisionado por quase duas décadas na Bastida, onde escreveu as poesias que sobreviveram à sua morte.
Maria III
Kraljica de Nessântico de 219 a 237.
Misco *[MEEZ-koh]*
O lendário "fundador de Brezno".
Pellin I *[PEH-Lihn]*
Archigos da Fé de 114 a 122.
Selida II *[Seh-LEE-dah]*
Kraljiki de Nessântico. Terminou de construir as muralhas da cidade e a Bastida a'Drago.
Sveria I *[seh-VERH-ee-ah]*
Kraljiki de Nessântico de 179 a 211. A Guerra de Secessão ocupou quase todo seu reinado. Ele finalmente trouxe Firenzcia por completo aos Domínios.

TRECHOS DE CONCÓRDIA DE NESSÂNTICO

(Quarta edição, ano 642)

Sobrenomes nos Domínios:

Em Nessântico, a linhagem é matrilinear. Um marido pode, em raras ocasiões, manter o próprio sobrenome (especialmente se for considerado de status superior ao da esposa), mas a esposa jamais pode tomar o sobrenome dele. Na grande maioria dos casos, porém, o marido toma legalmente o sobrenome da esposa e, portanto, torna-se um integrante daquela família aos olhos da lei de Nessântico. O marido continuará a manter o sobrenome e ser considerado como parte da família mesmo diante da morte da esposa, a não ser e até que ele case novamente e, portanto, adquira o sobrenome da nova esposa. (Divórcios e anulações são raras em Nessântico, exigem a assinatura do archigos, e cada divórcio é uma situação especial, onde as regras são às vezes flexíveis.) Os filhos recebem, sem exceção, o sobrenome da matarh: "Sempre se tem certeza de quem é a matarh", como diz o ditado em Nessântico. O prefixo de um sobrenome pode mudar, dependendo do status relativo a um parente próximo dentro da sociedade de Nessântico. Os prefixos, em ordem ascendente de status, são:

- nenhum
- ce' (keh)
- ci' (kee)
- co' (koh)
- ca' (kah)

Uma das funções dos kralji era assinar a lista oficial de famílias onde os prefixos eram registrados a cada três anos, embora o kraljiki ou a kraljica raramente determinassem alguma mudança pessoalmente; esse papel era da burocracia dentro de Nessântico conhecida como a Gardes a'Liste.

Portanto, é possível que o marido ou a esposa da família ci'Smith pudesse ganhar status de alguma forma e recebesse um novo prefixo pela Gardes a'Liste. Marido, esposa, os filhos e quaisquer parentes maternais vivos passariam assim a ser co'Smith, mas irmãos, irmãs e primos

permaneceriam como ci'Smith.

Sucessão real dentro dos Domínios:

Muitos países dentro dos Domínios têm várias regras de sucessão dentro de suas sociedades, o que não surpreende, dada a variedade de costumes. Isso é especialmente verdade quando esses países são governados de maneira independente. Por exemplo, na Magyaria Oriental, o parente homem mais próximo do antigo governante que também *não* seja um filho direto deste governante é nomeado como sucessor. No entanto, com a ascensão de Nessântico e dos Domínios, os países sob influência de Nessântico tendem a acompanhar o exemplo dos kralji.

Para as famílias reais de Nessântico, a sucessão de título passa normalmente para os filhos do kralji por ordem de nascimento, sem levar em conta o sexo. No entanto, é possível para o kralji designar um filho favorito como herdeiro e deixar para trás os filhos que nasceram antes, se o kralji considerá-los incapazes de governar ou se, por alguma razão, perderem a preferência. Esse é um caso incomum, embora não seja raro ao longo da história. Para o kralji, isso significa que seus filhos tendem a bajulá-lo para se manter em suas boas graças ou talvez para impedir que um dos irmãos seja nomeado como o a'kralj.

O Ilmodo e a feitiçaria:

Algumas pessoas têm a habilidade de sentir o poder que existe ao redor de todos nós: a possante energia invisível do Segundo Mundo. Nas regiões do mundo controladas por Nessântico, o uso de magia sempre foi ligado à fé religiosa, desde a época pré-histórica. O mito de Cénzi está entranhado na bruma histórica, e sempre foram os seguidores de Cénzi que possuíram o poder de manipular o "Ilmodo" através de cânticos e gestuais.

O cântico que captura o poder do Ilmodo é a "língua do Ilmodo", que é ensinada a todos os acólitos ténis. A língua do Ilmodo na verdade tem suas raízes linguísticas na fala do povo tehuantino, embora nenhum dos fiéis concénzianos ou numetodos tenham se dado conta disso por séculos. Os tehuantinos das Terras Ocidentais também tiram poder do Segundo Mundo via o uso da religião, embora seja através de um deus e mitologia diferentes, e têm seu próprio nome para o Ilmodo: X'in Ka.

Os numetodos tomaram o mais recente caminho para esse poder: não através da fé, mas essencialmente através de uma "ciência" da magia. O culto dos numetodos surgiu no fim dos anos 400, originalmente na Ilha de Paeti, e espalhou-se a partir dali em sua maioria para o oeste e o sul, e às

vezes reage com violência à cultura de Nessântico e da fé concénziana.

Não importa como o poder seja obtido, usar um feitiço cobra um "pagamento" necessário: o ato tem um custo físico para o conjurador; quanto maior o efeito, maior o custo em exaustão e cansaço para ele.

Caminhos diferentes resultaram em habilidades diferentes. Para os ténis concénzianos, não há como "armazenar" feitiços. Eles levam tempo para serem conjurados e, uma vez preparados, têm que ser lançados ou são perdidos. No entanto, os ténis concénzianos têm a vantagem de serem capazes de lançar feitiços que duram por algum tempo após a conjuração (ver "As Luzes de Nessântico" ou "O Trono do Sol do Kralji"). Ténis que lançam feitiços com rapidez e de maneira eficaz não são comuns, e em algumas ocasiões históricas foram considerados suspeitos de cometer heresia.

Os numetodos, em contrapartida, encontraram uma maneira de conjurar feitiços várias viradas da ampulheta mais rápido (embora tais feitiços não possam ser armazenados indefinidamente). Como todos os usuários desse poder, eles "pagam" por isso com exaustão, mas mantêm o poder nas mentes para ser lançado com um simples gesto e palavra. Seus feitiços geralmente levam mais tempo e são mais difíceis de criar (até mesmo mais do que aqueles dos ténis), mas não necessitam de "fé", como é exigido pela linha de pensamento da Concénzia e dos tehuantinos. Tudo o que eles exigem é que o conjurador siga uma "fórmula". No entanto, qualquer variação da fórmula, mesmo que pequena, poderá arruinará o feitiço...

Os tehuantinos, que seguem o que chamam de X'in Ka, têm que entoar cânticos e fazer gestuais parecidos com os ténis, mas eles também podem "encantar" um objeto com um feitiço (algo que nem os ténis, nem os numetodos conseguem fazer) para que o objeto (uma bengala, por exemplo), ao ser manipulado por alguém (ao bater em uma pessoa, por exemplo), possa lançar um feitiço (como um choque que deixe o alvo inconsciente).

Em todos os casos, e seja lá qual for o estilo do conjurador, os feitiços do Segundo Mundo tendem a ser ligados aos elementos do nosso mundo: fogo, terra, ar e água. A maioria dos conjuradores tem uma habilidade maior com um dos elementos e é bem mais fraco com os demais. Raramente um conjurador tem a capacidade de controlar dois ou mais elementos com alguma habilidade; são ainda mais raros aqueles que vão facilmente de um elemento para outro.

A hierarquia dos ténis na fé concénziana:

Estes são os escalões dos ténis, do mais baixo ao mais alto:

Acólito: aqueles que estão sendo ensinados para ser um dos ténis. Geralmente, o ensino deve ser pago à Concénzia pelas famílias dos estudantes. A fé concénziana admite alunos homens e mulheres para se tornar um téni, embora realisticamente as turmas tendam a ser formadas em sua maioria por homens, e há menos mulheres do que homens nos altos escalões dos ténis. (Só houve seis mulheres archigi na longa história da Fé.) Durante o período em que são acólitos (geralmente três anos), os alunos servem à fé concénziana fazendo tarefas domésticas para os ténis e também começam a aprender os cânticos e a disciplina mental necessária para o Ilmodo, a manipulação da energia do universo. Normalmente, apenas cinco por cento ou menos dos acólitos receberão a Marca do Téni. Há escolas para acólitos em todas as grandes cidades de Nessântico, cada uma presidida pelo a'téni da região.

E'téni: o mais baixo escalão dos ténis que servem à Fé. Os acólitos que recebem a Marca tornam-se, com raríssimas exceções, e'téni, o que indica que possuem uma pequena habilidade com o Ilmodo. A essa altura, eles geralmente recebem tarefas domésticas que exigem a magia de Cénzi, como acender os postes da cidade. Espera-se que eles ampliem suas habilidades e demonstrem um controle crescente do Ilmodo.

O'téni: um e'téni é promovido a o'téni geralmente depois de um a cinco anos de serviço, quando são colocados à disposição de um dos templos para gerenciar as necessidades da comunidade ou tornam-se responsáveis por uma das indústrias movidas pelo poder dos ténis dentro da cidade. Esse é o escalão onde a maioria dos ténis encerra a carreira. Apenas uns poucos seletos serão promovidos a u'ténis.

U'téni: os u'ténis agem diretamente em nome do a'téni da região. Um u'téni é geralmente responsável por gerenciar um dos templos da cidade e supervisionar as atividades dos o'ténis deste templo.

A'téni: o mais alto escalão da Fé, com a exceção do archigos. Cada um dos a'ténis é responsável por uma região ao redor de uma das grandes cidades dos Domínios, onde geralmente detêm enorme poder e influência sobre os líderes políticos e cidadãos. Às vezes, essa relação é litigiosa; mas, na maioria das vezes é neutra e mutualmente benéfica. No ano do jubileu da kraljica Marguerite, há 23 a'ténis na Fé, um aumento de três desde a época em que ela ascendeu ao trono. Geralmente, quanto maior e mais influente for a cidade em que têm base, maior será a influência dos a'ténis dentro da Fé.

Archigos: o líder da Fé. Este não é necessariamente um cargo eletivo.

Geralmente, o archigos aponta o seu sucessor entre os a'ténis ou até mesmo um u'téni favorito. No entanto, na prática, houve "golpes" dentro da Concénzia onde o archigos morreu antes de apontar um sucessor ou o sucessor teve seu direito de assumir o cargo contestado, algumas vezes de maneira violenta. Quando isso acontece, os a'ténis que almejam o posto de archigos são trancados em uma sala especial dentro do Templo do Archigos para reunir o Colégio A'téni. O que acontece lá dentro é assunto de muita especulação e debate. Um deles, no entanto, surgirá como archigos.

A criação de Cénzi:

No começo de tudo, havia apenas Vucta, a Grande Noite, a essência feminina sem olhos que sempre existiu, que vagava solitária pelo nada do universo. Embora Vucta não pudesse ver as estrelas, ela era capaz de perceber seu calor e, quando sentia frio, Vucta aproximava-se das estrelas e ali ficava por um tempo. Foi perto de uma estrela que ela descobriu algo que nunca conhecera antes: um mundo, um local feito de rochas e água. Vucta permaneceu ali por um tempo, imaginou e sonhou ao andar nesse estranho lugar, tocou em tudo para perceber suas formas e ouviu o vento e as ondas baterem no litoral, sentiu a chuva, a neve e o toque das nuvens. Vucta torceu para que nesse estranho lugar perto da estrela, pudesse haver um ser semelhante a ela, mas ainda não havia animais aqui, nem árvores, nem nada que vivesse.

Enquanto Vucta andava pelo mundo, filetes de seus pensamentos oníricos envolveram seu corpo como uma bruma, uniram-se e enrijeceram-se até finalmente ficarem pesados por conta do próprio volume. Os pensamentos oníricos começaram a tomar a forma de uma mortalha branca em volta de Vucta, que se tornou mais comprida e substancial conforme ela andava, a mortalha ganhou cada vez mais peso até que a parte mais pesada caiu no chão e esbarrou em uma rocha. Sem olhos, Vucta não conseguiu enxergar isso. Ela continuou andando e pensando, transbordando pensamentos oníricos que agora ficavam parados onde caíam, esticavam-se e afinavam-se à medida que Vucta afastava-se do ponto onde caíam. Na verdade, ela já estava ficando cansada desse lugar e de sua busca. Como desejava o calor de outro sol, Vucta pulou para longe do mundo, e a mortalha de pensamentos oníricos desprendeu-se quando ela foi embora.

Os pensamentos oníricos de Vucta ficaram ali, todos se aglutinando, e quando o sol brilhou no primeiro dia após a partida de Vucta, surgiu uma forma igual a ela, encolhida no chão. No segundo dia, a luz do sol agitou os

pensamentos oníricos, e a forma mexeu braços e pernas, embora não tivesse consciência de si mesma. Os pensamentos oníricos eram os anseios de Vucta reunidos em sua cabeça e, a partir do desejo de Vucta de conhecer o lugar por onde ela andava, eles criaram olhos no rosto.

No terceiro dia, quando o sol tocou a forma novamente, ela abriu os olhos e enxergou o mundo. "Eu sou Cénzi", disse a criatura, "e este lugar é meu." Ele então se levantou e começou a caminhar...

Este é o início do Toustour, o Conto Supremo. Com o tempo, conforme a história da criação continua, Cénzi sente-se solitário e cria companheiros, os moitidis, feitos a partir do sopro de seu corpo, que ainda continha o grande poder de Vucta. Esses companheiros, por sua vez, imitam seu criador e dão origem a todas as criaturas vivas da terra: plantas e animais, incluindo os humanos. Os sopros dos moitidis eram fracos, e, portanto, suas criações saíram imperfeitas. Mas o sopro de Cénzi e os sopros mais fracos dos moitidis permearam a atmosfera e tornaram-se o Ilmodo, que os humanos conseguiram aprender a moldar através de reza, devoção a Cénzi e intenso estudo.

No entanto, o relacionamento entre Cénzi e sua prole sempre foi litigioso, marcado por conflitos e inveja. Cénzi fez leis para suas criações seguirem, mas, com o tempo, os moitidis começaram a mudar e ignorar essas leis, e vangloriaram-se em relação a Cénzi. Cénzi ficou furioso com os moitidis por conta dessas atitudes, mas eles não se arrependeram e começaram a se opor abertamente ao criador. Foi um conflito longo e brutal, e poucas das criaturas vivas sobreviveram ao embate, pois naquele passado havia muitos tipos de criaturas capazes de falar e pensar. A briga entre Cénzi e os moitidis provocou o surgimento de montanhas e vales e moldou o mundo que até então era plano, e com apenas um grande oceano. O golpe final que destruiu a maioria dos moitidis acabou por rachar a própria terra, rompeu a superfície e criou uma grande fenda onde o Strettosei fluiria.

Após esse imenso golpe que sacudiu o mundo inteiro, os poucos moitidis que sobreviveram fugiram e esconderam-se, encolhidos de medo. Cénzi, porém, ficou atormentado pelo acontecido e quis encontrar Vucta, para conversar com ela, cujos pensamentos oníricos o formaram. Apenas uma única espécie falante e pensante sobrou entre todos os netos de Cénzi, e ele fez esta promessa para eles, nossos próprios ancestrais: que, se permanecessem fiéis, Cénzi sempre os ouviria e mandaria seu poder para eles, e que um dia Cénzi voltaria aqui e ficaria com eles para sempre.

Feita essa promessa, Cénzi saiu do mundo para perambular pela noite entre as estrelas.

Na visão da fé concénziana, Cénzi é o único Deus digno de devoção (os estudiosos concénzianos consideram Vucta mais como um espírito onipresente do que uma entidade) e são as Suas leis, feitas para os moitidis, que a Fé compilou e agora segue. Os deuses cultuados por outras religiões dentro e fora dos Domínios são os covardes moitidis que saíram do esconderijo quando Cénzi foi embora e que enganaram seus devotos para que eles pensassem que eram deuses de verdade. Os moitidis sobreviventes permanecem sentindo um medo mortal do retorno de Cénzi e fogem sempre que os pensamentos Dele voltam-se para esse mundo, o que acontece quando os fiéis rezam bastante, segundo dizem.

A verdade disso é demonstrada pelo fato de que as leis da humanidade, onde quer que as pessoas morem ou a quem elas cultuem, são parecidas em essência, porque todas partiram dos princípios originais de Cénzi.

Divolonté:

A Divolonté é um amplo conjunto de regras e regulamentos que rege a fé concénziana, em sua maioria derivado do Toustour. No entanto, a Divolonté tem uma origem secular, foi criada e ampliada por vários archigi e a'ténis através dos séculos, enquanto o Toustour é considerado como derivado das próprias palavras de Cénzi. A Divolonté também é um documento dinâmico, que passa por uma evolução lenta e contínua sob os auspícios do archigos e dos a'ténis. Muitos de seus preceitos e instruções são um tanto arcaicos e são ignorados ou até mesmo esnobados pela Fé atual. No entanto, é a Divolonté que os conservadores da fé concénziana citam quando olham para a ameaça de outras crenças, como aquela dos numetodos.

ENTRE OS LIVROS

ANO 521 (os eventos de *O Trono do Sol — A Magia da Alvorada*): este é o ano do jubileu da kraljica Marguerite. Sob o meio século de seu reinado, Nessântico prosperou. No entanto, na primavera, a kraljica Marguerite é assassinada. O kraljiki Justi (filho dela) assume o Trono do Sol. O archigos Dhosti morre; o archigos Orlandi torna-se o líder da fé concénziana. O hïrzg Jan lidera o exército de Firenzcia pelos Domínios adentro, com a intenção de tomar Nessântico. A archigos Ana torna-se a líder da fé concénziana depois que o archigos Orlandi deserta para o lado do hïrzg Jan em Passe a'Fiume. As forças firenzcianas atacam Nessântico. Allesandra, filha do hïrzg Jan de Firenzcia, torna-se refém da archigos Ana e do kraljiki Justi. As forças firenzcianas recuam.

522: Orlandi declara-se formalmente archigos em Brezno; a fé concénziana está rachada. Nasce Fynn, filho do hïrzg Jan e Greta ca'Vörl. O hïrzg Jan recusa-se a pagar resgate por Allesandra e declara a independência de Firenzcia dos Domínios. Semini co'Kohnle casa-se com Francesca ca'Cellibrecca, filha de Orlandi.

523: O enviado Karl ci'Vliomani da Ilha de Paeti é promovido a embaixador e recebe o status de co'. A influência dos numetodos começa a crescer dentro dos Domínios. Sesemora separa-se dos Domínios e alia-se com Firenzcia; é o primeiro país dentro do que será conhecido como a Coalizão de Firenzcia. A hïrgin Greta ca'Vörl morre sob circunstâncias "suspeitas"; a seita dos numetodos é apontada como culpada.

524: Miscoli e Magyaria Oriental juntam-se à separação de Sesemora e entram na Coalizão de Firenzcia. Uma guerra é declarada entre os dois Domínios rivais, que irá se arrastar por anos sem uma vitória decisiva de qualquer um dos lados. As divisões oriental e ocidental da fé concénziana declaram uma à outra herege e inválida.

525: O kraljiki Justi casa-se com Marie ca'Dakwi de Il Trebbio, filha do atual ta'mila (governante local) de Il Trebbio. Justi assume o sobrenome ca'Dakwi (como é o certo e o esperado na sociedade deles). O archigos Orlandi de Brezno morre de causas naturais. O a'téni Semini ca'Cellibrecca torna-se o archigos lá.

526: Nasce o primogênito de Justi e Marie. O bebê morre dentro de três meses. O hïrzg Jan declara oficialmente seu filho Fynn como a'hïrzg, o herdeiro do trono. Isso deixa Allesandra no limbo, não sendo mais a herdeira oficial do trono de seu vatarh.

527: Nasce o segundo filho de Justi e Marie, uma menina. Como o irmão, ela morre dentro de três meses.

529: Nasce o terceiro filho de Justi e Marie, outra menina que recebe o nome de Marguerite. Ela é mais forte que os irmãos e sobrevive. A menina torna-se a'kralj (herdeira).

531: O Tratado de Passe a'Fiume é assinado e encerra as hostilidades entre Nessântico e Firenzcia. Como parte das negociações, Allesandra (agora com 21 anos de idade e tendo vivido quase tanto em Nessântico quanto em Firenzcia) retorna a Firenzcia após o resgate ter sido pago finalmente.

532: Allesandra casa-se com Pauli ca'Xielt da Magyaria Ocidental, filho do gyula (governante local) da Magyaria Ocidental. A Magyaria Ocidental separa-se dos Domínios e entra para a Coalizão de Firenzcia.

533: Nasce o varão de Allesandra e Pauli: Jan. Este será o único filho deles. Há rumores de que há "problemas" no casamento. Em Nessântico, Marie morre ao dar à luz o quarto filho de Justi, outro menino. Embora doentio, Audric sobrevive.

535: Forças nessanticanas avançam ainda mais para o oeste nos Hellins (e também para a Ilha de Paeti, que virão a controlar).

537: A febre do sul ressurge nas cidades. Marguerite ca'Dakwi, de férias em Namarro, pega a doença e morre. Audric torna-se o a'kralj em seu lugar.

540: O comandante das forças dos Domínios nos Hellins, Petrus ca'Helfier, é morto por um ocidental após ca'Helfier ter "estuprado" a filha de um ocidental ou os dois terem se apaixonado (a verdade aqui provavelmente jamais será conhecida). O novo comandante, Donatien ca'Sibelli, captura o assassino à força e o executa sem julgamento; os ocidentais protestam. Agravam-se as retaliações, e subitamente há uma guerra aberta. O comandante ca'Sibelli descobre que há novas forças com os ocidentais: soldados com rostos tatuados e feiticeiros com habilidades que são páreo para aquelas dos ténis. Na Coalizão, o a'hïrzg Fynn, agora com 18 anos, é bem-sucedido ao liderar o exército firenzciano contra Tennshah e toma terras a leste para a Coalizão de Firenzcia.

542: Ocorrem ataques dos ocidentais dentro da fronteira dos Hellins. A magia usada pelos ocidentais demonstra ser formidável. Eles vencem

uma batalha em larga escala contra as forças dos Domínios nos Hellins. As cidades em torno dos lagos Malik e Udar são perdidas, assim como o controle da fronteira ocidental. Os Domínios dos Hellins são reduzidos a estreitas faixas de terra em volta das cidades de Tobarro e Munereo.

543: O hïrzg Jan sofre um ataque cardíaco. Sua saúde entra em um lento e estável declínio.

544: Justi, ao perceber que está morrendo, nomeia Sergei ca'Rudka como sua escolha para regente até que Audric atinga a maioridade aos 16 anos. O kraljiki Justi morre, e Audric torna-se kraljiki aos 11 anos de idade.

ANO 548 (os eventos de *O Trono do Sol — A Magia do Anoitecer*): O hïrzg Jan, da Coalizão, morre; o hïrzg Fynn é coroado. A archigos Ana de Nessântico é assassinada, e o archigos Kenne é coroado. Fracassa a tentativa de assassinato do hïrzg Fynn. Sergei ca'Rudka é deposto como regente pelo kraljiki Audric e aprisionado. A Pedra Branca assassina o hïrzg Fynn; o sobrinho de Fynn, Jan (filho de Allesandra), torna-se o hïrzg Jan II. Auxiliado por numetodos, Sergei ca'Rudka foge da Bastida e corre para a Coalizão. Nos Hellins, a capital Munereo cai diante dos tehuantinos ocidentais. Os tehuantinos enviam uma força de invasão para os Domínios; Karnor é destruída. O kraljiki Audric é assassinado por um offizier enfeitiçado; a kraljica Sigourney é coroada. Do leste, tropas da Coalizão marcham nos Domínios. A cidade de Nessântico é tomada pelos tehuantinos, incendiada e saqueada; a kraljica Sigourney comete suicídio. As forças da Coalizão varrem o exército tehuantino. A Pedra Branca mata um feiticeiro tehuantino e salva a vida do hïrzg Jan. Allesandra é nomeada kraljica.

549: Nasce Rochelle, filha da Pedra Branca e do hïrzg Jan II da Coalizão. O archigos Semini perde o título assim que o hïrzg Jan retorna a Brezno, embora aceite o cargo inferior de a'téni de Nessântico. O a'téni Karrol ca'Asano, de Malacki, é promovido a archigos, e a fé concénziana é reunificada, embora o novo trono do archigos fique em Brezno, e não em Nessântico. Karl ca'Vliomani casa-se com Varina (e torna-se ca'Pallo). Sergei ca'Rudka é nomeado Embaixador Especial dos Domínios em Firenzcia.

550: Os numetodos tornam-se uma entidade política oficial dentro dos Domínios. Varina é nomeada como líder (a'morce) e torna-se integrante do Conselho dos Ca'.

551: Jan ca'Vörl casa-se com Brie ca'Ostheim, de Sesemora — como é

costume na sociedade, ele toma o sobrenome da esposa e vira Jan ca'Ostheim.

552: A kraljica Allesandra, apesar dos protestos da fé concénziana e do a'téni Semini, declara que os numetodos não podem ser perseguidos ou agredidos por causa de suas crenças dentro dos Domínios. Semini comete suicídio em protesto. Soleil ca'Paim é nomeada a nova a'téni de Nessântico. Nasce a primogênita de Jan e Brie, Elissa.

553: Pauli ca'Vörl, o marido afastado de Allesandra (e vatarh do hïrzg Jan), torna-se o gyula de Magyaria Ocidental quando seu vatarh morre.

554: Devido aos esforços diplomáticos da kraljica Allesandra e do embaixador Karl ca'Pallo, a Ilha de Paeti junta-se novamente aos Domínios. Nasce o segundo filho do hïrzg Jan e Brie, Jan (apelidado de "Kriege").

556: A Magyaria Ocidental separa-se da Coalizão (mas não se junta novamente aos Domínios). Jan e Brie têm outro filho, Caelor.

557: O exército de Firenzcia invade a Magyaria Ocidental. Fica rapidamente óbvio que o exército de Magyaria Ocidental não é páreo para os firenzcianos. O gyula Pauli é assassinado pelo próprio Conselho dos Ca' quando recusa os termos de rendição. A Magyaria Ocidental retorna ao controle da Coalizão.

558: Nico ce'Morel, um e'téni extremamente carismático com opiniões radicalmente conservadoras, começa a ganhar seguidores nos Domínios e na Coalizão.

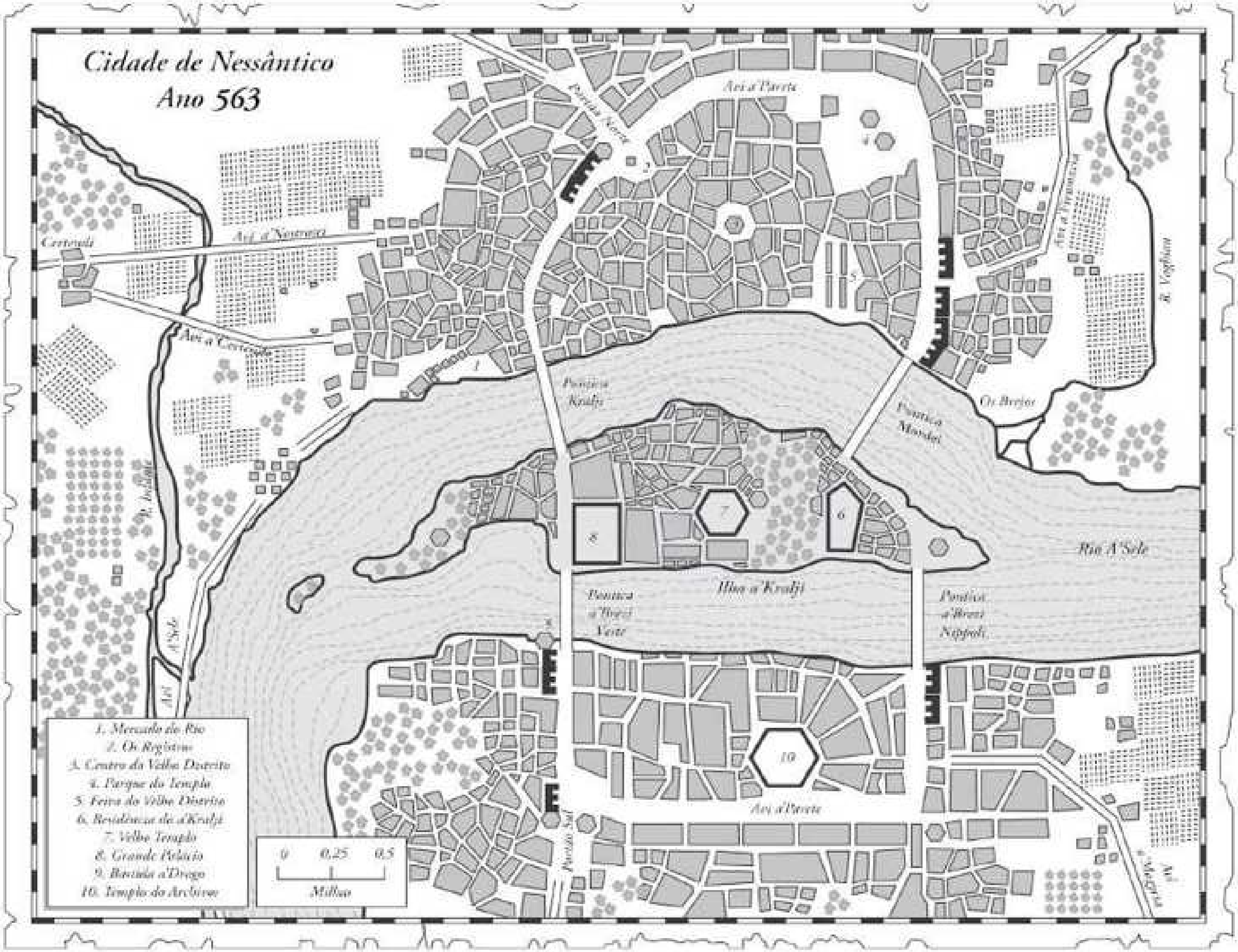
559: Nasce Eria, quarta filha de Jan e Brie.

560: Nico Morel é expulso da fé concénziana. No entanto, sua popularidade continua crescendo. Ele advoga a favor de uma profunda reforma fundamentalista da Fé.

561: Nico Morel vem a Nessântico. A guerra estoura na Magyaria Ocidental, quando um postulante ao trono do gyula, Stor ca'Vikej, apoiado pelos Domínios e Nessântico, tenta dar um golpe de Estado. Tropas firenzcianas rapidamente se envolvem. As forças dos Domínios, carentes de soldados, são forçadas a recuar. Stor ca'Vikej é morto.

562: A popularidade de Nico cresce, o que não agrada à kraljica Allesandra e seu governo um tanto ou quanto secular. Há conflitos violentos entre os seguidores de Nico (chamados de "morellis") e a Garde Kralji.

563: *A Magia da Aurora* começa...


Cidade de Nessântico
Ano 563
Avi a'Parete
Porta Norte
Avi a'Nostrari
Cerenali
Avi a Cerenali
Avi a'Firenzcia
R. Vaghan
Os Brejos
Pontica Kralji
Pontica Mondei
Ilha a'Kralji
Rio A'Sele
Pontica a'Brezi Veste
Pontica a'Brezi Nippoli
R. Infante
A'Sele
Avi
Porta Sul
Avi a'Parete
Avi a'Mezzria
1. Mercado do Rio
2. Os Registros
3. Centro do Velho Distrito
4. Parque do Templo
5. Feira do Velho Distrito
6. Residência do a'Kralji
7. Velho Templo
8. Grande Palácio
9. Bastida a'Drago
10. Templo do Archivo
0
0,25
0,5
Milhas